

R
F
K
U
A
N
G



Uma
HISTÓRIA
ARCANA







É ISSO QUE A TRADUÇÃO É, ACHO
EU. É ISSO QUE FALAR É. OUVIRMOS O
OUTRO E TENTARMOS VER ALÉM DOS
NOSSOS PRÓPRIOS PRECONCEITOS PARA
VISLUMBRARMOS O QUE ELES ESTÃO
A TENTAR DIZER. MOSTRARMO-NOS
AO MUNDO E ESPERARMOS QUE
ALGUÉM ENTENDA.



BABEL

BABEL

OU

A NECESSIDADE DE VIOLÊNCIA

*Uma História Arcana sobre a
Revolução dos Tradutores de Oxford*



R.F. KUANG

TRADUÇÃO DE
ALEXANDRA CARDOSO

DESROTINA

DESROTINA ∞

TÍTULO ORIGINAL: *Babel*
Copyright © Rebecca Kuang 2022

© Desrotina Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TÍTULO: *Babel — Uma História Arcana*
AUTORIA: R.F. Kuang

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: © Nico Delort
DESIGN DE CAPA: Holly Macdonald © HarperCollinsPublishers Ltd 2022
MAPAS DE OXFORD E BABEL: © Nicolette Caven 2022
ILUSTRAÇÃO DE BRASÃO: © HarperCollinsPublishers 2022
FOTOGRAFIA DE AUTORA: © Mike Style

ISBN: 978-989-9150-33-1
1.ª EDIÇÃO EM PAPEL: junho de 2023

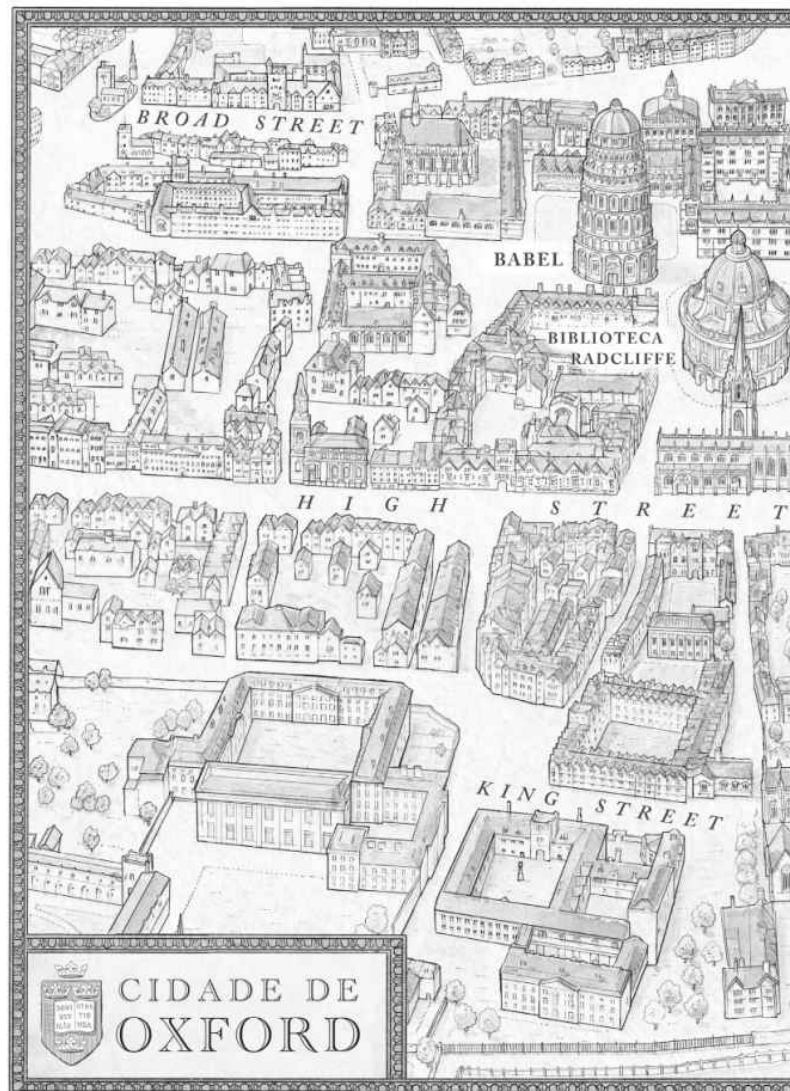
Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

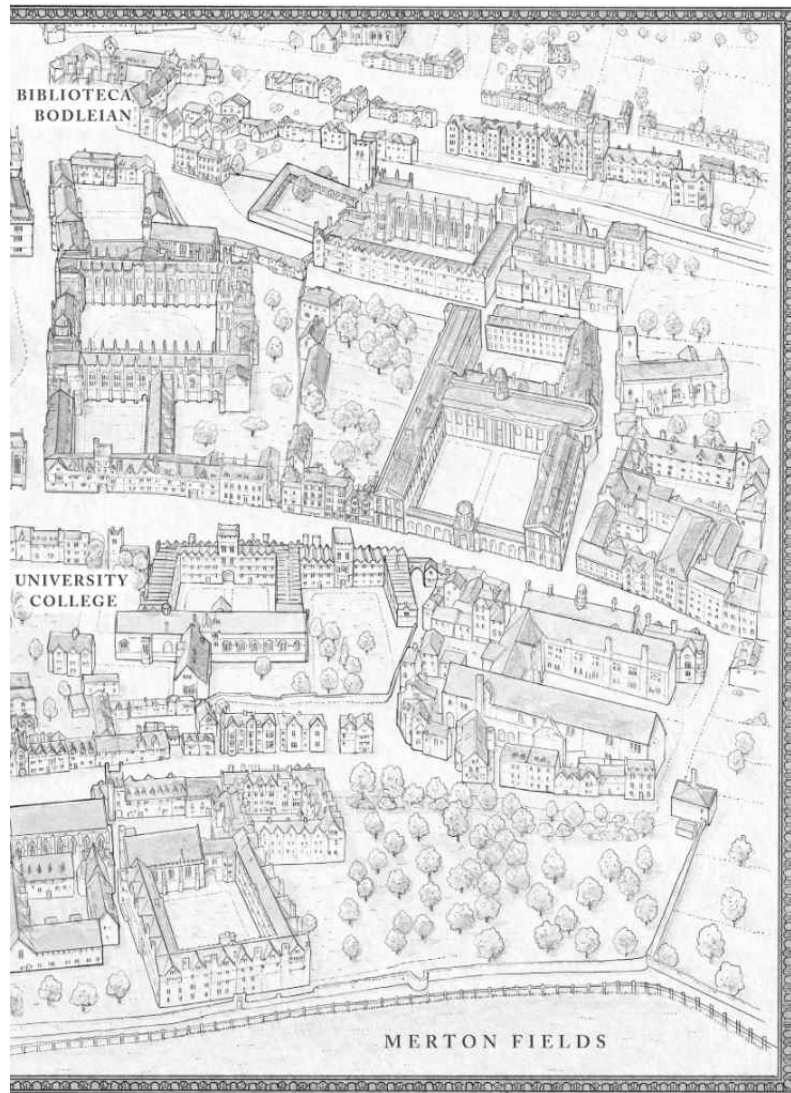
Desrotina Editora é uma chancela


infinito particular
Criatividade à medida

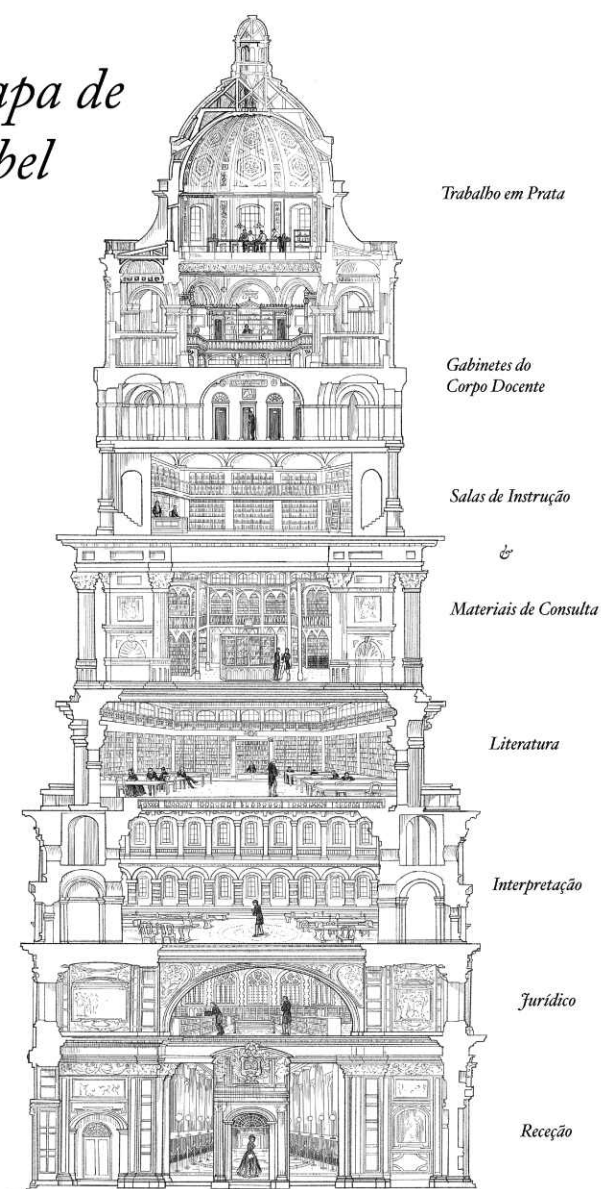
info@particular.pt | www.particular.pt

*Para Bennett,
que é toda a luz e o riso do mundo.*





Mapa de Babel



Nota da Autora
Sobre as Suas Representações de Uma Inglaterra Histórica
e da Universidade de Oxford em Particular

O problema de escrever um romance sobre Oxford é que qualquer pessoa que tenha passado algum tempo em Oxford examinará o nosso texto para determinar se a nossa representação de Oxford está de acordo com as suas próprias memórias do local. Será ainda pior se formos um americano a escrever sobre Oxford, pois o que é que os americanos sabem sobre o que quer que seja? Apresento aqui a minha defesa:

Babel é uma obra de ficção especulativa e, portanto, ocorre numa versão fantástica de Oxford na década de 1830, cuja história foi completamente alterada pelo trabalho em prata (mais sobre isso em breve). Ainda assim, tentei permanecer o mais fiel possível ao registo histórico da vida em Oxford no período vitoriano inicial e introduzi falsidades apenas quando estas serviam a narrativa. Para referências sobre a Oxford do início do século XIX, apoiei-me no altamente divertido *The Historical Handbook and Guide to Oxford* (1878), de James J. Moore, bem como nos volumes VI e VII de *The History of the University of Oxford*, editados por M.G. Brock e M.C. Curthoys (1997 e 2000, respetivamente), entre outros.

Em relação à retórica e à textura geral da vida (como a gíria de Oxford do início do século XIX, a qual difere bastante da gíria contemporânea de Oxford)¹ fiz uso de fontes primárias como *A History of the Colleges, Halls, and Public Buildings Attached to the University of Oxford, Including the Lives of the Founders* (1810) de Alex Chalmers, *Recollections of Oxford* (1868) de G.V. Cox, *Reminiscences: Chiefly of Oriel College and the Oxford Movement* (1882) de Thomas Mozley e *Reminiscences of Oxford* (1908) de W. Tuckwell. Como a ficção também nos pode dizer muito sobre a vida tal como era vivida, ou, pelo menos, como era percebida, também

incluí pormenores de romances como *The Adventures of Mr. Verdant Green* (1857), de Cuthbert M. Bede, *Tom Brown at Oxford* (1861) de Thomas Hughes e *The History of Pendennis* (1850) de William Makepeace Thackeray. Para todo o resto, confiei nas minhas memórias e na minha imaginação.

Para aqueles familiarizados com Oxford e, portanto, desejosos de exclamar: «Não, não é assim que as coisas são!», irei agora explicar algumas peculiaridades. A Oxford Union² só foi estabelecida em 1856, portanto, neste romance, é mencionada pelo nome da sua predecessora, a United Debating Society (fundada em 1823). O meu amado café Vaults & Garden só surgiu em 2003, mas passei tanto tempo ali (e comi lá tantos *scones*) que não pude negar os mesmos prazeres a Robin e companhia. O Raiz Retorcida conforme descrito não existe e, tanto quanto sei, não existe nenhum *pub* com esse nome em Oxford. Também não há um Taylor's na Winchester Road, embora eu goste muito dos Taylors na High Street. O Monumento aos Mártires de Oxford existe, mas só foi concluído em 1843, três anos após a conclusão deste romance. Adiantei um pouco a data da sua construção, apenas pelo prazer de uma referência engraçada. A coroação da rainha Vitória aconteceu em junho de 1838 e não em 1839. A linha ferroviária entre Oxford e Paddington só foi construída em 1844, mas aqui foi construída vários anos antes por dois motivos: primeiro, porque faz sentido dada a história alterada; e, segundo, porque eu precisava de levar as minhas personagens até Londres um pouco mais depressa.

Tomei muitas liberdades artísticas com o baile de comemoração, que se parece muito mais com um contemporâneo Baile de Maio/de Comemoração de Oxbridge do que com qualquer tipo de evento social do início da era vitoriana. Por exemplo, estou ciente de que as ostras eram um alimento básico dos pobres do início da era vitoriana, mas escolhi torná-las uma iguaria porque essa foi a minha primeira impressão do Baile de Maio de 2019 no Magdalen College, em Cambridge — montes e montes de ostras em gelo (eu não tinha trazido mala e tive de fazer malabarismos com o meu telefone, a taça de champanhe e as ostras numa das mãos e, em resultado,

deitei champanhe por cima dos belos sapatos de cerimónia de um senhor idoso).

Alguns podem ficar confusos com a localização exata do Real Instituto de Tradução, também conhecido como Babel. Isso deve-se a eu ter distorcido a geografia para abrir espaço para ele. Imaginem um relvado entre as Bibliotecas Bodleian, o Sheldonian e a Câmara Radcliffe. Agora aumentem-no imenso e coloquem Babel mesmo no centro.

Se encontrarem quaisquer outras inconsistências, sugiro que se recordem de que esta é uma obra de ficção.

¹ Por exemplo, nunca ouvi ninguém referir-se à High Street como «The High» enquanto estive em Oxford, mas G.V. Cox diz-nos o contrário.

² A Oxford Union Society, designada habitualmente apenas por Oxford Union, é uma sociedade de debates na cidade de Oxford, Inglaterra, cujos membros pertencem na sua maioria à Universidade de Oxford. (*N. da T.*)

LIVRO I



CAPÍTULO UM

R

Que siempre la lengua fue compañera del imperio; y de tal manera lo siguió, que juntamente comenzaron, crecieron y florecieron, y después junta fue la caída de entrambos.

A linguagem foi sempre a companheira do império e, de tal modo o seguiu, que juntos começaram, cresceram e floresceram. E depois, também juntos, caíram.

ANTONIO DE NEBRIJA,
Gramática de la lengua castellana

Quando o Professor Richard Lovell encontrou o caminho pelas vielas estreitas de Cantão até à morada desbotada no seu diário, o rapaz era o único sobrevivente na casa.

O ar era fétido, o chão escorregadio. Havia um jarro de água cheio, intocado, ao lado da cama. A princípio, o rapaz tivera demasiado medo de vomitar para beber; agora, estava demasiado fraco para erguer o jarro. Ainda estava consciente, embora tivesse mergulhado numa névoa entorpecente e quase sonhadora. Ele sabia que iria em breve cair num sono profundo e não voltaria a acordar. Fora isso que acontecera aos seus avós há uma semana, depois às suas tias um dia mais tarde e a *Miss Betty*, a inglesa, um dia depois disso.

A sua mãe tinha morrido naquela manhã. Ele ficara deitado ao lado do seu corpo, observando os azuis e os roxos aprofundarem-se na sua pele. A última coisa que ela lhe dissera fora o seu nome, duas sílabas pronunciadas sem fôlego. Depois, o rosto dela relaxara e perdera a simetria. A língua pendera-lhe para fora da boca. O rapaz tentou fechar-lhe os olhos transparentes, mas as pálpebras abriam-se continuamente.

Ninguém respondeu quando o Professor Lovell bateu. Ninguém exclamou de surpresa quando ele arrombou a porta da frente — trancada, porque os ladrões da peste andavam a esvaziar as casas do bairro e, embora houvesse poucas coisas de valor em sua casa, o rapaz e a mãe queriam algumas horas de paz antes que a doença os levasse também. Lá em cima, o rapaz ouviu toda a comoção, mas não se conseguiu importar.

A essa altura, só queria morrer.

O Professor Lovell subiu as escadas, atravessou o quarto e ficou de pé ao lado do rapaz durante um longo momento. Não notou, ou preferiu não notar, a mulher morta na cama. O rapaz jazia imóvel na sua sombra, perguntando-se se aquela figura alta e pálida vestida de preto viera buscar a sua alma.

— Como te sentes? — perguntou o Professor Lovell.

A respiração do rapaz era demasiado esforçada para ele responder.

O Professor Lovell ajoelhou-se ao lado da cama. Retirou uma barra de prata estreita do bolso da frente e colocou-a sobre o peito nu do rapaz. O rapaz encolheu-se; o metal queimava como gelo.

— *Triacle* — disse o Professor Lovell, em francês primeiro. E, depois, em inglês: — Melaço.

A barra brilhou num tom de branco-pálido. Um som fantasmagórico surgiu vindo do nada; um tinido, um canto. O rapaz gemeu e enrolou-se de lado, movendo a língua de modo confuso em redor da boca.

— Aguenta — murmurou o Professor Lovell. — Engole o que sentires.

Passaram-se segundos. A respiração do rapaz estabilizou. Ele abriu os olhos. Via o Professor Lovell com mais clareza agora, conseguia distinguir os olhos cinzento-ardósia e o nariz curvo — *yīnggōubí*, era como lhe chamavam, um nariz bico de falcão — que só poderia pertencer ao rosto de um estrangeiro.

— Como te sentes agora? — perguntou o Professor Lovell.

O rapaz respirou fundo outra vez. E depois, num inglês surpreendentemente bom, disse:

— É doce. Tem um gosto tão doce...

— Ótimo. Isso significa que funcionou. — O Professor Lovell guardou a barra no bolso. — Há mais alguém vivo aqui?

— Não — sussurrou o rapaz. — Apenas eu.

— Existe alguma coisa que não possas deixar para trás?

O rapaz ficou em silêncio por um instante. Uma mosca pousou na face da sua mãe e moveu-se sobre o seu nariz. Ele queria afastá-la, mas não tinha forças para levantar a mão.

— Não posso levar um corpo — disse o Professor Lovell. — Não para onde vamos.

O rapaz olhou para a mãe por um longo momento.

— Os meus livros — disse, por fim. — Debaixo da cama.

O Professor Lovell curvou-se para espreitar debaixo da cama e tirou quatro volumes grossos. Livros escritos em inglês com as lombadas gastas pelo uso. Algumas páginas estavam tão gastas que a impressão mal era legível. O professor folheou-os, sorrindo de modo involuntário, e colocou-os no seu saco. Então, enfiou os braços debaixo do corpo magro do rapaz e levou-o para fora da casa.

Em 1829, a praga, que ficou mais tarde conhecida pelo nome de cólera-asiática, partiu de Calcutá e atravessou a Baía de Bengala até ao Extremo Oriente — primeiro para o Sião, depois para Manila e, finalmente, chegou às costas da China em navios mercantes cujos marinheiros desidratados e de olhos encovados despejavam os seus dejetos no Rio das Pérolas, contaminando as águas onde milhares bebiam, lavavam a roupa, nadavam e tomavam banho. Atingiu Cantão como um maremoto, abrindo rapidamente caminho desde as docas até às áreas residenciais do interior. O bairro do rapaz sucumbira em semanas, com famílias inteiras a perecer desamparadas nas suas casas. Quando o Professor Lovell levou o rapaz para fora dos becos de Cantão, todos na sua rua já estavam mortos.

O rapaz descobriu tudo aquilo quando acordou num quarto limpo e bem iluminado da Fábrica Inglesa, envolto em cobertores mais macios e brancos do que qualquer coisa que ele já tivesse tocado. Estes reduziam apenas ligeiramente o seu desconforto. Ele sentia-

se terrivelmente quente e a sua língua parecia uma pedra densa e arenosa na sua boca. Sentia-se como se estivesse a flutuar muito acima do seu corpo. De cada vez que o professor falava, dores agudas atravessavam-lhe as têmporas acompanhadas por lampejos de vermelho.

— Tens muita sorte — disse o Professor Lovell. — Esta doença mata quase tudo aquilo em que toca.

O rapaz ficou imóvel a olhar, fascinado pelo rosto comprido e os olhos cinzento-claros deste estrangeiro. Se deixasse o seu olhar desfocar-se, o estrangeiro transformava-se num pássaro gigante. Um corvo. Não, uma ave de rapina. Algo cruel e forte.

— Consegues perceber o que estou a dizer?

O rapaz humedeceu os lábios ressequidos e emitiu uma resposta.

O Professor Lovell abanou a cabeça.

— Inglês. Usa o teu inglês.

A garganta do rapaz ardia. Ele tossiu.

— Eu sei que falas inglês. — A voz do Professor Lovell soava como um aviso. — Usa-o.

— A minha mãe — sussurrou o rapaz. — O senhor esqueceu a minha mãe.

O Professor Lovell não respondeu. Prontamente, levantou-se e sacudiu o pó dos joelhos antes de sair, embora o rapaz não conseguisse perceber como é que algum pó se poderia ter acumulado nos poucos minutos em que ele estivera sentado.

Na manhã seguinte, o rapaz conseguiu terminar uma tigela de caldo sem vomitar. Na manhã depois dessa, conseguiu ficar de pé sem demasiadas vertigens, embora os seus joelhos tremessem tanto por falta de uso que teve de se agarrar à estrutura da cama para não cair. A febre baixou; o seu apetite melhorou. Quando acordou novamente, naquela tarde, descobriu que a tigela fora substituída por um prato com duas grossas fatias de pão e um pedaço de carne assada. Ele devorou-os com as mãos, faminto.

Passou a maior parte do dia num sono sem sonhos, que era regularmente interrompido pela chegada de uma certa Sra. Piper — uma mulher alegre e redonda que lhe sacudia os travesseiros,

enxugava a testa com panos húmidos deliciosamente frescos e falava inglês com um sotaque tão peculiar que o rapaz tinha sempre de lhe pedir várias vezes para repetir.

— Pela minha honra — riu-se ela na primeira vez que ele o fez. — Nunca deves ter conhecido um escocês.

— Um... escocês? O que é um escocês?

— Não te preocupes com isso. — Ela deu-lhe uma palmadinha na face. — Vais aprender a configuração da Grã-Bretanha em breve.

Naquela noite, a Sra. Piper trouxe-lhe o jantar — pão e carne de novo — juntamente com a notícia de que o professor queria vê-lo no seu escritório.

— É no piso de cima. A segunda porta à direita. Acaba de comer primeiro; ele não se vai embora.

O rapaz comeu rapidamente e, com a ajuda da Sra. Piper, vestiu-se. Não sabia de onde a roupa tinha vindo — era de estilo ocidental e ajustava-se surpreendentemente bem no seu corpo baixo e magro —, mas estava demasiado cansado para perguntar.

Tremia enquanto subia as escadas, mas se de cansaço ou agitação não sabia. A porta do escritório do professor estava fechada. Ele fez uma pausa para recuperar o fôlego e depois bateu.

— Entre — disse o professor.

A porta era muito pesada. O rapaz teve de se encostar com força contra a madeira para a abrir. Lá dentro, foi dominado pelo cheiro almiscarado e a tinta dos livros. Havia pilhas e pilhas deles; alguns estavam bem organizados em prateleiras, enquanto outros estavam amontoados de modo desordenado em pirâmides precárias por toda a sala; alguns estavam espalhados pelo chão, enquanto outros oscilavam em mesas que pareciam dispostas aleatoriamente dentro do labirinto mal iluminado.

— Aqui. — O professor estava quase escondido atrás das estantes. O rapaz percorreu hesitantemente a sala, com medo de que o mais pequeno movimento mal calculado pudesse derrubar as pirâmides.

— Não sejas tímido. — O professor estava sentado atrás de uma grande secretária coberta com livros, papéis soltos e envelopes.

Gesticulou para o rapaz se sentar à sua frente. — Deixaram-te ler muito aqui? O inglês não foi um problema?

— Li um pouco. — O rapaz sentou-se cautelosamente, tomando cuidado para não pisar os volumes (as notas de viagem de Richard Hakluyt, notou ele) acumulados aos seus pés. — Não tínhamos muitos livros. Acabei por reler o que tínhamos.

Para alguém que nunca tinha saído de Cantão na vida, o inglês do rapaz era notavelmente bom. Ele falava com apenas um vestígio de sotaque. Tal devia-se a uma inglesa — uma certa *Miss Elizabeth Slate*, a quem o rapaz chamava *Miss Betty*, e que vivia com a sua família desde que ele se conseguia lembrar. Ele nunca compreendera muito bem o que ela fazia ali — a sua família claramente não era rica o suficiente para ter criados, especialmente uma estrangeira —, mas alguém lhe devia pagar um salário porque ela nunca se foi embora, nem sequer quando a peste chegou. O seu cantonês era razoavelmente bom, decente o suficiente para ela se movimentar pela cidade sem problemas, mas com o rapaz ela falava exclusivamente em inglês. O seu único dever parecia ser cuidar dele e foi a conversar com ela e, mais tarde, com marinheiros ingleses nas docas, que o rapaz se tornou fluente.

Ele conseguia ler a língua melhor do que falava. Desde que completara quatro anos, o rapaz recebia um grande embrulho cheio de livros escritos em inglês duas vezes por ano. O endereço do remetente era uma residência em Hampstead, nos arredores de Londres — um lugar com o qual *Miss Betty* não parecia estar familiarizada e sobre o qual o rapaz, é claro, nada sabia. Independentemente disso, ele e *Miss Betty* costumavam sentar-se juntos à luz de velas, traçando laboriosamente os dedos sobre cada palavra enquanto as pronunciavam em voz alta. Quando cresceu, ele passava tardes inteiras sozinho debruçado sobre as páginas gastas. Mas uma dúzia de livros mal dava para seis meses; ele lia sempre cada um tantas vezes que quando a remessa seguinte chegava já quase os tinha memorizado.

Ele percebia agora, sem entender bem o quadro geral, que aqueles embrulhos deviam ter vindo do professor.

— Eu gosto muito de ler — acrescentou ele debilmente. E, depois, pensando que devia dizer um pouco mais: — E não, o inglês não era um problema.

— Muito bem. — O Professor Lovell pegou num volume da prateleira atrás de si e fê-lo deslizar sobre a mesa. — Suponho que não tenhas visto este antes.

O rapaz olhou para o título. *Riqueza das Nações*, de Adam Smith. Abanou a cabeça.

— Lamento, mas não.

— Tudo bem. — O professor abriu o livro numa página no meio e apontou: — Lê em voz alta para mim. Começa aqui.

O rapaz engoliu em seco, tossiu para limpar a garganta e começou a ler. O livro era assustadoramente grosso, a letra muito pequena e a prosa provou ser consideravelmente mais difícil do que os romances de aventura que ele lera com *Miss Betty*. A sua língua tropeçou em palavras que não conhecia, palavras que apenas podia adivinhar e pronunciar.

— A va-vantagem par... particular que cada país col-o-colonizador obtém das col... colónias que lhe pertencem par... particularmente apresenta dois tipos diferentes; primeiro, aquelas vantagens habituais que todo o império de... riva? — Ele pigarreou. — Deriva... das províncias sujeitas ao seu dom... dom...³

— Já chega.

Ele não fazia ideia do que acabara de ler.

— Senhor, o que é que...

— Não, está tudo bem — disse o professor. — Não espero que compreendas economia internacional. Saíste-te muito bem. — Ele colocou o livro de lado, enfiou a mão na gaveta da secretária e tirou uma barra de prata. — Lembras-te disto?

O rapaz fitou-a, de olhos arregalados, demasiado apreensivo até para lhe tocar.

Já tinha visto barras assim antes. Eram raras em Cantão, mas eram conhecidas de todos. *Yínfúlù*, talismãs de prata. Ele vira-os embutidos nas proas dos navios, esculpidos nas laterais dos palanquins e instalados sobre as portas dos armazéns no bairro

estrangeiro. Nunca descobrira exatamente o que eram e ninguém em sua casa sabia explicá-lo. A avó chamava-lhes feitiços de homens ricos, amuletos de metal que continham as bênçãos dos deuses. A mãe achava que continham demónios aprisionados que podiam ser convocados para cumprir as ordens dos seus mestres. Até *Miss Betty*, que declarava bem alto o seu desdém pelas superstições chinesas indígenas e criticava constantemente o facto de a mãe dele dar atenção a fantasmas famintos, achava-as enervantes.

— São feitiçaria — disse ela quando ele lhe perguntou. — São uma obra do diabo, é o que são.

Assim, o rapaz não sabia o que pensar desse *yínfúlù*, exceto que fora uma barra igual a esta que lhe tinha salvado a vida há alguns dias.

— Vá. — O Professor Lovell estendeu-lha. — Observa-a. Ela não morde.

O rapaz hesitou e depois pegou-lhe com ambas as mãos. A barra era muito lisa e fria ao toque, mas, tirando isso, parecia bastante comum. Se havia algum demónio preso ali dentro, ele escondia-se bem.

— Consegues ler o que diz?

O rapaz olhou com mais atenção e notou que havia realmente algo escrito ali, pequenas palavras gravadas cuidadosamente de cada lado da barra: letras inglesas de um lado, caracteres chineses do outro.

— Sim.

— Di-los em voz alta. O chinês primeiro e depois o inglês. Fala com bastante clareza.

O rapaz reconheceu os caracteres chineses, embora a caligrafia parecesse um tanto estranha, como se tivesse sido desenhada por alguém que os tivesse visto e copiado, radical a radical, sem saber o que significavam. Diziam: 囫圇吞枣.

— *Húlún tūn zǎo* — leu ele devagar, tomando cuidado para enunciar cada sílaba. Mudou para o inglês. — Aceitar sem pensar.

A barra começou a zumbir.

De imediato, a língua inchou-lhe, obstruindo as suas vias respiratórias. O rapaz agarrou-se, sufocado, à garganta. A barra caiu-lhe no colo, onde vibrou loucamente, dançando como se estivesse possuída. Um sabor enjoativamente doce encheu-lhe a boca. *Como tâmaras*, pensou o rapaz debilmente, vendo as bordas da sua visão escurecerem. Tâmaras fortes e doces, tão maduras que eram repugnantes. Ele estava a afogar-se nelas. Sentia a garganta totalmente bloqueada, não conseguia respirar...

— Pronto. — O Professor Lovell inclinou-se e tirou-lhe a barra do colo.

A sensação de asfixia desapareceu. O rapaz debruçou-se sobre a secretária, respirando fundo.

— Interessante — disse o Professor Lovell. — Nunca soube que tivesse um efeito tão forte. Qual é o sabor na tua boca?

— *Hóngzǎo*. — Lágrimas escorriam pelo rosto do rapaz. Apressadamente, ele mudou para o inglês. — Tâmaras.

— Isso é bom. É muito bom. — O Professor Lovell observou-o por um longo momento e depois atirou a barra de volta para a gaveta. — Excelente, de facto.

O rapaz enxugou as lágrimas dos olhos, fungando. O Professor Lovell recostou-se, esperando que o rapaz se recuperasse um pouco antes de continuar.

— Daqui a dois dias, a Sra. Piper e eu partiremos deste país para uma cidade chamada Londres num país chamado Inglaterra. Tenho a certeza de que já ouviste falar de ambos.

O rapaz fez um aceno incerto. Londres existia para ele da mesma forma que Lilliput: era um lugar distante, imaginário e fantasioso onde ninguém se parecia, vestia ou falava remotamente como ele.

— Proponho levar-te connosco. Viverás na minha casa e dar-te-ei alojamento e alimentação até teres idade suficiente para ganhares a tua vida. Em troca, estudarás matérias de acordo com um currículo elaborado por mim. Serão estudos de idiomas: latim, grego e, claro, mandarim. Desfrutarás de uma vida fácil e confortável e da melhor educação que se pode pagar. Tudo o que espero em troca é que te dediques diligentemente aos teus estudos.

O Professor Lovell juntou as mãos como se estivesse a rezar. O rapaz achou o seu tom confuso. Era totalmente indiferente e desapaixonado. Ele não conseguia perceber se o Professor Lovell o *queria* em Londres ou não; na verdade, aquilo parecia menos uma adoção e mais uma proposta comercial.

— Peço-te que consideres bem esta proposta — continuou o Professor Lovell. — A tua mãe e os teus avós estão mortos, o teu pai é desconhecido e não tens mais família. Se ficares aqui não terás um centavo em teu nome. Tudo o que conhecerás será pobreza, doença e fome. Encontrarás trabalho nas docas se tiveres sorte, mas ainda és pequeno, portanto, passarás alguns anos a mendigar ou a roubar. Presumindo que atinges a idade adulta, o melhor que podes esperar é um trabalho árduo nos navios.

O rapaz deu por si a olhar, fascinado, para o rosto do Professor Lovell enquanto ele falava. Não era como se nunca tivesse visto um inglês antes. Tinha conhecido muitos marinheiros nas docas, tinha visto toda a gama de rostos dos homens brancos, desde os largos e corados até aos doentes e com manchas e aos compridos, pálidos e severos. Mas o rosto do professor apresentava um quebra-cabeças totalmente diferente. Tinha todos os componentes de um rosto humano padrão — olhos, lábios, nariz, dentes, todos saudáveis e normais. A sua voz era baixa, um tanto monótona, mas, ainda assim, uma voz humana. Contudo, quando falava, o seu tom e expressão eram totalmente desprovidos de emoção. Era uma lousa em branco. O rapaz não conseguia adivinhar os seus sentimentos. Enquanto descrevia a morte prematura e inevitável do rapaz, o professor poderia estar a enumerar os ingredientes de um guisado.

— Porquê? — perguntou o rapaz.

— Porquê o quê?

— Porque é que o senhor me quer?

O professor acenou com a cabeça para a gaveta que continha a barra de prata.

— Porque consegues fazer *aquilo*.

Só então o rapaz percebeu que aquilo fora um teste.

— Estes são os termos da minha tutela. — O Professor Lovell fez deslizar um documento de duas páginas sobre a mesa. O rapaz

olhou para baixo e depois desistiu de tentar ler; a caligrafia apertada e cheia de floreios parecia quase ilegível. — São bastante simples, mas peço-te que leias tudo antes de assinares. Fazes isso hoje à noite antes de ires para a cama?

O rapaz estava demasiado abalado para fazer o que quer que fosse a não ser acenar com a cabeça.

— Muito bem — disse o Professor Lovell. — Mais uma coisa. Ocorre-

-me que precisas de um nome.

— Eu tenho um nome — disse o rapaz. — É...

— Não, esse não serve. Nenhum inglês consegue pronunciar isso. *Miss Slate* não te deu um nome?

Ela tinha dado, de facto. Quando o rapaz completara quatro anos, ela insistira para que ele adotasse um nome pelo qual os ingleses o pudessem levar a sério, embora nunca tivesse explicado que ingleses seriam esses. Tinham escolhido algo ao acaso de um livro de rimas para crianças e o rapaz gostara do modo como as sílabas pareciam firmes e redondas na sua língua, portanto, não se queixou. Mas mais ninguém na casa o usara e, em breve, também *Miss Betty* deixou de o usar. O rapaz teve de pensar muito antes de se lembrar.

— Robin.⁴

O Professor Lovell ficou em silêncio por um instante. A sua expressão confundiu o rapaz — tinha as sobrancelhas franzidas, como se estivesse furioso, mas um lado da sua boca estava curvado para cima, como se estivesse encantado.

— E um apelido?

— Eu tenho um apelido.

— Um que sirva em Londres. Escolhe o que quiseres.

O rapaz pestanejou para ele.

— Escolher... um apelido?

Os nomes de família não eram coisas que fossem descartadas e substituídas por capricho, pensou ele. Marcavam a linhagem; marcavam a pertença.

— Os ingleses reinventam os seus nomes o tempo todo — disse o Professor Lovell. — As únicas famílias que os mantêm fazem-no

porque possuem títulos e tu não tens certamente nenhum. Só precisas de um identificador pelo qual te apresentares. Qualquer nome serve.

— Então, posso ficar com o seu? Lovell?

— Oh, não — disse o Professor Lovell. — Vão pensar que sou o teu pai.

— Oh, claro. — Os olhos do rapaz percorreram desesperadamente a sala, procurando uma palavra ou som ao qual se agarrar. Pousaram num volume familiar na prateleira por cima da cabeça do Professor Lovell, *As Viagens de Gulliver*. Um estranho numa terra estranha, que teve de aprender os idiomas locais para não morrer. Ele pensou que percebia agora como Gulliver se sentira.

— Swift? — sugeriu. — A menos que...

Para sua surpresa, o Professor Lovell riu-se. O riso soava estranho naquela boca severa; parecia demasiado abrupto, quase cruel, e o rapaz não pôde deixar de se encolher.

— Muito bem. Robin Swift serás. Senhor Swift, prazer em conhecê-lo.

Ele levantou-se e estendeu a mão sobre a mesa. O rapaz tinha visto marinheiros estrangeiros a cumprimentarem-se nas docas, portanto, sabia o que fazer. Acolheu aquela mão grande, seca e desconfortavelmente fria na sua. Cumprimentaram-se.

Dois dias depois, o Professor Lovell, a Sra. Piper e o recém-batizado Robin Swift partiram para Londres. A essa altura, graças às muitas horas de repouso na cama e a uma dieta constante de leite quente e à comida abundante da Sra. Piper, Robin estava bem o suficiente para andar sozinho. Carregou um baú cheio de livros pela prancha acima, esforçando-se para acompanhar o ritmo do professor.

O porto de Cantão, a porta a partir da qual a China encontrava o mundo, era um universo de línguas. Sons altos e rápidos em português, francês, neerlandês, sueco, dinamarquês, inglês e chinês fluíam no ar salgado, misturando-se num pidgin⁵ implausivelmente inteligível que quase todos entendiam, mas poucos conseguiam falar com facilidade. Robin conhecia-o bem.

Obtivera a sua primeira instrução em línguas estrangeiras correndo pelo cais; traduzia frequentemente para os marinheiros em troca de uma moeda e um sorriso. Nunca imaginara que poderia seguir os fragmentos linguísticos desse pidgin de volta à sua fonte.

Eles percorreram o cais para se juntarem à fila de embarque do *Condessa de Harcourt*, um dos navios da Companhia das Índias Orientais que transportavam um pequeno número de passageiros comerciais em cada viagem. O mar estava barulhento e agitado naquele dia. Robin tremia enquanto as rajadas geladas do vento costeiro lhe atravessavam violentamente o casaco. Desejava desesperadamente estar no navio, dentro de uma cabina ou em qualquer sítio com paredes, mas algo estava a reter a fila de embarque. O Professor Lovell deu um passo para o lado para espreitar. Robin seguiu-o. No topo da prancha, um tripulante estava a repreender um passageiro; as suas vogais inglesas cortantes perfuravam o frio da manhã.

— Não consegues perceber o que estou a dizer? *Ni hau? Lei ho?* Nada?

O alvo da sua ira era um trabalhador chinês, curvado pelo peso da mochila que trazia pendurada ao ombro. Se o trabalhador proferiu uma resposta, Robin não o conseguiu ouvir.

— Não consegue entender uma palavra do que estou a dizer — queixou-se o tripulante. Ele virou-se para a multidão. — Alguém pode dizer a este tipo que não pode subir a bordo?

— Oh, pobre homem. — A Sra. Piper tocou no braço do Professor Lovell. — O senhor pode traduzir?

— Não falo o dialeto cantonês — disse o Professor Lovell. — Robin, vai lá.

Robin hesitou, subitamente assustado.

— *Vai.* — O Professor Lovell empurrou-o prancha acima.

Robin avançou, tropeçando, para o meio da discussão. Tanto o tripulante como o trabalhador viraram-se para olhar para ele. O tripulante apenas pareceu irritado, mas o trabalhador ficou aliviado — pareceu reconhecer imediatamente no rosto de Robin um aliado, o único outro chinês à vista.

— Qual é o problema? — perguntou-lhe Robin em cantonês.

— Ele não me quer deixar embarcar — disse o trabalhador de modo urgente. — Mas eu tenho um contrato com este navio até Londres, olha, está escrito aqui mesmo.

Ele meteu uma folha de papel dobrada nas mãos de Robin.

Robin abriu-a. O papel estava escrito em inglês e, de facto, parecia um contrato para um lascarim — um certificado de pagamento pela duração de uma viagem de Cantão a Londres, para ser específico. Robin já tinha visto tais contratos antes; estes tinham-se tornado cada vez mais comuns nos últimos anos, à medida que a procura por criados chineses contratados crescia em simultâneo com as dificuldades com o comércio de escravos do outro lado do mundo. Este não era o primeiro contrato que ele traduzia; já tinha visto ordens de serviço para trabalhadores chineses que embarcavam para destinos tão distantes como Portugal, Índia e Índias Ocidentais.

Tudo parecia estar em ordem para Robin.

— Então, qual é o problema?

— O que é que ele te está a dizer? — perguntou o tripulante. — Diz-lhe que o contrato não é válido. Não posso ter chineses neste navio. O último navio em que naveguei que transportava um chinês ficou imundo com piolhos. Não vou correr riscos com pessoas que não se conseguem lavar. Nem sequer conseguia entender a palavra *banho* se eu lha gritasse, este aqui. Ei? Rapaz? Percebes o que estou a dizer?

— Sim, sim. — Robin voltou rapidamente para o inglês. — Sim, só estou... Dê-me um instante, só estou a tentar...

Mas o que é que ele devia dizer?

O trabalhador, sem compreender, lançou a Robin um olhar suplicante. O seu rosto era enrugado e estava queimado do Sol, coriáceo, de uma forma que o fazia parecer ter sessenta anos, embora apenas tivesse, provavelmente, pouco mais de trinta. Todos os lascarins envelheciam rapidamente; o trabalho destruía os seus corpos. Robin já vira aquele rosto milhares de vezes nas docas. Alguns atiravam-lhe doces; alguns conheciam-no bem o suficiente para o cumprimentarem pelo nome. Ele associava aquele rosto ao seu próprio povo. Mas nunca tinha visto um dos seus anciãos voltar-se para ele com tamanha impotência.

A culpa retorceu-lhe as entranhas. As palavras juntavam-se na sua língua, palavras cruéis e terríveis, mas ele não conseguia transformá-las numa frase.

— Robin. — O Professor Lovell apareceu ao seu lado, segurando-lhe o ombro com tanta força que doeu. — Traduz, por favor.

Tudo dependia dele, percebeu Robin. A escolha era sua. Só ele podia determinar a verdade, porque só ele a podia comunicar a todas as partes.

Mas o que é que ele poderia dizer? Via a irritação latejante do tripulante. Via a impaciência sussurrante dos outros passageiros na fila. Estavam cansados, com frio e não percebiam porque é que ainda não tinham embarcado. Sentiu o polegar do Professor Lovell a cavar um sulco na sua clavícula e ocorreu-lhe um pensamento — um pensamento tão assustador que fez os seus joelhos tremerem — e esse pensamento dizia que se apresentasse demasiados problemas, se criasse confusão, então o *Condessa de Harcourt* podia simplesmente deixá-lo também para trás, em terra.

— O seu contrato não é válido aqui — murmurou ele para o trabalhador. — Tente o próximo navio.

O trabalhador ficou boquiaberto, incrédulo.

— Tu leste? Diz Londres, diz Companhia das Índias Orientais, diz *este* navio, o *Condessa*...

Robin abanou a cabeça.

— Não é válido — disse ele e depois repetiu a frase, como se isso a pudesse tornar verdadeira. — Não é válido, tem de tentar o próximo navio.

— Qual é o problema com o contrato? — perguntou o trabalhador.

Robin tinha dificuldade em forçar as palavras a saírem.

— Apenas, não é válido.

O trabalhador ficou boquiaberto a olhar para ele. Mil emoções passaram por aquele rosto envelhecido — indignação, frustração e, finalmente, resignação. Robin receara que o trabalhador pudesse discutir, lutar, mas depressa se tornou claro que esse tipo de tratamento não era novidade para aquele homem. Isto já tinha acontecido antes. O trabalhador virou-se e desceu a prancha de

embarque, empurrando os passageiros para o lado enquanto o fazia. Em poucos instantes desapareceu de vista.

Robin sentiu-se muito tonto. Escapou descendo novamente a prancha para se juntar à Sra. Piper.

— Estou com frio.

— Oh, estás a tremer, coitadinho. — Ela aproximou-se imediatamente dele como uma mãe galinha, envolvendo-o com o seu xale. Disse uma palavra ríspida para o Professor Lovell. Ele suspirou e assentiu; depois, apressaram-se a chegar à frente da fila, de onde foram levados diretamente para as suas cabinas enquanto um carregador lhes recolhia a bagagem e a levava atrás deles.

Uma hora depois, o *Condessa de Harcourt* deixou o porto.

Robin foi colocado no seu beliche com um cobertor grosso enrolado em volta dos ombros e teria ficado ali o dia todo, contente, mas a Sra. Piper insistiu para que ele voltasse ao convés para observar a costa e afastar-se. Ele sentiu uma dor aguda no peito enquanto Cantão desaparecia no horizonte e depois uma sensação de vazio completo, como se um gancho lhe tivesse arrancado o coração do corpo. Não tinha percebido, até agora, que não voltaria a pisar o chão da sua terra natal durante muitos anos, se é que alguma vez voltaria. Não tinha a certeza do que pensar sobre esse facto. A palavra *perda* era desadequada. Perda significava simplesmente uma falta, significava que algo tinha desaparecido, mas não abrangia a totalidade desta separação, este desancorar aterrorizante de tudo o que alguma vez tinha conhecido.

Ele observou o oceano durante bastante tempo, indiferente ao vento, olhando até mesmo a sua visão imaginária da costa ter desaparecido.

Passou os primeiros dias da viagem a dormir. Ainda estava a recuperar; a Sra. Piper insistia que ele desse passeios diários pelo convés para melhorar a sua saúde, mas no início ele só conseguia lá ficar alguns minutos de cada vez antes de ter de se deitar. Teve a sorte de ser poupado à náusea dos enjoos; uma infância passada ao longo de docas e rios habituara os seus sentidos à instabilidade encrespada. Quando se sentiu forte o suficiente para passar tardes

inteiras no convés, adorava ficar sentado junto da amurada, a observar as ondas incessantes mudarem de cor com o céu e sentindo o mar borrifar-lhe o rosto.

Ocasionalmente, o Professor Lovell conversava com ele enquanto caminhavam juntos pelo convés. Robin aprendeu rapidamente que o professor era um homem preciso e reticente. Oferecia informações quando achava que Robin precisava delas, mas, tirando isso, sentia-se satisfeito por ignorar as perguntas.

Disse a Robin que iriam residir na sua propriedade em Hampstead quando chegassem a Inglaterra. Não disse se tinha família nessa propriedade. Confirmou que pagara a *Miss Betty* durante todos aqueles anos, mas não explicou porquê. Deu a entender que conhecera a mãe de Robin, que fora assim que soubera a morada de Robin, mas não ofereceu pormenores sobre a natureza do seu relacionamento ou como se tinham conhecido. A única vez que aludiu a esse conhecimento anterior foi quando perguntou a Robin como é que a sua família fora morar naquela barraca à beira do rio.

— Eram uma família de comerciantes abastados quando os conheci — disse ele. — Tinham uma propriedade em Pequim antes de se mudarem para sul. Que aconteceu, foi o jogo? Acho que foi o irmão, não foi?

Meses antes, Robin teria cuspidido em qualquer um por falar de modo tão cruel sobre a sua família. Mas aqui, sozinho, no meio do oceano, sem parentes nem nada em seu nome, não conseguia invocar a ira necessária. Já não tinha fogo algum dentro si. Estava apenas assustado e muito cansado.

Em todo o caso, tudo aquilo estava de acordo com o que Robin tinha ouvido sobre a riqueza anterior da sua família, a qual tinha sido totalmente desperdiçada nos anos após o seu nascimento. A sua mãe queixava-se amargamente disso e com frequência. Robin não conhecia bem os pormenores, mas a história envolvia os mesmos elementos de tantos contos de declínio durante a dinastia Qing na China: um patriarca idoso, um filho perdulário, amigos maliciosos e manipuladores e uma filha indefesa com quem, por algum motivo misterioso, ninguém queria casar. Em tempos, disseram-lhe, ele dormira num berço lacado. Em tempos, eles

tinham desfrutado de uma dúzia de criados e um *chef* que cozinava iguarias raras importadas dos mercados do norte. Em tempos, eles tinham morado numa propriedade capaz de abrigar cinco famílias, com pavões a deambular pelo quintal. Mas tudo o que Robin conhecia era a casinha junto ao rio.

— A minha mãe disse que o meu tio perdeu o dinheiro todo nas casas de ópio — disse-lhe Robin. — Os credores confiscaram-lhes os bens e tivemos de nos mudar. Depois, o meu tio desapareceu quando eu tinha três anos e ficámos apenas nós, as minhas tias e os meus avós. E *Miss Betty*.

O Professor Lovell fez um murmúrio evasivo de solidariedade.

— Isso é péssimo.

Além dessas conversas, o professor passava a maior parte do dia enfiado na sua cabina. Eles viam-no apenas de vez em quando no refeitório ao jantar; na maioria das vezes, a Sra. Piper tinha de encher um prato com biscoitos de água e sal e carne de porco seca e levá-lo até ao quarto dele.

— Ele está a trabalhar nas suas traduções — disse a Sra. Piper a Robin. — Está sempre a arranjar pergaminhos e livros antigos nestas viagens, sabes, e gosta de começar a traduzi-los para o inglês antes de voltar para Londres. Eles mantêm-no muito ocupado lá; ele é um homem muito importante, um membro da Real Sociedade Asiática, sabes, e ele diz que as viagens marítimas são a única altura em que ele consegue ter paz e sossego. Não é engraçado? Ele comprou uns belos dicionários de rimas em Macau, umas coisas lindas, embora ele não me deixe tocar-lhes por as páginas serem tão frágeis.

Robin ficou surpreendido ao saber que eles tinham estado em Macau. Ele não ouvira falar de nenhuma viagem a Macau; ingenuamente, imaginara que era a única razão pela qual o Professor Lovell tinha vindo à China.

— Quanto tempo é que estiveram lá? Em Macau, quero dizer.

— Oh, duas semanas e pouco. Eram para ser apenas duas, mas ficámos retidos na alfândega. Eles não gostam de receber mulheres estrangeiras no continente; tive de me mascarar e fingir ser o tio do professor, consegues imaginar?

Duas semanas.

Há duas semanas, a mãe de Robin ainda estava viva.

— Estás bem, querido? — A Sra. Piper afagou-lhe o cabelo. — Pareces pálido.

Robin assentiu e engoliu as palavras que sabia que não poderia dizer.

Não tinha o direito de ficar ressentido. O Professor Lovell tinha-lhe prometido tudo e não lhe devia nada. Robin ainda não compreendia totalmente as regras do mundo em que estava prestes a entrar, mas compreendia a necessidade de gratidão. De deferência. Ninguém desprezava os seus salvadores.

— A senhora quer que eu leve este prato ao professor? — perguntou ele.

— Obrigada, querido. É muito simpático da tua parte. Vem ter comigo ao convés depois para vermos o pôr do sol.

O tempo desvaneceu-se. O Sol nascia e punha-se, mas sem a regularidade da rotina — ele não tinha tarefas, nenhuma água para ir buscar ou recados para fazer — e os dias pareciam todos iguais, independentemente da hora. Robin dormia, lia os seus livros antigos e passeava pelo convés. Ocasionalmente, metia conversa com os outros passageiros, que pareciam sempre encantados por ouvirem um sotaque londrino quase perfeito na boca deste rapazinho oriental. Recordando as palavras do Professor Lovell, ele esforçou-se muito para viver exclusivamente em inglês. Quando lhe surgiam pensamentos em chinês, ele apagava-os.

Apagou também as suas memórias. A sua vida em Cantão — a mãe, os avós, uma década de corridas pelas docas — tudo se revelou ser surpreendentemente fácil de esquecer, talvez porque esta passagem fosse tão chocante, uma rutura completa. Ele tinha deixado para trás tudo o que conhecia. Não havia nada a que se agarrar, nada para onde fugir. O seu mundo agora era o Professor Lovell, a Sra. Piper e a promessa de um país do outro lado do oceano. Ele enterrou a sua vida passada, não porque fosse terrível, mas porque abandoná-la era a única maneira de sobreviver. Vestiu o seu sotaque inglês como se fosse um casaco novo, ajustou tudo o

que pôde em si mesmo para que ele lhe servisse e, em poucas semanas, usava-o com conforto. Em poucas semanas, deixaram de lhe pedir que dissesse algumas palavras em chinês para os entreter. Em poucas semanas, ninguém se parecia lembrar de que ele era chinês.

Certa manhã, a Sra. Piper acordou-o bem cedo. Ele fez alguns sons de protesto, mas ela insistiu.

— Anda, querido, não vais querer perder isto.

Bocejando, ele vestiu um casaco. Ainda estava a esfregar os olhos quando subiram ao convés. Era uma manhã fria envolta numa névoa tão espessa que Robin mal conseguia ver a proa do navio. Mas, então, a névoa dissipou-se e uma silhueta cinzento-escura emergiu no horizonte. Esse foi o primeiro vislumbre que Robin teve de Londres: a Cidade de Prata, o coração do Império Britânico e, naquela época, a maior e mais rica cidade do mundo.

³ No Livro IV, Capítulo VII de *Riqueza das Nações*, Adam Smith argumenta contra o colonialismo alegando que a defesa das colónias esgota os recursos e que os ganhos económicos do comércio colonial monopolista são uma ilusão. Ele escreve: «A Grã-Bretanha não obtém nada além de perdas do domínio que assume sobre as suas colónias.» Essa visão não era amplamente partilhada na época.

⁴ *Eu matei o Galo Robin.*

Quem o viu morrer?

[Antiga canção de embalar inglesa. (*N. da T.*)]

⁵ Idioma simplificado composto por elementos de duas ou mais línguas. (*N. da T.*)

CAPÍTULO DOIS

R

*Essa vasta metrópole, A fonte do destino do meu país
E do destino da própria terra*

WILLIAM WORDSWORTH,
O Prelúdio

Londres era monótona e cinzenta; explodia em cores; era uma cacofonia estridente, cheia de vida; era estranhamente silenciosa, assombrada por fantasmas e cemitérios. Enquanto o *Condessa de Harcourt* navegava para o interior pelo rio Tamisa, até aos estaleiros no coração pulsante da capital, Robin percebeu imediatamente que Londres era, tal como Cantão, uma cidade de contradições e multidões, tal como acontecia com qualquer cidade que funcionasse como uma porta para o mundo.

Mas, ao contrário de Cantão, Londres tinha um batimento cardíaco mecânico. A prata zumbia pela cidade. Cintilava nas rodas dos cabriolés e carruagens e nos cascos dos cavalos; brilhava nos edifícios debaixo de janelas e sobre portas; jazia enterrada debaixo das ruas e no alto nos ponteiros em movimento das torres dos relógios; era exibida nas montras das lojas cujos letreiros ostentavam orgulhosamente as amplificações mágicas dos seus pães, botas e bugigangas. A força vital de Londres apresentava um timbre agudo e metálico, totalmente diferente do bambu estalado e gemente que sustentava Cantão. Era artificial, metálico — o som de uma faca a raspar contra aço afiado; era o monstruoso labirinto industrial de William Blake: «Trabalhos cruéis / De muitas Rodas vejo, roda sem roda, com tirânicas engrenagens, movendo-se compulsivamente umas às outras.»⁶

Londres acumulara a maior parte do minério de prata e das línguas do mundo e o resultado era uma cidade maior, mais pesada, mais

rápida e mais luminosa do que a natureza permitia. Londres era voraz, engordava com os seus despojos e, ainda assim, passava fome. Londres era inimaginavelmente rica e miseravelmente pobre. Londres — bela, feia, espaçosa, apinhada, arrotando, fungando, virtuosa, hipócrita, Londres com o seu manto prateado — estava perto de um julgamento final, pois chegaria o dia em que ela se devoraria por dentro ou se lançaria para fora em busca de novas iguarias, trabalho, capital e cultura da qual se alimentar.

Mas o fiel da balança ainda não tombara e a folia podia ser mantida por enquanto. Quando Robin, o Professor Lovell e a Sra. Piper desembarcaram no Porto de Londres, as docas eram um alvoroço no ápice do comércio colonial. Navios carregados com baús de chá, algodão e tabaco, com os seus mastros e traves cravejados de prata que os faziam navegar com maior rapidez e segurança, esperavam para serem esvaziados em preparação para a próxima viagem até à Índia, as Índias Ocidentais, África, o Extremo Oriente. Enviavam mercadorias britânicas para todo o mundo. Traziam de volta baús de prata.

As barras de prata eram usadas em Londres — e, de facto, em todo o mundo — há um milénio, mas nunca desde o auge do Império Espanhol tinha nenhum lugar do mundo sido tão rico ou tão dependente do poder da prata. A prata que revestia os canais tornava a água mais fresca e limpa do que um rio como o Tamisa tinha o direito de ser. A prata nas sarjetas disfarçava o fedor da chuva, do lodo e dos dejetos com o perfume de rosas invisíveis. A prata nas torres dos relógios fazia os sinos badalarem quilómetros e quilómetros para lá do que deveriam, até as notas chocarem de forma discordante umas com as outras por toda a cidade e pelo campo.

Havia prata nos assentos dos cabriolés Hansom de duas rodas que o Professor Lovell chamou quando eles passaram pela alfândega — um para os três e um segundo para os seus baús. Enquanto se acomodavam, bem aninhados uns contra os outros na minúscula carruagem, o Professor Lovell estendeu a mão sobre os joelhos e apontou para uma barra de prata embutida no chão da carruagem.

— Consegues ler o que diz? — perguntou ele.

Robin curvou-se, semicerrando os olhos.

— Velocidade. E... spes?

— *Spēs* — disse o Professor Lovell. — É latim. É a raiz da palavra inglesa *speed*⁷ e significa um nexo de coisas que envolvem esperança, fortuna, sucesso e o alcance de um objetivo. Faz as carruagens andarem com um pouco mais de segurança e rapidez.

Robin franziu a testa, passando o dedo pela barra. Parecia tão pequena, demasiado inócua para produzir um efeito tão profundo.

— Mas como? — E uma segunda pergunta, mais urgente. — *Eu* vou...

— A seu tempo. — O Professor Lovell deu-lhe uma palmadinha no ombro. — Mas sim, Robin Swift. Tu serás um dos poucos académicos do mundo que conhecem os segredos do trabalho em prata. Foi isso que te trouxe aqui para fazeres.

Duas horas no coche levaram-nos a uma aldeia chamada Hampstead, vários quilómetros a norte de Londres, onde o Professor Lovell possuía uma casa de quatro andares feita de tijolos de um vermelho-pálido e estuque branco, cercada por uma generosa faixa de arbustos verdes bem cuidados.

— O teu quarto fica no último andar — disse o Professor Lovell a Robin enquanto destrancava a porta. — No topo das escadas à direita.

A casa estava muito escura e fria por dentro. A Sra. Piper começou a abrir as cortinas, enquanto Robin arrastava o seu baú pela escada em espiral acima e ao longo do corredor conforme indicado. O seu quarto continha apenas alguma mobília — uma escrivaninha, uma cama e uma poltrona — e não tinha mais nenhuma decoração ou pertences, exceto a estante de canto, que estava repleta com tantos títulos que a sua preciosa coleção parecia insignificante por comparação.

Curioso, Robin aproximou-se. Será que aqueles livros tinham sido preparados especialmente para ele? Parecia-lhe improvável, embora muitos dos títulos parecessem ser coisas de que ele gostaria — só a prateleira de cima continha vários Swifts e Defoes,

romances dos seus autores favoritos que ele não sabia que existiam. Ah, havia *As Viagens de Gulliver*. Ele tirou o livro da estante. Parecia bastante usado, com algumas páginas vincadas e com os cantos dobrados e outras manchadas de chá ou café.

Ele recolocou o livro na estante, confuso. Alguém devia ter habitado este quarto antes dele. Algum outro rapaz, talvez — alguém da idade dele, que adorasse Jonathan Swift tanto quanto ele, que tivesse lido aquela cópia de *As Viagens de Gulliver* tantas vezes que a tinta no canto superior direito, onde o dedo virava a página, estava a começar a desbotar.

Mas quem poderia ter sido? Ele presumira que o Professor Lovell não tinha filhos.

— Robin! — gritou a Sra. Piper lá de baixo. — Chamam-te lá fora.

Robin desceu as escadas a correr. O Professor Lovell esperava à porta, olhando impacientemente para o relógio de bolso.

— O teu quarto serve? — perguntou ele. — Tem tudo o que precisas?

Robin assentiu efusivamente.

— Oh, sim.

— Ótimo. — O Professor Lovell acenou com a cabeça para o coche que esperava. — Entra, temos de fazer de ti um inglês.

Ele queria dizer literalmente. Durante o resto da tarde, o Professor Lovell levou Robin numa série de visitas a fim de o integrar na sociedade civil britânica. Consultaram um médico que o pesou, examinou e, de modo relutante, declarou-o apto para a vida na ilha.

— Não tem doenças tropicais nem pulgas, graças a Deus. É um pouco pequeno para a idade, mas alimente-o com borrego e puré e ele vai ficar ótimo. Agora, vamos dar-te uma vacina contra a varíola; arregança essa manga, por favor, obrigado. Não vai doer. Conta até três.

Foram ao barbeiro, que cortou os caracóis rebeldes pela altura do queixo de Robin, dando-lhe um corte curto e arranjado acima das orelhas. Visitaram um chapeleiro, um sapateiro e, finalmente, um alfaiate, que mediu cada centímetro do corpo de Robin e lhe mostrou várias peças de tecido de entre as quais Robin, estupefacto, escolheu ao acaso.

Ao cair da tarde, foram ao tribunal encontrar-se com um advogado que redigiu um conjunto de documentos que, segundo Robin foi informado, fariam dele um cidadão legal do Reino Unido e um pupilo sob a tutela do Professor Richard Linton Lovell.

O Professor Lovell assinou o seu nome com um floreado. Depois, Robin foi até à mesa do advogado. A superfície era demasiado alta para ele, portanto, um funcionário trouxe um banco onde ele se pôde pôr de pé.

— Pensei que já tinha assinado isto. — Robin olhou para baixo. A linguagem parecia bastante semelhante ao contrato de tutela que o Professor Lovell lhe dera em Cantão.

— Esses eram os termos entre tu e eu — disse o Professor Lovell. — *Isto* faz de ti um inglês.

Robin examinou a caligrafia rebuscada — *tutor, órfão, menor, custódia*.

— O senhor está a reivindicar-me como filho?

— Estou a reivindicar-te como pupilo. É diferente.

Porquê?, ele quase perguntou. Havia algo importante que dependia dessa questão, embora ele ainda fosse demasiado novo para saber exatamente o que era. O momento estendeu-se entre eles, carregado de possibilidades. O advogado coçou o nariz. O Professor Lovell pigarreou. Mas o momento passou sem comentários. O Professor Lovell não era franco e Robin já sabia que não devia pressionar. Assinou.

O Sol já se tinha posto há muito quando eles voltaram para Hampstead. Robin perguntou se poderia ir para a cama, mas o Professor Lovell incentivou-o a ir para a sala de jantar.

— Não podes desapontar a Sra. Piper; ela esteve na cozinha a tarde toda. Pelo menos, empurra a comida no prato por um bocado.

A Sra. Piper e a sua cozinha tinham desfrutado de um reencontro glorioso. A mesa da sala de jantar, que parecia ridiculamente grande apenas para os dois, estava cheia com jarros de leite, pãozinhos brancos, cenouras e batatas assadas, molho, algo ainda a ferver numa terrina reforçada com prata e o que parecia ser um frango assado inteiro. Robin não comia desde aquela manhã; devia estar

faminto, mas estava tão exausto que a visão de toda aquela comida fez o seu estômago revirar-se.

Em vez disso, voltou os olhos para um quadro pendurado atrás da mesa. Era impossível ignorá-lo; dominava toda a sala. Representava uma bela cidade ao entardecer, mas não era Londres, achava ele. Parecia mais digna. Mais antiga.

— Ah. Isso — o Professor Lovell seguiu o olhar dele — é Oxford.

Oxford. Ele já tinha ouvido aquela palavra antes, mas não tinha a certeza onde. Tentou analisar o nome, da mesma forma que fazia com todas as palavras inglesas desconhecidas.

— Um... um centro de comércio de vacas?⁸ É um mercado?

— Uma universidade — disse o Professor Lovell. — Um lugar onde todas as grandes mentes da nação se podem reunir em investigação, estudo e instrução. É um lugar maravilhoso, Robin.

Ele apontou para um grande edifício abobadado no meio da pintura.

— Esta é a Biblioteca Radcliffe. E este — ele apontou para uma torre ao lado, o edifício mais alto da paisagem — é o Real Instituto de Tradução. É onde ensino e onde passo a maior parte do ano quando não estou em Londres.

— É maravilhoso — disse Robin.

— Oh, sim. — O Professor Lovell falou com um calor pouco característico. — É o sítio mais maravilhoso do mundo.

Ele afastou as mãos no ar, como se visse Oxford à sua frente.

— Imagina uma cidade de académicos, todos a investigar as coisas mais maravilhosas e fascinantes. Ciência. Matemática. Línguas. Literatura. Imagina edifício após edifício cheio com mais livros do que todos os que já viste em toda a tua vida. Imagina silêncio, solidão e um lugar sereno para pensar. — Ele suspirou. — Londres é uma confusão tagarela. É impossível fazer-se alguma coisa aqui; a cidade é demasiado barulhenta e exige demasiado de ti. Podes escapar para lugares como Hampstead, mas o núcleo gritante atraindo-te de volta, quer queiras quer não. Mas Oxford oferece todas as ferramentas de que precisas para o teu trabalho, comida, roupa, livros, chá, e depois deixa-te em paz. É o centro de todo o

conhecimento e inovação do mundo civilizado. E, se progredires suficientemente bem nos teus estudos aqui, poderás um dia ter a sorte de lhe chamares lar.

A única resposta apropriada ali parecia ser um silêncio reverente. O Professor Lovell olhou melancolicamente para o quadro. Robin tentou igualar o seu entusiasmo, mas não pôde deixar de olhar de soslaio para o professor. A suavidade nos seus olhos, o *anseio*, sobressaltaram-no. No pouco tempo em que o conhecia, Robin nunca tinha visto o Professor Lovell expressar tanto carinho por nada.

As aulas de Robin começaram no dia seguinte.

Assim que o pequeno-almoço terminou, o Professor Lovell instruiu Robin para se lavar e voltar para a sala de estar em dez minutos. Ali, aguardava um cavalheiro corpulento e sorridente chamado Sr. Felton — um licenciado com honras de Oxford, um homem da Faculdade de Oriel, notem — e, sim, ele iria garantir que Robin estaria à altura da velocidade em latim de Oxford. O rapaz estava a começar um pouco tarde, por comparação com os seus colegas, mas se estudasse com afinco, isso poderia ser facilmente remediado.

Assim começou uma manhã de memorização do vocabulário básico — *agricola, terra, aqua* —, o que era assustador, mas parecia fácil quando comparado com as explicações alucinantes de declinações e conjugações que se seguiram. Robin nunca tinha aprendido os fundamentos da gramática — ele sabia o que funcionava em inglês porque lhe *soava* correto —, portanto, ao aprender latim, aprendeu as partes básicas da própria linguagem. Nome, verbo, sujeito, predicado, cópula; depois os casos nominativo, genitivo e acusativo... Ele absorveu uma quantidade desconcertante de material nas três horas que se seguiram e já tinha esquecido metade quando a aula terminou, mas saiu com uma profunda apreciação pela linguagem e por todas as palavras para o que se pode fazer com ela.

— Está tudo bem, rapaz. — O Sr. Felton, felizmente, era um sujeito paciente e parecia solidário com a brutalidade mental a que tinha

submetido Robin. — Vais divertir-te muito mais depois de terminarmos de preparar o terreno. Espera até chegarmos a Cícero. — Ele olhou para as notas de Robin. — Mas tens de ter mais cuidado com a ortografia.

Robin não conseguia ver onde é que tinha errado.

— O que quer dizer?

— Esqueceste-te de quase todas as marcas mácron⁹.

— Oh. — Robin reprimiu um som de impaciência; estava com muita fome e só queria terminar para poder ir almoçar. — Essas.

O Sr. Felton bateu na mesa com os nós dos dedos.

— Até a duração de uma única vogal importa, Robin Swift. Considera a Bíblia. O texto hebraico original nunca especifica que tipo de fruto proibido a serpente convence Eva a comer. Mas em latim *malum* significa «mau» e *mālum* — ele escreveu as palavras para Robin ver, enfatizando o mácron com força — significa «maçã». A partir daí, foi um pequeno salto até se culpar a maçã pelo pecado original. Mas, tanto quanto sabemos, o verdadeiro culpado pode ser um dióspiro.

O Sr. Felton partiu à hora do almoço, depois de lhe atribuir uma lista de quase cem palavras de vocabulário para decorar até à manhã seguinte. Robin comeu sozinho na sala de estar, enfiando mecanicamente presunto e batatas na boca enquanto pestanejava sem compreender para a sua gramática.

— Mais batatas, querido? — perguntou a Sra. Piper.

— Não, obrigado. — A comida pesada, combinada com a letra minúscula das suas leituras, estava a deixá-lo sonolento. Sentia a cabeça a latejar; o que ele gostaria mesmo de fazer era dormir uma longa soneca.

Mas não houve nenhum alívio. Às duas em ponto, chegou à casa um cavalheiro magro de suíças grisalhas que se apresentou como Sr. Chester e, nas três horas seguintes, eles iniciaram a educação de Robin em grego antigo.

O grego era um exercício de tornar o familiar estranho. O seu alfabeto relacionava-se com o alfabeto romano, mas apenas parcialmente e, muitas vezes, as letras não soavam como pareciam

— um rho (P) não era um *P* e um eta (H) não era um *H*. Tal como o latim, fazia uso de conjugações e declinações, mas havia muito mais modos, tempos verbais e vozes para acompanhar. O seu inventário de sons parecia mais distante do inglês do que o do latim e Robin debatia-se para conseguir que os tons gregos não soassem como os chineses. O Sr. Chester era mais severo do que o Sr. Felton e ficava irritado e mal-humorado quando Robin errava continuamente as terminações verbais. No final da tarde, Robin sentia-se tão perdido que tudo o que conseguia fazer era repetir simplesmente os sons que o Sr. Chester lhe atirava.

O Sr. Chester foi-se embora às cinco, depois de também lhe atribuir uma montanha de leituras que magoavam Robin só de olhar para elas. Ele levou os textos para o seu quarto e depois, com a cabeça a girar, cambaleou até à sala de jantar para o jantar.

— Como foram as tuas aulas? — perguntou o Professor Lovell.

Robin hesitou.

— Foram bem.

A boca do Professor Lovell curvou-se num sorriso.

— É um pouco demais, não é?

Robin suspirou.

— Só um pouco, senhor.

— Mas essa é a beleza de aprendermos um novo idioma. *Deve* parecer um enorme empreendimento. Deve intimidar-te. Isso faz-te apreciar a complexidade dos que já conheces.

— Mas não vejo porque é que precisam de ser *tão* complicados — disse Robin com súbita veemência. Não o conseguiu evitar; a sua frustração vinha aumentando desde o meio-dia. — Quero dizer, porquê tantas regras? Porquê tantas *terminações*? O chinês não tem nada disso; não temos tempos, declinações ou conjugações. O chinês é muito mais simples...

— Estás errado nesse ponto — disse o Professor Lovell. — Cada língua é complexa à sua maneira. O latim insere simplesmente a sua complexidade na forma da palavra. A sua riqueza morfológica é uma mais-valia, não um obstáculo. Considera a frase *Ele irá aprender. Tā huì xué*. Três palavras em inglês e chinês. Em latim, só é precisa uma. *Disce*. Muito mais elegante, entendes?

Robin não tinha a certeza se entendia.

Esta rotina — latim de manhã, grego à tarde — tornou-se a vida de Robin no futuro próximo. Ele sentia-se grato por isso, apesar do trabalho. Por fim, tinha alguma estrutura nos seus dias. Sentia-se menos desenraizado e confuso agora — tinha um propósito, tinha um lugar e, embora ainda não conseguisse perceber porque é que esta vida lhe tinha calhado a *e/e* entre todos os rapazes das docas de Cantão, assumiu os seus deveres com uma diligência determinada e sem queixas.

Duas vezes por semana, praticava conversação com o Professor Lovell em mandarim.¹⁰ A princípio, não conseguia entender o objetivo. Aqueles diálogos pareciam-lhe artificiais, empolados e, acima de tudo, desnecessários. Ele já era fluente; não tropeçava na recordação do vocabulário nem nas pronúncias, como fazia quando ele e o Sr. Felton conversavam em latim. Porque é que tinha de responder a perguntas básicas tais como se gostara do jantar ou o que é que pensava do tempo?

Mas o Professor Lovell foi inflexível.

— As línguas são mais fáceis de esquecer do que imaginas — disse ele. — Assim que paras de viver no mundo do chinês, paras de pensar em chinês.

— Mas pensei que o senhor queria que eu comesse a pensar em inglês — disse Robin, confuso.

— Eu quero que *vivas* em inglês — disse o Professor Lovell. — Isso é verdade. Mas ainda preciso que pratiques o teu chinês. As palavras e frases que achas que estão esculpidas nos teus ossos podem desaparecer rapidamente.

Ele falava como se isso já tivesse acontecido antes.

— Tu cresceste com bases sólidas em mandarim, cantonês e inglês. És muito afortunado; há adultos que passam a vida toda a tentar alcançar o que tu tens. E, mesmo que consigam, atingem apenas uma fluência razoável, o suficiente para viverem, se pensarem bem e se se lembrarem do vocabulário antes de falarem, mas nada semelhante a uma fluência nativa na qual as palavras surgem espontaneamente, sem atraso ou esforço. Tu, por outro

lado, já dominas as partes mais difíceis de dois sistemas de linguagem; os sotaques e o ritmo, aquelas peculiaridades inconscientes que os adultos demoram uma eternidade para aprender e, mesmo assim, não de modo perfeito. Mas tens de os *manter*. Não podes desperdiçar os teus dons naturais.

— Mas não entendo — disse Robin. — Se os meus talentos estão no chinês, então, para que preciso de latim e grego?

O professor Lovell riu baixinho.

— Para entenderes o inglês.

— Mas eu sei inglês.

— Não tão bem como pensas. Muitas pessoas falam-no, mas poucas o *conhecem* verdadeiramente, as suas raízes e esqueletos. Mas tu precisas de conhecer a história, a forma e as profundezas de um idioma, principalmente se planeias manipulá-lo como um dia aprenderás a fazer. E também vais precisar de atingir esse domínio no chinês. Isso começa praticando com o que tens.

O Professor Lovell tinha razão. Robin descobriu que era surpreendentemente fácil perder um idioma que antes lhe parecera tão familiar como a sua própria pele. Em Londres, sem outro chinês à vista, pelo menos não nos círculos londrinos onde ele vivia, a sua língua materna soava a algaraviada. Pronunciada naquela sala de estar, o mais tipicamente inglês dos espaços, não parecia pertencer ali. Parecia inventada. E, às vezes, assustava-o a frequência com que a sua memória falhava, como as sílabas com as quais ele tinha crescido podiam de repente soar tão estranhas.

Ele esforçou-se duas vezes mais em chinês do que em grego e latim. Durante várias horas por dia, ele praticava a escrita dos seus caracteres, debruçando-se sobre cada pincelada até conseguir uma réplica perfeita dos caracteres impressos. Vasculhava a memória para recordar como eram as conversas em chinês, como o mandarim soava quando lhe saía naturalmente da boca, quando não precisava de fazer uma pausa para se lembrar do tom da próxima palavra que pronunciava.

Mas ele *estava* a esquecer. Isso aterrorizava-o. Às vezes, durante a prática de conversação, dava por si em branco em relação a uma palavra que costumava dizer constantemente. E às vezes soava,

aos seus próprios ouvidos, como um marinheiro europeu a imitar o chinês sem saber o que dizia.

Ele podia resolver isso, contudo. Ia resolvê-lo. Pela prática, pela memorização, pelas composições diárias; não era o mesmo que viver e respirar mandarim, mas aproximava-se. Ele estava numa idade em que a linguagem deixara uma impressão permanente na sua mente. Mas tinha de tentar, realmente tentar, para garantir que não parava de sonhar na sua língua natal.

Pelo menos três vezes por semana, o Professor Lovell recebia uma variedade de convidados na sua sala de estar. Robin supôs que também deviam ser académicos, pois muitas vezes chegavam com pilhas de livros ou manuscritos encadernados, sobre os quais se debruçavam e discutiam até altas horas da noite. Ele percebeu que vários desses homens falavam chinês e Robin escondia-se às vezes debruçado na balaustrada, a escutar o som imensamente estranho de ingleses a discutir os pontos mais subtis da gramática chinesa clássica durante o chá da tarde.

— É apenas uma partícula final — insistia um deles, enquanto os outros exclamavam: — Bem, nem *todas* podem ser partículas finais.

O Professor Lovell parecia preferir que Robin se mantivesse longe da vista quando tinha visitas. Nunca proibiu explicitamente a presença de Robin, mas fazia questão de dizer que o Sr. Woodbridge e o Sr. Ratcliffe chegariam para uma visita às oito, o que Robin interpretava como significando que devia desaparecer da vista.

Robin não tinha nenhum problema com esse arranjo. Reconhecidamen-

te, achava as conversas deles fascinantes — eles falavam frequentemente de coisas distantes, como expedições às Índias Ocidentais, negociações sobre estampas de algodão na Índia e distúrbios violentos em todo o Oriente Próximo. Mas, enquanto grupo, eram assustadores; uma procissão de homens solenes e eruditos, todos vestidos de preto como um bando de corvos, cada um mais intimidante do que o outro.

A única vez que ele invadiu uma dessas reuniões foi por acidente. Estava no jardim, a dar a sua volta diária recomendada pelo médico, quando ouviu o professor e os seus convidados a discutir em voz alta sobre Cantão.

— Napier é um idiota — dizia o Professor Lovell. — Está a mostrar as suas cartas demasiado cedo, não tem subtileza. O Parlamento não está pronto e, além disso, ele está a irritar os compradores.

— Acha que os Conservadores vão querer avançar a certa altura? — perguntou um homem com uma voz muito grave.

— Possivelmente. Mas terão de ter um domínio melhor sobre Cantão se quiserem levar os navios.

Nesse ponto, Robin não pôde deixar de arriscar entrar na sala de estar.

— O que é isso sobre Cantão?

Todos os cavalheiros se voltaram imediatamente para o fitar. Eram quatro, todos muito altos e todos de óculos ou monóculo.

— O que é isso sobre Cantão? — perguntou Robin de novo, subitamente nervoso.

— Chiu — disse o Professor Lovell. — Robin, os teus sapatos estão imundos, estás a deixar um rasto de lama por todo o lado. Tira-os e vai tomar banho.

Robin persistiu:

— O rei Jorge vai declarar guerra a Cantão?

— Ele não pode declarar guerra a Cantão, Robin. Ninguém declara guerra a cidades.

— Então, o rei Jorge vai invadir a China? — insistiu ele.

Por alguma razão, aquilo fez os cavalheiros rirem-se.

— Gostava que pudéssemos — disse o homem com a voz grave. — Tornaria todo este empreendimento muito mais fácil, não era?

Um homem com uma grande barba grisalha olhou atentamente para Robin.

— E onde estaria a tua lealdade? Aqui ou em casa?

— Meu Deus. — O quarto homem, cujos olhos azul-claros Robin achou enervantes, curvou-se para o inspecionar como se o fitasse através de uma enorme lupa invisível. — Este é o novo? É ainda mais parecido consigo do que o último...

A voz do Professor Lovell estalou pela sala como vidro.

— Hayward.

— Realmente, é *assombroso*. Quero dizer, olhem para os olhos dele. Não a cor, mas a *forma*...

— *Hayward*.

Robin olhou de um para o outro, perplexo.

— Já chega — disse o Professor Lovell. — Robin, *vai*.

Robin murmurou um pedido de desculpa e subiu a correr as escadas, esquecendo as botas enlameadas. Por cima do ombro, ouviu fragmentos da resposta do Professor Lovell: «Ele não sabe, não gosto de lhe dar ideias... Não, Hayward, não vou...» Mas, quando alcançou a segurança do patamar, onde se poderia inclinar sobre o corrimão e ouvir sem ser descoberto, eles já tinham mudado de assunto para o Afeganistão.

Naquela noite, Robin colocou-se diante do espelho a olhar fixamente para o seu rosto durante tanto tempo que, por fim, este começou a parecer-lhe estranho.

As suas tias gostavam de dizer que ele tinha o tipo de rosto que se podia encaixar em qualquer lado — os seus cabelos e olhos, ambos num tom mais suave de castanho do que o preto índigo apresentado pelo resto da sua família, poderiam plausivelmente defini-lo tanto como o filho de um marinheiro português ou o herdeiro do Imperador Qing. Mas Robin atribuíra sempre isso a algum arranjo accidental da natureza, que lhe atribuíra características que poderiam pertencer a qualquer ponto no espectro de ambas as raças, branca ou amarela.

Nunca se perguntara se poderia não ser um chinês de sangue puro.

Mas qual era a alternativa? Que o seu pai era branco? Que o seu pai era...

Olhem para os olhos dele.

Era uma prova incontestável, não era?

Então, porque é que o seu pai não reivindicava Robin como seu? Porque é que ele era apenas um pupilo e não um filho?

Mas, mesmo então, Robin não era demasiado jovem para compreender que havia algumas verdades que não podiam ser ditas, que a vida normal só era possível se nunca fossem reconhecidas. Ele tinha um teto sobre a cabeça, três refeições garantidas por dia e acesso a mais livros do que poderia ler em toda a sua vida. Não tinha, ele sabia, o direito de exigir mais nada.

Tomou uma decisão, então. Nunca questionaria o Professor Lovell, nunca sondaria o espaço vazio onde a verdade pertencia. Enquanto o Professor Lovell não o aceitasse como filho, Robin não tentaria reivindicá-lo como pai. Uma mentira não era mentira se nunca fosse dita; as perguntas que nunca eram feitas não precisavam de respostas. Ambos continuariam perfeitamente satisfeitos por permanecerem no espaço liminar e infinito entre a verdade e a negação.

Ele secou-se, vestiu-se e sentou-se à escrivaninha para terminar o seu exercício de tradução da noite. Ele e o Sr. Felton tinham agora passado para o *Agricola* de Tácito.

Auferre trucidare rapere falsis nominibus imperium atque ubi solitudinem faciunt pacem appellant.

Robin analisou a frase, consultou o seu dicionário para verificar se *auferre* queria dizer o que ele pensava e então escreveu a sua tradução.¹¹

Quando o período letivo de S. Miguel¹² começou, no início de outubro, o Professor Lovell partiu para Oxford, onde ficaria durante as próximas oito semanas. Faria isso em cada um dos três períodos académicos de Oxford, regressando apenas durante as pausas. Robin saboreava esses períodos; embora as suas aulas não parassem, parecia-lhe possível respirar e relaxar sem correr o risco de desapontar o seu tutor a cada passo.

Também significava que, sem o Professor Lovell a respirar por cima do seu ombro, ele tinha liberdade para explorar a cidade.

O Professor Lovell não lhe dava mesada, mas a Sra. Piper dava-lhe ocasionalmente alguns trocos para as passagens, que ele juntava até conseguir chegar a Covent Garden de carruagem. Quando soube, por um jornaleiro, do serviço de transportes puxado

por cavalos, passou a usá-lo quase todos os fins de semana, atravessando o coração de Londres desde Paddington Green a Bank. As suas primeiras viagens sozinho aterrorizaram-no; várias vezes, convenceu-se de que nunca mais iria encontrar o caminho de volta para Hampstead e ficaria condenado a viver a sua vida como um desamparado nas ruas. Mas persistiu. Recusou-se a deixar-se intimidar pela complexidade de Londres, pois não era Cantão, também, um labirinto? Decidiu fazer da cidade um lar percorrendo cada centímetro da mesma. Pouco a pouco, Londres tornou-se menos avassaladora, menos como uma caverna contorcida e a abarrotar de monstros que o poderiam engolir a cada esquina e mais como um labirinto navegável cujos truques e reviravoltas ele conseguia antecipar.

Ele leu a cidade. Londres na década de 1830 estava a explodir com a palavra impressa. Jornais, revistas, periódicos, trimestrais, semanais, mensais e livros de todos os géneros voavam das prateleiras, eram atirados para os degraus das portas e vendidos nas esquinas de quase todas as ruas. Ele debruçou-se sobre os exemplares do *The Times*, do *Standard* e do *Morning Post* nas bancas; leu, embora não compreendesse totalmente, artigos em revistas académicas como a *Edinburgh Review* e a *Quarterly Review*; leu jornais satíricos baratos como o *Figaro in London*, pseudonotícias melodramáticas como relatos vívidos de crimes e uma série sobre as confissões moribundas de prisioneiros condenados. Quanto a coisas mais baratas, ele divertia-se com a *Bawbee Bagpipe*. Deparou com uma série chamada *The Pickwick Papers*, escrita por alguém chamado Charles Dickens, que era muito engraçado, mas que parecia odiar bastante qualquer um que não fosse branco. Descobriu a Fleet Street, o coração da imprensa de Londres, onde os jornais saíam das impressoras ainda quentes. Voltou lá várias vezes, trazendo para casa de graça pilhas de jornais do dia anterior retirados dos montes que eram atirados para a esquina.

Não entendia metade do que lia, ainda que conseguisse decifrar todas as palavras individuais. Os textos estavam repletos de alusões políticas, piadas internas, gíria e convenções que ele nunca

tinha aprendido. Em vez de uma infância gasta a absorver tudo em Londres, ele tentou devorar o *corpus*, tentou vasculhar referências a coisas como conservadores, liberais, cartistas e reformadores e memorizar o que eram. Aprendeu o que eram as Leis dos Cereais e o que elas tinham que ver com um francês chamado Napoleão. Aprendeu quem eram os católicos e os protestantes e como as pequenas diferenças doutrinárias (achava ele, pelo menos) entre ambos os grupos eram, aparentemente, uma questão de grande e sangrenta importância. Aprendeu que ser inglês não era o mesmo que ser britânico, embora ainda tivesse dificuldade em articular a diferença entre os dois.

Ele leu a cidade e aprendeu a sua língua. Novas palavras em inglês eram um jogo para ele, pois, ao compreender a palavra, ficava sempre a perceber algo sobre a história ou a cultura inglesas. Deliciava-se quando palavras comuns eram, inesperadamente, formadas a partir de outras palavras que ele conhecia. *Atrevida* era um composto de *casa* e *esposa*. *Feriado* era uma mistura de *santo* e *dia*. *Confusão* vinha, de modo implausível, de *Belém*. *Adeus* era, incrivelmente, uma versão abreviada de *Deus esteja consigo*.¹³ No East End de Londres, encontrou a gíria por rimas *cockney*, que inicialmente representou um grande mistério, pois ele não fazia ideia de como Hampstead poderia significar «dentes».¹⁴ Mas assim que aprendeu o componente rímico omitido divertiu-se imenso a inventar os seus. (A Sra. Piper não achou muita graça quando ele se começou a referir ao jantar como a «refeição dos santos».)¹⁵

Muito depois de ter aprendido o significado verdadeiro de palavras e frases que antes o confundiam, a sua mente ainda formava associações engraçadas em torno delas. Imaginava o Governo¹⁶ como uma série de prateleiras enormes onde homens em trajes elegantes estavam dispostos como bonecos. Achava que os Liberais tinham recebido esse nome por causa das suas perucas e os Conservadores por causa da jovem Princesa Vitória.¹⁷ Imaginou que Marylebone era composta por mármore e osso, que Belgravia era uma terra de sinos e túmulos e que Chelsea recebia o nome das conchas e do mar.¹⁸ O Professor Lovell tinha uma prateleira com

diversos títulos de Alexander Pope na sua biblioteca e, durante um ano inteiro, Robin pensou que *The Rape of the Lock* era sobre fornicação com um parafuso de ferro em vez do roubo de cabelo.¹⁹

Aprendeu que uma libra valia vinte xelins e um xelim valia doze *pence* — uma maior clareza sobre florins, *groats* e *farthings* teria de vir com o tempo²⁰. Aprendeu que havia muitos tipos de britânicos, tal como havia muitos tipos de chineses, e que ser irlandês ou galês era diferente de ser inglês em aspetos importantes. Aprendeu que a Sra. Piper era de um lugar chamado Escócia, o que fazia dela escocesa e também explicava por que razão o seu sotaque, melodioso e rótico, soava tão diferente das entoações nítidas e diretas do Professor Lovell.

Aprendeu que Londres em 1830 era uma cidade que não conseguia decidir o que queria ser. A Cidade de Prata era o maior centro financeiro do mundo, a vanguarda da indústria e da tecnologia, mas os seus lucros não eram distribuídos de modo igualitário. Londres era tanto uma cidade de peças de teatro em Covent Garden e bailes em Mayfair como era uma cidade de bairros miseráveis apinhados em St. Giles. Londres era uma cidade de reformadores, um lugar onde nomes como William Wilberforce e Robert Wedderburn tinham defendido a abolição da escravidão; onde os tumultos de Spa Fields tinham terminado com os seus líderes a serem acusados de alta traição; onde os Owenistas tinham tentado que todos se juntassem às suas comunidades socialistas utópicas (ele ainda não tinha a certeza do que era o socialismo); e onde *Uma Vindicação dos Direitos da Mulher* de Mary Wollstonecraft, publicado apenas quarenta anos antes, inspirara ondas de feministas e sufragistas barulhentas e orgulhosas. Descobriu que no Parlamento, nas câmaras municipais e nas ruas, reformadores de todos os tipos lutavam pela alma de Londres, enquanto uma classe dominante conservadora e detentora de terras combatia essas tentativas de mudança a cada passo.

Ele não entendia essas lutas políticas, não naquela época. Apenas sentia que Londres, e a Inglaterra em geral, estavam muito divididas sobre o que eram e o que queriam ser. E percebia que a prata

estava por trás de tudo, pois quando os radicais escreviam sobre os perigos da industrialização e os conservadores refutavam esse facto com provas da expansão da economia; quando algum dos partidos políticos falava sobre bairros de lata, habitação, estradas, transportes, agricultura e indústria; quando alguém falava sobre a Grã-Bretanha e o futuro do Império, a palavra estava sempre presente nos jornais, nos panfletos, nas revistas e até nos livros de orações: *prata, prata, prata*.

Com a Sra. Piper, ele aprendeu mais do que imaginava ser possível sobre a comida inglesa e a Inglaterra. A adaptação a este novo paladar levou algum tempo. Ele nunca tinha pensado muito em comida quando vivia em Cantão — a papa de arroz, os pãozinhos cozidos ao vapor, as guiozas e os pratos de vegetais que compunham as suas refeições diárias pareciam-lhe normais. Eram os alimentos básicos da dieta de uma família pobre, muito longe da alta culinária chinesa. Agora, sentia-se surpreendido com o quanto sentia a falta deles. Os ingleses faziam uso regular de apenas dois sabores — salgado e não salgado — e pareciam não reconhecer nenhum dos outros. Para um país que lucrava tão bem com o comércio de especiarias, os seus cidadãos eram violentamente avessos a usá-las; em todo o tempo que passou em Hampstead, ele nunca provou um prato que pudesse ser adequadamente descrito como «temperado» e muito menos «picante».

Ele tinha mais prazer em aprender sobre a comida do que em comê-la. Essa educação veio sem ser solicitada — a querida Sra. Piper era do tipo tagarela e punha-se a explicar toda contente enquanto servia o almoço se Robin demonstrasse o mais pequeno interesse pelo que tinha no prato. Disseram-lhe que as batatas, que ele achava muito saborosas sob qualquer forma, não deviam ser servidas quando havia visitas importantes, pois eram consideradas de classe baixa. Descobriu que os recém-inventados pratos reforçados com prata eram usados para manter a comida quente durante uma refeição, mas que era rude revelar esse truque aos convidados e, portanto, as barras ficavam sempre embutidas no fundo das travessas. Aprendeu que a prática de servir a comida em

pratos sucessivos fora adotada dos franceses e que a razão pela qual isso ainda não era uma norma universal era um ressentimento persistente contra aquele homenzinho Napoleão. Aprendeu, mas não entendeu muito bem, as distinções subtis entre almoço, almoço formal e almoço leve. Descobriu que tinha de agradecer aos católicos pelos seus *cheesecakes* de amêndoa favoritos, dado que a proibição de ingerir laticínios durante os dias de jejum forçara os cozinheiros ingleses a inovar com leite de amêndoa.

Uma noite, a Sra. Piper apresentou-lhe um círculo redondo e achatado, uma espécie de massa assada cortada em fatias triangulares. Robin pegou numa e mordeu hesitantemente o canto. Era muito grossa e farinhenta, muito mais densa do que os pãezinhos brancos e fofos que a sua mãe costumava cozinhar ao vapor todas as semanas. Não era desagradável, apenas surpreendentemente pesado. Ele bebeu um grande gole de água para empurrar o bolo para baixo e perguntou:

— O que é isto?

— É um *bannock*, querido — disse a Sra. Piper.

— *Scone* — corrigiu o Professor Lovell.

— É mais precisamente um *bannock*...

— Os *scones* são os pedaços — disse o Professor Lovell. — O *bannock* é o bolo inteiro.

— Bem, veja, isto é um *bannock* e todas as peças também são *bannocks*. Os *scones* são aquelas coisas secas e quebradiças que vocês, ingleses, adoram enfiar na boca...

— Presumo que esteja a excluir os seus próprios *scones*, Sra. Piper. Ninguém em sã consciência acusaria os seus de serem secos.

A Sra. Piper não sucumbiu à lisonja.

— É um *bannock*. *Aqueles* são *bannocks*. A minha avó chamava-lhes *bannocks*, a minha mãe chamava-lhes *bannocks*, portanto são *bannocks*.

— Porque é que isso... porque é que se chamam *bannocks*? — perguntou Robin. O som da palavra fê-lo imaginar um monstro das colinas, uma coisa medonha e com garras que não ficaria satisfeita a menos que recebesse um sacrifício em pão.

— Por causa do latim — disse o Professor Lovell. — *Bannock* vem de *panicum*, que significa «pão assado».

Aquilo parecia plausível, embora decepcionantemente mundano. Robin deu outra dentada no *bannock*, ou *scone*, e desta vez saboreou a maneira espessa e satisfatória como ele lhe assentava no estômago.

Ele e a Sra. Piper criaram rapidamente uma ligação por causa do seu profundo amor por *scones*. Ela fazia-os de todas as formas — simples, servidos com um pouco de natas coaguladas e compota de framboesa; salgados e cravejados de queijo e alho; ou salpicados com pedaços de frutas secas. Robin gostava mais deles simples — porquê arruinar o que era, na sua opinião, perfeito desde a concepção? Acabara de aprender sobre as formas platônicas e estava convencido de que os *scones* eram o ideal platônico do pão. E as natas coaguladas da Sra. Piper eram maravilhosamente leves, com um ligeiro sabor a nozes e refrescantes ao mesmo tempo. Algumas famílias ferviam o leite no fogão durante quase um dia inteiro para obterem aquela camada de natas por cima, disse-lhe ela, mas no último Natal o Professor Lovell trouxera-lhe uma engenhoca em prataria que conseguia separar as natas em segundos.

Os *scones* simples eram os que o Professor Lovell gostava menos, portanto os *scones* de sultanas eram o alimento básico dos seus chás da tarde.

— Porque é que lhes chamam sultanas? — perguntou Robin. — São apenas passas, não são?

— Não tenho a certeza, querido — disse a Sra. Piper. — Talvez seja de onde elas vêm. *Sultana* soa bastante a oriental, não é? Richard, onde é que elas são cultivadas? Na Índia?

— Na Ásia Menor — disse o Professor Lovell. — E são sultanas, não sultões, porque não têm sementes.

A Sra. Piper piscou um olho a Robin.

— Ora, aí está. A diferença são as sementes.

Robin não entendeu a piada, mas sabia que não gostava de sultanas nos seus *scones*; quando o Professor Lovell não estava a

olhar, ele tirava as suas sultanas, cobria o *scone* com natas e enfiava-o na boca.

Além dos *scones*, o outro grande prazer de Robin eram os romances. As duas dúzias de volumes que ele recebera todos os anos em Cantão não passavam de uma gota de água. Agora, ele tinha acesso a uma verdadeira inundação. Nunca andava sem um livro, mas tinha de ser criativo para conseguir enfiar a leitura de lazer no seu horário — lia à mesa, enquanto devorava as refeições da Sra. Piper sem pensar duas vezes no que estava a meter na boca; lia enquanto caminhava pelo jardim, embora isso o deixasse tonto; até tentou ler no banho, mas as dedadas molhadas e enrugadas que deixou numa nova edição do *Coronel Jack* de Defoe envergonharam-no o suficiente para o fazer desistir da ideia.

Gostava de romances mais do que qualquer outra coisa. As novelas seriadas de Dickens eram boas e divertidas, mas um prazer maior era segurar o peso de uma história inteira e acabada nas suas mãos. Ele lia qualquer género que conseguisse arranjar. Gostava de toda a obra de Jane Austen, embora fosse preciso consultar bastante a Sra. Piper para entender as convenções sociais que Austen descrevia. (Onde ficava Antígua? E porque é que *Sir Thomas Bertram* ia continuamente para lá?²¹) Devorou a literatura de viagens de Thomas Hope e James Morier, através dos quais conheceu os gregos e os persas ou, pelo menos, uma versão fantasiosa deles. Gostou muito do *Frankenstein* de Mary Shelley, embora não pudesse dizer o mesmo dos poemas do seu marido menos talentoso, o qual achou excessivamente dramático.

Ao regressar de Oxford naquele primeiro semestre, o Professor Lovell levou Robin a uma livraria — a Hatchards em Piccadilly, mesmo diante da Fortnum & Mason. Robin parou do lado de fora da entrada pintada de verde, boquiaberto. Passara por livrarias muitas vezes durante os seus passeios pela cidade, mas nunca imaginara que tinha permissão para entrar numa. De alguma forma, tinha desenvolvido a ideia de que as livrarias eram apenas para os adultos ricos e que seria arrastado pela orelha até à rua se ousasse entrar.

O Professor Lovell sorriu ao ver Robin hesitar junto da porta.

— E esta é só uma loja para o público — disse ele. — Espera até veres a biblioteca de uma faculdade.

Lá dentro, o cheiro inebriante a pó de madeira dos livros recém-impressos era avassalador. Se o tabaco cheirasse assim, pensou Robin, ele fumaria todos os dias. Deu um passo em direção à estante mais próxima, com a mão timidamente erguida em direção aos livros em exibição, demasiado receoso de lhes tocar — pareciam tão novos e firmes; as suas lombadas estavam intactas, as suas páginas eram lisas e brilhantes. Robin estava habituado a tomos gastos e húmidos; até mesmo as suas gramáticas clássicas tinham décadas. Estas coisas brilhantes e recém-encadernadas pareciam uma classe de objetos diferente, coisas para serem admiradas à distância em vez de manuseadas e lidas.

— Escolhe um — disse o Professor Lovell. — Tens de conhecer a sensação de adquirires o teu primeiro livro.

Escolhe *um*? Apenas um, entre todos aqueles tesouros? Robin não conseguia distinguir um título do outro e estava demasiado deslumbrado com a quantidade de textos para folhear e decidir. Os seus olhos pousaram num título: *The King's Own* de Frederick Marryat, um autor que ele desconhecia, até então. Mas, pensou ele, novo era bom.

— Hum. Marryat. Não li nada dele, mas disseram-me que é popular junto dos rapazes da tua idade. — O Professor Lovell virou o livro nas mãos. — Este, então? Tens a certeza?

Robin assentiu. Se não decidisse agora, sabia que nunca mais sairia dali. Parecia um homem faminto numa pastelaria, deslumbrado perante as opções, mas não queria pôr à prova a paciência do professor.

Na rua, o professor entregou-lhe o pacote embrulhado em papel pardo. Robin abraçou-o contra o peito, esforçando-se para não o rasgar até voltarem para casa. Agradeceu profusamente ao Professor Lovell e só parou quando percebeu que isso deixava o professor um tanto desconfortável. Mas, então, o professor perguntou-lhe se gostava da sensação do livro novo nas mãos.

Robin concordou entusiasticamente e, pela primeira vez desde que se lembrava, eles trocaram sorrisos.

Robin tinha planeado guardar o livro até ao fim de semana, quando teria uma tarde inteira sem aulas para saborear lentamente as suas páginas. Mas quando chegou a tarde de quinta-feira, ele descobriu que não conseguia esperar. Depois de o Sr. Felton sair, ele devorou o prato de pão e queijo que a Sra. Piper tinha preparado e correu escada acima para a biblioteca, onde se aconchegou na sua poltrona favorita e começou a ler.

Ficou imediatamente encantado. *The King's Own* era um conto de façanhas navais; de vingança, ousadia e luta; de batalhas navais e viagens distantes. A sua mente deambulou para a sua própria viagem desde Cantão e ele reformulou essas memórias no contexto do romance, imaginou-se a lutar contra piratas, a construir jangadas, a ganhar medalhas por coragem e bravura...

A porta abriu-se com um rangido.

— Que estás a fazer? — perguntou o Professor Lovell.

Robin ergueu os olhos. A sua imagem mental da Marinha Real a navegar em águas agitadas era tão vívida que ele demorou um instante para se lembrar de onde estava.

— Robin — disse novamente o Professor Lovell —, *que estás a fazer?*

De repente, a biblioteca ficou muito fria; a tarde dourada escureceu. Robin seguiu o olhar do Professor Lovell até ao relógio por cima da porta. Tinha-se esquecido completamente do tempo. Mas aqueles ponteiros não podiam estar certos, não podiam ter passado *três horas* desde que ele se sentara para ler.

— Desculpe — disse ele, ainda um pouco atordoado. Sentia-se como um viajante vindo de muito longe, arrancado do oceano Índico e mergulhado naquele escritório escuro e frio. — Eu não... eu perdi a noção do tempo.

Ele não conseguia ler a expressão do Professor Lovell. Isso assustou-o. Aquela parede inescrutável, aquele vazio inumano, era infinitamente mais assustador do que a fúria teria sido.

— O Sr. Chester está lá em baixo há mais de uma hora — disse o Professor Lovell. — Eu não o teria deixado esperar nem dez minutos sequer, mas acabei de chegar a casa.

As entranhas de Robin contorceram-se de culpa.

— Lamento imenso, senhor...

— Que estás a ler? — interrompeu o Professor Lovell.

Robin hesitou por um instante e depois estendeu *The King's Own*.²²

— O livro que me comprou, senhor; há uma grande batalha a acontecer e eu só queria ver o que...

— Achas que importa qual é o tema desse livro infernal?

Nos anos seguintes, sempre que recordava aquela memória, Robin ficava chocado com o modo descarado como tinha agido a seguir. Ele devia estar absolutamente em pânico, porque, em retrospectiva, foi uma tolice absurda o modo como se limitou a fechar o livro de Marryat e se dirigiu para a porta, como se pudesse simplesmente descer para a aula, como se uma falha daquela magnitude pudesse ser tão facilmente esquecida.

Ao se aproximar da porta, o Professor Lovell fez recuar a mão e bateu com força com os nós dos dedos na face esquerda de Robin.

A força do golpe atirou-o ao chão. Ele registou mais o choque e menos a dor; a reverberação na suas têmporas não lhe *doeu*, não ainda — isso aconteceu mais tarde, depois de vários segundos se terem passado e o sangue lhe começar a subir à cabeça.

O Professor Lovell não tinha terminado. Quando Robin se pôs de joelhos, atordoado, o professor pegou no atizador que estava ao lado da lareira e fê-lo girar diagonalmente contra o lado direito do tronco de Robin. Depois, açoitou-o novamente. E outra vez.

Robin teria ficado mais assustado se tivesse suspeitado de que o Professor Lovell era capaz de violência, mas aquela sova foi tão inesperada, tão totalmente desconcertante, que lhe pareceu mais surreal do que qualquer outra coisa. Não lhe ocorreu implorar, chorar ou sequer gritar. Mesmo quando o atizador lhe estalou contra as costelas pela oitava, nona, décima vez — mesmo quando sentiu o gosto de sangue nos dentes —, tudo o que sentiu foi uma

profunda perplexidade por aquilo estar a acontecer. Parecia absurdo. Ele parecia estar preso num sonho.

O Professor Lovell também não parecia um homem no auge de uma fúria tempestuosa. Não estava a gritar; os seus olhos não estavam enlouquecidos; as suas faces nem sequer tinham ficado vermelhas. Com cada golpe forte e deliberado, parecia apenas estar a tentar infligir o máximo de dor com o mínimo de risco de lesão permanente. Porque ele não atingiu Robin na cabeça, nem aplicou força suficiente para partir as costelas de Robin. Não; causou apenas hematomas que podiam ser facilmente escondidos e que, com o tempo, desapareceriam completamente.

Ele sabia muito bem o que estava a fazer. Parecia já o ter feito antes.

Ao fim de doze golpes, tudo terminou. Com a mesma postura e precisão, o Professor Lovell voltou a colocar o atizador na lareira, deu um passo atrás e sentou-se à secretária, observando Robin em silêncio enquanto o rapaz se ajoelhava e limpava o sangue, o melhor que podia, do rosto.

Depois de um longo silêncio, ele falou.

— Quando te trouxe de Cantão, expliquei bem as minhas expectativas.

Um soluço formara-se finalmente na garganta de Robin, uma reação emocional retardada e sufocante, mas ele engoliu-o. Estava apavorado com o que o Professor Lovell faria se ele fizesse barulho.

— Levanta-te — disse o Professor Lovell friamente. — Senta-te.

Automaticamente, Robin obedeceu. Um dos seus molares parecia solto. Ele tocou-lhe, estremecendo quando um jorro de sangue fresco e salgado lhe cobriu a língua.

— Olha para mim — disse o Professor Lovell.

Robin ergueu os olhos.

— Bem, tens uma coisa boa — disse o Professor Lovell. — Quando levas uma sova, não choras.

O nariz de Robin formigou. As lágrimas ameaçavam brotar e ele esforçou-se para as conter. Sentia-se como se lhe estivessem a cravar uma estaca nas têmporas. Estava tão dominado pela dor que não conseguia respirar e, ainda assim, parecia que o mais

importante era não demonstrar nenhum sinal de sofrimento. Nunca se sentira tão miserável na vida. Queria morrer.

— Não vou tolerar preguiça nesta casa — disse o Professor Lovell.
— A tradução não é uma ocupação fácil, Robin. Exige concentração. Disciplina. Tu já estás em desvantagem por não teres estudado latim e grego desde cedo e tens apenas seis anos para compensar a diferença antes de começares em Oxford. Não podes preguiçar. Não podes perder tempo com devaneios.

Ele suspirou.

— Eu esperava, com base nos relatórios de *Miss Slate*, que te tivesses tornado um rapaz diligente e trabalhador. Vejo agora que estava errado. A preguiça e o engano são traços comuns entre a tua espécie. É por isso que a China continua a ser um país indolente e atrasado, enquanto os seus vizinhos correm em direção ao progresso. Vocês são, por natureza, tolos, de mente fraca e pouco inclinados para o trabalho duro. Tens de resistir a essas características, Robin. Tens de aprender a superar a poluição do teu sangue. Apostei muito na tua capacidade de o fazeres. Prova-me que valeu a pena ou compra a tua própria passagem de volta para Cantão. — Ele inclinou a cabeça. — Queres voltar para Cantão?

Robin engoliu em seco.

— Não.

Ele falava a sério. Mesmo depois daquilo, mesmo depois do sofrimento das suas aulas, ele não conseguia imaginar um futuro alternativo para si mesmo. Cantão significava pobreza, insignificância e ignorância. Cantão significava a peste. Cantão significava mais nenhum livro. Londres significava todos os confortos materiais que ele poderia desejar. Londres significava, um dia, Oxford.

— Então, decide agora, Robin. Dedicar-te a destacares-te nos teus estudos, faz os sacrifícios que isso implica e promete-me que nunca mais me envergonharás tanto. Ou apanha o primeiro pacote para casa. Voltarás para a rua, sem família, sem aptidões e sem dinheiro. Nunca mais terás o tipo de oportunidades que te estou a oferecer. Sonharás apenas com voltar a ver Londres e nem sequer verás Oxford. Nunca, *jámais* tocarás numa barra de prata. — O Professor

Lovell recostou-se, observando Robin com olhos frios e perscrutantes. — Então. Escolhe.

Robin sussurrou uma resposta.

— Mais alto. Em inglês.

— Lamento — disse Robin com a voz rouca. — Eu quero ficar.

— Ótimo. — O Professor Lovell levantou-se. — O Sr. Chester está à espera lá em baixo. Recompõe-te e vai para a aula.

De alguma forma, Robin conseguiu aguentar toda a aula, fungando, demasiado atordoado para se concentrar, com um grande hematoma a florescer-lhe na face enquanto o tronco latejava com uma dúzia de vergões invisíveis. Felizmente, o Sr. Chester não disse nada sobre o incidente. Robin percorreu uma lista de conjugações e errou todas. O Sr. Chester corrigiu-o pacientemente num tom agradável, embora forçado. O atraso de Robin não encurtou a aula — eles continuaram muito para lá da hora do jantar e aquelas foram as três horas mais longas da vida de Robin.

Na manhã seguinte, o Professor Lovell agiu como se nada tivesse acontecido. Quando Robin desceu para o pequeno-almoço, o professor perguntou-lhe se ele tinha terminado as traduções. Robin disse que sim. A Sra. Piper fez ovos e presunto para o pequeno-almoço e eles comeram num silêncio um tanto frenético. Doía-lhe quando mastigava e às vezes quando engolia — o rosto de Robin inchara ainda mais durante a noite —, mas, quando ele tossiu, a Sra. Piper apenas sugeriu que ele cortasse o presunto em pedaços mais pequenos. Todos terminaram o chá. A Sra. Piper retirou os pratos e Robin foi buscar os seus livros de latim antes que o Sr. Felton chegasse.

Nunca ocorreu a Robin fugir, nem nessa altura e nem uma única vez nas semanas que se seguiram. Qualquer outra criança poderia ter ficado assustada, poderia ter aproveitado a primeira oportunidade para escapar para as ruas de Londres. Qualquer outra criança, mais adaptada a um tratamento melhor e mais amável, poderia ter percebido que uma tal indiferença por parte de adultos como a Sra. Piper, o Sr. Felton e o Sr. Chester em relação a um rapaz de onze anos bastante maltratado era algo terrivelmente

errado. Mas Robin ficou tão grato por este regresso ao equilíbrio que não se conseguia ressentir sequer pelo que tinha acontecido.

Afinal, nunca mais voltou a acontecer. Robin garantiu que não aconteceria. Ele passou os seis anos seguintes a estudar até à exaustão. Com a ameaça de expatriação a pairar constantemente sobre si, ele dedicou a vida a tornar-se o aluno que o Professor Lovell queria ver.

O grego e o latim tornaram-se mais interessantes após o primeiro ano, depois de ele ter reunido as bases suficientes de cada idioma para juntar os fragmentos de significado por si mesmo. A partir de então, pareceu-lhe menos como estar a tatear no escuro sempre que encontrava um novo texto e mais como estar a preencher os espaços em branco. Descobrir a formulação gramatical precisa de uma frase que o frustrava dava-lhe o mesmo tipo de satisfação que sentia ao recolocar um livro na estante ou ao encontrar uma meia perdida — todas as peças se encaixavam e ficava tudo inteiro e completo.

Em latim, ele leu Cícero, Lívio, Virgílio, Horácio, César e Juvenal; em grego, abordou Xenofonte, Homero, Lísias e Platão. Com o tempo, percebeu que era muito bom nas línguas. A sua memória era forte e ele tinha um talento especial para tons e ritmo. Depressa alcançou um nível de fluência em grego e latim que deixaria qualquer estudante de Oxford com inveja. Com o tempo, o Professor Lovell parou de comentar sobre a sua inclinação herdada para a preguiça e, em vez disso, acenava com aprovação a cada atualização sobre o rápido progresso de Robin no cânone.

A história, entretanto, avançava em redor deles. Em 1830, o rei Jorge IV morreu e foi sucedido pelo seu irmão mais novo, Guilherme IV, o eterno transigente que não agradava a ninguém. Em 1831, outra epidemia de cólera varreu Londres, deixando trinta mil mortos atrás de si. A força do seu impacto recaiu sobre os pobres e os destituídos; aqueles que viviam em quartos apertados e apinhados e não conseguiam escapar dos miasmas contaminados uns dos outros.²³ Mas a zona de Hampstead permaneceu intocada — para o Professor Lovell e os seus amigos, nas suas remotas propriedades

muradas, a epidemia era algo que era mencionado de passagem e em relação ao qual se fazia um estremecimento de solidariedade, sendo depois rapidamente esquecido.

Em 1833, aconteceu algo muito importante — a escravidão foi abolida na Inglaterra e nas suas colónias, sendo substituída por um período de aprendizado de seis anos como transição para a liberdade. Entre os interlocutores do Professor Lovell, essa notícia foi recebida com o ligeiro desapontamento de uma partida de críquete perdida.

— Bem, isso arruinou as Índias Ocidentais para nós — queixou-se o Sr. Hallows. — Os abolicionistas e a sua maldita moralização. Ainda acredito que esta obsessão com a abolição é um produto da necessidade dos britânicos se sentirem culturalmente superiores, pelo menos, agora que perderam a América. E com que fundamento? Não é como se aquelas pobres criaturas não estivessem igualmente escravizadas em África sob aqueles tiranos a que chamam reis.²⁴

— Eu não desistiria das Índias Ocidentais ainda — disse o Professor Lovell. — Eles ainda permitem um tipo legal de trabalho forçado...

— Mas sem posse, e isso tira-lhe completamente a força.

— Talvez seja melhor assim, afinal, os libertos trabalham melhor do que os escravos, e a escravidão é, de facto, mais cara do que um mercado de trabalho livre...

— Você tem lido demasiado Smith. Hobart e MacQueen tinham a ideia correta; basta contrabandear um navio cheio de chineses²⁵ e isso resolve o problema. Eles são muito diligentes e ordeiros; o Richard deve saber...

— Não, o Richard acha que eles são preguiçosos, não é, Richard?

— Bem, o que *eu* desejo — interrompeu o Sr. Ratcliffe — é que todas essas mulheres parem de participar nesses debates antiescravatura. Elas identificam-se demasiado com a situação deles; isso põe-lhes ideias na cabeça.

— O quê? — perguntou o Professor Lovell. — A Sra. Ratcliffe está insatisfeita com a sua situação doméstica?

— Ela gostava de pensar que é um salto simples da abolição para o sufrágio feminino. — O Sr. Ratcliffe soltou uma risada desagradável. — Bem pode sonhar.

E, com isso, a conversa voltou-se para o absurdo dos direitos das mulheres.

Robin pensou que nunca iria entender aqueles homens, que falavam do mundo e dos seus movimentos como se fosse um grande jogo de xadrez, onde países e povos eram peças a serem movidas e manipuladas à vontade.

Mas se o mundo era um objeto abstrato para eles, era ainda mais abstrato para ele, pois Robin não tinha interesse investido em nenhum desses assuntos. Robin processou aquela era através do mundo míope da Residência Lovell. Reformas, revoltas coloniais, revoltas de escravos, sufrágio feminino e os mais recentes debates parlamentares nada significavam para ele. Tudo o que importava eram as línguas mortas diante dele e o facto de que um dia, um dia que se aproximava cada vez mais com o passar dos anos, ele iria matricular-se na universidade que conhecia apenas da pintura na parede — a cidade do conhecimento, a cidade dos pináculos sonhadores.

Tudo acabou sem circunstância e sem celebração. Um dia, enquanto arrumava os seus livros, o Sr. Chester disse a Robin que tinha gostado das suas aulas e que lhe desejava boa sorte na universidade. Foi assim que Robin descobriu que ia ser enviado para Oxford na semana seguinte.

— Ah, sim — disse o Professor Lovell quando lhe foi perguntado. — Esqueci-me de te dizer? Escrevi para a faculdade. Eles estão à tua espera.

Supostamente, teria havido um processo de candidatura, alguma troca de cartas de apresentação e garantias de financiamento que lhe tinham assegurado a sua posição. Robin não esteve envolvido com nada disso. O Professor Lovell informou-o simplesmente de que ele deveria mudar-se para os seus novos alojamentos em 29 de setembro, portanto, era melhor ter as malas feitas na noite do dia 28.

— Vais chegar alguns dias antes do início do semestre. Viajaremos juntos.

Na noite anterior à partida, a Sra. Piper cozinhou um prato de biscoitos para Robin, biscoitos pequenos, duros e redondos, tão ricos e quebradiços que se pareciam derreter na sua boca.

— São biscoitos amanteigados — explicou ela. — São muito ricos, portanto, não os comas todos de uma vez. Não os faço muito, porque o Richard acha que o açúcar estraga os rapazes, mas tu mereces.

— Biscoitos amanteigados — repetiu Robin. — Porque não duram muito?²⁶

Eles jogavam aquele jogo desde a noite do debate do *bannock*.

— Não, querido. — Ela riu-se. — É por causa do esfarelamento. A gordura «encurta» a massa. É isso que a palavra *encurtar* significa, sabes; é daí que a gordura para as massas obtém o seu nome.²⁷

Ele engoliu o pedaço doce e gorduroso e empurrou-o com um gole de leite.

— Vou sentir falta das suas aulas de etimologia, Sra. Piper.

Para sua surpresa, os olhos dela tornaram-se vermelhos nos cantos. A voz dela ficou mais espessa.

— Escreve para casa sempre que precisares de mantimentos — disse ela. — Não sei muito do que se passa nessas faculdades, mas sei que a comida deles é horrível.

⁶ William Blake, «Jerusalém», 1804.

⁷ Velocidade. (*N. da T.*)

⁸ Robin deduz o significado a partir dos componentes da palavra *Oxford*. *Ox*: boi e *Ford*: um baixio num rio; ponto de passagem a vau. (*N. da T.*)

⁹ Pequeno traço horizontal colocado sobre uma vogal para indicar que esta é longa. (*N. da T.*)

¹⁰ Como a família de Robin apenas tinha migrado para sul recentemente, ele crescera a falar mandarim e cantonês. Mas o seu cantonês, informava-o agora o Professor Lovell, podia ser esquecido. O mandarim era a língua da corte imperial Qing em Pequim, a língua dos funcionários públicos e académicos e, portanto, o único dialeto que importava.

Esta visão é um efeito secundário da dependência do percurso da Academia Britânica na escassa investigação ocidental anterior. O dicionário português-chinês de Matteo Ricci era sobre o dialeto mandarim que ele aprendera na corte Ming; os dicionários chineses de Francisco Varo, Joseph Prémare e Robert Morrison também eram de mandarim. Os sinólogos britânicos daquela época estavam, portanto, muito mais concentrados no mandarim do que em outros dialetos. Assim, Robin foi convidado a esquecer a sua língua natal preferida.

¹¹ «Roubo, carnificina e furto — a estas coisas eles chamam império e a onde criam um deserto chamam paz».

¹² Nome dado ao primeiro período em Oxford, por causa da Festa de S. Miguel que decorre em 29 de setembro. (*N. da T.*)

¹³ *Hussy* (mulher atrevida): *house* + *wife*; *holiday* (feriado): *holy* + *day*; *bedlam* (confusão, tumulto); *goodbye* (adeus): *God* + *be* + *with* + *you*. (*N. da T.*)

¹⁴ Hampstead Heath rima com dentes (*teeth*). Exemplo: «Ela ainda tem os *hampsteads* de leite todos.»

¹⁵ Jantar, pecador [*Dinner, sinner* no original (*N. da T.*)].

¹⁶ *Cabinet* (armário) é o nome dado ao governo em Inglaterra. (*N. da T.*)

¹⁷ *Whigs* (peruca) é o nome dado ao Partido Liberal e *Tories* (diminutivo de Victoria) ao Partido Conservador. (*N. da T.*)

¹⁸ *Marble* (mármore), *bone* (osso); *bell* (sino), *grave* (campa); *shell* (concha), *sea* (mar). (*N. da T.*)

¹⁹ Um erro razoável. Por *rape*, Pope quis dizer «arrebatar, tomar à força», um significado mais antigo derivado do latim *rapere*. [O título em português seria «O Roubo da Madeixa de Cabelo», com Robin a misturar a tradução das palavras *rape* (violação, roubo) e *lock* (madeixa de cabelo, fechadura). (*N. da T.*)]

²⁰ *Florins*, *groats* e *farthings* são subdivisões monetárias da libra usadas antes de 1971. (*N. da T.*)

²¹ Porque era dono de escravos.

²² Este seria o último título de Marryat que Robin alguma vez leria. E ainda bem. Os romances de Frederick Marryat, embora cheios de aventuras em alto mar e bravura que faziam deles os favoritos dos rapazes ingleses, também retratavam os negros como

escravos felizes e satisfeitos e os índios americanos como selvagens nobres ou bêbados dissolutos. Os chineses e os indianos eram descritos por ele como «raças de estatura inferior e figuras efeminadas».

23 Enquanto os jornais semanais registavam a contagem crescente de mortes, Robin perguntou à Sra. Piper porque é que os médicos não curavam simplesmente os doentes com prata, como o Professor Lovell fizera com ele. «A prata é cara», respondeu a Sra. Piper, e foi a última vez que falaram sobre isso.

24 Aqui, o Sr. Hallows esquece que a escravidão de propriedade pessoal, em que os escravos eram tratados como bens e não como pessoas, é uma invenção totalmente europeia.

25 De facto, após a libertação do Haiti, os britânicos começaram a brincar com a ideia de importar trabalhadores de outras raças, como os chineses («um povo sóbrio, paciente e trabalhador») como uma alternativa possível ao trabalho escravo africano. A experiência *Fortitude* de 1806 tentou estabelecer uma colónia de duzentos trabalhadores chineses em Trinidad para criar uma «barreira entre nós e os negros». A colónia falhou e a maioria dos trabalhadores depressa voltou para a sua China natal. Ainda assim, a ideia de substituir a mão de obra africana pela mão de obra chinesa permaneceu atraente para os empresários britânicos e seria continuamente revivida ao longo do século XIX.

26 Em inglês, o nome dos biscoitos é *Shortbread*, composto pelas palavras *short* (curto) e *bread* (pão). (*N. da T.*)

27 A Sra. Piper refere-se à palavra inglesa *shortening* que designa qualquer gordura sólida à temperatura ambiente (banha, margarina) usada para fazer bolos e bolachas quebradiços e outros produtos alimentícios. (*N. da T.*)

CAPÍTULO TRÊS

R

*Mas isso nunca acontecerá: para nós permanece
Uma cidade que não tem nada da besta,
Que não foi construída para ganhos materiais brutos,
O poder aguçado e lupino ou o banquete saturado do império.*

C.S. LEWIS, «Oxford»

Na manhã seguinte, Robin e o Professor Lovell apanharam um coche até uma estação no centro de Londres, onde foram transferidos para uma diligência com destino a Oxford. Enquanto esperavam para embarcar, Robin entreteve-se tentando adivinhar a etimologia de *diligência*²⁸. Carruagem era óbvio, mas porquê palco? Seria porque a carruagem plana e larga parecia um palco? Porque grupos inteiros de atores poderiam ter viajado desse modo ou atuado em cima de uma? Mas isso já era exagerar. Uma carruagem parecia-se com muitas coisas, mas ele não conseguia imaginar como é que um palco — uma plataforma pública elevada — seria a associação óbvia. Por que não carruagem cesto? Carruagem universal?²⁹

— Porque a viagem acontece por etapas — explicou o Professor Lovell quando Robin desistiu. — Os cavalos não querem fazer o caminho todo de Londres a Oxford e, geralmente, nós também não. Mas eu detesto pousadas para viajantes, portanto, vamos fazer a corrida de um dia; são cerca de dez horas sem paragens, portanto, usa o lavatório antes de irmos.

Eles partilhavam a diligência com outros nove passageiros — uma pequena família bem vestida de quatro pessoas e um grupo de cavalheiros desleixados com fatos pardos e cotoveleiras que Robin presumiu serem todos professores. Robin sentou-se espremido entre o Professor Lovell e um dos homens de fato. Era muito cedo

para conversas. Enquanto a carruagem balouçava sobre as pedras da calçada, os passageiros dormitavam ou olhavam fixamente em várias direções.

Demorou algum tempo para Robin perceber que a mulher à sua frente estava a fitá-lo por cima do seu tricô. Quando ele encontrou os olhos dela, ela virou-se prontamente para o Professor Lovell e perguntou:

— Isso é um oriental?

O Professor Lovell ergueu a cabeça, despertado do seu sono.

— Perdão?

— Estava a perguntar sobre o seu rapaz — disse a mulher. — Ele é de Pequim?

Robin olhou para o Professor Lovell, muito curioso de repente com o que ele poderia dizer.

Mas o Professor Lovell apenas abanou a cabeça.

— Cantão — disse ele secamente. — Mais a sul.

— Ah — disse a mulher, claramente desapontada quando ele não entrou em pormenores.

O Professor Lovell voltou a adormecer. A mulher olhou novamente para Robin de cima a baixo com uma curiosidade ansiosa e perturbadora, e depois voltou a sua atenção para os filhos. Robin permaneceu em silêncio. De repente, sentiu o peito muito apertado, embora não conseguisse perceber a razão.

As crianças não paravam de olhar para ele; tinham os olhos arregalados e as bocas escancaradas de uma forma que teria sido encantadora se não fizesse Robin sentir-se como se tivesse duas cabeças. Ao fim de algum tempo, o rapaz puxou a manga da mãe e fê-la baixar-se para lhe poder sussurrar ao ouvido.

— Oh. — Ela riu-se e olhou para Robin. — Ele quer saber se tu consegues ver.

— Eu... o quê?

— Se consegues ver? — A mulher levantou a voz e pronunciou bem cada sílaba, como se Robin tivesse dificuldade em ouvir. (Aquilo acontecera muitas vezes com Robin no *Condessa de Harcourt*; ele nunca conseguira perceber porque é que as pessoas tratavam aqueles que não percebiam inglês como se fossem

surdos.) — Com uns olhos assim, consegues ver tudo? Ou é apenas em pequenas fendas?

— Consigo ver perfeitamente bem — disse Robin calmamente.

O rapaz, desapontado, voltou a sua atenção para beliscar a irmã. A mulher voltou a tricotar como se nada tivesse acontecido.

A pequena família desceu em Reading. Robin descobriu que conseguia respirar com mais facilidade quando eles saíram. Também podia esticar as pernas para a frente, aliviando os joelhos rígidos, sem que a mãe lhe lançasse um olhar assustado e desconfiado, como se o tivesse apanhado no ato de lhe tentar meter a mão no bolso.

Os últimos cerca de quinze quilómetros até Oxford eram um trecho idílico de pastagens verdes, pontuadas pela manada de vacas ocasional. Robin tentou ler um guia intitulado *A Universidade de Oxford e as Suas Faculdades*, mas ficou com uma dor de cabeça latejante e, portanto, começou a dormir. Algumas diligências estavam equipadas com prataria para tornar a viagem tão suave como se fosse feita sobre patins, mas a deles era um modelo mais antigo e as sacudidelas constantes eram esgotantes. Ele acordou com o barulho das rodas sobre a calçada e olhou em redor para descobrir que tinham chegado ao meio da High Street, exatamente diante dos portões murados da sua nova casa.

Oxford era composta por vinte e duas faculdades, todas com os seus próprios complexos residenciais, brasões, refeitórios, costumes e tradições. Christ Church, Trinity, St. John's e All Souls ostentavam as maiores doações e, portanto, os espaços mais bonitos.

— Vais querer fazer amigos lá, nem que seja para dares uma olhadela aos jardins — disse o Professor Lovell. — Podes ignorar com segurança qualquer um de Worcester ou Hertford. Esses são pobres e feios — Robin não tinha a certeza se ele se estava a referir às pessoas ou aos jardins — e a comida deles é má.

Um dos outros cavalheiros lançou-lhe um olhar azedo quando eles desceram da carruagem.

Robin ia viver no University College. O seu guia informava que esta era habitualmente designada pelo nome de «Univ», que acolhia

todos os alunos matriculados no Real Instituto de Tradução e que, em termos estéticos, era «sombria e venerável, uma aparência digna da filha mais velha da universidade». Parecia sem dúvida um santuário gótico; a sua parede frontal era completamente composta por torreões e janelas uniformes contrastando com a pedra branca e lisa.

— Bem, aqui estás. — O Professor Lovell estava com as mãos enfiadas nos bolsos, parecendo ligeiramente desconfortável.

Agora que tinham ido ao alojamento do porteiro buscar as chaves de Robin e arrastado os baús de Robin desde o meio da High Street até ao passeio pavimentado, parecia óbvio que uma separação era iminente. O Professor Lovell simplesmente não sabia como o fazer.

— Bem — disse ele novamente. — Tens alguns dias antes do início das aulas, portanto, deves gastá-los a conhecer a cidade. Tens um mapa... sim, aí, embora o sítio seja tão pequeno que o vais aprender de cor ao fim de alguns passeios. Talvez devas procurar os membros da tua coorte; provavelmente, já se terão mudado para cá. A minha residência aqui é no norte, em Jericho; escrevi a morada para ti naquele envelope. A Sra. Piper juntar-se-á a mim lá na semana que vem e esperamos-te para jantar no sábado a seguir ao próximo. Ela vai ficar muito feliz por te ver. — Ele disse tudo aquilo como uma lista de verificação memorizada. Parecia ter dificuldade em fitar Robin nos olhos. — Estás pronto?

— Oh, sim — disse Robin. — Também ficarei muito feliz por ver a Sra. Piper.

Eles pestanejaram um para o outro. Robin sentiu que havia certamente outras palavras que deviam ser ditas, palavras para marcar esta ocasião — o seu crescimento, a saída de casa, a entrada na universidade — como sendo uma ocasião importante. Mas não conseguia imaginar que palavras poderiam ser essas e, aparentemente, o Professor Lovell também não.

— Bem, então. — O Professor Lovell fez-lhe um breve aceno de cabeça e virou-se ligeiramente na direção da High Street, como se a confirmar que já não era necessário. — Consegues tratar dos teus baús?

— Sim, senhor.

— Bem, então — disse novamente o Professor Lovell e depois regressou à High Street.

Foi uma frase estranha para terminar, duas palavras que sugeriam mais alguma coisa. Robin observou-o por um momento, quase esperando que ele se virasse, mas o Professor Lovell parecia concentrado apenas em chamar um coche. Era estranho, sim, mas isso não incomodava Robin. Era assim que as coisas tinham sido sempre entre eles: conversas inacabadas, palavras que era melhor ficarem por dizer.

Os aposentos de Robin ficavam no número 4, da Magpie Lane³⁰ — um edifício pintado de verde no meio do beco estreito e tortuoso que ligava a High Street à Merton Street. Havia já alguém parado diante da porta da frente, a remexer na fechadura. Tinha de ser um aluno novo — sacolas e baús estavam espalhados pela calçada em seu redor.

Ele não era claramente natural de Inglaterra, notou Robin quando se aproximou. O sul da Ásia era mais provável. Robin tinha visto marinheiros com a mesma coloração em Cantão, todos de navios que chegavam da Índia. O estranho tinha uma pele morena suave, uma constituição alta e graciosa e as pestanas mais compridas e escuras que Robin já vira. Os seus olhos moveram-se para cima e para baixo sobre o corpo de Robin antes de lhe pousarem no rosto, questionando — determinando, suspeitava Robin, quão estrangeiro Robin também era.

— Eu sou o Robin — exclamou Robin. — Robin Swift.

— Ramiz Rafi Mirza — pronunciou o outro rapaz com orgulho, estendendo a mão. Falava com uma dicção inglesa tão correta que soava quase como o Professor Lovell. — Ou apenas Ramy, se preferires. E tu... estás aqui para o Instituto de Tradução, não é?

— Sim — disse Robin e depois acrescentou, seguindo um palpite: — Sou de Cantão.

O rosto de Ramy relaxou.

— Calcutá.

— Acabaste de chegar?

— A Oxford, sim. A Inglaterra, não. Cheguei de navio há quatro anos, via Liverpool, e estive até agora enfiado numa grande e aborrecida propriedade em Yorkshire. O meu tutor queria que eu me aclimatasse à sociedade inglesa antes de me matricular.

— O meu também — disse Robin com entusiasmo. — O que achas?

— Tempo horrível. — Um dos lados da boca de Ramy curvou-se para cima. — É a única coisa que consigo comer aqui é peixe.

Fizeram um sorriso rasgado um para o outro.

Robin sentiu uma sensação estranha e explosiva no peito. Nunca conhecera outra pessoa na sua situação, nem nada parecido, e suspeitava fortemente de que, se continuasse a investigar, descobriria mais uma dúzia de semelhanças. Tinha mil perguntas, mas não sabia por onde começar. Seria Ramy também órfão? Quem era o seu patrocinador? Como é que era Calcutá? Ele tinha voltado lá desde então? O que é que o trouxera para Oxford? Ficou subitamente ansioso — a língua paralisou-lhe na boca e ele sentiu-se incapaz de escolher uma palavra — e havia também a questão das chaves e dos baús de ambos espalhados que faziam parecer que um furacão tinha esvaziado o porão de um navio no meio da rua...

— Será que devemos... — conseguiu Robin dizer.

E Ramy perguntou ao mesmo tempo:

— Vamos abrir aquela porta?

Riram-se ambos. Ramy sorriu.

— Vamos arrastar isto para dentro. — Ele tocou num baú com a ponta do pé. — E depois eu tenho uma caixa com uns doces muito bons que acho que devemos abrir, sim?

Os seus aposentos ficavam em frente um do outro separados por um corredor — os quartos seis e sete. Cada unidade era composta por um quarto grande e uma sala de estar equipada com uma mesa baixa, estantes vazias e um sofá. O sofá e a mesa pareciam demasiado formais, portanto, sentaram-se ambos de pernas cruzadas no chão do quarto de Ramy, pestanejando como crianças

tímidas enquanto olhavam um para o outro sem saberem o que fazer com as mãos.

Ramy tirou um embrulho colorido de um dos seus baús e colocou-o no chão entre eles.

— Um presente de despedida de *Sir* Horace Wilson, o meu tutor. Ele também me deu uma garrafa de vinho do Porto, mas deitei-a fora. Qual queres? — Ramy rasgou o pacote. — Há *toffee*, caramelo, amendoim quebradiço, chocolates e vários tipos de frutas cristalizadas...

— Oh, céus, quero um pouco de caramelo, obrigado. — Robin não falava com outra pessoa de idade próxima da sua desde que se conseguia lembrar.³¹ Só agora estava a perceber quanto queria um amigo, mas não sabia como arranjar um e a perspectiva de tentar e falhar aterrorizou-o de repente. E se Ramy o achasse chato? Irritante? Demasiado solícito?

Ele deu uma dentada no caramelo, engoliu-o e colocou as mãos no colo.

— Então — disse ele. — Fala-me de Calcutá.

Ramy sorriu.

Nos anos que se seguiram, Robin voltaria inúmeras vezes a esta noite. Sentia-se sempre estupefacto perante a sua alquimia misteriosa, pela facilidade com que dois estranhos mal socializados e criados de forma restritiva se tinham transformado em almas gémeas numa questão de minutos. Ramy parecia tão ruborizado e entusiasmado como Robin. Eles conversaram e conversaram. Nenhum tópico era tabu; tudo o que abordaram era um ponto de acordo instantâneo — os *scones* são melhores sem sultanas, obrigado — ou um motivo para um debate fascinante — não, Londres é encantadora, na verdade; vocês, ratos do campo, têm preconceitos porque sentem inveja. Apenas, não nades no Tamisa.

A certa altura, começaram a recitar poemas um para o outro — belas correntes de coplas em urdu que Ramy lhe disse chamarem-se *ghazals* e poesia Tang que Robin sinceramente não adorava, mas que soava de modo impressionante. E ele queria tanto impressionar Ramy. Este era tão espirituoso, tão culto e engraçado.

Tinha opiniões definidas e mordazes sobre tudo — a culinária britânica, as maneiras britânicas e a rivalidade Oxbridge («Oxford é maior do que Cambridge, mas Cambridge é mais bonita e, de qualquer forma, acho que eles só estabeleceram Cambridge como um excedente para o talento medíocre».) Ele tinha viajado por meio mundo; estivera em Lucknow, Madrasta, Lisboa, Paris e Madrid. Descrevia a sua Índia natal como um paraíso.

— As mangas, Birdie — (já tinha começado a chamar «Birdie» a Robin) —, são ridiculamente suculentas. Não consegues comprar nada parecido nesta pequena ilha lamentável. Há anos que não como uma. Daria qualquer coisa para ver uma verdadeira manga de Bengala.

— Li *As Mil e Uma Noites* — disse Robin, embriagado de emoção e tentando parecer também mundano.

— Calcutá não fica no mundo árabe, Birdie.

— Eu sei. — Robin corou. — Só quis dizer...

Mas Ramy já tinha mudado de assunto.

— Não me disseste que lias árabe!

— E não leio, li a tradução.

Ramy suspirou.

— De quem?

Robin esforçou-se por se lembrar.

— A de Jonathan Scott?

— Essa é uma tradução terrível. — Ramy acenou com o braço. — Deita-a fora. Por um lado, nem sequer é uma tradução direta, foi passada primeiro para francês e depois para inglês, e, depois, nem sequer é remotamente parecida com o original. Além disso, Galland, Antoine Galland, o tradutor francês, fez o possível para afrancesar o diálogo e apagar todos os pormenores culturais que achava que poderiam confundir o leitor. Ele traduz as concubinas de Haroun Alraschid por *dames ses favourites*. Senhoras favoritas. Como é que obténs «senhoras favoritas» a partir de «concubinas»? E ele corta completamente algumas das passagens mais eróticas e injeta explicações culturais sempre que lhe apetece. Diz-me, gostavas de ler uma obra épica com um francês trémulo a respirar em cima do teu pescoço em todas as partes atrevidas?

Ramy gesticulava freneticamente enquanto falava. Era óbvio que não estava verdadeiramente furioso, era apenas um jovem apaixonado e claramente brilhante, tão investido na verdade que precisava que o mundo inteiro soubesse. Robin recostou-se e observou o rosto encantador e agitado de Ramy, ao mesmo tempo surpreendido e encantado.

Ele poderia ter chorado, então. Tinha estado tão desesperadamente sozinho, só o percebendo neste momento, mas agora já *não estava* e a sensação era tão boa que ele não sabia o que fazer.

Quando finalmente ficaram com demasiado sono para terminarem as suas frases, metade dos doces tinham desaparecido e o chão de Ramy estava cheio de papéis. Bocejando, acenaram boa noite um ao outro. Robin tropeçou de volta para os seus próprios aposentos, fechou a porta e depois virou-se para encarar o espaço vazio. Esta era a sua casa pelos próximos quatro anos — a cama sob o teto baixo e inclinado onde acordaria todas as manhãs, a torneira a pingar sobre o lavatório onde lavaria o rosto, e a secretária no canto sobre a qual se debruçaria todas as noites, rabiscando à luz de velas até a cera pingar nas tábuas do soalho.

Pela primeira vez desde que chegara a Oxford, ocorreu-lhe que ia construir uma vida aqui. Imaginou-a estendendo-se diante de si: a acumulação gradual de livros e bugigangas naquelas estantes vazias; o desgaste das camisas de linho novas engomadas ainda guardadas no seu baú, a mudança das estações vista e ouvida através da janela estremecida pelo vento que não fechava bem por cima da sua cama. E Ramy, do outro lado do corredor.

Não seria assim tão mau.

A cama não estava feita, mas ele estava demasiado cansado para mexer nos lençóis ou procurar as cobertas, portanto, deitou-se de lado, aninhando-se, e tapou-se com o seu casaco. Em pouco tempo estava a dormir, sorrindo.

As aulas só começavam no dia 3 de outubro, o que deixava três dias inteiros em que Robin e Ramy estavam livres para explorar a cidade.

Aqueles foram três dos dias mais felizes da vida de Robin. Ele não tinha leituras nem aulas; nada de recitações ou composições para preparar. Pela primeira vez na sua vida, tinha total controlo da sua própria bolsa e horário e enlouqueceu de liberdade.

Passaram o primeiro dia a fazer compras. Foram à Ede & Ravenscroft tirar medidas para as capas; à Livraria Thornton para obter toda a lista do seu curso; às bancas de artigos domésticos no Cornmarket para comprar bules, colheres, roupa de cama e candeeiros Argand. Depois de adquirirem tudo o que supunham ser necessário para uma vida estudantil, descobriram ambos que lhes sobrava uma generosa porção das suas mesadas, a qual não corria o perigo de se esgotar — a sua bolsa permitia que recebessem a mesma quantia todos os meses.

Então, foram perdulários. Compraram sacos de nozes cristalizadas e caramelos. Alugaram os barcos da faculdade e passaram a tarde a empurrarem-se um ao outro até às margens do Cherwell. Foram ao café da Queen's Lane, onde gastaram uma quantia absurda numa variedade de doces que nenhum deles tinha jamais experimentado. Ramy gostava muito de panquecas — «Fazem a aveia saber *tão bem*», dizia ele, «percebo as alegrias de ser um cavalo» — enquanto Robin preferia uns pãezinhos doces e pegajosos, tão encharcados em açúcar que lhe faziam os dentes doer durante horas.

Em Oxford, eles destacavam-se de modo doloroso. Isso abalou Robin no início. Em Londres, que era um pouco mais cosmopolita, os estrangeiros nunca atraíram olhares tão prolongados. Mas os habitantes da cidade de Oxford pareciam ficar constantemente surpreendidos com a presença deles. Ramy atraía mais atenção do que Robin. Robin era estranho apenas quando visto de perto e sob certas luzes, mas Ramy era imediata e visivelmente diferente.

— Ah, sim — disse ele, falando com um sotaque exagerado que Robin nunca lhe ouvira antes, quando o padeiro lhe perguntou se ele era do Hindustão. — Tenho uma família bastante grande lá. Não diga a ninguém, mas eu pertenço à realeza, na verdade, sou o quarto na linha de sucessão ao trono. Que trono? Oh, apenas um regional; o nosso sistema político é muito complicado. Mas eu

queria experimentar uma vida normal, obter uma educação britânica adequada, sabe, então, deixei o palácio para vir para aqui.

— Porque é que falaste daquela maneira? — perguntou-lhe Robin quando já não podiam ser ouvidos. — E que queres dizer com pertenceres realmente à realeza?

— Sempre que me veem, os ingleses tentam determinar que tipo de história se encaixa melhor em mim — disse Ramy. — Ou sou um ladrão lascarim sujo, ou um criado em casa de algum nababo. E no Yorkshire percebi que é mais fácil se eles pensarem que sou um príncipe mogol.

— Eu sempre tentei passar despercebido — disse Robin.

— Mas isso é impossível para mim — disse Ramy. — Eu tenho de desempenhar um papel. Em Calcutá, todos nós contamos a história de Sake Dean Mahomed, o primeiro muçulmano de Bengala a tornar-se um homem rico em Inglaterra. Ele tem uma esposa irlandesa branca. Possui propriedades em Londres. E sabes como é que o fez? Abriu um restaurante, que faliu, e depois tentou ser contratado como mordomo ou criado, o que também falhou. Então, teve a brilhante ideia de abrir uma casa de champôs em Brighton. — Ramy riu-se. — Venham receber os vapores curativos! Sejam massajados com óleos indianos! Curam a asma e o reumatismo; curam a paralisia. Claro que nós não acreditamos em nada disso em casa, mas tudo o que Dean Mahomed teve de fazer foi atribuir-se a si mesmo algumas credenciais médicas, convencer o mundo desta cura oriental mágica e, então, eles passaram a comer da palma da sua mão. O que é que isso te diz, Birdie? Se eles vão contar histórias sobre ti, usa isso a teu favor. Os ingleses nunca vão pensar que sou elegante, mas se eu me encaixar na fantasia deles, pelo menos, vão pensar que sou da realeza.

Aquilo marcava a diferença entre eles. Desde a sua chegada a Londres, Robin tentara manter a cabeça baixa e assimilar, minimizar a sua diferença. Pensava que quanto mais normal parecesse, menos atenção chamaria. Mas Ramy, que não tinha escolha a não ser destacar-se, decidiu que mais valia deslumbrar. Era ousado ao extremo. Robin achava-o incrível e um pouco assustador.

— *Mirza* quer realmente dizer «príncipe»? — perguntou Robin, depois de ouvir Ramy declará-lo a um lojista pela terceira vez.

— Claro. Bem, na realidade, é um título; é derivado do persa *Amīrzādeh*, mas «príncipe» é suficientemente aproximado.

— Então, tu és...?

— Não. — Ramy soltou uma risada. — Bem, talvez em tempos. É a história da família, de qualquer forma; o meu pai diz que éramos aristocratas na corte mogol, ou algo assim. Mas já não.

— Que aconteceu?

Ramy lançou-lhe um longo olhar.

— Os britânicos, Birdie. Presta atenção.

Naquela tarde, eles pagaram demasiado dinheiro por uma cesta de pãezinhos, queijo e uvas doces, que levaram para fazer um piquenique numa colina em South Park, na parte leste do *campus*. Encontraram um local tranquilo perto de um conjunto de árvores, isolado o suficiente para que Ramy pudesse fazer a sua oração do pôr do sol, e sentaram-se de pernas cruzadas na relva, cortando o pão com as mãos e interrogando-se sobre as suas vidas com o fascínio ansioso de rapazes que, durante muitos anos, pensaram que eram os únicos na sua situação específica.

Ramy deduziu rapidamente que o Professor Lovell era o pai de Robin.

— Tem de ser, não é? Caso contrário, porque é que ele seria tão cauteloso em relação a isso? E, além disso, como é que ele conhecia a tua mãe? Será que ele sabe que tu sabes ou ainda está a tentar esconder?

Robin achou a franqueza dele alarmante. Estava tão habituado a ignorar o problema que era estranho ouvi-lo descrito em termos tão diretos.

— Não sei. Não faço ideia sobre nada, quero dizer.

— Hum. Ele parece-se contigo?

— Um pouco, acho. Ele ensina aqui, trata dos idiomas do Leste Asiático; vais conhecê-lo, vais ver.

— Nunca lhe perguntaste sobre isso?

— Nunca tentei — disse Robin. — Eu... Não sei o que ele diria. — Não, isso não era verdade. — Quero dizer, acho apenas que ele não responderia.

Eles conheciam-se há menos de um dia naquele momento, mas Ramy conseguia ler o rosto de Robin bem o suficiente para não forçar o assunto.

Ramy era muito mais aberto em relação às suas próprias origens. Passara os primeiros treze anos da sua vida em Calcutá — era o filho mais velho com três irmãs mais novas numa família empregada por um nababo rico chamado *Sir* Horace Wilson — e os quatro seguintes numa propriedade rural de Yorkshire, a estudar grego e latim e a tentar não arrancar os olhos de tédio, em consequência de ter impressionado Wilson.

— Sorte a tua teres estudado em Londres — disse Ramy. — Pelo menos, tinhas para onde ir aos fins de semana. Toda a minha adolescência foram colinas e charnecas e nenhuma pessoa com menos de quarenta anos por perto. Alguma vez viste o rei?

Este era outro talento de Ramy: mudava de assunto com tanta agilidade que Robin dava por si a debater-se para conseguir acompanhar.

— O Guilherme? Não, ele não aparece muito em público. Especialmente nos últimos tempos, com a Lei Fabril e a Lei dos Pobres; os reformadores estão sempre a fazer tumultos nas ruas, não seria seguro.

— Reformadores — repetiu Ramy com inveja. — *Sortudo*. Tudo o que acontecia em Yorkshire era um casamento ou dois. Às vezes as galinhas fugiam, já era um bom dia.

— Eu nunca participei — disse Robin. — Os meus dias eram bastante monótonos, para ser sincero. Um estudo interminável, tudo em preparação para aqui.

— Mas estamos aqui agora.

— Um brinde a isso. — Robin recostou-se com um suspiro. Ramy passou-lhe uma chávena. Tinha estado a misturar xarope de sabugueiro com mel e água e eles brindaram e beberam.

Do seu ponto privilegiado em South Park, podiam ver toda a universidade envolta num cobertor dourado ao pôr do sol. A luz fazia

os olhos de Ramy cintilarem e tornava a sua pele luminosa como bronze polido. Robin teve o impulso absurdo de tocar com a mão na face de Ramy; na verdade, quase ergueu o braço, antes que a sua mente lhe alcançasse o corpo.

Ramy olhou para ele. Uma madeixa de cabelo preto caiu-lhe sobre os olhos. Robin achou aquilo absurdamente encantador.

— Estás bem?

Robin recostou-se apoiado nos cotovelos, voltando a olhar para a cidade. O Professor Lovell tinha razão, pensou. Este era o lugar mais encantador da terra.

— Estou ótimo — disse ele. — Estou absolutamente perfeito.

Os outros residentes do número 4 de Magpie Lane chegaram no fim de semana. Nenhum deles era estudante de tradução. Apresentaram-se à medida que foram chegando: Colin Thornhill, um advogado em formação efusivo e de olhos arregalados, que falava apenas em parágrafos completos e sobre si mesmo; Bill Jameson, um ruivo afável que estudava para ser cirurgião e que parecia perpetuamente preocupado com o preço das coisas; e, no fim do corredor, um par de irmãos gémeos, Edgar e Edward Sharp, que estavam nominalmente no segundo ano a prosseguir uma educação nos Clássicos, mas que, como proclamaram em voz alta, estavam mais «interessados apenas no aspeto social até recebermos as nossas heranças».

No sábado à noite, reuniram-se para beber na sala comum ao lado da cozinha partilhada. Bill, Colin e os Sharps estavam todos sentados em redor da mesa baixa quando Ramy e Robin entraram. Tinham sido avisados para virem às nove, mas o vinho já fluía claramente há algum tempo — havia garrafas vazias espalhadas pelo chão em redor deles e os irmãos Sharp estavam encostados um ao outro, ambos visivelmente bêbados.

Colin estava a fazer uma preleção sobre as diferenças entre as capas dos alunos.

— Podes saber tudo sobre um homem pela sua capa — disse ele com importância. Tinha um sotaque peculiar, demasiado pronunciado e suspeitosamente exagerado que Robin não

conseguia identificar, mas que detestava. — A capa do solteiro dá uma volta no cotovelo e termina em ponta. A capa do cavalheiro-plebeu é de seda e pregueada nas mangas. A capa do plebeu não tem mangas, mas tem pregas nos ombros, e podes distinguir os bolsiros de assistência dos plebeus porque as capas daqueles não têm pregas e os seus bonés não têm borlas...

— Meu Deus — disse Ramy sentando-se. — Ele tem estado a falar disto este tempo todo?

— Há dez minutos, pelo menos — disse Bill.

— Oh, mas um traje académico adequado é da maior importância — insistiu Colin. — É assim que exibimos o nosso estatuto de homens de Oxford. É considerado um dos sete pecados capitais usar um boné de *tweed* normal com uma capa ou usar uma bengala com uma capa. E uma vez ouvi falar de um sujeito que, não conhecendo os tipos de capas, disse ao alfaiate que era um académico, portanto, claro, precisava de uma capa de académico. Mas acabou ridicularizado no salão no dia seguinte quando se descobriu que não era um académico, pois não ganhara nenhuma bolsa de investigação, sendo apenas um *plebeu* pagante...

— Então, que capas é que usamos? — interrompeu Ramy. — Só para saber se dissemos tudo corretamente ao nosso alfaiate.

— Depende — disse Colin. — És um cavalheiro-plebeu ou tens bolsa de assistência? Eu pago as mensalidades, mas nem toda a gente paga. Qual é o teu acordo com o tesoureiro?

— Não sei — disse Ramy. — Achas que as túnicas pretas servem? Tudo o que sei é que temos as pretas.

Robin fungou uma risada. Os olhos de Colin esbugalharam-se ligeiramente.

— Sim, mas as mangas...

— Deixa-o — disse Bill, sorrindo. — O Colin está muito preocupado com o estatuto.

— Eles levam as capas muito a sério aqui — disse Colin solenemente. — Li no meu guia. Não te deixam entrar nas palestras se não tiveres o traje adequado. Então, és um cavalheiro-plebeu ou tens bolsa de assistência?

— Eles não são nenhum dos dois. — Edward virou-se para Robin. — Vocês são Babblers, não são? Ouvi dizer que todos os Babblers têm bolsas de estudo.

— Babblers?³² — repetiu Robin. Era a primeira vez que ouvia o termo.

— Do Instituto de Tradução — disse Edward com impaciência. — Têm de ser, certo? Eles não deixariam a vossa laia entrar de outra maneira.

— A nossa laia? — Ramy ergueu uma sobrancelha.

— Então, o que é que tu és, afinal? — perguntou Edgar Sharp abruptamente. Parecia estar prestes a adormecer, mas fez um grande esforço para se endireitar, semicerrando os olhos como se tentasse ver Ramy através de uma névoa. — Um negro? Um turco?

— Sou de Calcutá — retorquiu Ramy. — O que faz de mim indiano, se preferires.

— Hum — disse Edward.

— «As ruas de Londres, onde o muçulmano de turbante, o judeu barbudo e o africano lanoso encontram o hindu moreno» — disse Edgar num tom cantante. Ao lado dele, o seu gêmeo soltou uma risada e tomou outro gole de Porto.

Pela primeira vez, Ramy não teve resposta; apenas pestanejou enquanto fitava Edgar, espantado.

— Certo — disse Bill, mexendo na orelha. — Bem.

— Isso é de Anna Barbauld? — perguntou Colin. — Uma poetisa maravilhosa. Não é tão hábil com os jogos de palavras como os poetas masculinos, é claro, mas o meu pai adora as coisas dela. Muito romântico.

— E tu és chinês, não és? — Edgar fixou o seu olhar embotado em Robin. — É verdade que os chineses partem os pés das mulheres com ligaduras para elas não poderem andar?

— O quê? — Colin fungou uma risada. — Isso é ridículo.

— Eu li sobre isso — insistiu Edgar. — Diz-me, isso pretende ser erótico? Ou é apenas para elas não poderem fugir?

— Quero dizer... — Robin não tinha ideia de por onde começar. — Não é feito em todo o lado; a minha mãe não tinha os pés ligados e,

de onde eu venho, há muita oposição a isso...

— Então, é verdade — exclamou Edgar. — Meu Deus. Vocês são perversos.

— Vocês bebem realmente a urina de crianças como remédio? — perguntou Edward. — Como é que a recolhem?

— E se te calasses e te limitasses a pingar vinho pela camisa? — disse Ramy bruscamente.

Qualquer esperança de fraternidade desapareceu rapidamente depois daquilo. Foi proposta uma ronda de *whist*, mas os irmãos Sharp não conheciam as regras e estavam demasiado bêbados para aprender. Bill desculpou-se com uma dor de cabeça e foi dormir cedo. Colin fez outro longo discurso sobre as complexidades da etiqueta universitária, incluindo a longa oração latina que sugeriu que todos aprendessem de cor naquela noite, mas ninguém o ouviu. Numa estranha demonstração de contrição, os irmãos Sharp fizeram então a Robin e Ramy algumas perguntas educadas, embora fúteis, sobre tradução, mas tornou-se claro que não estavam muito interessados nas respostas. Qualquer companhia respeitada de que os Sharps estivessem à procura em Oxford, claramente não a tinham encontrado ali. Em meia hora o convívio terminou e todos voltaram para os seus respetivos quartos.

Tinha-se falado naquela noite sobre um pequeno-almoço na casa, mas quando Ramy e Robin apareceram na cozinha na manhã seguinte encontraram um bilhete para eles em cima da mesa.

Fomos a um café que os Sharps conhecem em Iffley. Achei que vocês não iam gostar — até logo. — CT

— Suponho — disse Ramy secamente — que vamos ser nós e eles.

Robin não se importava nada com isso.

— Eu gosto de apenas nós.

Ramy lançou-lhe um sorriso.

Passaram o terceiro dia juntos, visitando as joias da universidade. Em 1836, Oxford estava numa era de transformação — tornando-se uma criatura insaciável que se alimentava da riqueza que gerava.

As faculdades estavam em constante renovação: comprando mais terras da cidade, substituindo edifícios medievais por salões mais novos e encantadores, construindo novas bibliotecas para abrigar coleções recém-adquiridas. Quase todos os edifícios de Oxford tinham um nome — derivado não da função ou da localização, mas do indivíduo rico e poderoso que inspirara a sua criação. Havia o enorme e imponente Museu Ashmolean, que abrigava o gabinete de curiosidades doado por Elias Ashmole, que incluía uma cabeça de dodó, crânios de hipopótamos e um chifre de ovelha de sete centímetros de comprimento que supostamente teria crescido da cabeça de uma velha de Cheshire chamada Mary Davis; a Biblioteca Radcliffe, uma biblioteca abobadada que, de alguma forma, parecia ainda maior e mais grandiosa por dentro do que por fora; e o Teatro Sheldonian, rodeado por enormes bustos de pedra conhecidos como as Cabeças do Imperador, todas com o aspeto de homens normais que tinham tropeçado na Medusa.

E havia a Bodleian — oh, a Bodleian, um tesouro nacional por direito próprio: lar da maior coleção de manuscritos de Inglaterra («Cambridge tem apenas cem mil títulos», fungou o funcionário que os admitiu, «e a de Edimburgo só contém uns insignificantes sessenta e três»), cuja coleção continuava a expandir-se sob a orgulhosa liderança do Reverendo Doutor Bulkeley Bandinel, que tinha um orçamento de compra de livros de quase 2000 libras por ano.

Foi o próprio Reverendo Doutor Bandinel quem os veio receber na sua primeira visita à biblioteca e os guiou até à Sala de Leitura dos Tradutores.

— Não podia deixar um funcionário fazer isto — suspirou ele. — Normalmente, deixamos os idiotas vaguearem por conta própria e pedirem informações se se perderem. Mas vocês, tradutores, apreciam realmente o que se passa aqui.

Era um homem corpulento de olhos descaídos e um comportamento igualmente descaído, cuja boca parecia permanentemente retorcida numa carranca. No entanto, enquanto se movia pelo edifício, os seus olhos iluminavam-se com genuíno prazer.

— Vamos começar nas alas principais e depois seguiremos para o Duke Humphreys. Acompanhem-me e estejam à vontade para dar uma olhadela, os livros foram feitos para serem tocados, senão são inúteis, portanto, não fiquem nervosos. Estamos muito orgulhosos das nossas últimas grandes aquisições. Temos a coleção de mapas de Richard Gough doada em 1809; o Museu Britânico não a quis, dá para acreditar? E também a doação de Malone há cerca de dez anos; expandiu muito os nossos materiais de Shakespeare. Ah, e há apenas dois anos, recebemos a coleção Francis Douce. São treze mil volumes em francês e inglês, embora eu suponha que nenhum de vocês seja especializado em francês... Árabe? Oh, sim, por aqui; o Instituto tem a maior parte do material árabe de Oxford, mas tenho alguns volumes de poesia do Egito e da Síria que vos podem interessar...

Eles deixaram a Bodleian atordoados, impressionados e um pouco intimidados pela quantidade de material à sua disposição. Ramy fez uma imitação da papada do Reverendo Doutor Bandinel, mas não conseguiu invocar nenhuma verdadeira malícia; era difícil desprezar um homem que adorava tão claramente o acúmulo de conhecimento por puro amor ao conhecimento.

Terminaram o dia com um passeio pelo University College dado por Billings, um porteiro sénior. Afinal, até agora, eles tinham visto apenas um pequeno canto da sua nova casa. A faculdade, que ficava logo a leste das casas em Magpie Lane, ostentava dois pátios quadrados verdes e uma disposição de edifícios de pedra que faziam lembrar as torres de um castelo. Enquanto caminhavam, Billings desfiou uma lista de nomes e as biografias desses nomes, incluindo doadores, arquitetos e outras figuras importantes.

— ... agora, as estátuas sobre as entradas são da Rainha Ana e da Rainha Maria e, no interior, de Jaime II e do Dr. Radcliffe... E aquelas maravilhosas janelas em vitral na capela foram feitas por Abraham van Linge em 1640, sim, resistiram muito bem, e o vidreiro Henry Giles de York fez a janela leste... Não há serviço a decorrer, portanto, podemos dar uma olhadela lá dentro; sigam-me.

Dentro da capela, Billings parou diante de um monumento em baixo-relevo.

— Suponho que saibam quem é, sendo estudantes de tradução e tudo o mais.

Eles sabiam. Robin e Ramy ouviam o nome constantemente desde a sua chegada a Oxford. O baixo-relevo era um memorial ao antigo aluno do University College, um génio amplamente reconhecido que, em 1786, publicara um texto fundamental identificando o protoindo-europeu como uma língua predecessora que ligava o latim, o sânscrito e o grego. Era agora, talvez, o tradutor mais conhecido do continente, exceto pelo seu sobrinho, o recém-formado Sterling Jones.

— É *Sir William Jones*. — Robin achou a cena retratada no friso um tanto desconcertante. Jones estava posicionado diante de uma escrivaninha, com uma perna cruzada arrogantemente sobre a outra, enquanto três figuras, claramente destinadas a serem indianos, se sentavam submissamente no chão diante dele como crianças a receberem uma lição.

Billings parecia orgulhoso.

— Isso mesmo. Aqui está ele, a traduzir um resumo das leis hindus, e temos alguns brâmanes no chão a ajudá-lo. Somos, acredito, a única faculdade cujas paredes estão decoradas com indianos, mas a Univ teve sempre uma ligação especial com as colónias.³³ E aquelas cabeças de tigre, como sabem, são emblemáticas de Bengala.

— Porque é que ele é o único com uma mesa? — perguntou Ramy. — Porque é que os brâmanes estão no chão?

— Bem, suponho que os hindus prefiram assim — disse Billings. — Eles gostam de se sentar de pernas cruzadas, sabe, porque acham mais confortável.

— Muito esclarecedor — disse Ramy. — Não fazia ideia.

Eles passaram a noite de domingo nas profundezas das estantes bodleianas. Tinham recebido uma lista de leituras quando se matricularam, mas diante de um súbito dilúvio de liberdade ambos a tinham deixado de lado até ao último momento possível. A Bodleian devia fechar às 20 h aos fins de semana. Eles chegaram à entrada às 19h45, mas a menção do Instituto de Tradução parecia ter

imenso poder, pois quando Ramy explicou o que precisavam, os funcionários disseram que eles poderiam ficar até mais tarde se quisessem. As portas estariam destrancadas para os empregados da noite e eles poderiam sair quando quisessem.

Quando emergiram das estantes, com as sacolas carregadas de livros e tontos de semicerrarem os olhos para verem as letras minúsculas, o Sol já se tinha posto há muito. À noite, a Lua conspirava com os candeeiros de rua para banhar a cidade num brilho fraco e sobrenatural. A calçada debaixo dos seus pés parecia uma estrada que conduzia a séculos diferentes. Esta poderia ser a Oxford da Reforma ou a Oxford da Idade Média. Eles moviam-se num espaço intemporal, partilhado pelos fantasmas dos académicos do passado.

O percurso de volta para a faculdade demorava menos de cinco minutos, mas eles seguiram por um desvio pela Broad Street para alongarem a caminhada. Era a primeira vez que saíam até tão tarde; queriam saborear a cidade à noite. Moviam-se em silêncio, nenhum dos dois se atrevendo a quebrar o feitiço.

Uma gargalhada flutuou no ar, vinda do outro lado das paredes de pedra, quando eles passaram pelo New College. Ao virarem para a Holywell Lane, viram um grupo de seis ou sete estudantes, todos vestidos com capas pretas, que pelo oscilar do seu passo não deviam ter acabado de sair de uma palestra, mas sim de um bar.

— Serão da Balliol? — murmurou Ramy.

Robin riu-se.

Estavam no University College há três dias, mas já tinham aprendido a hierarquia das faculdades e os estereótipos associados. Exeter era educada, mas pouco intelectual; Brasenose era turbulenta e cheia de vinho. As vizinhas Queen's e Merton podiam ser ignoradas com segurança. Os rapazes de Balliol, que pagavam as mensalidades mais altas da universidade, a seguir a Oriel, eram mais conhecidos por terem grandes contas nos *pubs* do que por comparecerem às aulas.

Os alunos olharam na direção deles enquanto se aproximavam. Robin e Ramy acenaram-lhes e alguns deles acenaram de volta, um reconhecimento mútuo entre cavalheiros da universidade.

A rua era larga e os dois grupos caminhavam em lados opostos. Teriam passado uns pelos outros sem comoção, só que um dos rapazes apontou de repente para Ramy e gritou:

— O que é aquilo? Vocês viram aquilo?

Os amigos puxaram-no, rindo.

— Vamos, Mark — disse um. — Deixa-os...

— Esperem — disse o rapaz chamado Mark. Ele empurrou os amigos. Ficou parado na rua, a semicerrar os olhos para Ramy com uma concentração bêbada. A sua mão pairava no ar, ainda a apontar. — Olhem para o rosto dele, vocês veem?

— Mark, por favor — disse o rapaz mais adiante na rua. — Não sejas idiota.

Nenhum deles estava a rir agora.

— É um hindu — disse Mark. — O que é que um hindu está a fazer aqui?

— Eles visitam-nos às vezes — disse um dos outros rapazes. — Lembras-te dos dois estrangeiros na semana passada, aqueles sultões persas ou lá o que eram...

— Acho que sim, aqueles tipos de turbante...

— Mas ele tem uma capa. — Mark levantou a voz para Ramy. — Ei! Tens uma capa para quê?

O seu tom tornara-se cruel. A atmosfera já não era tão cordial; a fraternidade académica, se é que alguma vez existira, evaporara-se.

— Tu não podes usar uma capa — insistiu Mark. — Tira isso.

Ramy deu um passo à frente.

Robin agarrou-lhe o braço.

— Não.

— Olá, estou a falar contigo. — Mark estava agora a atravessar a rua na direção deles. — Qual é o problema? Não sabes falar inglês? Tira essa capa, estás a ouvir? Tira-a.

Ramy queria claramente lutar — tinha os punhos cerrados e os joelhos dobrados em preparação para saltar. Se Mark se aproximasse mais, esta noite terminaria em sangue.

Então, Robin começou a correr.

Detestou fazê-lo, sentiu-se um covarde, mas era o único ato que conseguia imaginar que não terminava em catástrofe. Porque ele

sabia que Ramy, chocado, iria segui-lo. De facto, segundos depois, ouviu os passos de Ramy atrás de si, a sua respiração pesada e as pragas que ele murmurava baixinho enquanto corriam pela Holywell.

As gargalhadas — pois houve risos novamente, embora já não nascidos da alegria — pareceram aumentar atrás deles. Os rapazes da Balliol celebraram como macacos; as suas risadas estendiam-se juntamente com as suas sombras nas paredes de tijolo. Por um instante, Robin sentiu-se apavorado por poderem estar a ser perseguidos, receou que os rapazes estivessem logo atrás deles, com os seus passos a martelar à sua volta. Mas era apenas o sangue a trovejar nos seus ouvidos. Os rapazes não os tinham seguido; estavam demasiado bêbados, ficavam facilmente divertidos e, com certeza, já se tinham distraído em busca do seu próximo entretenimento.

Mesmo assim, Robin não parou até chegarem à High Street. O caminho estava livre. Estavam sozinhos no escuro, ofegantes.

— Merda — murmurou Ramy. — Merda...

— Lamento — disse Robin.

— Não lamentos — disse Ramy, embora não encontrasse os olhos de Robin. — Agiste bem.

Robin não tinha a certeza se algum deles acreditava nisso.

Estavam muito mais longe de casa agora, mas, pelo menos, estavam novamente debaixo dos candeeiros, onde podiam ver os problemas a aproximarem-se a uma maior distância.

Caminharam durante algum tempo em silêncio. Robin não conseguia pensar em nada adequado para dizer; todas as palavras que lhe vinham à mente morriam imediatamente na sua língua.

— Merda — disse Ramy novamente. Ele parou abruptamente com uma mão na sacola. — Acho... espera. — Vasculhou os livros e, então, praguejou novamente. — Deixei o meu caderno para trás.

As entranhas de Robin reviraram-se.

— Em Holywell?

— Na Bod. — Ramy apertou a cana do nariz com os dedos e gemeu. — E sei onde... mesmo no canto da mesa; ia colocá-lo por cima porque não queria amarrotar as páginas, só que fiquei tão cansado que me devo ter esquecido.

— Não podes deixar para amanhã? Acho que os funcionários não lhe vão mexer e, se o fizerem, podemos simplesmente pedir...

— Não, tem as minhas notas de revisão e estou com medo de que nos obriguem a fazer uma recitação amanhã. Vou só voltar...

— Eu vou buscá-lo — disse Robin rapidamente. Parecia o mais correto a fazer; parecia uma compensação.

Ramy franziu a testa.

— Tens a certeza?

Não havia resistência alguma na sua voz. Ambos sabiam o que Robin não diria em voz alta — que Robin, pelo menos, conseguia passar por branco no escuro, e se Robin encontrasse os rapazes Balliol sozinho, eles não olhariam duas vezes.

— Demoro menos de vinte minutos — jurou Robin. — Deixo-o à tua porta quando voltar.

R

Oxford assumiu um ar sombrio agora que ele estava sozinho; as luzes já não eram quentes, mas sim sinistras, esticando e distorcendo a sua sombra contra as pedras da calçada. A Bodleian estava trancada, mas um funcionário da noite viu-o a acenar à janela e deixou-o entrar. Era, felizmente, um dos funcionários de antes e deixou Robin entrar na ala oeste sem perguntas. A Sala de Leitura estava escura como breu e gelada. As lâmpadas estavam todas apagadas. Robin mal conseguia ver com apenas o luar que entrava pelo outro extremo da sala. Tremendo, pegou no caderno de Ramy, enfiou-o na sua sacola e apressou-se a sair pela porta.

Tinha acabado de passar pelo pátio quando ouviu sussurros.

Devia ter acelerado o passo, mas algo — o tom, a forma das palavras — o obrigou a parar. Só depois de fazer uma pausa para apurar os ouvidos é que percebeu que estava a ouvir chinês. Uma palavra chinesa, pronunciada repetidamente com urgência crescente.

— *Wúxíng*.

Robin contornou cautelosamente a esquina murada.

Havia três pessoas no meio da Holywell Street, todos jovens, magros e vestidos inteiramente de preto, dois homens e uma

mulher. Estavam a debater-se com um baú. O fundo devia ter caído, porque havia barras de prata inconfundíveis espalhadas pela calçada.

Os três olharam para cima quando Robin se aproximou. O homem que sussurrava furiosamente em chinês estava de costas para Robin; virou-se por fim, só depois de os seus parceiros terem ficado imóveis. Ele encontrou os olhos de Robin. O coração de Robin ficou-lhe preso na garganta.

Poderia estar a ver-se ao espelho.

Aqueles eram os seus olhos castanhos, o seu próprio nariz reto e o seu cabelo castanho que até lhe caía sobre os olhos da mesma maneira, tombando desordenadamente da esquerda para a direita.

O homem segurava uma barra de prata na mão.

Robin percebeu instantaneamente o que ele estava a tentar fazer. *Wúxíng* — em chinês é «sem forma, incorpóreo».³⁴ A tradução inglesa mais próxima era «invisível». Estas pessoas, quem quer que fossem, estavam a tentar esconder-se. Mas algo correria mal, pois a barra de prata quase não funcionava; as imagens dos três jovens tremulavam debaixo do candeeiro e pareciam ocasionalmente translúcidas, mas era óbvio que não estavam escondidas.

O duplo de Robin lançou-lhe um olhar implorativo.

— Ajuda-me — implorou. Depois, em chinês: — *Bāngmáng*.³⁵

Robin não sabia o que o compeliu a agir — o terror recente dos rapazes de Balliol, o total absurdo daquela cena ou a visão desorientadora do rosto do seu duplo —, mas deu um passo à frente e agarrou a barra. O seu duplo largou-a sem dizer uma palavra.

— *Wúxíng* — disse Robin, pensando nos mitos que a sua mãe lhe contara sobre espíritos e fantasmas escondidos no escuro. Do informe, do não-ser. — Invisível.

A barra vibrou na sua mão. Ele ouviu um som vindo do nada, um suspiro ofegante.

Os quatro desapareceram.

Não, *desaparecer* não era bem a palavra certa. Robin não tinha palavras para o descrever; perdia-se na tradução, um conceito que nem os chineses nem os ingleses conseguiam descrever

completamente. Eles existiam, mas não em forma humana. Não eram apenas seres que não podiam ser vistos. Não eram sequer seres. Eram informes. Flutuavam, expandiam-se; eram o ar, as paredes de tijolo, as pedras da calçada. Robin não tinha consciência do seu corpo, de onde ele terminava e a barra começava — ele era a prata, as pedras, a noite.

Um medo frio passou-lhe pela mente. *E se eu não conseguir voltar?*

Segundos depois, um polícia apareceu a correr no fim da rua. Robin susteve a respiração, apertando a barra com tanta força que uma pontada de dor lhe subiu pelo braço.

O polícia olhou diretamente para ele, semicerrando os olhos, mas não vendo nada além de escuridão.

— Não estão aqui em baixo — gritou por cima do ombro. — Tentem procurá-los na Parks...

A sua voz desvaneceu-se enquanto ele corria para longe.

Robin deixou cair a barra. Não conseguia continuar a segurá-la; já quase não estava ciente da sua presença. Ele não moveu a mão, abrindo os dedos, foi mais como se atirasse violentamente a barra para longe para tentar separar a sua essência da prata.

Funcionou. Os ladrões voltaram a materializar-se na noite.

— Depressa — insistiu o outro homem, um jovem de cabelos loiros claros. — Enfiai-as nas vossas camisas e deixemos o baú para trás.

— Não podemos simplesmente deixá-lo — disse a mulher. — Eles vão saber de onde veio.

— Peguem nos pedaços então, vamos.

Os três começaram a apanhar as barras de prata do chão. Robin hesitou por um momento, de braços pendurados desajeitadamente ao lado do corpo e, depois, baixou-se para os ajudar.

O absurdo da situação ainda não tinha sido absorvido. Ele percebia vagamente que o que quer que estivesse a acontecer devia ser muito ilegal. Aqueles jovens não poderiam estar associados a Oxford, à Bodleian ou ao Instituto de Tradução, pois se estivessem não andariam furtivamente pela rua à meia-noite, vestidos de preto e a esconder-se da polícia.

A coisa mais certa e óbvia a fazer era dar o alarme.

Mas, de alguma forma, ajudar parecia ser a única opção. Ele não questionou essa lógica, apenas agiu. Era como cair num sonho, como entrar numa peça onde já conhecia as suas falas, embora tudo o resto fosse um mistério. Esta era uma ilusão com a sua própria lógica interna e, por algum motivo que não conseguia identificar, ele não a queria desfazer.

Por fim, todas as barras de prata tinham sido enfiadas dentro das camisas e nos bolsos. Robin deu as que apanhou ao seu duplo. Os dedos de ambos tocaram-se e Robin sentiu um calafrio.

— Vamos — disse o homem loiro.

Mas nenhum deles se mexeu. Olharam todos para Robin, claramente sem saberem o que fazer com ele.

— E se ele... — começou a mulher.

— Ele não o vai fazer — disse o duplo de Robin com firmeza. — Vais?

— Claro que não — sussurrou Robin.

O homem loiro não parecia convencido.

— Seria mais fácil apenas...

— Não. Não desta vez. — O duplo de Robin examinou-o de cima a baixo por um momento e depois pareceu tomar uma decisão. — És um tradutor, não és?

— Sim — sussurrou Robin. — Sim, acabei de chegar aqui.

— O Raiz Retorcida — disse o seu duplo. — Procura-me lá.

A mulher e o homem loiro trocaram um olhar. A mulher abriu a boca como se fosse protestar, hesitou, e depois fechou-a.

— Está bem — disse o homem loiro. — Agora, vamos.

— Esperem — disse Robin desesperadamente. — Quem são... quando é que devo...

Mas os ladrões já tinham começado a correr.

Eram surpreendentemente rápidos. Segundos depois, a rua estava vazia. Não deixaram vestígio algum de que tinham estado ali — tinham apanhado todas as barras e até levado os restos partidos do baú. Poderiam ter sido fantasmas. Robin poderia ter imaginado todo aquele encontro e o mundo continuaria igual.

Ramy ainda estava acordado quando Robin voltou. Abriu a porta à primeira pancada.

— Obrigado — disse ele, pegando no caderno.

— Claro.

Ficaram ali a olhar um para o outro em silêncio.

Não havia dúvidas sobre o que tinha acontecido. Sentiam-se ambos abalados pela súbita percepção de que não pertenciam a este lugar, que, apesar da sua afiliação ao Instituto de Tradução e apesar das suas capas e pretensões, os seus corpos não estavam seguros nas ruas. Eles eram homens em Oxford; não eram homens de Oxford. Mas a enormidade desse reconhecimento era tão devastadora, uma antítese tão cruel dos três dias maravilhosos de que tinham desfrutado cegamente, que nenhum deles o conseguia dizer em voz alta.

E nunca o diriam em voz alta. Magoava demasiado considerarem a verdade. Era muito mais fácil fingirem; continuarem a manter a fantasia o máximo que pudessem.

— Bem — disse Robin de modo débil —, boa noite.

Ramy assentiu e, sem dizer nada, fechou a porta.

²⁸ Em inglês, *stagecoach* (diligência): *stage* (palco, etapa) + *coach* (carruagem, vagão). (*N. da T.*)

²⁹ *Basketcoach*, *omnicoach* no original. (*N. da T.*)

³⁰ Anteriormente conhecida como Gropecunt Lane, Magpie Lane era originalmente, como o nome sugere [*Gropecunt*: Apalpa rachas (*N. da T.*)], uma rua de bordéis. Isso não era mencionado no guia de Robin.

³¹ Tinha havido uma vez um rapaz chamado Henry Little que visitara Hampstead com o seu pai, um dos colegas do Professor Lovell na Real Sociedade Asiática. Robin tentara conversar com ele sobre *scones*, o que ele achou ser um tema de abertura tão bom como qualquer outro, mas Henry Little estendeu simplesmente a mão e puxou as pálpebras de Robin com tanta força que Robin, assustado, lhe deu um pontapé na canela. Robin foi banido para o seu quarto e Henry Little para o jardim; o Professor Lovell não voltou a convidar os seus colegas para trazerem os seus filhos depois disso.

³² *Babbler*: tagarela. (*N. da T.*)

³³ Era verdade. O University College produziu, entre outros, um Presidente do Supremo Tribunal de Bengala (*Sir Robert Chambers*), um Presidente do Supremo Tribunal de Bombaim (*Sir Edward West*) e um Presidente do Supremo Tribunal de Calcutá (*Sir William Jones*). Todos eles eram homens brancos.

³⁴ 無 (*wú*) significa «negativo, não, sem»; 形 (*xíng*) significa «aparência, forma, formato». 五行 significa não só invisível, mas intangível. Para ilustrar: o poeta Zhang Shunmin, da dinastia Song, do Norte, escreveu uma vez que «詩是無形的畫, 畫是有形詩» — os poemas eram pinturas incorpóreas (*wúxíng*) e as pinturas eram poemas corpóreos.

³⁵ 幫忙 (*bāngmáng*): «ajudar, auxiliar».

CAPÍTULO QUATRO

R

E, assim, o Senhor dispersou-os por todo o mundo e eles desistiram de construir a cidade. Por isso, aquela cidade ficou a chamar-se Babel, porque foi ali que Deus confundiu as línguas da Humanidade e foi dali que os dispersou por todo o mundo.

GÊNESIS 11:8–9, Versão Padrão Revista

Dormir parecia impossível. Robin via continuamente o rosto do seu duplo a flutuar no escuro. Teria ele, cansado e agitado, imaginado tudo aquilo? Mas os candeeiros brilhavam tão intensamente e as feições do seu gêmeo — o seu medo, o seu pânico — estavam tão nitidamente gravadas na sua memória. Ele sabia que não era uma projeção. Não era como olhar para um espelho — onde todas as suas feições se refletiam ao contrário, uma representação falsa do que o mundo via — e sim um reconhecimento visceral de mesmice. O que quer que estivesse no rosto daquele homem também estava no dele.

Fora por isso que o ajudara? Por alguma simpatia instintiva?

Só agora ele estava a começar a entender o peso das suas ações. Ele tinha roubado a universidade. Teria sido um teste? Eram praticados rituais estranhos em Oxford. Ele teria passado ou reprovado? Ou será que os polícias viriam bater à sua porta na manhã seguinte para lhe dizerem para se ir embora?

Mas eu não posso ser mandado embora, pensou ele. *Acabei de chegar aqui*. De repente, as delícias de Oxford — o calor da sua cama, o cheiro a livros novos e a roupa nova — fizeram-no contorcer-se de desconforto, pois agora tudo em que conseguia pensar era quando é que poderia perder tudo. Ele virou-se e revirou-

se nos lençóis suados, evocando visões cada vez mais detalhadas de como seria a manhã — de como os polícias iriam tirá-lo da cama, de como lhe iriam algemar os pulsos e arrastá-lo para a prisão, de como o Professor Lovell iria dizer severamente a Robin para nunca mais entrar em contacto com ele ou com a Sra. Piper.

Por fim, adormeceu de exaustão. Acordou com uma série de pancadas persistentes na sua porta.

— Que estás a fazer? — perguntou Ramy. — Ainda nem te lavaste?

Robin pestanejou para ele.

— Que se passa?

— É segunda-feira de manhã, seu idiota. — Ramy já estava vestido com a sua capa preta, de boné na mão. — Temos de estar na torre daqui a vinte minutos.

Chegaram a tempo, mas foi por pouco; estavam praticamente a correr pelo relvado do pátio em direção ao Instituto, com as capas a esvoaçar ao vento, quando os sinos bateram as nove.

Duas jovens magras esperavam-nos no relvado — a outra metade da sua coorte, presumiu Robin. Uma era branca; a outra negra.

— Olá — disse a branca quando eles se aproximaram. — Vocês estão atrasados.

Robin olhou boquiaberto para ela, tentando recuperar o fôlego.

— Tu és uma rapariga.

Aquilo foi um choque. Robin e Ramy tinham ambos crescido em ambientes estéreis e isolados, mantidos longe de raparigas da sua idade. O feminino era uma ideia que existia em teoria, matéria de romances ou um fenómeno raro para ser vislumbrado do outro lado da rua. A melhor descrição que Robin conhecia sobre as mulheres vinha de um tratado da Sra. Sarah Ellis,³⁶ que ele folheara certa vez e que descrevia as raparigas como sendo «gentis, inofensivas, delicadas e passivamente amáveis». No que dizia respeito a Robin, as raparigas eram sujeitos misteriosos, imbuídos não de uma vida interior rica, mas de qualidades que as tornavam sobrenaturais, inescrutáveis e possivelmente nem sequer humanas.

— Desculpa... quero dizer, olá — conseguiu ele dizer. — Eu não queria... de qualquer maneira.

Ramy foi menos subtil.

— Porque é que vocês são raparigas?

A rapariga branca lançou-lhe um olhar de desdém tão fulminante que Robin se encolheu em nome de Ramy.

— Bem — disse ela lentamente —, suponho que decidimos ser raparigas porque sermos rapazes parece exigir abdicarmos de metade das nossas células cerebrais.

— A universidade pediu para nos vestirmos assim para não incomodarmos nem distrairmos os jovens cavalheiros — explicou a rapariga negra. O seu inglês continha um ligeiro sotaque, que Robin achou semelhante ao francês, embora não tivesse a certeza. Ela sacudiu a perna esquerda na direção dele, exibindo umas calças tão engomadas e rígidas que pareciam ter sido compradas no dia anterior. — Nem todas as faculdades são liberais como o Instituto de Tradução, sabem?

— É desconfortável? — perguntou Robin, tentando corajosamente provar a sua própria falta de preconceito. — Usar calças, quero dizer?

— Não é, por acaso, já que temos duas pernas e não rabos de peixe. — Ela estendeu-lhe a mão. — Victoire Desgraves.

Ele sacudiu-a.

— Robin Swift.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Swift? Mas seguramente...

— Letitia Price — interveio a rapariga branca. — Letty, se preferirem. E tu?

— Ramiz. — Ramy estendeu a mão com hesitação, como se não tivesse a certeza se queria tocar nas raparigas ou não. Letty decidiu por ele e sacudiu-lha; Ramy estremeceu de desconforto. — Ramiz Mirza. Ramy para os amigos.

— Olá, Ramiz. — Letty olhou em redor. — Então, somos a coorte toda.

Victoire soltou um ligeiro suspiro.

— *Ce sont des idiots* — disse ela a Letty.

— *Je suis tout à fait d'accord* — murmurou Letty em resposta.

Ambas desataram a rir. Robin não entendia francês, mas sentiu com toda a clareza que tinha sido julgado e considerado deficiente.

— Aí estão vocês.

Foram salvos da conversa por um homem negro alto e esguio que apertou a mão a todos e se apresentou como Anthony Ribben, um pós-graduado especializado em francês, espanhol e alemão.

— O meu tutor considerava-se um Romântico — explicou. — Ele esperava que eu seguisse a sua paixão pela poesia, mas quando se tornou aparente que eu tinha mais do que apenas um talento passageiro para as línguas, mandou-me para cá.

Ele fez uma pausa, expectante, o que os levou a responder com os seus próprios idiomas.

— Urdu, árabe e persa — disse Ramy.

— Francês e kreyòl — disse Victoire. — Quero dizer, crioulo haitiano, se achas que isso conta.

— Conta — disse Anthony alegremente.

— Francês e alemão — disse Letty.

— Chinês — disse Robin, sentindo-se um tanto desadequado. — E latim e grego.

— Bem, todos nós temos latim e grego — disse Letty. — É um requisito de entrada, não é?

As faces de Robin coraram; ele não sabia.

Anthony parecia divertido.

— Um grupo bastante cosmopolita, não é? Bem-vindos a Oxford! Que estão a achar da cidade?

— Maravilhosa — disse Victoire. — No entanto... não sei, é estranho. Não parece completamente real. Parece que estou no teatro à espera que as cortinas baixem.

— Isso não desaparece. — Anthony dirigiu-se para a torre, gesticulando para que o seguissem. — Especialmente depois de passarem por estas portas. Eles pediram-me para vos mostrar o Instituto até às onze e depois deixo-vos com o Professor Playfair. Esta é a vossa primeira vez lá dentro?

Eles olharam para a torre. Era um edifício magnífico — um edifício branco reluzente construído em estilo neoclássico, com oito andares

de altura e rodeado por pilares ornamentais e vitrais altos. Dominava o horizonte da High Street e fazia a vizinha Biblioteca Radcliffe e a Igreja Universitária da Virgem Maria parecerem bastante patéticas por comparação. Ramy e Robin tinham passado por ela inúmeras vezes no fim de semana, observando-a maravilhados em conjunto, mas sempre à distância. Não tinham ousado aproximar-se. Não nessa altura.

— Magnífica, não é? — Anthony suspirou de satisfação. — Nunca nos habituamos a vê-la. Bem-vindos à vossa casa pelos próximos quatro anos, acreditem ou não. Nós chamamos-lhe Babel.

— Babel — repetiu Robin. — É por isso que...?

— Que nos chamam Babblers? — Anthony assentiu. — É uma piada tão velha como o próprio Instituto. Mas em cada setembro há sempre um caloiro de Balliol que acha que a concebeu pela primeira vez, portanto, estamos condenados a ter essa alcunha há décadas.

Ele subiu rapidamente os degraus da frente. No topo, diante da porta, fora esculpido um selo azul e dourado na pedra, o brasão da Universidade de Oxford. *Dominus illuminatio mea*, dizia. *O Senhor é a minha luz*. Assim que o pé de Anthony tocou no selo, a pesada porta de madeira abriu-se sozinha, revelando um interior dourado e iluminado por lâmpadas composto por escadarias, alunos apressados envergando capas escuras, e livros, livros e mais livros.

Robin fez uma pausa, demasiado deslumbrado para os seguir. De todas as maravilhas de Oxford, Babel parecia a mais impossível — uma torre fora do tempo, a visão de um sonho. Aqueles vitrais, aquela cúpula alta e imponente; parecia ter sido tudo arrancado diretamente da pintura na sala de jantar do Professor Lovell e largado inteiro nesta rua cinzenta e monótona. Era uma iluminura num manuscrito medieval; uma porta para uma terra de fadas. Parecia impossível que eles viessem para aqui todos os dias para estudar, que tivessem sequer o direito de entrar.

No entanto, aqui estava ela, diante deles, à espera.

Anthony chamou-os com um sorriso radiante.

— Bem, entrem.

— Agências de tradução foram sempre ferramentas indispensáveis (ou melhor, os centros) nas grandes civilizações. Em 1527, Carlos V de Espanha criou a Secretaría de Interpretación de Lenguas, cujos funcionários lidavam com mais de uma dúzia de idiomas, servindo o governo dos territórios do seu império. O Real Instituto de Tradução foi fundado em Londres no início do século XVII, embora só se tenha mudado para a sua sede atual, em Oxford, em 1715, depois do fim da Guerra da Sucessão Espanhola, altura em que os britânicos decidiram que seria prudente treinar jovens para falarem as línguas das colónias que os espanhóis tinham acabado de perder. Sim, eu decorei tudo isto e, não, não o escrevi, mas tenho conduzido esta visita guiada desde o meu primeiro ano, por causa do meu imenso carisma pessoal, portanto, tornei-me muito bom a fazê-la. Através da entrada, por aqui.

Anthony tinha a rara capacidade de falar suavemente enquanto caminhava para trás.

— Babel tem oito andares — disse ele. — O Livro dos Jubileus afirma que a histórica Torre de Babel atingia uma altura de mais de cinco mil côvados (quase três quilómetros), o que é obviamente impossível, embora a nossa Babel *seja* o edifício mais alto de Oxford e provavelmente de toda a Inglaterra, exceto a Catedral de São Paulo. Temos quase noventa metros de altura, sem contar com a cave, o que significa que a nossa altura total é o dobro da altura da Biblioteca Radcliffe.

Victoire ergueu a mão.

— A torre é...

— Maior por dentro do que parece por fora? — perguntou Anthony.
— De facto.

Robin não o tinha notado a princípio, mas agora sentia-se desorientado pela contradição. O exterior de Babel era enorme, mas, ainda assim, não parecia alto o suficiente para admitir os tetos altos e as enormes prateleiras de cada andar interior.

— É um belo truque do trabalho em prata, embora eu não tenha a certeza do par-correspondente envolvido. É assim desde que cheguei aqui; nós tomamo-lo como certo.

Anthony guiou-os pelo meio de uma multidão de habitantes da cidade que se perfilavam em filas ocupadas diante dos guichês dos caixas.

— Estamos na receção agora. É onde são tratados todos os assuntos; comerciantes locais a encomendar barras para os seus equipamentos, autoridades municipais a solicitar a manutenção de obras públicas, esse tipo de coisas. É a única zona da torre acessível aos civis, embora eles não interajam muito com os alunos. Temos funcionários para processar os pedidos. — Anthony acenou para que o seguissem pela escada central. — Por aqui.

O segundo andar era o Departamento Jurídico, o qual estava cheio de académicos carrancudos a rabiscar em papéis e a folhear volumes de referência grossos e bolorentos.

— As coisas são sempre movimentadas aqui — disse Anthony. — Tratados internacionais, comércio externo, esse tipo de coisas. As engre-

nagens do império, aquilo que faz o mundo girar. A maioria dos alunos de Babel acaba aqui depois de se formar, pois o salário é bom e eles estão sempre a contratar. Também fazemos muito trabalho *pro bono* aqui; todo o quadrante sudoeste é uma equipa a trabalhar na tradução do Código Napoleão para outros idiomas europeus.³⁷ Mas cobramos bom dinheiro pelo resto. Este é o andar que gera a receita maior, tirando o trabalho em prata, claro.

— Onde é o trabalho em prata? — perguntou Victoire.

— No oitavo andar. Mesmo no topo.

— Pela vista? — perguntou Letty.

— Pelos incêndios — disse Anthony. — Quando há incêndios, preferimos que eles estejam no topo do edifício para toda a gente ter tempo de sair.

Ninguém conseguiu perceber se ele estava a brincar.³⁸

Anthony conduziu-os por outro lanço de escadas.

— O terceiro andar é a base dos intérpretes simultâneos. — Ele indicou a sala quase vazia, que mostrava poucos sinais de uso, exceto por várias chávenas de chá manchadas espalhadas em redor e pela pilha ocasional de papel no canto de uma mesa. —

Eles quase nunca estão aqui, mas precisam de um sítio para preparar os documentos em sigilo quando estão, portanto, têm este espaço todo. Eles acompanham os dignitários e os funcionários do Ministério dos Negócios Estrangeiros nas suas viagens, participam em bailes na Rússia e tomam chá com xeques na Arábia e coisas dessas. Dizem-me que viajar tanto torna-se bastante cansativo, pelo que não há muitos intérpretes de carreira a sair de Babel. Geralmente, são políglotas naturais que aprenderam as línguas noutra lugar: tiveram pais missionários ou passaram os verões com parentes estrangeiros, por exemplo. Os alunos de Babel tendem a evitar este serviço.

— Porquê? — perguntou Ramy. — Parece divertido.

— É uma posição confortável se o que querem é viajar para o estrangeiro com o dinheiro de outra pessoa — disse Anthony. — Mas os académicos são por natureza solitários e sedentários. Viajar parece divertido até perceberem que o que realmente querem é ficar em casa com uma chávena de chá e uma pilha de livros ao lado de uma lareira quente.

— Tens uma visão negativa dos académicos — disse Victoire.

— Tenho uma visão informada pela experiência. Vocês vão entender com o tempo. Os antigos alunos que se candidatam ao trabalho de interpretação desistem sempre nos primeiros dois anos. Mesmo o Sterling Jones, o sobrinho de *Sir William Jones*, notem, não conseguiu aguentar mais de oito meses e *ele* era mandado em primeira classe para onde quer que fosse. De qualquer forma, a interpretação em simultâneo não é considerada assim tão fascinante, porque tudo o que verdadeiramente importa é transmitirmos os pontos básicos sem ofender ninguém. Não dá para brincarmos com as complexidades da linguagem, o que, é claro, é onde está a *verdadeira* diversão.

O quarto andar era bem mais movimentado do que o terceiro. Os estudantes também pareciam ser mais jovens, com cabelos despenteados e mangas remendadas, quando comparados com o pessoal elegante e bem vestido do Departamento Jurídico.

— Literatura — explicou Anthony. — Ou seja, o trabalho de traduzir romances, histórias e poemas estrangeiros para o inglês e, com

menos frequência, vice-versa. Em relação ao prestígio, está num nível um pouco baixo, para ser sincero, mas é uma colocação mais cobiçada do que a interpretação. Uma pós-graduação em Literatura é considerada o primeiro passo natural para alguém se tornar um professor de Babel.

— Atenção, alguns de nós gostamos realmente de estar aqui. — Um jovem envergando uma capa de pós-graduação aproximou-se de Anthony. — Estes são os caloiros?

— A totalidade deles.

— Não é uma grande turma, pois não? — O homem acenou-lhes alegremente. — Olá. Vimal Srinivasan. Acabei de me formar no último período; trato de sânscrito, tâmil, telugo e alemão.³⁹

— As pessoas apresentam-se todas com os seus idiomas aqui? — perguntou Ramy.

— Claro — disse Vimal. — Os vossos idiomas determinam quão interessantes sois. Os orientistas são fascinantes. Os classicistas são maçadores. De qualquer forma, bem-vindos ao melhor andar da torre.

Victoire perscrutava as prateleiras com grande interesse.

— Então, vocês têm acesso a todos os livros publicados no estrangeiro?

— A maior parte deles, sim — disse Vimal.

— Todos os lançamentos franceses? Assim que saem?

— Sim, gananciosa — disse ele, sem absolutamente nenhuma malícia. — Vais descobrir que o nosso orçamento para compra de livros é, de facto, ilimitado, e que os nossos bibliotecários gostam de manter uma coleção meticulosa. Contudo, não conseguimos traduzir tudo o que passa por aqui; não temos mão de obra suficiente. A tradução de textos antigos ainda ocupa boa parte do nosso tempo.

— É por isso que eles são o único departamento que apresenta um défice todos os anos — disse Anthony.

— Melhorar a compreensão da condição humana não é uma questão de lucro. — Vimal fungou. — Estamos sempre a atualizar os Clássicos. Entre o século passado e agora, tornámo-nos muito melhores em certos idiomas e não há razão para que os Clássicos

permaneçam tão inacessíveis. Neste momento, estou a trabalhar numa versão latina melhor do *Bhagavad Gita*...

— Apesar de Schlegel ter acabado de lançar uma — brincou Anthony.

— Há mais de dez anos — rejeitou Vimal. — E o *Gita* de Schlegel é terrível; ele próprio disse que não tinha compreendido a filosofia básica subjacente. O que é notório, porque ele usou cerca de sete palavras diferentes para ioga...

— De qualquer forma — disse Anthony, conduzindo-os para longe —, isto é a Literatura. Uma das piores aplicações de uma educação em Babel, se querem saber a minha opinião.

— Não aprovas? — perguntou Robin. Ele partilhava o júbilo de Victoire; uma vida passada no quarto andar, pensou ele, seria maravilhosa.

— Eu, não. — Anthony riu-se. — Estou aqui pelo trabalho em prata. Acho que o Departamento de Literatura é um grupo indulgente, como o Vimal sabe. Contudo, o mais triste é que eles são capazes de ser os académicos mais perigosos de todos, porque são eles quem realmente *compreende* as línguas; sabem como elas vivem e respiram e como podem fazer o nosso sangue fluir ou a nossa pele formigar com apenas uma frase. Mas estão demasiado obcecados a brincar com as suas belas imagens para se preocuparem com o modo como toda essa energia viva pode ser canalizada para algo muito mais poderoso. Estou a falar, é claro, da prata.

O quinto e o sexto andares continham salas de instrução e materiais de consulta — manuais, gramáticas, cartilhas, enciclopédias e, pelo menos, quatro edições diferentes de todos os dicionários publicados no que Anthony afirmava serem todas as línguas faladas do mundo.

— Bem, na realidade, os dicionários estão espalhados por toda a torre, mas é para aqui que vimos quando precisamos de fazer algum trabalho de arquivo mais pesado — explicou Anthony. — Mesmo no meio, vejam, para ninguém ter de subir mais de quatro andares para encontrar o que precisa.

No centro do sexto andar, havia uma série de livros de capa vermelha em cima de um tecido de veludo carmesim por baixo de uma vitrina de vidro. A maneira como a luz suave dos candeeiros brilhava sobre as suas capas de couro fazia-os parecer bastante mágicos — mais como grimórios de mágicos do que materiais de referência comuns.

— Estas são as Gramáticas — disse Anthony. — Parecem impressionantes, mas podem tocar-lhes. São para serem consultadas. Apenas, limpem os dedos no veludo primeiro.

As Gramáticas eram volumes encadernados de espessura variável, mas encadernação idêntica, organizados alfabeticamente pelo nome romanizado do idioma e pela data de publicação nesses idiomas. Alguns conjuntos de Gramáticas — notavelmente, os idiomas europeus — ocupavam expositores inteiros; outras, principalmente as línguas orientais, continham muito poucos volumes. As Gramáticas chinesas abrangiam apenas três volumes; as Gramáticas japonesas e coreanas continham apenas um volume cada. Tagalo, surpreendentemente, abrangia cinco volumes.

— Mas não podemos assumir o crédito por isso — disse Anthony. — Todo esse trabalho de tradução foi feito pelos espanhóis; é por isso que também verão agradecimentos ao tradutor de espanhol para inglês nas páginas de guarda da capa. E boa parte das Gramáticas caribenhas e do sul da Ásia, aqui estão elas, ainda estão em andamento. Estas línguas não tinham interesse para Babel antes da Paz de Paris, que colocou obviamente uma grande quantidade de território na posse imperial da Grã-Bretanha. Da mesma forma, vão descobrir que a maior parte das gramáticas africanas são traduzidas do alemão para o inglês. São os missionários e filólogos alemães que estão a fazer grande parte do trabalho ali; há anos que não temos ninguém a estudar línguas africanas.

Robin não se conteve. Pegou ansiosamente nas Gramáticas em língua oriental e começou a folhear o material da frente. Escrito na folha de guarda de cada volume, numa caligrafia bem organizada e minúscula, estavam os nomes dos académicos que tinham produzido a primeira edição de cada Gramática. Nathaniel Halhed

tinha escrito a Gramática bengali, *Sir William Jones* a Gramática sânscrita. Robin notou que aquele era um padrão — todos os autores iniciais tendiam a ser britânicos brancos, em vez de falantes nativos dessas línguas.

— Só recentemente é que temos feito mais nas línguas orientais — disse Anthony. — Ficámos atrás dos franceses durante bastante tempo. *Sir William Jones* fez algum progresso introduzindo o sânscrito, o árabe e o persa nas listas dos cursos quando era professor aqui; ele começou a Gramática persa em 1771, mas foi o único a fazer algum trabalho sério nessas línguas até 1803.

— Que aconteceu, então? — perguntou Robin.

— Então, Richard Lovell entrou para o corpo docente — disse Anthony. — Ouvi dizer que é um génio nas línguas do Extremo Oriente. Só ele contribuiu com dois volumes para a Gramática chinesa.

Reverentemente, Robin estendeu a mão e puxou o primeiro volume da Gramática chinesa. O tomo parecia excessivamente pesado, com cada página carregada de tinta. Ele reconheceu a caligrafia apertada e elegante do Professor Lovell em cada página. Cobria uma espantosa amplitude de investigação. Ele pousou o volume, impressionado com a percepção inquietante de que o Professor Lovell — um estrangeiro — sabia mais sobre a sua língua materna do que ele.

— Porque é que estão em vitrinas de exposição? — perguntou Victoire. — Parece bastante difícil tirá-las.

— Porque estas são as únicas edições em Oxford — disse Anthony. — Existem cópias em Cambridge, Edimburgo e no Ministério dos Negócios Estrangeiros em Londres. Essas são atualizadas anualmente para incluírem novas descobertas. Mas estas são as únicas coleções abrangentes e autorizadas de conhecimento de todas as línguas que existem. Os trabalhos novos são adicionados à mão, como podem notar; custa demasiado reimprimi-las de cada vez que são feitas novas adições e, além disso, as nossas impressoras gráficas não conseguem lidar com tantas escritas estrangeiras.

— Então, se um incêndio devastasse Babel, poderíamos perder um ano inteiro de investigação? — perguntou Ramy.

— Um ano? Experimenta décadas. Mas isso nunca vai acontecer.

— Anthony bateu na mesa, a qual Robin notou que estava incrustada com dezenas de barras de prata finas. — As Gramáticas estão mais bem protegidas do que a Princesa Vitória. Estes livros são imunes a incêndios, inundações e tentativas de remoção por qualquer pessoa que não esteja registada no Instituto. Se alguém tentasse roubar ou danificar um deles, seria atingido por uma força invisível tão poderosa que perderia todo o sentido de identidade e propósito até à chegada da polícia.

— As barras podem fazer isso? — perguntou Robin, alarmado.

— Bem, algo parecido — disse Anthony. — Estou apenas a supor. O Professor Playfair trata das proteções e gosta de ser misterioso em relação a elas. Mas, sim, a segurança desta torre iria surpreender-vos. Parece um edifício normal de Oxford, mas se alguém o tentasse arrombar acabaria a sangrar na rua. Já o vi acontecer.

— É muita proteção para um edifício de investigação — disse Robin. As palmas das suas mãos ficaram repentinamente húmidas; ele limpou-as na capa.

— Bem, claro — disse Anthony. — Há mais prata nestas paredes do que nos cofres do Banco de Inglaterra.

— A sério? — perguntou Letty.

— Claro — disse Anthony. — Babel é um dos lugares mais ricos de todo o país. Gostavam de saber porquê?

Eles assentiram. Anthony estalou os dedos e acenou para que o seguissem escada acima.

O oitavo andar era a única parte de Babel escondida atrás de portas e paredes. Os outros sete andares tinham sido desenhados de acordo com uma planta aberta, sem barreiras em redor da escadaria, mas as escadas para o oitavo andar conduziam a um *hall* de tijolos que, por sua vez, conduzia a uma pesada porta de madeira.

— Barreira contra fogo — explicou Anthony. — Em caso de acidentes. Sela o resto do edifício para que as Gramáticas não se queimem se alguma coisa explodir aqui. Ele apoiou o peso contra a porta e empurrou.

O oitavo andar parecia mais uma oficina do que uma biblioteca de investigação. Os académicos estavam curvados em redor de mesas de trabalho, como mecânicos, segurando várias ferramentas de gravação e barras de prata de todas as formas e tamanhos. Zumbidos, tinidos e sons de perfuração enchiam o ar. Algo explodiu perto da janela, causando uma chuva de faíscas seguida por uma ronda de pragas, mas ninguém olhou para cima.

Um homem corpulento de cabelos grisalhos esperava por eles diante das estações de trabalho. Tinha um rosto largo e sorridente com rugas de expressão e o tipo de olhos brilhantes que o poderiam colocar algures entre os quarenta e os sessenta anos. A sua capa preta de mestre estava coberta com tanto pó de prata que ele brilhava sempre que se movia. As suas sobrancelhas eram grossas, escuras e extraordinariamente expressivas; pareciam prestes a saltar-lhe do rosto com entusiasmo sempre que ele falava.

— Bom dia — disse ele. — Sou o Professor Jerome Playfair, presidente do corpo docente. Trabalho com francês e italiano, mas o meu primeiro amor é o alemão. Obrigado, Anthony, podes ir. Tu e o Woodhouse estais prontos para a vossa viagem à Jamaica?

— Ainda não — disse Anthony. — Ainda preciso de encontrar o manual de patoá. Suspeito de que o Gideon o tenha levado mais uma vez sem o registar.

— Vai lá, então.

Anthony assentiu, tirou um chapéu imaginário para o grupo de Robin e voltou a sair pela pesada porta.

O Professor Playfair fez-lhes um sorriso rasgado.

— Então, agora já viram Babel. Como estamos?

Por um momento, ninguém falou. Letty, Ramy e Victoire pareciam estar tão atordoados como Robin. Tinham sido expostos a uma grande quantidade de informação de uma vez só e o efeito era que Robin não tinha a certeza se o terreno que pisava era real.

O Professor Playfair riu-se.

— Eu sei. Tive a mesma impressão no meu primeiro dia aqui, também. É como uma indução num mundo oculto, não é? Como comer na Corte Seelie⁴⁰. Depois de sabermos o que acontece na torre, o mundo mundano não parece tão interessante.

— É deslumbrante, senhor — disse Letty. — Incrível.

O Professor Playfair piscou-lhe o olho.

— É o lugar mais maravilhoso do mundo.

Ele pigarreou.

— Bem, gostava de vos contar uma história. Perdoem-me por ser dramático, mas gosto de marcar esta ocasião. É o vosso primeiro dia, afinal, naquele que acredito ser o mais importante centro de investigação do mundo. Pode ser?

Ele não precisava da aprovação deles, mas eles assentiram na mesma.

— Obrigado. Bem, conhecemos a história seguinte de Heródoto. — Ele deu vários passos diante deles, como um ator a marcar a sua posição no palco. — Ele fala-nos do rei egípcio Psamético, que em tempos fez um pacto com os piratas do mar Jónico para derrotar os onze reis que o tinham traído. Depois de derrotar os seus inimigos, ele deu grandes extensões de terra aos seus aliados jónios. Mas Psamético queria uma garantia ainda melhor de que os jónios não se voltariam contra ele como os seus antigos aliados tinham feito. Ele queria evitar guerras baseadas em mal-entendidos. Então, enviou jovens egípcios para viverem com os jónios e aprenderem grego para que, quando crescessem, pudessem servir como intérpretes entre os dois povos.

» Aqui, em Babel, inspirámo-nos em Psamético. — Ele olhou em redor e o seu olhar cintilante pousou em cada um deles enquanto falava. — Desde tempos imemoriais, a tradução tem sido o facilitador da paz. A tradução possibilita a comunicação, o que por sua vez possibilita o tipo de diplomacia, comércio e cooperação entre povos estrangeiros que gera riqueza e prosperidade para todos.

» Já devem ter notado, com certeza, que Babel é a única faculdade de Oxford que aceita alunos não europeus. Em nenhum outro lugar

deste país irão encontrar hindus, muçulmanos, africanos e chineses a estudar sob o mesmo teto. Nós aceitamos-vos não apesar, mas *por causa* da vossa origem estrangeira. — O Professor Playfair enfatizou esta última parte como se fosse uma questão de grande orgulho. — Por causa das vossas origens, tendes o dom das línguas que aqueles nascidos em Inglaterra não podem imitar. E vós, tal como os rapazes de Psamético, sois as línguas que criarão esta visão de uma harmonia global.

Ele juntou as mãos diante de si como se estivesse em oração.

— Enfim. Os pós-graduados troçam de mim por fazer este discurso todos os anos, acham que é banal. Mas eu acho que a situação pede gravidade, não concordam? Afinal, estamos aqui para tornar o desconhecido conhecido, para tornar o outro familiar. Estamos aqui para fazer magia com as palavras.

Esta era, pensou Robin, a coisa mais amável que alguém já lhe dissera sobre ele ter nascido no estrangeiro. E, embora a história fizesse o seu estômago contorcer-se — pois ele tinha lido a passagem relevante de Heródoto e recordava-se, todavia, de que os rapazes egípcios eram escravos —, também sentiu uma pontada de excitação ao pensar que, talvez, a sua não pertença não o condenasse a uma existência para sempre à margem, que, pelo contrário, talvez o tornasse especial.

A seguir, o Professor Playfair reuniu-os em torno de uma mesa de trabalho vazia para uma demonstração.

— Bem, as pessoas normais pensam que o trabalho em prata é equivalente a feitiçaria. — Ele arregaçou as mangas até aos cotovelos enquanto falava, gritando para que o pudessem ouvir no meio do barulho. — Acham que o poder das barras está na própria prata, que a prata é uma substância inerentemente mágica que contém o poder de alterar o mundo.

Ele destrancou a gaveta da esquerda e tirou uma barra de prata em branco.

— Não estão totalmente errados. De facto, há algo especial na prata que a torna um veículo ideal para o que fazemos. Gosto de pensar que foi abençoada pelos deuses; afinal, é refinada com

mercúrio e o Mercúrio é o deus mensageiro, não é? Mercúrio, Hermes. Não terá a prata, então, um vínculo inextricável com a hermenêutica? Mas não entremos em romantismos. Não, o poder da barra está nas palavras. Mais especificamente, na parte da linguagem que as palavras são incapazes de exprimir, a parte que se perde quando nos movemos entre uma língua e outra. A prata pega no que é perdido e manifesta a sua existência.

Ele olhou para cima e observou os rostos perplexos deles.

— Vocês têm perguntas. Não se preocupem. Só vão começar a trabalhar com prata perto do final do terceiro ano. Terão muito tempo para se atualizarem sobre a teoria relevante antes disso. O que importa agora é que entendam a magnitude do que fazemos aqui.

— Ele pegou numa caneta de entalhe. — E isso é, claro, o lançamento de feitiços.

Ele começou a esculpir uma palavra numa das extremidades da barra.

— Vou-vos mostrar uma simples. O efeito será bastante subtil, mas vejam se o sentem.

Ele terminou de escrever naquele lado e ergueu a barra para lhes mostrar.

— *Heimlich*. Alemão para secreto e clandestino, que é como o vou traduzir para o inglês. Mas *heimlich* significa mais do que apenas segredos. Derivamos *heimlich* de uma palavra protogermânica que significa «lar». Se juntarmos esta constelação de significado, o que é que obtemos? Algo como o sentimento secreto e privado que sentimos por estarmos num lugar ao qual pertencemos, isolados do mundo exterior.

Enquanto falava, ele escreveu a palavra *clandestino* no outro lado da barra. Assim que terminou, a prata começou a vibrar.

— *Heimlich* — disse ele. — Clandestino.

Mais uma vez, Robin ouviu um canto sem fonte, uma voz inumana vinda do nada.

O mundo mudou. Algo os uniu — alguma barreira intangível esbateu o ar em redor deles, abafando o barulho à sua volta e dando a sensação de que eram os únicos num andar que sabiam

estar apinhado de acadêmicos. Estavam seguros aqui. Estavam sozinhos. Esta era a sua torre, o seu refúgio.⁴¹

Eles não eram estranhos a esta magia. Já todos tinham visto prataria em ação antes; em Inglaterra era impossível de evitar. Mas uma coisa era saber que as barras funcionavam, que o trabalho em prata era apenas a base de uma sociedade avançada e funcional, outra coisa era testemunhar com os próprios olhos a distorção da realidade, a maneira como as palavras captavam o que nenhuma palavra poderia descrever e invocavam um efeito físico que não deveria existir.

Victoire levou a mão à boca. Letty respirava com dificuldade. Ramy pestanejava muito rapidamente, como se estivesse a tentar conter as lágrimas.

E Robin, observando a barra ainda a tremular, via claramente agora que tudo tinha valido a pena. A solidão, as sovas, as longas e dolorosas horas de estudo, a ingestão de línguas como um tónico amargo para um dia poder fazer *aquilo* — *tudo* tinha valido a pena.

— Uma última coisa — disse o Professor Playfair enquanto os acompanhava escada abaixo. — Precisamos de vos tirar sangue.

— Desculpe? — perguntou Letty.

— O vosso sangue. Não vai demorar. — O Professor Playfair conduziu-os pela receção até uma pequena sala sem janelas escondida atrás das prateleiras, a qual estava vazia exceto por uma mesa simples e quatro cadeiras. Ele gesticulou para que eles se sentassem e depois dirigiu-se à parede do fundo, onde havia uma série de gavetas escondidas dentro da pedra. Ele abriu a gaveta de cima, revelando pilhas e mais pilhas de minúsculos tubos de vidro no seu interior. Cada um estava rotulado com o nome do aluno cujo sangue continha.

— É para as proteções — explicou o Professor Playfair. — Babel tem mais tentativas de roubo do que todos os bancos de Londres juntos. As portas mantêm a maior parte da ralé do lado de fora, mas as proteções precisam de alguma forma de distinguir os estudantes dos intrusos. Tentámos com cabelos e unhas, mas essas são coisas muito fáceis de roubar.

— Os ladrões podem roubar sangue — disse Ramy.

— Podem, sim — disse o Professor Playfair. — Mas teriam de ser muito mais determinados em relação a toda a situação, não é?

Ele tirou um punhado de seringas da gaveta de baixo.

— Arregacem as mangas, por favor.

Relutantemente, eles puxaram as capas para trás.

— Não devia haver uma enfermeira aqui? — perguntou Victoire.

— Não te preocupes. — O Professor Playfair bateu na agulha. — Eu sou muito bom nisto. Não vou demorar muito a encontrar uma veia. Quem é o primeiro?

Robin ofereceu-se. Não queria sofrer a expectativa de observar os outros. Ramy foi a seguir, depois Victoire e finalmente Letty. Todo o procedimento demorou menos de quinze minutos, sem nenhum deles ter sofrido consequência alguma, embora Letty tivesse ficado perturbadoramente verde quando a agulha lhe saiu de braço.

— Comam um bom almoço — disse o Professor Playfair. — Morcela de sangue é bom, se houver.

Quatro novos tubos de vidro foram adicionados à gaveta, todos rotulados com uma caligrafia bem cuidada e minúscula.

— Agora, vocês fazem parte da torre — disse o Professor Playfair enquanto trancava as gavetas. — Agora, a torre conhece-vos.

Ramy fez uma careta.

— É um pouco assustador, não é?

— De modo nenhum — disse o Professor Playfair. — Vocês estão num lugar onde se faz magia. Tem todas as características de uma universidade moderna, mas, no fundo, Babel não é muito diferente dos covis dos antigos alquimistas. Contudo, ao contrário dos alquimistas, nós descobrimos de facto a chave para transformar as coisas. Não está na substância material, está no nome.

Babel partilhava um refeitório no pátio da Radcliffe com várias outras faculdades de humanidades. A comida era supostamente muito boa ali, mas o local estava fechado até ao início das aulas no dia seguinte, portanto, em vez disso, eles voltaram para a faculdade mesmo a tempo do final do serviço de almoço. Toda a comida quente já tinha acabado, mas o chá da tarde e os respetivos

acompanhamentos eram oferecidos até ao jantar. Eles encheram bandejas com chávenas de chá, bules, açucareiros, leiteiras e *scones* e depois deram a volta às longas mesas que ocupavam a sala até encontrarem uma desocupada num canto.

— Então, tu és de Cantão? — perguntou Letty. Ela tinha uma personalidade muito forte, Robin já notara; fazia todas as suas perguntas, mesmo as benignas, num tom de interrogatório.

Ele tinha acabado de dar uma dentada num *scone*; este estava seco e duro e ele teve de tomar um gole de chá antes de poder responder. Ela desviou o seu olhar para Ramy antes que ele o fizesse.

— E tu, Madrasta? Bombaim?

— Calcutá — disse Ramy agradavelmente.

— O meu pai esteve destacado em Calcutá — disse ela. — Três anos, de 1825 a 1828. Pode ser que o tenhas visto por lá.

— Maravilhoso — disse Ramy, enquanto espalhava compota no seu *scone*. — Talvez tenha apontado uma arma às minhas irmãs uma vez.

Robin soltou uma risada, mas Letty empalideceu.

— Só estou a dizer que já conheci hindus antes...

— Sou muçulmano.

— Bem, só estou a dizer...

— E sabes — Ramy estava agora a pôr manteiga no seu *scone* com grande energia —, é muito irritante, na verdade, a maneira como toda a gente quer equiparar a Índia ao hinduísmo. «Oh, o domínio muçulmano é uma aberração, uma intrusão; os mogóis são apenas intrusos, mas a *tradição*, isso é o sânscrito, são os Upanixades.» — Ele levou o *scone* à boca. — Mas tu nem sequer sabes o que essas palavras significam, pois não?

Tinham começado mal. O humor de Ramy nem sempre funcionava com pessoas novas. Era preciso saber lidar com os seus discursos loquazes e Letitia Price parecia ser incapaz de o fazer.

— Então, Babel — interveio Robin antes que Ramy pudesse dizer mais alguma coisa. — Belo edifício.

Letty lançou-lhe um olhar espantado.

— Bastante.

Ramy revirou os olhos, tossiu e largou o *scone*.

Tomaram o chá em silêncio. Victoire fez a colher tilintar nervosamente na chávena. Robin olhou pela janela. Ramy tamborilou os dedos na mesa, mas parou quando Letty lhe deitou um olhar irritado.

— Que acharam do sítio? — Victoire tentou resgatar corajosamente a conversa. — Refiro-me a Oxfordshire. Sinto que só vimos uma fração até agora, é tão grande. Quero dizer, não é como Londres ou Paris, mas há tantos cantos escondidos, não acham?

— É incrível — disse Robin com um pouco de entusiasmo a mais. — É irrereal, cada edifício... Passámos os primeiros três dias apenas a andar e a olhar. Vimos todas as atrações turísticas, o Museu de Oxford, os jardins da Igreja de Cristo...

Victoire arqueou uma sobrancelha.

— E deixaram-vos entrar onde quer que fossem?

— Na verdade, não. — Ramy pousou a chávena. — Lembras-te, Birdie, o Ashmolean...

— Certo — disse Robin. — Pareciam ter tanta certeza de que íamos roubar alguma coisa que nos obrigaram a revirar os bolsos à entrada e à saída, como se estivessem convencidos de que tínhamos roubado a Joia Alfred.

— Eles não nos deixaram entrar sequer — disse Victoire. — Disseram que mulheres desacompanhadas não eram permitidas.

Ramy fungou uma risada.

— Porquê?

— Provavelmente por causa da nossa disposição nervosa — disse Letty. — Não nos podiam ter a desmaiar contra os quadros.

— Mas as cores são *tão* emocionantes — disse Victoire.

— Campos de batalha e seios. — Letty levou as costas da mão à testa. — É demasiado para os meus nervos.

— Então, o que é que vocês fizeram? — perguntou Ramy.

— Voltámos quando estava um guia diferente ao serviço e desta vez fingimos ser homens. — Victoire aprofundou a voz. — Desculpe, somos apenas rapazes do campo de visita aos nossos primos e não temos nada para fazer enquanto eles estão nas aulas...

Robin riu-se.

— Vocês não fizeram isso.

— Funcionou — insistiu Victoire.

— Não acredito.

— Não, a sério. — Victoire sorriu. Ela tinha, Robin notou, uns olhos de corça enormes e muito bonitos. Ele gostava de a ouvir falar; parecia que ela estava a arrancar risos de dentro dele com cada frase. — Eles devem ter pensado que tínhamos cerca de doze anos, mas funcionou lindamente.

— Até ficares excitada — interrompeu Letty.

— Está bem, funcionou até termos *acabado* de passar pelo guia...

— Mas então ela viu um Rembrandt de que gostou e soltou um guinchinho... — Letty emitiu um chilreio. Victoire empurrou-lhe o ombro, mas também se estava a rir.

— «Com licença, menina.» — Victoire baixou o queixo imitando o guia desaprovador. — «Não devia estar aqui, acho que se enganou...»

— Portanto, foram os nervos, afinal...

Foi tudo o que foi preciso. O gelo derreteu. Num instante, estavam todos a rir — com um pouco mais de força, talvez, do que a piada justificava, mas o que importava era que estavam a rir.

— Mais alguém vos descobriu? — perguntou Ramy.

— Não, todos acham apenas que somos uns caloíros particularmente magros — disse Letty. — Embora alguém tenha gritado com a Victoire para tirar a capa.

— Ele tentou arrancar-ma. — Victoire baixou os olhos para o colo. — A Letty teve de lhe bater com o guarda-chuva.

— Aconteceu uma coisa semelhante connosco — disse Ramy. — Uns bêbados de Balliol começaram a gritar connosco uma noite.

— Eles não gostam de peles escuras nos seus uniformes — disse Victoire.

— Não — disse Ramy —, não gostam.

— Lamento imenso — disse Victoire. — Eles... quero dizer, vocês escaparam sem problemas?

Robin lançou um olhar preocupado a Ramy, mas este ainda tinha os olhos franzidos numa expressão de bom humor.

— Oh, sim. — Ele colocou o braço em volta dos ombros de Robin.
— Eu estava pronto para partir alguns narizes, mas este teve a atitude prudente; começou a correr como se os cães do inferno estivessem atrás dele e, então, eu não pude fazer mais nada a não ser correr também.

— Não gosto de conflitos — disse Robin, corando.

— Oh, não — disse Ramy. — Tu desaparecerias nas pedras se pudesses.

— Tu podias ter ficado — brincou Robin. — Lutavas contra eles sozinho.

— O quê, e deixava-te na escuridão assustadora? — Ramy sorriu.
— De qualquer forma, parecias ridículo. A correr como se tivesses a bexiga a rebentar e não conseguisses encontrar uma latrina.

E, então, estavam mais uma vez a rir.

Em breve, era aparente que não havia temas proibidos. Eles podiam falar sobre qualquer coisa, partilhar todas as humilhações indescritíveis que sentiam por estarem num sítio onde não deviam estar, todo o desconforto oculto que tinham guardado para si mesmos até agora. Revelaram tudo sobre si mesmos porque tinham encontrado, finalmente, o único grupo de pessoas para quem as suas experiências não eram assim tão únicas ou desconcertantes.

Em seguida, trocaram histórias sobre as suas educações antes de Oxford. Aparentemente, Babel ungia sempre os seus escolhidos em tenra idade. Letty, que era do sul de Brighton, deslumbrava amigos da família com a sua memória prodigiosa desde que aprendera a falar; um desses amigos, que conhecia alguns professores de Oxford, arranjou-lhe um conjunto de professores e pô-la a estudar francês, alemão, latim e grego até ela ter idade suficiente para se matricular.

— Mas quase não consegui. — Letty pestanejou, com as pestanas a estremecerem loucamente. — O meu pai disse que nunca pagaria pela educação de uma mulher, portanto, sou grata pela bolsa. Tive de vender um conjunto de pulseiras para pagar a passagem na diligência.

Victoire, tal como Robin e Ramy, viera para a Europa com um tutor.

— Para Paris — esclareceu ela. — Ele era francês, mas tinha conhecidos no Instituto e ia escrever-lhes quando eu tivesse idade suficiente. Só que então ele morreu e, durante algum tempo, eu não tinha a certeza se poderia vir. — A voz dela vacilou um pouco. Ela tomou um gole de chá. — Mas consegui entrar em contacto com eles e eles arranjam maneira de eu vir — concluiu ela vagamente.

Robin suspeitava de que aquela não era a história completa, mas também ele tinha prática na arte de disfarçar a dor e não se intrometeu.

Uma coisa unia-os a todos — sem Babel, eles não tinham para onde ir neste país. Tinham sido escolhidos para desfrutarem de privilégios que nunca poderiam ter imaginado, financiados por homens poderosos e ricos cujos motivos não compreendiam totalmente, e estavam cientes de que esses privilégios poderiam ser perdidos a qualquer momento. Essa precariedade tornava-os ao mesmo tempo ousados e aterrorizados. Tinham as chaves do reino e não as queriam devolver.

Quando terminaram o chá, estavam quase apaixonados uns pelos outros — ainda não completamente, porque o amor verdadeiro precisa de tempo e memórias, mas o mais próximo possível do amor que as primeiras impressões os poderiam colocar. Ainda não tinham chegado os dias em que Ramy usaria com orgulho os cachecóis tricotados de forma desleixada por Victoire, em que Robin saberia exatamente durante quanto tempo Ramy gostava de deixar o chá em infusão, para o poder ter pronto quando ele chegasse inevitavelmente atrasado ao Refeitório depois da sua aula de árabe, ou quando todos saberiam que Letty ia chegar à aula com um saco de papel cheio de biscoitos de limão, porque era quarta-feira de manhã e a padaria Taylor's fazia biscoitos de limão às quartas-feiras. Mas, naquela tarde, puderam ver com toda a certeza o tipo de amigos que seriam, e amar essa visão era suficientemente perto.

Mais tarde, quando tudo se desmoronou e o mundo se partiu ao meio, Robin recordaria aquele dia, aquela hora naquela mesa, e perguntar-se-ia porque é que eles tinham sido tão rápidos, tão descuidadamente ansiosos por confiarem uns nos outros. Porque é que se tinham recusado a ver as inúmeras maneiras pelas quais se

poderiam magoar uns aos outros? Porque é que não tinham parado para questionar as suas diferenças de nascimento, de educação, que significavam que não estavam e nunca poderiam estar do mesmo lado?

Mas a resposta era óbvia — estavam, os quatro, a afogar-se no desconhecido e viram nos outros uma jangada, e agarrarem-se uns aos outros era a única forma de permanecerem à tona.

As raparigas não tinham autorização para morar na faculdade e era por isso que não se tinham cruzado com Robin e Ramy antes do primeiro dia de aulas. Em vez disso, Victoire e Letty estavam alojadas a cerca de três quilómetros de distância, no anexo para empregados de uma das escolas diurnas de Oxford, o que era aparentemente a situação habitual para as alunas de Babel. Robin e Ramy acompanharam-nas a casa, porque parecia ser a atitude mais cavalheiresca, mas Robin esperava que isso não se tornasse uma rotina noturna, já que a estrada ficava de facto muito longe e não havia transporte àquela hora.

— Eles não vos poderiam ter posto mais perto? — perguntou Ramy.

Victoire abanou a cabeça.

— Todas as faculdades disseram que a nossa proximidade corria o risco de corromper os cavalheiros.

— Bem, isso não é justo — disse Ramy.

Letty lançou-lhe um olhar divertido.

— Não digas.

— Mas não é assim tão mau — disse Victoire. — Há alguns *pubs* divertidos nesta rua. Nós gostamos do Quatro Cavaleiros, do Raiz Retorcida, e há um lugar chamado Torres e Peões onde podemos jogar xadrez...

— Desculpa — disse Robin. — Disseste Raiz Retorcida?

— Fica mais à frente na Harrow Lane, perto da ponte — disse Victoire. — Mas não vais gostar. Demos uma espreitadela e voltámos logo a sair; é muito sujo por dentro. Se passares o dedo pelo vidro vais encontrar uma camada de gordura e sujidade com meio centímetro de espessura.

— Não é um refúgio para estudantes, então?

— Não, os rapazes de Oxford não iam querer ser vistos lá nem mortos. É para os locais, não para os académicos.

Letty apontou para uma manada de vacas deambulando mais à frente e Robin deixou a conversa fluir. Mais tarde, depois de terem deixado as raparigas em casa em segurança, ele disse a Ramy para voltar sozinho para Magpie Lane.

— Esqueci-me que tenho de ir falar com o Professor Lovell — disse ele. Jericho ficava convenientemente mais perto desta parte da cidade do que da Univ. — É uma longa caminhada; não te quero arrastar até lá.

— Pensei que o teu jantar fosse só no próximo fim de semana — disse Ramy.

— E é, mas acabei de me lembrar que devia ir visitá-los antes. — Robin pigarreou; sentia-se péssimo por mentir na cara de Ramy. — A Sra. Piper disse que tinha alguns bolos para mim.

— Graças a Deus. — Surpreendentemente, Ramy não suspeitou de nada. — O almoço estava intragável. Tens a certeza de que não queres companhia?

— Eu fico bem. Foi um dia intenso, estou cansado e acho que seria bom caminhar um pouco em silêncio.

— Está bem — disse Ramy agradavelmente.

Separaram-se na Woodstock Road. Ramy foi para sul, em direção à universidade. Robin cortou à direita em busca da ponte que Victoire tinha indicado, sem saber bem o que procurava exceto pela lembrança de uma frase sussurrada.

A resposta encontrou-o. A meio da Harrow Lane, ele ouviu um segundo par de passos atrás de si. Olhou por cima do ombro e viu uma figura escura a segui-lo pela estrada estreita.

— Demoraste bastante — disse o seu duplo. — Estive aqui escondido o dia todo.

— Quem és tu? — perguntou Robin. — O que és e porque é que tens a mesma cara que eu?

— Aqui não — disse o seu duplo. — O *pub* fica a seguir a esta esquina, vamos entrar...

— Responde-me — exigiu Robin. Uma sensação tardia de perigo só agora tinha surgido; ele sentia a boca seca e o coração batia-lhe furiosamente. — Quem és tu?

— Tu és o Robin Swift — disse o homem. — Cresceste sem pai, mas com uma ama inglesa inexplicável e um fornecimento inesgotável de livros em inglês. E quando o Professor Lovell apareceu para te levar para Inglaterra, despediste-te da tua pátria para sempre. Achas que o professor pode ser o teu pai, mas ele não admitiu que és filho dele. Tens a certeza de que nunca o fará. Isto faz sentido?

Robin não conseguia falar. Tinha a boca aberta e o seu maxilar movia-se em vão, mas não tinha palavras.

— Vem comigo — disse o seu duplo. — Vamos tomar uma bebida.

³⁶ Sarah Stickney Ellis, uma conhecida autora, publicou vários livros (incluindo *The Wives of England*, *The Mothers of England* e *The Daughters of England*) argumentando que as mulheres tinham o imperativo moral de melhorar a sociedade por meio do decoro doméstico e da conduta virtuosa. Robin não tinha opinião formada sobre o assunto; ele pegara no trabalho dela por acidente.

³⁷ Esta é, francamente, uma descrição bastante generosa do Departamento Jurídico. Pode-se também argumentar que o trabalho dos tradutores no Departamento Jurídico era manipular a linguagem para criar termos favoráveis para o lado europeu. Um exemplo é a alegada venda de terras aos ingleses pelo Rei Paspehay, na Virgínia, «por cobre», apesar da óbvia dificuldade em traduzir com precisão as noções europeias de monarquia ou de terra enquanto propriedade para as línguas algonquinas. A solução do Departamento Jurídico para essas questões fora simplesmente declarar que os Algonquinos eram demasiado selvagens para terem desenvolvido esses conceitos e que era bom que os ingleses estivessem lá para os ensinar.

³⁸ Não estava. O oitavo andar do Instituto já fora reconstruído sete vezes desde a construção inicial do edifício.

³⁹ Uma boa quantidade dos estudos ocidentais fundamentais sobre o sânscrito foi feita por Românticos alemães, como Herder, Schlegel e Bopp. Nem todas as suas monografias tinham sido traduzidas para o inglês — pelo menos, não bem — e, portanto, a maioria dos alunos que estudavam sânscrito em Babel também precisavam de aprender alemão.

⁴⁰ No folclore escocês, as fadas são divididas em Corte Seelie e Corte Unseelie. As primeiras seriam as fadas boas, que interagem com os seres humanos de forma positiva, e a Corte Unseelie seria composta pelas fadas de inclinação mais perversa. (*N. da T.*)

⁴¹ Cf. *Unheimlich*, a palavra alemã relacionada.

LIVRO II



CAPÍTULO CINCO

R

— *Não ligo a nomes específicos — interrompeu Monks com uma risada zombeteira.*

— *Tu conheces o facto e isso é o suficiente para mim.*

CHARLES DICKENS, *Oliver Twist*

Encontraram uma mesa na parte de trás do Raiz Retorcida. O duplo de Robin pediu dois copos de uma cerveja dourada clara. Robin esvaziou metade do seu em três goles desesperados e sentiu-se um pouco mais estável, embora não menos confuso.

— O meu nome — disse o seu duplo — é Griffin Lovell.

Após uma inspeção mais minuciosa, ele e Robin não eram assim tão parecidos, afinal. Ele era vários anos mais velho e o seu rosto exibia uma maturidade severa que Robin ainda não tinha adquirido. A sua voz era mais profunda, menos indulgente, mais assertiva. Era vários centímetros mais alto do que Robin, embora também fosse muito mais magro; na verdade, parecia ser inteiramente composto por arestas aguçadas e ângulos. Tinha o cabelo mais escuro e a pele mais pálida. Parecia uma ilustração impressa de Robin, com os contrastes de luz amplificados e as cores empalidecidas.

É ainda mais parecido consigo do que o último.

— Lovell — repetiu Robin, tentando situar-se. — Então, tu és...?

— Ele nunca o irá admitir — disse Griffin. — Mas também não o faz contigo, pois não? Sabias que ele tem mulher e filhos?

Robin engasgou-se.

— O quê?

— É verdade. Uma menina e um menino, de sete e três anos. A querida Philippa e o pequeno Dick. O nome da mulher é Johanna. Ele tem-nos guardados numa bela propriedade no Yorkshire. É por essa razão, em parte, que ele consegue financiamento para as

viagens ao estrangeiro; ele veio do nada, mas ela é terrivelmente rica. Quinhentas libras por ano, segundo me disseram.

— Mas, então, ela...?

— Será que ela sabe sobre nós? De modo nenhum. Embora, além dos óbvios problemas de reputação, eu ache que ela não se importaria se soubesse. Não há grande afeto naquele casamento. Ele queria um rendimento e ela queria poder gabar-se. Eles veem-se cerca de duas vezes por ano e no resto do tempo ele vive aqui ou em Hampstead. Somos os filhos com quem ele passa mais tempo, curiosamente. — Griffin inclinou a cabeça. — Pelo menos, tu és.

— Estou a sonhar? — murmurou Robin.

— Quem te dera. Estás com uma cara horrível. Bebe.

Robin estendeu mecanicamente a mão para o seu copo. Já não estava a tremer, mas a sua cabeça parecia muito confusa. Beber não ajudava, mas pelo menos dava-lhe algo para fazer com as mãos.

— Tenho a certeza de que tens um monte de perguntas — disse Griffin. — Vou tentar respondê-las, mas vais ter de ser paciente. Eu também tenho perguntas. Que nome usas?

— Robin Swift — disse Robin, intrigado. — Tu sabes isso.

— Mas esse é o nome que preferes?

Robin não tinha a certeza do que ele queria dizer com aquilo.

— Quero dizer, há o meu primeiro... quero dizer, o meu nome chinês, mas ninguém... eu não...

— Muito bem — disse Griffin. — Swift. Bom nome. Como é que te lembraste dele?

— *As Viagens de Gulliver* — admitiu Robin. Pareceu-lhe uma grande tolice quando o disse em voz alta. Tudo em relação a Griffin o fazia sentir-se como uma criança por comparação. — É... é um dos meus livros favoritos. O Professor Lovell disse-me para escolher o que quisesse e esse foi o primeiro nome que me veio à mente.

Os lábios de Griffin curvaram-se.

— Ele amoleceu um pouco, então. No meu caso, levou-me até à esquina de uma rua antes de assinarmos os papéis e disse-me que os enjeitados costumavam receber o nome dos sítios onde eram

abandonados. Disse que eu podia andar pela cidade até encontrar uma palavra que não soasse muito ridícula.

— E encontraste?

— Claro. Harley. Não foi em nenhum sítio específico, vi-o apenas por cima de uma loja e gostei do som. As formas que a boca tem de fazer, o libertar da segunda sílaba. Mas eu não sou Harley, sou Lovell, tal como tu não és Swift.

— Então, somos...

— Meios-irmãos — disse Griffin. — Olá, irmão. É um prazer conhecer-te.

Robin pousou o copo.

— Eu gostava de saber a história completa agora.

— É justo. — Griffin inclinou-se para frente. À hora do jantar, o Raiz Retorcida estava cheio o suficiente para que o burburinho lançasse um manto de ruído sobre qualquer conversa individual, mas, ainda assim, Griffin baixou a voz para um murmúrio tão suave que Robin teve de se esforçar para o ouvir. — Eis o resumo. Eu sou um criminoso. Os meus colegas e eu roubamos regularmente prata, manuscritos e materiais de gravação de Babel e enviamo-los de todos os pontos de Inglaterra para os nossos associados em todo o mundo. O que tu fizeste ontem à noite foi traição e, se alguém descobrisse, serias preso em Newgate durante pelo menos vinte anos, mas só depois de eles te torturarem na tentativa de chegarem até nós. — Ele pronunciou tudo aquilo rapidamente, sem praticamente nenhuma mudança de tom ou volume. Quando terminou, recostou-se, parecendo satisfeito.

Robin fez a única coisa que conseguiu pensar em fazer, que foi tomar outro gole inebriante de cerveja. Quando pousou o copo, com as têmporas a latejar, a única palavra que conseguiu dizer foi:

— Porquê?

— É fácil — disse Griffin. — Existem pessoas que precisam mais de prata do que os londrinos ricos.

— Mas... quero dizer, quem?

Griffin não respondeu de imediato. Observou Robin de cima a baixo durante vários segundos, examinando o rosto dele como se

procurasse algo — alguma semelhança adicional, alguma qualidade crucial, inata. Então, perguntou:

— Porque é que a tua mãe morreu?

— Cólera — disse Robin após uma pausa. — Houve um surto...

— Eu não perguntei como — disse Griffin. — Eu perguntei porquê.

Não sei porquê, quis dizer Robin, mas ele sabia. Sempre soubera, apenas se forçara a não pensar nisso. Durante todo este tempo, ele nunca se permitira fazer essa formulação específica da pergunta.

Oh, duas semanas e pouco, dissera a Sra. Piper. Eles tinham chegado à China há mais de duas semanas.

Os olhos ardiam-lhe. Ele pestanejou.

— Como é que sabes sobre a minha mãe?

Griffin recostou-se, cruzando os braços atrás da cabeça.

— Porque é que não terminas essa bebida?

Na rua, Griffin começou a descer rapidamente a Harrow Lane, lançando perguntas rápidas pelo canto da boca.

— Então, de onde é que és?

— De Cantão.

— Eu nasci em Macau. Não me lembro se alguma vez fui a Cantão. Então, quando é que ele te trouxe para cá?

— Para Londres?

— Não, seu idiota, para Manila. Sim, Londres.

O seu irmão, pensou Robin, conseguia ser uma grande besta.

— Há seis... não, sete anos agora.

— Incrível. — Griffin virou à esquerda na Banbury Road sem avisar; Robin apressou-se a segui-lo. — Não é de admirar que ele nunca me tenha vindo procurar. Tinha algo melhor em que se concentrar, não era?

Robin cambaleou para a frente, tropeçando nas pedras da calçada. Endireitou-se e correu atrás de Griffin. Nunca tinha bebido cerveja antes, apenas vinhos fracos à mesa da Sra. Piper, e o lúpulo deixara-o com a língua dormente. Tinha uma forte vontade de vomitar. Porque é que tinha bebido tanto? Sentia-se atordoado, duas vezes mais lento a organizar os seus pensamentos, mas, claro, esse fora o objetivo. Era óbvio que Griffin quisera deixá-lo

desequilibrado, desprotegido. Robin suspeitava de que Griffin gostava de manter as pessoas desequilibradas.

— Para onde vamos? — perguntou.

— Para sul e depois oeste. Não importa, é apenas porque a melhor maneira de evitar sermos ouvidos é estarmos sempre em movimento. — Griffin virou para a Canterbury Road. — Se estiveres parado, a tua sombra pode esconder-se e captar toda a conversa, mas quando andamos a ziguezaguear isso torna as coisas mais difíceis para eles.

— A tua sombra?

— Devemos sempre presumir.

— Podemos ir a uma padaria, então?

— Uma padaria?

— Eu disse ao meu amigo que tinha ido ver a Sra. Piper. — A cabeça de Robin ainda estava a girar, mas a recordação da sua mentira destacava-se com clareza. — Não posso ir para casa de mãos vazias.

— Está bem. — Griffin conduziu-os pela Winchester Road. — A Taylor's serve? Não há mais nada ainda aberto.

Robin entrou na loja e comprou rapidamente uma seleção dos bolos mais simples que conseguiu encontrar. Não queria que Ramy suspeitasse da próxima vez que passassem pela montra da Taylor's. Tinha um saco de serapilheira no quarto; podia livrar-se das caixas da loja quando chegasse a casa e despejar os bolos lá dentro.

A paranoia de Griffin tinha-o infetado. Sentia-se marcado, revestido de tinta escarlate, certo de que alguém lhe iria chamar ladrão mesmo pagando. Não conseguiu encarar o padeiro quando recebeu o troco.

— Bem — disse Griffin quando Robin saiu. — Gostavas de roubar para nós?

— Roubar? — Estavam novamente a andar a um ritmo absurdo. — Queres dizer, de Babel?

— Obviamente, sim. Presta atenção.

— Mas porque é que precisas de mim?

— Porque tu fazes parte da instituição e nós não. O teu sangue está na torre, o que significa que há portas que tu podes abrir e nós

não.

— Mas porquê... — A língua de Robin não parava de tropeçar numa enxurrada de perguntas. — Para quê? Que é que vocês fazem com o que roubam?

— Apenas o que te disse. Nós redistribuímos. Somos o Robin dos Bosques. Ah, ah. Robin. Não? Está bem. Enviamos barras e materiais de trabalho em prata para todo o mundo, para pessoas que precisam deles, pessoas que não têm o luxo de serem ricas e britânicas. Pessoas como a tua mãe. Pensa, Babel é um lugar deslumbrante, mas só é deslumbrante porque vende os seus pares-correspondentes a uma base de clientes muito limitada. — Griffin olhou por cima do ombro. Não havia ninguém perto deles, exceto uma lavadeira que transportava uma cesta do outro lado da rua, mas ele apressou o passo mesmo assim. — Então, aceitas?

— Eu... não sei. — Robin pestanejou. — Não posso simplesmente... quero dizer, ainda tenho tantas perguntas.

Griffin encolheu os ombros.

— Então, pergunta o que quiseres. Vá.

— Eu... Está bem. — Robin tentou organizar a sua confusão por ordem sequencial. — Qual é o nome?

— Griffin Lovell.

— Não, do vosso coletivo.

— A Sociedade Hermes — disse Griffin prontamente. — Ou apenas Hermes, se preferires.

— A Sociedade Hermes. — Robin revirou aquele nome na boca. — Porque é...

— É uma piada. Prata e mercúrio, Mercúrio e Hermes, Hermes e hermenêutica. Não sei quem o inventou.

— E vocês são uma sociedade clandestina? Ninguém sabe de vocês?

— Babel sabe, sem dúvida. Nós tivemos um... Bem, tem sido um intercâmbio, digamos? Mas eles não sabem muito e, certamente, não tanto como gostariam. Somos muito bons a mantermo-nos nas sombras.

Não assim tão bons, pensou Robin, lembrando-se de pragas no escuro e prata espalhada pela calçada. Em vez disso, disse:

— Quantos de vocês existem?

— Não te posso dizer.

— Vocês têm uma sede?

— Sim.

— Podes mostrar-me onde é?

Griffin riu-se.

— De modo nenhum.

— Mas... há mais de vocês, não há? — insistiu Robin. — Podias pelo menos apresentar-me...

— Não posso e não o vou fazer — disse Griffin. — Acabámos de nos conhecer, irmão. Tanto quanto sei, podes ir a correr ter com o Playfair assim que nos separarmos.

— Mas então como... — Robin ergueu os braços, frustrado. — Quero dizer, não me estás a dar nada e estás a pedir-me tudo.

— Sim, irmão, é assim que as sociedades secretas com algum grau de competência trabalham. Não sei que tipo de pessoa és e seria um tolo se te contasse mais.

— Mas estás a ver porque é que isto torna as coisas muito difíceis para mim? — Robin achava que Griffin estava a descartar algumas preocupações bastante razoáveis. — Também não sei nada sobre ti. Podes estar a mentir, podes estar a tentar incriminar-me...

— Se isso fosse verdade, já terias sido mandado para a prisão. Portanto, essa está fora. Sobre o que é que achas que estamos a mentir?

— Vocês podem não estar a usar a prata para ajudar outras pessoas — disse Robin. — A Sociedade Hermes pode ser uma grande fraude, vocês podem estar a revender o que roubam para enriquecerem...

— Eu tenho ar de quem está a enriquecer?

Robin observou o corpo magro e subnutrido de Griffin, o seu casaco preto puído e o seu cabelo despenteado. Não, ele tinha de admitir que a Sociedade Hermes não parecia um esquema para ganhos pessoais. Talvez Griffin estivesse a usar a prata roubada para algum outro meio secreto, mas o ganho pessoal não parecia ser um deles.

— Eu sei que é muita coisa de uma vez só — disse Griffin. — Mas tens de confiar em mim. Não há outra maneira.

— Eu quero confiar. Só que... eu estou... isto é demasiado. — Robin abanou a cabeça. — Acabei de chegar aqui, acabei de ver Babel pela primeira vez e não te conheço a ti ou a este lugar bem o suficiente para fazer a menor ideia do que se passa...

— Então, porque é que o fizeste? — perguntou Griffin.

— Eu... o quê?

— Ontem à noite. — Griffin lançou-lhe um olhar de soslaio. — Tu ajudaste-nos, sem perguntas. Nem sequer hesitaste. Porquê?

— Não sei — disse Robin com sinceridade.

Ele interrogara-se sobre isso milhares de vezes. Porque é que ativara aquela barra? Não fora apenas porque toda a situação — a meia-noite, o brilho do luar — tinha sido tão onírica que as regras e as consequências pareceram desaparecer, nem porque a visão do seu duplo o fizera duvidar da própria realidade. Ele sentira uma compulsão mais profunda que não conseguia explicar.

— Pareceu-me a opção correta.

— O quê, não percebeste que estavas a ajudar uma quadrilha de ladrões?

— Eu sabia que vocês eram ladrões — disse Robin. — Só que... Achei que não estavam a fazer nada de errado.

— Eu confiaria no teu instinto quanto a isso — disse Griffin. — Confia em *mim*. Confia que estamos a fazer o que é correto.

— E isso é o quê? — perguntou Robin. — Na tua opinião, para que serve tudo isto?

Griffin sorriu. Era um sorriso peculiar e condescendente, uma máscara de divertimento que não lhe alcançava os olhos.

— Agora estás a fazer as perguntas certas.

Tinham voltado à Banbury Road. O University Parks erguia-se exuberante diante deles e Robin quase esperava que eles cortassem para sul para a Parks Road — estava a ficar tarde e a noite estava bastante fria —, mas Griffin levou-os para norte, para longe do centro da cidade.

— Sabes para que são usadas a maior parte das barras neste país?

Robin atirou um palpite:

— Na medicina?

— Ah, que adorável. Não, são usadas para decorar as salas de estar. Isso mesmo, relógios que soam como galos verdadeiros, luzes que se desvanecem e intensificam a pedido, cortinas que mudam de cor ao longo do dia, esse tipo de coisas. Porque são divertidas e porque a classe alta britânica pode pagar por elas. E os britânicos ricos conseguem tudo o que querem.

— Está bem — disse Robin. — Mas só porque Babel vende barras para responder à procura popular...

Griffin interrompeu-o:

— Gostavas de saber quais são a segunda e a terceira maiores fontes de rendimento de Babel?

— O Jurídico?

— Não. As forças militares, tanto estatais como privados — disse Griffin. — E depois os comerciantes de escravos. O Jurídico fatura uma ninharia por comparação.

— Isso... Isso é impossível.

— Não, é assim que o mundo funciona. Deixa-me contar-te uma história, irmão. Já deves ter notado que Londres está no centro de um vasto império que não para de crescer. O facilitador mais importante desse crescimento é Babel. Babel recolhe línguas e talentos estrangeiros da mesma forma que acumula prata e usa-os para produzir magia de tradução que beneficia a Inglaterra e apenas a Inglaterra. A grande maioria de todas as barras de prata em uso no mundo estão em Londres. As barras mais recentes e poderosas em uso dependem do chinês, do sânscrito e do árabe para funcionarem, mas existem menos de mil barras nos países onde esses idiomas são amplamente falados e apenas nas casas dos ricos e poderosos. E isso está errado. É predatório. É fundamentalmente injusto.

Griffin tinha o hábito de pontuar nitidamente cada frase com a mão aberta, como um maestro a insistir na mesma nota vezes sem conta.

— Mas como é que isso acontece? — continuou ele. — Como é que, de alguma forma, todo o poder das línguas estrangeiras se

acumula em Inglaterra? Não é um acidente; é uma exploração deliberada da cultura estrangeira e dos recursos estrangeiros. Os professores gostam de fingir que a torre é um refúgio para o conhecimento puro, que está acima das preocupações mundanas dos negócios e do comércio, mas isso não é verdade. Ela está intrinsecamente ligada ao negócio do colonialismo. *É* o negócio do colonialismo. Pergunta a ti mesmo porque é que o Departamento de Literatura só traduz obras para o inglês e não o contrário, ou o que é que os intérpretes são enviados para o estrangeiro para *fazer*. Tudo o que Babel faz está ao serviço da expansão do Império. Considera isto: *Sir* Horace Wilson, presidente do primeiro departamento financiado de sânscrito na história de Oxford, passa metade do tempo a conduzir tutoriais para os missionários cristãos.

» O objetivo de tudo isso é continuarmos a acumular prata. Possuímos toda esta prata porque persuadimos, manipulámos e ameaçámos outros países a aceitar acordos comerciais que mantêm o dinheiro a fluir para cá. E fazemos cumprir esses acordos comerciais com as mesmas barras de prata, agora inscritas com o trabalho de Babel, que tornam os nossos navios mais rápidos, os nossos soldados mais resistentes e as nossas armas mais mortais. É um círculo vicioso de lucro e, a menos que alguma força externa quebre o ciclo, mais cedo ou mais tarde a Grã-Bretanha possuirá toda a riqueza do mundo.

» Nós, Hermes, somos essa força externa. Canalizamos a prata para pessoas, comunidades e movimentos que a merecem. Ajudamos revoltas de escravos, movimentos de resistência. Derretemos barras de prata feitas para limpar toalhinhas de chá e usamo-las para curar doenças. — Griffin diminuiu a sua velocidade e virou-se para fitar Robin nos olhos. — É para *isso* que tudo isto serve.

Esta era, Robin teve de admitir, uma teoria muito convincente do mundo. Só que parecia envolver quase tudo o que ele amava.

— Eu... eu entendo.

— Então, porquê a hesitação?

Porquê, de facto? Robin tentou resolver a sua confusão, encontrar uma razão para a prudência que não se reduzisse simplesmente ao

medo. Mas era exatamente isso — medo das consequências, medo de destruir a bela ilusão da Oxford na qual fora admitido, aquela que Griffin acabara de manchar antes de ele a poder aproveitar adequadamente.

— É tão repentino — disse ele. — E eu acabei de te conhecer, há tantas coisas que não sei.

— Esse é o problema das sociedades secretas — disse Griffin. — São fáceis de romantizar. Achamos que há um longo processo de sedução, que vamos ser iniciados, que veremos um mundo totalmente novo, que nos serão mostradas todas as alavancas e as pessoas envolvidas. Se formaste a tua única impressão das sociedades secretas a partir dos romances e das histórias de horror, então, é possível que esperes rituais, senhas e reuniões secretas em armazéns abandonados.

» Mas não é assim que as coisas funcionam, irmão. Isto não é uma história de horror. A vida real é confusa, assustadora e incerta. — O tom de Griffin suavizou-se. — Deves entender que o que te estou a pedir para fazeres é muito perigoso. As pessoas morrem por causa destas barras; já vi amigos morrerem por causa destas barras. Babel gostaria de acabar connosco e não queres saber o que acontece aos membros da Hermes que eles apanham. Existimos porque somos descentralizados. Não pomos todas as nossas informações num só sítio. Assim, não te posso pedir para demorares o tempo de que precisares para analisares todas as informações. Estou a pedir-te que arrisques com base numa convicção.

Pela primeira vez, Robin percebeu que Griffin não era tão confiante, nem tão intimidante como o seu discurso rápido o fazia parecer. Ele ficou parado, de mãos enfiadas nos bolsos, ombros curvados e a tremer contra o vento cortante de outono. E estava visivelmente nervoso. Estremecia, inquieto, lançando olhares por cima do ombro sempre que terminava uma frase. Robin estava confuso, angustiado, mas Griffin estava com *medo*.

— Tem de ser assim — insistiu Griffin. — Informações mínimas. Decisões rápidas. Eu adorava mostrar-te todo o meu mundo, juro que não é divertido estar sozinho, mas o facto é que és um estudante de Babel que conheço há menos de um dia. Poderá

chegar a altura em que confiarei em ti em relação a tudo, mas isso será apenas quando provares o teu valor e quando eu não tiver outras opções. Por agora, disse-te o que fazemos e o que precisamos que faças. Vais juntar-te a nós?

Esta audiência, percebeu Robin, estava a terminar. Estava a ser-lhe pedido que tomasse uma decisão final — e suspeitava de que se dissesse que não, Griffin desapareceria simplesmente da Oxford que ele conhecia, mergulharia tão efetivamente nas sombras que Robin ficaria a perguntar-se se teria imaginado todo o encontro.

— Eu quero, quero mesmo, mas ainda não... só preciso de tempo para pensar. Por favor.

Ele sabia que aquilo iria frustrar Griffin. Mas Robin estava apavorado. Sentia que tinha sido levado até à beira de um precipício e que lhe tinham dito, sem nenhuma garantia, para saltar. Sentia-se como há sete anos, quando o Professor Lovell lhe pusera um contrato à frente e lhe pedira calmamente para lhe entregar o seu futuro. Só que então ele não tinha nada, portanto, não havia nada a perder. Desta vez, ele tinha tudo — comida, roupa, abrigo — e nenhuma garantia de sobrevivência do outro lado.

— Cinco dias, então — disse Griffin. Parecia zangado, mas não fez nenhuma recriminação. — Tens cinco dias. Há uma bétula solitária nos jardins do Merton College; vais saber qual é quando a vires. Grava uma cruz no tronco no sábado se for um sim. Não faças nada se for não.

— Apenas cinco?

— Se ainda não tiveres um esboço deste sítio até lá, miúdo, é porque não há maneira de te fazer perceber. — Griffin deu-lhe uma palmadinha no ombro. — Sabes como ir para casa?

— Eu... não, para ser sincero. — Robin não estivera a prestar atenção; não fazia ideia de onde estavam. Os edifícios tinham desaparecido e, neste momento, eles estavam rodeados apenas por um relvado ondulante.

— Estamos em Summertown — disse Griffin. — É bonito, embora um pouco chato. Woodstock fica na ponta deste relvado. Vira à esquerda e segue para sul até as coisas te começarem a parecer

familiares. Vamos separar-nos aqui. Cinco dias. — Griffin virou-se para se ir embora.

— Espera, como é que te posso encontrar? — perguntou Robin. Agora que a partida de Griffin parecia iminente, ele estava relutante em se separarem. Sentiu um medo súbito de que se deixasse Griffin ir-se embora, este poderia desaparecer para sempre e tudo isto acabaria por se transformar num sonho.

— Eu disse-te, não encontras — disse Griffin. — Se houver uma cruz na árvore, eu contacto-te. Isso dá-me uma garantia caso sejas um informador, entendes?

— Então, que devo fazer entretanto?

— Que queres dizer? Continuas a ser um estudante de Babel. Age como um. Vai às aulas. Sai para beber e mete-te em brigas. Não... tu és sensível. Não te metas em brigas.

— Eu... está bem. Tudo bem.

— Mais alguma coisa?

Mais alguma coisa? Robin queria rir-se. Ele tinha milhares de outras perguntas, embora achasse que Griffin não responderia a nenhuma. Arriscou apenas uma.

— Ele sabe de ti?

— Quem?

— O nosso... o Professor Lovell.

— Ah. — Desta vez, Griffin não deu de imediato uma resposta loquaz. Desta vez, fez uma pausa antes de falar. — Não tenho a certeza.

Aquilo surpreendeu Robin.

— Não sabes?

— Deixei Babel depois do meu terceiro ano — disse Griffin suavemente. — Colaborava com a Hermes desde o início, mas estava do lado de dentro como tu. Então, aconteceu uma situação e deixou de ser seguro, portanto, fugi. E desde então tenho... — Ele parou de falar e depois pigarreou. — Mas isso não vem ao caso. Tudo o que precisas de saber é que provavelmente é melhor não mencionares o meu nome ao jantar.

— Bem, isso nem é preciso dizer.

Griffin virou-se para se ir embora, hesitou e depois virou-se novamente.

— Mais uma coisa. Onde estás a viver?

— Hum? Na Univ... estamos todos no University College.

— Isso eu sei. Em que quarto?

— Oh. — Robin corou. — Magpie Lane, número quatro, quarto sete. A casa com o telhado verde. Eu estou no canto. O quarto com as janelas inclinadas virado para a capela Oriel.

— Eu sei. — O Sol tinha-se posto há muito tempo. Robin já não conseguia ver o rosto de Griffin, meio escondido nas sombras. — Esse costumava ser o meu quarto.

CAPÍTULO SEIS

R

— *A questão é — disse Alice —, se podes fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes.*

— *A questão é — disse Humpty Dumpty —, quem vai decidir, só isso.*

LEWIS CARROLL, *Alice do Outro Lado do Espelho*

Aula introdutória do Professor Playfair à Teoria da Tradução ocorria à terça-feira de manhã no quinto andar da torre. Eles mal se tinham sentado quando ele começou a palestra, enchendo a estreita sala de aula com a sua voz estrondosa de homem teatral.

— A esta altura, cada um de vocês é razoavelmente fluente em pelo menos três idiomas, o que por si só é um feito. Hoje, contudo, vou tentar mostrar-vos a dificuldade única da tradução. Considerem o complicado que é dizer apenas a palavra *olá*. *Olá* parece tão fácil! *Bonjour. Ciao. Hallo.* E assim por diante. No entanto, digamos que estamos a traduzir do italiano para o inglês. Em italiano, *ciao* pode ser usado na saudação ou na despedida; não especifica qual das situações, marca apenas a etiqueta no ponto de contacto. É derivado do veneziano *s-ciào vostro*, que significa algo semelhante a «o seu obediente criado»; mas estou a divergir. A questão é que, quando trazemos *ciao* para o inglês, se estamos a traduzir uma cena em que as personagens se dispersam, por exemplo, devemos impor que *ciao* foi dito como adeus. Às vezes, isso é óbvio pelo contexto, mas outras vezes não; às vezes, temos de adicionar novas palavras à nossa tradução. Então, as coisas já estão complicadas e ainda não passámos do *olá*.

» A primeira lição que qualquer bom tradutor internaliza é que não existe uma correlação individual entre palavras ou mesmo conceitos de um idioma para outro. O filólogo suíço Johann Breitingger, que

afirmou que as línguas eram apenas «coleções de palavras e locuções totalmente equivalentes, as quais são intercambiáveis e correspondem totalmente umas às outras em significado», estava terrivelmente errado. A linguagem não é como a matemática, e até mesmo a matemática difere dependendo do idioma,⁴² mas revisitaremos isso mais tarde.

Robin deu por si a examinar o rosto do Professor Playfair enquanto este falava. Não tinha a certeza do que estava à procura. Alguma evidência do mal, talvez. O monstro cruel, egoísta e à espreita que Griffin tinha esboçado. Mas o Professor Playfair parecia ser apenas um académico alegre e radiante, apaixonado pela beleza das palavras. De facto, à luz do dia, na sala de aulas, as grandes conspirações do seu irmão pareciam bastante ridículas.

— A linguagem não existe enquanto nomenclatura para um conjunto de conceitos universais — continuou o Professor Playfair. — Se assim fosse, a tradução não seria uma profissão altamente qualificada; bastaria sentarmos uma turma de caloiros de olhos frescos diante de dicionários e, em pouco tempo, teríamos as obras completas do Buda nas nossas prateleiras. Em vez disso, temos de aprender a dançar no meio da velha dicotomia, elucidada de forma útil por Cícero e S. Jerónimo: *verbum e verbo* e *sensum e sensu*. Alguém pode...

— Palavra por palavra — disse Letty prontamente. — E sentido por sentido.

— Ótimo — disse o Professor Playfair. — Esse é o dilema. Assumimos as palavras como a nossa unidade de tradução ou subordinamos a precisão das palavras individuais ao espírito geral do texto?

— Não entendo — disse Letty. — Não deveria uma tradução fiel das palavras individuais produzir um texto igualmente fiel?

— Deveria — disse o Professor Playfair —, se, mais uma vez, as palavras existissem em relação umas às outras do mesmo modo em todas as línguas. Mas isso não acontece. As palavras *schlecht* e *schlimm* significam ambas «mau» em alemão, mas como é que sabemos quando usar uma ou a outra? Quando é que usamos

fleuve ou *rivière* em francês? Como é que traduzimos o *esprit* francês para o inglês? Não devemos apenas traduzir cada palavra por si mesma, mas sim evocar o sentido de como elas se encaixam em toda a passagem. Mas como pode isso ser feito se as línguas são, de facto, tão diferentes? E essas diferenças não são triviais, notem: Erasmo escreveu um tratado inteiro sobre a razão por que traduziu o *logos* grego para o *sermo* latino na sua tradução do Novo Testamento. Traduzir palavra por palavra é completamente desadequado.

— *Esse caminho servil que nobremente recusas* — recitou Ramy —, *de traçar palavra por palavra e linha por linha*.

— *Esses são os partos difíceis de cérebros escravos, não um efeito da poesia, mas das dores* — concluiu o Professor Playfair. — John Denham. Muito bem, Sr. Mirza. Portanto, como veem, os tradutores não entregam simplesmente uma mensagem, eles reescrevem o original. E é aqui que reside a dificuldade; reescrever ainda é escrever, e escrever reflete sempre a ideologia e os preconceitos do autor. Afinal, o *translatio* latino significa «transportar». A tradução envolve uma dimensão espacial; um transporte literal dos textos através do território conquistado, palavras entregues como especiarias vindas de uma terra estrangeira. As palavras significam algo bem diferente quando viajam dos palácios de Roma para os salões de chá da Grã-Bretanha atual.

» E ainda não saímos do léxico. Se a tradução fosse apenas uma questão de encontrarmos os temas certos, as ideias gerais certas, então, teoricamente, poderíamos acabar por esclarecer o nosso significado, não é verdade? Mas há algo que atrapalha: a sintaxe, a gramática, a morfologia e a ortografia, todas as coisas que formam os ossos de uma língua. Considerem o poema de Heinrich Heine «Ein Fichtenbaum». É curto e a sua mensagem é bastante fácil de entender. Um pinheiro que deseja uma palmeira, representando o desejo de um homem por uma mulher. No entanto, traduzi-lo para o inglês tem sido extremamente complicado, porque o inglês não tem géneros como o alemão. Desse modo, não há forma de transmitirmos a oposição binária entre o masculino *ein Fichtenbaum*

e o feminino *einer Palme*. Veem? Assim, temos de partir da suposição inicial de que a distorção é inevitável. A questão é como distorcer de modo deliberado.

Ele deu uma pancadinha no livro que estava sobre a mesa.

— Já terminaram o Tytler, certo?

Eles assentiram. Tinham recebido o capítulo introdutório do *Ensaio Sobre Princípios de Tradução* de Lorde Alexander Fraser Tytler Woodhouselee na noite anterior.

— Então, devem ter lido que Tytler recomenda três princípios básicos. Quais são... sim, *Miss Desgraves*?

— Primeiro, que a tradução transmita uma ideia completa e precisa do original — disse Victoire. — Segundo, que a tradução reflita o estilo e a maneira de escrever do original; e, terceiro, que a tradução possa ser lida com toda a facilidade da composição original.

Ela falou com tanta precisão e confiança que Robin pensou que ela devia estar a ler o texto. Ele ficou muito impressionado quando olhou e viu que ela não estava a consultar nada a não ser o espaço. Também Ramy tinha o talento de decorar as coisas na perfeição — Robin estava a começar a sentir-se um pouco intimidado pelo seu grupo.

— Muito bem — disse o Professor Playfair. — Parece bastante básico, mas o que é que queremos dizer com «estilo e maneira» do original? O que significa uma composição ser de «fácil» leitura? Que público temos em mente quando fazemos essas afirmações? Estas são as questões que abordaremos neste período e são questões muito fascinantes. — Ele juntou as mãos. — Permitam-me, novamente, que me apoie na teatralidade para discutir o nosso homónimo, Babel; sim, queridos alunos, não consigo escapar do romantismo desta instituição. Façam-me a vontade, por favor.

O seu tom não transmitia arrependimento algum. O Professor Playfair adorava este misticismo dramático, estes monólogos que deviam ter sido ensaiados e aperfeiçoados ao longo de anos de ensino. Mas ninguém se queixava. Eles também adoravam.

— Argumenta-se muitas vezes que a maior tragédia do Antigo Testamento não foi o exílio do homem do Jardim do Éden, mas sim a queda da Torre de Babel, pois Adão e Eva, embora expulsos da

graça, ainda conseguiam falar e compreender a linguagem dos anjos. Mas quando os homens, na sua arrogância, decidiram construir um caminho para o céu, Deus confundiu o seu entendimento. Ele dividiu-os e confundiu-os e espalhou-os pela face da terra.

» O que se perdeu em Babel não foi apenas a unidade humana, mas também a linguagem original; algo primordial e inato, perfeitamente compreensível e ao qual nada faltava em forma ou conteúdo. Os estudiosos da Bíblia chamam-lhe linguagem adâmica. Alguns pensam que é o hebraico. Outros acham que é uma língua real, mas antiga, que se perdeu no tempo. Há quem pense que é uma linguagem nova e artificial que devemos inventar. Alguns acham que o francês cumpre esse papel; outros acham que o inglês, assim que terminar de roubar e de se transformar, pode fazê-lo.

— Ah, não, essa resposta é fácil — disse Ramy. — É o siríaco.

— Muito engraçado, Sr. Mirza.

Robin não sabia se Ramy estava realmente a brincar, mas mais ninguém fez nenhum comentário. O Professor Playfair continuou.

— Para mim, no entanto, não importa qual era a linguagem adâmica, pois é óbvio que perdemos todo o acesso a ela. Jamais falaremos a linguagem divina. Contudo, ao juntarmos todas as línguas do mundo debaixo deste teto, ao reunirmos a gama completa de expressões humanas, ou o mais próximo possível disso, podemos tentar. Nunca tocaremos o céu neste plano mortal, mas a nossa confusão não é infinita. Aperfeiçoando as artes da tradução, podemos alcançar o que a humanidade perdeu em Babel.

O Professor Playfair suspirou, emocionado com a sua própria atuação. Robin pensou ter visto lágrimas de verdade a formarem-se no canto dos seus olhos.

— Magia. — O Professor Playfair pressionou a mão contra o peito.

— O que estamos a fazer é mágico. Nem sempre terão essa sensação, na verdade, quando fizerem o exercício desta noite será mais como se estivessem a dobrar roupa do que a perseguir o efêmero. Mas nunca se esqueçam da audácia do que estão a tentar

fazer. Nunca se esqueçam de que estão a desafiar uma maldição lançada por Deus.

Robin levantou a mão.

— Quer dizer, então, que o nosso propósito aqui também é aproximar a humanidade?

O Professor Playfair inclinou a cabeça.

— Que quer dizer com isso?

— Eu apenas... — Robin vacilou. Parecia uma tolice dizê-lo, uma fantasia infantil e não uma pergunta acadêmica séria. Letty e Victoire estavam a olhar para ele carrancudas; até Ramy estava a franzir o nariz. Robin tentou novamente. Ele sabia o que queria perguntar, só que não conseguia pensar numa maneira elegante ou subtil de o formular. — Bem, já que na Bíblia, Deus separou a humanidade. E pergunto-me se... se o propósito da tradução, então, é reunir a humanidade. Se traduzimos para... não sei, construirmos esse paraíso novamente, na terra, entre nações.

O Professor Playfair pareceu perplexo com a pergunta, mas as suas feições reagruparam-se rapidamente num sorriso alegre.

— Bem, é claro. Tal é o projeto do império e a razão pela qual, portanto, traduzimos às ordens da Coroa.

Às segundas, quintas e sextas-feiras, eles tinham aulas de línguas, as quais, depois da palestra do Professor Playfair, pareciam um terreno firme e reconfortante.

Eram obrigados a estudar latim juntos três vezes por semana, independentemente da especialidade regional. (O grego, nesta fase, podia ser descartado por qualquer um que não se estivesse a especializar nos Clássicos.) O latim era ensinado por uma mulher chamada Professora Margaret Craft, que não podia ser mais diferente do Professor Playfair. Raramente sorria. Dava as suas palestras sem sentimento e apoiando-se numa memória mecânica, nunca olhando uma vez sequer para as suas anotações, embora as folheasse enquanto falava, como se há muito tivesse memorizado o seu lugar na página. Não perguntara os nomes deles — indicava-os apenas por meio de um dedo apontado e um frio e abrupto «Tu». A princípio, parecia totalmente desprovida de humor, mas quando

Ramy leu em voz alta uma das interjeições mais secas de Ovídio — *fugiebat enim*, «pois ela fugia», depois de Júpiter implorar a lo para não fugir —, explodiu numas risadinhas femininas que a fizeram parecer vinte anos mais nova. Na verdade, parecia uma estudante que se poderia ter sentado entre eles. Depois, o momento passou e a sua máscara retomou o seu lugar.

Robin não gostou dela. A sua voz professoral tinha um ritmo estranho e nada natural, com pausas inesperadas que tornavam difícil seguir a sua linha de argumentação, e as duas horas passadas na sua sala de aulas pareceram arrastar-se por uma eternidade. Letty, no entanto, parecia extasiada. Olhava para a Professora Craft com uma admiração cintilante. Quando saíram, no fim da aula, Robin ficou à porta à espera de que ela pegasse nas suas coisas para poderem ir todos juntos até ao Refeitório. Mas, em vez disso, ela foi até à mesa da Professora Craft.

— Professora, será que poderia falar consigo para...

A Professora Craft levantou-se.

— A aula acabou, *Miss Price*.

— Eu sei, mas gostava de lhe pedir um momento... se tiver tempo livre... quero dizer, enquanto mulher em Oxford, quero dizer, não somos muitas, e esperava ter o seu conselho...

Por uma vaga noção de cavalheirismo, Robin achou que devia parar de escutar, mas a voz fria da Professora Craft cortou o ar antes que ele conseguisse chegar às escadas.

— Babel não discrimina as mulheres. O que acontece é que poucas do nosso sexo se interessam por idiomas.

— Mas a senhora é a única mulher professora em Babel e todos nós... isto é, todas as raparigas aqui e eu achamos que é admirável, portanto, eu queria...

— Saber como se faz? Muito trabalho e um brilhantismo inato. Já sabe disso.

— É diferente para as mulheres, contudo, e certamente a senhora já experimentou...

— Quando eu tiver tópicos relevantes para discussão apresentá-los-ei na aula, *Miss Price*. Mas a aula acabou. E neste momento está a infringir o meu tempo.

Robin apressou-se a virar a esquina e desceu os degraus sinuosos antes que Letty o pudesse ver. Quando ela se sentou diante do seu prato, no Refeitório, ele viu que os olhos dela estavam um pouco vermelhos nas extremidades, mas fingiu não notar, e se Ramy ou Victoire notaram, não disseram nada.

Na tarde de quarta-feira, Robin teve a sua aula individual de chinês. Quase esperara encontrar o Professor Lovell na sala de aulas, mas o seu instrutor acabou por ser o Professor Anand Chakravarti, um homem cordial e discreto que falava inglês com um sotaque londrino tão perfeito que parecia ter sido criado em Kensington.

A aula de chinês era um exercício totalmente diferente do latim. O Professor Chakravarti não discursava para Robin nem o obrigava a fazer recitações. Em vez disso, conduzia a aula como uma conversa. Fazia perguntas, Robin fazia o possível por responder e os dois tentavam entender o que ele dissera.

O Professor Chakravarti começou com perguntas tão básicas que, a princípio, Robin não conseguia perceber qual era o interesse em as responder, até investigar as suas implicações e perceber que estavam muito além do alcance da sua compreensão. O que era uma palavra? Qual era a menor unidade possível de significado e porque é que era diferente de uma palavra? Uma palavra era diferente de um carácter? De que maneira o discurso chinês era diferente da escrita chinesa?

Era um exercício estranho analisar e desmontar uma língua que ele pensava conhecer como a palma da mão, aprender a classificar palavras por ideograma ou pictograma e memorizar todo um vocabulário de novos termos, a maior parte relacionados com morfologia ou ortografia. Era como escavar um túnel nas fendas da sua própria mente, descascando as coisas para ver como funcionavam e isso intrigava-o e perturbava-o.

Depois, vieram as perguntas mais difíceis. Quais eram as palavras chinesas que tinham origem em imagens reconhecíveis? Quais eram as que não tinham? Porque é que o carácter para «mulher» — 女 — também era o radical usado no carácter para «escravidão»? E no carácter para «bom»?

— Não sei — admitiu Robin. — Porque será? A escravidão e a bondade serão ambas coisas inatamente femininas?

O Professor Chakravarti encolheu os ombros.

— Também não sei. Essas são as questões que o Richard e eu ainda estamos a tentar responder. Estamos longe de ter uma edição satisfatória da Gramática chinesa. Quando eu estudava chinês, não tinha nenhum bom recurso chinês-inglês e tive de me contentar com o *Eléments de la grammaire chinoise* de Abel-Rémusat e a *Grammatica Sinica* de Fourmont. Consegues imaginar? Ainda associo o chinês e o francês a uma dor de cabeça. Mas acho que fizemos progressos hoje, na verdade.

Foi então que Robin percebeu qual era o seu lugar aqui. Ele não era apenas um aluno, mas sim um colega, um raro falante nativo capaz de expandir os limites do escasso conhecimento existente em Babel. *Ou uma mina de prata a ser saqueada*, disse a voz de Griffin, embora ele afastasse o pensamento.

A verdade é que era emocionante contribuir para as Gramáticas. Mas ele ainda tinha muito que aprender. A segunda metade da aula foi passada em leituras de chinês clássico, algo pelo qual Robin se tinha interessado em casa do Professor Lovell, mas nunca tinha abordado de maneira sistemática. O chinês clássico era para o mandarim vernáculo o que o latim era para o inglês; era possível adivinhar a essência de uma frase, mas as regras da gramática não eram intuitivas e eram impossíveis de entender sem uma prática de leitura rigorosa. A pontuação era um jogo de adivinhação e os substantivos podiam ser verbos quando lhes apetecia. Frequentemente, os caracteres tinham significados diferentes e contraditórios, produzindo ambas interpretações possíveis e válidas — o carácter 篤, por exemplo, podia significar tanto «restringir» como «grande, substancial».

Naquela tarde, abordaram o *Shijing* — o Livro das Canções — que fora escrito num contexto discursivo tão distante da China contemporânea que até os leitores do período Han teriam considerado que fora escrito numa língua estrangeira.

— Proponho que paremos aqui — disse o Professor Chakravarti ao fim de vinte minutos de debate sobre o carácter 不, que na maior

parte dos contextos significava um «não» negativo, mas no contexto dado parecia uma palavra de elogio, o que não se encaixava em nada que eles soubessem sobre a palavra.

— Suspeito de que vamos ter de deixar isto como uma questão em aberto.

— Mas não entendo — disse Robin, frustrado. — Como é que podemos não saber? Não podemos perguntar tudo isto a alguém? Não poderíamos fazer uma viagem de investigação a Pequim?

— Podíamos — disse o Professor Chakravarti. — Mas as coisas tornam-se um pouco difíceis quando o Imperador Qing decretou que ensinar chinês a um estrangeiro é punível com a morte, sabes. — Ele deu uma palmadinha no ombro de Robin. — Cá nos arranjaremos com o que temos. Tu és a nossa melhor opção.

— Não há mais ninguém aqui que fale chinês? — perguntou Robin. — Eu sou o único aluno?

Um olhar estranho apareceu, então, no rosto do Professor Chakravarti. Robin não devia saber da existência de Griffin, percebeu ele. Provavelmente, o Professor Lovell tinha pedido segredo ao resto do corpo docente; provavelmente, de acordo com o registo oficial, Griffin não existia.

Ainda assim, ele não pôde deixar de insistir.

— Ouvi dizer que houve outro aluno alguns anos antes de mim. Também da costa.

— Ah... sim, acho que houve. — Os dedos do Professor Chakravarti tamborilaram ansiosamente contra a mesa. — Um rapaz simpático, embora não tão diligente como tu. Griffin Harley.

— *Houve?* Que lhe aconteceu?

— Bem, é uma história triste, na verdade. Ele faleceu. Pouco antes do seu quarto ano. — O Professor Chakravarti coçou a têmpora. — Adoeceu durante uma viagem de investigação ao estrangeiro e não voltou. Acontece com frequência.

— Acontece?

— Sim, há sempre um certo... risco inerente à profissão. Há tantas viagens, sabes? É esperado algum atrito.

— Mas ainda não entendo — disse Robin. — Há, certamente, muitos estudantes chineses que adorariam estudar em Inglaterra.

Os dedos do Professor Chakravarti aceleraram nas suas pancadas contra a madeira.

— Bem, sim. Mas primeiro há a questão das lealdades nacionais. Não adianta recrutar estudantes que possam voltar a correr para o governo Qing a qualquer instante, sabes? Em segundo lugar, o Richard é de opinião que... bem, é necessária uma certa educação.

— Como a minha?

— Como a tua. Caso contrário, o Richard pensa... — Robin notou que o Professor Chakravarti estava a usar bastante aquela construção — que os chineses tenderiam para certas inclinações naturais. Ou seja, ele acha que os estudantes chineses não se adaptariam bem aqui.

Uma cepa servil e nada civilizada.

— Percebo.

— Mas isso não se aplica a ti — disse o Professor Chakravarti rapidamente. — Tu foste criado corretamente e tudo o mais. És maravilhosamente diligente, portanto, não espero que isso seja um problema.

— Sim. — Robin engoliu em seco. Sentia a garganta muito apertada. — Tive muita sorte.

R

No segundo sábado após a sua chegada a Oxford, Robin dirigiu-se para norte para jantar com o seu tutor.

A residência do Professor Lovell em Oxford era apenas um pouco mais humilde do que a sua propriedade em Hampstead. Era um pouco mais pequena e desfrutava de um mero quintal à frente e atrás em vez de um amplo jardim, mas, ainda assim, era mais do que alguém com um salário de professor poderia pagar. Cerejeiras carregadas de frutos vermelhos suculentos ladeavam as sebes perto da porta da frente, embora já não devesse haver cerejas no início do outono. Robin suspeitava de que se se baixasse para inspecionar a erva junto às suas raízes, encontraria barras de prata no solo.

— Meu querido rapaz! — Ele mal tinha tocado à campainha e já a Sra. Piper estava em cima dele, a sacudir-lhe folhas do casaco e a virá-lo num círculo para lhe examinar o corpo esguio. — Meu Deus, já estás tão magro...

— A comida é horrível — disse ele. Um grande sorriso abriu-se no rosto dele; não tinha percebido quanto sentira saudades dela. — É como a senhora disse. O jantar de ontem foi arenque salgado...

— Não — exclamou ela.

— ... carnes frias...

— *Não!*

— ... e pão duro.

— É desumano. Não te preocupes, fiz comida suficiente para compensar. — Ela deu-lhe uma palmadinha no rosto. — E como é que vai a vida na faculdade? Gostas de usar aquelas capas pretas esvoaçantes? Já fizeste algum amigo?

Robin ia responder quando o Professor Lovell desceu as escadas.

— Olá, Robin — disse ele. — Entra. Sra. Piper, o casaco dele...

Robin despiu-o e entregou-o à Sra. Piper, que examinou os punhos manchados de tinta com desaprovação.

— Como vai o período?

— É desafiante, tal como o senhor me avisou. — Robin sentiu-se mais velho quando falou, com a voz de certo modo mais profunda. Tinha saído de casa há apenas uma semana, mas sentia-se como se tivesse envelhecido anos e podia agora apresentar-se como um jovem e não como um rapaz. — Mas desafiante de uma forma agradável. Estou a aprender bastante.

— O Professor Chakravarti diz que fizeste algumas boas contribuições para a Gramática.

— Não tantas como eu gostaria — disse Robin. — Existem partículas no chinês clássico com as quais não faço ideia como lidar. Metade do tempo, parece que estamos a adivinhar nas nossas traduções.

— Sinto-me assim há décadas. — O Professor Lovell apontou para a sala de jantar. — Vamos?

Quase poderiam estar de volta a Hampstead. A longa mesa estava disposta exatamente da mesma forma a que Robin estava

habituação, com ele e o Professor Lovell sentados nas extremidades opostas e um quadro à direita de Robin, que desta vez representava o Tamisa em vez da Broad Street de Oxford. A Sra. Piper serviu o vinho e, com uma piscadela de olho para Robin, desapareceu na cozinha.

O Professor Lovell ergueu o copo na direção dele e bebeu.

— Estás a estudar teoria com o Jerome e latim com a Margaret, correto?

— Sim. Está a ir muito bem. — Robin tomou um gole de vinho. — Embora a Professora Craft dê a aula como se não fizesse diferença se estivesse a falar para uma sala vazia, e o Professor Playfair pareça ter escapado a uma carreira no palco.

O Professor Lovell riu-se. Robin sorriu, involuntariamente; nunca tinha conseguido fazer o seu tutor rir antes.

— Ele fez-vos o discurso do Psamético?

— Sim — disse Robin. — Aquilo aconteceu de facto?

— Ninguém sabe, mas Heródoto diz-nos que sim — disse o Professor Lovell. — Há outra boa história de Heródoto, mais uma vez sobre Psamético. Este queria determinar que idioma era a base de todas as línguas da Terra, portanto, entregou dois bebés recém-nascidos a um pastor com instruções para que eles não ouvissem nenhuma fala humana. Durante algum tempo, tudo o que eles fizeram foi balbuciar, como os bebés fazem. Então, um dia, um dos bebés estendeu as mãozinhas para o pastor e exclamou *bekos*, que é a palavra frígia para pão. E, assim, Psamético decidiu que os frígios deviam ter sido a primeira raça na terra e o frígio a primeira língua. Bela história, não é?

— Presumo que ninguém aceite esse argumento — disse Robin.

— Céus, não.

— Mas será que isso poderia mesmo funcionar? — perguntou Robin. — Poderíamos realmente aprender alguma coisa a partir do que os bebés dizem?

— Não que eu saiba — disse o Professor Lovell. — A questão é que é impossível isolar os bebés de um ambiente com linguagem se quisermos que eles se desenvolvam como deveriam. Poderia ser interessante comprar uma criança e ver, mas, bem, não. — O

Professor Lovell inclinou a cabeça. — Mas é divertido considerar a possibilidade de um idioma original.

— O Professor Playfair mencionou algo semelhante — disse Robin. — Sobre uma língua perfeita, inata e não adulterada. A linguagem adâmica.

Ele sentia-se mais confiante a falar com o professor agora que tinha passado algum tempo em Babel. Estavam mais em pé de igualdade; podiam comunicar como colegas. O jantar parecia-se menos com um interrogatório e mais como uma conversa descontraída entre dois estudiosos do mesmo campo fascinante.

— A linguagem adâmica. — O Professor Lovell fez uma careta. — Não sei porque é que ele vos enche as mentes com essas coisas. É uma bela metáfora, sem dúvida, mas de vez em quando aparece um aluno determinado a descobrir a linguagem adâmica no protoindo-europeu ou, então, a inventá-la totalmente por conta própria, o que conduz sempre a uma conversa severa ou a algumas semanas de fracasso até que ele caia em si.

— O senhor não acha que existe uma língua original? — perguntou Robin.

— Claro que não. Os cristãos mais devotos acham que sim, mas se a Palavra Sagrada fosse tão inata e inequívoca, haveria, com certeza, menos debates sobre o seu conteúdo. — Ele abanou a cabeça. — Existem aqueles que pensam que a linguagem adâmica pode ser o inglês, ou pode *tornar-se* o inglês, mas apenas porque a língua inglesa tem suficiente força militar e poder por trás para expulsar os concorrentes de modo credível. Contudo, também devemos recordar que foi apenas há um século que Voltaire declarou que o francês era a língua universal. Isso foi antes de Waterloo, claro. Webb e Leibniz especularam certa vez que o chinês poderia, de facto, ter sido universalmente inteligível devido à sua natureza ideogramática, mas Percy contraria isso argumentando que o chinês é um derivado dos hieróglifos egípcios. A minha opinião é que estas coisas são contingentes. As línguas dominantes podem manter alguma capacidade de permanência mesmo após o declínio dos seus exércitos, o português, por exemplo, já superou em muito o seu momento, mas acabam sempre por perder

relevância. No entanto, acho que existe um reino de significado puro, uma linguagem intermédia onde todos os conceitos estão perfeitamente expressos, mas da qual não nos conseguimos aproximar. Temos uma sensação, um sentimento disso quando acertamos.

— Como Voltaire — disse Robin, encorajado pelo seu vinho e bastante animado por se conseguir recordar da citação relevante. — Como o que ele escreve no prefácio da sua tradução de Shakespeare. *Tentei flutuar com o autor onde ele flutua.*

— Exatamente — disse o Professor Lovell. — Mas como é que Frere o diz? *A linguagem da tradução deve, pensamos, tanto quanto possível, ser um elemento puro, impalpável e invisível, o meio do pensamento e do sentimento e nada mais.* Mas o que é que sabemos sobre o pensamento e o sentimento, exceto o que é expresso por meio da linguagem?

— É isso que move as barras de prata? — perguntou Robin. Aquela conversa estava a começar a escapar-lhe; ele pressentiu uma profundidade na teorização do Professor Lovell que não estava preparado para seguir e precisava de trazer as coisas de volta para o nível material antes que se perdesse. — Elas funcionam captando esse significado puro, tudo o que se perde quando o invocamos por meio de aproximações grosseiras?

O Professor Lovell assentiu.

— É o mais próximo de uma explicação teórica que conseguimos chegar. Mas também acho que conforme as línguas evoluem, conforme os seus falantes se tornam mais mundanos e sofisticados, à medida que absorvem outros conceitos e se expandem e transformam para abranger mais ao longo do tempo, nós aproximamo-nos de algo próximo dessa linguagem. Há menos espaço para mal-entendidos. E só agora começámos a descobrir o que isso significa para o trabalho em prata.

— Suponho que isso significa que os Românticos podem acabar por ficar sem coisas para dizer — disse Robin.

Ele estava apenas a brincar, mas o Professor Lovell acenou vigorosamente com a cabeça.

— Tens toda a razão. O francês, o italiano e o espanhol dominam o corpo docente, mas as suas contribuições novas para os registos do trabalho em prata diminuem a cada ano. Há simplesmente demasiada comunicação através do continente. Demasiadas palavras emprestadas. As conotações mudam e convergem à medida que o francês e o espanhol se aproximam do inglês e vice-versa. Daqui a algumas décadas, as barras de prata que usamos com as línguas românicas podem já não ter efeito algum. Não, se queremos inovar, temos de olhar para o Oriente. Precisamos de idiomas que não sejam falados na Europa.

— Foi por isso que o senhor se especializou em chinês — disse Robin.

— Exatamente. — O Professor Lovell assentiu. — A China é o futuro, tenho a certeza.

— E é por isso que o senhor e o Professor Chakravarti estão a tentar diversificar as coortes?

— Quem é que andou a coscuvilhar contigo sobre a política departamental? — O Professor Lovell riu-se. — Sim, há ressentimentos este ano porque só aceitámos um Clássico e uma mulher, ainda por cima. Mas é assim que tem de ser. O grupo acima de vocês vai ter dificuldades para encontrar emprego.

— Se estamos a falar sobre a disseminação da linguagem, eu queria perguntar... — Robin pigarreou. — Para onde é que vão todas aquelas barras? Quero dizer, quem as compra?

O Professor Lovell lançou-lhe um olhar curioso.

— Aqueles que podem pagar, é claro.

— Mas a Grã-Bretanha é o único sítio onde as barras de prata são usadas de modo generalizado — disse Robin. — Elas não são assim tão populares em Cantão, nem, segundo ouvi, em Calcutá. E imagino... não sei, parece-me um pouco estranho que os britânicos sejam os únicos que as possam usar quando os chineses e os indianos estão a contribuir com os componentes essenciais do seu funcionamento.

— Mas isso é simplesmente a economia — disse o Professor Lovell. — É preciso muito dinheiro para se comprar o que criamos. Acontece que os britânicos podem pagar. Também temos acordos

com comerciantes chineses e indianos, mas eles têm geralmente menos capacidade de pagar as taxas de exportação.

— Mas nós temos barras de prata em instituições de caridade, hospitais e orfanatos aqui — disse Robin. — Temos barras que podem ajudar as pessoas que mais precisam. Nada disso existe em mais nenhum outro sítio do mundo.

Ele estava a jogar um jogo perigoso e sabia. Mas tinha de procurar alguma clareza. Não podia classificar o Professor Lovell e todos os seus colegas como inimigos na sua mente, não podia acreditar totalmente na avaliação condenatória de Griffin sobre Babel sem alguma confirmação.

— Bem, não podemos gastar energia a investigar qualquer aplicação frívola — zombou o Professor Lovell.

Robin tentou uma linha de argumentação diferente.

— É só que... bem, parece-me justo que haja algum tipo de troca. — Ele estava arrependido, agora, de ter bebido tanto. Sentia-se solto, vulnerável. Demasiado apaixonado para o que deveria ter sido uma discussão intelectual. — Nós pegamos nas suas linguagens, nas suas formas de ver e descrever o mundo. Devíamos dar-lhes algo em troca.

— Mas a linguagem — disse o Professor Lovell — não é como um bem comercial, como o chá ou as sedas, que pode ser comprado e pago. A linguagem é um recurso infinito. E se a aprendermos, se a usarmos, a quem é que a estamos a roubar?

Havia alguma lógica naquilo, mas a conclusão ainda deixava Robin desconfortável. Com certeza, as coisas não eram assim tão simples; com certeza, isto ainda mascarava alguma coerção ou exploração injusta. Mas ele não conseguia formular nenhuma objeção, não conseguia descobrir onde estava a falha no argumento.

— O Imperador Qing possui uma das maiores reservas de prata do mundo — disse o Professor Lovell. — Ele tem muitos académicos. Até tem linguistas que entendem inglês. Então, porque é que não enche a sua corte com barras de prata? Porque é que os chineses, com uma língua tão rica, não têm uma gramática própria?

— Pode ser que não tenham os recursos para começar — disse Robin.

— Então, porque é que lhos devemos entregar?

— Mas essa não é a questão; a questão é que eles precisam, portanto, porque é que Babel não envia estudantes para o estrangeiro em programas de intercâmbio? Porque é que não lhes ensinamos como se faz?

— Talvez porque todas as nações guardem os seus recursos mais preciosos.

— Ou porque estamos a acumular um conhecimento que devia ser partilhado livremente — disse Robin. — Porque se a linguagem é livre, se o conhecimento é livre, então, porque é que as Gramáticas estão todas trancadas a sete chaves na torre? Porque é que nunca recebemos académicos estrangeiros, nem enviamos académicos para ajudar a abrir centros de tradução noutras partes do mundo?

— Porque, enquanto Real Instituto de Tradução, servimos os interesses da Coroa.

— Isso parece fundamentalmente injusto.

— É nisso que acreditas? — Um tom frio surgiu na voz do Professor Lovell. — Robin Swift, achas que o que fazemos aqui é fundamentalmente injusto?

— Eu só quero saber — disse Robin — porque é que a prata não pôde salvar a minha mãe.

Houve um breve silêncio.

— Bem, lamento pela tua mãe. — O Professor Lovell pegou na faca e começou a cortar o bife. Parecia confuso, desconcertado. — Mas a

cólera-asiática foi um produto da má higiene pública de Cantão e não da distribuição desigual de barras. E, de qualquer forma, não há nenhum par-correspondente em prata que possa trazer os mortos de volta...

— Que desculpa é essa? — Robin pousou o copo. Estava adequadamente bêbado agora, o que o tornava combativo. — O senhor *tinha* as barras, elas são fáceis de fazer, foi o que me disse, então, *porque* é que...

— Por amor de Deus — disparou o Professor Lovell. — Ela era apenas uma mulher.

A campainha tocou. Robin estremeceu; o seu garfo bateu no prato e caiu no chão. Ele apanhou-o, profundamente envergonhado. A voz da Sra. Piper ecoou pelo corredor.

— Oh, que surpresa! Eles estão a jantar agora, eu acompanho-o...

Então, um cavalheiro loiro, bonito e elegantemente vestido entrou na sala de jantar, transportando uma pilha de livros na mão.

— Sterling! — O Professor Lovell pousou a faca e levantou-se para cumprimentar o estranho. — Pensei que vinhas mais tarde.

— Acabei as coisas em Londres mais cedo do que esperava... — Os olhos de Sterling encontraram os de Robin e ele ficou absolutamente rígido. — Ah, olá.

— Olá — disse Robin, confuso e tímido. Este era o famoso Sterling Jones, percebeu ele. O sobrinho de William Jones, a estrela do corpo docente. — É... um prazer conhecê-lo.

Sterling não disse nada, apenas o examinou por um longo momento. A sua boca contorceu-se de modo estranho, embora Robin não conseguisse ler a expressão no seu rosto.

— Meu Deus.

O Professor Lovell pigarreou.

— Sterling.

Os olhos de Sterling permaneceram no rosto de Robin durante mais um instante e, depois, ele desviou o olhar.

— Bem-vindo, de qualquer forma. — Ele disse aquilo como uma reflexão tardia; já tinha virado as costas a Robin e as palavras soaram forçadas e desajeitadas. Ele colocou os livros sobre a mesa.

— Tinhas razão, Dick, a chave são precisamente os dicionários Ricci. Temos estado a perder o que acontece quando passamos pelo português. E *isso* é algo eu posso resolver. Agora, acho que se encadearmos os caracteres que marquei aqui e aqui...

O Professor Lovell folheava as páginas.

— Isto está completamente molhado. Espero que não lhe tenhas pagado o preço total...

— Não paguei *nada*, Dick, achas que sou tolo?

— Bem, depois de Macau...

Eles começaram uma discussão acalorada. Robin ficou totalmente esquecido.

Ele ficou a olhar, sentindo-se embriagado e deslocado. Sentia as faces a esquentar. Ainda não tinha acabado de comer, mas parecia muito estranho continuar a comer agora. Além disso, não tinha apetite. A sua confiança anterior desaparecera. Sentia-se novamente como um rapazinho estúpido, de quem aqueles visitantes semelhantes a corvos na sala de estar do Professor Lovell se riam e ignoravam.

E surpreendeu-se com a contradição — ele desprezava-os, sabia que não podiam estar a fazer nada de bom e, ainda assim, queria ser respeitado por eles o suficiente para ser incluído nas suas fileiras. Era uma mistura muito estranha de emoções. Ele não fazia a menor ideia de como as classificar.

Mas ainda não terminámos, queria ele dizer ao pai. *Estávamos a falar sobre a minha mãe.*

Sentiu o peito contrair-se, como se o seu coração fosse uma besta enjaulada esforçando-se por escapar. Era curioso. Esta rejeição não era nada que ele não tivesse experimentado antes. O Professor Lovell nunca reconhecera os sentimentos de Robin, nunca oferecera carinho ou conforto, apenas mudava abruptamente de assunto, apenas erguia uma parede fria e indiferente, apenas minimizava as dores de Robin de modo que parecia frívolo mencioná-las sequer. Robin já se tinha habituado a isso a esta altura.

Só que agora — talvez por causa do vinho, ou talvez porque tudo se tivesse acumulado durante tanto tempo que as coisas tinham passado para lá do ponto crítico — ele sentia vontade de gritar. De chorar. De pontapear a parede. Qualquer coisa, apenas para obrigar o pai a encará-lo.

— Oh, Robin. — O Professor Lovell ergueu os olhos. — Diz à Sra. Piper que gostaríamos de tomar café antes de irem, sim?

Robin pegou no casaco e saiu da sala.

Ele não virou para a Magpie Lane vindo da High Street.

Em vez disso, foi mais longe e entrou nos terrenos do Merton College. À noite, os jardins eram sinuosos e misteriosos; galhos negros estendiam-se como dedos por trás de um portão de ferro trancado. Robin mexeu inutilmente no cadeado e depois içou-se

ofegante por cima de um espaço estreito entre os espigões. Vagueou alguns metros jardim adentro antes de perceber que não sabia qual era o aspeto de uma bétula.

Deu um passo para trás e olhou em redor, sentindo-se um tanto tolo. Então, uma mancha branca chamou a sua atenção — uma árvore pálida rodeada por um aglomerado de amoreiras, aparadas de modo que se curvassem ligeiramente para cima como se estivessem em adulação. Um galho nodoso projetava-se do tronco da árvore branca; ao luar, parecia uma cabeça careca. Uma bola de cristal.

É um palpite tão bom como qualquer outro, pensou Robin.

Pensou no irmão com a sua capa de corvo a esvoaçar, enquanto roçava os dedos sobre esta madeira pálida ao luar. Griffin adorava um gesto dramático.

Ele interrogou-se sobre a sensação amarfanhada e quente que sentia no peito. A caminhada longa e desanuviente não tinha diminuído a sua raiva. Ele ainda se sentia com vontade de gritar. O jantar com o pai enfurecera-o assim tanto? Seria isto a indignação justa de que Griffin falara? Mas o que ele sentia não era tão simples como uma chama revolucionária. O que ele sentia no seu coração não era tanto convicção e sim mais dúvida, ressentimento e uma profunda confusão.

Ele odiava este lugar. E amava-o. Ressentia-se do modo como ele o tratava. Ainda queria fazer parte dele — porque era tão bom fazer parte dele, falar com os seus professores como um igual intelectual, participar no grande jogo.

Um pensamento desagradável insinuou-se-lhe na mente — *É porque tu és um rapazinho magoado e gostavas que te tivessem prestado mais atenção* —, mas ele afastou-o. Com certeza que não podia ser tão mesquinho; com certeza que não estava apenas a virar-se contra o pai porque se sentia rejeitado.

Ele tinha visto e ouvido o suficiente. Sabia o que Babel era no seu cerne e sabia o suficiente para confiar no seu instinto.

Passou o dedo pela madeira. As suas unhas não iriam servir. Uma faca seria o ideal, mas ele nunca andava com uma. Por fim, tirou uma caneta de tinta permanente do bolso e pressionou a ponta

contra o galho. A madeira resistiu. Ele arranhou com força várias vezes para tornar a cruz visível — os dedos doíam-lhe e a ponta estava irreversivelmente arruinada —, mas, por fim, deixou a sua marca.

⁴² Isto é verdade. A matemática não está separada da cultura. Tomemos os sistemas de contagem — nem todas as línguas usam a base dez; ou a geometria — a geometria euclidiana assume uma concepção do espaço não partilhada por todos. Uma das maiores mudanças intelectuais da história envolve a transição da numeração romana para a numeração árabe, mais elegante, cuja notação de valor posicional e conceito de zero — que significa o nada — possibilitaram novas formas de aritmética mental. Os velhos hábitos custam a morrer; em 1299, os mercadores de Florença foram proibidos pela Arte del Cambio florentina de usarem tanto o zero como a numeração árabe: «Deverá escrever total e declaradamente por letras.»

CAPÍTULO SETE

R

*Quot linguas quis callet, tot homines valet.
Quanto mais línguas falamos, mais homens valem.*

CARLOS V

Na segunda-feira seguinte, Robin voltou para o seu quarto depois das aulas e encontrou um pedaço de papel entalado debaixo do parapeito da janela. Retirou-o de imediato. Com o coração a martelar, fechou a porta e sentou-se no chão, semicerrando os olhos para a caligrafia apertada de Griffin.

A nota estava em chinês. Robin leu-a duas vezes, depois de trás para a frente, depois de novo pela ordem correta, perplexo. Griffin parecia ter encadeado caracteres totalmente ao acaso e as frases não faziam sentido — não, nem sequer podiam ser descritas como frases, pois, embora houvesse pontuação, os caracteres estavam organizados sem nenhuma atenção à gramática ou à sintaxe. Aquilo era um código, de certeza, mas Griffin não tinha dado nenhuma chave a Robin e Robin não conseguia pensar em nenhuma alusão literária ou dicas subtis que Griffin pudesse ter dado para o ajudar a descodificar aquele absurdo.

Por fim, percebeu que estava a tentar fazer as coisas do modo errado. Aquilo não era chinês. Griffin usara apenas caracteres chineses para transmitir palavras num idioma que Robin suspeitava ser o inglês. Ele rasgou uma folha de papel do seu diário, colocou-a ao lado do bilhete de Griffin e escreveu a romanização de cada carácter. Algumas das palavras exigiram adivinhação, já que as palavras chinesas romanizadas tinham padrões de ortografia muito diferentes das palavras em inglês, mas, por fim, ao descobrir vários padrões de transformação comuns — *tè* significava sempre «the», *ü* era *oo* —, Robin decifrou o código.

Na próxima noite chuvosa. Abre a porta exatamente à meia-noite, espera no vestíbulo e sai cinco minutos depois. Não fales com ninguém. Vai diretamente para casa a seguir.

Não te desvies das minhas instruções. Decora e depois queima.

Curto, direto e minimamente informativo — tal como Griffin. Chovia constantemente em Oxford. A próxima noite chuvosa podia ser amanhã.

Robin leu a nota uma e outra vez até memorizar os pormenores e depois atirou o original e a sua decifração para a lareira, observando atentamente até cada fragmento se reduzir a cinzas.

Na quarta-feira, choveu. Estivera enevoadado a tarde inteira e Robin observara o céu escurecer com um pavor crescente. Quando saiu do gabinete do Professor Chakravarti às seis, uma chuva miudinha estava lentamente a tornar o pavimento cinzento. Quando chegou a Magpie Lane, a chuva tinha engrossado para um tamborilar constante.

Ele trancou-se no quarto, pôs as suas leituras de latim em cima da mesa e tentou, pelo menos, olhar para elas até chegar a hora.

Às onze e meia, a chuva anunciara a sua permanência. Era o tipo de chuva que soava fria; mesmo na ausência de ventos ferozes, neve ou granizo, o simples tamborilar contra as pedras da calçada parecia cubos de gelo a martelar contra a pele. Robin compreendia agora o raciocínio por trás das instruções de Griffin — numa noite como esta, ninguém conseguia ver mais do que alguns metros à frente do próprio nariz e, mesmo que conseguisse, não teria interesse em olhar. Uma chuva assim obrigava uma pessoa a caminhar de cabeça baixa e ombros curvados, indiferente ao mundo até chegar a algum lugar quente.

Às quinze para a meia-noite, Robin vestiu um casaco e saiu para o corredor.

— Onde vais?

Ele gelou. Pensara que Ramy estava a dormir.

— Esqueci-me de uma coisa nas estantes — sussurrou ele.

Ramy inclinou a cabeça.

— Outra vez?

— Suponho que seja a nossa maldição — sussurrou Robin, tentando manter uma expressão vazia.

— Está a chover. Vai buscá-la amanhã. — Ramy franziu a testa. — O que é?

As minhas leituras, quase disse Robin, o que não poderia estar correto, porque ele estivera supostamente a trabalhar nelas a noite toda.

— Ah, é só o meu diário. Vou ficar acordado se o deixar lá, sinto-me nervoso com a possibilidade de alguém ver as minhas notas...

— O que tens lá, uma carta de amor?

— Não, é só que... fico nervoso.

Ou ele era um mentiroso espetacular ou Ramy estava com demasiado sono para se importar.

— Vê se garantes apenas que eu me levanto amanhã — disse ele, bocejando. — Vou passar a noite toda com o Dryden e não me apetece nada.

— Está bem — prometeu Robin e saiu a correr pela porta.

A chuva forte fez a caminhada de dez minutos pela High Street parecer uma eternidade. Babel brilhava ao longe como uma vela quente, cada andar ainda totalmente iluminado como se fosse o meio da tarde, embora quase nenhuma silhueta fosse visível através das janelas. Os académicos de Babel trabalhavam a todas as horas, mas a maioria levava os seus livros para casa por volta das nove ou dez e qualquer pessoa que ainda ali estivesse à meia-noite provavelmente só sairia da torre de manhã.

Quando chegou ao relvado, ele parou e olhou em redor. Não viu ninguém. A carta de Griffin tinha sido tão vaga; ele não sabia se devia esperar até vislumbrar um dos agentes da Hermes, ou se devia seguir em frente e seguir as suas ordens com precisão.

Não te desvies das minhas instruções.

Os sinos marcaram a meia-noite. Ele correu até à entrada, de boca seca e sem fôlego. Quando alcançou os degraus de pedra, duas figuras materializaram-se na escuridão — ambos jovens vestidos de preto cujos rostos ele não conseguiu distinguir na chuva.

— Vá — sussurrou um deles. — Despacha-te.

Robin aproximou-se da porta.

— Robin Swift — disse ele em voz baixa, mas clara.

As proteções reconheceram o seu sangue. A fechadura estalou.

Robin abriu a porta e parou por um breve momento na soleira, apenas o tempo suficiente para que as pessoas atrás dele se esgueirassem para a torre. Ele não viu os rostos deles. As figuras correram escada acima como fantasmas, rápidos e silenciosos. Robin ficou parado no vestíbulo, a tremer com a chuva a escorrer-lhe pela testa, observando o relógio enquanto os segundos iam passando em direção aos cinco minutos.

Fora tudo tão fácil. Quando chegou o momento, Robin virou-se e saiu pela porta. Sentiu um ligeiro empurrão na cintura, mas não notou mais nada: nenhum sussurro, nenhum tilintar de barras de prata. Os agentes da Hermes foram engolidos pela escuridão. Em segundos, era como se nunca tivessem estado ali.

Robin virou-se e caminhou de volta para a Magpie Lane, a tremer violentamente, tonto com a pura audácia do que acabara de fazer.

Dormiu mal. Não parava de se revolver na cama num sono pejado de pesadelos, encharcando os lençóis de suor, torturado por fragmentos de sonhos; extrapolações ansiosas nas quais a polícia lhe arrombava a porta e o arrastava para a prisão, declarando que tinham visto tudo e sabiam de tudo. Só adormeceu completamente de madrugada e, a essa altura, estava tão exausto que não ouviu os sinos da manhã. Só acordou quando o criado lhe bateu à porta, a perguntar se queria que lhe varresse o chão naquele dia.

— Oh, sim, desculpe, dê-me apenas um momento e eu já saio. — Ele atirou água para o rosto, vestiu-se e saiu a correr pela porta. O seu grupo tinha combinado encontrar-se numa sala de estudos no quinto andar, para compararem as suas traduções antes da aula, e ele estava agora terrivelmente atrasado.

— Aí estás tu — disse Ramy quando ele chegou. Ele, Letty e Victoire estavam sentados em redor de uma mesa quadrada. — Desculpa por ter saído sem ti, mas pensei que já tivesses ido; bati duas vezes, mas não respondeste.

— Não faz mal. — Robin sentou-se. — Não dormi bem; deve ter sido a trovoada, acho eu.

— Sentes-te bem? — Victoire parecia preocupada. — Estás meio... — Ela acenou vagamente com a mão diante do rosto. — Pálido?

— Apenas pesadelos — disse ele. — Acontece... hum, às vezes.

A desculpa soou-lhe estúpida assim que lhe saiu da boca, mas Victoire deu-lhe uma palmadinha solidária na mão.

— Claro.

— Podemos começar? — perguntou Letty bruscamente. — Estávamos apenas a brincar com o vocabulário porque o Ramy não nos deixava começar sem ti.

Robin folheou apressadamente as suas páginas até encontrar o Ovídio atribuído na noite anterior.

— Desculpa, sim, claro.

Ele receava não conseguir aguentar toda a reunião, mas, de alguma forma, a luz quente do Sol sobre a madeira fria, o rabiscar da tinta no pergaminho e a dicção nítida e clara de Letty ajudaram a concentrar a sua mente exausta, fazendo que o latim e não a sua expulsão iminente fosse o assunto mais urgente do dia.

A reunião de estudo foi muito mais animada do que o esperado. Robin, que estava habituado a ler as suas traduções em voz alta para o Sr. Chester, que o corrigia com ironia enquanto ele prosseguia, não esperava um debate tão acalorado sobre o estilo da frase, a pontuação ou até que ponto havia demasiada repetição. Tornou-se rapidamente claro que eles tinham estilos de tradução drasticamente diferentes. Letty, que era uma defensora das estruturas gramaticais que aderissem tanto quanto possível ao latim, parecia disposta a perdoar as mais surpreendentemente desajeitadas manipulações da prosa, enquanto Ramy, o seu completo oposto, estava sempre pronto para abandonar a precisão técnica em troca de floreios retóricos que ele insistia serem melhores para transmitir o significado, mesmo quando isso significava a inserção de cláusulas completamente novas. Victoire parecia constantemente frustrada com os limites do inglês — «É tão estranho, o francês adequar-se-ia melhor a isto» — com Letty a concordar sempre com veemência, o que provocava risadas em

Ramy, momento em que o tópico do Ovídio foi abandonado por uma repetição das Guerras Napoleónicas.

— Sentes-te melhor? — perguntou Ramy a Robin quando terminaram.

Ele sentia-se, na verdade. Era bom mergulhar no refúgio de uma língua morta e travar uma guerra retórica cujos riscos não o podiam atingir. Ele ficou surpreendido com o quão normal o resto do dia pareceu, com a calma com que se conseguiu sentar no meio da sua coorte, enquanto o Professor Playfair dava uma palestra, e fingir que Tytler era o assunto principal na sua mente. À luz do dia, as façanhas da noite anterior pareciam um sonho distante. O tangível e o sólido era composto por Oxford, pelo trabalho do curso, pelos professores e por *scones* frescos com natas coaguladas.

Ainda assim, ele não conseguia eliminar o pavor subjacente de que tudo isto era uma piada cruel, de que as cortinas iriam cair a qualquer instante sobre esta farsa. Porque como é que podia não haver nenhuma consequência? Um ato de tão elevada traição — roubar a própria Babel, a instituição para a qual ele literalmente dera o seu sangue — deveria com certeza ter tornado esta vida impossível.

A ansiedade atingiu-o a sério a meio da tarde. O que na noite anterior parecera uma missão muito emocionante e justa parecia agora incrivelmente estúpido. Ele não se conseguia concentrar no latim; a Professora Craft teve de estalar os dedos diante dos seus olhos antes de ele perceber que ela lhe tinha pedido três vezes para examinar uma linha. Ele não parava de imaginar continuamente cenários horríveis com pormenores vívidos — como a polícia iria irromper por ali, apontando e gritando: *Ali está ele, o ladrão*; como a sua coorte iria ficar a olhar, atordoada; como o Professor Lovell, que por algum motivo era o procurador e o juiz, iria sentenciar friamente Robin à forca. Ele imaginava o atizador da lareira a atingi-lo uma e outra vez, frio e metódico, partindo cada um dos seus ossos.

Mas as visões permaneceram apenas isso, visões. Ninguém o veio prender. A aula prosseguiu devagar, desinteressante, ininterrupta. O seu terror diminuiu. Quando Robin e o seu grupo se reuniram no salão para jantar, ele descobriu que era surpreendentemente fácil

fingir para si mesmo que a noite passada nunca tinha acontecido. E assim que se sentaram diante da sua comida — batatas frias e um bife tão duro que eles precisaram de todas as suas forças para o cortarem em pedaços mastigáveis —, rindo das correções irritadas da Professora Craft às traduções embelezadas de Ramy, a noite parecia apenas uma memória distante.

Uma nova nota esperava-o debaixo do parapeito da janela quando ele voltou para casa naquela noite. Ele desdobrou-a com as mãos trémulas. A mensagem rabiscada era muito breve e, desta vez, Robin conseguiu decodificá-la na sua cabeça.

Aguarda novo contacto.

O seu desapontamento confundiu-o. Não tinha passado o dia a desejar nunca ter sido enredado neste pesadelo? Consequia imaginar a voz zombeteira de Griffin — *O quê, querias uma palmadinha nas costas? Um biscoito por um trabalho bem feito?*

Ele dava por si agora à espera de mais, mas não fazia ideia de quando poderia ter notícias de Griffin novamente. Griffin avisara Robin de que o contacto entre eles seria esporádico, que se poderiam passar períodos inteiros antes que ele entrasse em contacto novamente. Robin seria convocado quando fosse necessário e não antes. Ele não encontrou nenhum bilhete na sua janela na noite seguinte, nem na noite depois dessa.

Passaram-se dias e depois semanas.

Continuas a ser um estudante de Babel, dissera-lhe Griffin. *Age como um.*

Acontece que isso era muito fácil de fazer. À medida que as memórias de Griffin e Hermes recuavam para o fundo da sua mente, ocultando-se em pesadelos e na escuridão, a sua vida em Oxford e em Babel emergia destacada em cores brilhantes e deslumbrantes.

Ele ficou surpreso com a rapidez com que se apaixonou pelo sítio e pelas pessoas. Nem sequer tinha notado que estava a acontecer. O seu primeiro período pô-lo a girar, atordoado e exausto; as suas aulas e trabalhos formavam um padrão rotineiro de leituras frenéticas e noites de olhos turvos, contra as quais a sua coorte era a sua única fonte de alegria e consolo. As raparigas,

abençoadas, perdoaram rapidamente Robin e Ramy pelas suas primeiras impressões. Robin descobriu que ele e Victoire partilhavam o mesmo amor descarado por literatura de todos os tipos, desde os horrores góticos aos romances, e tinham grande prazer em trocar e discutir o último lote de histórias de terror trazidas de Londres. E Letty, assim que se convenceu de que os rapazes não eram demasiado estúpidos para estarem em Oxford, tornou-se muito mais tolerável. Ela demonstrou possuir uma inteligência mordaz e uma compreensão perspicaz da estrutura de classes britânica em virtude da sua educação, o que dava origem a comentários infinitamente divertidos quando não eram dirigidos a nenhum deles.

— O Colin é o tipo de sanguessuga nojenta de classe média que gosta de fingir que tem conexões porque a sua família conhece um professor de matemática em Cambridge — dizia ela depois de uma visita a Magpie Lane. — Se ele quer ser advogado, pode simplesmente conseguir um estágio nos Inns of Court⁴³, mas ele está aqui porque quer prestígio e conexões, só que não tem o charme suficiente para os adquirir. Ele tem a personalidade de uma toalha molhada: húmida e peganhenta.

A essa altura, ela imitava as saudações de olhos arregalados e excessivamente solícitas de Colin, enquanto os outros desatavam à gargalhada.

Ramy, Victoire e Letty tornaram-se as cores da vida de Robin, o único contacto regular que ele tinha com o mundo fora do seu curso. Eles precisavam uns dos outros porque não tinham mais ninguém. Os alunos mais velhos de Babel eram agressivamente individualistas; estavam demasiado ocupados e eram tão brilhantes e impressionantes que intimidavam. Duas semanas depois do início do período, Letty perguntou corajosamente a um investigador de pós-graduação chamado Gabriel se se poderia juntar ao grupo de leitura em francês, mas foi rapidamente rejeitada com o desdém especial que só os franceses conseguem demonstrar. Robin tentou travar amizade com uma estudante japonesa do terceiro ano chamada Ilse Dejima,⁴⁴ que falava com um leve sotaque

neerlandês. Eles cruzavam-se frequentemente quando entravam e saíam do gabinete do Professor Chakravarti, mas nas poucas vezes em que ele lhe tentou dizer olá, ela fez uma careta como se ele fosse lama nas suas botas.

Eles também tentaram fazer amizade com a coorte do segundo ano, um grupo de cinco rapazes brancos que viviam do outro lado da rua, na Merton Street. Mas a tentativa azedou imediatamente quando um deles, Philip Wright, disse a Robin durante um jantar do corpo docente que a coorte do primeiro ano só era majoritariamente internacional por causa da política departamental.

— O conselho de estudos de licenciatura está sempre a discutir sobre se deve dar prioridade aos idiomas europeus ou a outras... línguas mais exóticas. O Chakravarti e o Lovell insistem há anos que é preciso diversificar o corpo discente. Não gostaram que a minha coorte fosse toda formada por Clássicos. Presumo que foram para o outro extremo convosco.

Robin tentou ser educado.

— Não sei porque é que isso é assim tão mau.

— Bem, não é uma coisa *má* em si mesma, mas significa vagas retiradas a candidatos igualmente qualificados que passaram nos exames de admissão.

— Eu não fiz nenhum exame de admissão — disse Robin.

— Exatamente. — Philip fungou e não dirigiu mais nenhuma palavra a Robin durante toda a noite.

Deste modo, Ramy, Letty e Victoire tornaram-se uns interlocutores tão constantes que Robin começou a ver Oxford pelos olhos deles. Ramy iria adorar aquele cachecol roxo pendurado na vitrina da Ede & Ravenscroft; Letty ir-se-ia rir que nem uma doida do jovem com olhos de cãozinho abandonado sentado no exterior do Café Queen's Lane com um livro de sonetos; Victoire ficaria completamente entusiasmada por um novo lote de *scones* ter acabado de sair na Vaults & Garden, mas como ela ia estar presa na sua aula de francês até ao meio-dia, Robin tinha absolutamente de lhe comprar um, embrulhá-lo no bolso e guardá-lo para quando ela saísse da aula. Até as leituras do seu curso se tornaram mais entusiasmantes quando ele começou a vê-las como uma fonte de material para

observações cortantes, queixosas ou humorísticas, a serem partilhadas mais tarde com o grupo.

Eles também tinham as suas disputas. Discutiam continuamente, como os jovens brilhantes com egos bem alimentados e demasiadas opiniões fazem. Robin e Victoire tiveram um longo debate sobre a superioridade da literatura inglesa *versus* a francesa, no qual ambos eram estranha e ferozmente leais aos seus países de adoção. Victoire insistia que os melhores teóricos de Inglaterra não conseguiam chegar aos pés de Voltaire ou Diderot, e Robin ter-lhe-ia dado o benefício da dúvida se ela não troçasse continuamente das traduções que ele tirava da Bodleian, alegando que «Isso não é nada comparado com o original, mais vale não o leres sequer». Victoire e Letty, embora normalmente bastante próximas, pareciam sempre tornar-se irritadiças quando o assunto se relacionava com dinheiro ou se Letty era realmente tão pobre como afirmava ser apenas porque o pai deixara de a sustentar.⁴⁵ Mas Letty e Ramy eram os que mais discutiam, principalmente por causa da afirmação de Ramy de que Letty nunca tinha posto os pés nas colónias e, portanto, não devia opinar sobre os supostos benefícios da presença britânica na Índia.

— Eu sei algumas coisas sobre a Índia — insistia Letty. — Li todo o tipo de ensaios, li a *Tradução das Cartas de um Rajá Hindu* de Hamilton...

— Ah, sim? — perguntava Ramy. — Aquele em que a Índia é uma nação hindu encantadora, ocupada por invasores muçulmanos tirânicos? É esse?

Nessa altura, Letty tornava-se sempre defensiva e ficava taciturna e irritada até ao dia seguinte. Mas isso não era inteiramente culpa dela. Ramy parecia especialmente determinado a provocá-la, a desmantelar todas as suas afirmações. A orgulhosa e respeitável Letty, sempre no controlo das suas emoções, representava tudo o que Ramy desdenhava nos ingleses, e Robin suspeitava de que Ramy só ficaria satisfeito quando conseguisse que Letty declarasse traição contra o seu próprio país.

Ainda assim, as suas discussões não os conseguiam realmente separar. Em vez disso, esses argumentos apenas os aproximavam mais, aguçando as suas arestas e definindo as formas pelas quais se encaixavam de modo diferente no quebra-cabeças da sua coorte. Passavam o tempo todo juntos. Aos fins de semana, sentavam-se a uma mesa de canto do lado de fora do café Vaults & Garden, interrogando Letty sobre as esquisitices do inglês, do qual apenas ela era uma falante nativa. («Que significa *enlatada*?» perguntava Robin. «O que é carne enlatada? O que é que andais a fazer com a vossa carne?»⁴⁶ «E o que é um caloteiro?»⁴⁷, perguntava Victoire, erguendo os olhos do seu último romance de terror. «Letitia, por favor, o que é que em nome de Deus é um tranca-choça?»⁴⁸)

Quando Ramy se queixou de que a comida no refeitório era tão má que ele estava visivelmente a perder peso (isso era verdade — quando não serviam a mesma rotação de carne dura cozida, legumes assados sem sal e sopas indistinguíveis, as cozinhas da Univ apresentavam pratos inexplicáveis e intragáveis com nomes como «Picle Indiano», «Tartaruga Guarneçada à Moda das Índias Ocidentais» e uma coisa chamada «Chilo China, muito poucos dos quais eram halal), eles invadiram a cozinha e prepararam um prato com grão-de-bico, batatas e uma variedade de temperos que Ramy conseguira nos mercados de Oxford. O resultado foi um guisado avermelhado grumoso e tão picante que todos se sentiram como se tivessem levado um soco no nariz. Ramy recusou-se a aceitar a derrota; em vez disso, argumentou, esta era mais uma prova da sua grande tese de que havia algo fundamentalmente errado com os britânicos, pois se eles tivessem conseguido pôr as mãos em verdadeiras sementes de açafrão e mostarda, o prato teria sabido muito melhor.

— Existem restaurantes indianos em Londres — objetou Letty. — Podes comer caril com arroz em Piccadilly...

— Só se quiseses uma mistela sem sabor — troçou Ramy. — Acaba o teu grão-de-bico.

Letty, fungando miseravelmente, recusou-se a dar mais uma dentada. Robin e Victoire continuaram estoicamente a enfiar

colheradas na boca. Ramy disse-lhes que eram todos covardes — em Calcutá, afirmou ele, os bebês comiam pimentas sem pestanejar. Mas até ele teve dificuldade para terminar a massa vermelho-fogo no seu prato.

Robin só percebeu o que tinha, o que tinha estado à procura e conseguira finalmente encontrar, uma noite no meio do período quando estavam todos nos aposentos de Victoire. Os aposentos dela eram provavelmente os maiores de todos porque nenhum dos outros hóspedes queria partilhar com ela. Isso significava não só que ela tinha um quarto só para si, como também a casa de banho e a espaçosa sala de estar, onde eles se tinham começado a reunir para terminarem os seus trabalhos do curso depois de a Bodleian fechar às nove. Naquela noite, estavam a jogar às cartas em vez de estudar, porque a Professora Craft estava em Londres para uma conferência, o que significava que tinham a noite de folga. Mas as cartas em breve foram esquecidas porque um cheiro forte a peras maduras invadiu de repente a sala e nenhum deles conseguiu descobrir o que era, porque não tinham estado a comer peras e Victoire jurou que não tinha nenhuma escondida no quarto.

Então, de repente, Victoire estava a rebolar no chão, a rir e a gritar porque Letty não parava de exclamar:

— Onde está a pera? Onde é que está, Victoire? Onde está a pera?

Ramy fez uma piada sobre a Inquisição Espanhola, portanto, Letty, entrando na brincadeira, ordenou que Victoire revirasse todos os bolsos do seu casaco para provar que nenhum deles escondia o fruto. Victoire obedeceu, mas nada foi descoberto, o que os lançou em novos gritos histéricos. Robin estava sentado à mesa, a observá-los, sorrindo, enquanto esperava que o jogo de cartas recomeçasse, até perceber que não iria recomeçar, porque eles estavam todos perdidos de riso e, além disso, as cartas de Ramy estavam espalhadas pelo chão viradas para cima, pelo que continuar era inútil. Então, pestanejou, porque tinha acabado de registar o que aquele momento extremamente mundano e extraordinário significava — no espaço de várias semanas, eles tinham-se tornado aquilo que ele nunca encontrara em Hampstead,

o que pensara que nunca mais teria depois de Cantão: um círculo de pessoas que amava tanto que sentia o peito doer quando pensava nelas.

Uma família.

Ele sentiu uma pontada de culpa por os amar, e a Oxford, tanto quanto amava.

Ele adorava estar ali; adorava mesmo. Apesar de todas as ofensas diárias que sofria, caminhar pelo *campus* encantava-o. Não conseguia manter, como Griffin fazia, uma atitude de constante suspeita ou rebelião; não conseguia adquirir o ódio que Griffin sentia por este sítio.

No entanto, será que não tinha o direito de ser feliz? Ele nunca tinha sentido tanto calor no coração até agora, nunca ansiara por acordar de manhã como agora. Babel, os seus amigos e Oxford tinham destrancado uma parte dele, um lugar ensolarado e de pertença, que ele nunca pensara que voltaria a sentir novamente. O mundo parecia menos escuro.

Era uma criança carente de afeto, coisa que tinha agora em abundância — e seria assim tão errado apegar-se ao que tinha?

Não estava pronto para se comprometer totalmente com a Hermes. Mas, por Deus, teria matado por qualquer um da sua coorte.

Mais tarde, Robin ficaria surpreendido por nunca lhe ter passado seriamente pela cabeça contar a qualquer um deles sobre a Sociedade Hermes. Afinal, quando o período de S. Miguel terminou, ele já lhes confiava a sua própria vida; não tinha dúvidas de que qualquer um deles mergulharia para o salvar se caísse no Isis congelado. Contudo, Griffin e a Sociedade Hermes pertenciam aos pesadelos e às sombras, e a sua coorte era o Sol, o calor e as risadas e ele não conseguia imaginar-se a juntar esses mundos.

Apenas se sentiu tentado a dizer alguma coisa uma vez. Um dia, durante o almoço, Ramy e Letty estavam a discutir — mais uma vez — sobre a presença britânica na Índia. Ramy considerava a ocupação de Bengala uma farsa continuada; Letty achava que a vitória britânica em Plassey fora apenas uma retaliação justa pelo que ela considerava o tratamento horrível dos reféns por Siraj-ud-

daulah e que os britânicos nunca teriam precisado de intervir se os mongóis não fossem uns governantes tão terríveis.

— E não é como se vocês estivessem assim tão mal — disse Letty. — Há bastantes indianos na administração civil, desde que sejam qualificados...

— Sim, onde «qualificado» significa uma classe de elite que fala inglês e bajula os britânicos — disse Ramy. — Não estamos a ser governados, estamos a ser mal governados. O que está a acontecer ao meu país não é nada menos do que roubo. Não é comércio livre; é um sangramento financeiro, é saque e pilhagem. Nunca precisámos da ajuda deles e eles só construíram essa narrativa devido a um sentimento de superioridade equivocado.

— Se pensas assim, então, que estás a fazer em Inglaterra? — desafiou Letty.

Ramy olhou para ela como se fosse louca.

— A aprender, mulher.

— Ah, para adquirir as armas para derrubar o Império? — zombou ela. — Vais levar umas barras de prata para casa e começar uma revolução, é? Será que devemos marchar sobre Babel e declarar as tuas intenções?

Pela primeira vez, Ramy não teve uma resposta rápida.

— Não é tão simples assim — disse ele após uma pausa.

— Oh, a sério? — Letty tinha encontrado o ponto fraco; agora era como um cão com um osso e não ia largar. — Porque me parece que o facto de estares aqui, a desfrutar de uma educação inglesa, é justamente o que torna os ingleses superiores. A menos que haja um instituto de linguagem melhor em Calcutá.

— Existem muitas madrassas excelentes na Índia — rebateu Ramy. — O que torna os ingleses superiores são as armas. As armas e a vontade de as usar em pessoas inocentes.

— Então, estás aqui para enviar prata de volta para aqueles sipaios amotinados, é?

Talvez devesse, quase disse Robin. Talvez seja exatamente isso que o mundo precisa.

Mas conteve-se antes de abrir a boca. Não porque tivesse medo de trair a confiança de Griffin, mas porque não conseguia suportar o

facto de essa confissão ir destruir a vida que eles tinham construído para si mesmos. E também porque não conseguia resolver a contradição da sua vontade de prosperar em Babel, mesmo que se fosse tornando cada vez mais claro, a cada dia, quão obviamente injustos eram os alicerces da sua sorte. A única maneira de ele justificar a sua felicidade aqui, de continuar a dançar entre os limites dos dois mundos, era continuar à espera da correspondência noturna de Griffin — uma rebelião silenciosa e oculta cujo objetivo principal era amenizar a sua culpa pelo facto de todo este ouro e brilho ter de ter um custo.

⁴³ Associações Profissionais para advogados em Inglaterra e Gales. (*N. da T.*)

⁴⁴ Como Robin, Ilse era conhecida pelos ingleses não pelo seu nome de nascimento, mas por um nome adotado; uma combinação de um nome anglicizado escolhido (Ilse) e a ilha de onde viera (Dejima).

⁴⁵ Os rapazes não se intrometiam nesse assunto. Pessoalmente, Ramy achava que Letty tinha alguma razão, porque, enquanto mulher, não tinha o direito de herdar nada dos bens dos Price. Robin achava que era um pouco exagerado ela considerar-se «pobre» quando todos eles recebiam uma mesada considerável, o suficiente para poderem jantar fora sempre que quisessem.

⁴⁶ Robin, Victoire e Ramy ficaram muito desapontados ao saberem que a carne enlatada não tinha nada que ver com milho, mas sim com o tamanho dos cristais de sal-gema usados para curar a dita carne. [*corned beef*: carne enlatada e *corn*: milho, grão (*N. da T.*)]

⁴⁷ Um vigarista, um trapaceiro.

⁴⁸ [*jigger-dubber* no original (*N. da T.*)] Um termo na gíria dos ladrões para um carcereiro (*jigger* significa «porta» e *dubber* significa «mais perto»).

CAPÍTULO OITO

R

Na altura, costumávamos considerar não ser de modo nenhum vulgar um bando de rapazes, que tinham sido açoitados três meses antes e que não tinham autorização para beber mais de três copos de vinho do Porto em casa, sentarem-se para comer ananás e sorvete nos alojamentos uns dos outros e empanturrarem-se com champanhe e clarete.

WILLIAM MAKEPEACE THACKERAY, *The Book of Snobs*

Nas últimas semanas de novembro, Robin ajudou a que fossem realizados mais três roubos para a Sociedade Hermes. Todos seguiram a rotina eficiente e mecânica do primeiro — um bilhete no peitoril da janela, uma noite chuvosa, um encontro à meia-noite e um contacto mínimo com os seus cúmplices, exceto por um olhar e um aceno de cabeça rápidos. Ele nunca viu bem os outros agentes. Não sabia se eram sempre as mesmas pessoas. Nunca descobriu o que roubavam ou para que o usavam. Tudo o que sabia era que Griffin tinha dito que a sua contribuição ajudava numa luta vagamente definida contra o império e tudo o que ele podia fazer era confiar na palavra de Griffin.

Continuava à espera de que Griffin o convocasse para outra conversa do lado de fora do Raiz Retorcida, mas parecia que o seu meio-irmão estava demasiado ocupado a liderar uma organização global da qual Robin era apenas uma parte muito pequena.

Robin foi quase apanhado durante o seu quarto roubo, quando uma aluna do terceiro ano chamada Cathy O'Neill entrou pela porta da frente enquanto ele esperava no vestíbulo. Cathy era, infelizmente, uma das veteranas mais falantes; estava a especializar-se em gaélico e, talvez devido à pura solidão de ser

uma das duas únicas pessoas no seu subcampo, esforçava-se para ser amiga de todos na faculdade.

— Robin! — Ela sorriu-lhe. — Que estás a fazer aqui tão tarde?

— Esqueci-me das minhas leituras de Dryden — mentiu ele, batendo no bolso como se tivesse acabado de esconder ali o livro. — Afinal, tinha-o deixado na receção.

— Oh, o Dryden, é horrível. Lembro-me de que o Playfair nos obrigou a discuti-lo durante semanas. É completo, mas seco.

— Terrivelmente seco. — Ele esperava ansiosamente que ela se fosse embora; já eram doze e cinco.

— Ele está a obrigar-vos a comparar traduções na aula? — perguntou Cathy. — Uma vez, interrogou-me durante quase meia hora por eu ter escolhido a palavra *vermelho* em vez de *semelhante a uma maçã*. No final, fiquei com a camisa praticamente encharcada em suor.

Já tinham passado seis minutos. Os olhos de Robin moveram-se para a escadaria, depois de volta para Cathy e depois novamente para a escadaria até perceber que Cathy o observava com expectativa.

— Oh. — Ele pestanejou. — Hum. Falando no Dryden, eu tenho mesmo de ir...

— Oh, desculpa, o primeiro ano é tão difícil e eu estou aqui a reter-te...

— De qualquer forma, foi bom ver-te...

— Diz-me se eu puder ajudar — disse ela alegremente. — É demasiado no início, mas os períodos ficam mais fáceis, prometo.

— Claro. Assim farei... adeus. — Ele sentiu-se péssimo por estar a ser tão brusco. Ela era tão simpática e este tipo de ofertas eram particularmente generosas vindas dos veteranos. Mas tudo em que ele conseguia pensar era nos seus cúmplices lá em cima e no que lhes poderia acontecer se eles descessem ao mesmo tempo que Cathy subia.

— Boa sorte, então. — Cathy acenou-lhe e dirigiu-se para a receção. Robin recuou para o vestíbulo e rezou para que ela não se virasse.

Uma eternidade depois, duas figuras vestidas de preto desceram a correr a escadaria oposta.

— O que é que ela disse? — sussurrou um deles. A sua voz parecia estranhamente familiar, embora Robin estivesse demasiado perturbado para a tentar reconhecer naquele momento.

— Estava apenas a ser simpática. — Robin empurrou a porta e os três saíram apressadamente para a noite fria. — Vocês estão bem?

Mas não houve resposta. Eles já tinham partido, deixando-o sozinho no escuro e à chuva.

Uma personalidade mais cautelosa teria deixado a Hermes então, não teria arriscado todo o seu futuro perante possibilidades tão diminutas. Mas Robin voltou a fazê-lo novamente. Ajudou num quinto roubo e depois num sexto. O período letivo de S. Miguel terminou, as férias de inverno passaram e o período letivo de Santo Hilário⁴⁹ começou. O seu coração já não lhe martelava nos ouvidos quando ele se aproximava da torre à meia-noite. Os minutos entre a entrada e a saída já não pareciam um purgatório. Tudo começou a parecer fácil, este simples ato de abrir uma porta duas vezes; tão fácil que, por volta do sétimo roubo, ele convenceu-se de que não estava a fazer nada de perigoso.

— És muito eficiente — disse Griffin. — Eles gostam de trabalhar contigo, sabes? Tu segues as instruções e não inventas.

Uma semana depois do início do período de Santo Hilário, Griffin dignara-se finalmente encontrar-se outra vez com Robin em pessoa. De novo, eles caminharam rapidamente em volta de Oxford, desta vez seguindo o Tamisa para sul em direção a Kennington. O encontro parecia um relatório intermédio de progresso com um supervisor severo e raramente disponível e Robin deu por si a sentir-se deliciado com os elogios, ao mesmo tempo que tentava não parecer um irmão mais novo tolinho e falhava.

— Então, estou a fazer um bom trabalho?

— Estás a ir muito bem. Estou muito satisfeito.

— Então, vais-me contar mais sobre a Hermes agora? — perguntou Robin. — Ou, pelo menos, dizer-me para onde as barras vão? Que estão a fazer com elas?

Griffin riu-se.

— Paciência.

Caminharam em silêncio por um bocado. Tinha havido uma tempestade naquela manhã. O Isis fluía rápido e ruidoso sob um céu enevoadado e escurecido. Era o tipo de noite em que o mundo parecia não ter cor, uma pintura em progresso, um esboço, na verdade, existindo apenas em cinzas e sombras.

— Tenho outra pergunta, então — disse Robin. — Eu sei que não me vais dizer muito sobre a Hermes agora, mas pelo menos diz-me como é que isto tudo acaba.

— Como é que o quê acaba?

— A minha situação. Este esquema atual está muito bem, desde que eu não seja apanhado, quero dizer, mas parece, não sei, bastante insustentável.

— Claro que é insustentável — disse Griffin. — Tu vais estudar muito e formares-te e depois eles vão pedir-te que faças todo o tipo de coisas desagradáveis para o Império. Ou então apanham-te, como disseste. No final, vai acabar por vir tudo à tona, como aconteceu connosco.

— Toda a gente na Hermes deixa Babel?

— Conheço muito poucos que ficaram.

Robin não tinha a certeza de como se sentir em relação a isso. Embalava-se muitas vezes na fantasia da vida pós-Babel — uma posição confortável como investigador, se quisesse; a garantia de mais anos de estudo financiados naquelas belas bibliotecas, a viver em confortáveis residências universitárias e a dar aulas de latim a estudantes ricos se quisesse um dinheiro extra; ou uma carreira emocionante a viajar para o estrangeiro com os compradores de livros e os intérpretes simultâneos. No *Zhuangzi*, que acabara de traduzir com o Professor Chakravarti, a frase *tǎntú*⁵⁰ significava literalmente «uma estrada plana» e metaforicamente «uma vida tranquila». Era isso que ele queria: um caminho tranquilo e uniforme para um futuro sem surpresas.

O único obstáculo, claro, era a sua consciência.

— Vais permanecer em Babel o tempo que puderes — disse Griffin. — Quero dizer, debes... Deus sabe que precisamos de mais gente lá dentro. Mas vai ficar cada vez mais difícil, percebes? Vais descobrir que não consegues conciliar o teu sentido de ética com o que eles te pedem para fazer. Que acontece quando te orientarem para a investigação militar? E quando te mandarem para a fronteira na Nova Zelândia ou para a Colónia do Cabo?

— Não podemos simplesmente evitar essas tarefas?

Griffin riu-se.

— Os contratos militares constituem mais da metade das ordens de serviço. São uma parte necessária da candidatura a uma posição de ensino. E também pagam bem; a maioria dos professores seniores ficaram ricos a lutar contra Napoleão. Como é que achas que o nosso querido e velho pai é capaz de manter três casas? É um trabalho violento que sustenta a fantasia.

— Então, o que é que acontece? — perguntou Robin. — Como é que faço para sair?

— Simples. Finges a tua morte e depois vais para a clandestinidade.

— Foi isso que fizeste?

— Há cerca de cinco anos, sim. E tu também vais acabar por o fazer. E depois vais tornar-te uma sombra no *campus* que em tempos percorreste e rezar para que algum outro aluno do primeiro ano tenha a consciência de te conceder acesso às tuas antigas bibliotecas. — Griffin lançou-lhe um olhar de soslaio. — Não ficaste feliz com esta resposta, pois não?

Robin hesitou. Não tinha a certeza de como verbalizar o seu desconforto. Sim, havia um certo apelo em abandonar a vida de Oxford pela Hermes. Ele queria fazer o que Griffin fazia; queria ter acesso ao funcionamento interno da Hermes, queria ver para onde iam as barras roubadas e o que era feito com elas. Queria ver o mundo oculto.

Mas se fosse, sabia que nunca mais poderia voltar.

— É só que parece tão difícil esse afastamento — disse ele. — De tudo.

— Sabes como é que os romanos engordavam os arganazes? — perguntou Griffin.

Robin suspirou.

— Griffin.

— Os teus professores mandaram-te ler Varrão, não foi? Ele descreve um *glirário* na *Res Rustica*.⁵¹ É uma engenhoca bastante elegante. É uma vasilha, só que é furada para o arganaz respirar e as superfícies são tão lisas que é impossível ele escapar. É colocada comida nas cavidades e a vasilha tem algumas saliências e passarelas para o arganaz não ficar demasiado aborrecido. Mais importante, é mantida no escuro para o arganaz pensar que é sempre altura de hibernar. Então, tudo o que eles fazem é dormir e engordar.

— Está bem — disse Robin, impaciente. — Está bem. Já percebi.

— Eu sei que é difícil — disse Griffin. — É difícil desistir das armadilhas da tua posição. Tu ainda adoras a tua mesada, as tuas capas académicas e as festas, tenho a certeza...

— Não são as festas — insistiu Robin. — Eu não... quero dizer, eu não vou às festas. E não tem que ver com a mesada ou as estúpidas das capas. É só que, não sei, é um grande salto.

Como é que ele podia explicar? Babel representava mais do que confortos materiais. Babel era a razão pela qual ele pertencia a Inglaterra, o motivo de não estar a mendigar nas ruas de Cantão. Babel era o único sítio onde os seus talentos importavam. Babel era segurança. E talvez tudo isso fosse moralmente corroído, sim — mas seria assim tão errado querer sobreviver?

— Não te preocupes — disse Griffin. — Ninguém te está a pedir para deixares Oxford. Não é prudente, estrategicamente falando. Vê, eu estou livre e feliz do lado de fora, mas também não posso entrar na torre. Estamos presos numa relação simbiótica com as alavancas do poder. Precisamos da prata deles. Precisamos das suas ferramentas. E, por mais que tenhamos relutância em admitir, beneficiamos da sua investigação.

Ele deu um empurrão a Robin. Pretendia ser um gesto fraterno, mas nenhum dos dois tinha muita prática nisso e pareceu mais

ameaçador do que talvez Griffin pretendesse.

— Continua os teus estudos e mantém-te no lado de dentro. Não te preocupes com a contradição. A tua culpa está amenizada, por enquanto. Aproveita o teu *glirário*, pequeno arganaz.

Griffin deixou-o na esquina de Woodstock. Robin observou a sua figura estreita a desaparecer nas ruas, com o casaco a esvoaçar em seu redor como as asas de um pássaro gigante, e perguntou-se como é que podia admirar e ressentir-se tanto com alguém ao mesmo tempo.

Em chinês clássico, os caracteres 二心 referiam-se a intenções desleais ou traiçoeiras; traduziram-se literalmente por «dois corações». E Robin viu-se na posição impossível de amar aquilo que traía, duas vezes.

Ele adorava de facto Oxford e a sua vida em Oxford. Era muito bom estar entre os Babblers, que eram, sob muitos aspetos, o grupo de alunos mais privilegiado da universidade. Se ostentassem a sua afiliação a Babel, podiam entrar em qualquer uma das bibliotecas da universidade, incluindo a absurdamente bela Codrington. Esta, na verdade, não continha nenhum material de referência de que precisassem, mas eles visitavam-na na mesma porque as suas paredes altas e o piso de mármore faziam-nos sentir imensamente grandiosos. Todas as suas despesas estavam cobertas. Ao contrário dos outros bolseiros, eles nunca tinham de servir comida no salão ou limpar os quartos dos professores. O seu alojamento, alimentação e as mensalidades eram pagos diretamente por Babel, de modo que eles nem sequer viam a conta. Além disso, recebiam uma mesada de vinte xelins por mês e também tinham acesso a um fundo discricionário que podiam usar para comprar qualquer material do curso de que gostassem. Se conseguissem justificar, mesmo que sem grande fundamento, que uma caneta de tinta permanente com ponta de ouro os iria ajudar nos estudos, Babel pagava por ela.

O significado daquilo nunca passara pela cabeça de Robin até certa noite deparar com Bill Jameson na sala comum. Este estava a

rabiscar números numa folha de papel com uma expressão infeliz no rosto.

— A alimentação deste mês — explicou ele a Robin. — Gastei mais do que me mandaram de casa e o dinheiro não chega.

Os números no papel surpreenderam Robin; ele nunca imaginara que as mensalidades de Oxford pudessem ser tão caras.

— Que vais fazer? — perguntou ele.

— Tenho algumas coisas que posso penhorar para compensar a diferença até ao mês que vem. Ou vou saltar algumas refeições até lá. — Jameson ergueu os olhos. Parecia desesperadamente desconfortável. — Olha, eu detesto perguntar, mas achas...

— Claro — disse Robin apressadamente. — De quanto precisas?

— Eu não pediria, mas os custos deste período... estão a cobrar-nos para dissecarmos cadáveres para Anatomia e na verdade eu...

— Não tem importância. — Robin enfiou a mão no bolso, tirou a carteira e começou a contar as moedas. Sentiu-se terrivelmente pretensioso ao fazê-lo. Tinha acabado de receber a sua mesada do tesoureiro naquela manhã e esperava que Jameson não pensasse que ele andava sempre com uma carteira tão recheada. — Isto daria para cobrir as refeições, pelo menos?

— És um anjo, Swift. Pago-te no início do mês que vem. — Jameson suspirou e abanou a cabeça. — Babel. Eles cuidam mesmo de vocês, não é?

Cuidavam, sim. Babel não era apenas muito rica, era também respeitada. A faculdade deles era de longe a mais prestigiada de Oxford. Era sobre Babel que os novos alunos se gabavam quando mostravam o *campus* aos parentes quando estes os visitavam. Era um estudante de Babel quem ganhava invariavelmente o Prémio Chancellor, um prémio anual de Oxford concedido à melhor composição de versos em latim, bem como a Bolsa de Estudos Kennicott em Hebreu. Eram os alunos de Babel que eram convidados para as receções especiais⁵² com políticos, aristocratas e os inimaginavelmente ricos que compunham a clientela da receção. Certa vez, houve rumores de que a própria Princesa Vitória iria comparecer à festa anual no jardim da faculdade, o que acabou

por não ser verdade. No entanto, ela ofereceu-lhes uma nova fonte de mármore, que foi instalada no relvado uma semana depois e que o Professor Playfair encantou de modo que lançasse bem alto arcos de água cintilantes a qualquer hora do dia.

Tal como todas as coortes de Babel antes deles, a meio do período de Santo Hilário, Robin, Ramy, Victoire e Letty já tinham incorporado a insuportável superioridade de académicos que sabiam que tinham o comando do *campus*. Divertiam-se imenso com o modo como os académicos visitantes, que eram condescendentes ou os ignoravam no salão, começavam a bajulá-los e a apertar-lhes as mãos quando eles revelavam que estudavam tradução. Eles mencionavam casualmente que tinham acesso à Sala Comunal dos Seniores, a qual era ao mesmo tempo muito agradável e inacessível aos outros alunos, embora, na verdade, raramente passassem muito tempo ali, pois era difícil ter-se uma conversa franca quando um velho e enrugado professor se sentava a roncar no canto.

Victoire e Letty, que entendiam agora que a presença de mulheres em Oxford era mais um segredo aberto do que um tabu absoluto, começaram lentamente a deixar crescer o cabelo. Um dia, Letty até apareceu para jantar no salão a usar uma saia em vez de calças. Os rapazes da Univ cochicharam e apontaram, mas o pessoal não disse nada e ela recebeu os seus três pratos e o vinho sem incidentes.

Mas havia também maneiras significativas pelas quais eles não pertenciam. Ninguém servia Ramy em nenhum dos seus *pubs* favoritos se ele fosse o primeiro a chegar; Letty e Victoire não podiam retirar livros da biblioteca sem a presença de um aluno do sexo masculino para atestar por elas; os lojistas presumiam que Victoire era a empregada doméstica de Letty ou Robin; e os porteiros pediam regularmente aos quatro para, por favor, não pisarem o relvado, pois este estava fora dos limites, enquanto os outros rapazes espezinhavam a delicada relva em redor deles.

Além disso, eles demoraram vários meses para aprenderem a falar como os oxfordianos. O inglês de Oxford era diferente do inglês de Londres e fora desenvolvido em grande parte pela tendência dos alunos para corromperem e abreviarem quase tudo. *Magdalene* era

pronunciado *maudlin*⁵³; da mesma forma, *St Aldate's* tornou-se *St Old's*. A Magna Vacatio passou a Long Vacation e depois Long.⁵⁴ New College tornou-se New; e St Edmund's ficou Teddy. Demorou meses até que Robin se habituasse a dizer «Univ» quando queria dizer «University College». Um *estendal* era uma festa com um número considerável de convidados; *pombo* era a abreviação de *pombal*, que por sua vez designava os cubículos de madeira onde o correio era colocado.

A fluência também envolvia toda uma série de regras sociais e convenções tácitas que Robin temia nunca conseguir entender completamente. Nenhum deles conseguia entender a etiqueta específica dos cartões de visita, por exemplo, ou como é que alguém se infiltrava no ecossistema social da faculdade ou como os diversos níveis distintos, ainda que sobrepostos, do referido ecossistema funcionavam.⁵⁵ Eles estavam sempre a ouvir rumores de festas loucas, noites no *pub* que acabavam por se descontrolar, reuniões de sociedades secretas e chás onde fulano tinha sido devastadoramente rude com o seu professor ou onde sicrano havia insultado a irmã de beltrano, mas nunca testemunhavam esses acontecimentos pessoalmente.

— Porque é que não somos convidados para estas festas onde há vinho? — perguntou Ramy. — Nós somos encantadores.

— Tu não bebes vinho — observou Victoire.

— Bem, eu gostava de apreciar o *ambiente*...

— É porque tu próprio não dás nenhuma festa — disse Letty. — É uma economia de dar e receber. Algum de vocês já entregou sequer um cartão de visita?

— Acho que nunca vi um cartão de visita — disse Robin. — Existe uma arte nisso?

— Oh, são bastante fáceis — disse Ramy. — *Para Pendennis, Esq., Besta infernal, irei dar-te umas chicotadas de bebida esta noite. Maldito, o teu inimigo, Mirza. Não?*

— Muito educado. — Letty fungou uma risada. — Não é de admirar que não pertenças à realeza universitária.

Eles não eram claramente realza universitária. Nem sequer os Babblers brancos nos anos acima dos seus pertenciam à realza universitária, pois Babel mantinha-os demasiado ocupados com o curso para desfrutarem de uma vida social. Esse rótulo só poderia descrever um aluno do segundo ano da Univ chamado Elton Pendennis e os seus respetivos amigos. Eram todos cavalheiros-plebeus, o que significava que tinham pagado as taxas mais altas da universidade para evitarem os exames de admissão e desfrutarem dos privilégios de membros da faculdade. Sentavam-se à mesa principal do salão, alojavam-se em apartamentos muito mais agradáveis do que os dormitórios de Magpie Lane e jogavam bilhar na Sala Comunal dos Seniores sempre que queriam. Gostavam de caçar, de jogar ténis e bilhar aos fins de semana e iam a Londres de diligência todos os meses para jantares e bailes. Nunca faziam compras na High Street; todas as modas mais recentes, charutos e acessórios eram trazidos diretamente de Londres para os seus aposentos por vendedores que nem sequer se davam ao trabalho de indicar os preços.

Letty, que crescera no meio de rapazes como Pendennis, fez dele e dos seus amigos alvo de uma torrente de vitupérios.

— Meninos ricos a estudar com o dinheiro dos pais. Aposto que nunca abriram um livro didático na vida. Não sei porque é que o Elton se acha tão bonito. Aqueles lábios são femininos; ele não devia fazer beicinho. Aqueles casacos roxos trespassados parecem ridículos. E não sei porque é que ele está sempre a dizer a todos que tem um entendimento com a Clara Lilly. Eu conheço a Clara e ela está praticamente noiva do filho mais velho dos Woolcotts...

Ainda assim, Robin não podia deixar de invejar aqueles rapazes — os que tinham nascido neste mundo, que pronunciavam os seus códigos como falantes nativos. Quando via Elton Pendennis e o seu grupo a passear e a rir pelo relvado, não podia deixar de imaginar, apenas por um momento, como seria fazer parte daquele círculo. Ele queria a vida de Pendennis, não tanto pelos seus prazeres materiais — o vinho, os charutos, a roupa, os jantares —, mas pelo que representava: a garantia de que seria sempre bem-vindo em Inglaterra. Se pudesse alcançar a fluência de Pendennis ou, pelo

menos, uma imitação dela, então, também ele faria parte da tapeçaria desta vida idílica do *campus*. E já não seria um estrangeiro, questionando a sua pronúncia a cada passo, mas um nativo cuja pertença não poderia ser questionada ou revogada.

Foi com grande choque que, uma noite, Robin encontrou um cartão em papel gravado à espera no seu pombo. Dizia:

Robin Swift...

Agradecemos o prazer da sua companhia para uma bebida na próxima sexta-feira — às sete, se quiser estar presente de início, ou a qualquer hora razoável depois disso, não somos exigentes.

Estava assinado com uma caligrafia bastante impressionante, que Robin demorou um momento para decifrar: *Elton Pendennis*.

— Acho que vocês estão a dar muita importância a isto — disse Ramy quando Robin lhes mostrou o cartão. — Não me digas que vais mesmo ir.

— Não quero ser mal-educado — disse Robin debilmente.

— Que interessa se o Pendennis pensar que és mal-educado? Ele não te convidou por causa das tuas maneiras impecáveis, ele só quer ser amigo de alguém de Babel.

— Obrigado, Ramy.

Ramy ignorou a resposta.

— A pergunta é, porquê *tu*? Eu sou infinitamente mais encantador.

— Tu não és suficientemente cortês — disse Victoire. — O Robin é.

— Não entendo o que as pessoas querem dizer com *cortês* — disse Ramy. — É um termo que é sempre usado em relação aos nobres e bem-nascidos. Mas o que é que realmente *significa*? Quer dizer apenas que és muito rico?

— Eu falo no contexto das boas maneiras — disse Victoire.

— Muito engraçada — disse Ramy. — Mas a questão não são as boas maneiras, acho eu. O que acontece é que o Robin passa por branco e nós não.

Robin não conseguia acreditar que eles estavam a ser tão rudes em relação àquilo.

— É assim tão impossível que eles queiram apenas a minha companhia?

— Não é impossível, apenas improvável. Tu és péssimo com pessoas que não conheces.

— Não sou nada.

— És, sim. Ficas sempre calado e enfiás-te num canto como se te fossem dar um tiro. — Ramy cruzou os braços e inclinou a cabeça.

— Porque é que queres ir jantar com eles?

— Não sei. É apenas um convite para umas bebidas.

— Um convite para umas bebidas e depois o quê? — insistiu Ramy. — Achas que vão fazer de ti um deles? Estás à espera de que te levem ao Bullingdon Club?

O clube em Bullingdon Green era um estabelecimento exclusivo, que funcionava como restaurante e clube desportivo e onde os jovens podiam passar a tarde a caçar ou a jogar críquete. A adesão era atribuída segundo motivos misteriosos que pareciam estar fortemente correlacionados com a riqueza e a influência. Apesar de todo o prestígio de Babel, nenhum dos alunos de Babel que Robin conhecia tinha esperança de alguma vez ser convidado.

— Talvez — disse Robin, só para ser do contra. — Seria bom dar uma espreitadela lá dentro.

— Tu estás entusiasmado — acusou Ramy. — Esperas que eles te adorem.

— Não há problema em admitires que estás com inveja.

— Não venhas para cá chorar quando te deitarem vinho na camisa e te chamarem nomes.

Robin sorriu.

— Não vais defender a minha honra?

Ramy deu-lhe uma palmada no ombro.

— Traz-me um cinzeiro; eu penhoro-o para pagar a comida do Jameson.

Por alguma razão, foi Letty quem mais veementemente se opôs a que Robin aceitasse o convite de Pendennis. Quando eles deixaram o café para se dirigirem à biblioteca, muito depois de a conversa ter mudado para outro assunto, ela puxou-o pelo cotovelo até eles ficarem vários passos atrás de Ramy e Victoire.

— Aqueles rapazes não prestam — disse ela. — São uns bêbados, indolentes e umas más influências.

Robin riu-se.

— É apenas convite para umas bebidas, Letty.

— Então, porque é que queres ir? — insistiu ela. — Tu quase não bebes.

Ele não conseguia perceber porque é que ela estava a dar tanta importância ao assunto.

— Estou curioso, só isso. Provavelmente vai ser horrível.

— Então, não vás — insistiu ela. — Deita o cartão fora.

— Bem, não, isso é má educação. E eu não tenho nada nessa noite...

— Podias passá-la connosco — disse ela. — O Ramy quer cozinhar qualquer coisa.

— O Ramy está sempre a cozinhar alguma coisa e tem sempre um sabor horrível.

— Oh, então estás à espera de que te aceitem no grupo? — Ela arqueou uma sobrancelha. — Swift e Pendennis, amigos do peito, é isso que queres?

Ele sentiu uma pontada de irritação.

— Estás assim com tanto medo de que eu faça outros amigos? Acredita em mim, Letitia, nada poderia superar a tua companhia.

— Entendo. — Para choque dele, a voz dela falhou e os seus olhos ficaram muito vermelhos. Será que ela estava prestes a chorar? Que se passava com ela? — Então, é assim.

— É apenas um convite para umas bebidas — disse ele, frustrado. — Qual é o problema, Letty?

— Não importa — disse ela e apressou o passo. — Vai beber com quem quiseses.

— Pois vou — retorquiu ele, mas ela já o tinha deixado para trás.

Às dez para as sete da sexta-feira seguinte, Robin vestiu o seu único casaco bom, tirou uma garrafa de vinho do Porto que comprara na Taylor's de debaixo da cama e dirigiu-se aos apartamentos da Merton Street. Não teve problemas para encontrar os aposentos de Elton Pendennis. Mesmo antes de descer a rua, já

ouvia vozes altas e o som de um piano um tanto falho de ritmo a sair pelas janelas.

Teve de bater várias vezes até que alguém o ouvisse. A porta abriu-se, revelando um rapaz de cabelos loiros cujo nome Robin se recordava vagamente de ser St Cloud.

— Oh — disse ele, olhando Robin de cima a baixo com os olhos semicerrados. Parecia bastante bêbado. — Vieste.

— Pareceu-me ser o mais educado — disse Robin. — Dado que fui convidado? — Ele odiou o facto de a sua voz subir de tom como uma pergunta.

St Cloud pestanejou para ele e depois virou-se e gesticulou vagamente para o interior.

— Bem, entra.

No interior, havia três outros rapazes sentados em cadeirões na sala de estar. O ar estava tão denso com o fumo dos charutos que Robin tossiu ao entrar.

Os rapazes estavam todos amontoados em torno de Elton Pendennis, como folhas em volta de uma flor. De perto, os relatos da sua boa aparência não pareciam nada exagerados. Era um dos homens mais atraentes que Robin já conhecera, um herói byroniano encarnado. Os seus olhos semicerrados eram emoldurados por pestanas grossas e escuras; os seus lábios carnudos teriam parecido femininos, como Letty o acusara, se não fossem realçados por um maxilar quadrado tão forte.

— Não é a companhia, é o tédio — dizia ele. — Londres é divertida por uma temporada, mas depois começamos a ver os mesmos rostos outra vez, ano após ano, e as raparigas nunca ficam mais bonitas, apenas mais velhas. Depois de termos ido a um baile, é como se tivéssemos ido a todos. Sabem, um dos amigos do meu pai prometeu uma vez aos seus conhecidos mais próximos que era capaz de animar as suas reuniões. Preparou um jantar elaborado e depois disse aos criados para saírem para a rua e convidarem todos os pedintes e mendigos sem-abrigo que encontrassem. Quando os amigos dele chegaram, viram todo aquele grupo de vagabundos dos mais diversos tipos, completamente bêbados, a dançar em cima das mesas. Foi hilariante, gostava de ter sido convidado.

A piada terminou ali; o público riu-se no momento certo. Tendo terminado o seu monólogo, Pendennis olhou para cima.

— Ah, olá. Robin Swift, não é?

A essa altura, o otimismo hesitante de Robin de que iria passar uns momentos agradáveis já se tinha evaporado. Sentiu-se esgotado.

— Eu mesmo.

— Elton Pendennis — disse Pendennis, estendendo a mão para Robin apertar. — Ainda bem que pudeste vir.

Ele apontou em redor da sala com o seu charuto, soltando fumo enquanto fazia as apresentações.

— Aquele é Vincy Woolcombe. — Um rapaz ruivo sentado ao lado de Pendennis fez um aceno amigável a Robin. — Milton St Cloud, que tem estado a fornecer o nosso entretenimento musical. — O loiro e sardento St Cloud, que se sentara em frente do piano, acenou preguiçosamente com a cabeça e depois retomou a execução de uma sequência desafinada. — E Colin Thornhill, que já conheces.

— Somos vizinhos em Magpie Lane — disse Colin ansiosamente. — O Robin está no quarto sete e eu sou o número três...

— Foi o que disseste — disse Pendennis. — Muitas vezes, na verdade.

Colin vacilou. Robin desejou que Ramy estivesse ali para ver; nunca conhecera alguém capaz de eviscerar Colin com um único olhar.

— Tens sede? — perguntou Pendennis. Em cima da mesa havia uma coleção tão diversa de bebidas alcoólicas que Robin ficou tonto só de olhar para lá. — Serve-te do que quiseres. Nós nunca conseguimos concordar nas bebidas. Há Porto e xerez a serem decantados ali... Oh, vejo que trouxeste uma coisa, põe-na na mesa. — Pendennis nem olhou para a garrafa. — Temos aqui absinto, ali há rum... Ah, só sobrou um pouco de gim, mas está à vontade para terminares a garrafa, não é muito bom. E pedimos uma sobremesa do Sadler's, por isso, por favor, serve-te, caso contrário, vai ficar a estragar-se se ficar ali de fora.

— Apenas um pouco de vinho — disse Robin. — Se tiveres.

O seu grupo raramente bebia em conjunto, por deferência para com Ramy, e ele ainda não tinha adquirido um conhecimento pormenorizado dos tipos e marcas de álcool e do que a bebida preferida de alguém dizia sobre o seu carácter. Mas o Professor Lovell bebia sempre vinho ao jantar, portanto, vinho parecia uma escolha segura.

— Claro. Temos um clarete, ou Porto e Madeira se quiseres algo mais forte. Um charuto?

— Ah, não, estou bem assim, mas o Madeira será ótimo, obrigado.

— Robin recuou para o único assento vago, segurando um copo bem cheio.

— Então, tu és um Babbler — disse Pendennis, recostando-se na cadeira.

Robin tomou um gole de vinho, tentando igualar a expressão apática de Pendennis. Como é que alguém conseguia que uma posição tão relaxada parecesse tão elegante?

— É assim que nos chamam.

— O que é que fazes? Chinês?

— Mandarin é a minha especialidade — disse Robin. — Embora também esteja a estudar comparações com o japonês e, mais à frente, com o sânscrito...

— Então, és chinês? — insistiu Pendennis. — Não tínhamos a certeza. Eu acho que pareces inglês, mas o Colin jurou que eras oriental.

— Nasci em Cantão — disse Robin pacientemente. — Embora eu diria que também sou inglês...

— Eu conheço a China — interveio Woolcombe. — Kublai Khan.

Houve uma pequena pausa.

— Sim — disse Robin, perguntando-se se aquela declaração queria dizer alguma coisa.

— O poema de Coleridge — esclareceu Woolcombe. — Uma obra de literatura muito oriental. No entanto, de alguma forma, muito romântica também.

— Que interessante — disse Robin, esforçando-se para ser educado. — Vou ter de ler.

O silêncio instalou-se novamente. Robin sentiu alguma pressão para manter a conversa, portanto, tentou inverter a pergunta.

— Então... bem, o que é que vocês vão fazer? Com os vossos diplomas, quero dizer.

Eles riram-se. Pendennis apoiou o queixo na mão.

— *Fazer* — disse ele lentamente — é uma palavra tão proletária. Prefiro a vida da mente.

— Não lhe dê ouvidos — disse Woolcombe. — Ele vai viver dos rendimentos da sua propriedade e submeter todos os seus convidados a grandes observações filosóficas até morrer. Eu vou ser clérigo, o Colin advogado. O Milton vai ser médico, se tiver coragem para assistir às palestras.

— Então, não estás a estudar para nenhuma profissão aqui? — perguntou Robin a Pendennis.

— Eu escrevo — disse Pendennis com uma indiferença muito deliberada, o modo como as pessoas que são muito presunçosas lançam pedaços de informação na esperança de se tornarem objetos de fascínio. — Escrevo poesia. Não produzi muito até agora...

— Mostra-lhe — exclamou Colin de imediato. — Vá, mostra-lhe. Robin, é tão profundo, espera até ouvires...

— Muito bem. — Pendennis inclinou-se para frente, ainda fingindo relutância, e pegou numa pilha de papéis que Robin percebeu ter sido colocada em exibição na mesa de café o tempo todo. — Bem, este é uma resposta ao «Ozymandias» de Shelley,⁵⁶ o qual, como sabem, é uma ode à implacável devastação do tempo contra todos os grandes impérios e seus legados. Apenas argumentei que, na era moderna, os legados podem ser construídos para durar e, de facto, existem grandes homens desse tipo em Oxford capazes de uma tarefa tão monumental. — Ele pigarreou. — Abri com a mesma frase que Shelley: *Conheci um viajante de uma terra antiga...*

Robin recostou-se e esvaziou o resto do seu Madeira. Passaram-se vários segundos até ele perceber que o poema tinha terminado e era necessária a sua avaliação.

— Temos tradutores a trabalhar com poesia em Babel — disse ele suavemente, à falta de algo melhor para dizer.

— Claro que isso não é a mesma coisa — disse Pendennis. — Traduzir poesia é para quem não tem fogo criativo. Apenas podem buscar uma fama residual roubando o trabalho dos outros.

Robin zombou.

— Não acho que isso seja verdade.

— Não poderias saber — disse Pendennis. — Não és um poeta.

— Na verdade... — Robin mexericou no pé do seu copo por um instante e depois decidiu continuar a falar. — Acho que a tradução pode ser muito mais difícil do que a composição original de várias maneiras. O poeta é livre para dizer o que quiser; pode usar vários truques linguísticos no idioma em que está a compor. A escolha das palavras, a ordem das palavras, o som; tudo isso importa, e sem nenhum deles, todo o poema desmorona. É por isso que Shelley escreve que traduzir poesia é tão sábio como lançar uma violeta para um cadinho.⁵⁷ Então, o tradutor precisa de ser tradutor, crítico literário e poeta, tudo ao mesmo tempo; tem de ler o original bem o suficiente para compreender todo o mecanismo subjacente, para transmitir o seu significado com o máximo de precisão possível e depois reorganizar o significado traduzido numa estrutura esteticamente agradável no idioma de destino que, no seu julgamento, corresponda ao original. O poeta corre sem entraves pelo prado. O tradutor dança algemado.

No final deste discurso, Pendennis e os seus amigos estavam a olhar para ele, boquiabertos e confusos, como se não soubessem o que pensar dele.

— Dançar algemado — disse Woolcombe após uma pausa. — Isso é encantador.

— Mas eu não sou poeta — disse Robin, um pouco mais ferozmente do que pretendia. — Portanto, que sei eu?

A sua ansiedade tinha-se dissipado completamente. Já não estava preocupado com a forma como se apresentava, se o seu casaco estava bem abotoado ou se tinha migalhas no canto da boca. Ele

não queria a aprovação de Pendennis. Não tinha interesse na aprovação de nenhum destes rapazes.

A verdade daquele encontro atingiu-o com tanta clareza que ele quase se riu alto. Eles não o estavam a avaliar para ser membro do grupo. Estavam a tentar impressioná-lo e, ao fazê-lo, pretendiam mostrar a sua própria superioridade, para provar que ser um Babbler não era tão bom como ser um dos amigos de Elton Pendennis.

Mas Robin não estava impressionado. Era este o pináculo da sociedade de Oxford? *Isto?* Ele sentiu uma profunda pena deles — destes rapazes que se consideravam estetas, que pensavam que as suas vidas eram tão rarefeitas como uma vida examinada poderia ser. Mas jamais gravariam uma palavra numa barra de prata nem sentiriam o peso do seu significado reverberar nos seus dedos. Nunca mudariam a estrutura do mundo através do seu simples desejo.

— Então, é isso que vos ensinam em Babel? — Woolcombe parecia um pouco surpreendido. Ninguém, ao que parecia, jamais respondera a Elton Pendennis.

— Isso e mais umas coisas — disse Robin. Sentia uma onda inebriante sempre que falava. Aqueles rapazes não eram nada; ele podia dizimá-los com uma palavra, se assim o desejasse. Podia saltar em cima do sofá e atirar o vinho contra as cortinas sem consequências, porque não se importava. Esta onda de confiança inebriante era-lhe totalmente estranha, mas a sensação era ótima. — Claro, o verdadeiro objetivo de Babel é trabalhar com a prata. Tudo isto sobre a poesia é apenas a teoria subjacente.

Ele estava a falar de cor aqui. Tinha apenas uma vaga ideia da teoria subjacente ao trabalho em prata, mas o que quer que tivesse acabado de dizer soou bem e funcionou ainda melhor.

— Já trabalhaste com a prata? — insistiu St Cloud. Pendennis lançou-lhe um olhar irritado, mas St. Cloud persistiu. — É difícil?

— Ainda estou a aprender as bases — disse Robin. — Temos dois anos de curso, depois um ano de estágio num dos andares e depois irei gravar barras sozinho.

— Podes mostrar-nos? — perguntou Pendennis. — Eu poderia fazê-lo?

— Não funcionaria para ti.

— Porque não? — perguntou Pendennis. — Eu sei latim e grego.

— Não os conheces bem o suficiente — disse Robin. — Temos de viver e respirar uma língua e não apenas improvisar com um texto de vez em quando. Sonhas noutros idiomas além do inglês?

— Tu sonhas? — rebateu Pendennis.

— Bem, é claro — disse Robin. — Afinal, sou chinês.

A sala mergulhou mais uma vez num silêncio incerto. Robin decidiu acabar com o sofrimento deles.

— Obrigado pelo convite — disse ele, levantando-se. — Mas tenho de ir para a biblioteca.

— Claro — disse Pendennis. — Tenho a certeza de que te mantêm muito ocupado.

Ninguém disse nada enquanto Robin pegava no seu casaco. Pendennis observava-o preguiçosamente de olhos semicerrados, bebericando lentamente o seu Madeira. Colin estava a pestanejar rapidamente; abriu a boca uma ou duas vezes, mas nada saiu. Milton fez um gesto desconexo, levantando-se para o acompanhar até à porta, mas Robin acenou para que ele se voltasse a sentar.

— Consegues encontrar a saída? — perguntou Pendennis.

— De certeza que não vai haver problemas — disse Robin por cima do ombro ao sair. — A casa não é assim tão grande.

Na manhã seguinte, contou tudo à sua coorte no meio de um coro de gargalhadas.

— Recita outra vez o poema dele — implorou Victoire. — Por favor.

— Não me lembro de tudo — disse Robin. — Mas deixa-me pensar... espera, sim, havia outra frase: *o sangue de uma nação corria pelas suas nobres faces...*

— Não... oh, meu Deus...

— *E o espírito de Waterloo na sua fronte...*

— Não sei porque é que estão a agir assim — disse Ramy. — O homem é um génio poético.

Apenas Letty não se riu.

— Lamento que não te tenhas divertido — disse ela friamente.

— Tinhas razão — disse Robin, tentando ser generoso. — Eles são uns tolos, mesmo. Eu nunca te deveria ter abandonado, minha querida, doce e sóbria Letty. Tens sempre razão sobre tudo.

Letty não respondeu. Pegou nos livros, sacudiu o pó das calças e saiu furiosa do Refeitório. Victoire fez menção de se levantar, como se fosse correr atrás dela, mas depois suspirou, abanou a cabeça e sentou-se.

— Deixa-a — disse Ramy. — Não vamos estragar uma boa tarde.

— Ela é sempre assim? — perguntou Robin. — Não sei como é que aguentas morar com ela.

— Vocês picam-na — disse Victoire.

— Não a defendas...

— É verdade — disse Victoire. — Vocês fazem-no, os dois, não finjam o contrário; gostam de a fazer explodir.

— É só porque ela é sempre muito empertigada — zombou Ramy. — Ela é uma pessoa totalmente diferente contigo ou tu apenas te adaptaste?

Victoire olhou de um para o outro. Parecia estar a tentar decidir alguma coisa. Então, perguntou:

— Vocês sabiam que ela tinha um irmão?

— O quê, algum nababo em Calcutá? — perguntou Ramy.

— Ele está morto — disse Victoire. — Morreu há um ano.

— Oh. — Ramy pestanejou. — É pena.

— O nome dele era Lincoln. Lincoln e Letty Price. Eram tão próximos quando eram crianças que todos os amigos da família diziam que eram gémeos. Ele veio para Oxford alguns anos antes dela, mas não tinha nem metade da inclinação para os livros que ela tem e, todas as férias, ele e o pai discutiam ferozmente sobre ele estar a desperdiçar a sua educação. Era muito mais parecido com o Pendennis do que com qualquer um de nós, se é que me entendem. Uma noite, ele saiu para ir beber. A polícia foi à casa da Letty na manhã seguinte e disse que tinham encontrado o corpo do Lincoln debaixo de uma carroça. Ele tinha adormecido na estrada e o condutor só o viu debaixo das rodas horas depois. Deve ter morrido de madrugada.

Ramy e Robin estavam calados; nenhum dos dois conseguia pensar em nada para dizer. Sentiam-se como meninos da escola a ouvir um sermão, como se Victoire fosse a sua governanta severa.

— Ela veio para Oxford alguns meses depois — disse Victoire. — Vocês sabiam que Babel tem um exame geral de admissão para candidatos que não vêm com uma recomendação especial? Ela fez o exame e passou. Era a única faculdade em Oxford que aceitava mulheres. Ela sempre quis vir para Babel, estudou para isso a vida inteira, mas o pai recusou-se sempre a deixá-la vir. Foi só depois da morte do Lincoln que o pai a deixou vir e ocupar o lugar dele. É mau ter uma filha em Oxford, mas é ainda pior não ter nenhum filho em Oxford. Não é terrível?

— Não sabia — disse Robin, envergonhado.

— Acho que vocês os dois não entendem como é difícil ser-se uma mulher aqui — disse Victoire. — Eles são liberais em teoria, sem dúvida, mas têm muito pouca consideração por nós. A nossa senhoria vasculha as nossas coisas quando estamos fora, como se estivesse à procura de provas de que temos amantes. Cada fraqueza que apresentamos é uma prova das piores teorias sobre nós, as quais dizem que somos frágeis, histéricas e que as nossas mentes são demasiado fracas por natureza para lidarem com o tipo de trabalho que temos de fazer.

— Suponho que isso signifique que temos de a desculpar constantemente por andar por aí como se tivesse sempre razão — murmurou Ramy.

Victoire lançou-lhe um olhar estranho.

— Ela é insuportável às vezes, sim, mas não está a tentar ser cruel. Ela tem medo de não pertencer aqui. Tem medo de que todos desejem que ela fosse o irmão e tem medo de ser mandada para casa se sair um pouco da linha. Acima de tudo, tem medo de que algum de vocês siga o caminho do Lincoln. Tenham paciência com ela, vocês os dois. Não sabem quanto do comportamento dela é ditado pelo medo.

— O comportamento dela — disse Ramy — é ditado pelo egocentrismo.

— Seja como for, eu tenho de viver com ela. — O rosto de Victoire contraiu-se; ela parecia muito irritada com os dois. — Portanto, desculpem por tentar manter a paz.

O mau humor de Letty nunca durava muito e ela depressa exprimiu o seu perdão tácito. Quando eles entraram no gabinete do Professor Playfair no dia seguinte, ela retribuiu o sorriso hesitante de Robin. Victoire assentiu quando ele olhou para ela. Estavam todos de acordo, ou assim parecia; Letty sabia que Robin e Ramy sabiam, sabia que eles lamentavam e ela também lamentava e sentia-se um pouco envergonhada por ser tão dramática. Não havia mais nada a ser dito.

Entretanto, havia debates mais emocionantes pela frente. Na aula do Professor Playfair naquele período, eles estavam obcecados com a ideia de fidelidade.

— Os tradutores estão sempre a ser acusados de falta de fidelidade — exclamou o Professor Playfair. — Então, o que é que isso envolve, essa fidelidade? Fidelidade a quem? Ao texto? Ao público? Ao autor? Estará a fidelidade separada do estilo? Da beleza? Começemos com o que Dryden escreveu sobre a Eneida. *Esforcei-me para conseguir que Virgílio falasse o tipo de inglês que ele próprioalaria se tivesse nascido em Inglaterra e no momento atual.* — Ele olhou em redor da sala de aulas. — Alguém aqui acha que isso é fidelidade?

— Aceito o desafio — disse Ramy. — Não, não acho que isso possa estar correto. Virgílio pertencia a um determinado tempo e lugar. Não será mais infiel retirar tudo isso e fazê-lo falar como qualquer inglês que pudéssemos encontrar na rua?

O Professor Playfair encolheu os ombros.

— Não será também infiel fazer Virgílio parecer um estrangeiro enfadonho, em vez de um homem com quem teríamos todo o prazer em conversar? Ou, como fez Guthrie, caracterizar Cícero como um membro do Parlamento inglês? Mas, confesso, estes métodos são questionáveis. Se levarmos as coisas longe demais obtemos algo como a tradução da *Ilíada* de Pope.

— Pensei que Pope era um dos maiores poetas do seu tempo — disse Letty.

— Talvez no seu trabalho original — disse o Professor Playfair. — Mas ele injeta tantos britanismos no texto que faz Homero parecer um aristocrata inglês do século XVIII. Com certeza, isso não acompanha a nossa imagem de gregos e troianos em guerra.

— Parece a típica arrogância inglesa — disse Ramy.

— Não são apenas os ingleses que o fazem — disse o Professor Playfair. — Lembrem-se de como Herder ataca os Neoclássicos franceses por fazerem de Homero um prisioneiro, vestido com roupa francesa e seguindo os costumes franceses, não vá ofender. E todos os tradutores conhecidos da Pérsia favoreciam o «espírito» da tradução em vez da precisão palavra por palavra. Na verdade, achavam muitas vezes adequado mudar os nomes europeus para persas e substituir os aforismos nas línguas-alvo por versos e provérbios persas. Achas que isso era errado? Infiel?

Ramy não teve réplica.

O Professor Playfair prosseguiu.

— Não há resposta certa, claro. Também nenhum dos teóricos antes de vocês conseguiu resolver o problema. Este é o debate contínuo do nosso campo. Schleiermacher argumentou que as traduções devem ser suficientemente artificiais para se apresentarem claramente como textos estrangeiros. Ele argumentou que havia duas opções: ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e move o autor na sua direção. Schleiermacher escolheu a primeira. No entanto, a tendência dominante na Inglaterra atual é a segunda; fazer que as traduções soem tão naturais para o leitor inglês que nem sequer sejam vistas como traduções.

— O que é que vos parece certo? Tentamos ao máximo, enquanto tradutores, tornar-nos invisíveis? Ou recordamos ao nosso leitor que o que ele está a ler não foi escrito na sua língua natal?

— Essa é uma pergunta impossível — disse Victoire. — Ou situamos o texto no seu tempo e lugar, ou trazemo-lo para onde estamos, aqui e agora. Estamos sempre a abrir mão de algo.

— Uma tradução fiel é impossível, então? — desafiou o Professor Playfair. — Será que nunca poderemos comunicar com integridade através do tempo, através do espaço?

— Suponho que não — disse Victoire com relutância.

— Mas qual é o oposto da fidelidade? — perguntou o Professor Playfair. Ele estava a chegar ao fim desta dialética; agora, precisava apenas de a encerrar com estilo. — Traição. A tradução significa exercer violência sobre o original, significa deformá-lo e distorcê-lo para olhos estrangeiros involuntários. Então, onde é que isso nos deixa? Como é que podemos concluir, exceto reconhecendo que um ato de tradução é necessariamente sempre um ato de traição?

Ele encerrou esta declaração profunda como sempre fazia, olhando individualmente para cada um deles. E quando os olhos de Robin encontraram os do Professor Playfair, ele sentiu um profundo e avinagrado nó de culpa no estômago.

49 Nome dado ao segundo período em Oxford em honra da festa de Santo Hilário que acontece em 14 de janeiro.

50 坦途.

51 «Sobre a Agricultura».

52 Estas refeições eram divertidas a princípio, mas tornaram-se rapidamente cansativas quando se tornou claro que os alunos de Babel estavam ali menos como convidados ilustres e mais como animais do zoo em exibição, dos quais se esperava que dançassem e atuassem para os doadores ricos. Robin, Victoire e Ramy eram sempre tratados como representantes nacionais dos países de onde pareciam vir. Robin tinha de aturar as insuportáveis conversas sobre jardins botânicos chineses e artigos de laca; de Ramy esperava-se que falasse sobre o funcionamento interno da «raça hindu», ou o que quer que isso significasse; e a Victoire, bizarramente, estavam sempre a pedir que desse conselhos especulativos sobre o Cabo.

53 *Maudlin* (piegas, sentimental) no original. (*N. da T.*)

54 *Long Vacation* (Longas Férias) no original. (*N. da T.*)

55 Por meio de Colin Thornhill e dos irmãos Sharp, Robin tomou conhecimento de vários «conjuntos» de pessoas com quem se poderia associar, que incluíam «os homens rápidos», «os homens lentos», «os leitores», «os cavalheiros», «os libertinos», «os pecadores», «os sorridentes» e «os santos». Ele pensou que talvez se qualificasse como um «leitor». Esperava não ser um «libertino».

56 Muitos estudantes Românticos da Univ imaginavam-se sucessores de Percy Bysshe Shelley, que raramente assistira às palestras, fora expulso por se recusar a admitir a autoria de um panfleto intitulado «A Necessidade do Ateísmo», casara com uma rapariga simpática chamada Mary e, mais tarde, afogara-se durante uma violenta tempestade ao largo do Golfo de La Spezia.

57 Robin, apesar de sua antipatia geral por Shelley, tinha lido os seus pensamentos sobre tradução, os quais respeitava a contragosto: «Daí a vaidade da tradução; seria tão sábio lançar uma violeta para um cadinho, para descobrir o princípio formal da sua cor e odor, como tentar transfundir de uma linguagem para outra as criações de um poeta. A planta deve brotar novamente da sua semente, ou não dará flor — e este é o fardo da maldição de Babel.»

CAPÍTULO NOVE

R

Os tradutores pertencem à mesma raça infiel e impassível a que sempre pertenceram: a partícula de ouro que nos trazem está escondida de todos, exceto do olhar mais paciente, por entre navios carregados de areia amarela e enxofre.

THOMAS CARLYLE, «O Estado da Literatura Alemã»

Os alunos de Babel só faziam exames de qualificação no final do terceiro ano, portanto o período da Trindade⁵⁸ passou com nem mais nem menos stresse do que os dois períodos anteriores. Algures no meio desta enxurrada de trabalhos, leituras e tentativas noturnas frustradas de aperfeiçoar o caril de batata de Ramy, o seu primeiro ano chegou ao fim.

Era costume os alunos do segundo ano viajarem para o estrangeiro durante o verão para imersão num idioma. Ramy passou junho e julho em Madrid a aprender espanhol e a estudar os arquivos Omíadas. Letty foi para Frankfurt, onde aparentemente apenas leu filosofia alemã incompreensível, e Victoire foi para Estrasburgo, de onde voltou com opiniões insuportáveis sobre comida e bons restaurantes.⁵⁹ Robin esperava ter a oportunidade de visitar o Japão naquele verão, mas, em vez disso, foi enviado para o Instituto Anglo-Chinês em Malaca para manter o seu mandarim. O instituto, dirigido por missionários protestantes, impunha uma rotina exaustiva de orações, leituras dos Clássicos e cursos de medicina, filosofia moral e lógica. Ele nunca teve a oportunidade de sair do complexo para visitar a Rua Heeren, onde os residentes chineses viviam; em vez disso, aquelas semanas foram um fluxo ininterrupto de sol, areia e intermináveis reuniões de estudo da Bíblia no meio de protestantes brancos.

Ele ficou muito contente quando o verão terminou. Eles voltaram todos para Oxford queimados do sol e com pelo menos um quilo a mais cada um, por terem comido melhor do que durante todo o ano. Ainda assim, nenhum deles teria prolongado as suas férias se pudesse. Tinham sentido falta uns dos outros, de Oxford com a sua chuva e comida horrível e do rigor académico de Babel. As suas mentes, enriquecidas com novos sons e palavras, eram como músculos lisos à espera de serem alongados.

Estavam prontos para fazer magia.

Este ano, iam ter finalmente acesso ao departamento de trabalho em prata. Só teriam autorização para fazer as suas próprias gravações no quarto ano, mas neste período iriam começar uma disciplina de teoria preparatória chamada Etimologia — ensinada, Robin descobriu com certa apreensão, pelo Professor Lovell.

No primeiro dia de aulas, eles subiram ao oitavo andar para um seminário introdutório especial com o Professor Playfair.

— Bem-vindos de volta. — Normalmente, ele dava as palestras com um fato simples, mas hoje envergava uma capa preta de mestre com borlas que balançavam dramaticamente em redor dos seus tornozelos. — Na última vez que estiveram neste andar viram a extensão da magia que criamos aqui. Hoje, vamos desvendar os seus mistérios. Sentem-se.

Eles acomodaram-se em cadeiras nas estações de trabalho mais próximas. Letty afastou uma pilha de livros na sua para poder ver melhor, mas o Professor Playfair bradou de repente:

— Não toques nisso.

Letty encolheu-se.

— Perdão?

— Essa é a mesa da Evie — disse o Professor Playfair. — Não vês a placa?

Havia, de facto, uma pequena placa de bronze afixada na frente da mesa. Eles esticaram o pescoço para a ler. *Secretária Pertencente a Eveline Brooke*, dizia. *Não tocar*.

Letty juntou as suas coisas, levantou-se e sentou-se ao lado de Ramy.

— Lamento imenso — murmurou com as faces escarlates.

Eles ficaram em silêncio por um momento, sem saber o que fazer. Nunca tinham visto o Professor Playfair tão perturbado. Mas, de modo igualmente abrupto, as suas feições recompuseram-se novamente na sua simpatia normal e, com um ligeiro salto, ele começou a falar como se nada tivesse acontecido.

— O princípio básico subjacente ao trabalho em prata é a intraduzibilidade. Quando dizemos que uma palavra ou frase é intraduzível, queremos dizer que ela carece de um equivalente preciso noutro idioma. Mesmo que o seu significado possa ser parcialmente captado em várias palavras ou frases, há algo que ainda se perde; algo que cai nas lacunas semânticas que são, obviamente, criadas por diferenças culturais na experiência vivida. Tomemos o conceito chinês *dao*, que traduzimos às vezes por «o caminho», «o percurso» ou «o modo como as coisas deveriam ser». No entanto, nenhuma destas encapsula verdadeiramente o significado de *dao*, uma pequena palavra que requer um tomo filosófico inteiro para ser explicada. Estão a perceber até agora?

Eles assentiram. Isto era apenas a tese que o Professor Playfair lhes tinha martelado na cabeça durante todo o período anterior — que toda a tradução envolvia algum grau de deformação e distorção. Finalmente, parecia que iriam fazer algo com essa distorção.

— Nenhuma tradução pode transmitir perfeitamente o significado do original. Mas o que é o significado? Poderá o *significado* referir-se a algo que suplanta as palavras que usamos para descrever o nosso mundo? Acho intuitivamente que sim. Caso contrário, não teríamos nenhuma base para criticar uma tradução como sendo precisa ou imprecisa, não sem alguma noção inexprimível do que falta. Humboldt,⁶⁰ por exemplo, argumenta que as palavras estão conectadas aos conceitos que descrevem por algo invisível, intangível; um reino místico de significados e ideias, emanando de uma energia mental pura que só toma forma quando lhe atribuímos um significante imperfeito.

O Professor Playfair tocou na secretária à sua frente, onde tinham sido dispostas numa fila organizada várias barras de prata, tanto em

branco como gravadas.

— Esse reino puro de significado, seja ele qual for e onde quer que exista, é o núcleo do nosso ofício. Os princípios básicos do trabalho em prata são muito simples. Inscrevemos uma palavra ou frase num idioma de um lado e uma palavra ou frase correspondente num idioma diferente do outro. Como a tradução nunca pode ser perfeita, as distorções necessárias (os significados perdidos ou distorcidos na viagem) são captadas e depois manifestadas pela prata. E isso, queridos alunos, é o mais próximo da magia que podemos chegar no reino da ciência natural. — Ele avaliou-os. — Ainda estão a acompanhar?

Eles pareciam mais inseguros agora.

— Acho, professor — disse Victoire —, que se nos desse um exemplo...

— Claro. — O Professor Playfair pegou na barra mais à direita. — Já vendemos bastantes exemplares desta barra a pescadores. O grego *kárabos* tem vários significados diferentes, incluindo «barco», «caranguejo» ou «besouro». De onde acham que vêm as associações?

— Da função? — arriscou Ramy. — Os barcos eram usados para apanhar caranguejos?

— Boa tentativa, mas não.

— A forma — adivinhou Robin. À medida que falava, ia fazendo mais sentido. — Pensem numa galé com fileiras de remos. Pareceriam perninhas a correr, não é? Esperem... correr, correria...

— Está a deixar-se levar, Sr. Swift, mas está no caminho certo. Concentrem-se em *kárabos* por enquanto. De *kárabos* obtemos *caravela*, que é um navio rápido e leve. Ambas as palavras significam «navio», mas apenas *kárabos* retém as associações às criaturas marinhas do grego original. Estão a acompanhar?

Eles assentiram.

Ele tocou nas extremidades da barra, onde as palavras *kárabos* e *caravela* estavam escritas em lados opostos.

— Se afixarem isto a um barco de pesca, verão que ele obtém melhores capturas do que qualquer outro dos seus barcos irmãos. Estas barras foram bastante populares no século passado, até o seu

uso excessivo levar a que o rendimento da pesca caísse para o que era antes. As barras podem distorcer a realidade até certo ponto, mas não podem criar peixes novos. Seria preciso uma palavra melhor para isso. Está a começar a fazer sentido?

Eles assentiram novamente.

— Agora, esta é uma das nossas barras mais amplamente replicadas. Vão encontrá-las nas malas dos médicos por toda a Inglaterra. — Ele ergueu a segunda barra à direita. — *Triacle* e *melaço*.

Robin recuou, surpreendido. Era a barra, ou uma cópia da barra, que o Professor Lovell usara para o salvar em Cantão. A primeira prata encantada em que ele tocara.

— É mais frequentemente usada para criar um remédio caseiro açucarado que atua como um antídoto para a maior parte dos tipos de veneno. Uma engenhosa descoberta de uma aluna chamada Evie Brooke, sim, essa Evie, que percebeu que a palavra *melaço* fora registada pela primeira vez no século XVII em conexão com o uso intenso de açúcar para disfarçar o mau gosto dos remédios. Ela recuou, então, até *triacle* em francês antigo, que significa «antídoto» ou «cura de picada de cobra», depois *theriaca* em latim e, finalmente, *theriake* em grego, ambos significando «antídoto».

— Mas o par-correspondente é apenas entre inglês e francês — disse Victoire. — Como...

— Encadeamento — disse o Professor Playfair. Ele virou a barra para lhes mostrar o latim e o grego gravados nas laterais. — É uma técnica que invoca etimologias mais antigas como guias, guiando o significado ao longo de quilómetros e séculos. Também podem pensar nisso como sendo as estacas extras de uma tenda. Mantém tudo estável e ajuda-nos a identificar com precisão a distorção que estamos a tentar captar. Mas essa é uma técnica bastante avançada... não se preocupem com isso por enquanto.

Ele levantou a terceira barra da direita.

— Aqui está algo que inventei recentemente encomendado pelo duque de Wellington. — Ele proferiu aquilo com evidente orgulho. — A palavra grega *idiótes* pode significar um tolo, como o nosso *idiota* sugere, mas também transporta a definição de alguém que é

reservado, desinteressado dos assuntos mundanos. A sua idiotice não é derivada da falta de faculdades naturais, mas da ignorância e da falta de educação. Quando traduzimos *idiôtes* para *idiota*, isso tem o efeito de remover o conhecimento. Esta barra pode, então, fazer-nos esquecer, de forma bastante abrupta, coisas que pensávamos ter aprendido. É muito bom quando estamos a tentar fazer os espiões inimigos esquecerem o que viram.⁶¹

O Professor Playfair pousou a barra.

— E é isto. É tudo muito fácil depois de compreendermos o princípio básico. Captamos o que se perde na tradução, pois há sempre algo perdido na tradução, e a barra manifesta-o. Simples, não é?

— Mas isso é absurdamente poderoso — disse Letty. — Podemos fazer qualquer coisa com essas barras. Podemos ser Deus...

— Não exatamente, *Miss Price*. Somos impedidos pela evolução natural das línguas. Mesmo as palavras que divergem em significado ainda têm uma relação bastante próxima umas com as outras. Isso limita a magnitude da mudança que as barras podem efetuar. Por exemplo, não as podemos usar para fazer reviver os mortos, porque não encontrámos nenhum bom par-correspondente em nenhuma linguagem na qual a vida e a morte não se oponham. Além disso, as barras têm uma outra limitação bastante grande, uma que impede que os camponeses da Inglaterra andem por aí a empunhá-las como talismãs. Alguém consegue adivinhar o que é?

Victoire ergueu a mão.

— Precisamos de um orador fluente.

— Muito bem — disse o Professor Playfair. — As palavras não têm nenhum significado a menos que haja alguém presente que as possa entender. E não pode ser um nível superficial de compreensão; não podemos simplesmente dizer a um agricultor o que *triacle* significa em francês e esperar que a barra funcione. Temos de ser capazes de pensar num idioma, vivê-lo e respirá-lo, e não apenas reconhecê-lo como um punhado de letras numa página. É também por isso que as línguas inventadas⁶² nunca funcionarão e as línguas antigas, como o inglês antigo, perderam o seu efeito. O

inglês antigo seria o sonho de qualquer trabalhador da prata; temos dicionários muito extensos e podemos traçar a etimologia com bastante clareza, portanto, as barras seriam maravilhosamente exatas. Mas ninguém pensa em inglês antigo. Ninguém vive e respira em inglês antigo. É, em parte, por esse motivo que a educação clássica em Oxford é tão rigorosa. A fluência em latim e grego ainda é obrigatória para muitos cursos, embora os reformadores estejam a lutar há anos para abandonarmos esses requisitos. Mas, se o fizéssemos, metade das barras de prata de Oxford deixariam de funcionar.

— É por isso que estamos aqui — disse Ramy. — Já somos fluentes.

— É por isso que vocês estão aqui — concordou o Professor Playfair. — Os rapazes de Psamético. É maravilhoso, não é, deter tal poder em virtude do vosso nascimento no estrangeiro? Sou muito bom com novos idiomas, mas demoraria anos para invocar o urdu da maneira como o senhor consegue, sem hesitação.

— Como é que as barras funcionam se um falante fluente tem de estar presente? — perguntou Victoire. — Elas não deveriam perder o efeito assim que o tradutor saísse da sala?

— Muito boa pergunta. — O Professor Playfair levantou a primeira e a segunda barras. Colocadas lado a lado, a segunda barra era claramente um pouco mais comprida do que a primeira. — Agora levantou a questão da duração. Várias coisas afetam a duração do efeito de uma barra. Primeiro é a concentração e a quantidade de prata. Ambas estas barras têm mais de noventa por cento de prata, enquanto o resto é uma liga de cobre frequentemente usada em moedas, mas a barra do *triacle* é cerca de vinte por cento maior, o que significa que vai durar alguns meses mais, dependendo da frequência e da intensidade do uso.

Ele pousou as barras.

— Muitas das barras mais baratas que vemos em Londres não duram tanto tempo. Na realidade, muito poucas delas são completamente de prata. Na maior parte das vezes, têm apenas uma camada fina de prata por cima de madeira ou de algum outro

metal barato. Ficam sem carga numa questão de semanas e depois têm de ser retocadas, por assim dizer.

— Em troca de uma taxa? — perguntou Robin.

O Professor Playfair assentiu, sorrindo.

— As vossas mesadas têm de ser pagas de alguma forma.

— Então, é só isso que é preciso para se manter uma barra? — perguntou Letty. — Apenas ter um tradutor que diga as palavras do par-correspondente?

— É um pouco mais complicado do que isso — disse o Professor Playfair. — Às vezes, as gravações precisam de ser reinscritas ou as barras têm de ser revestidas...

— E quanto é que cobram por esses serviços? — insistiu Letty. — Uma dúzia de xelins, segundo ouvi dizer? Fazer um pequeno retoque vale de facto assim tanto?

O sorriso do Professor Playfair alargou-se. Parecia um rapazinho apanhado a enfiar o dedo numa torta.

— É lucrativo realizar aquilo que o público geral considera magia, não é?

— Então, a despesa é totalmente inventada? — perguntou Robin.

Aquilo saiu-lhe com mais brusquidão do que ele pretendia. Mas ele estava a pensar na peste de cólera que varrera Londres; de como a Sra. Piper explicara que os pobres não podiam ser ajudados, porque o trabalho em prata era terrivelmente caro.

— Oh, sim. — O Professor Playfair parecia achar tudo aquilo muito engraçado. — Nós detemos os segredos e podemos definir os termos que quisermos. Essa é a beleza de sermos mais inteligentes do que todos os outros. Agora, uma última coisa antes de concluirmos. — Ele pegou numa barra em branco que cintilava no extremo da mesa. — Tenho de emitir um aviso. Há um par-correspondente que nunca, mas nunca devem tentar. Alguém consegue adivinhar qual é?

— O bem e o mal — disse Letty.

— Bom palpite, mas não.

— Os nomes de Deus — disse Ramy.

— Confiamos que não serão assim tão estúpidos. Não, este é mais complicado.

Mais ninguém tinha a resposta.

— É tradução — disse o Professor Playfair. — Simplesmente, as palavras que designam tradução.

Enquanto falava, ele gravou rapidamente uma palavra num lado da barra e mostrou-lhes o que tinha escrito: *Traduzir*.

— O verbo *traduzir* tem conotações ligeiramente diferentes em cada idioma. As palavras em inglês, espanhol e francês, *translate*, *traducir* e *traduire*, vêm do latim *translat*, que significa «transportar». Mas obtemos algo diferente assim que deixamos as línguas românicas. — Ele começou a escrever um novo conjunto de letras no outro lado. — O *fānyì* chinês, por exemplo, indica virar ou girar algo, enquanto o segundo carácter *yì* traz uma conotação de mudança e troca. Em árabe, *tarjama* pode referir-se tanto a biografia como a tradução. Em sânscrito, a palavra para tradução é *anuvad*, que também significa «dizer ou repetir várias vezes». A diferença aqui é temporal, em vez da metáfora espacial do latim. Em *kwa*, as duas palavras para tradução, *tapia* e *kowa*, envolvem narração, desconstrução e reconstrução, uma quebra em pedaços que torna possível uma mudança na forma. E assim por diante. As diferenças e as suas implicações são infinitas. Como tal, não há nenhum idioma em que tradução signifique exatamente a mesma coisa.

Ele mostrou-lhes o que tinha escrito do outro lado. Italiano — *tradurre*. Ele pousou-a sobre a mesa.

— Traduzir — disse ele. — *Tradurre*.

Assim que levantou a mão da barra, esta começou a tremer.

Espantados, eles observaram enquanto a barra tremia com violência cada vez maior. Era horrível de testemunhar. A barra parecia ter ganhado vida, como se possuída por algum espírito que se tentava desesperadamente libertar ou, pelo menos, separar-se. Não fez nenhum som além de um forte chocalhar contra a mesa, mas Robin ouviu, na sua mente, o grito torturado que o acompanhava.

— O par-correspondente da tradução cria um paradoxo — disse o Professor Playfair calmamente enquanto a barra começava a tremer com tanta força que dava saltos de centímetros em cima da mesa nos seus espasmos. — Tenta criar uma tradução mais pura, algo

que se alinhe com as metáforas associadas a cada palavra, mas isso é obviamente inconcebível, porque não é possível haver traduções perfeitas.

Formaram-se rachas na barra, veios finos que se ramificaram, dividiram e alargaram.

— A manifestação não tem para onde ir, exceto a própria barra. Então, é criado um ciclo contínuo até que, por fim, a barra se desfaz. E... acontece isto.

A barra deu um salto alto no ar e estilhaçou-se em centenas de pedacinhos que se espalharam pelas mesas, cadeiras e pelo chão. A coorte de Robin recuou, estremecendo. O Professor Playfair nem sequer pestanejou.

— Não tentem fazê-lo. Nem sequer por curiosidade. Esta prata — ele chutou um dos cacos caídos — não pode ser reutilizada. Mesmo que seja derretida e reforjada, qualquer barra que contenha um grama dela será impotente. Pior ainda, o efeito é contagioso. Se ativarmos a barra quando ela está numa pilha de prata, o efeito espalha-se para tudo o que estiver em contacto com ela. É uma maneira fácil de desperdiçarmos algumas dezenas de libras se não formos cuidadosos. — Ele pousou a caneta de gravação na mesa de trabalho. — Está entendido?

Eles assentiram.

— Ótimo. Nunca se esqueçam disso. A viabilidade final da tradução é uma questão filosófica fascinante; é, afinal, o que está no cerne da história de Babel. Mas essas questões teóricas devem ser deixadas para a sala de aulas e não aplicadas em experiências que possam derrubar o edifício.

— O Anthony tinha razão — disse Victoire. — Porque é que alguém se importaria com o Departamento de Literatura quando há o trabalho em prata?

Eles estavam sentados em redor da sua mesa habitual no Refeitório, sentindo-se um tanto tontos com o poder. Vinham repetindo os mesmos sentimentos sobre o trabalho em prata desde que a aula tinha terminado, mas isso não importava; tudo parecia tão novo, tão incrível. O mundo inteiro parecia diferente depois de

saírem da torre. Tinham entrado na casa do feiticeiro, tinham-no observado a misturar as suas poções e a lançar os seus feitiços e agora nada os satisfaria até o tentarem fazer eles mesmos.

— Será que ouvi o meu nome? — Anthony deslizou para o assento em frente de Robin. Olhou em redor para os rostos deles e depois sorriu sabiamente. — Oh, eu lembro-me dessa expressão. O Playfair fez-vos a demonstração dele hoje?

— É isso que fazes o dia todo? — perguntou Victoire com entusiasmo. — Brincar com pares-correspondentes?

— É suficientemente perto — disse Anthony. — Envolve muito mais folhear dicionários etimológicos do que brincar por assim dizer, mas assim que encontramos algo que pode funcionar, as coisas tornam-se bastante divertidas. Neste momento, estou a brincar com um par que acho que pode ser útil nas padarias. *Farinha* e *flor*.

— Não são palavras totalmente diferentes? — perguntou Letty.

— Poderia pensar-se que sim — disse Anthony. — Mas se voltarmos ao original anglo-francês do século XIII, descobrimos que eram originalmente a mesma palavra; *flor* referia-se simplesmente à moagem mais fina. Com o tempo, *flor* e *farinha* divergiram para representarem objetos diferentes. Mas se esta barra funcionar de modo correto, devo poder instalá-la em máquinas de moagem para refinar a farinha de modo mais eficiente. — Ele suspirou. — Não tenho a certeza se vai funcionar, mas espero ter *scones* grátis do Vaults para o resto da vida se isso acontecer.

— Vocês recebem direitos de autor? — perguntou Victoire. — Sempre que eles fazem uma cópia das vossas barras, quero dizer?

— Oh, não. Eu recebo uma quantia modesta, mas todos os lucros vão para a torre. Eles adicionam o meu nome ao registo dos pares-correspondentes, no entanto. Tenho seis lá até agora. E existem apenas cerca de mil e duzentos pares-correspondentes ativos em uso neste momento por todo o Império, portanto, esse é o maior prémio académico que podemos reivindicar. Melhor do que publicar um artigo em qualquer outro lado.

— Espera — disse Ramy. — Mil e duzentos não é demasiado baixo? Quero dizer, os pares-correspondentes estão em uso desde o Império Romano, portanto, como...

— Como é que não cobrimos o país inteiro com prata exprimindo todos os pares possíveis?

— Certo — disse Ramy. — Ou, pelo menos, inventar mais de mil e duzentos.

— Bem, pensa um pouco — disse Anthony. — O problema devia ser óbvio. As línguas afetam-se umas às outras; elas injetam novos significados umas nas outras e, como a água que sai de uma represa, quanto mais porosas forem as barreiras, mais fraca será a força. A maior parte das barras de prata que alimentam Londres são traduções do latim, do francês e do alemão. Mas essas barras estão a perder a sua eficácia. À medida que o fluxo linguístico se espalha pelos continentes, à medida que palavras como *saute* e *gratin* se tornam parte do léxico inglês, a distorção semântica perde a sua potência.

— O Professor Lovell disse-me algo semelhante — disse Robin, lembrando-se. — Ele está convencido de que as línguas românicas terão cada vez menos resultados com o passar do tempo.

— Ele tem razão — disse Anthony. — Houve muita coisa traduzida de outras línguas europeias para o inglês e vice-versa neste século. Parece que não conseguimos largar o nosso vício pelos alemães e pelos seus filósofos, ou pelos italianos e pelos seus poetas. Deste modo, as Línguas Românticas são de facto o ramo mais ameaçado do corpo docente, por mais que eles gostem de fingir que são os donos do edifício. Os Clássicos também estão a ficar menos promissores. O latim e o grego vão durar um pouco mais, já que a fluência em qualquer um deles ainda pertence às elites, mas o latim, pelo menos, está a ficar mais coloquial do que vocês imaginam. Algures, no oitavo andar, há um investigador a trabalhar numa recuperação dos dialetos da Ilha de Man e da Cornualha, mas ninguém acha que isso vai funcionar. O mesmo com o gaélico, mas não digam à Cathy. É por isso que vocês os três são tão valiosos. — Anthony apontou para todos, exceto para Letty. — Vocês conhecem idiomas que eles ainda não exploraram até à exaustão.

— E eu? — disse Letty, indignada.

— Bem, tu vais continuar bem durante algum tempo, mas só porque a Grã-Bretanha desenvolveu o seu sentido de identidade

nacional por oposição aos franceses. Os franceses são pagãos supersticiosos; nós somos protestantes. Os franceses usam sapatos de madeira, portanto, nós usamos sapatos de couro. Ainda conseguimos resistir à incursão francesa no nosso idioma. Mas são na realidade as colónias e as semicolónias, o Robin e a China, o Ramy e a Índia, que são o território desconhecido. É por vocês, rapazes, que todos estão a lutar.

— Falas como se fosse um recurso — disse Ramy.

— Bem, com certeza. A linguagem é um recurso como o ouro e a prata. Houve pessoas que lutaram e morreram por causa das Gramáticas.

— Mas isso é um absurdo — disse Letty. — A linguagem é apenas palavras, apenas pensamentos. Ninguém pode restringir o uso de uma linguagem.

— Não podem? — perguntou Anthony. — Sabiam que a punição oficial na China por se ensinar mandarim a um estrangeiro é a morte?

Letty virou-se para Robin.

— Isso é verdade?

— Acho que sim — disse Robin. — O Professor Chakravarti disse-me a mesma coisa. O governo Qing está... eles estão com medo. Estão com medo do exterior.

— Estão a ver? — disse Anthony. — As línguas não são apenas compostas por palavras. São modos de olhar o mundo. São as chaves para a civilização. E vale a pena matar por esse conhecimento.

— As palavras contam histórias. — Foi assim que o Professor Lovell iniciou a sua primeira aula naquela tarde, ministrada numa sala vazia e sem janelas no quinto andar da torre. — Especificamente, a história dessas palavras, o modo como começaram a ser usadas e como os seus significados se transformaram no que significam hoje. Essa história diz-nos tanto sobre um povo como qualquer outro tipo de artefacto histórico, se não mais. Peguem na palavra *canalha*. De onde acham que vem?

— Das cartas de jogar, certo? Temos o rei, a dama... — Letty começou, mas parou quando percebeu que o argumento era circular. — Ah, não importa.

O Professor Lovell abanou a cabeça.

— No inglês antigo, *cnafa* refere-se a um rapaz servo, ou jovem servo. Confirmamos isso com o termo alemão relacionado *Knabe*, que é uma palavra antiga para *rapaz*. Portanto, os canalhas eram originalmente rapazes que serviam os cavaleiros. Mas quando a instituição da cavalaria se desmoronou no final do século XVI, quando os senhores perceberam que podiam contratar exércitos profissionais melhores e mais baratos, centenas de canalhas ficaram desempregados. Então, eles fizeram o que qualquer jovem sem sorte faria: envolveram-se com salteadores e ladrões e tornaram-se os patifes desprezíveis que hoje designamos por canalhas. Portanto, a história da palavra não descreve apenas uma mudança na linguagem, mas também uma mudança em toda uma ordem social.

O Professor Lovell não era um orador apaixonado, nem um executante nato. Parecia pouco à vontade diante de uma plateia; os seus movimentos eram artificiais e abruptos e ele falava de um modo seco, grave e direto. Ainda assim, cada palavra que saía da sua boca era perfeitamente cronometrada, bem pensada e fascinante.

Nos dias anteriores a esta palestra, Robin temera ter aulas com o seu tutor. Mas acabou por não ser estranho nem embaraçoso. O Professor Lovell tratou-o exatamente como o tratara diante das suas visitas em Hampstead — era distante, formal e os seus olhos deslizavam sempre pelo rosto de Robin sem se deterem, como se o espaço onde ele existia não pudesse ser visto.

— Nós obtemos a palavra *etimologia* do grego *étymon* — continuou o Professor Lovell. — O verdadeiro sentido de uma palavra vem de *étumos*, o «verdadeiro ou atual». Assim, podemos pensar na etimologia como um exercício de descoberta de até onde uma palavra se afastou das suas raízes. Pois elas percorrem distâncias maravilhosas, tanto literal como metaforicamente. — Ele

olhou de repente para Robin. — Qual é a palavra para uma grande tempestade em mandarim?

Robin estremeceu.

— Ah... *fēngbào*?⁶³

— Não, preciso de algo maior.

— *Táifēng*?⁶⁴

— Ótimo. — O Professor Lovell apontou para Victoire. — E que padrões climáticos estão sempre a percorrer as Caraíbas?

— Tufões — disse ela e depois pestanejou. — *Taifeng*? Tufão? Como...

— Começamos com o greco-latino — disse o Professor Lovell. — Tifão era um monstro, um dos filhos de Gaia e Tártaro, uma criatura devastadora com cem cabeças serpentinhas. A certa altura, começou a ser associado a ventos violentos, porque mais tarde os árabes começaram a usar *tūfān* para descrever tempestades violentas e ventosas. Do árabe saltou para o português, sendo levado para a China nos navios dos exploradores.

— Mas *táifēng* não é apenas uma palavra emprestada — disse Robin. — Significa algo em chinês; *tái* é grande e *fēng* é vento...

— E não acha que os chineses poderiam ter inventado uma transliteração que tivesse o seu próprio significado? — perguntou o Professor Lovell. — Isso acontece constantemente. Os empréstimos fonológicos são frequentemente empréstimos semânticos também. As palavras espalham-se. E vocês podem traçar pontos de contacto da história humana a partir de palavras que têm pronúncias estranhamente semelhantes. As línguas são apenas conjuntos mutáveis de símbolos, estáveis o suficiente para possibilitarem o discurso mútuo, mas fluidas o suficiente para refletirem a dinâmica social em mudança. Quando invocamos palavras em prata, recordamos essas mudanças na história.

Letty levantou a mão.

— Tenho uma pergunta sobre o método.

— Prossiga.

— A investigação histórica é muito fácil de perceber — disse Letty. — Tudo o que temos de fazer é olhar para os artefactos, para os

documentos e afins. Mas como é que investigamos a história das *palavras*? Como é que determinamos a distância que elas percorreram?

O Professor Lovell pareceu muito satisfeito com a pergunta.

— Lendo — disse ele. — Não há outra maneira de o resolver. Compilamos todas as fontes a que conseguimos deitar a mão e depois sentamo-nos para resolver os quebra-cabeças. Procuramos padrões e irregularidades. Sabemos, por exemplo, que o *m* final do latim não era pronunciado nos tempos clássicos, porque há inscrições em Pompeia escritas de forma incorreta, sem o *m*. É assim que identificamos as mudanças sonoras. Depois de o fazermos podemos prever como é que as palavras deveriam ter evoluído e, se não corresponderem às nossas previsões, então, talvez a nossa hipótese sobre as origens relacionadas esteja errada. A etimologia é um trabalho de investigação através dos séculos e é um trabalho diabolicamente difícil, como encontrar uma agulha no palheiro. Mas estas nossas agulhas específicas valem bem a busca, diria eu.

Naquele ano, usando o inglês como exemplo, eles começaram a estudar o modo como as línguas cresciam, mudavam, se transformavam, multiplicavam, divergiam e convergiam. Estudaram as mudanças sonoras; por que razão *joelho* em inglês tinha um *k* silencioso que era pronunciado no equivalente alemão⁶⁵; porque é que as consoantes oclusivas do latim, do grego e do sânscrito tinham uma correspondência tão regular com as consoantes das línguas germânicas. Leram Bopp, Grimm e Rask na tradução; leram o *Etymologiae* de Isidoro. Estudaram mudanças semânticas, mudanças sintáticas, divergências dialéticas e empréstimos, bem como os métodos reconstrutivos que podem ser usados para se descobrir as relações entre línguas que, à primeira vista, pareciam não ter nada que ver umas com as outras. Escavaram as línguas como se fossem minas, procurando veios valiosos de herança comum e significado distorcido.

Aquilo mudou a maneira como falavam. Paravam constantemente a meio das frases. Não conseguiam sequer pronunciar frases e

aforismos comuns sem parar para se perguntarem de onde vinham essas palavras. Essas interrogações infiltravam-se em todas as suas conversas, tornaram-se o modo por defeito de se entenderem uns aos outros e tudo o mais.⁶⁶ Já não conseguiam olhar para o mundo e não ver histórias espalhadas em camadas por toda a parte como séculos de sedimentos.

E as influências no inglês eram muito mais profundas e diversas do que eles pensavam. *Chit*⁶⁷ vinha de *chitti* em marata, que significa «letra» ou «nota». O café chegou ao inglês por meio do neerlandês (*koffie*), do turco (*kahveh*) e originalmente do árabe (*qahwah*). Os gatos malhados⁶⁸ recebiam o nome de uma seda listada que, por sua vez, recebera o nome do seu local de origem: um bairro de Bagdade chamado al-‘Attābiyya. Mesmo as palavras básicas para a roupa vinham de algum lado. O *damasco* vinha do tecido feito em Damasco; o *guingão* vinha da palavra malaia *genggang*, que significa «listado»; o *calicó* referia-se a Calecute em Kerala; e o *tafetá*, disse-lhes Ramy, tinha as suas raízes na palavra persa *tafte*, que significa «um pano brilhante». Mas nem todas as palavras inglesas tinham as suas raízes em origens tão distantes ou nobres. Eles aprenderam rapidamente que o mais curioso sobre a etimologia era que qualquer coisa podia influenciar uma língua, desde os hábitos de consumo dos ricos e mundanos até às chamadas expressões vulgares dos pobres e miseráveis. O humilde calão, a suposta linguagem secreta de ladrões, vagabundos e estrangeiros, contribuíra com palavras tão comuns como *aldrabar*, *pilhar* e *bugiganga*.

O inglês não ia apenas buscar apenas palavras a outras línguas; estava repleto de influências estrangeiras, um vernáculo de Frankenstein. E Robin achava incrível como este país, cujos cidadãos se orgulhavam tanto de serem melhores do que o resto do mundo, não conseguia passar por um chá da tarde sem usar coisas emprestadas.

Além de Etimologia, cada um deles assumiu um idioma extra naquele ano. O objetivo não era adquirir fluência nesse idioma, mas sim, através do processo da sua aquisição, aprofundar o

conhecimento dos seus idiomas centrais. Letty e Ramy começaram a estudar protoindo-europeu com o professor De Vreese. Victoire propôs ao conselho consultivo várias línguas da África Ocidental que desejava aprender, mas foi rejeitada com base no facto de Babel não possuir recursos suficientes para uma instrução adequada em nenhuma delas. Acabou por estudar espanhol — o contacto com o espanhol era relevante para a fronteira entre o Haiti e a República Dominicana, argumentou o Professor Playfair —, mas não ficou nada satisfeita com isso.

Robin escolheu sânscrito com o Professor Chakravarti, que iniciou a sua primeira aula repreendendo Robin por não ter nenhum conhecimento da língua.

— Deviam ensinar sânscrito aos estudantes da China desde o início. O sânscrito chegou à China por meio dos textos budistas, o que causou uma verdadeira explosão de inovação linguística, pois o budismo introduziu dezenas de conceitos para os quais os chineses não tinham nenhuma palavra fácil. *Nun*, ou *bhiksunī* em sânscrito, tornou-se *nī*.⁶⁹ *Nirvana* tornou-se *nièpán*.⁷⁰ Conceitos chineses centrais como inferno, consciência e calamidade vêm do sânscrito. Não é possível começarmos a entender o chinês hoje sem entendermos também o budismo, o que significa entender o sânscrito. É como tentarmos entender a multiplicação antes de sabermos desenhar os números.

Robin achou um pouco injusto acusá-lo de ter aprendido fora de ordem uma língua que falava desde o nascimento, mas não o contradisse.

— Por onde começamos, então?

— Pelo alfabeto — disse o Professor Chakravarti alegremente. — De volta aos fundamentos básicos. Pegue na sua caneta e trace estas letras até desenvolver uma memória muscular para elas. Penso que deve demorar cerca de meia hora. Prossiga.

Latim, teoria da tradução, etimologia, línguas de foco e uma nova língua de investigação — era uma carga horária absurdamente pesada, ainda mais quando cada professor atribuía trabalhos como

se nenhuma das outras disciplinas existisse. Os docentes não eram nada compreensivos.

— Os alemães têm uma palavra encantadora, *Sitzfleisch* — disse o Professor Playfair, agradavelmente, quando Ramy protestou que eles tinham mais de quarenta horas de leituras por semana. — Traduzido literalmente, significa «carne sentada», o que significa que, às vezes, vocês só precisam de se sentar e fazer o que tem de ser feito.

Ainda assim, eles encontraram os seus momentos de alegria. Oxford começava agora a parecer uma espécie de lar e eles esculpiram os seus próprios espaços nela, locais onde não eram apenas tolerados, mas nos quais prosperavam. Aprenderam quais eram os cafés onde eram servidos sem problemas e quais eram os que fingiam que Ramy não existia ou que se queixavam que ele era demasiado sujo para se sentar nas suas cadeiras. Aprenderam quais os *pubs* que podiam frequentar depois do anoitecer sem serem incomodados. Sentavam-se na plateia da United Debating Society e retorciam-se de riso, tentando conter-se, enquanto rapazes como Colin Thornhill e Elton Pendennis gritavam sobre justiça, liberdade e igualdade até ficarem vermelhos.

Robin começou a remar por insistência de Anthony.

— Não adianta ficares enfiado na biblioteca o tempo todo — disse-lhe a ele. — Tens de exercitar os músculos para que o cérebro funcione corretamente. Põe o sangue a fluir. Experimenta, vai ser bom para ti.

Acontece que ele adorou. Sentia grande prazer no movimento rítmico e tenso de puxar um único remo repetidas vezes contra a água. Os seus braços ficaram mais fortes e as suas pernas pareciam mais longas, de certo modo. Gradualmente, ele foi perdendo a sua magreza encurvada e adquiriu uma aparência preenchida, que lhe dava uma profunda satisfação quando olhava para o espelho todas as manhãs. Começou a ansiar pelas manhãs frias no Isis, quando o resto da cidade ainda não tinha acordado e o único som que podia ouvir a quilómetros de distância era o chilrear

dos pássaros e o agradável barulho das pás a afundarem-se na água.

As raparigas tentaram entrar sorrateiramente no clube náutico, mas não conseguiram. Não eram altas o suficiente para remar e a posição de timoneiro envolvia demasiados gritos para elas fingirem que eram homens. Mas, semanas depois, Robin começou a ouvir rumores de duas adições ferozes na equipa de esgrima da Univ, embora Victoire e Letty a princípio alegassem inocência quando eles as interrogaram.

— É a agressividade que atrai — confessou finalmente Victoire. — É tão engraçado de ver. Os rapazes entram sempre muito fortes no início e depois perdem toda a estratégia de vista.

Letty concordou.

— Depois, é uma simples questão de nos mantermos concentradas e os espetarmos quando abrem a guarda. É tudo o que é preciso.

No inverno, o Isis congelou e eles foram patinar, o que nenhum deles, exceto Letty, tinha feito antes. Ataram as botas o mais apertado que conseguiram — «Mais apertado», dissera Letty, «elas não podem oscilar senão partem os tornozelos» — e cambalearam pelo gelo, agarrados uns aos outros para se equilibrarem, enquanto avançavam de modo titubeante, embora isso geralmente significasse apenas que quando um caía todos caíam. Então, Ramy percebeu que se se inclinasse para a frente e dobrasse os joelhos podia mover-se cada vez mais rápido. Ao terceiro dia, já patinava em círculos em redor dos outros, até mesmo de Letty, que fingia ficar chateada quando ele se atravessava à frente dela, mas não conseguia deixar de rir.

Havia uma qualidade sólida e duradoura na sua amizade agora. Já não eram uns caloiros deslumbrados e assustados, agarrando-se uns aos outros em busca de estabilidade. Em vez disso, eram veteranos cansados unidos pelas suas provas, soldados endurecidos que se podiam apoiar uns nos outros para qualquer coisa. A meticulosa Letty, apesar dos seus resmungos, estava sempre disponível para corrigir uma tradução, não importava quão tarde fosse à noite ou cedo de manhã. Victoire era como um túmulo;

ouvia qualquer quantidade de reclamações e queixas mesquinhas sem deixar escapar nada para os alvos das mesmas. E Robin podia bater à porta de Ramy a qualquer hora, do dia ou da noite, se precisasse de uma chávena de chá, de algo do qual rir ou de alguém com quem chorar.

Quando a nova coorte — quatro rapazes com cara de bebé e nenhuma rapariga — chegou a Babel naquele outono, eles quase não lhes prestaram atenção. Sem nenhuma intenção consciente, tinham-se tornado exatamente como os veteranos que tanto tinham invejado durante o seu primeiro período. O que tinham considerado como sendo presunção e arrogância acabou por ser apenas exaustão. Os alunos mais velhos não tinham intenção alguma de intimidar os mais novos. Simplesmente, não tinham tempo.

Eles tornaram-se o que aspiravam ser desde o primeiro ano — indiferentes, brilhantes e fatigados até aos ossos. Eram infelicíssimos. Dormiam e comiam muito pouco, liam demais e perderam completamente o contacto com os assuntos fora de Oxford ou de Babel. Ignoravam a vida do mundo; viviam apenas a vida da mente. E adoravam.

E Robin, apesar de tudo, esperava que o dia que Griffin profetizara nunca chegasse e que ele pudesse viver neste equilíbrio para sempre. Pois nunca tinha sido tão feliz como agora, esticado até ao limite e demasiado preocupado com a próxima coisa diante dele para prestar atenção a como tudo se encaixava.

No final do período de S. Miguel, um químico francês chamado Louis-

-Jacques-Mandé Daguerre chegou a Babel com um curioso objeto a reboque. Era uma câmara escura heliográfica, anunciou ele, e poderia ser capaz de replicar imagens estáticas usando placas de cobre expostas e compostos sensíveis à luz, embora ele não conseguisse acertar no mecanismo. Será que os Babblers poderiam dar uma olhadela e ver se a poderiam melhorar de alguma forma?

O problema da câmara de Daguerre tornou-se o assunto da torre. O corpo docente fez disso uma competição — qualquer aluno com autorização para o trabalho em prata que conseguisse resolver o

problema de Daguerre tinha direito a ter o seu nome na patente e uma percentagem das riquezas que certamente se seguiriam. Durante duas semanas, o oitavo andar borbulhou num frenesim silencioso, enquanto os alunos do quarto ano e os investigadores de pós-graduação folheavam dicionários etimológicos, tentando encontrar um conjunto de palavras que chegassem ao nexos correto de significado que envolvia luz, cor, imagem e imitação.

Foi Anthony Ribben quem finalmente decifrou o problema. De acordo com os termos contratuais com Daguerre, o verdadeiro par-correspondente patenteado foi mantido em segredo, mas havia rumores de que Anthony tinha feito algo com o latim *imago*, que além de significar «semelhança» ou «imitação», também sugeria fantasma ou espectro. Outros rumores sustentavam que Anthony tinha encontrado uma maneira de dissolver a barra de prata a fim de criar vapores a partir do mercúrio aquecido. O que quer que fosse, Anthony não podia dizer, mas foi generosamente pago pelos seus esforços.

A câmara funcionou. Como se fosse magia, a semelhança exata do objeto capturado podia ser replicada numa folha de papel maravilhosamente em muito pouco tempo. O dispositivo de Daguerre — o daguerreótipo, como lhe chamavam — tornou-se uma sensação local. Todos queriam ter a sua fotografia tirada. Daguerre e o corpo docente de Babel fizeram uma exposição de três dias na entrada da torre e os membros entusiasmados do público formaram filas que davam a volta à rua.

Robin estava nervoso por causa de uma tradução em sânscrito para o dia seguinte, mas Letty insistiu que fossem todos tirar um retrato.

— Vocês não querem uma recordação nossa? — perguntou ela. — Preservados neste exato momento?

Robin encolheu os ombros.

— Nem por isso.

— Bem, eu quero — disse ela teimosamente. — Quero recordar exatamente como éramos agora, neste ano, em 1837. Não me quero nunca esquecer.

Juntaram-se diante da câmara. Letty e Victoire sentaram-se em cadeiras, com as mãos cruzadas rigidamente no colo. Robin e Ramy ficaram atrás delas, sem saberem o que fazer com as mãos. Deviam colocá-las nos ombros das raparigas? Nas cadeiras?

— Braços ao vosso lado — disse o fotógrafo. — Fiquem imóveis o melhor que conseguirem. Não... primeiro, aproximem-se um pouco mais... aí está.

Robin sorriu, percebeu que não ia conseguir manter a boca esticada durante tanto tempo e cerrou-a imediatamente.

No dia seguinte, foram buscar o retrato finalizado a um funcionário da receção.

— Por favor — disse Victoire. — Não se parece nada connosco.

Mas Letty estava encantada; insistiu que fossem comprar uma moldura.

— Vou pendurá-lo sobre a minha lareira, que acham?

— Preferia que o deitasses fora — disse Ramy. — É enervante.

— Não é nada — disse Letty. Parecia enfeitiçada enquanto observava a impressão, como se tivesse visto verdadeira magia. — Somos nós. Congelados no tempo, capturados num momento ao qual nunca mais voltaremos enquanto vivermos. É maravilhoso.

Também Robin achou a fotografia estranha, embora não o dissesse em voz alta. Tinham todos expressões artificiais, máscaras de ligeiro desconforto. A câmara tinha distorcido e achatado o espírito que os unia, e o calor invisível e a camaradagem entre eles parecia agora uma proximidade artificial e forçada. A fotografia, pensou ele, também era uma espécie de tradução e todos eles tinham ficado mais pobres nela.

Violetas atiradas para cadinhos, de facto.

58 Terceiro período em Oxford, assim designado pela Festa da Santíssima Trindade que ocorre durante o período. (N. da T.)

59 Por exemplo: «Vocês sabem como os franceses se referem a uma situação infeliz? *Triste comme un repas sans fromage*. Triste como uma refeição sem queijo. O que, na realidade, é o estado de todo o queijo inglês.»

60 Karl Wilhelm von Humboldt é, talvez, mais famoso por escrever em 1836 «Sobre a Diferença Estrutural das Línguas Humanas e a Sua Influência no Desenvolvimento Intelectual da Raça Humana», no qual argumenta, entre outras coisas, que a linguagem de uma cultura está profundamente ligada às capacidades mentais e características daqueles que a falam, o que explica por que razão o latim e o grego são mais adequados para o raciocínio intelectual sofisticado do que, digamos, o árabe.

61 As aplicações militares desse par-correspondente não eram realmente tão úteis como o Professor Playfair fazia parecer. Era impossível especificar que partes do conhecimento se desejava remover e, muitas vezes, o par-correspondente apenas fazia os soldados inimigos esquecerem-se de como atar as botas ou como falar o inglês fragmentado que conheciam. O duque de Wellington não ficou impressionado.

62 No final do século XVIII, houve uma breve mania em redor do potencial para o trabalho em prata das línguas criadas, como a mística Língua Ignota da abadessa Hildegard de Bingen, que tinha um glossário de mais de mil palavras; a linguagem da verdade de John Wilkins, que envolvia um elaborado esquema de classificação para todas as coisas conhecidas do Universo; e a «Linguagem Universal» de Sir Thomas Urquhart de Cromarty, que tentou reduzir o mundo a uma expressão aritmética perfeitamente racional. Tudo isso esbarrou num obstáculo comum que foi mais tarde aceite como uma verdade básica em Babel: as línguas são mais do que meras cifras e devem ser usadas para nos exprimirmos perante os outros.

63 風暴.

64 颱風.

65 *Knee* em inglês; *knie* em alemão. (N. da T.)

66 — *Desajeitado* — dizia Victoire, apontando para Robin — vem do nórdico antigo *aufgr*, que significa «virado ao contrário, como uma tartaruga de costas». [Desajeitado: *awkward* em inglês (N. da T.).]

— Então, *Victoire* deve derivar de *vicioso* e não de *Vitória*, pois tu só tens vícios — retorquia Robin.

67 Recibo. (N. da T.)

68 Gatos malhados: *tabby cats* em inglês. (N. da T.)

69 尼.

70 涅槃.

CAPÍTULO DEZ

R

Para preservar os princípios dos seus alunos, eles limitam-nos às seguras e elegantes imbecilidades da instrução clássica. Um genuíno instrutor de Oxford estremeceria ao ouvir os seus jovens debater sobre a verdade moral e política, formulando e derrubando teorias e entregando-se a toda a ousadia da discussão política. Disso não auguraria nada além de impiedade a Deus e traição aos reis.

SYDNEY SMITH, *Edgeworth's Professional Education*

Perto do fim do período de S. Miguel daquele ano, Griffin pareceu aparecer mais do que o normal. Robin tinha começado a perguntar-se para onde ele teria ido; desde que voltara de Malaca, as suas missões tinham diminuído de duas vezes por mês para uma e depois nenhuma. Mas, em dezembro, Robin começou a receber notas instruindo-o a encontrar-se com Griffin no exterior do Raiz Retorcida a cada poucos dias, onde recomeçaram a sua rotina habitual de caminhar freneticamente pela cidade. Normalmente, estes encontros eram prelúdios para roubos planeados, mas, de vez em quando, Griffin parecia não ter nenhum objetivo em mente e, em vez disso, queria apenas conversar. Robin aguardava ansiosamente por essas conversas; eram as únicas vezes em que o seu irmão parecia menos misterioso, mais humano, mais de carne e osso. Mas Griffin nunca respondia às perguntas que Robin queria realmente discutir, que eram saber o que a Hermes fazia com os materiais que ele ajudava a roubar e como é que a revolução, se é que havia uma, estava a decorrer.

— Ainda não confio em ti — dizia ele. — Ainda és demasiado novo.

Eu também não confio em ti, pensou Robin, mas não disse. Em vez disso, investigou as coisas de maneira indireta.

— Há quanto tempo é que a Hermes existe?

Griffin lançou-lhe um olhar divertido.

— Eu sei o que estás a fazer.

— Só quero saber se é uma invenção moderna, ou, ou...

— Não sei. Não faço ideia. Há décadas pelo menos, talvez mais, mas nunca descobri. Porque é que não perguntas o que queres realmente saber?

— Porque não me vais dizer.

— Experimenta.

— Está bem. Então, se já existe há mais tempo, não consigo entender...

— Não consegues ver porque é que ainda não vencemos. É isso?

— Não. Só não vejo que diferença faz — disse Robin. — Babel é... Babel. E vocês são apenas...

— Um pequeno grupo de académicos exilados a mordiscar os calcanhares do gigante? — ajudou Griffin. — Diz o que queres dizer, irmão, não hesites.

— Eu ia dizer «idealistas numa quantidade monumentalmente inferior», mas sim. Quero dizer... por favor, Griffin, é difícil manter a fé quando o efeito de tudo o que eu faço não é claro.

Griffin diminuiu o ritmo da sua passada. Ficou em silêncio por alguns segundos, pensando, e então disse:

— Vou descrever-te uma imagem. De onde vem a prata?

— Griffin, sinceramente...

— Faz-me a vontade.

— Tenho uma aula daqui a dez minutos.

— Não é uma resposta simples. A Craft não te vai expulsar por te atrasares uma vez. De onde vem a prata?

— Não sei. Das minas?

Griffin suspirou pesadamente.

— Eles não te ensinam nada?

— Griffin...

— Ouve. A prata sempre existiu. Os atenienses mineravam-na na Ática e os romanos, como sabes, usaram a prata para expandir o

seu império assim que perceberam o que ela podia fazer. Mas a prata só se tornou uma moeda internacional, só impulsionou uma rede de comércio abrangendo continentes, muito mais tarde. Não havia simplesmente quantidades suficientes. Então, no século xvi, os Habsburgos, o primeiro império verdadeiramente global, tropeçaram em enormes depósitos de prata nos Andes. Os espanhóis retiraram-na das montanhas com a ajuda de mineiros indígenas que, podes ter a certeza, não eram pagos de forma justa pelo seu trabalho,⁷¹ e cunharam-na sob a forma dos seus pequenos dólares espanhóis, que trouxeram riquezas para Sevilha e Madrid.

» A prata tornou-os ricos; ricos o suficiente para comprarem tecidos de algodão estampado da Índia, que usavam para pagar os escravos vindos de África, que punham a trabalhar em plantações nas suas colónias. Então, os espanhóis ficaram cada vez mais ricos e, aonde quer que fossem, deixavam morte, escravidão e empobrecimento atrás de si. Vês os padrões até agora, com certeza?

Quando dava sermões, Griffin apresentava uma semelhança peculiar com o Professor Lovell. Ambos faziam gestos muito bruscos com as mãos, como se pontuassem as suas longas diatribes com movimentos de mão em vez de pontos finais, e ambos falavam de um modo muito preciso e sincopado. Também partilhavam uma predileção pelas perguntas socráticas.

— Avança duzentos anos e o que é que tens?

Robin suspirou, mas respondeu à pergunta.

— Toda a prata e todo o poder flui do Novo Mundo para a Europa.

— Certo — disse Griffin. — A prata acumula-se onde já é usada. Os espanhóis mantiveram a liderança por muito tempo, enquanto os neerlandeses, os britânicos e os franceses os seguiam de perto. Avança mais um século e a Espanha é uma sombra do que já foi; as guerras napoleónicas corroeram o poder da França e agora a gloriosa Britânia está no topo. As maiores reservas de prata da Europa. O melhor instituto de tradução do mundo, de longe. A melhor marinha dos mares, cimentada após Trafalgar, o que significa que esta ilha está a caminho de dominar o mundo, não é?

Mas algo engraçado tem acontecido no último século. Algo que tem dado muitas dores de cabeça ao Parlamento e a todas as empresas comerciais britânicas. Consegues adivinhar o que é?

— Não me digas que estamos a ficar sem prata.

Griffin sorriu.

— Eles estão a ficar sem prata. Consegues adivinhar para onde é que ela está a fluir agora?

Robin sabia a resposta para esta pergunta, mas apenas porque tinha ouvido o Professor Lovell e os seus amigos a queixarem-se durante anos naquelas noites na sala de estar em Hampstead.

— A China.

— A China. Este país está a empanturrar-se com importações do Oriente. Não se cansam da porcelana, dos armários laqueados e das sedas da China. E o chá. Céus. Sabes quanto chá é exportado da China para a Inglaterra todos os anos? Pelo menos trinta milhões de libras. Os britânicos adoram tanto o chá que o Parlamento costumava insistir para que a Companhia das Índias Orientais mantivesse sempre reservas para um ano em caso de escassez. Gastamos milhões e milhões em chá da China todos os anos e pagamos por ele com prata.

» Mas a China não tem nenhum apetite recíproco por produtos britânicos. Quando o Imperador Qianlong recebeu uma exibição de artigos de produção britânica, levados por Lorde Macartney, sabes qual foi a resposta dele? *Objetos estranhos e caros não me interessam*. Os chineses não precisam de nada do que nós vendemos; conseguem produzir tudo o que querem por conta própria. Então, a prata continua a fluir para a China e não há nada que os britânicos possam fazer a esse respeito porque não podem alterar a oferta e a procura. Um dia não vai importar quanto talento de tradução tenhamos, porque não existirão reservas de prata para o usarmos. O Império Britânico desmoronará em consequência da sua própria ganância. Enquanto isso, a prata acumular-se-á em novos centros de poder: lugares que até agora tiveram os seus recursos roubados e explorados. Eles terão as matérias-primas e tudo o que precisarão, então, será de trabalhadores de prata. E o talento irá para onde o trabalho se encontra; é o que acontece

sempre. Então, tudo isto é simplesmente o Império a esgotar-se. Os ciclos da história farão o resto e tu só precisas de nos ajudar a acelerar o processo.

— Mas isso é... — Robin interrompeu-se, lutando para encontrar as palavras para formular a sua objeção. — Isso é tão abstrato, tão simples, não pode... quero dizer, não podes com certeza prever a história assim, com traços tão amplos...

— Há muita coisa que podes prever. — Griffin lançou um olhar de soslaio a Robin. — Mas esse é o problema com a educação de Babel, não é? Eles ensinam-vos línguas e tradução, mas nunca história, nunca ciência, nunca política internacional. Não vos falam sobre os exércitos que defendem os dialetos.

— Mas como é que será tudo isso? — insistiu Robin. — O que estás a descrever, como é que vai acontecer? Uma guerra mundial? Um declínio económico lento até o mundo parecer totalmente diferente?

— Não sei — disse Griffin. — Ninguém sabe exatamente como será o futuro. Se as alavancas do poder se irão mover para a China ou para as Américas, ou se a Grã-Bretanha vai lutar com unhas e dentes para manter o seu lugar. Isso é impossível de prever.

— Então, como é que sabes que o que estás a fazer tem algum efeito?

— Não posso prever o resultado de cada encontro — esclareceu Griffin. — Mas uma coisa sei: a riqueza da Grã-Bretanha depende da extração coerciva. E, à medida que a Grã-Bretanha cresce, restam apenas duas opções: ou os seus mecanismos de coerção se tornam bastante mais brutais ou ela desmorona. O primeiro é mais provável, mas pode dar origem ao segundo.

— É uma luta tão desigual, contudo — disse Robin impotente. — Tu de um lado e todo o Império do outro.

— Só se achares que o Império é inevitável — disse Griffin. — Mas não é. Vê o momento atual. Estamos no final de uma grande crise no Atlântico, depois de os impérios monárquicos terem caído um após o outro. A Grã-Bretanha e a França perderam na América e depois entraram em guerra uma contra a outra para benefício de ninguém. Agora, estamos a ver uma nova consolidação de poder, é

verdade. A Grã-Bretanha ficou com Bengala, com a Java holandesa e a Colónia do Cabo e, se conseguir o que quer na China, se conseguir reverter esse desequilíbrio comercial, será imparável.

» Mas nada está escrito em pedra, ou sequer em prata, por assim dizer. Muita coisa depende de contingências e é nesses pontos críticos que podemos empurrar e puxar. É aí que as escolhas individuais e até mesmo o mais pequeno exército de resistência faz a diferença. Vê Barbados, por exemplo. Vê a Jamaica. Nós mandámos barras para lá para as revoltas...

— Essas revoltas de escravos foram esmagadas — disse Robin.

— Mas a escravidão foi abolida, não foi? — disse Griffin. — Pelo menos nos territórios britânicos. Não, não estou a dizer que está tudo bem, que está tudo resolvido, e não estou a dizer que podemos assumir todo o crédito pela legislação britânica; tenho a certeza de que os abolicionistas ficariam ofendidos se o fizéssemos. Mas estou a dizer que se achas que a Lei de 1833 foi aprovada por causa da sensibilidade moral dos britânicos, então, estás errado. Essa lei foi aprovada porque eles não conseguiam continuar a absorver as perdas.

Ele acenou com a mão como se apontasse para um mapa invisível.

— É em momentos como esse que temos o controlo. Se forcarmos os pontos certos, se criarmos perdas onde o Império não as pode sofrer, então, levaremos as coisas ao ponto de rutura. Então, o futuro torna-se fluido e a mudança é possível. A história não é uma tapeçaria pré-construída que temos de aceitar, um mundo fechado sem saída. Podemos formá-la. Construí-la. Apenas temos de *escolher* fazê-lo.

— Tu acreditas mesmo nisso — disse Robin, espantado. A fé de Griffin surpreendia-o. Para Robin, aquele raciocínio abstrato era um motivo para se despojar do mundo, para se refugiar na segurança das línguas mortas e dos livros. Para Griffin, era uma convocação.

— Tenho de acreditar — disse Griffin. — Caso contrário, tens razão. Caso contrário, não temos nada.

Depois daquela conversa, Griffin parecia ter decidido que Robin não estava prestes a trair a Sociedade Hermes, pois as missões de Robin aumentaram muito em número. Nem todas as suas missões envolviam roubo. Com mais frequência, Griffin fazia pedidos de materiais — manuais etimológicos, páginas de Gramáticas, tabelas de ortografia — que eram fáceis de obter, copiar e devolver sem chamar a atenção. Ainda assim, ele tinha de ser esperto em relação a quando e como levava os livros, pois iria atrair suspeitas se andasse a levar materiais não relacionados com as suas áreas de estudo. Certa vez, Ilse, a veterana do Japão, quis saber o que é que ele estava a fazer com uma Gramática de alemão antigo e ele teve de balbuciar uma história sobre ter retirado o título por acidente quando tentava seguir uma palavra chinesa até às suas origens hititas. Não interessava que ele estivesse na secção completamente errada da biblioteca, Ilse pareceu disposta a acreditar que ele era simplesmente muito estúpido.

Em geral, os pedidos de Griffin eram indolores. Era tudo menos romântico do que Robin tinha imaginado — e, talvez, esperado. Não havia fugas emocionantes nem conversas codificadas tidas a meio de pontes sobre água corrente. Era tudo tão mundano. O grande feito da Sociedade Hermes, descobriu Robin, era a eficiência com que se tornava invisível, o modo como ocultava completamente as informações até mesmo dos seus membros. Se um dia Griffin desaparecesse, Robin teria dificuldade em provar a alguém que a Sociedade Hermes existia na realidade e não era apenas uma invenção da sua imaginação. Ele sentia muitas vezes que não fazia parte de uma sociedade secreta, mas sim de uma grande e enfadonha burocracia que funcionava com excelente coordenação.

Até os furtos se tornaram rotina. Os professores de Babel pareciam não fazer nenhuma ideia de que estavam a ser roubadas coisas. A Sociedade Hermes levava apenas pequenas quantidades de prata, diminutas o suficiente para poderem ser ocultadas com truques contabilísticos, pois a virtude de uma faculdade de humanidades, explicou Griffin, era ninguém ter jeito para os números.

— O Playfair deixaria que desaparecessem caixotes inteiros de prata se ninguém o controlasse — disse ele a Robin. — Achas que

ele mantém os livros organizados? O homem mal consegue somar números de dois dígitos.

Algumas vezes, Griffin não mencionava sequer a Hermes. Em vez disso, passava a hora que demoravam a ir até Port Meadow e voltar a perguntar sobre a vida de Robin em Oxford — as suas façanhas no remo, as suas livrarias favoritas, o que ele achava da comida no salão e no Refeitório.

Robin respondia cautelosamente. Estava sempre à espera que a maré mudasse, que Griffin transformasse essa conversa numa discussão, que a sua preferência por *scones* simples se tornasse uma prova da sua paixão pela burguesia. Mas Griffin continuava apenas a perguntar e, gradualmente, Robin foi percebendo que talvez Griffin apenas sentisse saudades de ser estudante.

— Adoro o *campus* na época do Natal — disse Griffin certa noite. — É a estação em que Oxford melhor mergulha na sua própria magia.

O Sol tinha-se posto. O ar passara de agradavelmente frio a cortantemente frio, mas a cidade brilhava com as velas de Natal e uma ligeira nuvem de neve flutuava em redor deles. Era encantador. Robin diminuiu o passo, querendo apreciar a cena, mas Griffin, notou ele, estava a tremer loucamente.

— Griffin, não... — Robin hesitou; não sabia como perguntar educadamente. — Esse é o único casaco que tens?

Griffin encolheu-se como um cão a eriçar-se.

— Porquê?

— É que... eu tenho uma mensalidade, se quiseres comprar algo mais quente...

— Não me trates com condescendência. — Robin arrependeu-se instantaneamente de ter tocado no assunto. Griffin era muito orgulhoso. Não conseguia aceitar caridade; não conseguia sequer aceitar simpatia. — Não preciso do teu dinheiro.

— Como quiseres — disse Robin, magoado.

Caminharam ao longo de mais um quarteirão, em silêncio. Então, numa tentativa óbvia de estender um ramo de oliveira, Griffin perguntou:

— Que tens planeado para o Natal?

— Primeiro, vai haver um jantar no salão.

— Portanto, intermináveis orações em latim, um ganso a saber a borracha e um pudim de Natal indistinguível de comida para porcos. O que é que tens realmente planeado?

Robin sorriu.

— A Sra. Piper tem algumas empadas à minha espera em Jericho.

— Bife e rim?

— Frango e alho-francês. A minha favorita. E uma tarte de limão para a Letty e uma tarte de chocolate com nozes para o Ramy e a Victoire...

— Deus abençoe a tua Sra. Piper — disse Griffin. — O professor tinha uma velha fria chamada Sra. Peterhouse na minha época. Não sabia cozinhar nada de jeito, nem pensar, mas lembrava-se sempre de dizer qualquer coisa sobre mestiços quando eu estava por perto. Ele também não gostava disso; acho que foi por isso que a despediu.

Eles viraram à esquerda para a Cornmarket. Estavam muito perto da torre agora e Griffin parecia inquieto; Robin suspeitou de que em breve se separariam.

— Antes que eu me esqueça. — Griffin enfiou a mão no casaco, tirou um embrulho e atirou-o para Robin. — Trouxe-te uma coisa.

Surpreendido, Robin puxou pelo cordel.

— Uma ferramenta?

— É apenas um presente. Feliz Natal.

Robin rasgou o papel, revelando um belo volume recém-impresso.

— Tu disseste que gostavas de Dickens — disse Griffin. — Encader-

naram recentemente a serialização do último romance dele. És capaz de já o ter lido, mas achei que gostavas de o ter todo completo.

Ele comprara a Robin o conjunto em três volumes de *Oliver Twist*. Por um momento, Robin só conseguiu gaguejar — não sabia que iam trocar presentes e não tinha comprado nada para Griffin, mas Griffin ignorou-o com um aceno de mão.

— Não faz mal, eu sou mais velho do que tu, não me envergonhes.

Só mais tarde, depois de Griffin ter desaparecido na Broad Street, com o casaco a esvoaçar em redor dos tornozelos, é que Robin percebeu que aquela escolha tinha sido a ideia de Griffin de uma piada.

Vem comigo, quase dissera ele quando se separaram. *Vem até ao salão. Vem e participa na ceia de Natal.*

Mas isso era impossível. A vida de Robin estava dividida em duas e Griffin existia no mundo das sombras, escondido da vista. Robin nunca o poderia levar para Magpie Lane. Nunca o poderia apresentar aos seus amigos. Nunca lhe poderia chamar irmão à luz do dia.

— Bem. — Griffin pigarreou. — Até à próxima, então.

— Quando será isso?

— Ainda não sei. — Ele já se estava a afastar, enquanto a neve lhe ia preenchendo as pegadas. — Está atento à janela.

No primeiro dia do período de Santo Hilário, a entrada principal de Babel foi bloqueada por quatro polícias armados. Pareciam estar a lidar com alguém ou alguma coisa lá dentro, embora Robin não conseguisse ver do que se tratava por cima da multidão de estudantes trémulos.

— Que aconteceu? — perguntou Ramy às raparigas.

— Estão a dizer que foi um arrombamento — disse Victoire. — Alguém queria roubar alguma prata, suponho.

— E então, a polícia estava aqui exatamente na altura certa? — perguntou Robin.

— Ele fez disparar algum alarme quando tentou passar pela porta — disse Letty. — E a polícia veio rapidamente, acho eu.

Um quinto e um sexto polícias emergiram do edifício, arrastando entre eles o homem que Robin presumiu ser o ladrão. Era de meia-idade, tinha cabelos escuros, barba e estava vestido com roupa muito suja. Não era da Hermes, então, pensou Robin com algum alívio. O rosto do ladrão estava contorcido de dor e os seus gemidos flutuaram sobre a multidão quando a polícia o puxou escada abaixo em direção a um coche que esperava. Deixaram um rasto de sangue sobre as pedras atrás deles.

— Ele levou com cerca de cinco balas. — Anthony Ribben apareceu ao lado deles. Parecia prestes a vomitar. — É bom ver que as proteções estão a funcionar, suponho.

Robin estremeceu.

— As proteções fizeram aquilo?

— A torre é protegida pelo sistema de segurança mais sofisticado do país — disse Anthony. — Não são apenas as Gramáticas que estão guardadas. Há cerca de meio milhão de libras em prata neste edifício e só têm um punhado de académicos magricelas por perto para as defender. Claro que as portas estão protegidas.

O coração de Robin estava a bater muito depressa; ele conseguia ouvi-lo nos seus tímpanos.

— Com o quê?

— Eles nunca nos dizem os pares-correspondentes, são muito reservados em relação a isso. O Playfair atualiza-os a cada poucos meses, que é quase a mesma frequência com que as tentativas de roubo acontecem. Devo dizer que gosto muito mais deste conjunto. O último fez umas enormes feridas nos membros do invasor, usando umas facas antigas que diziam ser da Alexandria. Espalhou sangue por toda a carpete interior; ainda dá para ver as manchas castanhas se olharmos com cuidado. Passámos semanas a tentar adivinhar as palavras que o Playfair usou, mas ninguém as conseguiu decifrar.

Os olhos de Victoire seguiram o coche que partia.

— Que acham que lhe vai acontecer?

— Oh, irá provavelmente no primeiro navio para a Austrália — disse Anthony. — Desde que não sangre até morrer a caminho da esquadra.

— É uma recolha de rotina — disse Griffin. — Entrar e sair. Nem sequer vais perceber que estamos lá. A hora vai ser um pouco complicada, portanto, fica de plantão a noite toda. — Ele tocou no ombro de Robin. — Que se passa?

Robin pestanejou e ergueu os olhos.

— Hum?

— Pareces assustado.

— É que... — Robin pensou por um instante e depois deixou escapar: — Sabes das proteções, certo?

— O quê?

— Vimos um homem que invadiu a torre esta manhã. As proteções acionaram alguma espécie de arma e ele ficou cravejado de balas...

— Bem, é claro. — Griffin parecia confuso. — Não me digas que isso é novidade para ti. Babel tem umas proteções ridículas; não vos esfregaram isso na cara na vossa primeira semana?

— Eles atualizaram-nas. É isso que te estou a tentar dizer, elas agora sabem quando um ladrão está a entrar...

— As barras não são assim tão sofisticadas — disse Griffin com desdém. — Foram desenhadas para discriminar entre alunos, os seus convidados e estranhos ao Instituto. O que é que achas que aconteceria se as proteções caíssem sobre um tradutor que precisasse de levar algumas barras para casa à noite? Ou sobre alguém que levasse a mulher para a faculdade sem primeiro pedir autorização ao Playfair? Estás completamente seguro.

— Mas como é que tu *sabes*? — Robin souou mais petulante do que pretendia. Pigarreou, tentando aprofundar a voz sem ser óbvio que o estava a fazer. — Tu não viste o que eu vi, não sabes quais são os novos pares-correspondentes...

— Tu não estás em perigo. Toma, leva isto se estás preocupado. — Griffin remexeu no bolso e atirou uma barra para Robin. *Wúxíng*, dizia. Invisível. Era a mesma barra que ele usara na noite em que se tinham conhecido.

— Para uma fuga rápida — disse Griffin. — Se as coisas correrem realmente mal. E podes precisar de a usar nos teus camaradas também; é difícil fazer sair um baú daquele tamanho da cidade sem ninguém ver.

Robin enfiou a barra no bolso interior.

— Podias ser menos descontraído em relação a tudo isto, sabes?

Os lábios de Griffin curvaram-se.

— Que foi, agora é que estás com medo?

— É que... — Robin pensou por um momento, abanou a cabeça e decidiu falar. — É que parece... quero dizer, sou eu quem corre sempre os riscos, enquanto tu estás apenas...

— Apenas o quê? — perguntou Griffin bruscamente.

Ele desviara-se para território perigoso. Sabia, pelo modo como os olhos de Griffin brilharam, que se tinha aproximado demais da ferida. Um mês antes, quando o relacionamento deles era mais precário, ele poderia ter mudado de assunto. Mas não conseguia manter o silêncio agora. Naquele momento, sentiu-se irritado e menosprezado e isso fê-lo sentir um desejo ardente de ferir.

— Porque é que não vens tu desta vez? — perguntou ele. — Porque é que não podes usar a barra tu mesmo?

Griffin pestanejou lentamente. Então, num tom tão calmo que tinha de ser forçado, disse:

— Não posso. Tu sabes que não posso.

— Porque não?

— Porque eu não sonho em chinês. — A expressão dele não mudou, nem o seu tom, mas as suas palavras estavam carregadas de fúria condescendente. Vê-lo falar naquele momento era estranho. Parecia-se tanto com o pai deles. — Eu sou o teu predecessor fracassado. O nosso querido e velho papá tirou-me do país demasiado cedo. Tenho um ouvido natural para os tons, mas é só isso. A minha fluência é maioritariamente artificial. Não tenho memórias em chinês. Não sonho nessa língua. Tenho a memória, tenho as aptidões da linguagem, mas não consigo fazer as barras funcionarem com fiabilidade. Metade das vezes elas não fazem absolutamente nada. — A garganta dele pulsava. — O nosso pai acertou contigo. Deixou-te fermentar até seres alfabetizado. Mas trouxe-me para aqui antes de eu ter formado conexões suficientes, memórias suficientes. Além disso, ele era a única pessoa com quem eu falava em mandarim, quando o meu cantonês era muito melhor. E esse está perdido agora. Não penso nessa língua e, obviamente, não sonho nela.

Robin pensou nos ladrões no beco, nos sussurros desesperados de Griffin enquanto tentava fazê-los desaparecer. O que é que ele faria se tivesse perdido o seu próprio chinês? A mera ideia enchia-o de horror.

— Tu percebes — disse Griffin, observando-o. — Sabes como é quando a nossa língua natal se esvai. Tu agarraste-a a tempo. Eu

não.

— Lamento imenso — disse Robin. — Não sabia.

— Não te desculpes — disse Griffin secamente. — *Tu* não arruinaste a minha vida.

Robin conseguia ver agora Oxford através dos olhos de Griffin — uma instituição que nunca o valorizara, que apenas o ostracizara e menosprezara. Imaginou Griffin a ascender em Babel, a tentar desesperadamente obter a aprovação do Professor Lovell, mas sem nunca conseguir fazer a prata funcionar de forma consistente. Quão horrível teria sido tentar alcançar o chinês frágil de uma vida quase esquecida, sabendo muito bem que era a única coisa que lhe dava valor ali.

Não era de admirar que Griffin estivesse furioso. Não era de admirar que odiasse Babel com tanta veemência. A Griffin fora roubado tudo: uma língua materna, uma pátria, uma família.

— Portanto, preciso de ti, querido irmão. — Griffin estendeu a mão e despenteou-lhe o cabelo. O seu toque era tão vigoroso que doía. — Tu és o artigo genuíno. Tu és indispensável.

Robin percebeu que era melhor não responder.

— Fica atento à tua janela. — Não havia calor nos olhos de Griffin.

— As coisas estão a acontecer rapidamente. E esta é importante.

Robin engoliu as suas objeções e assentiu.

— Certo.

Uma semana depois, Robin voltou de jantar com o Professor Lovell e encontrou o pedaço de papel que tanto temia enfiado sob a janela.

Hoje à noite, dizia. Onze.

Já eram 10h45. Robin vestiu apressadamente o casaco que acabara de pendurar, tirou a barra de *wúxíng* da gaveta e saiu a correr para a chuva.

Verificou a parte de trás da nota em busca de outros pormenores enquanto caminhava, mas Griffin não incluía mais instruções. Isso não era necessariamente um problema — Robin presumiu que significava que devia simplesmente deixar os cúmplices que aparecessem entrarem e saírem da torre —, mas era uma hora surpreendentemente cedo e ele percebeu, tarde demais, que não

tinha trazido nada com ele, nenhum livro, nenhuma mochila, nem sequer um guarda-chuva, que justificasse uma ida noturna à torre.

Mas não podia deixar de ir. Quando os sinos bateram as onze horas, atravessou o relvado a correr e abriu a porta. Não era nada que ele não tivesse feito uma dúzia de vezes antes — abre-te sésamo, fecha-te sésamo e mantém-te fora do caminho. Enquanto o sangue de Robin estivesse armazenado naquelas paredes de pedra, as proteções não deveriam soar.

Dois agentes da Hermes seguiram-no e desapareceram escada acima. Robin ficou no vestíbulo, como de costume, de olho alerta para estudantes noturnos e contando os segundos até à hora de se ir embora. Às onze e cinco, os agentes da Hermes desceram a correr. Um deles transportava um conjunto de ferramentas de gravação, o outro uma arca com barras de prata.

— Muito bem — sussurrou um. — Vamos.

Robin assentiu e abriu a porta para os deixar sair. Assim que atravessaram a barreira, uma terrível cacofonia estilhaçou o ar — gritos, uivos, o ranger de engrenagens de metal de algum mecanismo invisível. Era uma ameaça e um aviso, o híbrido do horror antigo e da capacidade moderna para derramar sangue. Atrás deles, os painéis da porta moveram-se, revelando uma cavidade escura lá dentro.

Sem outra palavra, os agentes da Hermes correram em direção ao relvado.

Robin hesitou, tentando decidir se os deveria seguir. Poderia conseguir escapar — a armadilha era barulhenta, mas parecia ter uma ação lenta. Ele olhou para baixo e viu que tinha ambos os pés plantados mesmo em cima do brasão da universidade. Talvez a proteção só fosse acionada se ele saísse dali.

Só havia uma maneira de descobrir. Ele respirou fundo e desceu as escadas a correr. Ouviu um estrondo e depois sentiu uma dor lancinante no braço esquerdo. Não sabia dizer onde tinha sido atingido. A dor parecia vir de todos os lados, menos como uma ferida individual e mais como uma agonia ardente que se espalhava por todo o braço. Este estava a arder, estava a explodir, o membro inteiro ia cair. Ele continuou a correr. Ouviu balas serem disparadas

para o ar atrás de si. Baixou-se e saltou ao acaso; tinha lido em algum sítio que era assim que uma pessoa se desviava de tiros, mas não fazia ideia se era verdade. Ouviu mais estrondos, mas não sentiu nenhuma explosão correspondente de dor. Atravessou todo o relvado e virou à esquerda na Broad Street, fora da vista e fora de alcance.

Então, a dor e o medo alcançaram-no. Sentiu os joelhos tremerem. Deu mais dois passos e desabou contra a parede, lutando contra a vontade de vomitar. Tinha a cabeça a girar. Não ia conseguir fugir da polícia se eles viessem. Não assim, não com sangue a escorrer-lhe pelo braço e a vista a tornar-se lentamente negra. *Concentra-te*. Procurou a barra no bolso. Sentia a mão esquerda escorregadia e escura do sangue; a mera visão dele desencadeou outra onda de vertigem.

— *Wúxíng* — sussurrou freneticamente, tentando concentrar-se, imaginar o mundo em chinês. Ele não era nada. Não tinha forma. — *Invisível*.

Não funcionou. Ele não a conseguia fazer funcionar; não conseguia mudar de modo para o chinês quando tudo em que conseguia pensar era na horrível dor.

— Ei! Tu aí, para!

Era o Professor Playfair. Robin encolheu-se, preparado para o pior, mas o rosto do professor enrugou-se num sorriso caloroso e preocupado.

— Ah, olá, Swift. Não percebi que era você. Está bem? Há uma confusão no edifício.

— Professor, eu... — Robin não fazia a mais pequena ideia do que dizer, portanto, decidiu que era melhor apenas balbuciar. — Eu não... eu estava perto de lá, mas não sei se...

— Viu alguém? — perguntou o Professor Playfair. — As proteções foram feitas para atirar sobre os intrusos, sabe, mas as engrenagens parecem ter emperrado depois da última vez. Mas talvez o tenham atingido. Viu alguém a coxear, alguém que parecesse estar com dores?

— Não, não vi. Eu estava quase no relvado quando os alarmes dispararam, mas ainda não tinha virado a esquina.

O Professor Playfair estava a acenar com a cabeça em solidariedade? Robin mal ousava acreditar na sua sorte.

— Há... havia um ladrão?

— Talvez não. Não se preocupe. — O Professor Playfair estendeu a mão e deu-lhe uma palmadinha no ombro. O impacto causou outra onda horrível de dor por toda a parte superior do seu corpo e Robin cerrou os dentes para não gritar. — As proteções ficam demasiado sensíveis às vezes; talvez seja altura de as substituir. É pena, eu gostava desta versão. Você está bem?

Robin assentiu e pestanejou, tentando ao máximo manter a voz controlada.

— Apenas assustado, suponho... quero dizer, depois do que vimos na semana passada...

— Ah, certo. Foi horrível, não foi? Mas é bom saber que a minha pequena ideia funcionou. Eles nem sequer me deixaram testar em cães antes. Ainda bem que não foi consigo que se avariou. — O Professor Playfair soltou uma gargalhada. — Poderia tê-lo enchido de chumbo.

— Certo — disse Robin debilmente. — Ainda... ainda bem.

— Você está bem. Tome um uísque com água quente, vai ajudar com o choque.

— Sim, eu acho... Acho que é melhor. — Robin virou-se para se ir embora.

— Não disse que ia a caminho da torre? — perguntou o Professor Playfair.

Robin tinha essa mentira pronta.

— Estava a sentir-me ansioso, portanto, pensei em começar um artigo para o Professor Lovell. Mas fiquei um pouco abalado e acho que não vou fazer um bom trabalho se começar agora, por isso, acho que prefiro ir para a cama.

— Claro. — O Professor Playfair deu-lhe nova palmadinha no ombro. Pareceu ser com mais força desta vez; os olhos de Robin esbugalharam-

-se. — Richard diria que está a ser preguiçoso, mas eu entendo perfeitamente. Você ainda está no segundo ano, pode dar-se ao luxo de ser preguiçoso. Vá para casa e durma.

O Professor Playfair deu-lhe um último aceno animado e caminhou em direção à torre, onde os alarmes ainda soavam. Robin respirou fundo e afastou-se a coxear, lutando com todas as suas forças para não desmaiar na rua.

De alguma forma, conseguiu voltar para Magpie Lane. A ferida ainda não tinha parado de sangrar, mas depois de limpar o braço com uma toalha molhada, ele viu com alívio que a bala não se lhe tinha alojado no braço. Tinha apenas raspado na carne acima do seu cotovelo, fazendo um corte com cerca de oito milímetros de profundidade. A ferida parecia reconfortantemente pequena quando ele limpou o sangue. Ele não sabia como a tratar corretamente — imaginou que poderia envolver agulha e linha —, mas seria uma tolice ir procurar a enfermeira da faculdade àquela hora.

Cerrou os dentes de dor, tentando lembrar-se dos conselhos úteis que tinha aprendido nos romances de aventura. Álcool — precisava de desinfetar a ferida. Remexeu nas prateleiras até encontrar uma garrafa de conhaque ainda meia cheia, um presente de Natal de Victoire. Salpicou o líquido sobre o braço, sibilando quando lhe ardeu, e depois bebeu vários goles para se acalmar. Em seguida, encontrou uma camisa limpa que rasgou para fazer ligaduras. Enrolou-as firmemente em volta do braço usando os dentes — tinha lido que a pressão ajudava a estancar o sangue. Não sabia o que mais devia fazer. Será que agora devia apenas esperar que a ferida fechasse sozinha?

Sentia a cabeça a girar. Estava tonto devido à perda de sangue ou era apenas o conhaque em ação?

Vai ter com o Ramy, pensou. Vai ter com o Ramy, ele vai ajudar.

Não. Chamar o Ramy iria incriminá-lo. Robin morreria antes de pôr Ramy em risco.

Sentou-se encostado à parede, com a cabeça inclinada para o telhado e respirou fundo várias vezes. Só tinha de aguentar esta noite. Foram necessárias várias camisas — ia ter de ir ao alfaiate, inventaria alguma história sobre um desastre na lavandaria —, mas, por fim, a ferida parou de sangrar. Finalmente, exausto, tombou para o lado e adormeceu.

No dia seguinte, depois de estremecer de dor durante três horas na aula, Robin foi até à biblioteca médica e vasculhou as estantes até encontrar um manual médico sobre ferimentos de campo. A seguir, foi até à Cornmarket, comprou uma agulha e linha e correu para casa para suturar o braço.

Acendeu uma vela, esterilizou a agulha sobre a chama e, depois de muitas tentativas frustradas, conseguiu enfiá-la. Então, sentou-se e segurou a ponta afiada por cima da sua carne nua e ferida.

Não o ia conseguir fazer. Aproximou várias vezes a agulha da ferida e depois, antecipando a dor, afastava-a. Pegou no conhaque e tomou três grandes goles. Esperou vários minutos até o álcool lhe assentar bem no estômago e começar a sentir as extremidades a formigar agradavelmente. Este era o ponto certo — entorpecido o suficiente para não se importar com a dor e alerta o suficiente para se coser. Tentou novamente. Foi mais fácil desta vez, embora ainda tivesse de parar para enfiar um pano dobrado na boca para não gritar. Por fim, deu o ponto final. Tinha a testa a pingar de suor e as lágrimas escorriam-lhe livremente pelas faces. De alguma forma, encontrou forças para cortar o fio, atar os pontos com os dentes e atirar a agulha ensanguentada para o lavatório. Depois, caiu para trás na cama e, deitando-se de lado, todo enrolado, terminou o resto da garrafa.

Griffin não o contactou naquela noite.

Robin sabia que era tolice esperar que ele o fizesse. Ao saber o que tinha acontecido, Griffin teria provavelmente desaparecido e por um bom motivo. Robin não ficaria surpreso se não tivesse notícias de Griffin durante um período inteiro. Ainda assim, sentiu uma onda negra e avassaladora de ressentimento.

Ele *dissera* a Griffin que isto ia acontecer. Avisara-o, dissera-lhe exatamente o que tinha visto. A situação tinha sido totalmente evitável.

Ele queria que o próximo encontro entre eles acontecesse em breve só para poder gritar com o irmão, dizer que o tinha avisado e que Griffin devia tê-lo ouvido. Que se Griffin não fosse tão arrogante, talvez o seu irmão mais novo não tivesse uma linha de

pontos irregulares no braço. Mas o encontro não surgiu. Griffin não deixou nenhum bilhete na sua janela na noite seguinte, nem na noite depois dessa. Parecia ter desaparecido de Oxford sem deixar vestígios, deixando Robin sem nenhuma forma de o contactar ou a Hermes.

Ele não podia falar com Griffin. Não podia confiar em Victoire, Letty ou Ramy. Naquela noite, teve-se apenas a si mesmo como companhia, chorando miseravelmente agarrado à garrafa vazia enquanto o seu braço latejava. E, pela primeira vez desde que chegara a Oxford, Robin sentiu-se verdadeiramente sozinho.

⁷¹ Um eufemismo. Poucas décadas após a «descoberta» de Potosi, em 1545, a cidade de prata tornara-se uma armadilha mortal para africanos escravizados e trabalhadores indígenas recrutados que trabalhavam no meio dos vapores de mercúrio, água suja e lixo tóxico. A «Rainha das Montanhas e Inveja de Reis» da Espanha era uma pirâmide construída sobre corpos destruídos por doenças, marchas forçadas, desnutrição, excesso de trabalho e um ambiente envenenado.

CAPÍTULO ONZE

R

Mas escravos somos e trabalhamos na plantação de outro homem; lavramos a vinha, mas o vinho é do dono.

JOHN DRYDEN, extrato da «Dedicatória» na sua tradução da
Eneida

Robin não viu Griffin pelo resto dos períodos de Santo Hilário ou Trindade. Na verdade, mal o notou; o trabalho do seu segundo ano do curso tornou-se mais difícil com o passar das semanas e ele mal teve tempo de pensar no seu ressentimento.

O verão chegou, embora não fosse nenhum verão e sim um período letivo acelerado, e os seus dias fossem ocupados a decorar freneticamente vocabulário em sânscrito para uma avaliação na semana anterior ao início do próximo período de S. Miguel. Depois, já eram alunos do terceiro ano, um estatuto que envolvia todo o cansaço de Babel sem nenhuma das suas novidades. Oxford perdeu o seu encanto naquele setembro; os pores do sol dourados e os céus azul-brilhante foram substituídos por frio e uma neblina sem fim. Chovia muito e os ventos tempestuosos pareciam excepcionalmente violentos quando comparados com os anos anteriores. Os seus guarda-chuvas estavam sempre a partir-se. Tinham as meias sempre molhadas. O remo foi cancelado naquele período.⁷²

Ainda bem. Nenhum deles tinha agora tempo para o desporto. O terceiro ano em Babel era tradicionalmente conhecido pelo nome de inverno siberiano e o motivo tornou-se óbvio quando receberam a lista das suas disciplinas. Continuavam todos com as suas línguas terciárias e latim, o qual, segundo se dizia, tornava-se diabolicamente difícil quando Tácito entrava em cena. Também iam continuar com a Teoria da Tradução com o Professor Playfair e

Etimologia com o Professor Lovell, embora a carga de trabalho de cada disciplina tivesse agora duplicado, pois esperava-se que produzissem um trabalho de cinco páginas para cada aula todas as semanas.

O mais importante foi receberem todos supervisores com quem iriam desenvolver um projeto de investigação independente. Este contava como uma protodissertação — o seu primeiro trabalho que, se concluído com sucesso, seria preservado nas prateleiras de Babel como uma verdadeira contribuição académica.

Ramy e Victoire ficaram imediatamente insatisfeitos com os seus supervisores. Ramy tinha sido convidado pelo Professor Joseph Harding para contribuir para uma ronda editorial da Gramática persa, o que era nominalmente uma grande honra.⁷³ Mas Ramy não conseguia ver nenhum romantismo em tal projeto.

— Inicialmente, propus uma tradução dos manuscritos de Ibn Khaldun — disse-lhes ele. — Aqueles em que Silvestre de Sacy pegou. Mas o Harding objetou que os orientistas franceses já estavam a trabalhar nisso e que era improvável que eu conseguisse que Paris me emprestasse durante este período. Então, perguntei se podia traduzir os ensaios árabes de Omar ibn Said para o inglês, visto que estão parados há quase uma década nas nossas coleções, mas Harding disse que isso era desnecessário porque a abolição já se tinha tornado lei em Inglaterra, vocês acreditam?⁷⁴ Como se a América não existisse? Por fim, Harding disse que se eu quisesse fazer algo autorizado podia editar as citações na Gramática persa, portanto, pôs-me a ler Schlegel agora. *Über die Sprache und Weisheit der Indier*. E sabem uma coisa? Schlegel nem sequer estava na Índia quando escreveu isso. Escreveu tudo em Paris. Como é que alguém escreve um texto definitivo sobre a «linguagem e a sabedoria» da Índia a partir de Paris?⁷⁵

No entanto, a indignação de Ramy parecia trivial em comparação com o que Victoire enfrentava. Ela estava a trabalhar com o Professor Hugo Leblanc, com quem tinha estudado francês durante dois anos sem problemas, mas que agora se tornara uma fonte de frustração incessante.

— É impossível — disse ela. — Eu quero trabalhar em kreyòl e ele não se opõe totalmente a isso, apesar de achar que é uma língua degenerada, mas tudo o que ele quer saber é do Vodou.

— A religião pagã? — perguntou Letty.

Victoire lançou-lhe um olhar mordaz.

— A *religião*, sim. Ele está sempre a fazer perguntas sobre os feitiços e poemas de vodou, aos quais não pode aceder, é claro, porque estão em kreyòl.

Letty parecia confusa.

— Mas isso não é a mesma coisa que o francês?

— Nem de longe — disse Victoire. — O francês é o lexificador, sim, mas o kreyòl é uma língua própria, com as suas próprias regras gramaticais. O francês e o kreyòl não são mutuamente inteligíveis. Podemos estudar francês durante uma década e ainda será provavelmente impossível decifrar um poema em kreyòl sem um dicionário. O Leblanc não tem um dicionário, não *há* nenhum, não ainda, portanto, eu sou a melhor alternativa que ele tem.

— Então, qual é o problema? — perguntou Ramy. — Parece-me que tens um projeto muito bom.

Victoire parecia desconfortável.

— Porque os textos que ele quer traduzir são... não sei, são textos especiais. Textos que significam algo.

— Textos tão especiais que não deveriam ser traduzidos? — perguntou Letty.

— São herança cultural — insistiu Victoire. — São crenças sagradas...

— Não crenças *tuas*, com certeza...

— Talvez não — disse Victoire. — Eu não... quero dizer, não sei. Mas esses textos não foram feitos para serem partilhados. Gostavas de estar sentada hora após hora com um homem branco, enquanto ele te pergunta a história por trás de cada metáfora, o nome de cada deus, para poder furtar as crenças do teu povo em busca de um par-correspondente que possa fazer uma barra de prata brilhar?

Letty não parecia convencida.

— Mas não é *real*, pois não?

— Claro que é real.

— Ah, por favor, Victoire.

— É real de um modo que tu nunca poderás saber. — Victoire estava a ficar agitada. — De um modo a que só alguém do Haiti pode aceder. Mas não no sentido que o Leblanc imagina.

Letty suspirou.

— Então, por que não lhe dizes isso?

— Achas que não tentei? — retorquiu Victoire. — Já tentaste convencer um Professor de Babel a não ir atrás de algo?

— Bem, seja como for — disse Letty, aborrecida e defensiva agora e, portanto, cruel —, o que é que tu sabes sobre o Vodou? Não cresceste em França?

Aquela foi a pior resposta que ela poderia ter dado. Victoire fechou a boca e desviou o olhar. A conversa morreu. Um silêncio constrangido instalou-se, que nem Victoire nem Letty fizeram tentativa alguma para o quebrar. Robin e Ramy trocaram um olhar, perdidos, apalermados. Algo correria muito mal, um tabu fora quebrado, mas eles estavam com demasiado medo de investigar exatamente o quê.

Robin e Letty estavam razoavelmente satisfeitos com os seus projetos, por mais trabalhosos e demorados que fossem. Robin estava a trabalhar com o Professor Chakravarti a completar uma lista de palavras emprestadas do sânscrito para o chinês, e Letty estava a trabalhar com o Professor Leblanc vasculhando artigos científicos franceses em busca de metáforas possivelmente úteis e intraduzíveis no reino da matemática e da engenharia. Aprenderam ambos a evitar discutir os pormenores perto de Ramy e Victoire e todos usavam banalidades uns com os outros; Robin e Letty estavam sempre «a fazer um bom progresso», enquanto Ramy e Victoire estavam «em dificuldades como sempre».

Em privado, Letty não era tão generosa. O assunto do Professor Leblanc tornara-se um ponto de discórdia entre ela e Victoire, que ficara magoada e surpreendida com a falta de empatia de Letty, enquanto Letty achava que Victoire estava a ser demasiado sensível em relação a todo o tema.

— Ela própria provocou isto — queixava-se ela a Robin. — Podia ser tudo muito mais fácil se ela fizesse simplesmente a investigação. Quero dizer, nunca ninguém fez um projeto do terceiro ano em crioulo haitiano, quase não há uma Gramática. Ela pode ser a primeira!

Era impossível debater com Letty quando ela estava com um destes humores — era óbvio que ela só queria uma audiência para quem desabafar —, mas Robin tentou de qualquer maneira.

— Talvez isso signifique mais para ela do que tu imaginas.

— Mas não significa. Eu sei que não! Ela não é nada religiosa; quero dizer, ela é *civilizada*...

Ele assobiou.

— Essa é uma palavra forte, Letty.

— Tu sabes o que eu quero dizer — bufou ela. — Ela não é haitiana. É *francesa*. E não vejo porque é que ela tem de ser tão difícil.

A meio do período de S. Miguel, Letty e Victoire já mal se falavam. Chegavam sempre às aulas com vários minutos de intervalo e Robin perguntou-se se seria preciso alguma técnica para espaçarem as suas saídas de modo que nunca se cruzassem na longa caminhada.

As raparigas não eram as únicas a sofrer uma rutura. A atmosfera daqueles dias era opressiva. Algo parecia ter-se quebrado entre todos — não, *quebrar* talvez fosse uma palavra demasiado forte, pois eles ainda se agarravam uns aos outros com a força de pessoas que não tinham mais ninguém. Mas o seu vínculo tinha mudado, virando numa direção decididamente dolorosa. Eles ainda passavam quase todos os momentos juntos, mas temiam a companhia uns dos outros. Tudo era uma ofensa não intencional ou um insulto deliberado — se Robin se queixasse do sânscrito, estava a ser insensível em relação ao facto de o Professor Harding insistir que o sânscrito era uma das línguas de Ramy quando não era; se Ramy ficasse satisfeito por ele e o Professor Harding terem finalmente concordado numa direção de investigação, isso era considerado uma observação insensível por Victoire, que não chegara a lado nenhum com o Professor Leblanc. Antes, eles

costumavam encontrar consolo na sua solidariedade, mas agora viam-se apenas como recordações da sua própria infelicidade.

O pior, do ponto de vista de Robin, era o facto de algo ter mudado repentina e misteriosamente entre Letty e Ramy. As suas interações eram tão acaloradas como sempre — Ramy nunca deixava de a provocar e Letty nunca deixava de explodir em resposta. Mas, agora, as réplicas de Letty tinham adquirido um tom estranhamente vitimizado. Ela reagia às mais pequenas e muitas vezes intangíveis desconsiderações. E Ramy, por sua vez, tornara-se mais cruel e mais sarcástico de uma forma que era difícil de descrever. Robin não sabia o que fazer em relação a isso, nem tinha a menor ideia do que se tratava, mas sentia uma estranha pontada no peito sempre que via essas discussões acontecerem.

— Ela está apenas a ser a Letty do costume — dizia Ramy quando pressionado sobre o assunto. — Quer atenção e acha que fazer birras é a forma de o conseguir.

— Fizeste alguma coisa que a aborrecesse? — perguntou Robin.

— Além de existir em geral? Acho que não. — Ramy parecia aborrecido com o assunto. — E se continuássemos com esta tradução? Está tudo bem, Birdie, prometo.

Mas as coisas não estavam decididamente nada bem. As coisas estavam, de facto, muito estranhas. Ramy e Letty pareciam incapazes de se suportarem e, ao mesmo tempo, gravitavam em torno um do outro; não conseguiam falar normalmente sem se oporem com tal ferocidade que isso os tornava os protagonistas da conversa. Se Ramy queria café, Letty queria chá; se Ramy achasse que um quadro na parede era bonito, então Letty tinha, de repente, doze razões pelas quais a pintura exemplificava o pior da adesão da Academia Real ao convencionalismo artístico.

Robin achava a situação insuportável. Uma noite, durante um sono perturbado, teve um sonho repentino e violento em que empurrava Letty para dentro do Cherwell. Quando acordou, procurou em si mesmo algum vestígio de culpa, mas não encontrou nada; a ideia de Letty ensopada e a cuspir água causou-lhe uma satisfação igualmente cruel à luz sóbria do dia.

Havia pelo menos a distração dos seus aprendizados do terceiro ano, nos quais cada um ajudava um membro do corpo docente nas suas tarefas de trabalho em prata durante o período.

— *Teoria* vem do grego *theōria*, que significa visão ou espetáculo, e cuja raiz também nos dá a palavra *teatro*. — Assim expôs o Professor Playfair antes de os mandar com os seus respetivos supervisores. — Mas não basta observarem apenas as operações. Devem sujar as mãos. Devem entender como o metal *canta*.

Na prática, isso significava muito trabalho braçal não remunerado. Para desapontamento de Robin, os aprendizes passavam muito pouco tempo no oitavo andar, onde decorriam todas as investigações empolgantes. Em vez disso, três vezes por semana, ele acompanhava o Professor Chakravarti em viagens por Oxford, para ajudar na instalação e manutenção da prataria. Aprendeu a polir a prata até que esta brilhasse (a oxidação e o embaciamento diminuía muito o efeito do par-correspondente), a escolher entre diferentes tamanhos de estiletes de gravação para restaurar meticulosamente uma inscrição de volta à sua clareza original e a fazer deslizar com destreza as barras para dentro e para fora dos seus suportes especialmente soldados. Era uma pena que Griffin tivesse desaparecido, pensou ele, pois o seu estágio dava-lhe acesso quase irrestrito às ferramentas e matérias-primas da torre. Não precisaria de deixar os ladrões entrarem à meia-noite. No meio de gavetas inteiras de equipamento de gravação e professores distraídos, que não teriam notado nada, ele poderia ter tirado o que quisesse da torre à vontade.

— Com que frequência é que precisa de fazer isto? — perguntou ele.

— Oh, nunca acaba — disse o Professor Chakravarti. — É assim que ganhamos todo o nosso dinheiro, sabe? As barras têm um preço elevado, mas é a manutenção que traz o dinheiro a sério. A carga de trabalho é um pouco mais pesada para mim e para o Richard, já que há muito poucos sinólogos.

Naquela tarde, estavam a fazer uma visita ao domicílio numa propriedade em Wolvercote, onde uma instalação de trabalho em prata no jardim das traseiras tinha parado de funcionar, apesar de

uma garantia de doze meses. Eles tiveram alguma dificuldade para ser admitidos no portão da frente — a governanta não parecia convencida de que eles eram acadêmicos de Babel e estava bastante desconfiada de que eles estavam ali para roubar a casa —, mas depois de fornecerem várias provas de identificação, incluindo a recitação de muitas orações latinas, foram finalmente convidados a entrar.

— Acontece cerca de duas vezes por mês — disse o Professor Chakravarti a Robin, embora parecesse bastante desconcertado. — Acabamos por nos habituar. Não causam metade das dificuldades ao Richard.⁷⁶

A governanta conduziu-os pela propriedade até um jardim muito exuberante e bonito, com um sinuoso riacho borbulhante e várias pedras grandes dispostas ao acaso. Fora desenhado no estilo chinês, segundo foram informados, o qual se tornara muito popular naquela época depois de os projetos de paisagismo oriental de William Chambers terem sido exibidos pela primeira vez em Kew Gardens. Robin não se conseguia lembrar de alguma vez ter visto algo assim em Cantão, mas acenou apreciativamente com a cabeça até a governanta se ir embora.

— Bem, o problema aqui é óbvio. — O Professor Chakravarti empurrou alguns arbustos para o lado para revelar o canto da cerca onde a prataria estava instalada. — Eles têm estado a empurrar um carrinho para a frente e para trás por cima da barra. Raspou metade da gravação. A culpa é deles; isto não faz parte da garantia.

Ele deixou Robin extraí-la do seu suporte e depois virou a barra para lhe mostrar a inscrição. De um lado, *jardim*; do outro, o carácter 齋, que podia significar um jardim paisagístico, mas com maior frequência evocava um lugar de retiro privado, para escapar do mundo, com conotações de purificação ritual, limpeza, doação de esmolas e atos taoistas de arrependimento.

— A ideia é tornar os jardins deles mais bonitos e silenciosos do que o burburinho de Oxford permite. Mantém a escumalha longe. O efeito é bastante subtil, se formos sinceros; não fizemos muitos testes, mas a verdade é que não há limite para aquilo onde os ricos

gastam o seu dinheiro. — O Professor Chakravarti esculpiu a barra enquanto falava. — Hum. Vamos ver se isto resolve o problema.

Ele deixou Robin reinstalar a barra e depois baixou-se para verificar o trabalho. Satisfeito, levantou-se e esfregou as mãos nas calças.

— Gostava de a ativar?

— Eu só... o quê, dizer as palavras? — Robin tinha visto os professores fazerem o mesmo muitas vezes, embora não conseguisse imaginar que fosse assim tão fácil. Então, mais uma vez, recordou-se de que a barra *wúxíng* funcionara para ele na primeira tentativa.

— Bem, é um tipo específico de estado mental. Dizemos as palavras, mas, mais importante, mantemos os dois significados na cabeça ao mesmo tempo. Existimos em ambos os mundos linguísticos simultaneamente e imaginamos atravessá-los. Faz sentido?

— Eu... acho que sim, senhor. — Robin franziu a testa para a barra. — Isso é tudo o que preciso?

— Ah, não, estou a ser descuidado. Há umas heurísticas mentais interessantes que vai aprender durante o quarto ano e alguns seminários teóricos aos quais terá de assistir, mas, no fim de contas, tudo se resume ao sentimento. — O Professor Chakravarti parecia bastante aborrecido; Robin teve a impressão de que ele ainda estava muito irritado com aquela casa e queria ir-se embora o mais rápido possível. — Prossiga.

— Bem, está bem. — Robin colocou a mão na barra. — *Zhāi*. Jardim.

Sentiu um ligeiro vibrar sob a ponta dos dedos. O jardim pareceu de facto mais silencioso então, mais sereno, embora ele não conseguisse dizer se isso era obra sua ou apenas imaginação.

— Já está feito?

— Bem, é melhor que esteja. — O Professor Chakravarti pendurou a sua bolsa de ferramentas ao ombro. Não estava suficientemente preocupado para verificar. — Venha, vamos receber o pagamento.

— É sempre preciso dizer o par-correspondente para as fazer funcionar? — perguntou Robin enquanto voltavam para o *campus*.
— Parece insustentável, isto é, há tantas barras e tão poucos tradutores.

— Bem, isso depende de uma série de coisas — disse o Professor Chakravarti. — Para começar, a natureza do impacto. Com algumas barras, queremos uma manifestação temporária. Suponha que precisamos de um efeito físico curto e extremo; muitas barras militares funcionam dessa maneira, portanto, precisam de ser ativadas a cada utilização e são desenhadas de modo que os efeitos não durem muito. Mas outras barras têm um efeito duradouro, como as proteções na torre, por exemplo, ou as barras instaladas em navios e carruagens.

— O que as faz durar mais?

— A quantidade de quilates, para começar. Uma prata mais fina dura mais e quanto maior a percentagem de outras ligas, menor o tempo de efeito. Mas também existem diferenças subtis na forma como são fundidas e gravadas; vai aprender tudo isso em breve. — O Professor Chakravarti lançou-lhe um sorriso. — Está desejoso de começar, não está?

— É muito emocionante, senhor.

— Isso vai passar — disse o Professor Chakravarti. — Basta andar pela cidade a murmurar as mesmas palavras repetidamente e em breve vai começar a sentir-se como um papagaio em vez de um mágico.

Uma tarde, chegaram ao Museu Ashmolean para consertar uma barra de prata que nenhum encantamento ativava. O lado inglês dizia *verificar* e o lado chinês usava o carácter 參, que significava «validar». Também podia significar «justapor», «dispor lado a lado» e «comparar coisas». Os funcionários do Ashmolean tinham estado a usá-la para comparar artefactos fraudulentos com os verdadeiros, mas ela falhara recentemente em vários testes, que a equipa conduzia sabiamente antes de avaliar novas aquisições.

Eles inspecionaram cuidadosamente a barra com um microscópio de mão, mas nem a caligrafia chinesa nem a inglesa mostravam

sinal algum de erosão. Nem sequer depois de o Professor Chakravarti ter revistado tudo com a sua caneta de gravação mais pequena, ela conseguiu ser ativada.

Ele suspirou.

— Embrulhe-a e coloque-a na minha bolsa, está bem?

Robin obedeceu.

— Qual é o problema?

— O elo de ressonância parou de funcionar. Às vezes acontece, especialmente com alguns dos pares-correspondentes mais antigos.

— O que é um elo de ressonância?

— Vamos para a torre — disse o Professor Chakravarti, já a afastar-se. — Vai perceber o que eu quero dizer.

De volta a Babel, o Professor Chakravarti conduziu Robin até à ala sul do oitavo andar, para lá das mesas de trabalho. Robin nunca tinha estado nesta área antes. Todas as suas visitas ao oitavo andar tinham sido restritas à oficina, que ocupava a maior parte do que os olhos podiam ver do outro lado da grossa porta corta-fogo. Contudo, outro conjunto de portas bloqueava a ala sul. Estas estavam trancadas com três conjuntos de fechaduras, que o Professor Chakravarti abria agora com um molho tilintante de chaves.

— Eu não lhe devia mostrar isto ainda. — O Professor Chakravarti piscou-lhe o olho. — Informações privilegiadas e tudo o mais. Mas não há outra forma de explicar.

Ele abriu a tranca final. Eles passaram.

Era como entrar numa casa de diversões, ou dentro de um piano gigante. Enormes hastes de prata de diferentes alturas e comprimentos erguiam-se por todo o espaço. Algumas eram da altura da cintura; outras erguiam-se acima dele, estendendo-se do chão ao teto. Havia apenas o espaço suficiente entre elas para alguém passar agilmente sem tocar em nenhuma. Recordavam a Robin órgãos de igreja; ele teve um estranho impulso de pegar num martelo e bater em todas de uma vez.

— A ressonância é uma forma de cortar nos custos — explicou o Professor Chakravarti. — Precisamos de poupar a prata de alto quilate para as barras que precisam de resistência; as barras que vão para a marinha, que protegem os navios mercantes e similares.

Assim, usamos a prata com maior percentagem de ligas para as barras que operam em terras inglesas, pois podemos mantê-las alimentadas com ressonância.

Robin olhou em redor, maravilhado.

— Mas como é que tudo isto funciona?

— É mais fácil se pensar em Babel como o centro e todas as barras dependentes de ressonância em Inglaterra como a periferia. A periferia retira o poder do centro. — O Professor Chakravarti gesticulava em seu redor. Cada haste, Robin notou, parecia estar a vibrar a uma frequência muito alta, mas, embora parecesse que a torre deveria estar a ressoar com as notas discordantes, o ar estava imóvel e silencioso. — Estas hastes, gravadas com pares-correspondentes de uso habitual, sustentam barras conectadas por todo o país. O poder de manifestação vem da haste, o que significa que as barras exteriores não requerem uma reativação tão constante.

— Como os postos avançados britânicos nas colónias — disse Robin. — Pedindo soldados e abastecimentos à pátria.

— Uma metáfora conveniente, sim.

— Então, estas ressoam com todas as barras de Inglaterra? — Na sua mente, Robin viu uma rede invisível de significados que se estendia por todo o país, mantendo viva a prataria. Era uma ideia bastante assustadora. — Imaginaria que fossem mais.

— Não é bem assim. Existem centros de ressonância muito mais pequenos por todo o país. Há um em Edimburgo, por exemplo, e outro em Cambridge. O efeito enfraquece com a distância. Mas o principal está em Oxford. Manter vários centros é demasiado pesado para o Instituto de Tradução, já que são precisos tradutores treinados para a sua manutenção.

Robin curvou-se para examinar uma das hastes mais próximas. Além do par-correspondente, escrito numa caligrafia grande no topo, ele viu uma série de letras e símbolos que não conseguiu entender.

— Como é que a ligação é forjada, então?

— É um processo complicado. — O Professor Chakravarti conduziu Robin até uma haste delgada perto da janela do lado sul. Ele ajoelhou-se, retirou a barra do Ashmolean da sua bolsa e

segurou-a junto da haste. Robin notou então várias gravações na lateral da haste que correspondiam a gravações semelhantes na barra. — Elas têm de ser fundidas do mesmo material e depois há todo um trabalho com símbolos etimológicos; vocês vão aprender isso tudo no quarto ano, se se especializarem no trabalho em prata. Nós usamos um alfabeto inventado, baseado num manuscrito descoberto inicialmente por um alquimista de Praga no século xvii.⁷⁷ É para que ninguém fora de Babel possa replicar o nosso processo. Por agora, pode pensar em todo este ajuste como um aprofundamento do vínculo de conexão.

— Mas eu pensava que as línguas falsas não funcionavam para ativar as barras — disse Robin.

— Elas não *manifestam* significado — disse o Professor Chakravarti. — No entanto, funcionam muito bem como mecanismo de ligação. Podíamos usar números básicos, mas o Playfair gosta dos seus mistérios. Mantém as coisas privadas.

Robin ficou algum tempo em silêncio, observando o Professor Chakravarti a ajustar as gravações na barra do Ashmolean com um estilete fino, examiná-las com uma lente e depois fazer os ajustes correspondentes na haste de ressonância. Todo o processo demorou cerca de quinze minutos. Por fim, o Professor Chakravarti embrulhou novamente a barra do Ashmolean em veludo, voltou a colocá-la na bolsa e levantou-se.

— Agora já deve funcionar. Voltaremos ao museu amanhã.

Robin estava a ler as hastes, notando que uma grande percentagem delas parecia usar pares-correspondentes chineses.

— O senhor e o Professor Lovell têm de manter tudo isto?

— Oh, sim — disse o Professor Chakravarti. — Não há mais ninguém que o possa fazer. Quando você se formar seremos três.

— Eles precisam de nós — maravilhou-se Robin. Era estranho pensar que o funcionamento de um império inteiro dependia de apenas um punhado de pessoas.

— Eles precisam terrivelmente de nós — concordou o Professor Chakravarti. — E, na nossa situação, é bom sermos necessários.

Eles ficaram ao lado da janela juntos. Olhando para Oxford, Robin teve a impressão de que toda a cidade era como uma caixa de música afinada, inteiramente dependente das suas engrenagens em prata para continuar a funcionar. E se a prata acabasse, se estas hastes de ressonância entrassem em colapso, Oxford inteira pararia abruptamente. Os campanários ficariam mudos, os coches parariam nas estradas e os habitantes da cidade imobilizar-se-iam na rua, com os membros erguidos no ar e as bocas abertas a meio de um discurso.

No entanto, ele não conseguia imaginar que isto poderia acabar algum dia. Londres e Babel ficavam mais ricas a cada dia, pois os mesmos navios alimentados a prataria de longa duração traziam baús e mais baús de prata em troca. Não havia mercado na terra que conseguisse resistir à incursão britânica, nem sequer o Extremo Oriente. A única coisa que interromperia o influxo de prata seria o colapso de toda a economia global e, como isso era ridículo, a Cidade de Prata e as delícias de Oxford pareciam eternas.

R

Um dia, em meados de janeiro, eles apareceram na torre e encontraram todos os veteranos e investigadores pós-graduados vestidos de preto debaixo das suas capas.

— É pelo Anthony Ribben — explicou o Professor Playfair quando eles entraram na sua aula. Ele próprio vestia uma camisa azul lilás.

— Que aconteceu ao Anthony? — perguntou Letty.

— Percebo. — O rosto do Professor Playfair contraiu-se. — Não vos contaram.

— Contaram o quê?

— O Anthony desapareceu durante uma expedição de investigação a Barbados no verão passado — disse o Professor Playfair. — Desapareceu na noite anterior ao dia em que o seu navio devia regressar a Bristol e não tivemos notícias dele desde então. Presumimos que esteja morto. Os colegas dele no oitavo andar estão bastante perturbados; acho que vão usar preto pelo

resto da semana. Alguns dos outros grupos e docentes juntaram-se-lhes, se também quiserem participar.

Ele disse aquilo com uma despreocupação tão descontraída que era como se estivessem a discutir se queriam ir remar naquela tarde. Robin ficou boquiaberto a olhar para ele.

— Mas ele não é... vocês não... quero dizer, ele não tem família? Eles foram informados?

O Professor Playfair rabiscou o sumário da aula daquele dia no quadro-negro enquanto respondia.

— O Anthony não tem família, exceto o seu tutor. O Sr. Falwell foi notificado pelo correio e ouvi dizer que está muito perturbado.

— Meu Deus — disse Letty. — É terrível.

Ela disse aquilo com um olhar solícito para Victoire, que era quem conhecia Anthony melhor entre todos eles. Mas, surpreendentemente, Victoire não parecia nada abalada; não parecia estar chocada nem perturbada, mas sim vagamente desconfortável. Na verdade, parecia desejar que mudassem de assunto o mais rápido possível. O Professor Playfair teve todo o prazer em lhe fazer a vontade.

— Bem, vamos ao trabalho — disse ele. — Na última sexta-feira ficámos nas inovações dos Românticos alemães...

Babel não velou Anthony. O corpo docente nem sequer realizou um serviço fúnebre. Na vez seguinte em que Robin subiu ao piso do trabalho em prata, um pós-graduado de cabelos loiros que ele não conhecia tinha assumido a estação de trabalho de Anthony.

— É nojento — disse Letty. — Dá para acreditar... quero dizer, ele era um académico de Babel e eles agem assim, como se ele nunca tivesse estado aqui?

A angústia dela escondia um terror mais profundo, um terror que Robin também sentia e que era que Anthony tinha sido dispensável. Eles eram todos dispensáveis. Esta torre — este lugar onde eles sentiam pela primeira vez que pertenciam — valorizava-os e amava-os enquanto eles estavam vivos e eram úteis, mas, na verdade, não se importava minimamente com eles. No final, eles eram apenas recetáculos das línguas que falavam.

Ninguém o disse em voz alta. Ficava demasiado perto de quebrar o feitiço.

De todos eles, Robin presumira que Victoire seria a mais destroçada. Ela e Anthony tinham-se tornado muito próximos ao longo dos anos; faziam os dois parte de apenas um punhado de estudiosos negros na torre e tinham ambos nascido nas Índias Ocidentais. De vez em quando, ele tinha-os visto a conversar, de cabeça baixa, enquanto caminhavam da torre para o Refeitório.

Mas nunca a viu chorar naquele inverno. Queria confortá-la, mas não sabia como, principalmente porque parecia impossível tocar no assunto com ela. Sempre que Anthony era mencionado, ela estremeia, pestanejava rapidamente e depois esforçava-se por mudar de assunto.

— Vocês sabiam que o Anthony era um escravo? — perguntou Letty uma noite no salão. Ao contrário de Victoire, estava decidida a levantar a questão em todas as oportunidades. Estava obcecada com a morte de Anthony de uma forma que parecia desconfortável e dramaticamente moralista. — Ou teria sido. O seu dono não queria que ele fosse libertado quando a abolição entrasse em vigor, portanto ia levá-lo para a América. E ele só conseguiu ficar em Oxford porque Babel pagou a sua liberdade. *Pago*. Acreditam nisto?

Robin olhou para Victoire, mas o rosto dela não mudara.

— Letty — disse ela com muita calma —, estou a tentar comer.

72 Duas semanas após o início do período de S. Miguel, vários caloiros de Balliol alugaram vários barcos de recreio e, nas suas folias bêbedas, criaram um engarrafamento no meio do Cherwell que juntou três barcas e uma casa flutuante, custando libras incalculáveis em danos. Como castigo, a universidade suspendeu todas as corridas até ao ano seguinte.

73 Era preciso muito rigor e escrutínio para se contribuir com alguma coisa para uma Gramática. Oxford ainda sofria com o embaraço causado por um antigo professor visitante chamado George Psalmanazar, um francês que, alegando ser da Formosa, disfarçara o facto de ter uma pele pálida dizendo que os formosanos viviam no subsolo. Deu palestras e publicou nas línguas formosanas durante décadas antes de ser exposto como uma fraude absoluta.

74 Omar ibn Said foi um estudioso islâmico da África Ocidental capturado como escravo em 1807. Quando escreveu o seu ensaio autobiográfico em 1831, ainda era escravo do político americano James Owen na Carolina do Norte. Permaneceria escravizado pelo resto da sua vida.

75 Isto seria apenas o início das múltiplas falhas da obra de Schlegel. Ele considerava o Islão um «teísmo vazio e morto». Presumia também que os egípcios eram descendentes de indianos e argumentava que o chinês e o hebraico eram inferiores ao alemão e ao sânscrito porque careciam de inflexão.

76 Muitos dos clientes de Babel aceitavam facilmente que a sua prataria fazia uso de línguas estrangeiras, mas não que a sua manutenção envolvesse académicos estrangeiros e, mais de uma vez, o Professor Chakravarti teve de recrutar um dos alunos brancos do quarto ano para o acompanhar e a Robin nas suas visitas, apenas para conseguirem passar pela porta.

77 O referido manuscrito — de nome Códice Baresch em homenagem ao alquimista que o trouxe à atenção do público — é um códice encadernado em pergaminho com o que parece ser magia, ciência ou botânica. Está escrito num alfabeto que combina alguns símbolos latinos com símbolos totalmente desconhecidos; este alfabeto não usa letras maiúsculas nem sinais de pontuação. A escrita parece mais próxima do latim e, de facto, faz uso de abreviações latinas, mas o propósito e o significado do manuscrito permanecem um mistério desde a sua descoberta. O manuscrito foi adquirido por Babel em meados do século XVIII e, desde então, muitos académicos de Babel têm falhado na sua tradução. O alfabeto usado nas ligações de ressonância inspira-se nos símbolos do manuscrito, mas não representa nenhum progresso na decifração do original.

CAPÍTULO DOZE

R

«Numa palavra, fui demasiado covarde para fazer o que sabia estar correto, assim como tinha sido demasiado covarde para evitar fazer o que sabia estar errado.»

CHARLES DICKENS, *Grandes Esperanças*

O período de Santo Hilário já começara há muito quando Griffin ressurgiu. Tinham passado tantos meses que Robin parara de verificar a sua janela com o seu rigor habitual e não teria notado o bilhete se não tivesse visto uma pega a tentar em vão retirá-lo de debaixo do caixilho.

A nota instruíra Robin a aparecer no Raiz Retorcida no dia seguinte às duas e meia, mas Griffin atrasou-se quase uma hora. Quando chegou, Robin ficou surpreendido com a sua aparência abatida. O simples ato de atravessar o *pub* pareceu exauri-lo e, quando se sentou, respirava com tanta dificuldade como se tivesse acabado de correr ao longo de toda a extensão do Parks. Não trocava claramente de roupa há dias e emitia um cheiro que atraía olhares irritados. Coxeava ligeiramente e Robin vislumbrava uma ligadura debaixo da sua camisa sempre que ele erguia o braço.

Robin não tinha a certeza do que fazer em relação àquilo. Tinha preparado um discurso furioso para esta reunião, mas as palavras morreram ao ver a desgraça óbvia do irmão. Em vez disso, ficou sentado em silêncio enquanto Griffin pedia uma empada de carne e dois copos de cerveja.

— O período está a correr bem? — perguntou Griffin.

— Vai bem — disse Robin. — Estou, hum, a trabalhar num projeto independente agora.

— Com quem?

Robin coçou o colarinho da camisa. Sentia-se estúpido por o mencionar sequer.

— Chakravarti.

— Isso é bom. — A cerveja chegou. Griffin esvaziou o copo, pousou-o e estremeceu. — É ótimo.

— O resto do meu grupo não está muito satisfeito com os seus projetos, no entanto.

— Claro que não. — Griffin fungou uma risada. — Babel nunca vos vai deixar fazer a investigação que deviam estar a fazer. Só a investigação que lhes enche os cofres.

Passou-se um longo momento de silêncio. Robin sentia-se vagamente culpado, embora não tivesse nenhum bom motivo para tal; ainda assim, uma sensação de desconforto remoía-lhe cada vez mais o estômago a cada segundo que passava. A comida chegou. O prato estava a fervilhar, mas Griffin devorou-o como alguém esfomeado. E era capaz de estar; quando se curvava sobre a mesa, as suas clavículas projetavam-se de uma maneira que doía só de olhar.

— Bem... — Robin pigarreou, sem saber como perguntar. — Griffin, está tudo...

— Desculpa. — Griffin pousou o garfo. — Eu só... só voltei para Oxford ontem à noite e estou exausto.

Robin suspirou.

— Claro.

— De qualquer forma, aqui tens uma lista de textos de que preciso da biblioteca. — Griffin enfiou a mão no bolso da frente e tirou um papel amarrotado. — És capaz de ter problemas para encontrar os volumes em árabe. Transliterei os títulos para ti, o que te vai indicar a prateleira certa, mas vais ter de os identificar sozinho. Estão no Bodleian, não na torre, por isso não precisas de te preocupar por alguém poder perguntar o que estás a fazer.

Robin pegou no bilhete.

— É só isso?

— É só isso.

— *A sério?* — Robin já não se conseguia conter mais. Esperava insensibilidade de Griffin, mas não esta falsa ignorância impassível.

A sua pena evaporou-se, juntamente com a sua paciência; o ressentimento, que ele mantivera a ferver durante um ano, veio à tona. — Tens a certeza?

Griffin lançou-lhe um olhar cauteloso.

— Qual é o problema?

— Não vamos falar sobre a última vez? — exigiu Robin.

— A última vez?

— Quando o alarme disparou. Ativámos uma armadilha, acionámos uma *arma*...

— Tu ficaste bem.

— Eu levei um *tiro* — sibilou Robin. — Que aconteceu? Alguém estragou tudo e eu sei que não fui eu, porque eu estava exatamente onde devia estar, o que significa que tu estavas enganado em relação aos alarmes...

— Essas coisas acontecem. — Griffin encolheu os ombros. — A parte boa é que ninguém foi apanhado...

— Eu levei um *tiro* no *braço*.

— Eu soube. — Griffin espreitou por cima da mesa, como se pudesse ver o ferimento de Robin através da manga da camisa. — Pareces muito bem, no entanto.

— Tive de me coser sozinho...

— Fizeste bem. Foi mais inteligente do que ires à enfermeira da faculdade. Não foste, pois não?

— Qual é o teu *problema*?

— Fala baixo — disse Griffin.

— Falo b...

— Não sei por que estamos a remoer esse ponto. Eu cometi um erro, tu escapaste, não vai voltar a acontecer. Vamos parar de enviar pessoas contigo. Em vez disso, vais deixar o contrabando num ponto exterior sozinho...

— Não é isso que importa — sibilou Robin mais uma vez. — Tu deixaste que eu me magoasse. E depois deixaste-me por minha conta.

— Por favor, não sejas tão dramático. — Griffin suspirou. — Os acidentes acontecem. E tu estás bem. — Ele fez uma pausa, refletindo, e depois disse mais calmamente: — Olha, se isso te faz

sentir melhor, há uma casa segura em St Aldate que usamos quando precisamos de nos esconder por algum tempo. Há uma porta que dá para uma cave junto à igreja; parece enferrujada, mas só precisas de procurar o local onde a barra está instalada e dizer as palavras. Leva ao fim de um túnel que ficou esquecido quando fizeram a renovação...

Robin agitou o braço para Griffin.

— Uma casa segura não resolve isto.

— Vai correr melhor da próxima vez — insistiu Griffin. — Foi um deslize que foi culpa minha e estamos a resolver isso. Portanto, acalma-te antes que alguém nos ouça. — Ele recostou-se na cadeira. — Bem, estive meses fora da cidade, portanto, preciso de saber o que se tem passado na torre e gostava que fosses eficiente a relatar, por favor.

Robin poderia ter-lhe batido naquele momento. E tê-lo-ia feito se isso não tivesse atraído olhares e se Griffin não estivesse tão claramente com dores.

Não estava a receber nada do irmão, ele sabia. Griffin, tal como o Professor Lovell, podia ser surpreendentemente obstinado; se algo não lhes convinha, eles recusavam-se simplesmente a reconhecê-lo e, de facto, qualquer tentativa de obter reconhecimento só terminava em mais frustração. Ele teve o impulso fugaz de se levantar e ir-se embora só para ver a expressão de Griffin. Mas isso não conduziria a nenhuma satisfação duradoura. Se voltasse para trás, Griffin troçaria dele, e se continuasse até à saída, iria apenas romper os seus laços com a Hermes. Então, fez o que fazia de melhor, com o pai e o irmão, engoliu as suas frustrações e resignou-se a deixar Griffin definir os termos da conversa.

— Não se passou muito — disse ele depois de inspirar para se acalmar. — Os professores não têm viajado para fora recentemente e também acho que as proteções não mudaram desde a última vez. Oh, aconteceu uma coisa terrível. Um investigador pós-graduado, o Anthony Ribben...

— Sim, eu conheço o Anthony — disse Griffin e depois pigarreou. — Conhecia, quero dizer. Mesma coorte.

— Então sabes? — perguntou Robin.

— Sei o quê?

— Que ele morreu.

— O quê? Não. — A voz de Griffin era estranhamente monótona.

— Não, só quis dizer que o conhecia antes de deixar Babel. Ele morreu?

— Perdido no mar quando regressava das Índias Ocidentais, aparentemente — disse Robin.

— Terrível — disse Griffin com desinteresse. — Uma desgraça.

— Só isso? — perguntou Robin.

— Que queres que eu diga?

— Ele era teu colega!

— Detesto dizer-te, mas estes incidentes não são raros. As viagens são perigosas. De tantos em tantos anos alguém desaparece.

— Mas é que... parece errado. Nem sequer lhe vão fazer um memorial. Estão a agir como se nada tivesse acontecido. É... — Robin parou. De repente, sentiu vontade de chorar. Sentia-se tolo por ter mencionado aquilo. Não sabia o que queria, algum tipo de validação, talvez, de que a vida de Anthony fora importante e ele não poderia ser esquecido tão facilmente. Mas já devia saber que Griffin era a pior pessoa junto de quem buscar consolo.

Griffin ficou em silêncio durante bastante tempo. Olhou pela janela, de sobrancelhas franzidas em concentração, como se estivesse a ponderar em algo. Não parecia estar sequer a ouvir Robin. Então, inclinou a cabeça, abriu a boca, fechou-a e tornou a abri-la.

— Sabes, isso não é uma surpresa, a forma como Babel trata os seus alunos, principalmente aqueles que recruta no estrangeiro. Tu és um trunfo para eles, mas é tudo o que és. Uma máquina de tradução. E quando lhes falhas és posto fora.

— Mas ele não falhou, ele *morreu*.

— É a mesma coisa. — Griffin levantou-se e pegou no casaco. — Seja como for, quero esses textos dentro de uma semana. Depois deixo-te instruções sobre onde os deixares.

— Já terminámos? — perguntou Robin, surpreendido. Sentiu uma nova onda de desapontamento. Não sabia o que queria de Griffin,

ou sequer se Griffin era capaz de o proporcionar, mas, ainda assim, esperara mais do que isto.

— Tenho mais sítios onde ir — disse Griffin sem se virar. Já estava a caminho da saída. — Está atento à janela.

Foi, em todos os aspetos, um ano muito mau.

Algo tinha envenenado Oxford, tinha sugado da universidade tudo o que dava alegria a Robin. As noites pareciam mais frias, as chuvas mais pesadas. A torre já não parecia um paraíso e sim uma prisão. O trabalho do curso era uma tortura. Ele e os amigos não tinham prazer nos seus estudos; não sentiam nem a emocionante descoberta do primeiro ano nem a satisfação de trabalharem de facto com a prata que um dia poderia chegar com o quarto ano.

As coortes mais velhas garantiram-lhes que aquilo acontecia sempre, que a depressão do terceiro ano era normal e inevitável. Mas aquele ano parecia ser marcadamente mau em vários outros aspetos. Por um lado, o número de assaltos à torre aumentou de forma alarmante. Antes, Babel podia esperar sofrer entre duas a três tentativas de arrombamento por ano, as quais eram objeto de grande espetáculo quando os alunos se aglomeravam em volta das portas para ver qual o efeito cruel que as proteções de Playfair tinham causado daquela vez. Mas em fevereiro daquele ano, as tentativas de furto começaram a acontecer quase todas as semanas e os estudantes começaram a ficar fartos de ver os polícias a arrastar criminosos mutilados pelas pedras da calçada.

Eles não eram apenas o alvo de ladrões. A base da torre era constantemente profanada, geralmente com urina, garrafas partidas e álcool derramado. Duas vezes, descobriram grafitis pintados durante a noite em grandes letras escarlates tortas. LÍNGUAS DE SATANÁS, lia-se na parede do fundo; PRATA DO DIABO, dizia a frase por baixo da janela do primeiro andar.

Noutra manhã, quando Robin e o seu grupo chegaram, encontraram dezenas de cidadãos reunidos no relvado, a gritar ferozmente contra os estudantes que entravam e saíam pela porta da frente. Eles aproximaram-se com cautela. A multidão era um pouco assustadora, mas não tão densa a ponto de não conseguirem

abrir caminho. Talvez o facto de estarem dispostos a arriscar enfrentar uma turba em vez de perderem uma aula dissesse alguma coisa, mas parecia que iam conseguir passar sem assédio quando um homem grande parou diante de Victoire e começou a rosnar algo num sotaque do norte áspero e incompreensível.

— Eu não o conheço — exclamou Victoire. — Não sei o que...

— Cristo! — Ramy tombou para a frente como se tivesse levado um tiro. Victoire guinchou. O coração de Robin parou. Mas era apenas um ovo, confirmou ele. Fora atirado contra Victoire, e Ramy movera-se porque dera um passo à frente para a proteger. Victoire recuou, com os braços a proteger o rosto, e Ramy colocou um braço em volta dos ombros dela e conduziu-a pelos degraus da frente.

— Qual é o seu problema? — gritou Letty.

O homem que atirara o ovo gritou algo ininteligível em resposta. Apressadamente, Robin agarrou a mão de Letty e arrastou-a pela porta atrás de Ramy e Victoire.

— Estás bem? — perguntou ele.

Victoire tremia tanto que mal conseguia falar.

— Sim, estou bem... Oh, Ramy, deixa-me, eu tenho um lenço...

— Não te preocupes. — Ramy tirou o casaco. — É uma causa perdida, eu compro um novo.

Dentro da receção, os estudantes e os clientes estavam todos agrupados junto da parede, a observar a multidão pelas janelas. O primeiro instinto de Robin foi perguntar-se se aquilo seria obra da Hermes, mas não podia ser. Os roubos de Griffin eram tão meticulosamente planeados; revelavam um sistema muito mais sofisticado do que esta multidão furiosa.

— Sabes o que se passa? — perguntou Robin a Cathy O'Neill.

— São trabalhadores de uma fábrica, acho — disse Cathy. — Ouvi dizer que Babel acabou de assinar um contrato com os proprietários de fábricas a norte daqui e isso deixou todas estas pessoas desempregadas.

— Estas pessoas todas? — perguntou Ramy. — Com apenas algumas barras de prata?

— Ah, eles despediram várias centenas de trabalhadores — disse Vimal, que os ouvira. — Dizem que é um par-correspondente

brilhante, algo que o Professor Playfair inventou, e rendeu-nos o suficiente para financiar reformas em toda a ala leste da recepção. O que não me surpreende, se consegue fazer o trabalho de todos estes homens juntos.

— Mas é muito triste, não é? — refletiu Cathy. — Pergunto-me o que farão eles agora.

— Que queres dizer? — perguntou Robin.

Cathy apontou para a janela.

— Bem, como é que vão sustentar as suas famílias?

Robin sentiu-se envergonhado por não ter sequer considerado isso.

No andar de cima, na aula de Etimologia, o Professor Lovell expressou uma opinião decididamente mais cruel.

— Não se preocupem com eles. É apenas a escumalha habitual. Bêbados, descontentes do norte, uns tipos desprezíveis sem nenhuma maneira melhor de exprimirem as suas opiniões a não ser gritando-as na rua. Eu teria preferido que escrevessem uma carta, é claro, mas duvido de que metade deles saiba ler.

— É verdade que estão desempregados? — perguntou Victoire.

— Bem, é claro. O tipo de trabalho que fazem é redundante agora. Já devia ter sido tornado redundante há muito tempo; não há nenhuma razão para que a tecelagem, a fiação, a cardagem ou a mecha não tenham sido já mecanizadas. É apenas o progresso humano.

— Eles parecem bastante zangados em relação a isso — observou Ramy.

— Oh, estão furiosos, claro — disse o Professor Lovell. — E vocês podem imaginar porquê. O que é que a prataria fez por este país na última década? Aumentou a produtividade agrícola e industrial a uma extensão inimaginável. Tornou as fábricas tão eficientes que podem operar com um quarto dos seus trabalhadores. Vejam a indústria têxtil: a lançadeira voadora de Kay, a estrutura hidráulica de Arkwright, a mula giratória de Crompton e o tear de Cartwright foram todos possíveis com o trabalho em prata. O trabalho em prata catapultou a Grã-Bretanha para a frente, colocando-a na dianteira de todas as outras nações e, ao mesmo tempo, mandou milhares de

trabalhadores para o desemprego. Então, em vez de usarem a sua inteligência para aprenderem uma aptidão que possa realmente ser útil, eles decidiram queixar-se disso nos nossos degraus. Aqueles protestos lá fora não são nada de novo. Há uma doença neste país. — O Professor Lovell falava agora com uma veemência repentina e desagradável. — Começou com os luditas, uns trabalhadores idiotas em Nottingham que acharam que era preferível esmagar as máquinas em vez de se adaptarem ao progresso, e espalhou-se pela Inglaterra desde então. Há pessoas por todo o país que nos querem ver mortos. Não é apenas Babel que é atacada assim; não, nós nem sequer vemos o pior, já que a nossa segurança é melhor do que a de muitos outros. No Norte, estes homens estão a praticar incêndios criminosos, a apedrejar proprietários de edifícios e a atirar ácido contra capatazes de fábricas. Não param de desfazer teares em Lancashire. Não, esta não é a primeira vez que o nosso corpo docente recebe ameaças de morte, é apenas a primeira vez que eles se atrevem a vir tão para sul, até Oxford.

— O senhor recebe ameaças de morte? — perguntou Letty, alarmada.

— Claro. Recebo cada vez mais a cada ano.

— Mas isso não o incomoda?

O Professor Lovell fez um som de troça.

— Nunca. Olho para aqueles homens e penso nas grandes diferenças entre nós. Estou onde estou porque acredito no conhecimento e no progresso científico e tenho-os usado a meu favor. Eles estão onde estão porque se recusaram obstinadamente a seguir em frente com o futuro. Homens assim não me assustam. Homens assim fazem-me rir.

— Será que vai ser assim o ano todo? — perguntou Victoire em voz baixa. — Lá fora no relvado, quero dizer.

— Não por muito tempo — garantiu o Professor Lovell. — Não, eles já se terão ido embora esta noite. Estes homens não têm persistência. Desaparecerão ao pôr do sol, assim que ficarem com fome ou quando forem em busca de uma bebida. E se não o fizerem, as proteções e a polícia irão afastá-los.

Mas o Professor Lovell estava errado. Aquilo não era obra de um punhado isolado de descontentes, nem eles se dissiparam simplesmente da noite para o dia. A polícia afastou de facto a multidão naquela manhã, mas eles voltaram em grupos mais pequenos. Várias vezes por semana, cerca de uma dúzia de homens apareciam para assediar os estudantes a caminho da torre. Certa manhã, o edifício inteiro teve de ser evacuado quando um pacote que fazia um som de tiquetaque foi entregue no gabinete do Professor Playfair. Descobriu-se que era um relógio conectado a um explosivo, mas, felizmente, a chuva encharcara o pacote, corroendo o fusível.

— Mas o que vai acontecer quando não chover? — perguntou Ramy.

Ninguém tinha uma boa resposta para isso.

A segurança na torre duplicou durante a noite. O correio era agora recebido e classificado por funcionários recém-contratados num centro de processamento quase na outra ponta de Oxford. Uma equipa rotativa de polícias guardava a entrada da torre o tempo todo. O Professor Playfair instalou um novo conjunto de barras de prata na porta da frente, embora, como sempre, se recusasse a revelar quais os pares-correspondentes que inscrevera nelas ou o que fariam quando fossem espoletadas.

Aqueles protestos não eram sintomas de um distúrbio menor. Algo estava a acontecer por toda a Inglaterra, um conjunto de mudanças cujas consequências eles estavam apenas a começar a perceber. Oxford, que se mantinha consistentemente cerca de um século atrás do resto das principais cidades da Inglaterra, só podia fingir ser imune às mudanças durante algum tempo. As vicissitudes do mundo lá fora tinham-se tornado agora impossíveis de ignorar. Isto tinha que ver com mais do que apenas os trabalhadores fabris. Reforma, agitação e desigualdade eram as palavras-chave da década. O impacto total da chamada revolução industrial da prata, um termo cunhado por Peter Gaskell uns meros seis anos antes, estava apenas a começar a ser sentido em todo o país. Máquinas alimentadas a prata do tipo que William Blake apelidara de «Moinhos Satânicos escuros» estavam rapidamente a substituir o

trabalho artesanal, mas, em vez de trazerem prosperidade para todos, tinham criado uma recessão económica e causado um fosso cada vez maior entre ricos e pobres que depressa se tornaria matéria para os romances de Disraeli e Dickens. A agricultura rural estava em declínio; homens, mulheres e crianças deslocavam-se em massa para os centros urbanos para trabalhar nas fábricas, onde trabalhavam horas inimaginavelmente longas e perdiam membros e a vida em acidentes terríveis. A Nova Lei dos Pobres de 1834, que fora elaborada para reduzir os custos do alívio da pobreza mais do que qualquer outra coisa, era um projeto fundamentalmente cruel e punitivo. Retinha a ajuda financeira, a menos que os candidatos se mudassem para um asilo e esses asilos eram criados para serem tão miseráveis que ninguém queria viver ali. O futuro prometido de progresso e esclarecimento do Professor Lovell parecia ter apenas causado pobreza e sofrimento; os novos empregos que ele achava que os trabalhadores deslocados deviam assumir nunca se materializaram. Na verdade, os únicos que pareciam lucrar com a revolução industrial da prata eram aqueles que já eram ricos e os poucos escolhidos que eram astutos ou sortudos o suficiente para se tornarem ricos.

Aquelas correntes eram insustentáveis. As engrenagens da história giravam rapidamente em Inglaterra. O mundo estava a ficar cada vez mais pequeno, mais mecanizado e mais desigual e ainda não era claro onde as coisas iriam parar ou o que isso significaria para Babel, ou para o próprio Império.

Robin e o seu grupo, no entanto, fizeram o que os académicos fazem sempre — inclinar a cabeça sobre os livros e concentrar-se apenas nas suas investigações. Os manifestantes acabaram por dispersar depois de a tropa enviada de Londres ter levado os líderes para Newgate. Os académicos deixaram de sustentar a respiração de todas as vezes que subiam os degraus da torre. Aprenderam a aturar a presença da enxurrada de polícias, além do facto de agora demorar o dobro para os livros novos e a correspondência chegarem. Pararam de ler os editoriais do *Oxford Chronicle*, que era uma publicação pró-reforma e pró-radical recém-criada que parecia ter a intenção de destruir as suas reputações.

Ainda assim, não conseguiam ignorar as manchetes, as quais eram apregoadas em todas as esquinas a caminho da torre:

BABEL UMA AMEAÇA À ECONOMIA NACIONAL?
BARRAS ESTRANGEIRAS ENVIAM
DEZENAS PARA O ASILO
DIGAM NÃO À PRATA!

Devia ter sido angustiante. Na verdade, contudo, Robin descobriu que era muito fácil tolerar qualquer grau de inquietação social, desde que a pessoa se habituasse a desviar o olhar.

Numa noite de tempestade, a caminho de jantar em casa do Professor Lovell, Robin vislumbrou uma família sentada na esquina da Woodstock Road a segurar canecas de lata para esmolas. Os mendigos eram uma visão comum nos arredores de Oxford, mas famílias inteiras eram raras. As duas crianças pequenas acenaram-lhe quando ele se aproximou e a visão dos seus rostos pálidos e manchados pela chuva fê-lo sentir-se culpado o suficiente para parar e tirar várias moedas do bolso.

— Obrigado — murmurou o pai. — Deus o abençoe.

A barba do homem tinha crescido e a sua roupa estava bem mais esfarrapada, mas Robin ainda o reconheceu — era, sem dúvida, um dos homens que lhe tinham gritado obscenidades quando ele se dirigia para a torre várias semanas antes. Ele encontrou os olhos de Robin. Não era claro se também o reconhecera. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Robin apressou o passo e o que quer que o homem pudesse ter dito atrás de si foi rapidamente abafado pelo vento e pela chuva.

Ele não mencionou a família à Sra. Piper ou ao Professor Lovell. Não se queria debruçar sobre todas as coisas que eles representavam — o facto de que, apesar de toda a sua lealdade declarada à revolução, do seu compromisso para com a igualdade e para ajudar aqueles que nada tinham, ele não tinha nenhuma experiência da verdadeira pobreza. Havia passado por tempos difíceis em Cantão, mas nunca ficara sem saber de onde viria a sua próxima refeição nem onde iria dormir à noite. Nunca olhara para a

sua família perguntando-se o que seria necessário para os manter vivos. Apesar de toda a sua identificação com o pobre órfão Oliver Twist, apesar de toda a sua amarga autopiedade, era verdade que desde o dia em que pusera os pés em Inglaterra nunca dormira com fome uma única vez.

Naquela noite, ele jantou, sorriu com os elogios da Sra. Piper e partilhou uma garrafa de vinho com o Professor Lovell. Seguiu por um caminho diferente de volta para a faculdade. No mês seguinte, esqueceu-se de fazer o mesmo desvio na ida, mas não importava — a essa altura, a pequena família já tinha desaparecido.

Os exames iminentes transformaram um ano mau num ano terrível. Os estudantes de Babel passavam por duas rondas de exames — uma no final do terceiro ano e outra durante o quarto. Os exames eram escalonados ao longo do calendário; os do quarto ano faziam os seus exames a meio do período de Santo Hilário, enquanto os do terceiro ano ocorriam no período de Trindade. O efeito disto foi que depois das férias de inverno, o clima na torre mudou completamente. As bibliotecas e as salas de estudo estavam sempre cheias de alunos do quarto ano nervosos, que estremeciam sempre que alguém respirava e pareciam prestes a cometer um homicídio sempre que alguém ousava sussurrar.

Tradicionalmente, Babel anunciava publicamente as notas do quarto ano no final do período de exames. Ao meio-dia da sexta-feira daquela semana, um sino soou três vezes por toda a torre. Todos se levantaram e desceram a correr as escadas até à receção, onde os clientes daquela tarde estavam a ser conduzidos para a rua. O Professor Playfair estava de pé em cima de uma mesa no centro da sala. Estava vestido com uma capa ornamentada com bordas roxas e segurava ao alto o tipo de pergaminho enrolado que Robin apenas tinha visto em iluminuras medievais. Depois de a torre ter sido esvaziada de todos os que não pertenciam ao corpo docente, ele pigarreou e entoou:

— Os candidatos seguintes ao bacharelato passaram nos exames de qualificação com distinção. Matthew Houndslow...

Alguém no canto de trás soltou um grito estridente.

— Adam Moorhead.

Um estudante perto da frente sentou-se no chão no meio da recepção, com ambas as mãos unidas contra a boca.

— Isto é desumano — sussurrou Ramy.

— Muito cruel e estranho — concordou Robin. Mas não conseguia desviar os olhos dos procedimentos. Os seus exames ainda não estavam a decorrer, mas estavam muito mais perto agora e um terror indireto fazia o seu coração bater com força. Por mais horrível que aquilo fosse, também era emocionante; aquela declaração pública de quem tinha demonstrado ser brilhante e quem não tinha.

Apenas Matthew e Adam tinha obtido uma distinção. O Professor Playfair anunciou um mérito (James Fairfield) e uma aprovação (Luke McCaffrey). Depois, com uma voz muito sombria, disse:

— O candidato seguinte foi reprovado nos exames de qualificação e não lhe será solicitado que regresse ao Real Instituto de Tradução para uma posição de pós-graduação, nem receberá um diploma. Philip Wright.

Wright era o especialista em francês e alemão que se sentara ao lado de Robin no jantar do corpo docente durante o seu primeiro ano. Com o passar dos anos, tornara-se magro e ganhara uma aparência abatida. Era um dos alunos que estava constantemente na biblioteca com ar de quem não tomava banho nem se barbeava há dias, enquanto olhava para a pilha de papéis diante de si com uma mistura de pânico e perplexidade.

— O senhor recebeu todas as indulgências — disse o Professor Playfair. — Recebeu mais exceções do que seria bom para si, creio eu. Agora, é altura de reconhecer que este é o fim do seu tempo aqui, Sr. Wright.

Wright fez menção de se aproximar do Professor Playfair, mas dois pós-graduados agarraram-no pelos braços e puxaram-no para trás. Ele começou a implorar, balbuciando algo sobre a sua resposta no exame ter sido mal interpretada e que poderia esclarecer tudo se tivesse outra oportunidade. O Professor Playfair permaneceu placidamente com as mãos atrás das costas, fingindo não ouvir.

— Que aconteceu? — perguntou Robin a Vimal.

— Apresentou uma etimologia popular em vez de uma real. — Vimal abanou a cabeça de modo dramático. — Tentou ligar *canards* a canários, vê bem, só que os canários não têm nada que ver com os patos *canard*; esse é o nome dado aos habitantes das Ilhas Canárias, as quais foram chamadas assim por causa de cães...

O resto da explicação escapou a Robin.

O Professor Playfair tirou um tubo de vidro do seu bolso interior — o tubo, presumiu Robin, que continha o sangue de Wright. Colocou-o sobre a mesa e pisou-o com força. Cacos de vidro e manchas castanhas espalharam-se pelo chão. Wright começou a uivar. Não era claro o que a quebra do frasco lhe fizera — todos os seus quatro membros pareciam intactos, tanto quanto Robin podia dizer, e não havia nenhum sangue fresco —, mas Wright caiu no chão agarrado à barriga como se tivesse sido empalado.

— Horrível — disse Letty, maravilhada.

— Positivamente medieval — concordou Victoire.

Eles nunca tinham testemunhado uma reprovação antes. Não conseguiam desviar os olhos.

Foi preciso um terceiro pós-graduado para pôr Wright de pé, arrastá-lo até à porta da frente e atirá-lo escada abaixo sem cerimónia. Todos os outros observaram, boquiabertos. Uma cerimónia tão grotesca parecia imprópria numa instituição académica moderna. No entanto, era completamente apropriada. Oxford e, por extensão, Babel, eram, na sua origem, antigas instituições religiosas e, apesar de toda a sofisticação contemporânea, os rituais que envolviam a vida universitária ainda se baseavam no misticismo medieval. Oxford era anglicanismo, era cristianismo, o que significava sangue, carne e pó.⁷⁸

A porta fechou-se. O Professor Playfair sacudiu a capa, saltou da mesa e virou-se para encarar os restantes.

— Bem, isto está resolvido. — Ele sorriu. — Bons exames. Parabéns a todos.

R

Dois dias depois, Griffin pediu a Robin para se encontrar com ele numa taverna em Iffley, a quase uma hora a pé da faculdade. Era um lugar escuro e barulhento. Robin demorou um momento para encontrar o irmão, que estava sentado de ombros curvados perto do fundo da sala. O que quer que tivesse estado a fazer desde o último encontro entre os dois, aparentemente não fora comer; tinha duas empadas fumegantes diante de si e estava a devorar uma sem receio de esquentar a língua.

— Que lugar é este? — perguntou Robin.

— Janto aqui às vezes — disse Griffin. — A comida é horrível, mas é farta e, mais importante, nunca vem aqui ninguém da universidade. É demasiado perto de... como é que o Playfair lhes chama? Os locais.

Ele parecia pior do que estivera durante todo o período — visivelmente exausto, com as faces encovadas e reduzido a um núcleo magro e aguçado. Apresentava o ar de sobrevivente de um naufrágio, de alguém que viajara longas distâncias e mal conseguira escapar vivo — embora, claro, não dissesse a Robin onde estivera. O casaco preto, pendurado na cadeira atrás dele, fedia.

— Estás bem? — Robin apontou para o braço esquerdo de Griffin. Estava envolto em ligaduras, mas a ferida que havia por baixo ainda estava claramente aberta, porque a mancha escura no seu antebraço tinha-se espalhado visivelmente desde que Robin se sentara.

— Oh. — Griffin olhou para o braço. — Isto não é nada, só está a demorar uma eternidade para fechar.

— Então, é alguma coisa.

— Pffff.

— Parece mau. — Robin riu-se e o que disse a seguir soou com mais amargura do que ele pretendia. — Devias cosê-la. Um pouco de conhaque ajuda.

— Ah. Não, nós temos uma pessoa. Vou pedir-lhe que dê uma olhadela mais tarde. — Griffin puxou a manga para tapar as ligaduras. — Enfim, preciso que estejas preparado na próxima semana. É tudo muito incerto, portanto, ainda não tenho uma ideia da hora ou do dia, mas é uma coisa grande; eles estão à espera de

uma grande remessa de prata da Magniac & Smith e nós adorávamos conseguir uma caixa durante o descarregamento. Vai ser preciso uma distração grande, é claro. Sou capaz de precisar de guardar alguns explosivos no teu quarto para acesso rápido...

Robin recuou.

— Explosivos?

— Esqueci-me de que te assustas com facilidade. — Griffin acenou com a mão. — Está tudo bem, eu mostro-te antes como se detonam e, se planeares tudo bem o suficiente, ninguém se vai magoar...

— Não — disse Robin. — Não, chega, para mim acabou. Isto é um absurdo, não vou fazer isso.

Griffin arqueou uma sobrancelha.

— Que aconteceu agora?

— Acabei de ver uma pessoa ser expulsa...

— Ah. — Griffin riu-se. — Quem foi este ano?

— O Wright — disse Robin. — Eles esmagaram o tubo com o sangue dele. Atiraram-no para fora da torre, barraram-lhe a entrada, isolaram-no de tudo e de todos...

— Mas isso não te vai acontecer a ti; tu és demasiado inteligente. Ou estou a impedir que faças as tuas revisões?

— Abrir portas é uma coisa — disse Robin. — Colocar explosivos é outra bem diferente.

— Vai correr tudo bem, confia em mim...

— Mas eu não confio — desabafou Robin. Tinha o coração a bater muito depressa, mas era tarde demais agora para ficar calado. Tinha de dizer tudo de uma vez; não podia continuar a conter as palavras para sempre. — Eu *não* confio em ti. Estás a ficar descontrolado.

As sobrancelhas de Griffin ergueram-se.

— Descontrolado?

— Desapareces durante semanas e quando apareces chegas atrasado metade das vezes. As tuas instruções estão todas riscadas e foram revistas tantas vezes que é preciso habilidade, a sério, para decifrar o que dizem. A segurança de Babel quase triplicou, mas tu não pareces interessado em descobrir como lidar com isso. E ainda não me explicaste o que aconteceu da última vez ou qual é a tua

nova solução para as proteções. Levei um tiro no braço e tu não te pareces importar...

— Eu disse que lamentava por isso — disse Griffin, cansado. — Não vai voltar a acontecer.

— Mas porque é que eu deveria acreditar em ti?

— Porque esta vez é importante. — Griffin inclinou-se para frente. — Esta vez pode mudar tudo, pode mudar o equilíbrio...

— Então, diz-me como. Diz-me mais. Isto não funciona quando me manténs sempre às escuras.

— Olha, eu contei-te sobre St Aldate, não contei? — Griffin parecia frustrado. — Tu sabes que não posso dizer mais. Ainda és demasiado novo, não entendes os riscos...

— Os *riscos*? Sou eu quem está a correr riscos, estou a pôr todo o meu futuro em risco...

— Engraçado — disse Griffin. — E eu a pensar que a Sociedade Hermes era o teu futuro.

— Tu sabes o que eu quero dizer.

— Sim, isso está bem claro. — Os lábios de Griffin curvaram-se. Parecia-se muito com o pai de ambos naquele momento. — Tu tens tanto medo da liberdade, irmão. Está a prender-te. Identificaste-te tanto com o colonizador que achas que qualquer ameaça para eles é uma ameaça para ti. Quando é que vais perceber que não podes ser um deles?

— Para de te desviares — disse Robin. — Tu desvias sempre o assunto. Quando eu falo do meu futuro não estou a falar de um posto confortável. Estou a falar de *sobrevivência*. Portanto, diz-me porque é que isto importa. Porquê agora? Porquê isto?

— Robin...

— Estás a pedir-me que ponha a minha vida em risco pelo invisível — retorqui Robin. — E eu só estou a pedir que me dês um motivo.

Griffin ficou em silêncio por um momento. Olhou em redor da sala, martelando com os dedos na mesa, e depois disse em voz muito baixa:

— Afeganistão.

— Que se passa no Afeganistão?

— Não lêes as notícias? Os britânicos vão pôr o Afeganistão na sua esfera de influência. Mas existem planos em andamento para garantir que isso não acontece e esses eu não te posso contar, irmão...

Mas Robin estava a rir.

— O Afeganistão? A sério?

— Isso é engraçado? — perguntou Griffin.

— Tu és só conversa — disse Robin, espantado. Algo na sua mente despedaçara-se; a ilusão de que devia admirar Griffin, de que a Hermes era importante. — Isso faz-te sentir importante, não é? Agir como se tivesses alguma influência no mundo? Eu vi os homens que movimentam de facto as alavancas e eles não são nada como tu. Não precisam de lutar pelo poder. Não organizam assaltos tolos à meia-noite pondo os irmãos mais novos em risco numa tentativa selvagem de o obter. Eles já o têm.

Os olhos de Griffin estreitaram-se.

— Que quer isso dizer?

— O que é que tu *fazes*? — exigiu Robin. — A sério, Griffin, que raio já fizeste? O Império ainda está de pé. Babel ainda está ali. O Sol nasce, a Grã-Bretanha ainda tem as suas garras em todo o mundo e a prata continua a fluir sem fim. Nada disto importa.

— Diz-me que isso não é realmente o que pensas.

— Não, eu só... — Robin sentiu uma pontada de culpa. Talvez tivesse falado com demasiada dureza, mas achava que o seu argumento era justo. — Não consigo ver o que isto pode alcançar. E tu estás a pedir-me para desistir de tanto em troca. Eu quero ajudar-te, Griffin. Mas também quero sobreviver.

Griffin não respondeu durante bastante tempo. Robin ficou ali a olhar para ele, sentindo-se cada vez mais desconfortável enquanto ele terminava calmamente a sua empada. Depois pousou o garfo e limpou meticulosamente a boca com um guardanapo.

— Sabes o que é engraçado em relação ao Afeganistão? — A voz de Griffin era muito suave. — Os britânicos não o vão invadir com tropa inglesa. Vão invadir com tropa de Bengala e Bombaim. Vão pôr sipaios a lutar contra os afegãos, tal como puseram sipaios a lutar e a morrer por eles em Irauádi, porque esses soldados indianos

têm a mesma lógica que tu, que é melhor serem servos do Império, com coerção brutal e tudo, do que resistir. Porque é seguro. Porque é estável, porque permite que sobrevivam. E é assim que eles vencem, irmão. Eles põem-nos uns contra os outros. Eles separam-nos.

— Não estou de fora para sempre — disse Robin apressadamente.

— Eu só... quero dizer, é só até este ano acabar ou até as coisas acalmarem...

— Não é assim que funciona — disse Griffin. — Ou estás dentro ou não estás. O Afeganistão não espera.

Robin respirou fundo.

— Então, estou fora.

— Muito bem. — Griffin largou o guardanapo e levantou-se. — Mas fica calado, está bem? Caso contrário, terei de atar as pontas soltas e não gosto de confusões.

— Não vou contar a ninguém. Tens a minha palavra...

— A tua palavra não me interessa — disse Griffin. — Mas eu sei onde dormes.

Não havia nada que Robin pudesse dizer em resposta. Ele sabia que Griffin não estava a exagerar, mas também sabia que não voltaria vivo para a faculdade se Griffin não confiasse realmente nele. Observaram-se por um longo momento, sem falar.

Por fim, Griffin abanou a cabeça e disse:

— Tu estás perdido, irmão. És um navio à deriva, em busca de praias familiares. Eu entendo o que tu queres. Eu também o procurei. Mas não há pátria. Desapareceu. — Ele parou ao lado de Robin a caminho da porta. Os seus dedos pousaram no ombro de Robin, apertando com tanta força que o magoaram. — Mas percebe isto, irmão. Tu não carregas a bandeira de ninguém. És livre para procurares o teu próprio porto. E podes fazer muito mais do que apenas manteres-te à tona.

78 E mesmo este ritual de exame era bastante insípido por comparação com a forma como as coisas eram feitas no final do século XVIII. Naquela época, os alunos do quarto ano estavam sujeitos ao que era designado por «teste da porta», no qual os examinandos recentes faziam fila para passarem pela entrada na manhã seguinte ao término das classificações. Os que tinham passado atravessavam a soleira sem problemas; os que tinham reprovado eram tratados pela torre como invasores e sofriam qualquer punição violenta que as proteções atuais tivessem sido desenhadas para infligir. Essa prática foi finalmente abolida com base no facto de que a mutilação não era uma punição proporcional para um baixo desempenho académico, mas o Professor Playfair ainda insistia todos os anos para que fosse trazida de volta.

LIVRO III



CAPÍTULO TREZE

R

*As montanhas estarão em trabalho de parto,
o nascimento será de um único ratinho risível.*

HORÁCIO, *Ars Poetica*, trad. E.C. Wickham

Griffin cumpriu a sua palavra. Nunca mais voltou a deixar outro bilhete para Robin. A princípio, Robin tinha a certeza de que Griffin apenas tiraria algum tempo para ficar amuado antes de o voltar a importunar para fazer tarefas mais pequenas e rotineiras. Mas uma semana tornou-se um mês e, por fim, um período. Ele esperara que Griffin fosse um pouco mais vingativo — que deixasse uma carta de despedida recriminatória, pelo menos. Nos primeiros dias após o desentendimento entre ambos, ele encolhia-se sempre que um estranho olhava para ele na rua, convencido de que a Sociedade Hermes tinha decidido que era melhor atar esta ponta solta.

Mas Griffin excluía-o completamente.

Ele tentou não deixar que a sua consciência o incomodasse. A Hermes não ia a lado nenhum. Iria sempre haver batalhas para combater. Iriam estar todos lá, à espera, quando Robin estivesse pronto para se juntar a eles, tinha a certeza. E ele não poderia fazer nada pela Hermes se não permanecesse firmemente abrigado dentro do ecossistema de Babel. Era o que o próprio Griffin tinha dito — eles precisavam de pessoas no interior. Não seria isso motivo suficiente para ficar exatamente onde estava?

Entretanto, havia os exames do terceiro ano. Os exames do final de ano eram um momento cerimonial em Oxford. Até aos últimos anos do século anterior, os exames de *viva voce* — interrogatórios orais penosos abertos ao público de modo que fossem

testemunhados por uma multidão de espetadores — eram a norma, embora no início da década de 1830 um bacharelado regular tivesse passado a exigir apenas cinco exames escritos e um exame de *viva voce*, com base no facto de as respostas orais serem muito difíceis de avaliar objetivamente e, além disso, serem desnecessariamente cruéis. Em 1836, os espetadores também deixaram de ser permitidos nos *vivas* e os habitantes da cidade perderam uma grande fonte de entretenimento anual.

Em vez disso, a coorte de Robin foi informada de que devia esperar um exame escrito de três horas em cada um dos seus idiomas de investigação; um exame escrito de três horas em Etimologia; um exame *viva voce* em Teoria da Tradução e um teste de trabalho em prata. Não poderiam permanecer em Babel se fossem reprovados em qualquer um dos seus exames de línguas ou no de teoria, e se fossem reprovados no teste de trabalho em prata não poderiam, no futuro, trabalhar no oitavo andar.⁷⁹

Os exames de *viva voce* seriam feitos diante de um painel de três professores liderados pelo Professor Playfair, que era um examinador reconhecidamente difícil e que, segundo rumores, fazia pelo menos dois alunos chorarem todos os anos.

— *Mistela* — dizia ele lentamente — é uma palavra que costumava designar a maldita mistura criada pelos empregados dos *pubs* quando as bebidas ficavam quase todas esgotadas no fim da noite. Cerveja, vinho, cidra, leite; eles despejavam lá tudo e esperavam que os clientes não se importassem, já que, afinal, o objetivo era ficarem bêbados. Mas esta é a Universidade de Oxford, não a Taberna da Esquina depois da meia-noite, e precisamos de algo um pouco mais esclarecedor do que uma bebedeira. Quer tentar de novo?

O tempo, que parecera infinito durante o primeiro e segundo anos, escorria agora rapidamente pela ampulheta. Eles já não podiam adiar as suas leituras para se divertirem no rio, confiando que haveria sempre uma oportunidade para recuperarem o atraso mais tarde. Os exames eram dali a cinco semanas, depois quatro, depois três. Quando o período letivo de Trindade chegou ao fim, o último

dia de aulas deveria ter culminado numa tarde dourada, com sobremesas, licor de sabugueiro e passeios de barco no Cherwell. Mas, assim que os sinos tocaram às quatro, eles arrumaram os livros e saíram diretamente da sala de aulas da Professora Craft para uma das salas de estudo no quinto andar, onde se iriam fechar, todos os dias, durante os próximos treze dias, para se debruçarem sobre dicionários, passagens traduzidas e listas de vocabulário até as suas têmporas latejarem.

Agindo por generosidade, ou talvez por sadismo, o corpo docente de Babel disponibilizou um conjunto de barras de prata para os examinandos usarem como auxiliares de estudo. Estas barras tinham sido gravadas com um par-correspondente que usava a palavra inglesa *meticulous* e o seu precursor latino *metus*, que significa «medo, pavor». O uso moderno de *meticulous* surgira apenas algumas décadas antes em França, com a conotação de se ter medo de cometer um erro. O efeito das barras era induzir uma ansiedade arrepiante sempre que o utilizador cometia um erro no seu trabalho.

Ramy odiava-as e recusava-se a usá-las.

— Elas não nos dizem onde é que errámos — queixou-se ele. — Só nos dão vontade de vomitar sem motivo aparente.

— Bem, tu podias ter mais cuidado — resmungou Letty, devolvendo-lhe a sua composição corrigida. — Cometeste pelo menos doze erros nesta página e as tuas frases são demasiado compridas...

— Elas não são demasiado compridas; são ciceronianas.

— Não podes desculpar toda a má escrita alegando que é *ciceroniana*...

Ramy fez um gesto de desdém com a mão.

— Não há problema, Letty, eu fiz isso em dez minutos.

— Mas não se trata de velocidade, é uma questão de precisão...

— Quanto mais eu fizer, maior extensão vou adquirir para as possíveis questões escritas — disse Ramy. — E é para isso que temos de nos preparar. Não quero ficar em branco quando tiver o exame à minha frente.

Esta era uma preocupação válida. O stresse tinha a capacidade única de eliminar da mente dos alunos as coisas que eles estudavam há anos. Durante os exames do quarto ano do ano anterior, houve rumores de que um candidato ficara tão paranoico que não só declarara que não conseguia terminar o exame, como estava a mentir sobre ser fluente em francês. (Na verdade, era um falante nativo.) Todos achavam que eram imunes a essa loucura particular até que um dia, uma semana antes dos exames, Letty começou de repente a chorar e declarou que não sabia uma palavra de alemão, nem uma única palavra, que era uma fraude e que toda a sua carreira em Babel estava assente no fingimento. Nenhum deles entendeu esse discurso, a não ser muito mais tarde, pois, na realidade, ela tinha-o feito em alemão.

A falha de memória era apenas o primeiro sintoma a surgir. A ansiedade de Robin relativamente às suas notas nunca o deixara tão doente fisicamente antes. Primeiro, surgira uma dor de cabeça latejante e persistente e, depois, a vontade constante de vomitar sempre que se levantava ou se movia. Ondas de tremores atacavam-no sem aviso e, muitas vezes, a sua mão tremia tanto que ele tinha dificuldade em segurar a caneta. Uma vez, durante um exame de treino, ele notou que a sua visão escurecia; não conseguia pensar, não se conseguia lembrar de uma única palavra, não conseguia sequer ver. Levou quase dez minutos para se recuperar. Não se conseguia obrigar a comer. Sentia-se, de alguma forma, exausto o tempo todo e incapaz de dormir devido ao excesso de energia nervosa.

Então, como todos os bons veteranos de Oxford, deu por si a perder a cabeça. O seu controlo sobre a realidade, já ténue devido ao isolamento sustentado numa cidade de académicos, tornou-se ainda mais fragmentado. As horas de revisão tinham interferido com o seu processamento de sinais e símbolos, com a sua crença do que era real e do que não era. O abstrato era factual e importante; exigências diárias, como a papa e os ovos, eram suspeitas. O diálogo quotidiano tornou-se uma tarefa árdua; a conversa de circunstância era um horror e ele perdeu a noção do significado das saudações básicas. Quando um porteiro lhe perguntava se ele tinha

tido um bom dia, ele ficava parado e mudo durante uns bons trinta segundos, incapaz de processar o que significava «bom» ou mesmo «dia».

— Oh, eu sinto o mesmo — disse Ramy alegremente quando Robin tocou no assunto. — É horrível. Já não consigo ter conversas básicas; dou por mim a perguntar-me o que as palavras significam realmente.

— Eu ando a chocar contra as paredes — disse Victoire. — O mundo desaparece à minha volta e tudo o que consigo ver são listas de vocabulário.

— Para mim são as folhas de chá — disse Letty. — Estão sempre a parecer glifos e dei por mim a tentar interpretar uma no outro dia; até comecei a copiá-la para o papel e tudo.

Robin ficou aliviado por saber que não era o único a ver coisas, porque as visões eram o que mais o preocupava. Começou a alucinar pessoas inteiras. Certa vez, ao procurar nas estantes da Thornton's uma antologia de poesia na sua lista de leituras em latim, Robin vislumbrou o que pensou ser um perfil familiar perto da porta. Aproximou-se. Os seus olhos não o tinham traído — Anthony Ribben estava a pagar por um embrulho de papel, o mais saudável e robusto possível.

— Anthony... — Robin deixou escapar.

Anthony ergueu os olhos. Viu Robin e os seus olhos arregalaram-se. Robin começou a avançar, confuso e eufórico, mas Anthony empurrou rapidamente várias moedas na direção do livreiro e saiu a correr da loja. Quando Robin conseguiu sair para a Magdalene Street, Anthony já tinha desaparecido de vista. Robin olhou em redor por alguns segundos e depois voltou para a livraria, perguntando-se se seria possível que tivesse confundido um estranho com Anthony. Mas não havia muitos jovens negros em Oxford, o que significava que ou lhe tinham mentido sobre a morte de Anthony — que, de facto, o corpo docente de Babel inteiro tinha feito tudo aquilo como uma farsa elaborada — ou ele tinha imaginado toda a situação. No seu estado atual, ele achou a última hipótese muito mais provável.

O exame que todos mais temiam era o de trabalho em prata. Durante a última semana do período de Trindade, foram informados de que teriam de criar um par-correspondente único e gravá-lo diante de um inspetor. No quarto ano, assim que terminassem os seus aprendizados, aprenderiam as técnicas apropriadas de *design* de pares-correspondentes, gravação e experimentação em relação a magnitude e duração do efeito, bem como as complexidades das ligações de ressonância e manifestação falada. Mas, por agora, armados apenas com os princípios básicos de como os pares-correspondentes funcionavam, só precisavam de obter algum efeito. Não precisava de ser perfeito; na verdade, as primeiras tentativas nunca eram. Mas tinham de fazer alguma coisa. Tinha de provar que possuíam o material indefinível, o instinto inimitável para o *significado*, que fazia de um tradutor um artífice do trabalho em prata.

A ajuda dos pós-graduados era tecnicamente proibida aqui, mas, uma tarde, a doce e gentil Cathy O'Neill entregou sub-repticiamente um panfleto amarelo desbotado a Robin sobre as bases da investigação de pares-correspondentes, quando o encontrou com um ar atordoado e assustado na biblioteca.

— Está nas estantes abertas — disse ela com simpatia. — Todos nós já o usámos; lê-o e vai correr tudo bem.

O panfleto era bastante antigo — fora escrito em 1798 e empregava muitas grafias arcaicas —, mas continha várias dicas breves e facilmente digeríveis. A primeira era manterem-se longe da religião. Esta eles já conheciam de dezenas de histórias de terror. Fora a teologia que levava a que Oxford se interessasse pelas línguas orientais — a única razão pela qual o hebraico, o árabe e o siríaco se tinham inicialmente tornado objetos de estudo académico fora a tradução de textos religiosos. No entanto, a Palavra Sagrada, conforme se descobriu, era imprevisível e implacável com a prata. Havia uma secretária na ala norte do oitavo andar da qual ninguém se atrevia a aproximar-se porque ainda emitia ocasionalmente fumo vindo de uma fonte invisível. Fora ali, dizia-se, que um aluno de pós-graduação tolo tentara traduzir em prata o nome de Deus.

Mais útil era a segunda lição do panfleto, que consistia em centrarem a sua investigação na busca por cognatos. Os cognatos — palavras em línguas diferentes que partilham um antepassado comum e, muitas vezes, também tinham significados semelhantes⁸⁰ — eram frequentemente as melhores pistas para pares-correspondentes frutíferos, uma vez que estavam em ramos muito próximos da árvore etimológica. Contudo, a dificuldade dos cognatos era que muitas vezes os seus significados eram tão próximos que havia pouca distorção na tradução e, portanto, pouco efeito que as barras pudessem manifestar. Afinal, não havia nenhuma diferença significativa entre a palavra *chocolate* em inglês e em espanhol. Além disso, ao procurarem cognatos, era preciso terem cuidado com os falsos amigos — palavras que pareciam cognatas, mas que tinham origens e significados totalmente diferentes. O *ter*⁸¹ inglês não viera do latim *habere* («segurar, possuir»), por exemplo, mas sim do latim *capere* («buscar»). E o *cognato* italiano não significava «cognato» como se poderia esperar, mas sim «cunhado».

Os falsos amigos eram especialmente complicados quando os seus significados também pareciam relacionados. A palavra persa *farang*, que era usada para se referir aos europeus, parecia ser um cognato da palavra inglesa para *forasteiro*. Mas *farang*, na verdade, surgira de uma referência aos francos e transformara-se para abranger os europeus ocidentais. A palavra *forasteiro*, por outro lado, tinha origem no latim *fores*, que significa «portas». Ligar *farang* e *forasteiro*, portanto, não produzia nada.⁸²

A terceira lição do panfleto introduzia uma técnica chamada encadeamento. Eles recordavam vagamente esta da demonstração do Professor Playfair. Se as palavras no seu par-correspondente tivessem evoluído para um significado demasiado distanciado para uma tradução ser plausível, podiam tentar adicionar um terceiro ou mesmo quarto idioma como intermediário. Se todas essas palavras fossem gravadas pela ordem cronológica de evolução, isso poderia orientar a distorção do significado com maior precisão da maneira que se pretendia. Outra técnica relacionada era a identificação de

um segundo étimo: outra fonte que podia ter interferido na evolução do significado. O francês *fermer* («fechar, trancar») era, por exemplo, obviamente baseado no latim *firmāre* («tornar duro, fortalecer»), mas também fora influenciado pelo latim *ferrum*, que significa «ferro». *Fermer*, *firmāre* e *ferrum* poderiam então, hipoteticamente, criar uma fechadura inquebrável.

Todas estas técnicas pareciam ótimas em teoria, mas eram muito mais difíceis de replicar. A parte difícil, afinal, era encontrar o par adequado para começar. Para se inspirarem, eles pegaram numa cópia do Registo Atual — a lista completa dos pares-correspondentes em uso por todo o Império naquele ano — e folhearam-no em busca de ideias.

— Olhem — disse Letty, apontando para uma linha na primeira página. — Descobri como eles fazem os vagões sem condutor funcionarem.

— Que vagões? — perguntou Ramy.

— Não os viste a circular em Londres? — disse Letty. — Eles movem-se por conta própria, mas não há ninguém a conduzi-los.

— Pensei sempre que havia algum mecanismo interno — disse Robin. — Como um motor, com certeza...

— Isso é verdade para os maiores — disse Letty. — Mas os vagões de carga mais pequenos não são assim tão grandes. Não notaste que se parecem puxar a si mesmos? — Ela apontou entusiasmada para a página. — Há barras nos trilhos⁸³. *Trilho* está relacionado com *trecken*, do neerlandês médio, que significa puxar, principalmente quando passamos pelo intermediário francês. Então, temos duas palavras que significam aquilo que consideramos um trilho, mas apenas uma delas envolve uma força motriz. O resultado é que são os próprios trilhos que puxam os vagões para a frente. É brilhante.

— Oh, ótimo — disse Ramy. — Só precisamos de revolucionar a infraestrutura de transportes durante os nossos exames e estaremos estabelecidos.

Eles podiam passar horas sozinhos a ler o registo, o qual estava cheio de inovações infinitamente interessantes e

surpreendentemente brilhantes. Muitas, descobriu Robin, tinham sido inventadas pelo Professor Lovell. Um par particularmente engenhoso fora a tradução do carácter chinês *gǔ* (古) que significa «velho ou envelhecido» e do inglês «velho». O chinês *gǔ* carregava uma conotação de durabilidade e resistência; de facto, o mesmo carácter 古 estava presente no carácter *gù* (固), que significava «duro, forte ou sólido». Vincular os conceitos de durabilidade e antiguidade ajudava a evitar que as máquinas se deteriorassem com o tempo; na verdade, quanto mais tempo estavam em uso, mais fiáveis se tornavam.

— Quem é a Eveline Brooke? — perguntou Ramy, folheando as entradas mais recentes perto do fim.

— Eveline Brooke? — repetiu Robin. — Porque é que isso me soa familiar?

— Seja ela quem for, é um génio. — Ramy apontou para uma página. — Olhem, conseguiu mais de doze pares-correspondentes só em 1833. A maioria dos investigadores de pós-graduação não tem mais do que cinco.

— Espera — disse Letty. — Estás a falar da Evie?

Ramy franziu a testa.

— Evie?

— A secretária — disse Letty. — Lembram-se? Aquela vez em que o Playfair me gritou por me sentar na cadeira errada? Ele disse que era a cadeira da Evie.

— Talvez ela seja muito meticulosa — disse Victoire. — E não gosta que as pessoas mexam nas coisas dela.

— Mas ninguém mexeu nas coisas dela desde aquela manhã — disse Letty. — Eu reparei. Já se passaram meses. E aqueles livros e canetas estão exatamente onde ela os deixou. Portanto, ou ela é meticulosa com as suas coisas a um nível assustador ou não voltou àquela mesa.

Enquanto folheavam o livro, outra teoria tornou-se mais evidente. Evie fora extremamente prolífica nos anos de 1833 e 1834, mas em 1835 a sua investigação tinha desaparecido completamente do registo. Não havia uma única inovação nos últimos cinco anos. Eles não tinham conhecido nenhuma Evie Brooke em nenhuma das

festas ou jantares do departamento; ela não dava palestras, nem seminários. Quem quer que Eveline Brooke fosse, por mais brilhante que tivesse sido, claramente já não estava em Babel.

— Esperem — disse Victoire. — Suponham que ela se tenha formado em 1833. Isso iria colocá-la na mesma classe do Sterling Jones. E do Anthony.

E do Griffin, percebeu Robin, embora não o dissesse em voz alta.

— Talvez também tenha morrido no mar — disse Letty.

— Uma classe amaldiçoada, essa, então — observou Ramy.

A sala pareceu de repente muito fria.

— Devíamos voltar à revisão — sugeriu Victoire. Ninguém discordou.

A altas horas da noite, depois de estarem tanto tempo a olhar para os livros que já não conseguiam pensar bem, faziam um jogo concebendo pares implausíveis que os pudessem ajudar a passar.

Robin ganhou uma noite com *jīxīn*.

— Em Cantão, as mães mandavam os filhos para os exames imperiais com um pequeno-almoço de corações de galinha — explicou ele. — Porque coração de galinha, *jīxīn*, tem um som semelhante a *jìxing*, que significa memória.⁸⁴

— O que faria isso? — Ramy riu-se. — Espalhava pedaços de frango sangrentos pelo exame?

— Ou tornava o teu coração do tamanho do de uma galinha — disse Victoire. — Imagina, num minuto tens um coração de tamanho normal e no instante seguinte é mais pequeno do que um dedal e não consegue bombear todo o sangue de que precisas para sobreviver, portanto, desmaias...

— Cristo, Victoire — disse Robin. — Isso é mórbido.

— Não, esta é fácil — disse Letty. — É uma metáfora de sacrifício, a chave é uma troca. O sangue da galinha, o seu coração, é o que sustenta a memória. Então, só precisamos de sacrificar uma galinha aos deuses e passamos.

Fitaram-se. Era muito tarde e nenhum deles tinha dormido o suficiente. Naquele momento, estavam todos a sofrer a loucura peculiar dos muito assustados e extremamente determinados, a

loucura que fazia a academia parecer tão perigosa como um campo de batalha.

Se Letty tivesse sugerido, naquele momento, que saqueassem um galinheiro, nenhum deles teria hesitado em segui-la.

A semana fatal chegou. Eles estavam tão preparados quanto possível. Tinham recebido a promessa de um exame justo desde que trabalhassem, e tinham trabalhado. Estavam assustados, é claro, mas cautelosamente confiantes. Afinal, aqueles exames eram exatamente o que eles tinham estado a treinar nos últimos dois anos e meio; nem mais nem menos.

O exame do Professor Chakravarti foi o mais fácil de todos. Robin teve de traduzir, sem ver, uma passagem de quinhentos caracteres em chinês clássico que o Professor Chakravarti tinha composto. Era uma parábola encantadora sobre um homem virtuoso que perde uma cabra num campo de amoreiras, mas encontra outra. Após o exame, Robin percebeu que tinha traduzido erradamente *yànshǐ*, que significa «história romântica», pelo mais suave «história colorida»,⁸⁵ o que falhava ligeiramente o tom da passagem, mas esperava que as ambiguidades entre «sexual» e «colorido» em inglês fossem suficientes para disfarçar as coisas.

A Professora Craft tinha escrito um exame diabolicamente difícil sobre os papéis fluidos dos *intérpretes* nos escritos de Cícero. Estes não eram simples intérpretes, desempenhando também vários outros papéis, como agentes, mediadores e, ocasionalmente, subornadores. A coorte de Robin foi, então, instruída a elaborar sobre o uso da linguagem neste contexto. Robin rabiscou um texto de oito páginas sobre como o termo *intérpretes* era, para Cícero, um valor neutro em comparação com os *hermeneus* de Heródoto, um dos quais fora morto por Temístocles por usar o grego a favor dos persas. Concluiu com alguns comentários sobre propriedade linguística e lealdade. Sentia-se totalmente inseguro em relação a como se tinha saído quando deixou a sala de exames — a sua mente recorrera ao truque engraçado de parar de compreender o que ele tinha argumentado assim que ele terminava a última frase,

mas as linhas de tinta pareciam robustas e ele sabia que, pelo menos, soava bem.

O exame do Professor Lovell envolvia duas sugestões. A primeira era um desafio para traduzir três páginas de uma rima infantil sem sentido relativa ao alfabeto («A é para alperce, que foi comido por um Burro») para um idioma à sua escolha. Robin passou quinze minutos a tentar fazer corresponder os caracteres chineses ordenados segundo a sua romanização antes de desistir e seguir o caminho mais fácil, que era fazer simplesmente tudo em latim. A segunda página continha uma fábula em egípcio antigo contada por meio de hieróglifos e a respetiva tradução para inglês com instruções para identificar, da melhor maneira possível e sem nenhum conhecimento prévio do idioma de origem, as dificuldades em transmiti-la para o idioma de destino. Aqui, a facilidade de Robin com a natureza pictórica dos caracteres chineses ajudou muito; ele inventou algo sobre o poder ideográfico e as subtis implicações visuais e conseguiu escrever tudo antes que o tempo acabasse.

O exame de *viva voce* não foi tão mau como se pensaria. O Professor Playfair foi tão duro como prometido, mas, ainda assim, com uma teatralidade incorrigível e a ansiedade de Robin dissipou-se quando percebeu que grande parte da condescendência e indignação sonoras de Playfair era um artifício dramático.

— Schlegel escreveu em 1803 que não estava muito longe o tempo em que o alemão seria a voz do mundo civilizado — disse o Professor Playfair. — Discuta.

Felizmente, Robin lera esse artigo de Schlegel na sua tradução e sabia que Schlegel estava a referir-se à flexibilidade única e complexa do alemão, que, argumentou Robin, era uma subestimação das outras línguas ocidentais, como o inglês (que Schlegel acusava nesse mesmo texto de ter uma «brevidade monossilábica») e o francês. Esse sentimento também representava — recordou Robin apressadamente conforme o seu tempo se esgotava — o argumento ávido de um alemão consciente de que o império germânico não poderia oferecer resistência ao francês cada vez mais dominante e que, dessa forma, buscava refúgio na hegemonia cultural e intelectual. Aquela resposta não era

particularmente brilhante nem original, mas estava correta, e o Professor Playfair comentou apenas sobre um punhado de pormenores técnicos antes de dispensar Robin da sala.

O teste do trabalho em prata estava marcado para o último dia. Eles tinham sido instruídos para se apresentarem no oitavo andar em intervalos de trinta minutos — Letty primeiro ao meio-dia, depois Robin, a seguir Ramy e finalmente Victoire à uma e meia.

Ao meio-dia e meia, Robin subiu os sete lanços de escadas da torre e ficou à espera no exterior da sala sem janelas no fundo da ala sul. Sentia a boca muito seca. Era uma tarde ensolarada de maio, mas os joelhos dele não conseguiam parar de tremer.

Era simples, disse a si mesmo. Apenas duas palavras — ele precisava apenas de escrever duas simples palavras e depois estaria tudo acabado. Não havia motivo para pânico.

Mas o medo, é claro, não era racional. A sua imaginação corria desenfreada com as mil e uma coisas que podiam correr mal. Ele podia deixar cair a barra no chão, podia sofrer um lapso de memória assim que entrasse pela porta ou podia esquecer uma pincelada ou soletrar mal a palavra em inglês, apesar de ter praticado ambas as coisas centenas de vezes. Ou o par podia não funcionar. Podia simplesmente não funcionar e ele nunca iria conseguir um cargo no oitavo andar. Podia acabar tudo rapidamente.

A porta abriu-se. Letty surgiu, pálida e trémula. Robin queria perguntar-lhe como tinha corrido, mas ela passou por ele e desceu as escadas a correr.

— Robin. — O Professor Chakravarti enfiou a cabeça pela porta.
— Entre.

Robin respirou fundo e deu um passo em frente.

A sala tinha sido esvaziada de cadeiras, livros e prateleiras — tudo o que fosse valioso ou quebrável. Restava apenas uma secretária, no canto, e esta estava vazia, exceto por uma única barra de prata em branco e um estilete de gravação.

— Bem, Robin. — O Professor Chakravarti juntou as mãos atrás das costas. — Que é tem para mim?

Os dentes de Robin batiam com demasiada força para ele conseguir falar. Não imaginara que fosse ficar assustado daquele modo tão debilitante. Os exames escritos tinham incluído a sua quota-parte de tremores e ânsias de vômito, mas quando chegara a altura, quando a sua caneta tocara no pergaminho, a sensação fora de rotina. Não tinha sido nada mais nem nada menos do que o acúmulo de tudo o que ele praticara nos últimos três anos. Isto era algo completamente diferente. Ele não fazia ideia do que esperar.

— Está tudo bem, Robin — disse o Professor Chakravarti gentilmente. — Vai funcionar. Só precisa de se concentrar. Não é nada que não vá fazer centenas de vezes na sua carreira.

Robin respirou fundo e exalou.

— É uma coisa muito básica. É... Teórica e metaforicamente é um pouco confuso e não sei se vai funcionar...

— Bem, porque é que não me explica a teoria primeiro e depois veremos.

— *Míngbai* — balbuciou Robin. — É mandarim. Significa, bem, significa «compreender», certo? Mas os caracteres estão carregados de imagética. *Míng*: brilhante, uma luz, claro; e *bai*: branco, como a cor. Portanto, não significa apenas compreender ou perceber, tem também o componente visual de esclarecer, iluminar.

— Ele fez uma pausa para pigarrear. Já não estava tão nervoso. O par-correspondente que preparara soava melhor quando o dizia em voz alta. Na verdade, parecia quase plausível. — Bem, então, esta é a parte sobre a qual não tenho muita certeza, porque não sei a que é que a luz estará associada. Mas deve ser uma maneira de esclarecer as coisas, de revelar coisas, acho eu.

O Professor Chakravarti fez-lhe um sorriso encorajador.

— Bem, porque é que não vemos o que faz?

Robin pegou na barra com as mãos trémulas e posicionou a ponta do estilete contra a superfície lisa e suave. Foi necessária uma quantidade inesperada de força para conseguir que o estilete traçasse uma linha nítida. De certa forma, isso foi calmante — fê-lo concentrar-se em manter a pressão constante, em vez de nas mil outras coisas que poderia fazer mal.

Ele terminou de escrever.

— *Míngbai* — disse, erguendo a barra para que o Professor Chakravarti pudesse ver. 明白. Depois virou-a. — Compreender.

Algo pulsava na prata, algo vivo, algo forte e ousado — uma rajada de vento, uma onda a quebrar-se — e, naquela fração de segundo, Robin sentiu a fonte do seu poder, aquele lugar sublime e inominável onde o significado era criado, o lugar do qual as palavras se aproximavam, mas que não podiam, nunca poderiam definir; o lugar que só podia ser invocado, de modo imperfeito, mas, mesmo assim, fazia sentir a sua presença. Uma esfera de luz brilhante e quente brilhou a partir da barra e cresceu até envolver os dois. Robin não tinha especificado que tipo de compreensão essa luz significaria, não tinha planeado tão longe, mas, naquele momento, soube-o perfeitamente e, pela expressão no rosto do Professor Chakravarti, o seu supervisor também o soube.

Ele deixou cair a barra. Esta parou de brilhar. Ficou inerte na mesa entre eles, um pedaço de metal perfeitamente comum.

— Muito bem — foi tudo o que o Professor Chakravarti disse. — Pode chamar o Sr. Mirza?

Letty estava à espera dele do lado de fora da torre. Acalmara-se significativamente; a cor voltara às suas faces e os seus olhos já não estavam arregalados de pânico. Devia ter ido num instante à padaria ao fundo da rua, pois segurava um saco de papel amarrotado nas mãos.

— Biscoito de limão? — perguntou quando ele se aproximou.

Ele percebeu que estava a morrer de fome.

— Sim, por favor, obrigado.

Ela passou-lhe o saco.

— Como correu?

— Bem. Não foi o efeito exato que eu queria, mas foi alguma coisa.

— Robin hesitou com o biscoito a meio caminho da boca, não querendo comemorar nem elaborar caso ela tivesse falhado.

Mas ela sorriu-lhe, feliz.

— O mesmo. Eu só queria que acontecesse alguma coisa e aconteceu e, Robin, foi tão maravilhoso...

— Como reescrever o mundo — disse ele.

— Como desenhar com a mão de Deus — disse ela. — Como nada que eu já tenha sentido antes.

Sorriram um para o outro. Robin saboreou o biscoito que se derretia na sua boca — percebeu porque é que estes eram os favoritos de Letty; eram tão amanteigados que se dissolviam instantaneamente e a doçura do limão espalhava-se pela língua como mel. Eles tinham conseguido. Tudo estava bem; o mundo podia continuar a mover-se; nada mais importava porque eles tinham conseguido.

Os sinos marcaram a uma hora e as portas abriram-se novamente. Ramy saiu, envergando um sorriso rasgado.

— Também funcionou para vocês, hã? — Ele serviu-se de um biscoito.

— Como é que sabes? — perguntou Robin.

— Porque a Letty está a comer — disse ele, mastigando. — Se algum de vocês tivesse falhado, ela estaria a reduzir estes biscoitos a migalhas.

Victoire demorou mais tempo. Passou quase uma hora antes que ela saísse do edifício, carrancuda e agitada. De imediato, Ramy aproximou-se dela, colocando um braço em volta dos seus ombros.

— Que aconteceu? Estás bem?

— Dei-lhes um par em kreyòl-francês — disse Victoire. — E funcionou, funcionou maravilhosamente, só que o Professor Leblanc disse que não o podiam colocar no Registo Atual porque não via como é que um par-correspondente em kreyòl poderia ser útil para quem não falasse kreyòl. Então, eu disse que seria de grande utilidade para as pessoas no Haiti. E ele riu-se.

— Oh, querida. — Letty esfregou-lhe o ombro. — Eles deixaram-te experimentar um diferente?

Ela fizera a pergunta errada. Robin viu um lampejo de irritação nos olhos de Victoire, mas desapareceu instantaneamente. Ela suspirou e assentiu.

— Sim, o francês-inglês não funcionou tão bem e eu estava um pouco abalada, portanto, acho que a minha caligrafia estava um pouco imperfeita, mas teve algum efeito.

Letty fez um som de simpatia.

— Tenho a certeza de que vais passar.

Victoire pegou num biscoito.

— Oh, eu passei.

— Como é que sabes?

Victoire lançou-lhe um olhar perplexo.

— Perguntei. O Professor Leblanc disse que eu passei. Ele disse que todos nós passámos. O quê, nenhum de vocês sabia?

Eles olharam para ela por um momento, surpreendidos, e depois desataram à gargalhada.

Se ao menos alguém pudesse gravar memórias inteiras em prata, pensou Robin, para se manifestarem repetidas vezes nos anos futuros — não a distorção cruel do daguerreótipo, mas uma destilação pura e impossível de emoções e sensações. Pois a simples tinta no papel não era suficiente para descrever esta tarde dourada; o calor da amizade descomplicada, todas as discussões esquecidas, todos os pecados perdoados; a luz do Sol a derreter a memória do frio da sala de aulas; o gosto pegajoso do limão nas suas línguas e o seu alívio surpreendido e encantado.

79 Embora muitos pós-graduados de Babel ficassem satisfeitos por trabalharem em Literatura ou no Jurídico, o exame de trabalho em prata tinha um valor mais elevado para os estudantes de origem estrangeira, que tinham dificuldade em encontrar cargos de prestígio em outros departamentos que não o oitavo andar, onde a sua fluência em idiomas não europeus era mais valiosa. Griffin, ao ser reprovado no seu teste de trabalho em prata, recebera uma oferta de continuação no Jurídico. Mas o Professor Lovell exprimira sempre a crença de que nada, exceto o trabalho em prata, importava e que todos os outros departamentos eram para os tolos sem imaginação ou talento. O pobre Griffin, que tinha sido criado debaixo do seu teto desdenhoso e exigente, concordara.

80 *Noite* em inglês [*night* no original (*N. da T.*)] e *noche* em espanhol, por exemplo, são ambas derivadas de *nox* em latim.

81 *Have* no original. (*N. da T.*)

82 Uma armadilha tão ardilosa como os falsos amigos são as etimologias folclóricas: etimologias incorretas atribuídas pela crença popular a palavras que, na verdade, tinham origens diferentes. A palavra *cão de lareira*, por exemplo, significa uma ferramenta de metal para sustentar a lenha numa lareira. Somos tentados a supor que a sua etimologia envolverá as palavras *mão* e *ferro* separadamente [*cão de lareira*: *andiron*; *mão*: *hand* e *ferro*: *iron* (*N. da T.*)]. Mas *cão de lareira* é, na realidade, derivado do *andier* francês, que se tornou *andire* em inglês.

83 *Track* no original. (*N. da T.*)

84 *Jīxīn*: 雞心; *jìxíng*: 記性.

85 Um erro razoável. Os caracteres em *yànshǐ* são 艷史. 史, *shǐ*, significa «história». 艷, *yàn*, pode significar tanto «colorido» como «sexual, romântico».

CAPÍTULO CATORZE

R

*Todos nós esta noite sonhamos...
Sorrir e suspirar, amar e mudar:*

*Oh, nos recessos do nosso coração,
Vestimo-nos com fantasias tão estranhas*

WINTHROP MACKWORTH PRAED, «O Baile Formal»

E, então, estavam livres. Não por muito tempo — tinham o verão de folga e depois repetiriam todo o sofrimento que tinham acabado de suportar, com o dobro da agonia, durante os exames do quarto ano. Mas setembro parecia tão distante. Era apenas maio e tinham o verão inteiro pela frente. Parecia, agora, que tinham todo o tempo do mundo para não fazerem nada, exceto serem felizes, só que não se conseguiam lembrar como.

A cada três anos, o University College realizava um baile de comemoração. Estes bailes eram o auge da vida social de Oxford; eram uma oportunidade para as faculdades mostrarem os seus belos terrenos e prodigiosas adegas, para as faculdades mais ricas exibirem as suas doações e para as faculdades mais pobres tentarem subir na escadaria do prestígio. Os bailes permitiam que as faculdades despejassem todo o excesso de riqueza — que, por algum motivo, não destinavam aos alunos carentes — numa grande ocasião para os seus antigos alunos ricos. A justificação financeira era que a riqueza atrai riqueza e não havia melhor maneira de pedir doações para reformas nos auditórios do que oferecer aos velhos rapazes uma boa diversão. E que diversão. As faculdades competiam todos os anos para quebrarem recordes de verdadeira gratificação e espetáculo. O vinho fluía a noite toda, a música nunca parava e os que dançavam até de madrugada podiam esperar um

pequeno-almoço servido em bandejas de prata quando o Sol nascesse.

Letty insistiu para que todos comprassem bilhetes.

— É exatamente do que precisamos. Merecemos um momento de prazer depois daquele pesadelo. Tu vens comigo para Londres, Victoire, e vamos encomendar vestidos...

— De modo nenhum — disse Victoire.

— Porquê? Temos dinheiro. E tu ficarias deslumbrante em esmeralda ou, talvez, em seda branca...

— Esses alfaiates não me vão vestir — disse Victoire. — E a única maneira de me deixarem entrar na loja é se eu fingir ser a tua criada.

Letty ficou abalada, mas apenas por um instante. Robin viu-a reorganizar apressadamente as suas feições num sorriso forçado. Ele sabia que Letty estava aliviada por estar novamente nas boas graças de Victoire e faria qualquer coisa para se manter lá.

— Não faz mal, podes usar um dos meus. És um pouco mais alta, mas eu posso descer a bainha. E tenho tantas joias para te emprestar... Posso escrever para Brighton e ver se me mandam algumas das coisas antigas da minha mãe. Ela tinha uma série de ganchos encantadores; adorava ver o que consigo fazer com o teu cabelo...

— Acho que não estás a perceber — disse Victoire, baixinho, mas com firmeza. — Eu não quero mesmo...

— Por favor, querida, não vai ter graça sem ti. Eu compro o teu bilhete.

— Oh — disse Victoire —, por favor, não te quero ficar a dever...

— Podes comprar os nossos — disse Ramy.

Letty revirou os olhos para ele.

— Compra o teu.

— Não sei, Letty. Três libras? É muito caro.

— Trabalhem num dos turnos de prata — disse Letty. — São apenas por uma hora.

— O Birdie não gosta de espaços apinhados — disse Ramy.

— Não gosto — disse Robin corajosamente. — Fico muito nervoso. Não consigo respirar.

— Não sejas ridículo — zombou Letty. — Os bailes são maravilhosos. Vocês nunca viram nada parecido. O Lincoln trouxe-me como acompanhante dele para um em Balliol. O local estava completamente transformado. Vi atos de palco que nem sequer conseguimos ver em Londres. E eles só acontecem uma vez a cada três anos; não seremos estudantes da próxima vez. Eu daria qualquer coisa para me sentir assim novamente.

Eles lançaram olhares desamparados uns para os outros. O irmão morto encerrava a conversa. Letty sabia disso e não tinha medo de o invocar.

Então, Robin e Ramy inscreveram-se para trabalhar no baile. O University College tinha criado um esquema de trabalho em troca de bilhetes para os estudantes demasiado pobres pagarem o preço da entrada e os alunos de Babel eram especialmente sortudos, dado que, em vez de servirem bebidas ou arrumarem casacos, podiam trabalhar naqueles que eram designados por «turnos de prata». O trabalho envolvia apenas verificarem periodicamente se as barras encomendadas para realçar a decoração, as luzes e a música não tinham sido removidas ou retiradas das suas instalações temporárias, mas as faculdades pareciam não saber disso e Babel não via nenhuma boa razão para os informar.

No dia do baile, Robin e Ramy enfiaram as suas sobrecasacas e coletes em sacos de lona e passaram pelas filas da bilheteira que davam a volta à esquina, dirigindo-se para a entrada da cozinha nas traseiras da faculdade.

O University College tinha-se superado. Era visualmente esgotante; havia demasiadas coisas para absorver de uma só vez — ostras em enormes pirâmides de gelo; mesas compridas com todo o tipo de bolos doces, biscoitos e tartes; taças de champanhe que passavam em pratos precariamente equilibrados; e grinaldas de luzinhas pendentes que pulsavam numa variedade de cores. Durante a noite, tinham sido erguidos palcos em todos os pátios da faculdade nos quais se apresentavam uma variedade de harpistas, músicos e pianistas. Dizia-se que uma cantora de ópera tinha sido trazida de Itália para se apresentar no salão e, de vez em quando,

Robin achava que podia ouvir as suas notas mais agudas a sobressair no meio do barulho. Acrobatas saltitavam no relvado, torcendo longos lençóis de seda para cima e para baixo e girando anéis de prata em torno dos seus pulsos e tornozelos. Estavam vestidos com trajes vagamente estrangeiros. Robin examinou os seus rostos, perguntando-se de onde seriam. Era uma coisa muito estranha: os seus olhos e lábios estavam maquilhados de maneira exageradamente oriental, mas, por baixo da pintura, pareciam ter sido tirados das ruas de Londres.

— Lá se vão os princípios anglicanos — disse Ramy. — Isto é um verdadeiro bacanal.

— Achas que as ostras se vão esgotar? — perguntou Robin. Ele nunca as tinha experimentado antes; aparentemente, perturbavam o estômago do Professor Lovell, portanto, a Sra. Piper nunca as comprava. A carne pegajosa e as cascas brilhantes pareciam ao mesmo tempo nojentas e muito apelativas. — Só quero saber qual é o gosto delas.

— Eu trago-te uma — disse Ramy. — Essas luzes estão prestes a cair, a propósito, devias... aí está.

Ramy desapareceu na multidão. Robin sentou-se no topo da sua escada e fingiu trabalhar. Pessoalmente, estava grato pelo trabalho. Sim, era humilhante usar roupa preta de criado enquanto os seus colegas dançavam à sua volta, mas, pelo menos, era uma forma mais suave de entrar no frenesim da noite. Ele gostava de estar escondido em segurança num canto com alguma coisa para fazer com as mãos; desta forma, o baile não era tão avassalador. E gostava mesmo de descobrir quais os engenhosos pares-correspondentes de prata que Babel tinha fornecido para o baile. Um deles, certamente criado pelo Professor Lovell, combinava a expressão chinesa de quatro palavras, 百卉千葩, com a tradução para o inglês «cem plantas e mil flores». A conotação do original chinês, que invocava miríades de cores ricas e deslumbrantes, tornava as rosas mais vermelhas e as violetas em flor maiores e mais vibrantes.

— Não há ostras — disse Ramy. — Mas trouxe-te umas destas coisas de trufas. Não sei exatamente o que são, mas as pessoas

não paravam de as tirar das travessas. — Ele estendeu a mão que segurava uma trufa de chocolate para o topo da escada e enfiou a outra na boca. — Oh... *argh*. Esquece. Não comas isso.

— Pergunto-me o que será. — Robin ergueu a trufa à altura dos olhos. — Esta parte pálida e pastosa é queijo?

— Tremo só de pensar no que mais poderia ser — disse Ramy.

— Sabes — disse Robin —, existe um carácter chinês, *xiǎn*,⁸⁶ que pode significar «cru, fresco e saboroso», mas também pode significar «pouco e escasso».

Ramy cuspiu a trufa para um guardanapo.

— E isso quer dizer o quê?

— Às vezes, as coisas raras e caras são as piores.

— Não digas isso aos ingleses, vais acabar com toda a sua noção de paladar. — Ramy olhou para a multidão. — Ah, olha quem chegou.

Letty abria caminho por entre a multidão em direção a eles, puxando Victoire atrás de si.

— Tu estás... meu Deus. — Robin apressou-se a descer a escada. — Estás incrível.

Falava a sério. Victoire e Letty estavam irreconhecíveis. Ele habituara-se tanto a vê-las de camisa e calças que às vezes esquecia-se de que elas eram mulheres. Naquela noite, recordou que elas eram criaturas de uma dimensão diferente. Letty usava um vestido num tecido azul-claro esvoaçante que combinava com os seus olhos. As mangas eram enormes — parecia que ela poderia esconder uma perna de carneiro inteira nelas —, mas essa parecia ser a moda daquele ano, pois os terrenos da faculdade estavam cheios de mangas coloridas e tufadas. Letty era, de facto, muito bonita, percebeu Robin, ele é que nunca o tinha notado antes — sob as luzes suaves das grinaldas, as suas sobrancelhas arqueadas e o seu queixo pontiagudo não pareciam frios e austeros, mas sim régios e elegantes.

— Como é que puseste o teu cabelo assim? — perguntou Ramy.

Uns caracóis pálidos e oscilantes emolduravam o rosto de Letty, desafiando a gravidade.

— Ora, com papelotes.

— Queres dizer bruxaria — disse Ramy. — Isso não é natural.

Letty fungou uma risada.

— Precisas de conhecer mais mulheres.

— Onde, nos anfiteatros de Oxford?

Ela riu-se.

Era Victoire, no entanto, quem estava realmente transformada. Ela cintilava envolvida pelo profundo tom de esmeralda do tecido do seu vestido. As mangas também eram insufladas, mas nela pareciam adoráveis, como um anel protetor de nuvens. Tinha o cabelo enrolado num coque elegante no alto da cabeça, preso com dois ganchos de coral, e um cordão com as mesmas contas de coral brilhava como uma constelação em volta do seu pescoço. Estava encantadora. E ela também o sabia. Enquanto observava a expressão de Robin, um sorriso floresceu-lhe no rosto.

— Fiz um bom trabalho, não foi? — Letty olhou para Victoire com orgulho. — E pensar que ela não queria vir.

— Parece a luz das estrelas — disse Robin.

Victoire corou.

— Olá, rapazes. — Colin Thornhill aproximou-se deles. Parecia bastante bêbado; tinha uma expressão confusa e desfocada nos olhos. — Vejo que até os Babblers se dignaram vir.

— Olá, Colin — disse Robin cautelosamente.

— Boa festa, não é? A rapariga da ópera era um pouco estridente, mas talvez fosse só a acústica da capela. Não é um local adequado para apresentações, é preciso um espaço maior para que o som não se perca. — Sem olhar para ela, Colin estendeu o seu copo de vinho diante do rosto de Victoire. — Livre-se disso e traga-me um de Borgonha, sim?

Victoire pestanejou para ele, atónita.

— Vai tu buscar.

— O quê, não está a trabalhar nesta coisa?

— Ela é uma estudante — retorquiu Ramy. — Já a conheceste antes.

— Conheci? — Colin estava de facto muito bêbado. Oscilava continuamente em pé e as suas faces pálidas tinham adquirido uma

cor profundamente avermelhada. O copo pendia-lhe tão precariamente na ponta dos dedos que Robin teve medo de que se partisse. — Bem. Parecem-me todos iguais.

— Os criados estão de preto e têm bandejas — disse Victoire pacientemente. Robin ficou maravilhado com a sua contenção; ele teria arrancado o copo da mão de Colin. — Embora eu ache que devias tentar beber um pouco de água.

Colin semicerrou os olhos para Victoire, como se tentasse vê-la com mais pormenor. Robin ficou tenso, mas Colin apenas se riu, murmurando algo baixinho que soou como as palavras «Parece um Tregear»⁸⁷ e foi-se embora.

— Besta — murmurou Ramy.

— Será que pareço fazer parte dos criados? — perguntou Victoire ansiosamente. — E o que é um Tregear?

— Não importa — disse Robin rapidamente. — Apenas... Ignora o Colin, ele é um idiota.

— E tu pareces *etérea* — garantiu Letty. — Só temos de relaxar, pessoal. Vá. — Ela estendeu o braço para Ramy. — O teu turno já acabou, certo? Dança comigo.

Ele riu-se.

— De modo nenhum.

— Vá lá. — Ela agarrou as mãos dele e puxou-o na direção da multidão dançante. — Esta valsa não é difícil, eu ensino-te os passos...

— Não, a sério, para. — Ramy libertou as mãos das dela.

Letty cruzou os braços.

— Bem, não tem graça estar aqui sentada.

— Estamos aqui sentados porque já mal somos tolerados e porque, desde que não nos movamos demasiado depressa nem falemos demasiado alto, podemos desaparecer no cenário ou, pelo menos, fingir que fazemos parte dos criados. É assim que funciona, Letty. Um homem moreno num baile de Oxford é uma curiosidade divertida, desde que se mantenha sossegado e não ofenda ninguém, mas se eu dançar contigo, alguém vai querer bater-me ou pior.

Ela bufou.

— Não sejas dramático.

— Estou apenas a ser prudente, querida.

Um dos irmãos Sharp passou por ali naquele momento e estendeu a mão para Letty. Pareceu um gesto um tanto rude e superficial, mas Letty aceitou sem fazer comentários e deixou-os, lançando a Ramy um olhar desagradável por cima do ombro enquanto se afastava.

— Ainda bem para ela — murmurou Ramy. — E boa viagem.

Robin virou-se para Victoire.

— Estás a sentir-te bem?

— Não sei. — Ela parecia muito nervosa. — Sinto-me, não sei, exposta. Como se estivesse em exibição. Eu disse à Letty que eles iam pensar que eu era uma empregada...

— Não lighes ao Colin — disse Robin. — Ele é um paspalho.

Ela não parecia convencida.

— E eles não são todos como o Colin?

— Olá. — Um rapaz ruivo com um colete roxo apareceu ao lado deles. Era Vincy Woolcombe, o menos mau dos amigos de Pendennis, recordou Robin. Ele abriu a boca para o cumprimentar, mas os olhos de Woolcombe ignoraram-no completamente; estava apenas fixado em Victoire. — Estás na nossa faculdade, não estás?

Victoire olhou em redor por um momento antes de perceber que Woolcombe estava realmente a dirigir-se a ela.

— Sim, eu...

— És a Victoire? — perguntou ele. — Victoire Desgraves?

— Sim — disse ela, endireitando-se um pouco mais. — Como é que sabes o meu nome?

— Bem, sois apenas duas no vosso ano — disse Woolcombe. — Mulheres tradutoras. Devem ser excelentes para estarem em Babel. Claro que sabemos os vossos nomes.

A boca de Victoire estava ligeiramente aberta, mas ela não disse nada; parecia incapaz de determinar se Woolcombe estava prestes a troçar dela ou não.

— *J'ai entendu dire que tu venais de Paris.* — Woolcombe baixou a cabeça numa ligeira vénia. — *Les parisiennes sont les plus belles.*

Victoire sorriu, surpreendida.

— *Ton français est assez bon.*

Robin observou aquela conversa, impressionado. Talvez Woolcombe não fosse tão terrível afinal, talvez fosse apenas um idiota por associação com Pendennis. Ele também se perguntara brevemente se Woolcombe estaria a divertir-se à custa de Victoire, mas não havia amigos maliciosos à vista; ninguém estava a olhar disfarçadamente por cima do ombro e a fingir não rir.

— Verões em Marselha — disse Woolcombe. — A minha mãe é de origem francesa e insistiu para que eu aprendesse. Dirias que é aceitável?

— Exageras um pouco as vogais — disse Victoire com seriedade —, mas tirando isso, nada mau.

Woolcombe, honra lhe fosse feita, não pareceu ofendido com esta correção.

— Fico feliz por o saber. Queres dançar?

Victoire ergueu a mão, hesitou e depois olhou para Robin e Ramy como se lhes perguntasse o que achavam.

— Vai — disse Ramy. — Diverte-te.

Ela pegou na mão de Woolcombe e ele levou-a dali.

Robin ficou sozinho com Ramy. Os seus turnos tinham terminado; os sinos tinham dado as onze minutos antes. Ambos vestiram as suas casacas — roupa preta idêntica que tinham comprado no último momento na Ede & Ravenscroft —, mas mantiveram-se em segurança junto da parede de trás. Robin fez uma tentativa superficial de entrar na agitação, mas recuou rapidamente, horrorizado — todos aqueles com quem ele estava vagamente familiarizado conversavam em grupos fechados e ignoraram-no completamente quando ele se aproximou, o que o fez sentir-se estúpido e desajeitado, ou perguntaram-lhe sobre o trabalho em Babel, já que aparentemente era tudo o que sabiam sobre ele. O único problema era que sempre que isso acontecia ele era atacado por uma dúzia de perguntas vindas de todos os lados, todas relacionadas com a China, o Oriente e o trabalho em prata. Quando escapou de volta para o silêncio fresco junto à parede, sentia-se tão assustado e exausto que não conseguiu suportar fazê-lo de novo.

Ramy, sempre leal, ficou ao seu lado. Observaram os acontecimentos em silêncio durante algum tempo. Robin tirou um copo de clarete da bandeja de um criado que passava e bebeu mais depressa do que deveria, só para diminuir o seu medo do barulho e da multidão.

Por fim, Ramy perguntou:

— Bem, vais convidar alguém para dançar?

— Não sei como — disse Robin. Olhou para a multidão, mas as raparigas pareciam-lhe todas iguais com as suas mangas de balão em cores vivas.

— Dançar? Ou perguntar?

— Bem... ambas. Mas sem dúvida a segunda. Parece que precisas de as conhecer socialmente antes de ser correto.

— Oh, tu és bonito o suficiente — disse Ramy. — E és um Babblér. Tenho a certeza de que uma delas diria que sim.

A mente de Robin estava a girar devido ao clarete ou ele não teria conseguido dizer o que disse a seguir.

— Porque é que não danças com a Letty?

— Não quero começar uma discussão.

— Não, a sério.

— Por favor, Birdie. — Ramy suspirou. — Tu sabes como é.

— Ela quer-te — disse Robin. Tinha acabado de o perceber e, agora que o dissera em voz alta, parecia tão óbvio que se sentiu estúpido por não o ter visto antes. — Muito. Portanto, porque...

— Não sabes porquê?

Os seus olhos encontraram-se. Robin sentiu um formigamento na nuca. O espaço entre ambos pareceu bastante carregado, como o momento entre o relâmpago e o trovão, e Robin não fazia ideia do que estava a acontecer ou do que aconteceria a seguir, apenas que tudo parecia muito estranho e aterrorizante, como se oscilasse à beira de um penhasco ventoso e trovejante.

Abruptamente, Ramy levantou-se.

— Há problemas ali.

Do outro lado do pátio, Letty e Victoire estavam encostadas à parede, rodeadas por todos os lados por um bando de rapazes maliciosos. Pendennis e Woolcombe estavam entre eles. Victoire

estava com os braços cruzados sobre o peito e Letty dizia algo muito rapidamente que eles não conseguiam perceber.

— É melhor irmos ver — disse Ramy.

— Certo. — Robin seguiu-o através da multidão.

— Não tem graça — rosnava Letty. Tinha as faces manchadas de raiva e mantinha ambos os punhos erguidos como um pugilista; eles tremiam enquanto ela falava. — Não somos coristas, vocês não podem simplesmente...

— Mas estamos tão curiosos — disse Pendennis com voz arrastada, bêbado. — Têm cores realmente diferentes? Gostávamos de ver... vocês estão a usar decotes tão baixos que provocam a imaginação...

Ele estendeu um braço em direção ao ombro dela. Letty puxou a mão atrás e deu-lhe uma estalada no rosto. Pendennis recuou. O seu rosto transformou-se, ficando animalesco de fúria. Ele deu um passo na direção de Letty e, por um instante, parecia que ia mesmo bater-lhe em resposta. Letty recuou.

Robin meteu-se entre eles.

— Saiam daqui — disse ele a Victoire e Letty. Elas correram em direção a Ramy, que lhes pegou nas mãos e as puxou em direção ao portão das traseiras.

Pendennis virou-se para Robin.

Robin não fazia ideia do que aconteceria a seguir. Pendennis era mais alto, um pouco mais pesado e provavelmente mais forte, mas estava a cambalear e tinha os olhos desfocados. Se isto se tornasse uma briga, seria desajeitada e indigna. Ninguém ficaria gravemente ferido. Ele poderia até atirar Pendennis ao chão e afastar-se antes que Pendennis percebesse o que estava a acontecer. Mas a faculdade tinha regras rígidas contra brigas, havia muitas testemunhas e Robin não queria descobrir como é que se sairia contra a palavra de Pendennis perante um conselho disciplinar.

— Podemos lutar — sussurrou Robin. — Se é isso que queres. Mas estás a segurar um copo de Madeira e queres mesmo passar a noite com a camisa toda salpicada de vermelho?

Os olhos de Pendennis desviaram-se para o seu copo de vinho e depois de volta para Robin.

— Chinoca — disse ele com uma voz muito feia. — Tu és apenas um chinoca bem vestido, sabias disso, Swift?

Os punhos de Robin cerraram-se.

— E tu vais deixar um chinoca estragar-te o baile?

Pendennis fez um sorriso desdenhoso, mas era óbvio que o perigo tinha passado. Enquanto Robin engolissem o seu orgulho, enquanto dissesse a si mesmo que eram apenas palavras o que Pendennis lhe lançara, palavras que não significavam absolutamente nada, poderia simplesmente virar-se e seguir Ramy, Victoire e Letty para fora da faculdade ileso.

Lá fora, a brisa fresca da noite foi um alívio bem-vindo sobre os seus rostos vermelhos e quentes.

— Que aconteceu? — perguntou Robin. — O que é que eles estavam a dizer?

— Não foi nada — disse Victoire. Estava a tremer violentamente; Robin tirou o casaco e pousou-o sobre os ombros dela.

— Não foi nada, não — disparou Letty. — Aquele sacana do Thornhill começou a falar sobre as cores diferentes dos nossos... dos nossos... vocês sabem, por razões biológicas, e depois o Pendennis decidiu que lhes devíamos mostrar...

— Não importa — disse Victoire. — Vamos andar um pouco.

— Eu mato-o — jurou Robin. — Vou voltar lá. Vou matá-lo...

— Por favor, não. — Victoire agarrou-lhe o braço. — Não piores as coisas, por favor.

— A culpa disto é tua — disse Ramy a Letty.

— *Minha?* Como...

— Nenhum de nós queria vir. A Victoire disse-te que ia acabar mal e, mesmo assim, tu obrigaste-nos a vir...

— Obriguei? — Letty soltou uma risada aguda. — Tu parecias estar a divertir-te bastante com os teus chocolates e trufas...

— Sim, até o Pendennis e o seu bando tentarem violar a nossa Victoire...

— Eles também me atacaram, sabes. — Aquela era uma linha de argumentação bizarra e Robin não sabia ao certo porque Letty a

apresentara, mas ela disse-o com veemência. A voz subiu-lhe várias oitavas. — Não foi só porque ela é...

— Parem! — gritou Victoire. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. — Parem com isso, não é culpa de ninguém, nós apenas... Eu já devia saber. Não devíamos ter vindo.

— Desculpa — disse Letty em voz muito baixa. — Victoire, querida, eu não...

— Está tudo bem. — Victoire abanou a cabeça. — Não há razão para tu... Não importa. — Ela respirou fundo. — Vamos sair daqui, podemos ir, por favor? Quero ir para casa.

— Para casa? — Ramy parou de andar. — O que queres dizer, ir para casa? É uma noite de comemoração.

— Estás doido? Eu vou para a cama. — Victoire levantou a saia do seu vestido, enlameado agora na barra. — Vou tirar isto, vou-me livrar destas mangas *estúpidas*...

— Não vais nada. — Ramy deu-lhe um puxão gentil em direção à High Street. — Tu vestiste-te para um baile. E mereces um baile. Portanto, vamos ter um.

O plano de Ramy, revelou ele, era passarem a noite no telhado de Babel — apenas os quatro, uma cesta de doces (era muito fácil roubar a cozinha se uma pessoa se parecesse com um criado) e um telescópio debaixo do céu noturno límpido.⁸⁸ Mas quando viraram a esquina antes do relvado, viram luzes e silhuetas em movimento através das janelas do primeiro andar. Havia alguém ali.

— Esperem... — começou Letty, mas Ramy subiu os degraus com ligeireza e abriu a porta.

Grinaldas de luzinhas balouçavam por toda a receção, a qual estava apinhada de estudantes e investigadores. Robin reconheceu Cathy O’Neill, Vimal Srinivasan e Ilse Dejima entre eles. Alguns dançavam, outros conversavam com copos de vinho na mão e outros ainda estavam de cabeças inclinadas, em redor de mesas de trabalho que tinham sido trazidas do oitavo andar, a observar atentamente enquanto um investigador de pós-graduação fazia uma gravação numa barra de prata. Algo fez *puff* e a sala encheu-se com o perfume de rosas. Todos aplaudiram.

Finalmente, alguém reparou neles.

— O terceiro ano! — gritou Vimal, acenando para eles entrarem. — Porque é que demoraram tanto?

— Estávamos na faculdade — disse Ramy. — Não sabíamos que havia uma festa particular.

— Devias tê-los convidado — disse uma rapariga alemã de cabelos escuros cujo nome Robin achava que era Minna. Ela estava a dançar sem sair do lugar enquanto falava e a sua cabeça balouçava pesadamente para a esquerda. — Foi cruel da tua parte deixá-los ir àquele espetáculo de horrores.

— Não se aprecia o Céu antes de se conhecer o Inferno — disse Vimal. — Apocalipse. Ou S. Marcos. Ou algo assim.

— Isso não está na Bíblia — disse Minna.

— Bem — disse Vimal com indiferença —, não faço ideia.

— Foi cruel da tua parte — disse Letty.

— Apressem-se — disse Vimal por cima do ombro. — Deem vinho à rapariga.

Foram distribuídos copos e foi servido vinho do Porto. Em breve, Robin estava agradavelmente bêbado, com a cabeça a zumbir e os membros a flutuar. Encostou-se às prateleiras, ligeiramente sem fôlego devido a ter dançado uma valsa com Victoire, e deleitou-se com a maravilha de tudo aquilo. Vimal estava agora em cima de uma mesa, a dançar uma jiga vigorosa com Minna. Na mesa oposta, Matthew Houndslow, vencedor da bolsa de investigação de maior prestígio daquele ano, estava a inscrever uma barra de prata com um par-correspondente que fazia esferas brilhantes de luz cor-de-rosa e roxa flutuarem pela sala.

— *Ibasha* — disse Ilse Dejima.

Robin virou-se para ela. Ela nunca tinha falado com ele antes e ele não tinha a certeza se ela tinha a intenção de se dirigir a ele. Mas não havia mais ninguém por perto.

— Perdão?

— *Ibasha* — repetiu ela, oscilando. Tinha os braços a flutuar à sua frente, dançando ou regendo a música, ele não sabia dizer. Aliás, também não sabia dizer de onde a música vinha. — Não se traduz

bem para o inglês. Significa «paradeiro». Um lugar onde uma pessoa se sente em casa, onde se sente ela mesma.

Ela escreveu os caracteres *kanji* no ar para ele ver — 居場所 — e ele reconheceu os seus equivalentes chineses. O carácter para uma residência. Os caracteres para um lugar.

Nos meses seguintes, sempre que pensava naquela noite, só se conseguia recordar de um punhado de lembranças claras — depois de três copos de vinho do Porto, transformara-se tudo numa névoa agradável. Lembrava-se vagamente de dançar uma música celta frenética em cima de umas mesas juntas e depois jogar uma espécie de jogo de linguagem que envolvia muitos gritos e rimas rápidas, rindo tanto que ficara com dores nas costelas. Lembrava-se de Ramy, sentado ao lado de Victoire a um canto, a fazer imitações tolas dos professores até as lágrimas dela secarem e depois até ambos chorarem de tanto rir.

— Desprezo as mulheres — entoava Ramy no tom severo e monótono da Professora Craft. — São inconstantes, distraem-se facilmente e, em geral, não são compatíveis para o tipo de estudo rigoroso que uma vida académica exige.

Lembrava-se de lhe surgirem espontaneamente frases em inglês na mente, enquanto observava a folia; frases de canções e poemas de cujo significado ele não tinha a certeza, mas que pareciam e soavam bem — e talvez fosse exatamente isso o que a poesia era. Significado através do som? Através da ortografia? Ele não se conseguia lembrar se apenas pensara nisso ou se o perguntara em voz alta a todos os que encontrara, mas vira-se consumido pela pergunta «O que é o fantástico leve?»⁸⁹

E lembrava-se de estar sentado nas escadas com Letty, noite dentro, e de ela chorar furiosamente no ombro dele.

— Eu gostava que ele me visse — repetia ela no meio dos soluços. — Porque é que ele não me quer ver?

E embora Robin pudesse pensar numa série de razões — porque Ramy era um homem moreno em Inglaterra e Letty a filha de um almirante; porque Ramy não queria levar um tiro na rua; ou porque Ramy simplesmente não a amava como ela o amava, e ela

confundira terrivelmente a sua amabilidade geral e entusiasmo ostentoso com uma atenção especial, porque Letty era o tipo de rapariga que estava habituada a uma atenção especial e esperava-a sempre —, ele sabia que era melhor não lhe contar a verdade. O que Letty queria naquela altura não era um conselho sincero, mas sim alguém que a confortasse e amasse e lhe desse se não a atenção que ela desejava, pelo menos, alguma semelhança da mesma. Então, ele deixou-a chorar encostada a ele, encharcando-lhe a frente da camisa com as suas lágrimas, e fez-lhe festas nas costas enquanto murmurava distraidamente que não percebia. Seria Ramy um tolo? Como é que era possível alguém não a amar? Ela era linda, linda, deixava a própria Afrodite com ciúmes; na verdade, disse ele, ela devia sentir-se sortuda por ainda não ter sido transformada numa libélula. Aquilo fez Letty rir, o que a fez parar de chorar e isso era bom; significava que ele tinha feito o seu trabalho.

Ele teve a estranha sensação de estar a desaparecer enquanto falava, de se desvanecer no fundo de um quadro que retratava uma história que devia ser tão antiga como o tempo. E talvez fosse a bebida, mas ele estava fascinado com a maneira como parecia flutuar para fora de si mesmo, observando do alto enquanto os soluços dela e os murmúrios dele se misturavam, flutuavam e se tornavam baforadas de condensação contra os vitrais frios.

R

Estavam todos muito bêbados quando a festa acabou — todos exceto Ramy, que estava bêbado de exaustão e riso, de qualquer maneira — e essa foi a única razão pela qual lhes pareceu uma boa ideia deambularem pelo cemitério atrás de St Giles, seguindo pelo caminho mais longo para norte, onde as raparigas viviam. Ramy murmurou *du'a* baixinho e eles atravessaram o portão. A princípio pareceu uma grande aventura, pois tropeçavam uns contra os outros, rindo, enquanto contornavam as lápides. Mas depois o ar pareceu mudar muito rapidamente. O calor dos candeeiros diminuiu; as sombras das lápides alongavam-se, mudando, como se escondessem alguma presença que não os queria ali. Robin sentiu

um pavor súbito e arrepiante. Não era ilegal andar pelo cemitério, mas, de repente, parecia-lhe uma violação terrível invadir aqueles terrenos no estado em que estavam.

Ramy também o sentiu.

— Vamos despachar-nos.

Robin assentiu. Começaram a contornar as lápides mais depressa.

— Eu não devia estar aqui depois do Maghrib — murmurou Ramy.
— Devia ter ouvido a minha mãe...

— Esperem — disse Victoire. — A Letty ainda... Letty?

Eles viraram-se. Letty tinha ficado várias fileiras mais atrás. Estava diante de uma lápide.

— Olhem. — Apontou ela de olhos arregalados. — É ela.

— Ela quem? — perguntou Ramy.

Mas Letty ficou apenas ali, a olhar.

Eles voltaram para trás para se juntarem a ela diante da pedra desgastada. *Eveline Brooke*, dizia. *Querida e amada filha, académica. 1813–1834.*

— Eveline — disse Robin. — É aquela...

— Evie — disse Letty. — A rapariga da secretária. A rapariga com todos aqueles pares-correspondentes no registo. Está morta. Este tempo todo. Está morta há cinco anos.

De repente, o ar da noite pareceu gelado. O calor do vinho do Porto evaporara-se juntamente com o riso; agora, estavam sóbrios, com frio e muito assustados. Victoire apertou mais o xaile em redor dos ombros.

— Que acham que lhe aconteceu?

— Provavelmente algo corriqueiro, apenas. — Ramy fez um grande esforço para dissipar a melancolia. — Provavelmente ficou doente, ou teve um acidente ou sofreu de exaustão em excesso. Pode ter ido patinar sem cachecol. Pode ter ficado tão envolvida na sua investigação que se esqueceu de comer.

Mas Robin suspeitava de que a morte de Evie Brooke era mais do que uma simples doença corriqueira. O desaparecimento de Anthony quase não deixara vestígios na faculdade. A esta altura, o Professor Playfair parecia ter-se esquecido de que ele tinha sequer existido; não dissera uma palavra sobre Anthony desde o dia em

que anunciara a sua morte. No entanto, mantinha a mesa de trabalho de Evie intacta há cinco anos.

Eveline Brooke tinha sido alguém especial. E algo terrível acontecera ali.

— E se fôssemos para casa... — sussurrou Victoire ao fim de algum tempo.

Deviam ter estado algum tempo no cemitério. O céu escuro estava lentamente a dar lugar a uma luz pálida, com o frio a condensar-se no orvalho da manhã. O baile acabara. A última noite do período tinha terminado, dando lugar a um verão sem fim. Sem dizerem uma palavra, deram as mãos e voltaram para casa.

86 鮮.

87 Gabriel Shire Tregear, um vendedor de impressões com sede em Londres e um racista inflamado, publicou uma série de caricaturas conhecidas como «As Piadas Negras de Tregear» na década de 1830. Estas visavam ridicularizar a presença de negros em situações sociais onde Tregear achava que eles não pertenciam.

88 Em meados do século XVIII, os estudiosos de Babel foram brevemente tomados por uma moda astrológica e vários telescópios de última geração foram encomendados para o telhado em nome de académicos que pensavam que poderiam derivar pares-correspondentes úteis a partir dos nomes dos signos. Esses esforços nunca produziram nada de interessante, pois a astrologia é uma falsidade, mas a observação das estrelas era agradável.

89 Milton, 1645: «Vem e tropeça enquanto vais, / No dedo fantástico leve.»

CAPÍTULO QUINZE

R

*À medida que os dias assumem uma luz mais suave e a maçã
pende por fim verdadeiramente acabada e indolentemente
madura na árvore,
Então, que venham os dias mais tranquilos e felizes de todos!*

WALT WHITMAN, «Halcyon Days»

Robin recebeu as suas notas de exame no seu pombo na manhã seguinte (Mérito em Teoria da Tradução e Latim, Distinção em Etimologia, Chinês e Sânscrito), juntamente com a seguinte nota impressa em papel creme grosso: *O conselho de estudos de bacharelato do Real Instituto de Tradução tem o prazer de o informar de que foi convidado a continuar os seus estudos de bacharelato no próximo ano.*

Só quando teve os papéis na mão é que tudo lhe pareceu real. Ele passara; tinham todos passado. Durante mais um ano, pelo menos, tinham uma casa. Tinha alojamento e alimentação pagos, uma mesada fixa e acesso a todas as riquezas intelectuais de Oxford. Não seriam forçados a deixar Babel. Podiam voltar a respirar com facilidade.

Oxford em junho era quente, pegajosa, dourada e bela. Eles não tinham tarefas de verão urgentes — podiam fazer mais investigação para os seus projetos independentes, se quisessem, embora em geral as semanas entre o final de Trindade e o início do S. Miguel seguinte fossem tacitamente reconhecidas como uma recompensa e uma breve pausa que os alunos que iniciavam o quarto ano mereciam.

Aqueles foram os dias mais felizes das suas vidas. Fizeram piqueniques com uvas maduras e suculentas, pãezinhos frescos e queijo Camembert nas colinas de South Park. Fizeram passeios de

barco pelo Cherwell — Robin e Ramy eram razoavelmente bons, mas as raparigas não conseguiam dominar a arte de levar o barco a direito em vez de para o lado contra a margem. Fizeram os onze quilómetros para norte até Woodstock para visitarem o Palácio de Blenheim, mas não entraram, pois o preço da visita era exorbitante. Uma trupe de atores visitantes vinda de Londres apresentou alguns trechos de Shakespeare na Sheldonian; eram inegavelmente horríveis e os assobios e piadas dos estudantes malcomportados tornavam-nos provavelmente ainda piores, mas a qualidade não era o objetivo.

Perto do final de junho, o assunto na boca de todos era a coroação da Rainha Vitória. Muitos dos alunos e investigadores ainda no *campus* seguiram no dia anterior em coches até Didcot para apanharem o comboio para Londres, mas os que permaneceram em Oxford foram brindados com um deslumbrante espetáculo de luzes. Houve rumores de que seria dado um grande jantar aos pobres e sem-abrigo de Oxford, mas as autoridades da cidade argumentaram que a riqueza do rosbife e do pudim de ameixa deixaria os pobres em tal estado de excitação que perderiam a capacidade de desfrutar adequadamente da iluminação.⁹⁰ Portanto, os pobres passaram fome naquela noite, mas pelo menos as luzes eram lindas. Robin, Ramy e Victoire passearam com Letty pela High Street com canecas de cidra gelada na mão, tentando evocar o mesmo sentido de patriotismo visível em todos os outros.

Perto do fim do verão, fizeram uma viagem de fim de semana a Londres, onde absorveram a vitalidade e a variedade de que Oxford, suspensa séculos no passado, tanto carecia. Foram até Drury Lane e viram um espetáculo — os atores não eram muito bons, mas a maquilhagem berrante e o gorjeio agudo da ingénua mantiveram-nos fascinados durante as três horas de duração. Vasculharam as bancas de New Cut em busca de morangos rechonchudos, bugigangas de cobre e saquetas de chás supostamente exóticos; atiraram moedas a macacos dançantes e tocadores de realejo; esquivaram-se de prostitutas que os chamavam; divertidos, examinaram bancas de rua com barras de prata falsificadas;⁹¹

jantaram numa casa com um caril «Indiano Autêntico» que desapontou Ramy, mas satisfez os outros; e passaram a noite num único quarto apinhado numa casa em Doughty Street. Robin e Ramy deitaram-se no chão, embrulhados em casacos, enquanto as raparigas se aconchegaram na cama estreita, todos a rir e a sussurrar até bem depois da meia-noite.

No dia seguinte, deram um passeio a pé pela cidade que terminou no Porto de Londres. Aí foram até às docas e maravilharam-se com os enormes navios, as suas grandes velas brancas e o complexo entrelaçamento dos seus mastros e cordames. Tentaram identificar as bandeiras e os emblemas dos armadores dos navios que partiam, especulando sobre de onde poderiam estar a vir ou para onde iriam. Grécia? Canadá? Suécia? Portugal?

— Daqui a um ano estaremos a embarcar num desses — disse Letty. — Para onde é que acham que irá navegar?

Cada coorte de Babel fazia uma grande viagem internacional totalmente compensada no final dos exames do quarto ano. Essas viagens estavam em geral relacionadas com algum negócio de Babel — os académicos serviam como intérpretes na corte de Nicolau I, procuravam tabuletas cuneiformes nas ruínas da Mesopotâmia e, uma vez, por acidente, quase causaram um colapso diplomático em Paris —, mas eram principalmente uma oportunidade para os académicos verem o mundo e mergulharem nos ambientes linguísticos estrangeiros dos quais tinham estado isolados durante os seus anos de estudo. As línguas precisavam de ser vividas para serem compreendidas, e Oxford era, afinal, o oposto da vida real.

Ramy estava convencido de que o grupo deles seria enviado para a China ou para a Índia.

— Há tanta coisa a acontecer. A Companhia das Índias Orientais perdeu o seu monopólio em Cantão, o que significa que vai precisar de tradutores para todo o tipo de reorientação dos negócios. Eu daria o meu braço esquerdo para que fosse Calcutá. Vocês iam adorar. Ficaríamos algum tempo com a minha família; escrevi-lhes contando tudo sobre vocês e eles até sabem que a Letty não consegue tomar o chá muito quente. Ou talvez vamos para Cantão;

não seria ótimo, Birdie? Quando foi a última vez que estiveste em casa?

Robin não tinha a certeza se queria voltar a Cantão. Pensara nisso algumas vezes, mas não conseguia reunir nenhum sentimento de excitação, apenas um pavor confuso e vagamente culpado. Não tinha nada à sua espera lá; nenhum amigo, nenhuma família, apenas uma cidade da qual mal se lembrava. Em vez disso, estava com medo de como poderia reagir se fosse para casa; se voltasse ao mundo de uma infância esquecida. E se, ao regressar, não conseguisse querer voltar a sair?

Pior, e se não sentisse nada?

— É mais provável que sejamos enviados para algum lugar como a Ilha Maurícia — disse ele. — Deixar as raparigas usarem o francês delas.

— Achas que o crioulo mauriciano é parecido com o crioulo haitiano? — perguntou Letty a Victoire.

— Não tenho a certeza se serão mutuamente inteligíveis — disse Victoire. — Ambos são baseados no francês, claro, mas o kreyòl segue as indicações gramaticais da língua Fon, enquanto o crioulo mauriciano... hum. Não sei. Não há nenhuma Gramática, portanto, não tenho nada para consultar.

— Talvez escrevas uma — disse Letty.

Victoire lançou-lhe um pequeno sorriso.

— Talvez.

O desenvolvimento mais feliz daquele verão foi que Victoire e Letty tinham voltado a ser amigas. Na verdade, todo o estranho e indefinido desconforto do terceiro ano se tinha evaporado com a notícia de que haviam todos passado nos exames. Letty já não deixava os nervos de Robin em franja e Ramy já não fazia Letty ficar carrancuda sempre que abria a boca.

Na verdade, as suas discussões tinham sido adiadas em vez de resolvidas. Eles não tinham realmente confrontado as razões pelas quais se tinham desentendido, mas estavam todos dispostos a atribuir as culpas ao stresse. O momento chegaria em que teriam de enfrentar as suas diferenças bem reais, em que discutiriam as coisas em vez de mudarem sempre de assunto, mas, por agora,

estavam contentes por aproveitar o verão e recordar novamente como era amarem-se uns aos outros.

Estes eram, verdadeiramente, os últimos dos dias dourados. Aquele verão parecia ainda mais precioso porque todos sabiam que não poderia durar, que tais delícias só o eram por causa das noites exaustivas e intermináveis que as tinham conquistado. Em breve, o quarto ano iria começar, depois os exames de fim de curso e por fim o trabalho. Nenhum deles sabia como seria a vida depois disso, mas, com certeza, não poderiam permanecer uma coorte para sempre. Com certeza, chegaria um momento em que teriam de deixar a cidade dos espiráculos sonhadores; teriam de assumir os seus respetivos cargos e pagar tudo o que Babel lhes dera. Mas o futuro, tão vago como assustador, era facilmente ignorado por enquanto; empalidecia perante o brilho do presente.

Em janeiro de 1838, o inventor Samuel Morse fez uma demonstração em Morristown, Nova Jérсия, exibindo um dispositivo que podia transmitir mensagens a longas distâncias usando impulsos elétricos para transmitir uma série de pontos e traços. Cético, o Congresso dos Estados Unidos recusou-se a conceder-lhe financiamento para construir uma linha ligando o Capitólio, em Washington, DC, a outras cidades, e demoraria mais cinco anos até o fazer. Mas, assim que souberam que o dispositivo de Morse funcionava, os académicos do Real Instituto de Tradução foram até aos Estados Unidos e persuadiram Morse a fazer uma visita de meses a Oxford, onde o departamento do trabalho em prata ficou surpreendido por o dispositivo não exigir pares-correspondentes para trabalhar, funcionando em vez disso apenas à base de eletricidade. Em julho de 1839, Babel acolheu a primeira linha de telégrafo funcional em Inglaterra, a qual estava conectada ao Ministério dos Negócios Estrangeiros Britânico em Londres.⁹²

O código original de Morse transmitia apenas números, presumindo que o recetor podia procurar as palavras correspondentes num manual. Isso funcionava para conversas que envolvessem um vocabulário limitado — sinais de comboios, boletins meteorológicos e certos tipos de comunicações militares.

Mas, pouco depois da chegada de Morse, os Professores De Vreese e Playfair desenvolveram um código alfanumérico que permitia a troca de mensagens de qualquer tipo.⁹³ Isso expandiu os possíveis usos do telégrafo para fins comerciais, pessoais e outros. Espalhou-se rapidamente a notícia de que Babel tinha meios para se comunicar instantaneamente com Londres a partir de Oxford. Em breve, os clientes — na sua maioria empresários, funcionários do governo e alguns clérigos — amontoavam-se na recepção e estendiam-se em filas em volta do quarteirão, segurando mensagens que precisavam de ser enviadas. O Professor Lovell, exasperado com o clamor, quis ativar as proteções defensivas contra a multidão, mas as cabeças mais calmas e financeiramente mais orientadas prevaleceram. O Professor Playfair, vendo um grande potencial de lucro, ordenou que a ala noroeste da recepção, que antes era usada para armazenar coisas, fosse convertida num gabinete de telégrafo.

O obstáculo seguinte era equipar o gabinete com operadores. Os estudantes eram a fonte óbvia de mão de obra gratuita e, portanto, todos os alunos de bacharelato e os investigadores pós-graduados de Babel foram obrigados a aprender o código Morse. Isso demorou apenas alguns dias, já que o código Morse era o raro idioma que tinha, de facto, uma correlação perfeita de um-para-um entre símbolos de linguagem, desde que a pessoa se estivesse a comunicar em inglês. Quando setembro se transformou em outubro e o período de S. Miguel começou naquele outono, foi atribuído a todos os alunos do *campus*, pelo menos, um turno de três horas por semana. E, assim, às nove horas todos os domingos à noite, Robin arrastava-se até ao pequeno escritório da recepção e sentava-se ao lado da máquina do telégrafo com uma pilha de leituras para as suas disciplinas, esperando que o ponteiro começasse a zumbir.

A vantagem do turno da noite era que a torre recebia muito poucas mensagens durante esse horário, pois todos no escritório de Londres já tinham ido para casa. Tudo o que Robin tinha de fazer era ficar acordado das nove à meia-noite, para o caso de chegar alguma missiva urgente. Tirando isso, ele podia fazer o que

quisesse e, geralmente, passava essas horas a ler ou a rever as suas redações para a aula da manhã seguinte.

Ocasionalmente olhava pela janela, semicerrando os olhos enquanto fitava a extremidade do pátio para aliviar a tensão da luz fraca sobre os seus olhos. O relvado estava geralmente vazio. A High Street, tão movimentada durante o dia, tinha um ar sinistro à noite; quando o Sol já se pusera, quando toda a luz vinha dos pálidos candeeiros de rua ou das velas no interior das janelas, parecia uma outra Oxford paralela, uma Oxford do reino das fadas. Especialmente em noites sem nuvens, Oxford transformava-se; as suas ruas ficavam livres, as suas pedras silenciosas e os seus pináculos e torres prometiam enigmas e aventuras e um mundo de abstração no qual alguém se poderia perder para sempre.

Numa dessas noites, Robin ergueu os olhos da sua tradução das histórias de Sima Qian e viu duas figuras vestidas de preto a caminhar rapidamente em direção à torre. O seu estômago revirou-se.

Só quando chegaram aos degraus da frente, quando as luzes do interior da torre brilharam sobre os seus rostos, é que ele percebeu que eram Ramy e Victoire.

Robin ficou sentado à secretária, paralisado, sem saber o que fazer. Eles estavam ali ao serviço da Hermes. Tinha de ser. Nada mais explicava o traje, os olhares furtivos ou a viagem noturna até à torre, quando Robin sabia que não deviam estar ali, porque vira-os terminar os seus trabalhos para a aula da Professora Craft no chão do quarto de Ramy apenas algumas horas antes.

Será que Griffin os recrutara? Era isso, com certeza, pensou Robin com pesar. Ele desistira de Robin, portanto, procurara os outros do seu grupo.

Claro que não os iria denunciar — isso não era sequer uma questão. Mas será que os devia *ajudar*? Não, talvez não — a torre não estava totalmente vazia; ainda havia investigadores no oitavo andar e se ele surpreendesse Ramy e Victoire, poderia atrair atenções indesejadas. A única escolha parecia ser não fazer nada. Se ele fingisse não ver nada e se eles conseguissem o que queriam, então, o frágil equilíbrio das suas vidas em Babel não seria

perturbado. Então, poderiam manter o fino verniz da negação com o qual Robin vivera durante anos. A realidade era, afinal, muito maleável — os factos podiam ser esquecidos, as verdades suprimidas e as vidas vistas de apenas um ângulo, como num prisma falso, bastando para isso que uma pessoa decidisse nunca olhar com demasiada atenção.

Ramy e Victoire passaram pela porta e subiram as escadas. Robin fitou a sua tradução, tentando não forçar os ouvidos a procurar algum indício do que eles poderiam estar a fazer. Dez minutos depois, ouviu passos a descer. Eles tinham conseguido o que queriam. Em breve, estariam novamente na rua. Depois, o momento passaria e a calma seria retomada e Robin poderia pôr aquilo no fundo da sua mente junto de todas as outras verdades desagradáveis que não tinha vontade de desvendar...

Um lamento estridente e inumano irrompeu na torre. Ele ouviu um grande estrondo e depois uma sequência de pragas. Levantou-se de um salto e saiu a correr do gabinete.

Ramy e Victoire estavam presos logo a seguir à porta da frente, enredados numa teia de fios prateados brilhantes que se dobravam e multiplicavam diante dos seus olhos; novos fios enrolavam-se em torno dos seus pulsos, cinturas, tornozelos e pescoços a cada segundo que passava. Um punhado de artigos estava espalhado aos seus pés — seis barras de prata, dois livros antigos, um estilete de gravação. Artigos que os estudantes de Babel levavam regularmente para casa no fim do dia.

Só que, segundo parecia, o Professor Playfair tinha mudado as proteções com sucesso. Ele conseguira ainda mais do que Robin temia — alterara-as para detetar não só que pessoas e coisas estavam a passar por elas, mas também se os seus propósitos eram legítimos.

— Birdie — arquejou Ramy. Teias de prata apertavam-se em volta do seu pescoço e ele tinha os olhos esbugalhados. — Ajuda...

— Fica quieto. — Robin puxou pelos fios. Estes eram pegajosos, mas flexíveis e quebráveis; era impossível alguém escapar sozinho, mas não sem ajuda. Ele libertou o pescoço e as mãos de Ramy primeiro e depois, juntos, puxaram Victoire para fora da teia, embora

as pernas de Robin tivessem ficado emaranhadas no processo. A teia, ao que parecia, só dava se pudesse receber. Mas as suas chicotadas cruéis tinham cessado; qualquer que fosse o par-correspondente ativado, o alarme parecia ter-se acalmado. Ramy libertou os tornozelos e deu um passo para trás. Por um instante, encararam-se todos sob o luar, perplexos.

— Tu também? — perguntou finalmente Victoire.

— Parece que sim — disse Robin. — O Griffin mandou-vos?

— O Griffin? — Victoire parecia confusa. — Não, o Anthony...

— O Anthony *Ribben*?

— Claro — disse Ramy. — Quem mais?

— Mas ele está *morto*...

— Isto pode esperar — interrompeu Victoire. — Ouçam, as sirenes...

— Raios — disse Ramy. — Robin, inclina-te para este lado...

— Não há tempo — disse Robin. Ele não conseguia mexer as pernas. Os fios tinham parado de se multiplicar, talvez porque Robin não fosse o ladrão, mas a teia era agora incrivelmente densa, estendendo-se ao longo de toda a entrada, e se Ramy chegasse mais perto, ele receava que ficassem ambos presos. — Deixem-me.

Começaram ambos a protestar. Ele abanou a cabeça.

— Tenho de ser eu. Eu não conspirei, não faço ideia do que se passa...

— Não é óbvio? — perguntou Ramy. — Nós...

— *Não* é óbvio, portanto não me digas — sibilou Robin. O lamento da sirene era interminável; em breve a polícia estaria no relvado. — Não digam nada. Eu não sei de nada e quando me interrogarem é isso que direi. Despachem-se e vão, por favor, eu penso nalguma coisa.

— Tens a certeza... — começou Victoire.

— *Vão* — insistiu Robin.

Ramy abriu a boca, fechou-a e depois baixou-se para recolher os materiais roubados. Victoire seguiu-lhe o exemplo. Deixaram apenas duas barras para trás — *inteligente*, pensou Robin, pois isso seria uma prova de que Robin estaria a trabalhar sozinho e não tinha cúmplices que tivessem desaparecido com todos os artigos

contrabandeados. Depois, desceram os degraus a correr, atravessaram o relvado e entraram no beco.

— Quem está aí? — gritou alguém. Robin viu lâmpadas a balouçar na outra ponta do pátio. Virou a cabeça e semicerrou os olhos na direção de Broad Street, tentando vislumbrar algum vestígio dos seus amigos, mas não conseguindo. Eles tinham escapado, funcionara; a polícia vinha apenas para a torre. Apenas para ele.

Ele respirou fundo e virou-se para a luz.

Gritos furiosos, lâmpadas brilhantes diante da sua cara, mãos firmes nos seus braços. Robin quase não processou o que aconteceu nos minutos seguintes; estava ciente apenas das suas divagações vagas e incoerentes e de uma cacofonia de polícias a gritar diferentes ordens e perguntas aos seus ouvidos. Tentou formar uma desculpa, uma história sobre ter visto ladrões presos na teia e como eles o tinham prendido quando ele os fora deter, mas aquilo soou-lhe incoerente assim que o disse e a polícia apenas se riu. Por fim, eles libertaram-no da teia e levaram-no de volta para a torre, para uma pequena sala sem janelas na receção, vazia exceto por uma única cadeira. A porta tinha uma pequena grade à altura dos olhos coberta por uma aba corrediça; parecia mais uma cela de prisão do que uma sala de leitura. Ele perguntou-se se seria o primeiro agente da Hermes a ser detido ali. Perguntou-se se a ligeira mancha castanha no canto poderia ser sangue seco.

— Você vai ficar aqui — disse o polícia responsável, enquanto algemava as mãos de Robin atrás das costas. — Até o professor chegar.

Eles trancaram a porta e saíram. Não tinham dito que professor, nem quando voltariam. Não saber era uma tortura. Robin sentou-se e esperou, de joelhos a abanar e os braços a estremecer miseravelmente devido às ondas consecutivas de uma adrenalina nauseante.

Estava acabado. Com certeza, não havia como voltar depois disto. Era tão difícil ser-se expulso de Babel, pois a instituição investia tanto nos talentos que eram tão difíceis de encontrar, que os alunos anteriores de Babel tinham sido perdoados por praticamente todo o

tipo de ofensas, exceto assassinio.⁹⁴ Mas certamente roubo e traição eram motivos de expulsão. E depois? Uma cela na prisão da cidade? Em Newgate? Será que o iriam enforcar? Ou seria simplesmente colocado num navio e mandado de volta para o sítio de onde viera, onde não tinha amigos, nem família ou perspectivas?

Uma imagem surgiu na sua mente, uma que ele tinha enterrado durante quase uma década — um quarto quente e abafado, o cheiro a vômito e a sua mãe deitada rígida ao lado dele, com as suas faces chupadas a tornarem-se azuis diante dos seus olhos. Os últimos dez anos — Hampstead, Oxford, Babel — tinham sido um encantamento milagroso, mas ele quebrara as regras — quebrara o feitiço — e, em breve, o encanto desapareceria e ele voltaria a estar no meio dos pobres, dos doentes, dos moribundos e dos mortos.

A porta abriu-se com um rangido.

— Robin.

Era o Professor Lovell. Robin procurou nos seus olhos um fragmento de algo — bondade, desapontamento ou raiva —, qualquer coisa que pudesse profetizar o que ele poderia esperar. Mas a expressão do seu pai, como sempre, era apenas uma máscara vazia e inescrutável.

— Bom dia.

— Senta-te. — A primeira coisa que o Professor Lovell fizera fora abrir as algemas de Robin. Depois, levava-o escada acima até ao seu gabinete no sétimo andar, onde estavam agora sentados diante um do outro de modo tão descontraído como se se estivessem a reunir para um tutorial semanal.

— Tiveste muita sorte por a polícia me ter contactado primeiro. Imagina se tivessem encontrado o Jerome em vez de mim. Estarias sem pernas agora. — O Professor Lovell inclinou-se para a frente, com as mãos cruzadas sobre a mesa. — Há quanto tempo roubas recursos para a Sociedade Hermes?

Robin empalideceu. Não esperava que o Professor Lovell fosse tão direto. Aquela pergunta era muito perigosa. O Professor Lovell evidentemente sabia da Hermes. Mas *quanto* é que sabia? Até onde é que Robin poderia mentir? Talvez estivesse a tentar enganá-lo e

talvez Robin se conseguisse safar se escolhesse as palavras da maneira correta.

— Diz a verdade — disse o Professor Lovell numa voz dura e monótona. — É a única coisa que te vai salvar agora.

— Três meses — sussurrou Robin. Três meses pareciam menos condenatórios do que três anos, mas eram um tempo longo o suficiente para soar plausível. — Só... só desde o verão.

— Estou a ver. — Não havia ira na voz do Professor Lovell. A calma tornava-o terrivelmente indecifrável. Robin teria preferido que ele gritasse.

— Senhor, eu...

— Silêncio — disse o Professor Lovell.

Robin fechou a boca. Não importava. Ele não sabia o que teria dito. Não havia explicação que pudesse dar que o tirasse desta confusão, nenhuma exoneração possível. Ele apenas podia enfrentar a dura evidência da sua traição e aguardar as consequências. Mas se conseguisse manter os nomes de Ramy e Victoire fora disto, se conseguisse convencer o Professor Lovell de que agira sozinho, isso seria o suficiente.

— E pensar — disse o Professor Lovell ao fim de bastante tempo — que te irias mostrar tão abominavelmente ingrato. — Ele recostou-se e abanou a cabeça. — Fiz mais por ti do que jamais poderias imaginar. Tu eras um rapaz das docas em Cantão. A tua mãe era uma pária. Mesmo que o teu pai tivesse sido chinês — a garganta do Professor Lovell pulsou então e Robin soube que aquilo era o mais próximo que ele se aproximaria da admissão —, a tua posição teria sido a mesma. Terias lutado por centavos a tua vida toda. Nunca terias visto as costas de Inglaterra. Nunca terias lido Horácio, Homero ou Tucídides, nunca terias aberto um livro sequer, aliás. Terias vivido e morrido na miséria e na ignorância, sem nunca imaginares o mundo de oportunidades que te proporcionei. Eu tirei-te da miséria. Eu dei-te o mundo.

— Senhor, eu não...

— Como te *atreves*? Como te atreves a cuspir na cara de tudo o que recebeste?

— Senhor...

— Sabes o privilégio com que tens sido tratado por esta universidade? — O volume da voz do Professor Lovell permaneceu inalterado, mas as sílabas tornaram-se mais longas; primeiro arrastadas e depois cuspidas como se ele estivesse a morder as palavras no final. — Sabes quanto a maioria das famílias paga para mandar os filhos para Oxford? Tu desfrutas de quartos e alojamento sem nenhum custo. És abençoado com uma mesada mensal. Tens acesso ao maior acúmulo de conhecimento do mundo. Achaste que a tua situação era habitual?

Uma centena de argumentos passaram pela cabeça de Robin — que ele não tinha pedido esses privilégios a Oxford, que não tinha escolhido sair de Cantão sequer, que as generosidades da universidade não deveriam exigir a sua constante e inabalável lealdade à Coroa e aos seus projetos coloniais e, se o fizessem, então isso era uma forma peculiar de escravidão com a qual ele nunca tinha concordado. Que ele não tinha desejado este destino até lhe ter sido imposto, decidido por si. Que não sabia que vida teria escolhido — esta ou uma vida na qual cresceria em Cantão, entre pessoas que se pareciam e falavam como ele.

Mas que importava isso? O Professor Lovell dificilmente compreenderia. Tudo o que importava era que Robin era culpado.

— Foi divertido para ti? — O Professor Lovell franziu os lábios. — Sentiste emoção? Ah, debes ter sentido. Imagino que te considerasses o herói de uma dessas tuas historietas; um verdadeiro Dick Turpin, não é? Sempre adoraste as tuas histórias de terror. Um estudante cansado durante o dia e um ladrão arrojado à noite? Foi romântico, Robin Swift?

— Não. — Robin endireitou os ombros e tentou, pelo menos, não soar tão pateticamente assustado. Se ia ser punido, mais valia assumir os seus princípios. — Não, eu estava a fazer o que era correto.

— Oh? E o que era correto?

— Eu sei que o senhor não se importa. Mas eu fi-lo e não me arrependo e o senhor pode fazer o que quiser...

— Não, Robin. Diz-me pelo que é que estavas a lutar. — O Professor Lovell recostou-se, juntou os dedos e assentiu. Como se

aquilo fosse um exame. Como se estivesse de facto a ouvir. — Vá, convence-me. Tenta recrutar-me. Faz o teu melhor.

— A maneira como Babel acumula materiais não é justa — disse Robin.

— Oh! Não é justa!

— Não está certo — Robin continuou com raiva. — É egoísta. Toda a nossa prata vai para o luxo, para as forças armadas, para fazer rendas e armas quando há pessoas a morrer de coisas simples que estas barras poderiam resolver. Não é correto que recruteis estudantes de outros países para trabalharem no vosso centro de tradução quando as pátrias deles não recebem nada em troca.

Ele conhecia bem aqueles argumentos. Estava a repetir o que Griffin lhe dissera, verdades que interiorizara. No entanto, diante do silêncio imperturbável do Professor Lovell, tudo parecia muito tolo. A sua voz soava frágil e sumida, desesperadamente insegura em si mesma.

— Se estás mesmo tão enojado com a forma como Babel enriquece — continuou o Professor Lovell —, como é que parecias sempre tão encantado por receber o seu dinheiro?

Robin encolheu-se.

— Eu não... eu não *pedi*... — Mas aquilo pareceu-lhe incoerente assim que o pronunciou. Ele calou-se, com as faces a arder.

— Tu bebes o champanhe, Robin. Aceitas a tua mesada. Vives no teu quarto mobiliado na Magpie Lane, desfilas pelas ruas com as tuas capas e roupa de alfaiate, tudo pago pela escola, e, ainda assim, dizes que todo esse dinheiro está ensanguentado. Isso não te incomoda?

E esse era o cerne de tudo, não era? Robin estivera sempre disposto, em teoria, a desistir de apenas algumas coisas por uma revolução em que mais ou menos acreditava. Concordava com a resistência, desde que isso não o ferisse. E a contradição não era um problema, desde que ele não pensasse muito no assunto nem olhasse com demasiada atenção, mas dito assim, em termos tão sombrios, parecia indiscutível que, longe de ser um revolucionário, na verdade, Robin não tinha nenhuma convicção.

Os lábios do Professor Lovell franziram-se novamente.

— Não estás tão incomodado com o império agora, pois não?

— Não é justo — repetiu Robin. — Não é correto...

— *Correto* — imitou o Professor Lovell. — Supõe que inventaste a roda de fiar. Será que és de repente obrigado a partilhar os teus lucros com todos os que ainda fiam à mão?

— Mas isto não é o mesmo...

— E será que somos obrigados a distribuir barras de prata pelo mundo todo, para países atrasados que tiveram todas as oportunidades para construir os seus próprios centros de tradução? Não é preciso um grande investimento para se estudar línguas estrangeiras. Porque é que isso deve ser um problema da Grã-Bretanha quando as outras nações não conseguem aproveitar o que têm?

Robin abriu a boca para responder, mas não conseguiu pensar em nada para dizer. Porque é que era tão difícil encontrar as palavras? Havia algo errado com aquele argumento, mas, mais uma vez, ele não conseguia descobrir o quê. Comércio livre, fronteiras abertas, igualdade de acesso ao mesmo conhecimento — tudo parecia ótimo em teoria. Mas se o campo de jogo era de facto assim tão equilibrado, porque é que todos os lucros se acumulavam na Grã-Bretanha? Seriam os britânicos realmente assim tão mais inteligentes e industriais? Será que tinham apenas jogado o jogo de modo justo e vencido?

— Quem é que te recrutou? — perguntou o Professor Lovell. — Não devem ter feito um trabalho muito bom.

Robin não respondeu.

— Foi o Griffin Harley?

Robin encolheu-se e isso foi confissão suficiente.

— Claro. O Griffin. — O Professor Lovell cuspiu o nome como se fosse uma praga. Observou Robin por um longo momento, examinando o seu rosto como se pudesse encontrar o fantasma do filho mais velho no mais novo. Então, perguntou num tom estranhamente suave: — Sabes o que aconteceu a Eveline Brooke?

— Não — disse Robin, embora pensasse *sim*; conhecia o esboço geral da história, embora não os seus pormenores. Já tinha juntado

quase todas as peças, embora tivesse evitado encaixar a peça final, porque não queria saber e não queria que fosse verdade.

— Ela era brilhante — disse o Professor Lovell. — A melhor aluna que já tivemos. O orgulho e a alegria da universidade. Sabias que foi o Griffin quem a assassinou?

Robin recuou.

— Não, isso não é...

— Ele não te contou? Estou surpreso, para ser sincero. Esperava que ele se vangloriasse. — Os olhos do Professor Lovell estavam muito escuros. — Então, deixa-me esclarecer-te. Há cinco anos, a Evie, a pobre e inocente Evie, estava a trabalhar no oitavo andar depois da meia-noite. Tinha a sua lâmpada acesa, mas não notara que o resto das luzes estavam apagadas. Era assim que a Evie era. Quando estava envolvida no seu trabalho, perdia a noção do que se passava em seu redor. Nada existia para ela além da investigação.

» Griffin Harley entrou na torre por volta das duas da manhã. Não viu a Evie, ela estava a trabalhar no canto mais afastado, atrás das estações de trabalho. Ele pensou que estava sozinho. E o Griffin fez o que o Griffin faz melhor: furtar e roubar, vasculhando manuscritos preciosos para os contrabandear sabe Deus para onde. Estava quase na porta quando percebeu que a Evie o tinha visto.

O Professor Lovell ficou em silêncio. Robin ficou confuso com aquela pausa, até notar, para seu espanto, que os olhos dele estavam vermelhos e húmidos nos cantos. O Professor Lovell, que nunca demonstrara o menor sentimento desde que Robin o conhecia, estava a chorar.

— Ela não fez nada. — A voz dele era rouca. — Não deu o alarme. Não gritou. Não teve hipótese alguma. A Eveline Brooke estava simplesmente no sítio errado à hora errada. Mas o Griffin teve tanto medo de que ela o pudesse denunciar que a matou de qualquer maneira. Eu encontrei-a na manhã seguinte.

Ele estendeu a mão e tocou na barra de prata gasta no canto da sua mesa. Robin já a vira muitas vezes, mas o Professor Lovell mantivera-a sempre virada, meio escondida atrás de uma moldura,

e ele nunca tivera a coragem de perguntar. O Professor Lovell virou-a.

— Sabes o que este par-correspondente faz?

Robin olhou para baixo. O lado da frente dizia 爆. O seu estômago retorceu-se. Ele estava com muito medo de olhar para a parte de trás.

— *Bào* — disse o Professor Lovell. — O radical para o fogo. E, ao lado dele, o radical para violência, crueldade e turbulência; o mesmo radical que por si só pode significar brutalidade selvagem e indomável; o mesmo radical usado nas palavras para *trovão* e *crueldade*.⁹⁵ E ele traduziu-a como *estouro*, a tradução mais inofensiva possível, tão inofensiva que dificilmente se traduz como tal. Então, toda aquela força, toda aquela destruição, estava presa na prata. Explodiu contra o peito dela. Abriu-lhe as costelas como uma gaiola. E ele deixou-a ali, depois, caída no meio das estantes, com os livros ainda na mão. Quando a vi, o sangue dela tinha-se espalhado por metade do chão. Manchara todas as páginas de vermelho. — Ele empurrou a barra sobre a mesa. — Segura-a.

Robin encolheu-se.

— Senhor?

— Pega nela! — disparou o Professor Lovell. — Sente o seu peso.

Robin estendeu a mão e fechou os dedos em redor da barra. Era terrivelmente fria ao toque, mais fria do que qualquer outra prata que ele tivesse encontrado, e excessivamente pesada. Sim, ele podia acreditar que aquela barra tinha matado alguém. Parecia zumbir com um potencial encurralado e furioso, uma granada acesa, à espera de explodir.

Ele sabia que era inútil perguntar, mas tinha de o fazer de qualquer maneira.

— Como é que sabe que foi o Griffin?

— Não tivemos mais nenhum outro aluno em chinês nos últimos dez anos — disse o Professor Lovell. — Achas que eu o fiz? Ou o Professor Chakravarti?

Estaria ele a mentir? Era possível — aquela história era tão grotesca que Robin quase não acreditou, não queria acreditar que Griffin pudesse ser capaz de algo como um assassinio.

Mas será que não seria? Griffin, que falava do corpo docente de Babel como se fossem combatentes inimigos, que mandara o seu próprio irmão repetidamente para a luta sem se importar com as consequências, que estava tão convencido da justiça maniqueísta da guerra que combatia que não conseguia ver mais nada. Será que Griffin não teria assassinado uma rapariga indefesa se isso significasse manter a Hermes em segurança?

— Lamento — sussurrou Robin. — Não sabia.

— Foi a esta pessoa que te juntaste — disse o Professor Lovell. — Um mentiroso e um assassino. Pensas que estás a ajudar algum movimento de libertação global, Robin? Não sejas ingénuo. Tu estás a ajudar os delírios de grandeza de Griffin. E para quê? — Ele acenou com a cabeça para o ombro de Robin. — Uma bala no braço?

— Como é que...

— O Professor Playfair observou que eras capaz de ter magoado o braço a remar. Eu não me iludo assim tão facilmente. — O Professor Lovell cruzou as mãos sobre a mesa e recostou-se. — Bem. A escolha deve ser bastante óbvia, acho eu. Babel ou Hermes.

Robin franziu a testa.

— Senhor?

— Babel ou Hermes? É muito simples. Tu decides.

Robin sentia-se como um instrumento partido, capaz de emitir apenas um único som.

— Senhor, eu não...

— Achavas que ias ser expulso?

— Bem... *sim*, eu não...

— Receio que não seja assim tão fácil deixar Babel. Tu desviaste-te para o caminho errado, mas acredito que foi em resultado de influências perversas, influências mais cruéis e astutas do que poderias esperar enfrentar. Tu és ingénuo, sim. É um desapontamento. Mas não estás acabado. Isto não tem de terminar na cadeia ou na prisão. — O Professor Lovell tamborilou os dedos

na mesa. — Mas seria de grande valor se nos pudesses dar algo útil.

— Útil?

— Informação, Robin. Ajuda-nos a encontrá-los. Ajuda-nos a erradicá-los.

— Mas não sei nada sobre eles — disse Robin. — Nem sequer sei os nomes deles, exceto o do Griffin.

— A sério.

— É verdade, é assim que eles operam; são tão descentralizados que não contam nada aos novos associados. No caso de... — Robin engoliu em seco. — Caso algo deste género aconteça.

— Que pena. Tens a certeza?

— Sim, eu realmente não...

— Diz o que queres dizer, Robin. Não hesites.

Robin encolheu-se. Aquelas eram exatamente as mesmas palavras que Griffin tinha usado, recordou ele. E Griffin dissera-as exatamente da mesma forma que o Professor Lovell fizera agora, de modo frio e imperioso, como se já tivesse vencido a discussão, como se qualquer resposta que Robin pudesse dar fosse um disparate.

E Robin conseguia imaginar o sorriso malicioso de Griffin neste momento; sabia exatamente o que ele diria — *é claro que vais escolher os teus confortos, meu pequeno estudante mimado*. Mas que direito tinha Griffin de julgar as suas escolhas? Ficar em Babel, em Oxford, não era um luxo; era sobrevivência. Era a sua única passagem para este país, a única coisa entre ele e as ruas.

Ele sentiu uma súbita onda de ódio por Griffin. Robin não pedira nada disto e agora o seu futuro — e o futuro de Ramy e Victoire — estava em jogo. E onde estava Griffin? Onde estivera ele quando Robin levara um tiro? Desaparecera. Usara-os para executarem as suas ordens e depois abandonara-os quando as coisas tinham corrido mal. Se Griffin fosse para a prisão, ele pelo menos merecia.

— Se é por lealdade que estás a manter o silêncio, então não há mais nada a fazer — disse o Professor Lovell. — Mas eu ainda acho que podemos trabalhar juntos. Acho que ainda não estás pronto para deixar Babel. Estás?

Robin respirou fundo.

Do que é que ele estava a desistir, mesmo? A Sociedade Hermes abandonara-o, ignorara os seus avisos e pusera em perigo os seus dois amigos mais queridos. Não lhes devia nada.

Nos dias e semanas seguintes, ele tentaria convencer-se de que aquele fora um momento de concessão estratégica, não de traição. Que não estava a divulgar nada de grande importância — o próprio Griffin dissera que eles tinham várias casas seguras, não dissera? — e, desta forma, Ramy e Victoire estariam protegidos, ele não seria expulso e todas as linhas de comunicação ainda continuariam a existir para uma cooperação futura com a Hermes. Mas ele nunca se conseguiria afastar da desagradável verdade — que isto não tinha que ver com a Hermes, nem com Ramy ou Victoire, mas sim com a autopreservação.

— St Aldate — disse ele. — A entrada nas traseiras da igreja. Há uma porta perto da cave que parece enferrujada, mas o Griffin tem a chave. Eles usam-na como sala segura.

O Professor Lovell anotou a informação.

— Com que frequência é que ele vai lá?

— Não sei.

— O que é que há lá?

— Não sei — disse Robin novamente. — Eu nunca lá fui. A verdade é que ele me disse muito pouco. Desculpe.

O Professor Lovell lançou-lhe um olhar longo e frio, e depois pareceu ceder.

— Eu sei que és melhor do que isto. — Ele inclinou-se sobre a mesa. — Tu és diferente do Griffin em todos os sentidos possíveis. És humilde, brilhante e muito trabalhador. És menos corrompido pela tua herança do que ele. Se eu tivesse acabado de te conhecer, teria dificuldade em adivinhar que és sequer um chinês. Tens um talento prodigioso, e o talento merece uma segunda oportunidade. Mas cuidado, rapaz. — Ele apontou para a porta. — Não haverá uma terceira.

Robin levantou-se e depois olhou para a mão. Notou que estivera todo aquele tempo a segurar a barra que matara Evie Brooke. Ela parecia ao mesmo tempo muito quente e muito fria e ele teve o

estranho receio de que se lhe tocasse durante mais um instante ela poderia abrir-lhe um buraco na palma da mão. Ele estendeu-a.

— Aqui tem, senhor...

— Fica com ela — disse o Professor Lovell.

— Senhor?

— Tenho olhado para essa barra todos os dias durante os últimos cinco anos, perguntando-me onde errei com o Griffin. Se o tivesse criado de maneira diferente, ou se tivesse visto antes o que ele era, será que a Evie ainda... mas não importa. — A voz do Professor Lovell endureceu. — Agora isso pesa na tua consciência. Fica com ela, Robin Swift. Coloca-a no teu bolso da frente. Retira-a sempre que começares a duvidar e deixa que ela te recorde de que lado estão os vilões.

Ele fez sinal para que Robin saísse do gabinete. Robin desceu as escadas aos tropeções, agarrando a prata com força entre os dedos. Sentia-se atordoado e bastante certo de que tinha feito descarrilar todo o seu mundo. Só que não fazia a menor ideia se tinha feito o mais correto, o que o certo e o errado significavam, ou como é que as peças se poderiam agora encaixar.

90 Naquela época, as autoridades de Oxford, tal como as de Londres, pareciam pensar que os pobres eram semelhantes a crianças pequenas, ou animais, em vez de adultos inteligentes.

91 Como acontece com todas as coisas valiosas e caras, havia um enorme mercado subterrâneo de barras de prata falsificadas e amadoras. Em New Cut, podia-se comprar amuletos para Banir Roedores, Curar Doenças Comuns e Atrair Jovens Cavalheiros Ricos. A maior parte era composta sem nenhuma compreensão básica dos princípios do trabalho em prata e envolvia feitiços elaborados em línguas inventadas, muitas vezes imitando as línguas orientais. No entanto, ocasionalmente, algumas eram aplicações bastante incisivas da etimologia popular. Por esta razão, o Professor Playfair realizava um inquérito anual relativo aos pares-correspondentes em prata contrabandeada, embora o uso desse inquérito fosse uma questão de absoluto sigilo.

92 Ao fazerem isso, Babel e Morse perturbaram imenso os inventores William Cooke e Charles Wheatstone, cuja máquina de telégrafo própria tinha sido instalada no Great Western Railway apenas dois anos antes. No entanto, o telégrafo de Cooke e Wheatstone usava agulhas móveis que apontavam para uma placa de símbolos pré-definidos, o que não oferecia nem de perto o alcance da comunicação que o telégrafo mais simples e baseado em cliques de Morse proporcionava.

93 Num ato de incrível generosidade académica, eles permitiram que esse sistema aperfeiçoado também fosse designado pelo nome de Código Morse.

94 Uma lista das ofensas das quais os alunos de Babel se tinham safado no passado incluía embriaguez pública, brigas, lutas de galos e adicionar intencionalmente profanidades à recitação das bênçãos latinas antes do jantar no salão.

95 O carácter 爆 é composto por dois radicais: 火 e 暴.

INTERLÚDIO

Ramy

Ramiz Rafi Mirza foi sempre um rapaz inteligente. Tinha uma memória prodigiosa e o dom da palavra. Absorvia idiomas como uma esponja e tinha um ouvido incrível para o ritmo e o som. Ele não repetia apenas as frases que absorvia; ele proferia-as numa imitação tão precisa do orador original, investindo nas suas palavras toda a emoção pretendida, que era como se por um momento se tornasse essa pessoa. Noutra vida, teria sido destinado para o palco. Tinha a capacidade inefável de fazer que simples palavras cantassem.

Ramy era fantástico e tinha amplas oportunidades para se exhibir. A família Mirza atravessara as vicissitudes daquela época com grande sorte. Embora estivessem entre as famílias muçulmanas que tinham perdido terras e bens após o Acordo Permanente, os Mirzas tinham encontrado um emprego estável, embora não muito lucrativo, na casa de um certo *Sir* Horace Hayman Wilson, secretário da Sociedade Asiática de Bengala em Calcutá. *Sir* Horace tinha grande interesse pelas línguas indianas e pela sua literatura, e tinha grande prazer em conversar com o pai de Ramy, que recebera uma boa educação em árabe, persa e urdu.

Assim, Ramy cresceu entre a elite das famílias inglesas da cidade branca de Calcutá, no meio de casas com pórticos e colunatas construídas ao estilo europeu e lojas que atendiam exclusivamente a clientela europeia. Wilson interessou-se desde cedo pela educação de Ramy e, enquanto os outros rapazes da sua idade ainda brincavam nas ruas, ele assistia às aulas no Mohammedan College de Calcutá, onde aprendeu aritmética, teologia e filosofia. Árabe, persa e urdu estudou com o pai. Latim e grego aprendeu com professores contratados por Wilson. Inglês absorveu do mundo em seu redor.

Na casa dos Wilson, chamavam-lhe pequeno professor. Abençoado Ramy, deslumbrante Ramy. Ele não fazia ideia de qual era o propósito de nada do que estudava, apenas que os adultos ficavam encantados e, então, tornou-se excelente em tudo. Executava frequentemente truques diante dos convidados que *Sir Horace* recebia na sua sala de estar. Eles mostravam-lhe uma série de cartas de baralho e ele repetia com uma precisão perfeita o naipe e o número das cartas na ordem pela qual apareciam. Liam-lhe passagens inteiras ou poemas em espanhol ou italiano e ele, não entendendo uma palavra do que era dito, recitava-as de volta, incluindo a entoação.

Em tempos, ele orgulhara-se disso. Gostava de ouvir as exclamações de admiração dos convidados, gostava da maneira como lhe despenteavam o cabelo e lhe colocavam doces na palma da mão antes de o mandarem para a cozinha. Não tinha compreensão alguma de classe na altura, ou de raça. Achava que era tudo um jogo. Não via o pai a observar do outro lado da esquina, de sobranceiras franzidas, preocupado. Não sabia que impressionar um homem branco podia ser tão perigoso como provocá-lo.

Uma tarde, quando tinha doze anos, os convidados de Wilson convocaram-no durante um debate acalorado.

— Ramy. — O homem que o chamava era o Sr. Trevelyan, um visitante frequente, um homem com umas suíças prodigiosas e um sorriso cruel e seco. — Vem cá.

— Oh, deixa-o em paz — disse *Sir Horace*.

— Estou a mostrar que tenho razão. — O Sr. Trevelyan chamou-o com uma mão. — Ramy, por favor.

Sir Horace não disse a Ramy para não o fazer, portanto, Ramy correu para o lado do Sr. Trevelyan, onde ficou ereto, de mãos cruzadas atrás das costas como um pequeno soldado. Aprendera que os convidados ingleses adoravam essa postura; achavam-na encantadora.

— Sim, senhor?

— Conta até dez em inglês — disse o Sr. Trevelyan.

Ramy obedeceu. O Sr. Trevelyan sabia perfeitamente que ele conseguia fazer aquilo; a apresentação era para os outros

cavalheiros presentes.

— Agora em latim — disse o Sr. Trevelyan e, quando Ramy terminou: — Agora em grego.

Ramy obedeceu. Risadas satisfeitas ouviram-se em redor da sala. Ramy decidiu testar a sua sorte.

— Números pequenos são para crianças pequenas — disse ele num inglês perfeito. — Se quiserem conversar sobre álgebra, escolham um idioma e podemos também fazer isso.

Risadas encantadas. Ramy sorriu balouçando-se para a frente e para trás, enquanto esperava a inevitável oferta de doces ou moedas.

O Sr. Trevelyan voltou-se para os outros convidados.

— Considerem este rapaz e o seu pai. Ambos com capacidades semelhantes e ambos com antecedentes e educação semelhantes. O pai começa com uma vantagem ainda maior, eu diria, já que, segundo me disseram, o *seu* pai pertencia a uma classe mercantil abastada. Mas as fortunas crescem e diminuem. Apesar dos seus talentos naturais, o Sr. Mirza aqui não conseguiu alcançar nada melhor do que um posto como empregado doméstico. Não concorda, Sr. Mirza?

Ramy viu, então, uma expressão muito peculiar no rosto do pai. Parecia estar a conter algo, como se tivesse engolido uma semente muito amarga, mas fosse incapaz de a cuspir.

De repente, aquele jogo já não lhe parecia tão divertido. Ele sentia-se nervoso agora por se exhibir, mas não conseguia identificar porquê.

— Vamos, Sr. Mirza — disse o Sr. Trevelyan. — Não pode alegar que *queria* ser um laçao.

O Sr. Mirza soltou uma risadinha nervosa.

— É uma grande honra servir *Sir* Horace Wilson.

— Oh, pare com isso; não precisa de ser educado, todos nós sabemos que ele se peida.

Ramy olhou para o pai; o homem que ele ainda achava tão alto como uma montanha, o homem que lhe ensinara todas as escritas: romana, árabe e nastaliq. O homem que lhe ensinara o *salah*. O homem que lhe ensinara o significado de respeito. O seu *hafiz*.

O Sr. Mirza assentiu e sorriu.

— Sim. É verdade, Sr. Trevelyan. Preferia estar no seu lugar, claro.

— Ora aí está — disse o Sr. Trevelyan. — Veja, Horace, estas pessoas têm ambições. Têm o intelecto e o desejo de se governarem, tal como deveriam.⁹⁶ E são as suas políticas educacionais que os estão a reprimir. A Índia simplesmente não tem linguagens para a *arte de governar*. Os seus poemas e obras épicas são todos muito interessantes, sem dúvida, mas em questões de administração...

A sala explodiu novamente num debate clamoroso. Ramy foi esquecido. Ele olhou para Wilson, ainda à espera da sua recompensa, mas o pai lançou-lhe um olhar penetrante e abanou a cabeça.

Ramy era um rapaz esperto. Sabia quando devia desaparecer.

Dois anos depois, em 1833, *Sir* Horace Wilson deixou Calcutá para assumir o cargo de Professor catedrático de sânscrito na Universidade de Oxford.⁹⁷ O Sr. e a Sra. Mirza sabiam que era melhor não protestarem quando Wilson lhes propôs levar o filho consigo para Inglaterra, e Ramy não se ressentiu com os pais por não lutarem para o manterem ao seu lado. (Ele sabia, então, que era perigoso desafiar um homem branco.)

— Os meus funcionários vão criá-lo no Yorkshire — explicou Wilson. — Eu irei visitá-lo quando puder tirar algum tempo da universidade. Então, quando ele crescer, irei matriculá-lo no University College. Charles Trevelyan pode ter razão e o inglês pode ser o caminho a seguir para os nativos, mas ainda há valor nas línguas indianas no que diz respeito ao mundo académico. O inglês é bom o suficiente para aqueles tipos da administração civil, mas precisamos que os nossos verdadeiros génios estudem persa e árabe, não é? Alguém tem de manter vivas as tradições antigas.

A família de Ramy despediu-se dele nas docas. Ele não levava muita bagagem; qualquer roupa que levasse iria deixar de lhe servir em seis meses.

A mãe colocou-lhe as mãos em ambas as faces e beijou-o na testa.

— Promete que escreves. Uma vez por mês, não, uma vez por semana, e promete que rezas...

— Sim, Amma.

As irmãs agarraram-se ao casaco dele.

— Vais mandar presentes? — perguntaram. — Vais conhecer o rei?

— Sim — disse ele. — E não, não tenho interesse.

O pai ficou um pouco para trás, a observar a esposa e os filhos, pestanejando com força como se estivesse a tentar guardar tudo na memória. Por fim, quando a chamada para o embarque soou, ele abraçou o filho contra o peito e sussurrou:

— *Allah hafiz.*⁹⁸ Escreve à tua mãe.

— Sim, Abbu.

— Não te esqueças de quem és, Ramiz.

— Sim, Abbu.

Ramy tinha catorze anos na altura, idade suficiente para entender o significado do orgulho. Ramy pretendia fazer mais do que se lembrar, pois ele compreendia agora porque é que o pai sorria naquele dia na sala de estar — não fora por fraqueza ou submissão, nem por medo de represálias. Ele estava a desempenhar um papel. Estava a mostrar a Ramy como é que se fazia.

Mente, Ramiz. Esta fora a lição, a lição mais importante que ele alguma vez aprendera. Esconde-te, Ramiz. Mostra ao mundo o que eles querem; contorce-te de modo que sejas a imagem que eles querem ver, porque é assumindo o controlo da história que tu os controlas. Esconde a tua fé, esconde as tuas orações, pois Allah ainda conhecerá o teu coração.

E que atuação Ramy encenou. Ele não teve nenhum problema para se movimentar na alta sociedade inglesa — Calcutá tinha o seu quinhão de tabernas, salas de concerto e teatros ingleses, e o que ele viu no Yorkshire não era mais do que uma expansão do microcosmo da elite no qual crescera. Carregava ou suavizava o seu sotaque dependendo do público. Aprendeu todas as ideias fantasiosas que os ingleses tinham sobre o seu povo, desenvolveu-as como um dramaturgo experiente e representou-as. Sabia quando

fingir ser um lascarim, um criado, um príncipe. Aprendeu quando bajular e quando se depreciar. Poderia ter escrito uma tese sobre o orgulho branco e a curiosidade branca. Sabia como se tornar um objeto de fascinação ao mesmo tempo que se neutralizava enquanto ameaça. Aperfeiçoou o maior de todos os truques, o qual era enganar um inglês de modo que este o encarasse com respeito.

Tornou-se tão bom a fazer tudo aquilo que quase se começou a perder no artifício. Um ator acreditar nas suas próprias histórias, ser cego pelos aplausos era, de facto, uma armadilha perigosa. Ele conseguia imaginar-se como um investigador de pós-graduação, repleto de distinções e prémios. Um advogado bem pago no Jurídico. Um intérprete simultâneo altamente aclamado, navegando entre Londres e Calcutá e trazendo riquezas e presentes para a sua família sempre que regressava.

E assustava-o, às vezes, a facilidade com que se movia por Oxford, quão atingível esse futuro imaginado parecia. Por fora, deslumbrava; por dentro, sentia-se uma fraude, um traidor. E estava a começar a desesperar, a perguntar-se se tudo o que iria conseguir era tornar-se um lacaios do império, como Wilson pretendia, pois as vias de resistência anticolonial pareciam tão poucas e tão sem esperança.

Então, no seu terceiro ano, Anthony Ribben apareceu vindo dos mortos e perguntou-lhe:

— Queres juntar-te a nós?

E Ramy, sem hesitar, olhou-o nos olhos e disse:

— Sim.

⁹⁶ Embora não soubesse, Ramy estava no centro de um debate entre os orientalistas — que incluíam Sir Horace Wilson —, que favoreciam o ensino de sânscrito e árabe a estudantes indianos, e os anglicistas — que incluíam o Sr. Trevelyan —, que acreditavam que os estudantes indianos promissores deviam aprender inglês.

Esse debate cairia firmemente para o lado dos anglicistas, mais bem representados pela infame «Minuta Sobre a Educação» de fevereiro de 1835 de Lord Thomas Macaulay: «Devemos, no momento, fazer o possível para formar uma classe que possa ser intérprete entre nós e os milhões que governamos — uma classe de pessoas indianas em sangue e cor, mas inglesas em gostos, opiniões, moral e intelecto.»

⁹⁷ A eleição de Wilson para este cargo levantara alguma controvérsia. Ele estivera em acalorada competição com o Reverendo W.H. Mill pela eleição, e os apoiantes do Reverendo Mill espalharam o boato de que Wilson não tinha o caráter adequado para o cargo, pois tinha oito filhos ilegítimos. Os partidários de Wilson defenderam-no alegando que, na verdade, ele tinha apenas dois.

⁹⁸ «Adeus; que Deus te proteja.»

CAPÍTULO DEZASSEIS

R

Parece bastante certo que os chineses — um povo que ama o dinheiro e sabe ganhá-lo — são tão viciados no comércio e tão desejosos de cortejar uma relação comercial com estranhos como qualquer outra nação do mundo.

JOHN CRAWFURD, «Império e Comércio Chinês»

A manhã chegou. Robin levantou-se, lavou-se e vestiu-se para a aula. Encontrou Ramy no exterior da casa. Nenhum dos dois disse uma palavra; caminharam em silêncio até à porta da torre, a qual, apesar do súbito receio de Robin, se abriu para os deixar entrar. Estavam atrasados; a Professora Craft já estava a dar aula quando se sentaram. Letty lançou-lhes um olhar irritado. Victoire fez um aceno de cabeça para Robin com uma expressão inescrutável no rosto. A Professora Craft continuou como se não os tivesse visto; era assim que ela lidava sempre com os atrasos. Eles pegaram nas suas canetas e começaram a tirar apontamentos sobre Tácito e os seus espinhosos absolutos ablativos.

A sala parecia ao mesmo tempo mundana e dolorosamente bela: a luz da manhã fluía através dos vitrais, projetando padrões coloridos nas mesas de madeira polida; o giz riscava com pureza o quadro-negro; e os livros antigos emitiam um cheiro doce e amadeirado. Um sonho; isto era um sonho impossível, este mundo frágil e encantador no qual, pelo preço das suas convicções, ele recebera permissão para permanecer.

Naquela tarde, receberam avisos nos seus pombos para se prepararem para partir para Cantão via Londres no dia 11 de outubro — dali a dois dias. Passariam três semanas na China —

duas em Cantão e uma em Macau — e depois parariam na Ilha Maurícia durante dez dias a caminho de casa.

Os vossos destinos são temperados, mas a viagem marítima pode ser fria, dizia o aviso. *Tragam um casaco grosso*.

— Não é um pouco cedo? — perguntou Letty. — Pensei que só íamos depois dos exames.

— Está explicado aqui. — Ramy tocou na parte inferior da página. — Circunstâncias especiais em Cantão; eles estão com poucos tradutores de chinês e querem que os Babblers preencham a lacuna, portanto, adiantaram a nossa viagem.

— Bem, isto é emocionante! — Letty fez um sorriso rasgado. — Será a nossa primeira oportunidade de sairmos para o mundo e *fazermos* alguma coisa.

Robin, Ramy e Victoire trocaram olhares entre si. Todos partilhavam a mesma suspeita — esta partida repentina estava de alguma forma ligada à noite de sexta-feira. Mas não podiam saber o que isso significava relativamente à suposta inocência de Ramy e Victoire ou o que esta viagem reservava para todos.

O último dia antes de partirem foi uma tortura. A única entre eles que sentia algum entusiasmo era Letty e ela encarregou-se de entrar nos quartos deles naquela noite para se certificar de que os seus baús estavam devidamente arrumados.

— Vocês não fazem ideia do frio que faz no mar de manhã — disse ela, dobrando as camisas de Ramy numa pilha organizada na cama dele. — Vais precisar de mais do que apenas uma camisa de linho, Ramy, vais querer ter pelo menos duas camadas.

— Por favor, Letitia. — Ramy afastou-lhe a mão antes que ela pudesse pegar nas suas meias. — Já todos estivemos no mar antes.

— Bem, eu viajo regularmente — disse ela, ignorando-o. — Eu sei. E devíamos ter um saquinho de remédios... tinturas para dormir, gengibre... Não sei se dá tempo de darmos um salto a uma loja, mas talvez tenhamos de o fazer em Londres...

— É muito tempo num navio pequeno — retorquiu Ramy. — Não são as Cruzadas.

Letty virou-se rigidamente para verificar o baú de Robin. Victoire lançou um olhar impotente a Robin e Ramy. Não podiam falar livremente na presença de Letty, portanto, só podiam ficar ali a ferver de ansiedade. As mesmas perguntas sem resposta atormentavam-nos a todos. Que se passava? Tinham sido perdoados ou o machado ainda estava à espera de cair? Iriam embarcar ingenuamente no navio para Cantão, apenas para serem abandonados do outro lado?

E, mais importante, como é que era possível que tivessem sido recrutados separadamente para a Sociedade Hermes sem saberem uns dos outros? Ramy e Victoire, pelo menos, tinham alguma desculpa — eram novos na Hermes; podiam ter ficado demasiado assustados com as exigências de silêncio da sociedade para dizerem logo alguma coisa a Robin. Mas Robin sabia da Hermes há já três anos e nunca tinha dito nada uma única vez, nem sequer a Ramy. Fizera um excelente trabalho a esconder o seu maior segredo dos amigos que, segundo proclamava, estavam no seu coração.

Robin suspeitava de que esse facto tinha abalado muito Ramy. Naquela noite, depois de acompanharem as raparigas até aos seus alojamentos a norte, Robin tentou abordar o assunto, mas Ramy abanou a cabeça.

— Agora não, Birdie.

O coração de Robin doía-lhe.

— Mas eu só queria explicar...

— Então, acho que devemos esperar pela Victoire — disse Ramy secamente. — Não achas?

Na tarde seguinte, seguiram para Londres com o Professor Lovell, que iria ser o seu supervisor durante a viagem. O percurso foi, felizmente, muito mais curto do que a viagem de diligência de dez horas que trouxera Robin para Oxford três anos antes. A linha férrea entre Oxford e a estação de Paddington fora finalmente concluída no verão anterior e a sua inauguração fora comemorada com a instalação de barras de prata debaixo da plataforma da recém-construída Estação de Oxford.⁹⁹ Deste modo, a viagem durou

apenas uma hora e meia, e durante a mesma Robin conseguiu não encontrar os olhos do Professor Lovell nenhuma vez.

O navio deles só partia no dia seguinte e eles iriam passar a noite numa pousada na New Bond Street. Letty insistiu para que fossem explorar um pouco Londres, portanto, acabaram por ir ver o espetáculo de alguém que se denominava Princesa Caraboo. A Princesa Caraboo era famosa entre os estudantes de Babel. Inicialmente filha de um humilde sapateiro, ela persuadira várias pessoas a acreditarem que era uma realeza exótica da ilha de Javasú. Mas já fazia quase uma década desde que a Princesa Caraboo fora desmascarada como sendo Mary Willcocks de North Devon, e o seu espetáculo — que consistia numa estranha dança saltitante, várias exclamações muito enfáticas numa língua inventada e orações a um deus a que ela chamava Allah-Tallah (aqui Ramy torceu o nariz) — acabou por ser mais patético do que engraçado. A apresentação deixou-lhes um gosto amargo na boca; eles saíram mais cedo e voltaram para a estalagem, cansados e lacónicos.

Na manhã seguinte, embarcaram num veleiro da Companhia das Índias Orientais chamado *Merope*, que ia direto para Cantão. Estes navios tinham sido construídos para serem rápidos, pois tinham de transportar mercadorias perecíveis de um lado para o outro o mais rápido possível. Eram, portanto, equipados com barras de prata de última geração de modo que acelerassem a sua viagem. Robin lembrava-se vagamente de que a sua primeira viagem de Cantão para Londres, dez anos antes, demorara quase quatro meses. Aqueles veleiros podiam fazer essa viagem em apenas seis semanas.

— Entusiasmado? — perguntou-lhe Letty enquanto o *Merope* saía do Porto de Londres pelo Tamisa em direção ao mar alto.

Robin não tinha a certeza. Sentia-se estranho desde que tinham embarcado, embora não conseguisse dar um nome ao seu desconforto. Não lhe parecia real o facto de estar a voltar. Dez anos antes, sentira-se entusiasmado enquanto navegava em direção a Londres, com a cabeça a girar com os sonhos de um mundo do outro lado do oceano. Desta vez, achava que sabia o que esperar e

isso assustava-o. Imaginava o seu regresso a casa com uma expectativa terrível; o medo de alguém que não reconhece a própria mãe no meio de uma multidão. Será que reconheceria o que iria ver? Será que se lembraria sequer? Ao mesmo tempo, a perspectiva de ver Cantão novamente parecia-lhe demasiado repentina e inacreditável; deu por si com a estranha convicção de que quando lá chegassem, a cidade teria desaparecido completamente do planeta.

Ainda mais assustadora era a possibilidade de ser obrigado a ficar assim que chegasse; que Lovell tivesse mentido e toda aquela viagem tivesse sido arquitetada para o tirar de Inglaterra. Ele iria ser exilado de Oxford e de tudo o que conhecia para sempre.

Entretanto, tinham seis semanas no mar para aguentar. Estas provaram ser torturantes desde o início. Ramy e Victoire eram como condenados. Pálidos e sobressaltados, estremeciam ao menor ruído e eram incapazes de se envolverem na mais simples conversa de circunstância sem assumirem expressões de terror absoluto. Nenhum deles tinha sido punido pela universidade. Nenhum deles fora sequer chamado para ser interrogado. Mas Robin tinha a certeza de que pelo menos o Professor Lovell suspeitava do envolvimento deles. A culpa estava estampada nos seus rostos. Então, até que ponto é que Babel sabia? Até que ponto é que Hermes sabia? E o que acontecera à sala segura de Griffin?

O que Robin mais queria era discutir as coisas com Ramy e Victoire, mas eles nunca tinham uma oportunidade. Letty estava sempre presente. Mesmo à noite, quando se retiravam para as suas cabinas separadas, não havia nenhuma hipótese de Victoire escapar para se juntar aos rapazes sem que Letty começasse a suspeitar. Eles não tinham escolha a não ser fingir que estava tudo normal, mas eram péssimos a fazê-lo. Estavam sempre a suar, inquietos e irritáveis. Nenhum deles conseguia sentir entusiasmo algum pelo que deveria ter sido o capítulo mais emocionante das suas carreiras. E não conseguiam conversar sobre mais nada; nenhuma das suas velhas piadas ou debates inconsequentes lhes vinha facilmente à mente e, sempre que o tentavam, soavam demasiado rígidos e forçados. Letty — insistente, tagarela e alheia — irritava-os a todos, e embora eles tentassem esconder a sua

irritação, pois a culpa não era dela, não conseguiam deixar de lhe responder torto quando ela perguntava pela décima vez o que pensavam sobre a culinária cantonesa.

Finalmente, ela percebeu que algo se passava. Na terceira noite da viagem, depois de o Professor Lovell ter deixado o refeitório a seguir ao jantar, ela atirou com o garfo para o prato e perguntou:

— Qual é o vosso problema?

Ramy deitou-lhe um olhar impávido.

— Não sei o que queres dizer.

— Não finjas — disparou Letty. — Vocês estão todos a agir de forma estranha. Não tocam na comida, estão a trucidar as vossas lições... acho que nem sequer tocaste no teu livro de frases, Ramy, o que é estranho porque andas a dizer há meses que apostas que consegues imitar um sotaque chinês melhor do que o Robin...

— Estamos enjoados — desabafou Victoire. — Está bem? Nem todos nós crescemos a passar os verões no Mediterrâneo como tu.

— E suponho que também estavas enjoada em Londres? — perguntou Letty com astúcia.

— Não, apenas cansado da tua voz — disse Ramy com crueldade. Letty recuou.

Robin empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Preciso de ar.

Victoire chamou-o, mas ele fingiu não ouvir. Sentia-se culpado por a abandonar e a Ramy, deixando-os com Letty, por fugir das consequências catastróficas, mas não suportava continuar naquela mesa nem mais um minuto. Sentia-se muito quente e agitado, como se tivesse mil formigas a rastejar debaixo da roupa. Se não fugisse, não andasse e não se mexesse, tinha a certeza de que iria explodir.

Lá fora estava frio e a escurecer rapidamente. O convés estava vazio, exceto pelo Professor Lovell, que estava a fumar junto à proa. Robin quase voltou para trás quando o viu — eles não tinham trocado nenhuma palavra, exceto umas frases educadas, desde a manhã a seguir à sua captura —, mas o Professor Lovell já o tinha visto. Ele baixou o cachimbo e acenou para Robin se juntar a ele. Com o coração a bater com força, Robin aproximou-se.

— Lembro-me da última vez que fizeste esta viagem. — O Professor Lovell acenou com a cabeça para as ondas negras e ondulantes. — Eras tão pequeno.

Robin não sabia como responder, portanto, limitou-se a olhar para ele, esperando que continuasse. Para sua grande surpresa, o Professor Lovell estendeu a mão e pousou-a no ombro de Robin. Mas o toque pareceu estranho, forçado; os ângulos eram errados, a pressão demasiado forte. Eles ficaram ali parados, tensos e perplexos, como dois atores diante de um daguerreótipo, mantendo as suas posições só até o *flash* disparar.

— Eu acredito em recomeços — disse o Professor Lovell. Parecia ter ensaiado aquelas palavras; elas saíram tão afetadas e desajeitadas como o seu toque. — O que quero dizer, Robin, é que tu és muito talentoso. Ficaríamos tristes por te perder.

— Obrigado — foi tudo o que Robin disse, pois ainda não fazia ideia do que ia sair dali.

O Professor Lovell pigarreou e acenou um pouco com o cachimbo antes de falar, como se estivesse a forçar as palavras a saírem-lhe do peito.

— De qualquer forma, o que eu gostaria realmente de dizer, o que talvez devesse ter dito antes, é que consigo entender se te estiveres a sentir... dececionado comigo.

Robin pestanejou.

— Senhor?

— Eu devia ter sido mais compreensivo com a tua situação. — O Professor Lovell olhou para o oceano. Parecia ter dificuldade em fitar os olhos de Robin e falar ao mesmo tempo. — Cresceres fora do teu país, deixares tudo o que conhecias para trás, adaptares-te a um novo ambiente onde tenho a certeza de que recebeste... bem, menos do que a quantidade de afeto e carinho de que provavelmente precisavas... Todas essas foram coisas que afetaram também o Griffin e não posso dizer que lidei melhor com a situação da segunda vez. És responsável pelas tuas próprias más decisões, mas confesso que me culpo em parte.

Ele pigarreou novamente.

— Gostava que começássemos outra vez. Um novo princípio para ti e um compromisso renovado da minha parte de ser um tutor melhor. Vamos fingir que os últimos dias nunca aconteceram. Vamos deixar a Sociedade Hermes e o Griffin para trás. Pensaremos apenas no futuro e em todas as coisas gloriosas e brilhantes que alcançarás em Babel. Achas justo?

Robin ficou momentaneamente mudo. Para ser sincero, aquela não era uma concessão muito grande. O Professor Lovell apenas se desculpara por ser, ocasionalmente, um tanto distante. Não se desculpara por se recusar a reivindicar Robin como filho. Não se desculpara por ter deixado a sua mãe morrer.

Ainda assim, reconhecera os sentimentos de Robin mais do que alguma vez o fizera antes e, pela primeira vez desde que tinham embarcado no *Merope*, Robin sentiu que podia respirar.

— Sim, senhor — murmurou Robin, pois não havia mais nada para dizer.

— Muito bem. — O Professor Lovell deu-lhe uma palmadinha no ombro, um gesto tão desajeitado que Robin se encolheu, e passou por ele em direção às escadas. — Boa noite.

Robin voltou-se para as ondas. Respirou fundo e fechou os olhos, tentando imaginar como se sentiria se pudesse realmente apagar a semana anterior. Estaria exultante, não era? Estaria a olhar para o horizonte, a voar para o futuro para o qual estivera a estudar. E que futuro empolgante — uma viagem bem-sucedida a Cantão, um quarto ano cansativo e depois o término do curso e um cargo no Ministério dos Negócios Estrangeiros ou uma bolsa de investigação na torre. Viagens repetidas a Cantão, Macau e Pequim. Uma longa e gloriosa carreira a traduzir em nome da Coroa. Havia muito poucos sinólogos qualificados em Inglaterra. Ele poderia ser o primeiro em tanta coisa. Poderia abrir tantos caminhos.

Será que não deveria querer isso? Será que não o deveria emocionar?

Ainda o podia ter. Era o que o Professor Lovell lhe tinha estado a tentar dizer — que a história era maleável, que tudo o que importava eram as decisões do presente. Que podiam enterrar Griffin e a Sociedade Hermes nos recessos do passado intocado — ele nem

sequer precisava de os trair, apenas ignorá-los —, tal como tinham enterrado tudo o que concordavam que era melhor não ser mencionado.

Robin abriu os olhos, olhou para as ondas ondulantes até perder o foco, até ficar a olhar para o nada, e tentou convencer-se de que se não estava feliz, pelo menos sentia-se satisfeito.

A viagem durava já há uma semana quando Robin, Ramy e Victoire tiveram um momento privado a sós. A meio do seu passeio matinal, Letty voltou para a sua cabina, alegando uma indisposição de estômago. Victoire ofereceu-se sem entusiasmo para ir com ela, mas Letty dispensou-a — ainda estava irritada com todos e queria claramente ficar sozinha.

— Pronto. — Assim que Letty se afastou, Victoire aproximou-se mais de Robin e Ramy, fechando o espaço criado pela ausência de Letty, de modo que os três ficaram bem juntos, um silo impenetrável contra o vento. — Em nome de Deus, o que é que...

Começaram todos a falar ao mesmo tempo.

— Porque é que não...

— Acham que o Lovell...

— Quando é que tu primeiro...

Calaram-se todos. Victoire tentou novamente.

— Então, quem é que te recrutou? — perguntou ela a Robin. — Não foi o Anthony, ele ter-nos-ia dito.

— Mas o Anthony não está...

— Não, ele está bem vivo — disse Ramy. — Fingiu a sua morte no estrangeiro. Mas responde à pergunta, Birdie.

— Griffin — disse Robin, ainda a recuperar daquela revelação. — Eu disse-vos. Griffin Lovell.

— Quem é? — perguntou Victoire.

E Ramy exclamou em simultâneo:

— *Lovell?*

— Um antigo aluno de Babel. Acho que ele também é... quero dizer, ele disse que é meu meio-irmão. Parece-se comigo e achamos que o Lovell... quero dizer, o nosso pai... — Robin estava a tropeçar nas palavras. O carácter chinês 布 significava tanto

«tecido» como «relatar, contar». A verdade estava bordada numa tapeçaria de pano, estendida de modo que exibisse o seu conteúdo. Mas Robin, a confessar finalmente aos seus amigos, não fazia ideia de por onde começar. A imagem que ele apresentava era confusa e revolta, distorcida pela sua complexidade não importava como ele a contasse. — Ele deixou Babel há vários anos e depois entrou na clandestinidade perto da altura em que a Evie Brooke... quero dizer, ah, acho que ele matou a Evie Brooke.

— Meu Deus — disse Victoire. — A sério? Porquê?

— Porque ela o apanhou a trabalhar para a Hermes — disse Robin. — Eu não sabia até o Professor Lovell me contar.

— E tu acreditas nele? — perguntou Ramy.

— Sim — disse Robin. — Sim, acho que o Griffin faria... o Griffin é sem dúvida o tipo de pessoa que teria... — Ele abanou a cabeça. — Escutem, o importante é que o Lovell pensa que eu estava a agir sozinho. Ele falou com algum de vocês?

— Comigo não — disse Victoire.

— Nem comigo — disse Ramy. — Ninguém nos abordou.

— Isso é bom! — exclamou Robin. — Não é?

Houve um silêncio constrangido. Ramy e Victoire não pareciam tão aliviados como Robin esperava.

— Isso é bom? — disse Ramy finalmente. — É tudo o que tens para dizer?

— Que queres dizer? — perguntou Robin.

— Que achas que eu quero dizer? — perguntou Ramy. — Não fijas do assunto. Quanto tempo estiveste com a Hermes?

Não havia nada a fazer exceto ser sincero.

— Desde que cheguei aqui. Desde a primeira semana.

— Estás a brincar?

Victoire tocou-lhe no braço.

— Ramy, não...

— Não me digas que isso não te deixa furiosa — retorquiu Ramy para ela. — São três anos. Três anos em que ele nunca nos contou o que andava a fazer.

— Espera um pouco — disse Robin. — Estás zangado *comigo*?

— Muito bem, Birdie, percebeste.

— Eu não percebo... Ramy, o que é que eu fiz de mal?

Victoire suspirou e olhou para a água. Ramy lançou um olhar furioso a Robin e explodiu:

— Porque é que não me *perguntaste*?

Robin ficou atordoado com a veemência dele.

— Estás a falar a sério?

— Tu conheces o Griffin há anos — disse Ramy. — *Anos*. E nunca pensaste em nos falar disso? Nunca pensaste que também gostaríamos de nos juntar a vocês?

Robin não podia acreditar no quão injusto aquilo era.

— Mas tu nunca me disseste nada a *mim*...

— Eu queria dizer — disse Ramy.

— Nós íamos dizer — disse Victoire. — Implorámos ao Anthony e quase o deixámos escapar tantas vezes. Ele estava sempre a dizer-nos para não o fazermos, mas decidimos que te íamos contar. Íamos fazer isso naquele domingo...

— Mas tu nem sequer perguntaste ao Griffin, pois não? — quis saber Ramy. — Três anos. Meu Deus, Birdie.

— Eu estava a tentar proteger-vos — disse Robin impotente.

Ramy zombou.

— Do quê? Da comunidade exata que queríamos?

— Eu não vos queria pôr em risco...

— Porque é que não me deixaste decidir isso por mim?

— Porque eu sabia que tu dirias que sim — disse Robin. — Porque tu juntar-te-ias a eles de imediato e abdicarias de tudo em Babel, de tudo pelo qual trabalhaste...

— Tudo pelo qual trabalhei é *isto*! — exclamou Ramy. — O quê, achas que vim para Babel porque quero ser um tradutor da Rainha? Birdie, eu odeio tudo neste país. Odeio o modo como eles olham para mim, odeio ser apresentado nas festas deles como um animal em exibição. Odeio saber que a minha própria presença em Oxford é uma traição à minha raça e à minha religião, porque me estou a tornar exatamente o tipo de pessoa que Macaulay esperava criar. Estou à espera de uma oportunidade como a Hermes desde que cheguei aqui...

— Mas é exatamente isso — disse Robin. — Era precisamente por isso que era muito arriscado para ti...

— E para ti não é?

— Não — disse Robin, subitamente zangado. — Não foi.

Ele não precisava de dizer porquê. Robin, cujo pai estava no corpo docente, que podia passar por branco com a iluminação certa, os ângulos certos, estava protegido de uma forma que Ramy e Victoire não estavam. Se Ramy ou Victoire tivessem enfrentado a polícia naquela noite, eles não estariam neste navio, estariam atrás das grades, ou pior.

A garganta de Ramy pulsava.

— Raios, Robin.

— Tenho a certeza de que não foi fácil — disse Victoire, tentando valentemente intermediar a paz. — Eles são tão rigorosos com os seus segredos, lembra-te...

— Sim, mas nós conhecemo-nos uns aos outros. — Ramy lançou um olhar furioso para Robin. — Ou, pelo menos, eu achava que sim.

— A Hermes é descoordenada — insistiu Robin. — Eles ignoraram os meus avisos, abandonam os membros à sua sorte e não te teria feito bem nenhum seres mandado para casa no primeiro ano...

— Eu teria sido cuidadoso — zombou Ramy. — Não sou como tu, não tenho medo da minha própria sombra...

— Mas tu não és cuidadoso — disse Robin, exasperado. Estavam a trocar insultos agora. Estavam a ser francos agora. — Foste apanhado, não foste? Tu és impulsivo, não *pensas*; assim que alguém insulta o teu orgulho, tu reages...

— Então e a Victoire?

— A Victoire... — Robin calou-se. Não tinha defesa. Ele não contara a Victoire sobre a Hermes porque presumira que ela tinha demasiado a perder, mas não havia nenhuma boa forma de o dizer em voz alta ou justificar a sua lógica.

Ela sabia o que ele queria dizer e evitou encontrar o seu olhar suplicante.

— Graças a Deus pelo Anthony — foi tudo o que disse.

— Só tenho mais uma pergunta — disse Ramy abruptamente. Ele estava mesmo muito furioso, percebeu Robin. Aquilo não fora

apenas uma explosão de paixão ao estilo de Ramy. Aquilo era algo que eles talvez não conseguissem ultrapassar. — O que é que disseste para que ele esquecesse tudo? O que é que lhe deste?

Robin não podia mentir na cara de Ramy. Queria fazê-lo; estava com muito medo da verdade e da maneira como Ramy olharia para ele quando a ouvisse, mas não conseguia esconder isto. Iria destruí-lo.

— Ele queria informações.

— E então?

— Então, eu dei-lhe informações.

Victoire levou a mão à boca.

— Tudo?

— Só o que eu sabia — disse Robin. — O que não era muito, o Griffin garantiu isso; eu nunca soube sequer o que ele fazia com os livros que eu lhe levava. Tudo o que revelei ao Lovell foi uma sala segura em St Aldate.

Não ajudou. Ela ainda estava a olhar para ele como se ele tivesse dado um pontapé a um cãozinho.

— Estás louco? — perguntou Ramy.

— Não têm importância — insistiu Robin. — O Griffin nunca está lá, ele mesmo me disse, e aposto que não o apanharam. Ele é incrivelmente paranoico; aposto que já está fora do país a esta altura.

Ramy abanou a cabeça espantado.

— Mas tu traíste-os mesmo assim.

Aquilo era profundamente injusto, pensou Robin. Ele salvara-os — fizera a única coisa em que conseguira pensar para minimizar os danos —, o que era mais do que a Hermes tinha feito por ele. Porque é que estava agora a ser atacado?

— Eu só vos estava a tentar salvar...

Ramy não se comoveu.

— Tu estavas a salvar-te a ti mesmo.

— Olha — explodiu Robin. — Eu não tenho família. Tenho um contrato, um tutor e uma casa em Cantão cheia de parentes mortos que, tanto quanto sei, ainda são capazes de estar a apodrecer nas

suas camas. É para isso que estou a voltar. Tu tens Calcutá. Sem Babel, eu não tenho nada.

Ramy cruzou os braços e cerrou o maxilar.

Victoire lançou a Robin um olhar compreensivo, mas não disse nada em sua defesa.

— Eu não sou um traidor — implorou Robin. — Estou apenas a tentar sobreviver.

— Sobreviver não é assim tão difícil, Birdie. — Os olhos de Ramy eram muito duros. — Mas tens de manter alguma dignidade enquanto o fazes.

O resto da viagem foi decididamente miserável. Ramy, segundo parecia, tinha dito tudo o que queria dizer. Ele e Robin passavam todas as horas em que estavam na sua cabina partilhada num silêncio desesperadamente desconfortável. A hora das refeições não era muito melhor. Victoire era educada, mas distante; ela não podia dizer muito na presença de Letty e não fazia grandes esforços para procurar Robin fora dessas alturas. E Letty ainda estava zangada com todos, o que tornava a conversa de circunstância quase impossível.

As coisas teriam sido melhores se tivessem alguma outra alma como companhia, mas eles eram os únicos passageiros de um navio mercante onde os marinheiros pareciam interessados em tudo menos em fazer amizade com académicos de Oxford, os quais consideravam um fardo indesejado e inoportuno. Robin passava a maior parte dos seus dias sozinho no convés ou sozinho na cabina. Em quaisquer outras circunstâncias, a viagem teria sido uma oportunidade fascinante para examinar a linguística única dos ambientes náuticos, que combinava o multilinguismo necessário trazido por tripulações estrangeiras e destinos estrangeiros com o vocabulário altamente técnico das embarcações. O que era um dia de baniano? O que era prender as relingas? A âncora estava presa ao fim do cabo ou à ponta do cabo? Normalmente, ele teria gostado de descobrir. Mas estava ocupado a amuar, ainda perplexo e ressentido por ter perdido os amigos enquanto os tentava salvar.

Letty, coitada, era a mais confusa de todos. Os outros, pelo menos, sabiam a causa das hostilidades. Letty não fazia ideia do que se passava. Era a única inocente ali, injustamente apanhada no fogo cruzado. Tudo o que ela sabia era que as coisas estavam azedas e havia problemas e ela estava a ficar doida a tentar descobrir qual era o motivo. Qualquer outra pessoa poderia ter ficado retraída e mal-humorada, ressentida por ter sido excluída pelos seus amigos mais próximos. Mas Letty estava tão determinada como sempre, decidida a resolver os problemas pela força bruta. Quando nenhum deles lhe deu uma resposta concreta à pergunta «Que aconteceu?», ela decidiu tentar conquistá-los um a um e descobrir os seus segredos através da simpatia e sendo extremamente atenciosa.

Mas isso teve o efeito oposto do pretendido. Ramy começou a sair das salas sempre que ela entrava. Victoire, que como colega de quarto de Letty não podia escapar dela, começou a aparecer ao pequeno-almoço parecendo abatida e exasperada. Quando Letty lhe pedia o sal, Victoire dizia-lhe de modo tão feroz para o ir buscar ela mesma que Letty recuava, magoada.

Destemida, ela começou a abordar tópicos surpreendentemente pessoais sempre que estava sozinha com um deles, como um dentista que ia tocando nos dentes para ver qual doía mais, para assim encontrar o que precisava de ser arranjado.

— Não deve ser fácil — disse ela a Robin um dia. — Tu e ele.

Robin, que a princípio pensara que ela estava a falar sobre Ramy, ficou rígido.

— Eu não... que queres dizer?

— É tão óbvio — disse ela. — Quero dizer, tu pareces-te muito com ele. Toda a gente consegue ver, não é como se alguém não suspeitasse.

Ela referia-se ao Professor Lovell, percebeu Robin. Não a Ramy. Ele ficou tão aliviado que começou a conversar.

— É um arranjo estranho — admitiu ele. — Habituei-me tanto à situação que parei de me perguntar por que razão não é de outra forma.

— Porque é que ele não te reconhece publicamente? — perguntou ela. — Achas que será por causa da família? Da mulher?

— Talvez — disse ele. — Mas não me incomoda, na verdade. Eu não saberia o que fazer se ele se declarasse meu pai, para ser sincero. Não tenho a certeza se quero ser um Lovell.

— Mas isso não te magoa?

— Porque é que o faria?

— Bem, o meu pai... — ela começou, mas depois parou e tossiu de modo afetado. — Quero dizer, vocês todos sabem. O meu pai não fala comigo, não olhou para mim nem falou comigo depois do Lincoln, e... Eu só queria dizer que sei um pouco como é. É tudo.

— Lamento, Letty. — Ele deu-lhe uma palmadinha na mão e sentiu-se imediatamente culpado por isso; parecia tão falso.

Mas ela aceitou o gesto como genuíno. Também ela devia estar desejosa de um contacto familiar, de alguma indicação de que os amigos ainda gostavam dela.

— E eu só queria dizer que estou aqui para te apoiar. — Ela pegou na mão dele. — Espero não estar a ser demasiado ousada, mas é que percebi que ele não te está a tratar da mesma forma, não como costumava fazer. Ele não te olha nos olhos e não fala contigo diretamente. E eu não sei o que aconteceu, mas não é correto, e o que ele te fez é muito injusto. E quero que saibas que se quiseres conversar, Birdie, eu estou aqui.

Ela nunca lhe chamava Birdie. *Esse é o nome do Ramy*, quase exclamou Robin, mas depois percebeu que seria o pior que poderia dizer. Tentou lembrar-se de ser gentil. Ela estava, afinal, apenas a tentar a sua versão de conforto. Letty era teimosa e autoritária, mas importava-se.

— Obrigado. — Ele apertou-lhe os dedos, na esperança de que se não desse mais pormenores, a conversa pudesse ficar por ali. — Agradeço.

Pelo menos havia o trabalho para os distrair. A prática de Babel de enviar coortes inteiras, todas especializadas em idiomas diferentes, nas mesmas viagens de fim de curso, era uma prova do alcance e da capacidade de conexão das companhias comerciais britânicas. O comércio colonial tinha as suas garras em dezenas de países em todo o mundo e a sua mão de obra, consumidores e produtores

falavam dezenas de línguas. Durante a viagem, Ramy era frequentemente solicitado a traduzir para os lascarins de língua urdu e bengali, apesar de o seu bengali ser agora rudimentar, na melhor das hipóteses. Letty e Victoire foram postas a trabalhar, examinando os manifestos de carga para a sua próxima etapa na Ilha Maurícia e traduzindo correspondência roubada a missionários franceses e a empresas comerciais francesas que operavam na China — as Guerras Napoleónicas tinham terminado, mas a competição pelo império não.

Todas as tardes, o Professor Lovell ensinava mandarim a Ramy, Letty e Victoire das duas às cinco. Ninguém esperava que eles fossem fluentes quando atracassem em Cantão, mas o objetivo era dar-lhes vocabulário suficiente para entenderem as saudações básicas, as indicações e os substantivos comuns. Havia também, argumentou o Professor Lovell, um grande benefício pedagógico em aprenderem um idioma totalmente novo num período de tempo muito curto; forçava a mente a expandir-se e a construir conexões rápidas, para contrastar estruturas de linguagem desconhecidas com as que eles já conheciam.

— O chinês é horrível — queixou-se Victoire a Robin uma noite depois da aula. — Não há conjugações, nem tempos, nem declinações; como é que vocês sabem o significado de uma frase? E não me falem dos tons. Eu não os consigo ouvir. Talvez não seja muito musical, mas não consigo mesmo perceber a diferença. Estou a começar a achar que são uma farsa.

— Não importa — assegurou-lhe Robin. Ele estava contente por ela estar a falar com ele. Ao fim de três semanas, Ramy dignara-se finalmente a trocar algumas palavras de educação básica, mas, embora ainda o mantivesse à distância, Victoire perdoara-o o suficiente para falar com ele como um amigo. — Eles não falam mandarim em Cantão de qualquer modo. Vocês precisariam do cantonês para se deslocarem.

— E o Lovell não o fala?

— Não — disse Robin. — Não, é por isso que ele precisa de mim.

À noite, o Professor Lovell preparava-os para o propósito da sua missão em Cantão. Iriam ajudar a negociar em nome de várias

empresas comerciais privadas, sendo a principal a Jardine, Matheson & Companhia. Isso seria mais difícil do que parecia, pois as relações comerciais com a corte Qing tinham sido marcadas por desentendimentos e suspeitas mútuas desde o fim do século passado. Os chineses, desconfiados das influências estrangeiras, preferiam manter os britânicos contidos junto dos outros comerciantes estrangeiros em Cantão e Macau. Mas os mercadores britânicos queriam o comércio livre — portos abertos, acesso ao mercado para lá das ilhas e o levantamento das restrições a importações específicas, como o ópio.

As três tentativas anteriores dos britânicos de negociar direitos comerciais mais amplos tinham terminado num fracasso abjeto. Em 1793, a embaixada Macartney tornou-se uma piada global quando Lorde George Macartney se recusou a ceder ao Imperador Qianlong e regressou sem nada. A embaixada de Amherst de 1816 correu praticamente da mesma maneira quando Lorde William Amherst também se recusou a ceder ao Imperador Jiaqing, sendo-lhe posteriormente recusada a entrada em Pequim. Houve também, é claro, o desastroso caso Napier de 1834, que culminou numa troca inútil de tiros de canhão e na ignóbil morte de Lorde William Napier, de febre, em Macau.

A deles seria a quarta delegação desse tipo.

— Vai ser diferente desta vez — prometeu o Professor Lovell —, porque eles chamaram finalmente tradutores de Babel para liderarem as negociações. Chega de fiascos de falta de comunicação cultural.

— Eles não vos tinham consultado antes? — perguntou Letty. — Isso é incrível.

— Ficaria surpreendida com a frequência com que os comerciantes acham que não precisam da nossa ajuda — disse o professor Lovell. — Eles tendem a presumir que todos deviam aprender naturalmente a falar e a comportar-se como os ingleses. Fizem um belo trabalho a provocar a animosidade local com essa atitude, se os jornais de Cantão não estiverem a exagerar. É melhor esperarem que alguns nativos sejam pouco amigáveis.

Todos eles tinham uma boa ideia do tipo de tensão que iriam encontrar na China. Liam cada vez mais notícias sobre Cantão nos jornais de Londres, ultimamente, os quais relatavam principalmente o tipo de ignomínias que os comerciantes britânicos estavam a sofrer às mãos dos brutais habitantes locais bárbaros. De acordo com o *The Times*, as forças chinesas estavam a intimidar os comerciantes, tentando expulsá-los das suas casas e fábricas, enquanto publicavam coisas ofensivas sobre eles na sua própria imprensa.

O Professor Lovell opinava convictamente que, embora os comerciantes pudessem ter sido mais delicados, esse tipo de tensões elevadas era fundamentalmente culpa dos chineses.

— O problema é que os chineses se convenceram de que são a nação mais superior do mundo — disse ele. — Insistem em usar a palavra *yi* para descrever os europeus nos seus memorandos oficiais, embora lhes tenhamos pedido repetidamente para usarem algo mais respeitoso, já que *yi* é a designação para bárbaros. E eles adotam essa atitude em todas as negociações comerciais e legais. Não reconhecem outras leis, exceto as suas, e não consideram o comércio externo uma oportunidade, mas sim uma incursão incómoda a ser enfrentada.

— O senhor seria a favor da violência, então? — perguntou Letty.

— Poderia ser a melhor coisa para eles — disse o Professor Lovell com surpreendente veemência. — Seria bom ensinar-lhes uma lição. A China é uma nação de pessoas semibárbaras, presa nas garras dos retrógrados governantes manchus, e far-lhe-ia bem se fosse aberta à força para os empreendimentos comerciais e para o progresso. Não, eu não me oporia a um pequeno abalo. Às vezes, uma criança lamurienta deve ser espancada.

Aqui, Ramy olhou de soslaio para Robin, que desviou o olhar. Que mais havia para dizer?

As seis semanas chegaram finalmente ao fim. O Professor Lovell informou-os certa noite, durante o jantar, de que deveriam atracar em Cantão ao meio-dia do dia seguinte. Antes de desembarcarem, foi pedido a Victoire e Letty que ligassem o peito e cortassem o

cabelo acima das orelhas, o qual elas tinham deixado crescer durante os seus anos como veteranas.

— Os chineses são rigorosos quanto à proibição de mulheres estrangeiras em Cantão — explicou o Professor Lovell. — Eles não gostam quando os comerciantes trazem as suas famílias; fá-los pensar que estão aqui para ficar.

— Com certeza, não impõem realmente essa regra — protestou Letty. — E as esposas? E as criadas?

— Os expatriados que estão aqui contratam empregadas locais e mantêm as esposas em Macau. Eles levam muito a sério a aplicação dessas leis. A última vez que um britânico tentou trazer a mulher para Cantão, William Baynes, creio eu, as autoridades locais ameaçaram enviar soldados para a retirar.¹⁰⁰ De qualquer forma, é para vossa própria segurança. Os chineses tratam muito mal as mulheres. Não têm conceção alguma de cavalheirismo. Desprezam as suas mulheres e, em alguns casos, nem sequer permitem que saiam de casa. Será muito melhor para vocês se eles pensarem que são homens jovens. Vão descobrir que a sociedade chinesa continua a ser bastante atrasada e injusta.

— Pergunto-me como será isso — disse Victoire secamente, aceitando o boné.

Na manhã seguinte, eles passaram a hora do nascer do Sol no convés, circulando pela proa e inclinando-se ocasionalmente sobre a amurada, como se aqueles centímetros de diferença os ajudassem a ver aquilo de que a ciência da navegação afirmava que se estavam a aproximar rapidamente. A espessa névoa da madrugada acabava de dar lugar ao céu azul quando o horizonte revelou uma faixa fina de verde e cinzento. Lentamente, essa faixa ganhou pormenores, como um sonho que se materializava; as cores desfocadas tornaram-se uma costa e depois a silhueta de inúmeros edifícios por trás de uma massa de navios atracados no minúsculo ponto onde o Reino do Meio encontrava o mundo.

Pela primeira vez numa década, Robin deu por si a olhar para as costas da sua pátria.

— Em que estás a pensar? — perguntou-lhe Ramy em voz baixa.

Era a primeira vez que falavam diretamente um com o outro no espaço de semanas. Não era uma trégua — Ramy ainda se recusava a olhá-lo nos olhos. Mas era uma abertura, um reconhecimento relutante de que, apesar de tudo, Ramy ainda se importava, e Robin sentiu-se grato por isso.

— Estou a pensar no carácter chinês para o amanhecer — disse ele com sinceridade. Não se podia permitir pensar na magnitude mais abrangente de tudo aquilo. Os seus pensamentos ameaçavam espalhar-se para coisas que ele temia não conseguir controlar, portanto, ele tinha de os trazer para a distração familiar da linguagem. — *Dàn*. É assim. — Ele desenhcou o carácter no ar: 旦. — Em cima está o radical para o Sol, *rì*. — Ele desenhcou 日. — E abaixo disso, uma linha. E estou a pensar que é lindo porque é tão simples. É o uso mais direto da pictografia. Porque o amanhecer é apenas o Sol a surgir no horizonte.

⁹⁹ A proliferação da rede ferroviária britânica ocorreu muito rapidamente após a invenção das locomotivas a vapor movidas a prata. A linha de cinquenta e seis quilómetros entre Liverpool e Manchester, construída em 1830, foi o primeiro percurso construído para uso geral, tendo quase dezoito mil quilómetros de linhas sido construídas em Inglaterra desde então. A linha entre Oxford e Londres teria sido construída muito antes, mas os professores de Oxford atrasaram-na durante quase quatro anos, alegando que o acesso fácil às tentações da capital causaria um caos moral nos jovens e ingênuos cavalheiros deixados sob os seus cuidados. E por causa do barulho.

¹⁰⁰ Baynes acabou por colocar um canhão diante da Fábrica Inglesa para impedir que os chineses levassem a sua mulher e foi tudo muito emocionante durante quinze dias até a senhora ser finalmente persuadida a partir em paz.

CAPÍTULO DEZASSETTE

R

*Quae caret ora cruore nostro?
Que costa não conhece o nosso sangue?*

HORÁCIO, *Odes*

Um ano antes, depois de ouvir Colin e os irmãos Sharp a discutir em voz alta na sala comum, Robin fora sozinho a Londres durante um fim de semana para ver a célebre Afong Moy. Anunciada como «a Dama Chinesa», Afong Moy fora trazida da China por um par de comerciantes americanos, que inicialmente esperavam usar uma senhora oriental para mostrar mercadorias adquiridas no estrangeiro, mas perceberam rapidamente que poderiam fazer uma fortuna exibindo-a por toda a costa leste. Esta era a sua primeira viagem a Inglaterra.

Robin tinha lido algures que ela também era de Cantão. Ele não tinha a certeza do que esperava além de um vislumbre, talvez um momento de conexão, com alguém que partilhava a sua pátria. O seu bilhete dava-lhe acesso a uma sala-palco berrante, anunciada como sendo um «Salão Chinês», a qual estava decorada com cerâmicas dispostas aleatoriamente, imitações de má qualidade de pinturas chinesas e uma quantidade sufocante de ouro e damasco vermelho iluminado por lanternas de papel baratas. A Senhora Chinesa estava sentada numa cadeira na parte da frente da sala. Usava uma camisa de seda azul abotoada e os seus pés, visivelmente ligados em linho, estavam apoiados numa pequena almofada diante dela. Parecia muito pequena. O panfleto que ele recebera na bilheteira afirmava que ela tinha cerca de vinte anos, mas poderia facilmente ter apenas doze.

A sala era barulhenta e estava lotada com um público composto principalmente por homens. Eles calaram-se quando, lentamente,

ela se baixou para desamarrar os pés.

A história dos seus pés também era explicada no panfleto. Como acontecia a muitas jovens chinesas, os pés de Afong Moy tinham sido partidos e ligados quando ela era pequena, para restringir o seu crescimento e deixá-los curvados num arco antinatural que lhe dava um andar cambaleante e instável. Enquanto ela atravessava o palco, os homens em redor de Robin avançaram, tentando ver mais de perto. Mas Robin não conseguia entender a atração. A visão dos pés dela não lhe parecia nem erótica nem fascinante e sim uma grande invasão de intimidade. Ali parado, a olhar para ela, ele sentiu-se tão envergonhado como se ela tivesse acabado de baixar as calças diante dele.

Afong Moy voltou para a sua cadeira. Os seus olhos fixaram-se repentinamente nos de Robin; ela parecia ter examinado a sala e encontrado um parentesco no rosto dele. Com as faces coradas, ele desviou o olhar. Quando ela começou a cantar — uma melodia cadenciada e assombrada que ele não reconheceu e não conseguia compreender —, ele abriu caminho pela multidão e saiu da sala.

Além de Griffin, ele não voltara a ver nenhum chinês desde então.

Enquanto navegavam para o interior, ele notou que Letty estava constantemente a olhar para o rosto dele e depois para os rostos dos estivadores, como se os comparasse. Talvez estivesse a tentar determinar exatamente quão chinês ele parecia ou a ver se ele estava a passar por alguma grande catarse emocional. Mas nada se agitava no peito dele. De pé no convés, a poucos minutos de pisar a sua terra natal depois de uma vida inteira longe, tudo o que Robin sentia era vazio.

Ancoraram e desembarcaram em Whampoa, onde embarcaram em barcos mais pequenos para continuarem a subir a orla ribeirinha de Cantão. Aqui, a cidade tornava-se uma onda de barulho, com os estrondos e zumbidos contínuos dos gongos, fogos de artifício e barqueiros a gritar enquanto moviam as suas embarcações para cima e para baixo ao longo do rio. Era insuportavelmente barulhenta. Robin não se lembrava de tanto barulho na sua infância;

ou Cantão tornara-se muito mais movimentada ou os seus ouvidos tinham-se desabituaado dos seus sons.

Eles desembarcaram em Jackass Point, onde foram recebidos pelo Sr. Baylis, o contacto deles com a Jardine, Matheson & Co. O Sr. Baylis era um homem baixo e bem vestido, com olhos escuros e inteligentes que falavam com uma animação surpreendente.

— Não podiam ter chegado em melhor hora — disse ele, apertando a mão do Professor Lovell e depois as de Robin e Ramy. Ignorou as raparigas. — Isto é um desastre aqui; os chineses estão a ficar cada vez mais atrevidos. Quebraram os anéis de distribuição (bombardearam um dos barcos rápidos no porto no outro dia, mas graças a Deus não havia ninguém a bordo) e as repressões irão tornar o comércio impossível se isto continuar.

— E os barcos de contrabando europeus? — perguntou o Professor Lovell enquanto caminhavam.

— Isso foi uma solução alternativa, mas apenas durante algum tempo. Depois, o Vice-Rei começou a enviar os seus homens de porta em porta para fazerem buscas nas casas. A cidade inteira está apavorada. Basta mencionar o nome da droga e assusta qualquer homem. É tudo culpa daquele novo comissário imperial que o imperador enviou. Lin Zexu. Vai conhecê-lo em breve; é com ele que teremos de lidar. — O Sr. Baylis falava tão depressa enquanto caminhavam que Robin ficou surpreendido por ele nunca ficar sem fôlego. — Ele chega e exige a entrega imediata de todo o ópio trazido para a China. Isso foi em março passado. Claro que dissemos que não, portanto, ele suspendeu o comércio e disse-nos que não podíamos sair das Fábricas até estarmos prontos para jogar de acordo com as regras. Consegue imaginar? Ele tem-nos sitiados.

— Um cerco? — repetiu o Professor Lovell, parecendo ligeiramente preocupado.

— Oh, bem, na realidade não foi assim tão mau. O pessoal chinês foi para casa, o que foi um aborrecimento (tive de lavar a minha própria roupa, o que foi um desastre), mas, tirando isso, mantivemos os ânimos elevados. Na verdade, os únicos danos foram comer demais e falta de exercício. — O Sr. Baylis soltou uma risada curta e

desagradável. — Felizmente, isso acabou e agora podemos passear lá fora como quisermos, sem problemas. Mas tem de haver penalidades, Richard. Eles têm de aprender que não se podem safar com isto. Ah, aqui estamos, senhoras e senhores, esta é a vossa casa longe de casa.

Depois dos subúrbios de sudoeste, eles chegaram a uma rua de treze edifícios enfileirados, todos visivelmente em estilo ocidental, com varandas recuadas, ornamentos neoclássicos e bandeiras europeias. Destoavam tanto do resto de Cantão que parecia que um gigante tinha arrancado uma rua inteira de França ou de Inglaterra, deixando-a cair por inteiro na periferia da cidade. Estas eram as Fábricas, explicou o Sr. Baylis, assim chamadas não porque fossem centros de produção, mas porque eram as residências dos fatores — os agentes do comércio. Comerciantes, missionários, funcionários do governo e soldados viviam aqui durante a estação comercial.

— Encantadoras, não são? — disse o Sr. Baylis. — Quase como um punhado de diamantes em cima de uma pilha de lixo velho.

Eles iam ficar na Nova Fábrica Inglesa. O Sr. Baylis conduziu-os rapidamente através do armazém no rés do chão, passando pela sala social e pela sala de jantar, até aos aposentos das visitas nos andares superiores. Havia também, indicou, uma biblioteca bem abastecida, vários terraços superiores e até um jardim virado para o rio.

— Bem, eles são muito rígidos em relação a manter os estrangeiros dentro do enclave estrangeiro, portanto, não se ponham a explorar sozinhos — alertou o Sr. Baylis. — Fiquem dentro da zona das Fábricas. Há um canto na Fábrica Imperial (é a número três), onde a Markwick & Lane vendem todo o tipo de produtos europeus de que possam precisar, embora não tenham muitos livros além de cartas náuticas. Aqueles barcos de flores são estritamente proibidos, ouviram? Os nossos amigos mercadores podem arranjar algumas mulheres de temperamento mais discreto para vos visitar à noite, se precisardes de companhia, não é?

As orelhas de Ramy ficaram vermelhas.

— Estamos bem assim, senhor.

O Sr. Baylis riu-se.

— Como quiserem. Vocês vão ficar neste corredor.

O quarto de Robin e Ramy era bastante sombrio. As paredes, que originalmente deviam ter sido pintadas de verde-escuro, eram agora quase pretas. O quarto das raparigas era igualmente escuro e consideravelmente mais pequeno; mal havia espaço para se passar entre a cama de solteiro e a parede. Também não tinha janelas. Robin não conseguia ver como é que elas iriam viver ali durante duas semanas.

— Tecnicamente, isto é um quarto de arrumos, mas não as poderíamos pôr demasiado perto dos cavalheiros. — O Sr. Baylis fez, pelo menos, um esforço para se desculpar. — Penso que compreendem.

— Claro — disse Letty, empurrando o baú para dentro do quarto. — Obrigada pelas acomodações.

R

Depois de arrumarem as suas coisas, eles reuniram-se na sala de jantar, a qual estava mobiliada com uma mesa muito grande capaz de acomodar pelo menos vinte e cinco pessoas. Sobre o centro da mesa estava suspenso um leque imenso feito de uma vela de pano esticada sobre uma armação de madeira, o qual era mantido em constante movimento por um criado que o puxava e afrouxava sem parar durante todo o serviço do jantar. Robin achou aquilo bastante perturbador — sentia uma estranha pontada de culpa sempre que encontrava os olhos do criado —, mas os outros residentes da Fábrica pareciam achá-lo invisível.

O jantar naquela noite foi uma das coisas mais horríveis e desconfortáveis por que Robin já passara. Os homens à mesa incluíam funcionários da Jardine & Matheson e vários representantes de outras empresas de navegação — a Magniac & Co., a J. Scott & Co. e outras cujos nomes Robin esqueceu prontamente. Eram todos homens brancos que pareciam tirados exatamente do mesmo molde que o Sr. Baylis — homens superficialmente encantadores e faladores que, apesar da sua roupa

de bom corte, pareciam exalar um ar de imundície intangível. Além dos empresários, havia o Reverendo Karl Gützlaff, um missionário nascido na Alemanha que aparentemente agia mais como intérprete para as companhias de navegação do que convertia almas chinesas. O Reverendo Gützlaff informou-os orgulhosamente de que também era membro da Sociedade para a Difusão do Conhecimento Útil na China¹⁰¹ e estava atualmente a escrever uma série de artigos para uma revista em língua chinesa para ensinar aos chineses o difícil conceito ocidental do comércio livre.

— Estamos encantados por o ter a trabalhar connosco — disse o Sr. Baylis a Robin quando o primeiro prato, uma suave sopa de gengibre, foi servido. — É tão difícil encontrar bons tradutores de chinês que consigam formar uma frase completa em inglês. Os formados no Ocidente são muito melhores. Você irá ser o meu intérprete durante a minha audiência com o comissário na quinta-feira.

— Eu? — Robin ficou surpreendido. — Porquê eu? — Era uma pergunta justa, pensou ele; nunca tinha interpretado profissionalmente antes e parecia estranho escolherem-no para uma audiência com a maior autoridade de Cantão. — Por que não o Reverendo Gützlaff? Ou o Professor Lovell?

— Porque somos homens caucasianos — disse o Professor Lovell com ironia. — E, portanto, bárbaros.

— E eles não falam com os bárbaros, é claro — disse o Sr. Baylis.

— O Karl parece bastante chinês, contudo — disse o Professor Lovell. — Eles ainda não estão convencidos de que é pelo menos parte oriental?

— Só quando me apresento como Ai Han Zhe¹⁰² — disse o Reverendo Gützlaff. — Embora ache que o Comissário Lin não vá gostar muito do título.

Todos os homens das empresas riram, embora Robin não conseguisse perceber qual era a graça. Uma certa presunção subscrevia toda aquela conversa, um ambiente de comunidade fraternal, de acesso partilhado a alguma piada continuada que o resto deles não entendia. Aquilo recordou a Robin as reuniões do

Professor Lovell em Hampstead, já que também nunca fora capaz de perceber qual era a piada naquela época ou porque é que os homens estavam tão satisfeitos.

Ninguém estava a comer a sopa. Os criados retiraram as tigelas e substituíram-nas pelo prato principal e pela sobremesa ao mesmo tempo. O prato principal eram batatas com uma espécie de molho cinzento grumoso — feito de carne de vaca ou de porco, Robin não conseguiu perceber. A sobremesa era ainda mais misteriosa, uma coisa violentamente cor de laranja que se parecia um pouco com uma esponja.

— Que é isto? — perguntou Ramy, inspecionando a sua sobremesa com o garfo.

Victoire cortou um pedaço com o garfo e examinou-o.

— É pudim de caramelo pegajoso, acho.

— É cor de laranja — disse Robin.

— Está queimado. — Letty lambeu o polegar. — E é feito com cenoura, acho eu.

Os outros convidados estavam novamente a rir.

— Os empregados da cozinha são todos chineses — explicou o Sr. Baylis. — Nunca estiveram em Inglaterra. Nós estamos sempre a descrever as comidas de que gostamos e, claro, eles não fazem ideia do seu sabor ou de como as confeccionar, mas é engraçado vê-los experimentar. O chá da tarde é melhor. Eles entendem o objetivo dos doces e temos as nossas próprias vacas inglesas aqui para fornecer o leite.

— Não entendo — disse Robin. — Porque é que não lhes pedem simplesmente para cozinharem pratos cantoneses?

— Porque a culinária inglesa recorda-nos a pátria — disse o Reverendo Gützlaff. — Uma pessoa aprecia tais confortos em viagens distantes.

— Mas tem um gosto horrível — disse Ramy.

— E nada poderia ser mais inglês — disse o Reverendo Gützlaff, cortando vigorosamente a sua carne cinzenta.

— Seja como for — disse o Sr. Baylis —, vai ser muito difícil trabalhar com o comissário. Há rumores de que ele é muito rigoroso e extremamente rígido. Ele acha que Cantão é uma fossa de

corrupção e que todos os comerciantes ocidentais são uns vilões malvados determinados a enganar o governo.

— É astuto, ele — disse o Reverendo Gützlaff, perante mais risos de autossatisfação.

— Eu prefiro quando eles nos subestimam — concordou o Sr. Baylis. — Bem, Robin Swift, o assunto do dia é o compromisso do ópio, que faria todos os navios estrangeiros assumirem a responsabilidade perante a lei chinesa por qualquer ópio que contrabandeassem. Antigamente, essa proibição existia apenas no papel. Nós atracávamos os nossos navios em... como é que lhes podemos chamar?... *ancoradouros exteriores*, como Lintin, Camsingmoon e afins, onde distribuíamos a carga para revenda junto de parceiros locais. Mas tudo mudou com o Comissário Lin. A chegada dele, como já vos contei, foi um grande abalo. O Capitão Elliot, um bom homem, mas um covarde no que importa, desarmou a situação deixando que eles confiscassem todo o ópio que tínhamos na nossa posse. — Aqui o Sr. Baylis colocou a mão cerrada contra o peito como se sentisse uma dor física — Mais de vinte mil baús. Sabem quanto é que isso vale? Quase dois milhões e meio de libras. É uma apreensão injusta de propriedade britânica, digo-vos. É um motivo para uma guerra, sem dúvida. O Capitão Elliot acha que nos salvou da fome e da violência, mas só mostrou aos chineses que podem passar por cima de nós. — O Sr. Baylis apontou com o garfo para Robin. — Então, é por isso que vamos precisar de si. O Richard informou-o do que queremos nesta ronda de negociações, certo?

— Li os rascunhos da proposta — disse Robin. — Mas estou um pouco confuso em relação às prioridades...

— Sim?

— Bem, parece-me que o ultimato sobre o ópio é um pouco exagerado — disse Robin. — Não vejo porque é que não podemos dividi-lo em alguns acordos mais fragmentados. Quero dizer, com certeza ainda poderíamos negociar todas as outras exportações...

— Não há outras exportações — disse o Sr. Baylis. — Nada que interesse.

— É que me parece que os chineses têm alguma razão — disse Robin, impotente. — Dado que é uma droga tão prejudicial.

— Não seja ridículo. — O Sr. Baylis fez um largo sorriso ensaiado. — Fumar ópio é a especulação mais segura e cavalheiresca que conheço.

Aquilo era uma mentira tão óbvia que Robin pestanejou para ele, atônito.

— Os memorandos chineses chamam-lhe um dos maiores vícios que já assolaram o país.

— Ah, o ópio não é assim tão prejudicial — disse o Reverendo Gützlaff. — Na verdade, é constantemente prescrito sob a forma de láudano na Grã-Bretanha. As velhinhas usam-no regularmente para dormir. Não é um vício maior do que o tabaco ou o conhaque. Costumo recomendá-lo aos membros da minha congregação.

— Mas o ópio de cachimbo não é muito mais forte? — interrompeu Ramy. — Não parece que os soníferos sejam o verdadeiro problema aqui.

— Isso é ignorar o objetivo — disse o Sr. Baylis com um toque de impaciência. — O objetivo é o comércio livre entre as nações. Somos todos liberais, não somos? Não devia haver restrições entre quem tem bens e quem os quer comprar. É justiça.

— Uma defesa curiosa — disse Ramy — para justificar um vício com a virtude.

O Sr. Baylis zombou.

— Oh, o Imperador Qing não se importa com os *vícios*. Ele é apenas avarento com a sua prata. Mas o comércio só funciona quando há uma troca e nós estamos atualmente com um déficit. Não há nada que os chineses queiram de nós, aparentemente, exceto o ópio. Querem sempre mais e mais. Pagam qualquer coisa por ele. E, se dependesse de mim, todos os homens, mulheres e crianças deste país estariam a fumar ópio até não poderem mais.

Ele concluiu batendo com a mão em cima da mesa. O barulho foi talvez mais alto do que ele pretendia; estalou como um tiro. Victoire e Letty estremeceram. Ramy parecia demasiado surpreendido para responder.

— Mas isso é cruel — disse Robin. — É... é terrivelmente cruel.

— É a escolha livre deles, não é? — disse o Sr. Baylis. — Não podemos culpar os negócios. Os chineses são imundos, preguiçosos e caem facilmente no vício. E não podemos certamente culpar a Inglaterra pelas fraquezas de uma raça inferior. Não onde existe dinheiro a ser ganho.

— Sr. Baylis. — Os dedos de Robin formigavam com uma energia estranha e urgente; ele não sabia se queria fugir ou bater no homem. — Sr. Baylis, *eu* sou chinês.

Pela primeira vez, o Sr. Baylis ficou em silêncio. Os seus olhos percorreram o rosto de Robin, como se tentassem detetar a veracidade dessa afirmação nas feições dele. Então, para grande surpresa de Robin, desatou a rir.

— Não, não é. — Ele recostou-se e cruzou as mãos sobre o peito, ainda a rir. — Deus do Céu. Isso é hilariante. Não, não é.

O Professor Lovell não disse nada.

O trabalho de tradução começou pontualmente no dia seguinte. Os bons linguistas eram sempre muito procurados em Cantão e eram puxados numa dúzia de direções diferentes sempre que apareciam. Os comerciantes ocidentais não gostavam de usar os linguistas chineses nativos autorizados pelo governo porque as suas capacidades linguísticas eram muitas vezes inferiores.

— Esqueçam o inglês — queixou-se o Sr. Baylis ao Professor Lovell —, metade deles nem sequer é fluente em mandarim. Além disso, não podemos confiar neles para representarem os nossos interesses. Conseguimos sempre saber quando não nos estão a contar a verdade; uma vez um homem mentiu-me na cara sobre as taxas alfandegárias quando os algarismos árabes estavam mesmo à minha frente.

As empresas comerciais empregavam ocasionalmente ocidentais fluentes em chinês, mas estes eram difíceis de encontrar. Oficialmente, ensinar chinês a um estrangeiro era um crime punível com a morte. Contudo, como as fronteiras da China eram um pouco porosas, essa lei era impossível de aplicar, mas significava que os tradutores mais capazes eram muitas vezes missionários com pouco tempo livre como o Reverendo Gützlaff. O resultado era que

peessoas como Robin e o Professor Lovell valiam o seu peso em ouro. Ramy, Letty e Victoire, coitados, iriam ser levados de Fábrica em Fábrica o dia todo para fazerem a manutenção da prataria, mas os itinerários de Robin e do Professor Lovell estavam a abarrotar de reuniões desde as oito da manhã.

Logo depois do pequeno-almoço, Robin acompanhou o Sr. Baylis até ao porto para examinar os manifestos de carga com os funcionários chineses da alfândega. O gabinete da alfândega tinha o seu próprio tradutor, um homem esguio e de óculos chamado Meng, que pronunciava cada palavra inglesa com uma deliberação lenta e tímida, como se tivesse medo de pronunciar mal alguma coisa.

— Agora vamos rever o inventário — disse ele a Robin. O seu tom respeitoso e ascendente dava a impressão de que estava a fazer uma pergunta; Robin não conseguia perceber se ele estava a pedir autorização ou não.

— Ah... sim. — Ele pigarreou, enunciando depois no seu melhor mandarim: — Prossiga.

Meng começou a ler a lista de inventário, olhando para cima após cada artigo para que o Sr. Baylis pudesse confirmar em que caixas aquelas mercadorias tinham sido armazenadas. — Cento e vinte e cinco libras de cobre. Setenta e oito libras de ginseng bruto. Vinte e quatro caixas de... batel...

— Bétele — corrigiu o Sr. Baylis.

— Bétele?

— Você sabe, bétele — disse o Sr. Baylis. — Ou noz-de-areca, se preferir. Para mastigar. — Ele apontou para o maxilar e imitou o gesto. — Não?

Meng, ainda perplexo, olhou para Robin em busca de ajuda. Robin traduziu rapidamente para o chinês e Meng assentiu.

— Nozes de batel.

— Ah, já chega — disparou o Sr. Baylis. — Deixe o Robin fazer isso. Você pode traduzir a lista inteira, não pode, Robin? Iria poupar-nos bastante tempo. Eles são uns inúteis, já lhe disse, todos eles; um país inteiro e nem um único falante competente de inglês entre todos.

Meng pareceu entender aquilo perfeitamente. Lançou um olhar mordaz a Robin e Robin inclinou a cabeça para o manifesto para evitar o seu olhar.

Foi assim durante toda a manhã. O Sr. Baylis reuniu-se com uma sucessão de agentes chineses, os quais tratou com uma má educação incrível, olhando depois para Robin como se esperasse que ele traduzisse não só as suas palavras, mas também o seu desprezo total pelos seus interlocutores.

Quando interromperam para o almoço, Robin estava com uma dor de cabeça latejante e dolorosa. Não aguentava nem mais um minuto na companhia do Sr. Baylis. Mesmo o jantar, servido na Fábrica Inglesa, não foi um descanso; o Sr. Baylis passou o tempo todo a contar as alegações tolas que os funcionários da alfândega tinham feito e apresentava as suas histórias de uma forma que fazia parecer que Robin tinha esbofeteado verbalmente os chineses a cada passo. Ramy, Victoire e Letty pareciam muito confusos. Robin mal falou. Engoliu a sua comida — desta vez um prato mais tolerável, embora sem sabor, de carne com arroz — e depois anunciou que ia voltar a sair.

— Onde é que vai? — perguntou o Sr. Baylis.

— Quero ir ver a cidade. — A irritação de Robin tornara-o ousado.
— Já terminámos por hoje, não terminámos?

— Não são permitidos estrangeiros na cidade — disse Baylis.

— Eu não sou estrangeiro. Nasci aqui.

O Sr. Baylis não teve réplica. Robin interpretou o seu silêncio como um consentimento. Pegou no casaco e caminhou em direção à porta.

Ramy correu atrás dele.

— E se eu for contigo?

Por favor, Robin quase disse, mas hesitou.

— Não tenho a certeza se podes.

Robin viu Victoire e Letty olharem para eles. Letty fez menção de se levantar, mas Victoire pôs-lhe o braço sobre os ombros.

— Eu fico bem — disse Ramy, vestindo o casaco. — Estou contigo.

Saíram pela porta da frente e percorreram toda a extensão das Treze Fábricas. Quando saíram do enclave estrangeiro para os subúrbios cantoneses, ninguém os deteve; ninguém os agarrou pelo braço e insistiu para que voltassem para onde pertenciam. Nem sequer o rosto de Ramy atraiu comentários peculiares; os lascarins indianos eram uma visão comum em Cantão e atraíam menos atenção do que os estrangeiros brancos. Era, estranhamente, uma completa inversão da sua situação em Inglaterra.

Robin conduziu-os aleatoriamente pelas ruas do centro de Cantão. Não sabia o que procurava. Refúgios da infância? Marcos familiares? Não tinha nenhum destino em mente; nenhum sítio que pensasse que poderia trazer uma catarse. Tudo o que sentia era uma profunda urgência, uma necessidade de percorrer o máximo de terreno possível antes que o Sol se pusesse.

— Sentes-te como se estivesses em casa? — perguntou Ramy, de forma ligeira, neutra, como se estivesse a pisar ovos.

— Nem um pouco — disse Robin. Sentia-se profundamente confuso. — Isto é... não tenho a certeza do que isto é.

Cantão era muito diferente da cidade que ele tinha deixado. A construção nas docas, que decorria desde que Robin se conseguia lembrar, tinha explodido para complexos inteiros de edifícios novos — armazéns, escritórios de empresas, pousadas, restaurantes e casas de chá. Mas o que é que ele esperava? Cantão fora sempre uma cidade dinâmica e mutável, absorvendo o que o mar oferecia e digerindo tudo num hibridismo próprio e peculiar. Como é que ele pudera supor que a cidade poderia permanecer presa no passado?

Ainda assim, aquela transformação parecia uma traição. Parecia que a cidade tinha fechado todos os caminhos possíveis para casa.

— Onde é que moravas? — perguntou Ramy, ainda naquele tom cuidadoso e gentil, como se Robin fosse um cesto de emoções que ameaçava transbordar.

— Num dos bairros de lata. — Robin olhou em volta. — Não muito longe daqui, acho eu.

— Queres lá ir?

Robin pensou naquela casa seca e abafada; no fedor a diarreia e a corpos em decomposição. Era o último sítio no mundo que ele

queria visitar novamente. Mas parecia ainda pior não dar uma olhadela.

— Não tenho a certeza se o consigo encontrar. Mas podemos tentar.

Por fim, Robin encontrou o caminho de volta para a sua antiga casa — não seguindo as ruas, que se tinham agora tornado totalmente desconhecidas, mas caminhando até que a distância entre as docas, o rio e o Sol poente parecesse familiar. Sim, era ali que deveria ter sido a sua casa — ele lembrava-se da curva na margem do rio, bem como do estacionamento de riquexós na margem oposta.

— É aqui? — perguntou Ramy. — É tudo lojas.

A rua não se parecia com nada de que se recordasse. A casa da sua família tinha desaparecido da face do planeta. Ele nem sequer conseguia dizer onde ficavam os alicerces — podiam estar debaixo da casa de chá diante deles, ou do escritório comercial à esquerda ou da loja luxuosamente ornamentada perto do final da rua com uma placa que dizia, em tinta vermelha berrante: *huā yān guǎn*. Loja de fumo de flores. Um antro de ópio.

Robin caminhou na direção dela.

— Onde é que vais? — Ramy correu atrás dele. — O que é isso?

— É para onde vai todo o ópio. Eles vêm aqui para o fumar. — Robin sentiu uma curiosidade repentina e insuportável. Percorreu a fachada da loja com o olhar, tentando memorizar cada pormenor: as grandes lanternas de papel, o exterior lacado, as raparigas com o rosto pintado e as saias longas a acenar na montra. Elas sorriram para ele, estendendo os braços como bailarinas enquanto ele se aproximava.

— Olá, senhor — sussurraram em cantonês. — Não quer entrar para se divertir?

— Meu Deus — disse Ramy. — Anda embora daí.

— Um momento. — Robin sentiu-se compelido por um desejo feroz e distorcido de saber, o mesmo desejo perverso que compelia alguém a tocar numa ferida, só para ver quanto podia doer. — Só quero dar uma olhadela.

Lá dentro, o cheiro atingiu-o como um soco. Era enjoativo, doentio e açucarado, repulsivo e sedutor ao mesmo tempo.

— Bem-vindo, senhor. — Uma anfitriã materializou-se junto ao braço de Robin. Ela fez-lhe um sorriso alargado enquanto observava a sua expressão. — É a sua primeira vez?

— Eu não... — De repente, as palavras falharam a Robin. Ele percebia o cantonês, mas não o conseguia falar.

— Gostava de experimentar? — A anfitriã estendeu-lhe um cachimbo. Já estava aceso; o forninho cintilava com o ópio que ardia suavemente e um pequeno fio de fumo desenrolava-se da ponta. — O seu primeiro por conta da casa, senhor.

— O que é que ela está a dizer? — perguntou Ramy. — Birdie, não toques nisso.

— Veja como eles se estão a divertir. — A anfitriã gesticulou em redor da sala de estar. — Não quer experimentar?

O antro estava cheio de homens. De tão escuro que estava, Robin não os tinha visto antes, mas via agora que havia pelo menos uma dúzia de fumadores de ópio em vários estados de nudez deitados sobre sofás baixos. Alguns acariciavam jovens empoleiradas nos seus colos, outros jogavam de modo apático um jogo de azar e outros ainda jaziam sozinhos num estupor, de bocas entreabertas e olhos semicerrados, fitando o vazio.

O teu tio não conseguia ficar longe daqueles antros. A visão trouxe-lhe palavras de que ele não se recordava há uma década, palavras na voz da sua mãe, palavras que ela suspirara durante a sua infância. Costumávamos ser ricos, querido. Olha para nós agora.

Ele pensou na mãe a recordar amargamente os jardins que costumava tratar e os vestidos que costumava usar, antes de o tio desperdiçar a fortuna da família num antro de ópio como este. Imaginou a mãe, jovem e desesperada, desejosa de fazer qualquer coisa pelo estrangeiro que lhe prometera dinheiro, que a usara e abusara e a deixara com uma empregada inglesa e um desconcertante conjunto de instruções para criar o filho de ambos, o filho dela, numa língua que ela mesma não sabia falar. Robin

nascera das escolhas produzidas pela pobreza, da pobreza produzida a partir disto.

— Um trago, senhor?

Antes que ele registasse o que estava a fazer, tinha um cachimbo na boca — estava a inspirar, a anfitriã estava a sorrir ainda mais, dizendo algo que ele não entendia, e tudo era doce e entontecedor e encantador e horrível ao mesmo tempo. Ele tossiu e depois inspirou profundamente de novo; tinha de ver quão viciante aquilo era, se podia de facto levar alguém a sacrificar tudo o resto.

— Pronto. — Ramy agarrou-lhe o braço. — Já chega, vamos embora.

Caminharam rapidamente de volta pela cidade, desta vez com Ramy à frente. Robin não disse uma palavra. Não sabia quanto aquelas poucas tragadas de ópio o tinham afetado, se estava apenas a imaginar os seus sintomas. Uma vez, por curiosidade, folheara uma cópia das *Confissões de Um Opiómano Inglês*, de De Quincey. O livro descrevia o efeito do ópio como sendo capaz de comunicar «serenidade e equilíbrio» a todas as faculdades, «revigorar bastante» o autocontrolo de alguém e dar «expansão ao coração». Mas ele não sentia nada disso. As únicas palavras que usaria para se descrever agora eram «nada bem»; sentia-se vagamente enjoado, tinha a cabeça a girar, o coração batia-lhe demasiado rápido e o corpo movia-se demasiado devagar.

— Estás bem? — perguntou Ramy ao fim de algum tempo.

— Estou a afogar-me — murmurou Robin.

— Não, não estás — disse Ramy. — Só estás a ser histérico. Vamos voltar para as Fábricas e vais beber um belo copo de água...

— Chama-se *yánghuò*¹⁰³ — disse Robin. — Foi isso que ela chamou ao ópio. *Yáng* significa «estrangeiro», *huò* significa «bens». *Yánghuò* significa «bens estrangeiros». É assim que eles se referem a tudo aqui. Povo *Yáng*. Associações *Yáng*. *Yánghuòre* é uma obsessão por mercadorias estrangeiras, por ópio. E eu sou isso. Vem de mim. Eu sou *yáng*.

Eles pararam sobre uma ponte debaixo da qual os pescadores e as sampanas passavam de um lado para o outro. O barulho desse

trânsito, a cacofonia de um idioma do qual ele passara tanto tempo longe e tinha agora de se concentrar para decifrar, fez Robin querer tapar os ouvidos com as mãos para bloquear o ambiente sonoro que deveria fazê-lo sentir-se em casa, mas não fazia.

— Desculpa não te ter contado — disse ele. — Sobre a Hermes.

Ramy suspirou.

— Birdie, agora não.

— Eu devia ter-te contado — insistiu Robin. — Devia tê-lo feito e não o fiz porque, de alguma forma, ainda tinha tudo separado na minha cabeça e nunca juntei as peças porque simplesmente não vi... Eu apenas... não sei como não vi.

Ramy observou-o em silêncio por um longo momento e depois aproximou-se até eles ficarem lado a lado, a olhar para a água.

— Sabes — disse ele em voz baixa —, *Sir* Horace Wilson, o meu tutor, levou-me uma vez a um dos campos de ópio onde tinha investido. Em Bengala Ocidental. Acho que nunca te contei. É onde a maior parte destas coisas é cultivada; em Bengala, Bihar e Patna. *Sir* Horace detinha uma participação numa das plantações. Ele estava tão orgulhoso; achava que isto era o futuro do comércio colonial. Fez-me cumprimentar um dos seus trabalhadores do campo. Disse-lhes que um dia eu poderia ser o supervisor deles. Esta coisa mudava tudo, disse ele. Isto corrigia o défice comercial.

» Acho que nunca vou esquecer o que vi. — Ele apoiou os cotovelos na ponte e suspirou. — Filas e mais filas de flores. Um oceano inteiro delas. São de um vermelho tão intenso que os campos parecem estranhos, como se a própria terra estivesse a sangrar. É tudo cultivado no interior. Em seguida, é embalado e transportado para Calcutá, onde é entregue a comerciantes privados que o trazem diretamente para aqui. As duas marcas de ópio mais populares aqui têm o nome de Patna e Malwa. Ambas regiões da Índia. Da minha casa diretamente para a tua, Birdie. Não é engraçado?

Ramy olhou de soslaio para ele.

— Os britânicos estão a transformar a minha terra natal num estado narcomilitar para injetar drogas na tua. É assim que este império nos conecta.

Robin viu então uma grande teia de aranha na sua mente. Algodão da Índia para a Grã-Bretanha, ópio da Índia para a China, a prata a transformar-se em chá e porcelana na China e tudo a regressar à Grã-

-Bretanha. Parecia tão abstrato — apenas categorias de uso, troca e valor — até deixar de o ser; até ele perceber a teia em que vivia e a exploração que o seu estilo de vida exigia, até ver pairar sobre tudo o espectro do trabalho colonial e da dor colonial.

— É doentio — sussurrou ele. — É doentio, é tão doentio...

— Mas é só comércio — disse Ramy. — Todos beneficiam; todos lucram, ainda que seja apenas um país que lucra muito mais. Ganhos contínuos; essa é a lógica, não é? Então, porque é que tentaríamos escapar? A questão é, Birdie, acho que compreendo porque é que tu não viste. Quase ninguém vê.

Comércio livre. Essa fora sempre a linha de argumentação britânica — comércio livre, livre concorrência, um campo de jogo igual para todos. Só que nunca acabava assim, não era? O que o «comércio livre» realmente significava era o domínio imperial britânico, pois o que é que havia de livre num comércio que dependia de um acúmulo maciço de poder naval para garantir o acesso marítimo? Quando meras empresas comerciais podiam travar guerras, avaliar impostos e administrar a justiça civil e criminal?

Griffin tinha razão em sentir raiva, pensou Robin, mas estava errado quando pensava que podia fazer algo a esse respeito. Estas redes comerciais estavam esculpidas em pedra. Nada ia desviar este sistema do seu curso; havia demasiados interesses privados, demasiado dinheiro em jogo. Eles podiam ver para onde tudo isso ia, mas as pessoas que tinham o poder de fazer alguma coisa a esse respeito tinham sido postas em posições onde podiam lucrar, e as pessoas que mais sofriam não tinham poder algum.

— Era tão fácil de esquecer — disse ele. — As cartas sobre as quais tudo isto é construído, quero dizer, porque quando estamos em Oxford, na torre, são apenas palavras, apenas ideias. Mas o mundo é muito maior do que eu pensava...

— É tão grande como pensávamos — disse Ramy. — Só que esquecemos que o resto importa. Tornámo-nos muito bons a recusar ver o que estava mesmo à nossa frente.

— Mas agora eu vi — disse Robin —, ou, pelo menos, compreendo um pouco melhor e isso está a despedaçar-me, Ramy, e nem sequer percebo porquê. Não é como se... como se...

Como se o quê? Como se ele tivesse visto algo perfeitamente horrível? Como se ele tivesse visto as plantações de escravos nas Índias Ocidentais no auge da sua crueldade, ou os corpos famintos na Índia, vítimas de fomes totalmente evitáveis, ou os nativos massacrados do Novo Mundo? Tudo o que ele tinha visto fora um antro de ópio — mas fora o suficiente para atuar como uma sinédoque para o terrível e inegável resto.

Ele inclinou-se sobre o muro da ponte, imaginando como se sentiria se tombasse simplesmente para a água.

— Vais saltar, Birdie? — perguntou Ramy.

— É como se... — Robin respirou fundo. — É como se não tivéssemos o direito de estar vivos.

Ramy parecia muito calmo.

— Estás a falar a sério?

— Não, não estou, eu só... — Robin fechou os olhos com força. Os seus pensamentos estavam tão confusos; não fazia ideia de como transmitir o que queria dizer e tudo a que se conseguia agarrar era a memórias, referências passageiras. — Já leste as *Viagens de Gulliver*? Eu lia-as constantemente quando vivia aqui; lia com tanta frequência que quase o decorei. E há um capítulo onde Gulliver acaba numa terra governada por cavalos. Estes chamam-se a si mesmos Houyhnhnms e os seres humanos são escravos selvagens e idiotas chamados Yahoos. Estão trocados. E Gulliver habitua-se tanto a viver com o seu dono Houyhnhnm, fica tão convencido da superioridade Houyhnhnm, que quando chega a casa sente-se horrorizado com os seus próprios semelhantes. Acha que são uns imbecis. Não suporta estar perto deles. E é assim que isto... é assim... — Robin oscilava para a frente e para trás sobre a ponte. Sentia que por mais intensamente que respirasse, não ia conseguir ar suficiente. — Sabes o que quero dizer?

— Sim — disse Ramy gentilmente. — Mas não faz bem a ninguém ficarmos demasiado melodramáticos em relação a isso. Portanto, desce daí, Birdie, e vamos tomar aquele copo de água.

Na manhã seguinte, Robin acompanhou o Sr. Baylis ao escritório do governo no centro da cidade para a sua audiência com o Alto-Comissário Imperial Lin Zexu.

— Este Lin é mais esperto do que os outros — disse o Sr. Baylis enquanto caminhavam. — Quase incorruptível. No sudeste, chamam-lhe Lin Qingtian¹⁰⁴; límpido como o céu, de tão imune é a subornos.

Robin não disse nada. Tinha decidido cumprir o resto das suas obrigações em Cantão fazendo o mínimo que lhe era exigido e isso não envolvia incitar as diatribes racistas do Sr. Baylis.

O Sr. Baylis não pareceu notar.

— Agora, fique atento. Os chineses são diabolicamente astutos; enganadores por natureza e tudo o mais. Dizem sempre uma coisa quando querem dizer exatamente o oposto. Cuidado para não deixar que levem a melhor sobre si.

— Vou ficar atento — disse Robin brevemente.

De acordo com relato do Sr. Baylis, uma pessoa poderia imaginar que o Comissário Lin tinha quase três metros de altura, olhos capazes de disparar fogo e chifres de charlatão. Em pessoa, o comissário era um homem de modos suaves e traços delicados, de estatura e constituição medianas. A sua figura era absolutamente corriqueira, exceto pelos seus olhos, que pareciam extraordinariamente brilhantes e perspicazes. Trazia consigo o seu próprio intérprete, um jovem chinês que se apresentou como William Botelho e que, para surpresa de Robin, tinha estudado inglês nos Estados Unidos.

— Bem-vindo, Sr. Baylis — disse o Comissário Lin enquanto William traduzia rapidamente para o inglês. — Disseram-me que tem alguns pensamentos que gostaria de partilhar comigo.

— A questão é, como sabe, o comércio de ópio — disse o Sr. Baylis. — É opinião do Sr. Jardine e do Sr. Matheson que seria benéfico tanto para o seu povo como para o nosso se os agentes

deles pudessem vender ópio legalmente ao longo da costa de Cantão sem interferência. Eles apreciariam um pedido oficial de desculpa pelo tratamento inóspito que os seus agentes comerciais receberam no início deste ano. E parece apenas justo que os vinte mil baús de ópio que foram apreendidos há alguns meses nos sejam devolvidos, ou, pelo menos, uma compensação monetária equivalente ao seu valor de mercado.

Durante os primeiros momentos, o Comissário Lin apenas ouviu, pestanejando, enquanto Robin continuava a recitar a lista de exigências do Sr. Baylis. Robin tentou não transmitir o tom do Sr. Baylis, que era vociferante e condescendente, e, em vez disso, falou da forma mais monótona e sem emoção que conseguiu. Ainda assim, ficou com as orelhas vermelhas de vergonha; aquilo não parecia um diálogo e sim um sermão, do tipo que se daria a uma criança estúpida.

O Sr. Baylis não pareceu perplexo com a falta de resposta do Comissário Lin; quando as suas palavras foram acolhidas com silêncio, ele limitou-se a continuar:

— Os senhores Jardine e Matheson também gostariam de dizer que o Imperador Qing deveria perceber que as políticas comerciais exclusivas do seu governo não beneficiam os chineses. O vosso próprio povo, de facto, ressentem-se das vossas barreiras comerciais, as quais acreditam não representarem os seus interesses. Prefeririam desfrutar de uma livre associação com os estrangeiros, uma vez que isso também lhes daria uma oportunidade para obterem riqueza. Afinal, o livre comércio é o segredo da prosperidade nacional; e, acredite, o seu povo bem poderia ler um pouco de Adam Smith.

Por fim, o Comissário Lin falou.

— Nós sabemos tudo isso. — William Botelho traduziu rapidamente. Era uma conversa estranha, transmitida através de quatro pessoas, nenhuma das quais falava diretamente com a pessoa que estava a ouvir. — Esses são os termos exatos das muitas cartas enviadas pelos senhores Jardine e Matheson, não são? O senhor veio dizer algo novo?

Robin olhou com expectativa para o Sr. Baylis. O Sr. Baylis vacilou brevemente.

— Bem, não, mas vale a pena repetir pessoalmente...

O Comissário Lin juntou as mãos atrás das costas e perguntou:

— Sr. Baylis, não é verdade que, no seu próprio país, o ópio é proibido com o máximo de rigor e severidade? — Ele fez uma pausa para que William traduzisse.

— Bem, sim — disse o Sr. Baylis —, mas a questão é o comércio, não as restrições domésticas da Grã-Bretanha...

— E — continuou o Comissário Lin — será que a sanção contra o uso do ópio pelos vossos próprios cidadãos não prova que os senhores sabem muito bem quão prejudicial ele é para a humanidade? Gostaríamos de perguntar, será que a China alguma vez enviou um artigo nocivo vindo do seu solo? Alguma vez vos vendemos alguma coisa de que o vosso país tenha grande procura, exceto o que é benéfico? Será que o seu argumento agora é que o comércio de ópio é, de facto, bom para nós?

— O debate — insistiu o Sr. Baylis — é sobre economia. Uma vez, um almirante apreendeu-me um navio em busca de ópio. Quando lhe expliquei que não tinha nenhum, pois sigo as leis estabelecidas pelo Imperador Qing, ele professou desapontamento. É que ele esperava comprá-lo por atacado e redistribuí-lo, sabe? O que prova que os chineses também têm muito a lucrar com esse comércio...

— O senhor ainda está a evitar a questão de quem fuma o ópio — disse o Comissário Lin.

O Sr. Baylis soltou um suspiro exasperado.

— Robin, diga-lhe...

— Vou reiterar-lhe o que escrevemos à vossa Rainha Victoria — disse o Comissário Lin. — Aqueles que desejam negociar com o nosso Império Celestial devem obedecer às leis estabelecidas pelo imperador. E a nova lei do imperador, prestes a entrar em vigor, diz que quaisquer estrangeiros que tragam ópio para a China com a intenção de o vender serão decapitados e todos os bens a bordo do navio serão confiscados.

— Mas vocês não podem fazer isso — insistiu o Sr. Baylis. — O senhor está a falar de cidadãos britânicos. Isso é propriedade

britânica.

— Não quando optam por ser criminosos. — Aqui, William Botelho espelhou o desdém frio do Comissário Lin com uma precisão exata, incluindo o ligeiro arquear da sobancelha. Robin ficou impressionado.

— Ora, veja bem — disse o Sr. Baylis. — Os britânicos não estão sob a sua jurisdição, comissário. O senhor não tem nenhuma autoridade real.

— Estou ciente de que o senhor acredita que os vossos interesses irão sempre ter precedência sobre as nossas leis — disse o Comissário Lin. — Contudo, estamos dentro do território chinês. E, portanto, vou recordar-lhe a si e aos seus superiores que aplicaremos as nossas leis como considerarmos melhor.

— Então, sabe que teremos de defender os nossos cidadãos como acharmos melhor.

Robin ficou tão espantado por o Sr. Baylis ter dito aquelas palavras que se esqueceu de traduzir. Houve uma pausa estranha. Por fim, William Botelho murmurou o significado das palavras do Sr. Baylis em chinês para o Comissário Lin.

O Comissário Lin permaneceu totalmente imperturbável.

— Isso é uma ameaça, Sr. Baylis?

O Sr. Baylis abriu a boca, pareceu pensar melhor e voltou a fechá-la. Apesar de irritado, aparentemente percebeu que por mais que adorasse repreender verbalmente os chineses, ainda não podia emitir uma declaração de guerra sem o apoio do seu governo.

As quatro partes encararam-se em silêncio.

Então, abruptamente, o Comissário Lin acenou com a cabeça para Robin.

— Gostaria de ter uma conversa particular com o seu assistente.

— Ele? Ele não tem nenhuma autoridade empresarial — traduziu Robin automaticamente em nome do Sr. Baylis. — Ele é apenas o intérprete.

— Refiro-me apenas a uma conversa informal — disse o Comissário Lin.

— Eu... mas ele não tem autorização para falar em meu nome.

— Não preciso que o faça. Na verdade, acho que já dissemos um ao outro tudo o que precisa de ser dito — disse o Comissário Lin. — Não acha?

Robin permitiu-se o simples prazer de ver o choque do Sr. Baylis transformar-se em indignação. Considerou traduzir os seus protestos gaguejados, mas decidiu-se pelo silêncio quando se tornou claro que nenhum deles era coerente. Por fim, por falta de melhor opção, o Sr. Baylis deixou-se ser escoltado para fora da sala.

— Você também — disse o Comissário Lin a William Botelho, que obedeceu sem comentários.

Então, ficaram sozinhos. O Comissário Lin olhou para ele por um longo e silencioso momento. Robin pestanejou, incapaz de sustentar o contacto visual; teve a certeza de que estava a ser examinado, o que o fez sentir-se desadequado e desesperadamente desconfortável.

— Qual é o seu nome? — perguntou o Comissário Lin em voz baixa.

— Robin Swift — disse Robin e depois pestanejou, confuso. O nome anglófono parecia incongruente numa conversa realizada em chinês. O seu outro nome, o seu primeiro nome, não era usado há tanto tempo que não lhe passara pela cabeça dizê-lo. — Quero dizer... — Mas sentiu-se demasiado envergonhado para continuar.

O olhar do Comissário Lin era curioso, indiferente.

— De onde é que é?

— Daqui, na verdade — disse Robin, agradecido por uma pergunta a que podia responder facilmente. — Embora eu tenha partido quando era muito novo. E há muito tempo que não voltava.

— Que interessante. Porque é que partiu?

— A minha mãe morreu de cólera e um professor de Oxford tornou-se o meu tutor.

— Você pertence à escola deles, então? O Instituto de Tradução?

— Sim. É a razão pela qual fui para Inglaterra. Estudei a minha vida toda para ser um tradutor.

— Uma profissão muito honrada — disse o Comissário Lin. — Muitos dos meus compatriotas menosprezam a aprendizagem de línguas bárbaras, mas eu encomendei alguns projetos de tradução

desde que assumi o poder aqui. Temos de conhecer os bárbaros para os controlar, não acha?

Algo em relação ao homem impeliu Robin a falar com franqueza.

— Essa é a mesma atitude que eles têm sobre si.

Para seu alívio, o Comissário Lin riu-se. Aquilo encorajou Robin.

— Posso perguntar-lhe uma coisa?

— Prossiga.

— Porque é que lhes chama *yí*? Deve saber que eles detestam isso.

— Mas tudo o que isso significa é «estrangeiro» — disse o Comissário Lin. — Eles é que insistem nas suas conotações. Eles criam o insulto sozinhos.

— Então, não seria mais fácil dizer apenas *yáng*?

— Você permitiria que alguém chegasse e lhe dissesse o que é que as palavras do seu próprio idioma significam? Temos palavras para usar quando desejamos insultar. Eles deviam sentir-se sortudos por *gui*¹⁰⁵ não ser mais prevalente.

Robin riu-se.

— Tem razão.

— Agora, eu gostava que você fosse franco comigo — disse o Comissário Lin. — Existe alguma vantagem em negociarmos este assunto? Se engolíssemos o nosso orgulho, se dobrássemos o joelho, será que isso poderia mediar as coisas de alguma forma?

Robin queria dizer que sim. Gostaria de poder afirmar que sim, claro, ainda havia espaço para negociar — que a Grã-Bretanha e a China, ambas nações lideradas por pessoas racionais e esclarecidas, poderiam certamente encontrar um meio-termo sem recorrer a hostilidades. Mas sabia que isso não era verdade. Sabia que Baylis, Jardine e Matheson não tinham intenção alguma de chegar a um compromisso com os chineses. Um compromisso exigia o reconhecimento de que a outra parte merecia uma posição moral equivalente. Mas ele aprendera que, para os britânicos, os chineses eram como animais.

— Não — disse ele. — Eles querem o que querem e não se vão contentar com menos. Não o respeitam a si ou ao seu governo.

Vocês são obstáculos a ser resolvidos, de uma forma ou de outra.

— É desapontante. Considerando toda a sua conversa sobre direitos e dignidade.

— Acho que esses princípios só se aplicam àqueles que eles consideram humanos.

O Comissário Lin assentiu. Parecia ter decidido algo; as suas feições estabeleceram-se numa expressão determinada.

— Então, não há necessidade de desperdiçarmos palavras, pois não?

Só quando o Comissário Lin lhe virou as costas é que Robin percebeu que tinha sido dispensado.

Sem saber o que fazer, ele fez uma reverência desajeitada e superficial e saiu da sala. O Sr. Baylis estava à espera no corredor, parecendo descontente.

— Alguma coisa? — perguntou enquanto os criados os escoltavam para fora do edifício.

— Nada — disse Robin. Sentia-se um pouco tonto. A audiência terminara tão abruptamente que ele não sabia a que conclusão chegar. Tinha estado tão concentrado na mecânica da tradução, em transmitir os significados exatos do Sr. Baylis, palavra por palavra, que não conseguira apanhar a mudança na conversa. Sentiu que acabara de acontecer algo importante, mas não tinha a certeza do quê, nem do seu papel nisso. Não parava de rever a negociação na sua cabeça, perguntando-se se teria cometido algum erro desastroso, mas tinha sido tão tudo civilizado. Eles apenas tinham reiterado posições bem estabelecidas no papel, não fora? — Ele parece ter considerado o assunto resolvido.

O Sr. Baylis correu imediatamente para os escritórios do andar de cima assim que regressaram à Fábrica Inglesa, deixando Robin sozinho na entrada. Ele não tinha a certeza do que fazer a seguir. Deveria estar fora a interpretar a tarde toda, mas o Sr. Baylis tinha desaparecido sem nenhuma instrução de despedida. Ele esperou na entrada durante alguns minutos e, depois, dirigiu-se à sala de estar, presumindo que seria melhor ficar num local público, caso o Sr.

Baylis decidisse que ainda precisava dele. Ramy, Letty e Victoire estavam sentados a uma mesa a jogar às cartas.

Robin ocupou o assento vazio ao lado de Ramy.

— Vocês não têm prata para polir?

— Acabámos cedo. — Ramy distribuiu cartas para ele. — Para ser sincero, isto torna-se um pouco aborrecido quando não falamos o idioma. Estávamos a pensar fazer um passeio de barco para irmos ver os jardins do rio Fa Ti mais tarde, quando pudermos. Como foi a reunião com o comissário?

— Estranha — disse Robin. — Não chegámos a lado nenhum. Ele pareceu muito interessado em mim, contudo.

— Porque não consegue entender por que razão um intérprete chinês está a trabalhar para o inimigo?

— Talvez — disse Robin. Não se conseguia livrar de um mau pressentimento, como se estivesse a ver uma tempestade a formar-se, esperando que os céus se abrissem. O ânimo na sala de estar parecia demasiado descontraído, demasiado tranquilo. — Como é que vocês estão? Acham que vos vão dar algo mais interessante para fazer?

— Não é provável. — Victoire bocejou. — Somos crianças abandonadas. A mamã e o papá estão demasiado ocupados a destruir economias para lidar connosco.

— Deus do Céu. — De repente, Letty levantou-se. Tinha os olhos arregalados, horrorizados, fixos na janela para onde apontava. — Olhem... em nome de Deus o que é que...

Um grande incêndio rugia na margem oposta. Mas, assim que correram para a janela, eles perceberam que a queima era controlada; só parecia catastrófica por causa das chamas crescentes e do fumo. Quando Robin semicerrou os olhos, viu que as chamas estavam contidas na sua origem — uma pilha de baús carregados em barcos de bojo profundo que tinham sido empurrados para o baixio. Alguns segundos depois, sentiu o cheiro do seu conteúdo: um aroma doce e enjoativo que era levado pelo vento ao longo da costa e entrava pelas janelas da Fábrica Inglesa.

Ópio. O Comissário Lin estava a queimar o ópio.

— Robin. — O Professor Lovell invadiu a sala, seguido de perto pelo Sr. Baylis. Ambos pareciam furiosos; o rosto do Professor Lovell, sobretudo, estava contorcido numa expressão de raiva que Robin nunca lhe vira. — O que é que fizeste?

— Eu... o quê? — Robin olhou do Professor Lovell para a janela, perplexo. — Não percebo...

— O que é que disseste? — repetiu o Professor Lovell, sacudindo Robin pelo colarinho. — *O que é que lhe disseste?*

Era a primeira vez que o Professor Lovell punha as mãos nele desde aquele dia na biblioteca. Robin não sabia o que o Professor Lovell poderia fazer agora — a expressão nos seus olhos era animalesca, totalmente irreconhecível. *Por favor*, pensou Robin descontroladamente. *Por favor, magoe-me, bata-me, porque então saberemos. Então, não haverá nenhuma dúvida.* Mas o feitiço passou tão rapidamente como surgira. O Professor Lovell largou Robin, pestanejando, como se voltasse a si. Deu um passo atrás e sacudiu a parte da frente do seu casaco.

Em redor deles, Ramy e Victoire estavam tensos, ambos encolhidos como se fossem saltar para se colocarem entre eles.

— Desculpem, eu apenas... — O Professor Lovell pigarreou. — Pegai nas vossas coisas e ide ter comigo lá fora. Todos vós. O *Hellas* está à espera na baía.

— Mas não vamos para Macau a seguir? — perguntou Letty. — Os nossos avisos diziam...

— A situação mudou — disse o Professor Lovell secamente. — Reservámos uma passagem antecipada de volta para Inglaterra. Vão.

101 Esta sociedade, fundada em novembro de 1834, fora criada com o objetivo de induzir o Império Qing a tornar-se mais aberto para os comerciantes e missionários ocidentais por meio da implantação de uma «artilharia intelectual». Fora inspirado pela London Society, que elevava generosamente os pobres e dissuadia o radicalismo político através do dom da educação.

102 O Reverendo Gützlaff usava, de facto, com frequência, o nome de Ai Han Zhe, o qual se traduz por «Aquele que ama os chineses». Essa alcunha não era irónica; Gützlaff via-se de facto como o paladino do povo chinês, a quem ele se referia na sua correspondência como sendo pessoas gentis, amigáveis, abertas e intelectualmente curiosas que, infelizmente, estavam sob a «escravidão de Satanás». Que ele conseguisse conciliar essa atitude com o apoio ao comércio de ópio é uma contradição interessante.

103 洋貨.

104 晴天, *qīngtiān*; *qīng* significa «límpido», *tiān* significa «os céus».

105 *Guǐ* (鬼) pode significar «fantasma» ou «demónio»; neste contexto, é mais habitualmente traduzido por «diabo estrangeiro».

CAPÍTULO DEZOITO

R

Seria esperar demasiado que eles não precisassem de nova demonstração de força a uma escala ainda maior antes de verem a razão.

JAMES MATHESON, carta a John Purvis

O *Hellas* partiu da Baía das Pérolas com uma pressa impressionante. Quinze minutos após o embarque, as cordas foram cortadas, as âncoras puxadas e as velas desenroladas. Eles saíram disparados do porto, perseguidos pelo fumo que parecia envolver toda a cidade.

A tripulação, que não tinha sido informada antes do embarque de que seria responsável pela acomodação e alimentação de cinco passageiros adicionais, reagia com brusquidão e aborrecimento. O *Hellas* não era um navio de passageiros e os seus aposentos já eram apertados. Ramy e Robin foram instruídos a dormir com os marinheiros, mas as raparigas receberam uma cabina privada, que iriam dividir com o único outro civil a bordo — uma mulher chamada Jemima Smythe, uma missionária cristã da América que tentara entrar furtivamente no continente, mas fora apanhada a tentar atravessar o rio para chegar aos subúrbios de Cantão.

— Vocês sabem a razão de toda esta confusão? — perguntou ela com insistência quando eles se sentaram, todos juntos, de ombros curvados, na messe. — Foi um acidente ou os chineses fizeram-no de propósito? Acham que irá haver uma guerra aberta agora? — Ela repetia a última pergunta com entusiasmo a intervalos regulares, apesar de eles garantirem exasperados que não sabiam. Por fim, ela mudou de assunto e perguntou o que é que eles faziam em Cantão e como tinham passado os dias na Fábrica Inglesa. — Há

muitos reverendos debaixo daquele teto, não há? O que é que vocês faziam relativamente à missa de domingo? — Ela olhou inquisitivamente para Ramy. — Você vai à missa dominical?

— Claro. — Ramy não hesitou. — Vou porque sou obrigado e murmuro desculpas a Alá sempre que possível.

— Ele está a brincar — disse Letty rapidamente, antes que a horrorizada *Miss Smythe* pudesse começar a tentar convertê-lo. — Ele é cristão, é claro; todos nós tivemos de assinar os Trinta e Nove Artigos quando nos inscrevemos em Oxford.¹⁰⁶

— Fico muito feliz por si — disse *Miss Smythe* com sinceridade. — Vai espalhar o evangelho em casa também?

— A minha casa é Oxford — disse Ramy, pestanejando inocentemente. *Deus nos ajude*, pensou Robin, *ele passou-se*. — Está a dizer que Oxford está cheia de pagãos? Deus do céu. Será que alguém lhes disse?

Por fim, *Miss Smythe* cansou-se deles e foi até ao convés para fazer as suas orações, ou o que quer que fosse que os missionários faziam. Robin, Letty, Ramy e Victoire juntaram-se em redor da mesa, inquietos como crianças travessas à espera do castigo. O Professor Lovell não estava por perto; fora falar com o capitão assim que tinham embarcado. No entanto, ninguém lhes tinha dito o que se passava ou o que aconteceria a seguir.

— O que é que disseste *realmente* ao comissário? — perguntou Victoire baixinho.

— A verdade — disse Robin. — Tudo o que lhe disse era a verdade.

— Mas com certeza houve *algo* que o fez agir...

O Professor Lovell apareceu à porta. Eles calaram-se.

— Robin — disse ele. — Vamos conversar.

Ele não esperou pela resposta de Robin antes de se virar e seguir pelo corredor. Com relutância, Robin levantou-se.

Ramy tocou-lhe no braço.

— Estás bem?

— Estou ótimo. — Robin esperava que eles não conseguissem perceber a rapidez com que o seu coração estava a bater, ou quão

alto o sangue lhe trovejava nos ouvidos. Não queria seguir o Professor Lovell; queria esconder-se e protelar, sentar-se no canto da messe com a cabeça enfiada nos braços. Mas este confronto já fermentava há muito tempo. A frágil trégua estabelecida na manhã da sua prisão nunca fora sustentável. Eles tinham mentido a si mesmos durante muito tempo, ele e o pai. As coisas não podiam permanecer enterradas, escondidas e deliberadamente ignoradas para sempre. Mais cedo ou mais tarde, as coisas teriam de vir à tona.

— Estou curioso. — O Professor Lovell estava sentado atrás de uma secretária, a folhear preguiçosamente um dicionário quando Robin se dirigiu finalmente à sua cabina. — Sabes o valor daqueles baús queimados no porto?

Robin entrou e fechou a porta atrás de si. Sentia os joelhos a tremer. Era como se tivesse outra vez onze anos e tivesse sido apanhado a ler um romance quando não devia, encolhendo-se diante do golpe iminente. Mas já não era uma criança. Esforçou-se para evitar que a voz lhe tremesse.

— Senhor, não sei o que aconteceu com o comissário, mas não foi...

— Mais de dois milhões de libras — disse o Professor Lovell. — Tu ouviste o Sr. Baylis. Dois milhões, grande parte dos quais é agora da responsabilidade pessoal de William Jardine e James Matheson.

— Ele já se tinha decidido — disse Robin. — Já tomara a decisão antes mesmo de se encontrar connosco. Não havia nada que eu pudesse dizer...

— O teu trabalho não era difícil. Ser o porta-voz de Harold Baylis. Apresentar um rosto amigável para os chineses. Acalmar as coisas. Achei que tínhamos sido claros sobre as tuas prioridades aqui. O que é que disseste ao Comissário Lin?

— Não sei o que acha que eu fiz — disse Robin, frustrado. — Mas o que aconteceu nas docas não foi por minha causa.

— Sugeriste que ele devia destruir o ópio?

— Claro que não.

— Insinuaste-lhe alguma coisa sobre Jardine e Matheson? Será que usurpaste o Harold de alguma forma? Tens a certeza de que não houve nada de inconveniente no modo como te conduziste?

— Eu fiz o que me mandaram — insistiu Robin. — Não gosto do Sr. Baylis, não, mas em relação à forma como representei a empresa...

— Pelo menos uma vez, Robin, tenta apenas dizer o que queres dizer — disse o Professor Lovell. — Sê sincero. O que quer que estejas a fazer agora é embaraçoso.

— Eu... muito bem, então. — Robin cruzou os braços. Não tinha nada pelo que se desculpar, nada mais a esconder. Ramy e Victoire estavam a salvo; ele não tinha nada a perder. Chegava de vénias e de silêncio. — Muito bem. Sejam sinceros um com o outro. Não concordo com o que a Jardine & Matheson está a fazer em Cantão. É errado, enoja-me...

O Professor Lovell abanou a cabeça.

— Por amor de Deus, é apenas um mercado. Não sejas infantil.

— É uma nação soberana.

— É uma nação atolada na superstição e na antiguidade, desprovida de um estado de direito, irremediavelmente atrás do Ocidente de todas as formas possíveis. É uma nação de tolos semibárbaros e incorrigivelmente retrógrados...

— É uma nação de *pessoas* — retorquiu Robin. — Pessoas que vocês estão a envenenar, cujas vidas estão a arruinar. E se a questão é se vou continuar a facilitar este projeto, então, a resposta é não; não voltarei a Cantão novamente, nem em representação dos comerciantes, nem por nada remotamente relacionado com o ópio. Farei investigação em Babel, farei traduções, mas não farei isso. Não me pode obrigar.

Ele estava a respirar com dificuldade quando terminou. A expressão do Professor Lovell não tinha mudado. Ele observou Robin por um longo momento, de pálpebras semicerradas, tamborilando os dedos na mesa como se fosse um piano.

— Sabes o que me surpreende? — A sua voz tornara-se muito suave. — Quão absolutamente ingrato alguém pode ser.

Outra vez esta linha de argumentação. Robin sentiu-se capaz de pontapear alguma coisa. Sempre aquilo, o argumento da escravidão, como se a sua lealdade estivesse vinculada a privilégios que ele não pedira e não escolhera receber. Será que devia a vida a Oxford, só porque tinha bebido champanhe nos seus claustros? Devia a sua lealdade a Babel porque em tempos acreditara nas suas mentiras?

— Isso não foi por mim — disse ele. — Eu não o pedi. Foi tudo por si, porque o senhor queria um aluno chinês, queria alguém que fosse fluente...

— Ressentes-te de mim, então? — perguntou o Professor Lovell. — Por te dar uma vida? Por te dar as oportunidades com as quais não poderias ter sonhado? — zombou ele. — Sim, Robin, eu tirei-te da tua casa. Da miséria e da doença e da fome. O que queres? Um pedido de desculpa?

O que ele queria, pensou Robin, era que o Professor Lovell admitisse o que tinha feito. Que todo aquele arranjo não era natural; que as crianças não eram gado para serem usadas em experiências, julgadas pelo seu sangue, levadas para longe da sua terra natal ao serviço da Coroa e do país. Que Robin era mais do que um dicionário falante e que a sua pátria era mais do que uma gorda galinha dos ovos de ouro. Mas ele sabia que aqueles eram reconhecimentos que o Professor Lovell jamais faria. A verdade entre eles não fora enterrada porque era dolorosa, mas sim porque era inconveniente e porque o Professor Lovell se recusava simplesmente a abordá-la.

Era tão óbvio agora que ele não era, e nunca poderia ser, uma pessoa aos olhos do seu pai. Não, a pessoalidade exigia a pureza do sangue do homem europeu, o estatuto racial que o tornaria igual ao Professor Lovell. O pequeno Dick e Philippa eram pessoas. Robin Swift era um bem e os bens deviam ser eternamente gratos por serem sequer bem tratados.

Não poderia haver nenhuma resolução aqui. Mas, pelo menos, Robin teria a verdade sobre algo.

— Quem era a minha mãe para si? — perguntou ele.

Aquilo, pelo menos, pareceu abalar o professor, ainda que apenas por um breve instante.

— Não estamos aqui para discutir a tua mãe.

— O senhor matou-a. E nem sequer se deu ao trabalho de a enterrar.

— Não sejas absurdo. Foi a cólera-asiática que a matou...

— O senhor esteve em Macau durante duas semanas antes de ela morrer. A Sra. Piper contou-me. O senhor sabia que a peste se estava a espalhar, sabe que a poderia ter salvado...

— Céus, Robin, ela era apenas uma chinoca.

— Mas eu sou apenas um chinoca, Professor. Também sou filho dela. — Robin sentiu uma vontade enorme de chorar, mas reprimiu esse sentimento. A mágoa nunca conquistara a simpatia do seu pai, mas talvez a raiva pudesse provocar o medo. — Achou que tinha lavado essa parte de mim?

Ele tinha-se tornado tão bom a manter duas verdades na sua cabeça ao mesmo tempo. Que era inglês e não era. Que o Professor Lovell era o seu pai e não era. Que os chineses eram um povo estúpido e atrasado e que ele também era um deles. Que odiava Babel e queria viver para sempre no seu seio. Dançara durante anos no fio da navalha dessas verdades, permanecendo ali como um meio de sobrevivência, uma forma de lidar com a situação, incapaz de aceitar completamente qualquer um dos lados porque um exame inabalável da verdade era tão assustador que as contradições ameaçavam desfazê-lo.

Mas não podia continuar assim. Não podia existir como um homem dividido, com a mente a apagar e reapagar constantemente a verdade. Sentiu uma grande pressão no fundo de si mesmo. Sentiu-se como se fosse literalmente explodir, a menos que parasse com essa duplicidade. A menos que escolhesse.

— O senhor pensou — disse Robin — que se eu passasse tempo suficiente em Inglaterra iria tornar-me igual a si?

O Professor Lovell inclinou a cabeça.

— Sabes, em tempos pensei que ter filhos era uma espécie de tradução em si mesma. Especialmente quando os pais são de linhagens tão diferentes. Ficamos curiosos para ver o que sairá dali

no final. — O seu rosto passou por uma estranha transformação enquanto ele falava. Os seus olhos foram ficando cada vez maiores até estarem assustadoramente esbugalhados; o seu esgar condescendente tornou-se mais pronunciado e os lábios recuaram, revelando os dentes. A ideia era, talvez, apresentar uma expressão de repulsa exagerada, mas a Robin pareceu-lhe mais como se uma máscara de civilidade tivesse sido arrancada. Era a expressão mais feia que ele já vira o pai apresentar. — Eu esperava criar-te para evitar as falhas do teu irmão. Esperava incutir em ti uma noção de ética mais civilizada. *Quo semel est imbuta recens, servabit odorem testa diu*,¹⁰⁷ e tudo isso. Esperava poder fazer de ti uma linhagem mais elevada. Mas, apesar de toda a tua educação, não há como te resgatar dessa cepa original e básica, pois não?

— O senhor é um monstro — disse Robin, espantado.

— Não tenho tempo para isto. — O Professor Lovell fechou o dicionário. — É claro que trazer-te para Cantão foi uma má ideia. Eu esperava poder recordar-te da sorte que tiveste, mas tudo o que isso fez foi confundir-te.

— Eu não estou confuso...

— Reavaliaremos a tua posição em Babel quando voltarmos. — O Professor Lovell apontou para a porta. — Por agora, acho que devias tirar algum tempo para refletir. Imagina passares o resto da tua vida em Newgate, Robin. Podes protestar contra os males do comércio quanto quiseres, desde que o faças numa cela de prisão. Preferes isso?

As mãos de Robin cerraram-se em punhos.

— Diga o nome dela.

A sobancelha do Professor Lovell contraiu-se. Ele fez novamente um gesto na direção da porta.

— É tudo.

— Diga o nome dela, seu covarde.

— *Robin*.

Aquilo era um aviso. Era ali que o seu pai traçava um limite. Tudo o que Robin tinha feito até agora ainda poderia ser perdoado se ele

recuasse; se pedisse desculpa, se se curvasse perante a autoridade e regressasse ao luxo ingénuo e ignorante.

Mas Robin curvara-se durante muito tempo. E mesmo uma gaiola dourada continuava a ser uma gaiola.

Ele deu um passo à frente.

— Pai, *diga o nome dela*.

O Professor Lovell empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

As origens da palavra *ira*¹⁰⁸ estavam intimamente ligadas ao sofrimento físico. A *ira* fora primeiro um padecimento, como indicado pela antiga palavra islandesa *anгр*, e depois um estado «doloroso, cruel, estreito», como significa a palavra em inglês antigo *enge*, a qual, por sua vez, veio do latim *angor*, que significa «estrangulamento, angústia, sofrimento». A ira era um estrangulamento. A ira não nos dava poder. Pesava no nosso peito; apertava-nos as costelas até nos sentirmos presos, sufocados e sem opções. A ira fervilhava e depois explodia. A ira era uma constrição e a raiva consequente uma tentativa desesperada para respirar.

E a *raiva*, é claro, vinha da loucura.¹⁰⁹

Mais tarde, Robin perguntou-se muitas vezes se o Professor Lovell teria visto algo nos seus olhos, um fogo que ele não sabia que o filho possuía, e se isso — a sua surpresa ao perceber que a sua experiência linguística tinha desenvolvido uma vontade própria — teria, por sua vez, levado Robin a agir. Ele tentaria desesperadamente justificar o que tinha feito como sendo legítima defesa, mas tal justificação baseava-se em pormenores de que ele mal se conseguia lembrar, pormenores que ele não tinha a certeza se havia inventado para se convencer de que não tinha realmente assassinado o pai a sangue-frio.

Uma e outra vez ele perguntar-se-ia quem se tinha movido primeiro e isso torturá-lo-ia pelo resto dos seus dias, pois a verdade era que não sabia.

Isto ele sabia:

O Professor Lovell levantou-se abruptamente. A sua mão moveu-se para o seu bolso. E Robin, imitando-o ou provocando-o, fez o

mesmo, enfiando a mão no bolso da frente onde guardava a barra que matara Eveline Brooke. Ele não estava a pensar no que a barra poderia fazer — disso tinha a certeza. Disse o par-correspondente porque eram as únicas palavras que lhe vieram à cabeça para descrever aquele momento, a sua imensidão. Pensou no atizador do Professor Lovell a zurzir contra as suas costelas enquanto ele se encolhia no chão da biblioteca, demasiado assustado e confuso para gritar. Pensou em Griffin, o pobre Griffin, levado para Inglaterra ainda mais novo do que ele; usado e descartado porque não se lembrava o suficiente da sua língua natal. Pensou nos homens apáticos no antro de ópio. Pensou na mãe.

Não estava a pensar em como a barra rasgaria o peito do pai. Parte dele devia saber, é claro, porque as palavras só ativavam as barras se fossem ditas com intenção — as sílabas não tinham efeito algum se fossem apenas pronunciadas. E quando ele viu o carácter na sua mente, quando viu os sulcos gravados na prata brilhante e disse a palavra e a sua tradução em voz alta, deve ter pensado no que a barra faria.

Bão: explodir, fazer estourar o que já não pode ser contido.

Mas foi só quando o Professor Lovell caiu no chão, quando o cheiro inebriante e salgado do sangue encheu o ar, que Robin percebeu o que tinha feito.

Ele caiu de joelhos.

— Senhor?

O Professor Lovell não se mexeu.

— Pai? — Ele agarrou os ombros do Professor Lovell. Sangue quente e molhado escorreu-lhe pelos dedos. Não parava; estava por toda a parte, uma fonte sem fim que jorrava daquele peito arruinado.

— *Diē*?

Ele não sabia o que o fez dizer aquilo, a palavra para *pai*. Talvez pensasse que deixaria o Professor Lovell atordoado, que o choque poderia trazê-lo de volta à vida, que podia puxar a alma do pai de volta para o corpo ao dizer a única coisa que eles nunca tinham mencionado. Mas o Professor Lovell estava flácido, morto, e por mais que Robin o sacudisse, o sangue não parava de jorrar.

— *Diê* — disse ele novamente. Então, uma gargalhada escapou-lhe da garganta; histérica, desamparada, porque era tão engraçado, tão adequado, que a romanização de *pai* contivesse as mesmas letras que a palavra morrer em inglês.¹¹⁰ E o Professor Lovell estava tão clara e incontestavelmente morto. Não havia como voltar atrás depois daquilo. Não poderia haver mais fingimento.

— Robin?

Alguém bateu à porta. Atordoado, sem pensar, Robin levantou-se e destrancou-a. Ramy, Letty e Victoire entraram aos tropeções numa confusão de vozes.

— Oh, Robin, estás...

— Que se passa...

— Ouvimos gritos, pensámos...

Então, viram o corpo e o sangue. Letty soltou um grito abafado. Victoire tapou a boca com as mãos. Ramy pestanejou várias vezes e depois disse, muito suavemente:

— Oh.

Letty perguntou, quase num murmúrio:

— Ele está...?

— Sim — sussurrou Robin.

A cabina ficou extremamente silenciosa. Os ouvidos de Robin zumbiam; ele levou as mãos à cabeça e depois baixou-as de imediato, pois estavam completamente vermelhas e pingavam.

— Que aconteceu...? — arriscou Victoire.

— Nós discutimos. — Robin mal conseguia pronunciar as palavras. Estava agora a esforçar-se por respirar. Sentia os limites da sua visão a ficarem negros. Os seus joelhos estavam muito fracos e ele queria desesperadamente sentar-se, só que o chão estava encharcado, ocupado por uma poça de sangue que se espalhava.

— Nós discutimos e...

— Não olhem — instruiu Ramy.

Ninguém obedeceu. Ficaram todos ali, paralisados, de olhos fixos na forma imóvel do Professor Lovell enquanto Ramy se ajoelhava ao lado dele e encostava dois dedos ao seu pescoço. Um longo momento passou. Ramy murmurou uma oração baixinho — *Inna*

lillahi wa inna ilayhi Raji'un — e depois passou as mãos sobre as pálpebras do Professor Lovell para as fechar.

Exalou muito lentamente, empurrou as mãos contra os joelhos por um instante e depois levantou-se.

— E agora?

106 Isto era verdade, embora Ramy apenas o tivesse feito porque, de outra forma, não teria tido autorização para se matricular.

A religião fora sempre um ponto de discórdia entre os quatro. Embora fossem todos obrigados pela faculdade a comparecer aos cultos dominicais, apenas Letty e Victoire o faziam de bom grado; Ramy, é claro, ressentia-se de cada minuto e Robin tinha sido criado pelo Professor Lovell como um ateu devoto. «O cristianismo é bárbaro», opinava o Professor Lovell. «É tudo autoflagelação, repressão confessa e rituais supersticiosos e sangrentos como disfarce para fazermos o que queremos. Vai à igreja, se assim te obrigarem, mas aproveita para praticares as tuas recitações baixinho.»

107 Horácio, sobre a educação dos jovens para evitar a corrupção. «Um barril reterá por muito tempo o sabor daquilo com que foi inicialmente cheio.»

108 *Anger* em inglês no original. (*N. da T.*)

109 Do latim *rabere*: «delirar, ficar louco».

110 Morrer: *to die*. (*N. da T.*)

LIVRO IV



CAPÍTULO DEZANOVE

R

— Existe, antes de mais — disse eu —, a maior mentira sobre as coisas de maior interesse, a qual não foi uma bela invenção daquele que contou como Úrano fez o que Hesíodo diz que ele fez a Cronos, e como Cronos, por sua vez, exerceu a sua vingança; e depois temos as ações e sofrimentos de Cronos às mãos do seu filho. Mesmo que fossem verdadeiras, não penso que devam ser ditas levianamente a jovens irrefletidos.

PLATÃO, *República*, trad. Paul Shorey

M—antenham-no na cabina — disse Victoire com incrível compostura, embora as palavras que lhe saíssem da boca fossem bastante loucas. — Nós vamos... enrola-o nesses lençóis e mantém-no fora de vista até voltarmos para Inglaterra...

— Não podemos manter um corpo escondido durante seis semanas — guinchou Letty.

— Porque não?

— Vai apodrecer!

— Ela tem razão — disse Ramy. — Os marinheiros cheiram mal, mas não tão mal assim.

Robin ficou surpreso por o primeiro instinto deles ser discutir como esconder o corpo. Isso não mudava o facto de ele ter acabado de matar o pai ou de, possivelmente, os ter implicado a todos no assassinio, ou de as paredes, o chão, o seu pescoço e as suas mãos estarem manchados de vermelho. Mas eles estavam a falar como se aquilo fosse apenas uma questão a ser resolvida — uma tradução espinhosa que podia ser feita se eles conseguissem encontrar as frases certas.

— Muito bem, escutem... vamos fazer o seguinte. — Victoire pressionou as mãos contra as têmporas e respirou fundo. — Vamos

livrar-nos do corpo de alguma forma. Não sei como, mas vamos descobrir. Então, quando atracarmos...

— Como é que dizemos à tripulação para o deixarem em paz durante *seis semanas*? — perguntou Letty.

— Nove semanas — disse Victoire.

— O quê?

— Este não é um dos veleiros rápidos — disse Victoire. — Vai demorar nove semanas.

Letty pressionou as palmas das mãos contra os olhos.

— Por amor de Deus.

— Que tal assim? — perguntou Victoire. — Diremos que ele está com algum tipo de doença contagiosa. Não sei, uma... uma doença assustadora. Robin, tu inventas algo de exótico e nojento que os deixe assustados. Diz que é algo que ele apanhou nos bairros de lata e eles ficarão todos com demasiado medo de entrar aqui.

Houve um breve silêncio. Todos tinham de admitir que aquela era uma lógica sólida; ou, pelo menos, não era imediatamente evidente que se tratava de um absurdo.

— Muito bem. — Ramy começou a andar de um lado para o outro ao longo do pequeno trecho de tábuas de madeira que não estavam cobertas de sangue. — Oh, céus, que Alá nos perdoe. — Ele esfregou os olhos. — Está bem, sim, isso pode funcionar. Suponhamos que mantemos isto em segredo até voltarmos a Londres. E depois?

— Fácil — disse Victoire. — Diremos que ele morreu durante a viagem. Durante o sono, talvez. Só que não podemos deixar o médico do navio vir fazer uma autópsia, porque o risco de contaminação é demasiado grande. Pedimos um caixão que encheremos com um monte de... não sei, livros enrolados em roupa, e depois levamo-lo e livramo-nos dele.

— Isso é uma loucura — disse Letty. — É uma absoluta loucura.

— Tens uma ideia melhor? — perguntou Victoire.

Letty ficou em silêncio por um momento. Robin tinha a certeza de que ela iria insistir para que eles se entregassem, mas então ela ergueu as mãos no ar e disse:

— Podíamos simplesmente deixá-lo cair no mar em plena luz do dia e dizer que ele se afogou acidentalmente. Todos o veriam morrer e nós não seríamos suspeitos...

— Ah, e isso não seria suspeito? — perguntou Ramy. — Arrastamos este cadáver ensanguentado até ao convés, fingimos que está a andar sozinho e depois atiramo-lo às ondas, onde qualquer um pode ver aquele buraco enorme onde o coração dele devia estar. É assim que provamos a nossa inocência? Tem um pouco de *criatividade*, Letty, temos de fazer isto bem...

Finalmente, Robin recuperou a língua.

— Não. Não, isto é uma loucura, não posso deixar... Vocês todos não podem... — Ele não parava de tropeçar nas palavras. Respirou fundo e acalmou-se. — Eu fiz isto. Eu vou contar ao capitão, vou entregar-me e pronto.

Ramy zombou.

— Bem, isso está fora de questão.

— Não sejas idiota — disse Robin. — Tu serás implicado se...

— Estamos todos implicados seja como for — disse Victoire. — Somos todos estrangeiros a voltar de um país estrangeiro, num navio, com um homem branco morto. — Aquela declaração excluía Letty, mas ninguém a corrigiu. — Não existe nenhum mundo onde tu vás para a prisão e o resto de nós saia em liberdade. Consegues ver isso, certo? Ou te protegemos ou estamos condenados.

— Isso mesmo — disse Ramy com firmeza. — E nenhum de nós vai deixar que vás para a prisão, Birdie. Vamos todos manter o silêncio, certo?

Apenas Letty não tinha falado. Victoire tocou-lhe.

— Letty?

Letty ficara tão pálida que estava igual ao cadáver exangue no chão.

— Eu... sim. Está bem.

— Podes ir, Letty — disse Robin. — Não precisas de ouvir...

— Não, eu quero ficar aqui — disse Letty. — Quero saber o que acontece a seguir. Não posso deixar-vos a todos... Não. — Ela fechou os olhos com força e abanou a cabeça. Depois, voltou a abrir

os olhos e anunciou bem devagar, como se tivesse acabado de tomar uma decisão: — Eu estou nisto. Convosco. Com todos vós.

— Ótimo — disse Ramy rapidamente. Ele limpou as mãos às calças e recomeçou a andar. — Bem, eis o que estou a pensar. Nós não devíamos estar neste paquete. Estava originalmente previsto regressarmos no dia 4, lembram-se? Ninguém está à nossa espera antes disso, o que significa que ninguém vai estar à procura dele quando desembarcarmos.

— Certo. — Assentiu Victoire, retomando depois a linha de pensamento dele. Era bastante assustador observar os dois. Iam ficando cada vez mais confiantes à medida que falavam. Era como se estivessem simplesmente a colaborar numa tradução em grupo, explorando o brilhantismo um do outro. — É óbvio que a maneira mais fácil de sermos apanhados é alguém ver o corpo. Portanto, a nossa primeira prioridade, como eu disse, deve ser livrarmo-nos dele o mais rápido possível, assim que escurecer lá fora. Então, durante o resto da viagem, diremos a todos que ele está doente. Ninguém tem mais medo de doenças estrangeiras do que os marinheiros, não é? Assim que deixarmos escapar que ele tem algo que eles podem apanhar, garanto que ninguém se aproximará daquela porta durante semanas. O que significa que só temos de nos preocupar com deitá-lo à água.

— Bem, e limpar todo este sangue — disse Ramy.

Loucura, pensou Robin. Aquilo era uma loucura e ele não conseguia compreender porque é que ninguém se ria, porque é que todos pareciam estar muito seriamente a considerar arrastar o corpo do professor dois lanços de escada acima e atirá-lo ao mar. Tinham todos ultrapassado o limite da incredulidade. O choque passara e o surreal tornara-se o que era prático. Eles não estavam a falar de ética, mas sim de logística, e isso fez Robin sentir-se como se tivessem todos entrado num mundo virado do avesso, onde nada fazia sentido e ninguém tinha nenhum problema com isso, exceto ele.

— Robin? — perguntou Ramy.

Robin pestanejou. Estavam todos a olhar para ele com expressões muito preocupadas. Ele percebeu que não era a primeira vez que o

chamavam.

— Desculpem, o quê?

— Que achas? — perguntou Victoire gentilmente. — Vamos atirá-lo ao mar, certo?

— Eu... bem, suponho que funcione, eu só... — Ele abanou a cabeça. Tinha um zumbido muito alto nos ouvidos, o que lhe tornava difícil organizar os pensamentos. — Desculpem, eu só... nenhum de vocês me vai perguntar porquê?

Expressões vazias nos rostos de todos.

— É que... vocês estão todos decididos a ajudar-me a esconder um assassínio? — Robin não conseguia evitar que todas as suas afirmações se tornassem perguntas. Naquele momento, o mundo inteiro parecia-lhe uma grande e irrespondível pergunta. — E nem sequer me vão perguntar como, ou porquê?

Ramy e Victoire trocaram um olhar, mas foi Letty quem respondeu primeiro.

— Acho que todos nós entendemos porquê. — A garganta dela pulsava. Ele não conseguia decifrar a expressão no rosto dela; era algo que ele nunca tinha visto nela antes, uma estranha mistura de pena e determinação. — E para ser sincera, Robin, acho que quanto menos falarmos sobre isso, melhor.

A limpeza da cabina foi mais rápida do que Robin rezeira. Letty conseguiu arranjar um esfregão e um balde junto da tripulação, alegando que vomitara devido ao enjoo, e o resto deles contribuiu com várias peças de roupa para absorver a água ensanguentada.

Depois, havia a questão de se descartarem do corpo. Eles decidiram que enfiar o Professor Lovell num baú era a sua melhor hipótese de levarem o corpo para o convés sem perguntas. A migração para o andar de cima foi uma gincana plena de respirações suspensas e progresso em centímetros. A cada poucos segundos, Victoire dava uma corrida para a frente, para verificar se não havia ninguém à vista, e depois gesticulava freneticamente para Robin e Ramy arrastarem o baú mais alguns degraus escada acima. Letty mantinha guarda no convés, enquanto fingia dar um passeio noturno para apanhar um pouco de ar fresco.

De alguma forma, conseguiram levar o baú até à beira da amurada sem atrair suspeitas.

— Pronto. — Robin abriu a tampa do baú. A princípio, tinham pensado em atirar o baú juntamente com o corpo, mas Victoire recordou astutamente que a madeira flutuava. Ele estava com medo de olhar para baixo; queria, se possível, fazer aquilo sem olhar para o rosto do pai. — Rápido, antes que alguém veja...

— Espera — disse Ramy. — Temos de lhe pôr pesos, caso contrário, vai flutuar.

Robin teve uma visão repentina do corpo do Professor Lovell a flutuar na esteira do navio, atraindo a atenção de marinheiros e gaivotas. Lutou contra uma onda de náusea.

— Porque é que não o disseste antes?

— Estava um pouco em pânico, está bem?

— Mas parecias tão calmo...

— Eu sou bom em emergências, Birdie, mas não sou Deus.

Os olhos de Robin percorreram o convés, procurando qualquer coisa que pudesse servir de âncora — remos, baldes de madeira, pranchas sobresselentes —, caramba, porque é que tudo num navio era desenhado para flutuar?

Por fim, encontrou uma pilha de cordas com o que pareciam ser pesos amarrados. Ele rezou para que não fossem necessárias para nada de importante e arrastou-as até ao baú. Prender a corda em redor do Professor Lovell foi um pesadelo. Os seus membros pesados e enrijecidos não se moviam com facilidade; o cadáver parecia, de facto, estar a resistir-lhes ativamente. A corda prendia-se horripelantemente nas costelas expostas e irregulares. As mãos de Robin, suadas de medo, não paravam de escorregar; passaram-se vários minutos agonizantes antes que eles conseguissem prender bem a corda em redor dos braços e pernas do professor. Robin queria dar um nó rápido e acabar com aquilo, mas Ramy foi inflexível, insistindo para fazerem tudo com calma; não queria que as cordas se soltassem assim que o corpo caísse na água.

— Pronto — sussurrou finalmente Ramy, puxando a corda. — Já deve estar bem.

Cada um deles pegou numa ponta do cadáver — Robin os ombros e Ramy os pés — e ergueram-no para fora do baú.

— Um — sussurrou Ramy. — Dois...

Ao terceiro balanço, ergueram o corpo do Professor Lovell por cima do corrimão e largaram-no. Pareceu uma eternidade até ouvirem a água a saltar.

Ramy inclinou-se sobre o corrimão, examinando as ondas escuras.

— Desapareceu — disse por fim. — Não está a subir.

Robin não conseguia falar. Cambaleou vários passos para trás e vomitou no convés.

R

Agora, instruiu Ramy, eles iam voltar para os seus beliches e agir normalmente durante o resto da viagem. Era simples, em teoria, mas de todos os locais para se cometer um assassínio, um navio a meio de uma viagem era um dos piores. Um assassino numa rua podia pelo menos largar a arma e fugir da cidade, mas eles iam estar presos durante mais dois meses no local do crime, dois meses durante os quais tinham de manter a ficção de que não tinham rebentado o peito de um homem e atirado o seu corpo ao mar.

Tentaram manter as aparências. Davam os seus passeios diários pelo convés, escutavam *Miss Smythe* e as suas perguntas cansativas e apareciam na messe três vezes ao dia para tomarem as refeições, fazendo o possível para mostrarem algum apetite.

— Ele só não se está a sentir muito bem — respondeu Ramy quando o cozinheiro perguntou porque é que não via o Professor Lovell há vários dias. — Diz que não está com muita fome. Deve ser algum tipo de problema de estômago, mas nós vamos levar-lhe algo para comer mais tarde.

— Ele disse exatamente qual era o problema? — O cozinheiro era um homem sorridente e sociável; Robin não sabia se ele estava a ser curioso ou apenas simpático.

— Oh, é uma série de sintomas ligeiros — mentiu Ramy suavemente. — Ele queixa-se de dores de cabeça, alguma congestão, mas tem principalmente náuseas. Fica tonto se está de

pé durante muito tempo, portanto, passa a maior parte dos dias na cama. Dorme bastante. Pode ser enjoos, embora ele não tenha tido problemas com isso na vinda.

— Interessante. — O cozinheiro coçou a barba por um instante e depois virou-se. — Esperem aqui.

Ele saiu da messe a passo rápido. Eles ficaram a olhar para a porta, aterrados. Será que estava desconfiado? Ia alertar o capitão? Ia verificar a cabina do Professor Lovell para confirmar a história deles?

— Bem — murmurou Ramy —, fugimos agora ou...?

— E vamos para onde? — sibilou Victoire. — Estamos no meio do oceano!

— Talvez consigamos chegar antes dele à cabina do Lovell...

— Mas não há lá nada, não há nada que possamos fazer...

— Chiu. — Letty acenou com a cabeça por cima do ombro. O cozinheiro estava de volta à messe e trazia uma pequena saqueta castanha numa das mãos.

— Gengibre cristalizado. — Ele ofereceu-o a Robin. — É bom para os problemas de estômago. Vós, académicos, esqueceis-vos sempre de trazer os vossos.

— Obrigado. — Com o coração a martelar, Robin pegou na saqueta. Esforçou-se para manter a voz calma. — Tenho a certeza de que ele ficará muito grato.

Felizmente, mais ninguém no resto da tripulação questionou o paradeiro do Professor Lovell. Os marinheiros não tinham nenhum interesse pelas atividades diárias de académicos pelos quais tinham recebido uma ninharia para transportar e sentiam-se bastante satisfeitos por fingirem que estes não existiam sequer. *Miss Smythe* era uma história diferente. Talvez devido ao tédio, ela continuava desesperadamente a tentar ser útil. Fazia perguntas incessantes sobre a febre do Professor Lovell, o som da sua tosse e a cor e a composição das suas fezes.

— Já vi a minha quota de doenças tropicais — disse ela. — O que quer que ele tenha, eu com certeza já encontrei nos habitantes locais. Deixem-me dar-lhe uma vista de olhos e ponho-o bom num instante.

De alguma forma, eles convenceram-na de que o Professor Lovell era altamente contagioso e extremamente tímido.

— Ele não vai querer estar sozinho com uma mulher solteira — jurava Letty solenemente. — Vai ficar furioso se a deixarmos entrar.

Ainda assim, *Miss Smythe* insistiu para que eles se juntassem a ela numa oração diária pela saúde dele, durante a qual Robin precisou de todas as suas forças para não vomitar de culpa.

Os dias eram terrivelmente compridos. O tempo arrastava-se quando cada segundo continha uma contingência terrível, a questão *será que vamos escapar?* Robin estava constantemente maldisposto. A sua náusea era totalmente diferente da perturbadora inquietação do enjoo; era uma massa cruel de culpa que lhe corroía o estômago e arranhava a garganta, um peso venenoso que lhe dificultava a respiração. Tentar relaxar ou distrair-se não ajudava; quando ele perdia o controlo e baixava a guarda, a má disposição redobrava. Então, o zumbido nos seus ouvidos ficava cada vez mais forte e os limites da sua visão tornavam-se pretos, reduzindo o mundo a uma cabeça de alfinete desfocada.

Agir como uma pessoa exigia uma concentração tremenda. Às vezes, o máximo que ele conseguia fazer era lembrar-se de respirar, com força e de modo uniforme. Tinha de gritar um mantra na sua mente — *está tudo bem, está tudo bem, tu estás bem, eles não sabem, acham que és apenas um estudante e acham que ele está apenas doente* —, mas mesmo esse mantra ameaçava descontrolar-se; se ele relaxasse apenas um segundo, o mantra transformava-se na verdade — *tu mataste-o, abriste um buraco no peito dele e o sangue dele está espalhado pelos livros, pelas tuas mãos, escorregadio, molhado, quente...*

Ele estava com medo do seu subconsciente; de o deixar divagar. Não conseguia pensar em nada. Cada pensamento que lhe passava pela mente transformava-se numa mistura caótica de culpa e horror que se solidificava sempre no mesmo refrão sombrio:

Matei o meu pai.

Matei o meu pai.

Matei o meu pai.

Ele torturava-se a imaginar o que lhes poderia acontecer se fossem apanhados. Projetava as cenas de modo tão vívido que pareciam memórias — o julgamento curto e condenatório, os olhares de desprezo dos jurados; as algemas nos seus pulsos e, se não a forca, então uma longa, apinhada e miserável viagem para uma colônia penal na Austrália.

O que ele não conseguia entender era como o assassinio tinha sido um momento tão fugaz — apenas uma fração de segundo de ódio impulsivo, uma única frase pronunciada, um único arremesso. Os Analectos de Confúcio afirmavam *sìbùjǐshé*:¹¹¹ que nem sequer uma carruagem puxada por quatro cavalos poderia apanhar uma palavra depois de pronunciada, que a palavra falada era irrevogável. Mas isto parecia um enorme truque do tempo. Não parecia justo que uma ação tão minúscula pudesse ter consequências tão reverberantes. Parecia que algo que desfizera não apenas o seu mundo, mas também o de Ramy, Letty e Victoire, deveria ter demorado pelo menos alguns minutos; deveria ter exigido um esforço repetido. A verdade do assassinio teria feito mais sentido se ele tivesse estado debruçado sobre o corpo do pai com um machado rombo, batendo-lhe repetidamente no crânio e no peito até o sangue espirrar para o rosto de ambos. Algo brutal, algo sustentado, uma verdadeira manifestação de uma intenção monstruosa.

Mas isso não descrevia de modo nenhum o que tinha acontecido. Não tinha sido cruel. Não exigira esforço. Tudo acabara tão depressa que ele nem tivera tempo de pensar. Ele não se conseguia lembrar sequer de agir. Será que uma pessoa pode ter a intenção de assassinar se não se lembrar de o querer?

Mas que raio de pergunta era essa? Qual era o interesse de perceber se ele desejara a morte do pai ou não, quando o seu cadáver arruinado estava incontestável e irreversivelmente no fundo do oceano?

As noites eram muito piores do que os dias. Pelo menos, os dias ofereciam distrações temporárias ao ar livre, o oceano agitado e as névoas salpicantes. À noite, confinado na sua rede, havia apenas a

escuridão implacável. As noites significavam lençóis encharcados em suor, calafrios e tremores e nem sequer a privacidade para gemer e gritar em voz alta. Robin ficava deitado com os joelhos dobrados contra o peito, abafando a sua respiração frenética com ambas as mãos. Quando conseguia dormir um pouco, os seus sonhos eram fragmentados e terrivelmente vívidos, revisitando cada palavra daquela conversa final até ao seu fim devastador. Mas os pormenores estavam sempre a mudar. Quais tinham sido as últimas palavras que o Professor Lovell dissera? Como é que ele olhara para Robin? Será que se aproximara realmente? Quem é que se movera primeiro? Fora legítima defesa ou um ataque preventivo? Havia alguma diferença? Ele destruiu a sua própria memória. Acordado e a dormir, examinara o mesmo momento de mil ângulos diferentes até já não saber o que tinha acontecido.

Ele queria que todos os pensamentos parassem. Queria desaparecer. À noite, as ondas negras e intermináveis pareciam uma utopia e ele só queria atirar-se ao mar e deixar o oceano sugá-lo e à sua culpa para as suas profundezas obliterantes. Mas isso apenas condenaria os outros. Qual seria o aspeto da situação; um aluno afogara-se e o seu professor fora morto? Nenhuma desculpa, por mais criativa que fosse, por mais verdadeira que fosse, os conseguiria livrar disso.

Mas se a morte não era uma opção, talvez a punição ainda fosse.

— Tenho de confessar — sussurrou ele para Ramy numa noite de insónia. — É a única maneira, temos de acabar com isto...

— Não sejas idiota — disse Ramy.

Ele moveu-se freneticamente para sair da sua rede.

— Estou a falar a sério, vou ter com o capitão...

Ramy deu um pulo e alcançou-o na passagem.

— Birdie, volta para aqui.

Robin tentou passar por Ramy para alcançar as escadas, mas Ramy, prontamente, deu-lhe uma bofetada no rosto. De alguma forma, aquilo acalmou-o, nem que fosse apenas por causa do choque — a dor ofuscante e clara apagou-lhe tudo da mente. Foi apenas por alguns segundos, mas o tempo suficiente para acalmar o seu coração acelerado.

— Estamos todos implicados agora — sibilou Ramy. — Limpámos aquele quarto. Ajudámos-te a esconder o corpo. Para *te* protegemos. Já mentimos todos uma dúzia de vezes; somos cúmplices deste crime e se tu fores para o carrasco, vais condenar-nos a todos. Percebes?

Admoestado, ele baixou a cabeça e assentiu.

— Ótimo — disse Ramy. — Agora, volta para a cama.

O único lado positivo de todo este caso grotesco era que ele e Ramy se tinham finalmente reconciliado. O ato do assassinio eliminara a distância entre eles e apagara completamente as acusações de cumplicidade e covardia de Ramy. Não importava que tivesse sido um acidente ou que Robin teria imediatamente voltado atrás no que fizera, se pudesse. Ramy já não tinha motivos ideológicos para se ressentir dele, pois, entre os dois, apenas um deles tinha matado um colonizador. Eram coconspiradores agora e isso aproximara-os mais do que nunca. Ramy assumiu o papel de consolador e conselheiro, testemunha das suas confissões. Robin não sabia porque é que achava que dizer os seus pensamentos em voz alta poderia melhorar alguma coisa, uma vez que dizer o que quer que fosse em voz alta só servia para o deixar mais confuso, mas estava desesperadamente grato por, ao menos, Ramy estar ali para ouvir.

— Achas que sou uma pessoa má? — perguntou ele.

— Não sejas ridículo.

— Tens dito isso muitas vezes.

— Tens sido ridículo muitas vezes. Mas não és mau.

— Mas sou um assassino — disse ele e depois repetiu-o, porque as palavras eram tão absurdas que o próprio ato de formar as vogais parecia bizarro. — Eu tirei uma vida. Com total deliberação, com total intenção; eu sabia o que a barra lhe faria e atirei-a e vi-a desfazer-lhe o corpo e, no instante antes de me arrepender, senti-me satisfeito com o que tinha feito. Não foi um acidente. Não importa quanto eu gostava de poder voltar atrás agora; eu queria-o morto e matei-o. — Ele inspirou estremecendo. — Eu sou... que tipo de pessoa é que temos de ser para fazer isso? Um patife. Um

miserável de coração enegrecido. De que outra forma é que isto acontece, Ramy? Não há meio-termo. Não há nenhuma regra segundo a qual isto seja perdoável, pois não?

Ramy suspirou.

— Quem tira uma vida é como se tivesse matado toda a humanidade. Assim diz o Alcorão.

— Obrigado — murmurou Robin. — Isso é reconfortante.

— Mas o Alcorão também fala da infinita misericórdia de Alá. — Ramy ficou calado por um momento. — E eu acho... bem, o Professor Lovell era um homem muito mau, não era? Tu agiste em legítima defesa, não foi? E as coisas que ele te fez, a ti, ao teu irmão, às vossas mães... talvez ele merecesse morrer. Talvez o facto de o teres matado primeiro tenha impedido que danos imprevistos chegassem a outras pessoas. Mas essa decisão não é tua. É de Deus.

— Então, o que é que eu faço? — perguntou Robin miseravelmente. — O que é que eu *faço*?

— Não há nada que possas fazer — disse Ramy. — Ele está morto, tu mataste-o e não há nada que possas fazer para mudar isso, exceto rezar a Deus pedindo perdão. — Ele fez uma pausa, batendo com os dedos no joelho. — Mas a questão agora é como proteger a Victoire e a Letty. E tu entregares-te não faz isso, Birdie. Nem o facto de te torturares sobre o teu valor como ser humano. O Lovell está morto e tu estás vivo e talvez essa seja a vontade de Deus. E isso é o máximo de conforto que te posso oferecer.

Os quatro revezavam-se a perder a cabeça. Havia uma regra implícita nesse jogo: um deles podia ir-se abaixo de cada vez, mas não todos ao mesmo tempo, pois o dever das cabeças mais sãs era acalmar o louco.

A maneira favorita de Ramy entrar em pânico era exprimir todas as suas ansiedades com pormenores extravagantes e incrivelmente específicos.

— Alguém vai à cabina dele — declarava ele. — Vão precisar de lhe fazer uma pergunta; algo estúpido, algo sobre a data de chegada ou sobre o pagamento da passagem. Só que ele não vai estar lá e eles vão perguntar-nos o que se passa e, por fim, alguém

vai ficar desconfiado. Eles vão revistar o navio inteiro, nós vamos fingir que não fazemos ideia de para onde ele foi e eles não vão acreditar em nós. Então, vão encontrar as manchas de sangue...

— Por favor — disse Victoire. — Por favor, por amor de Deus, para.

— Depois, enviam-nos para Newgate — continuou Ramy, entoando grandiosamente como se estivesse a narrar um poema épico —, e o sino da Santo Sepulcro vai tocar doze vezes e uma grande multidão vai reunir-se na rua e, na manhã seguinte, seremos enforcados, um por um...

A única maneira de Ramy parar era deixá-lo terminar de narrar toda a fantasia doentia, o que ele fazia sempre, com descrições cada vez mais ridículas das suas execuções. Essas descrições causavam algum alívio a Robin, na verdade. Era relaxante, de certa forma, imaginar o pior que poderia acontecer, já que eliminava o terror do desconhecido. Mas isso apenas descontrolava Victoire. Sempre que essas conversas aconteciam, ela não conseguia dormir. Então, era a vez dela perder a cabeça e ela acordava-os às quatro da manhã, sussurrando que se sentia mal por manter Letty acordada, e eles tinham de se ir sentar com ela no convés, sussurrando histórias idiotas sobre o que lhes viesse à mente — o canto dos pássaros, Beethoven, coscuvilhices departamentais — até ao suave alívio do amanhecer.

Os descontrolos de Letty eram os mais difíceis de lidar, uma vez que apenas Letty entre todos eles não entendia porque é que Ramy e Victoire tinham ido tão prontamente em defesa de Robin. Ela presumia que eles estavam a proteger Robin porque eram amigos. O único motivo que ela entendia era ter visto o Professor Lovell agarrar o colarinho de Robin em Cantão, e pais abusivos era algo que ela e Robin tinham em comum.

Mas como via a morte do Professor Lovell como um incidente isolado e não a ponta de um icebergue, ela estava constantemente a tentar resolver a situação.

— Tem de haver uma maneira de confessarmos — dizia ela continuamente. — Podemos dizer que o Professor Lovell estava a magoar o Robin, que foi em legítima defesa? Que ele perdeu a

cabeça por causa do stresse, que começou tudo e que o Robin estava apenas a tentar fugir? Todos nós testemunharíamos, é tudo verdade, e eles teriam de o absolver... Robin, que achas?

— Mas não foi isso que aconteceu — disse Robin.

— Mas tu podias *dizer* que foi...

— Não vai funcionar — insistiu Ramy. — É muito perigoso e, além disso, é um risco que não precisamos de modo nenhum de correr.

Como é que eles lhe podiam dizer que ela estava a delirar? Que era uma loucura acreditar que o sistema legal britânico era verdadeiramente neutro e que eles poderiam receber um julgamento justo; que pessoas com o aspeto de Robin, Ramy e Victoire poderiam matar um professor branco de Oxford, atirar o seu corpo ao mar, mentir sobre isso durante semanas e depois saírem ilesos? Que o facto de ela acreditar claramente em tudo isso era apenas uma evidência dos mundos totalmente diferentes nos quais viviam?

Mas como eles não lhe podiam contar a verdade, Letty continuava a insistir.

— Tive uma nova ideia — anunciou ela depois de eles terem rejeitado a sua proposta de legítima defesa. — Bem, como todos vocês provavelmente sabem, o meu pai é um homem muito importante...

— Não — disse Ramy.

— Deixa-me terminar. O meu pai foi bastante influente no seu tempo...

— O teu pai é um almirante aposentado, que foi afastado...

— Mas ele ainda conhece pessoas — insistiu Letty. — Ele podia pedir alguns favores...

— Que tipo de favores? — perguntou Ramy. — «Olá, Juiz Blathers, eis o seguinte: a minha filha e os amigos estrangeiros sujos dela mataram o seu professor, um homem fundamental para o Império, tanto financeira como diplomaticamente, portanto, quando forem a julgamento, vou precisar apenas que os declare inocentes.»

— Não precisa de ser assim — retorquiu Letty. — O que estou a dizer é que se lhe contarmos o que aconteceu e explicarmos que foi um acidente...

— Um *acidente*? — repetiu Ramy. — Já ocultaste acidentes antes? Eles desviam simplesmente o olhar quando as raparigas brancas ricas matam pessoas? É assim que funciona, Letty? Além disso, não estás zangada com o almirante?

As narinas de Letty dilataram-se.

— Só estou a tentar ajudar.

— Nós sabemos — disse Robin rapidamente, desesperado por dissipar a tensão. — E eu estou grato, a sério. Mas o Ramy tem razão. Acho melhor mantermos tudo isto em segredo.

Letty, fitando rigidamente a parede, não disse nada.

De alguma forma, eles conseguiram voltar para Inglaterra. Os dois meses passaram e, uma manhã, eles acordaram com Londres no horizonte, envolta nos seus familiares tons sombrios de cinzento.

Fingir a doença do Professor Lovell durante a viagem acabou por ser mais simples do que até Victoire esperara; aparentemente, era muito fácil convencer um navio inteiro de que um Professor de Oxford tinha uma constituição notavelmente fraca. Jemima Smythe, apesar de todos os seus esforços, acabara por se cansar dos seus reservados companheiros de viagem e não fez nenhum esforço para prolongar a sua despedida, e os marinheiros mal disseram uma palavra quando eles desembarcaram. Ninguém prestou muita atenção a quatro estudantes cansados de viajar que atravessavam o Legal Quays, não quando havia mercadorias para descarregar e pagamentos para receber.

— Enviámos o professor à frente para consultar um médico — disse Letty ao capitão quando passaram por ele nas docas. — Ele disse...ah, para lhe agradecer por uma viagem tranquila.

O capitão pareceu um pouco confundido com aquelas palavras, mas encolheu os ombros e acenou.

— Uma viagem tranquila? — murmurou Ramy. — *Uma viagem tranquila?*

— Não consegui pensar em mais nada para dizer!

— Estejam calados e andem — sibilou Victoire.

Enquanto arrastavam os seus baús pelo passadiço, Robin tinha a certeza de que tudo o que eles faziam exclamava *Assassinos!* A qualquer momento agora, pensava ele vertiginosamente; mais um

passo e vai acontecer — um olhar suspeito, uma enxurrada de passos, um grito de «Ei, vocês aí! Ei, parem!» Com certeza, não os deixariam escapar do *Hellas* assim tão facilmente.

Na margem, a apenas quatro metros de distância, estava Inglaterra, o asilo, a liberdade. Assim que chegassem àquela margem, assim que desaparecessem na multidão, estariam livres. Mas isso era impossível, com certeza — os elos que os ligavam àquele maldito quarto não poderiam ser cortados tão facilmente. Poderiam?

O passadiço deu lugar a terra firme. Robin olhou por cima do ombro. Ninguém os tinha seguido. Ninguém estava a olhar na sua direção.

Entraram num transporte para o norte de Londres, de onde apanharam um coche para Hampstead. Tinham concordado, sem grande debate, que passariam primeiro a noite na residência do Professor Lovell em Hampstead quando chegassem — tinham chegado tarde demais para apanharem um comboio para Oxford e Robin sabia que a Sra. Piper ainda estava em Jericho e que a chave sobresselente da casa estava escondida no jardim debaixo do vaso de flores Ming. Na manhã seguinte, apanhariam um comboio para Paddington e voltariam para a escola, conforme planeado.

Durante a viagem, passara pela cabeça de todos que restava apenas uma opção óbvia: fugir, largar tudo e escapar do continente; apanhar um pacote com destino à América ou à Austrália, ou regressar aos países de onde tinham sido retirados.

— Podíamos escapar para o Novo Mundo — propôs Ramy. — Ir para o Canadá.

— Tu nem sequer falas francês — disse Letty.

— É francês, Letty. — Ramy revirou os olhos. — A filha mais delicada do latim. Quão difícil pode ser?

— Teríamos de encontrar trabalho — observou Victoire. — Não teríamos as nossas mesadas; como é que viveríamos?

Este era um ponto importante, um que eles tinham de certo modo esquecido. Anos a receber uma mesada fiável tinham-nos feito esquecer que só tinham o suficiente para viver durante alguns

meses; fora de Oxford, num lugar onde o alojamento e as refeições já não fossem fornecidas, eles não teriam nada.

— Bem, como é que as outras pessoas encontram emprego? — perguntara Ramy. — Suponho que vão simplesmente a uma loja e respondem a um anúncio?

— Tens de ter sido um aprendiz — dissera Letty. — Há um período de formação, acho eu, embora isso custe dinheiro...

— Então, como é que alguém encontra um comerciante que os aceite?

— Não sei — dissera Letty, frustrada. — Como é que eu iria saber? Não faço ideia.

Não, a possibilidade real de eles deixarem a universidade nunca existira. Apesar de tudo, apesar do risco muito real de serem presos, investigados e atirados para a prisão ou enforcados se voltassem para Oxford, eles não conseguiam conceber uma vida não ligada à universidade. Pois não tinham mais nada; não tinham capacidades, não tinham força nem temperamento para o trabalho braçal e não tinham contactos para encontrarem um emprego. Mais importante, não sabiam como viver. Nenhum deles tinha a mais pequena ideia de quanto custaria arrendar quartos, comprar mantimentos para uma semana ou instalarem-se numa cidade que não fosse a universidade. Até agora, tudo isso tinha sido tratado por eles. Em Hampstead, havia a Sra. Piper e, em Oxford, havia os criados dos alojamentos e as camareiras. Na realidade, Robin teria dificuldades para explicar como é que se lavava exatamente a roupa.

No fim de contas, eles não se conseguiam ver como sendo outra coisa que não estudantes; não conseguiam imaginar um mundo onde não pertencessem a Babel. Babel era tudo o que conheciam. Babel era a sua casa. E, embora soubesse que era estúpido, Robin suspeitava de que bem lá no fundo não era o único a acreditar que, apesar de tudo, havia um mundo onde, assim que este problema terminasse, assim que tudo tivesse sido tratado e as coisas tivessem sido varridas para debaixo do tapete, ele ainda podia voltar para o seu quarto na Magpie Lane, podia acordar ao som do suave canto dos pássaros e ver a luz quente do Sol a entrar pela janela

estreita e iria, mais uma vez, voltar a passar os dias a estudar línguas mortas.

¹¹¹ 购不及舌.

CAPÍTULO VINTE

R

Foi principalmente devido à assistência e às informações que o senhor e o Sr. Jardine tão generosamente nos forneceram que pudemos dar aos nossos assuntos navais, militares e diplomáticos na China as instruções pormenorizadas que levaram a estes resultados satisfatórios.

SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS PALMERSTON,
carta a John Abel Smith

C hovia muito quando eles desceram do coche em Hampstead. Encontraram a casa do Professor Lovell mais por pura sorte do que qualquer outra coisa. Robin pensou que se lembraria facilmente do caminho, mas três anos longe tinham tido mais impacto na sua memória do que ele pensara e a chuva copiosa tornava todas as residências iguais: molhadas, quadradas e rodeadas por jardins encharcados e a pingar. Quando finalmente encontraram a casa de tijolo e estuque branco, estavam ensopados e a tremer.

— Espera. — Victoire puxou Ramy para trás assim que ele se começou a dirigir para a porta. — Será que não devíamos dar a volta por trás? Caso alguém nos veja?

— Se nos virem, viram-nos, não é um crime estarmos em Hampstead...

— É se for óbvio que não vives aqui...

— Olá!

Viraram todos a cabeça ao mesmo tempo como gatinhos assustados. Uma mulher acenava-lhes à porta da casa que ficava do outro lado da rua.

— Olá — chamou ela novamente. — Estão à procura do professor?

Eles entreolharam-se, em pânico; não tinham discutido uma resposta para esta ocasião. A sua intenção era evitar qualquer associação com um homem cuja ausência em breve atrairia um interesse considerável, mas de que outra forma poderiam justificar a sua presença em Hampstead?

— Estamos — disse Robin rapidamente, antes que o seu silêncio se tornasse suspeito. — Somos alunos dele. Acabámos de regressar do estrangeiro. Ele disse-nos para o procurarmos aqui quando voltássemos, só que está a ficar tarde e ninguém atende à porta.

— Ele está provavelmente na universidade. — A expressão da mulher era bastante simpática; só parecera hostil porque estava a gritar para se ouvir por cima da chuva. — Só está aqui apenas algumas semanas por ano. Não saiam daí.

Ela virou-se e entrou rapidamente em casa. A porta fechou-se atrás de si.

— Raios — murmurou Ramy. — Que estás a fazer?

— Achei que era melhor não me afastar muito da verdade...

— Não te afastaste *grande* coisa, não achas? Que acontece se alguém a questionar?

— Que queres fazer, então, fugir?

Mas a mulher já tinha voltado a sair. Apressou-se a atravessar a rua na direção deles, protegendo-se da chuva com o cotovelo. Estendeu a palma da mão para Robin.

— Aqui tem. — Ela abriu os dedos, revelando uma chave. — Esta é a sobresselente. Ele é tão distraído... Eles pediram-me para guardar uma no caso de ele perder a dele. Oh, coitadinhos.

— Obrigado — disse Robin, atordoado com a sua boa sorte. Então, surgiu-lhe na mente uma lembrança e ele arriscou num palpite. — É a Sra. Clemens, não é?

Ela sorriu.

— Eu mesma!

— Certo, isso mesmo; ele disse para lhe perguntarmos se não conseguíssemos encontrar a chave. Só que não conseguimos descobrir qual era a sua casa.

— Ainda bem que eu estava a olhar para a chuva, então. — Ela tinha um sorriso rasgado e simpático; qualquer suspeita, se é que alguma vez existira, tinha desaparecido do seu rosto. — Gosto de olhar para fora quando toco no meu piano. O mundo dá forma à minha música.

— Certo — disse ele novamente, demasiado tonto de alívio para processar essa declaração. — Bem, muito obrigado.

— Ah, não é nada. Batam se precisarem de alguma coisa. — Ela acenou-lhes com a cabeça antes de voltar para o outro lado da rua, primeiro para Robin e depois para Letty. Parecia nem sequer ter visto Ramy ou Victoire, pelo que Robin supôs que deviam estar gratos.

— Como raios sabias? — murmurou Victoire.

— A Sra. Piper escreveu sobre ela — disse Robin enquanto arrastava o seu baú pelo jardim da frente. — Disse que uma família nova se mudara para cá e que a esposa era solitária e excêntrica. Acho que ela vem cá quase todas as tardes para tomar chá quando o professor está em casa.

— Bem, graças a Deus que tu escreves à tua governanta — disse Letty.

— É verdade — disse Robin e destrancou a porta.

Robin não tinha voltado à casa de Hampstead desde que partira para Oxford e esta parecia ter mudado muito na sua ausência. Era bem mais pequena do que ele se lembrava, ou talvez ele apenas tivesse crescido. A escada não já era uma espiral tão infundável e os tetos altos já não induziam uma sensação tão pesada de solidão. Estava muito escuro lá dentro; todas as cortinas estavam fechadas e havia lençóis sobre os móveis para os proteger do pó. Eles tatearam no escuro durante algum tempo — a Sra. Piper acendia sempre os candeeiros e as velas, e Robin não fazia ideia de onde ela guardava os fósforos. Por fim, Victoire encontrou algumas acendalhas e castiçais na sala e, munidos com isso, conseguiram acender a lareira.

— Diz-me uma coisa, Birdie — disse Ramy. — O que são todas estas... coisas?

Ele falava da decoração chinesa. Robin olhou em redor. A sala estava cheia de leques pintados, pergaminhos pendurados, vasos de porcelana, esculturas e bules. O efeito era uma recriação espalhafatosa de uma casa de chá de Cantão justaposta sobre uma base de móveis ingleses. Será que todas aquelas coisas tinham estado sempre ali? Robin não sabia como não tinha reparado em criança. Talvez, recém-chegado de Cantão, não tivesse achado a separação dos dois mundos tão óbvia; talvez só agora, após uma imersão total na mais inglesa das universidades, tivesse desenvolvido um sentido mais aguçado do estrangeiro e do exótico.

— Acho que ele era um colecionador — disse Robin. — Oh, já me lembro, ele adorava falar das suas aquisições aos convidados, de onde tinham vindo e das suas histórias específicas. Tinha muito orgulho nisso.

— Que estranho — disse Ramy. — Amar as coisas e a língua, mas odiar o país.

— Não é tão estranho como pensas — disse Victoire. — Afinal, existem as pessoas e existem as coisas.

Uma expedição às cozinhas não revelou nada para comerem. A Sra. Piper não teria comprado provisões enquanto ainda estivesse na casa de Oxford. Robin recordou que a casa de Hampstead tinha um problema persistente com ratos, nunca resolvido porque o Professor Lovell detestava gatos e a Sra. Piper detestava deixar produtos perecíveis à mercê deles. Ramy encontrou uma lata de café moído e um frasco de sal, mas nenhum açúcar. Eles fizeram e beberam o café de qualquer maneira, o que só lhes aguçou a fome, mas pelo menos manteve-os alerta.

Tinham acabado de lavar e secar as suas canecas vazias — Robin não sabia por que as estavam a limpar quando o dono daquele sítio nunca mais iria voltar para casa, mas, ainda assim, parecia errado deixar tudo sujo — quando ouviram uma pancada forte na porta. Saltaram todos. A aldraba parou e depois soou de novo com firmeza, três vezes seguidas.

Ramy levantou-se e pegou no atiçador da lareira.

— Que estás a fazer? — sibilou Letty.

— Bem, supondo que eles entram...

— Basta não abrires a porta, fingimos que não está ninguém aqui...

— Mas as luzes estão todas acesas, sua tola...

— Então, espreita primeiro pela janela...

— Não, eles vão ver-nos...

— Olá? — chamou a pessoa através da porta. — Conseguem ouvir-me?

Eles respiraram de alívio. Era apenas a Sra. Clemens.

— Eu abro. — Robin levantou-se e lançou um olhar furioso para Ramy. — Guarda isso.

A sua simpática vizinha estava na soleira da porta, completamente encharcada. Trazia um guarda-chuva frágil e ineficaz numa das mãos e um cesto coberto na outra.

— Notei que vocês não trouxeram provisões. Ele deixa sempre a despensa vazia quando não está. Tem um problema com ratos.

— Eu... Estou a ver.

A Sra. Clemens era muito tagarela e Robin esperava que ela não quisesse entrar.

Quando ele não disse mais nada, ela estendeu-lhe o cesto.

— Pedi à minha criada, Fanny, para juntar o que tínhamos em casa. Há um pouco de vinho, um queijo duro e outro macio, o pão desta manhã, já duro, receio, e algumas azeitonas e sardinhas. Se quiserem pão fresco, têm de tentar novamente de manhã, mas avisem-me se quiserem ir até lá a casa para eu mandar a Fanny ir buscar mais manteiga fresca; a nossa está quase a acabar.

— Obrigado — disse Robin, bastante surpreendido com aquela generosidade. — É muito simpático da sua parte.

— Claro — disse a Sra. Clemens prontamente. — Pode dizer-me quando o professor chega? Preciso de falar com ele sobre as sebes.

Robin ficou sem palavras.

— Eu... não sei.

— Não disse que vieram à frente dele?

Robin não sabia o que dizer. Sentia vagamente que quanto menos rasto oral deixassem, melhor — já tinham dito ao capitão que o Professor Lovell havia ido à frente e pretendiam dizer ao corpo docente de Babel que o Professor Lovell ainda estava em

Hampstead, portanto, poderia ser muito perigoso se a Sra. Clemens apresentasse um relato totalmente diferente. Mas quem é que iria questionar as três partes? Se a polícia tivesse chegado tão longe, não estariam já os quatro detidos?

Letty veio em seu socorro.

— Pode ser já na segunda-feira — disse ela, empurrando-o para o lado. — Mas ouvimos dizer nas docas que o navio dele pode estar atrasado. Mau tempo no Atlântico, sabe, portanto, pode demorar semanas ainda.

— Que inconveniente — disse a Sra. Clemens. — Vocês vão ficar aqui esse tempo todo, então?

— Oh, não, vamos voltar para a escola amanhã. Deixaremos um bilhete na mesa da sala de jantar antes de irmos.

— Muito prudente. Bem, boa noite — disse a Sra. Clemens alegremente e voltou para a chuva.

Eles devoraram o queijo e as azeitonas em segundos. O pão estava duro e custava a mastigar, o que os atrasou um pouco, mas também ele desapareceu em minutos. Depois, olharam para a garrafa de vinho com grande anseio, divididos entre saberem que deviam ficar de guarda e quererem desesperadamente ficar bêbados, até Ramy assumir o comando e esconder a garrafa na despensa.

A essa altura já eram onze e meia. Em Oxford, ainda ficariam todos acordados durante horas, debruçados sobre os seus trabalhos ou a rir nos quartos uns dos outros. Mas estavam todos exaustos e com demasiado medo de irem para quartos separados, portanto, revistaram a casa em busca de todos os cobertores e travesseiros que conseguissem encontrar e empilharam-nos todos na sala de estar.

Decidiram dormir por turnos, com uma pessoa sempre acordada a vigiar. Nenhum deles acreditava mesmo que a polícia pudesse entrar violentamente pela porta, além de que não havia muito que pudessem fazer se isso acontecesse, mas sentiam-se melhor se fossem, pelo menos, minimamente prudentes.

Robin ofereceu-se para ser o primeiro. A princípio, nenhum deles conseguia ficar quieto, todos agitados por causa do café e dos

nervos, mas depressa o cansaço tomou conta deles e, em minutos, as suas ansiedades murmuradas deram lugar a uma respiração profunda e uniforme. Letty e Victoire estavam tombadas juntas no sofá, com a cabeça de Victoire em cima do braço de Letty. Ramy dormia no chão ao lado de Robin, com o corpo enrolado em volta do sofá como um parêntesis protetor. A visão deles todos juntos fez o peito de Robin doer.

Ele esperou meia hora, observando o peito deles subir e descer, antes de se atrever a levantar-se. Achou que era seguro deixar o seu posto. Se alguma coisa acontecesse, ele ouviria do outro lado da casa — a chuva tinha diminuído para um tamborilar suave agora e a casa estava mortalmente silenciosa. Sustendo a respiração, ele saiu da sala de estar pé ante pé e subiu as escadas até ao escritório do Professor Lovell.

Este estava tão atulhado e desorganizado como ele se lembrava. Em Oxford, o Professor Lovell mantinha o seu gabinete com alguma aparência de ordem, mas em casa deixava as coisas descaírem para um estado de caos controlado. Havia papéis soltos espalhados pelo chão; os livros estavam empilhados em redor das prateleiras, alguns abertos e outros fechados com canetas no interior a marcar as páginas.

Robin atravessou a sala até à mesa do Professor Lovell. Nunca estivera atrás dela; só se tinha sentado à sua frente com as mãos cruzadas nervosamente no colo. A mesa parecia irreconhecível vista do outro lado. Uma pintura emoldurada estava exposta no canto direito — não, não era uma pintura, era um daguerreótipo. Robin tentou não olhar com atenção, mas não pôde deixar de vislumbrar a silhueta de uma mulher de cabelos escuros e duas crianças. Ele baixou a moldura sobre a mesa.

Mexeu nos papéis soltos por cima da mesa. Não continham nada de interessante — anotações sobre poemas da dinastia Tang e inscrições em ossos oraculares, ambos projetos de investigação que Robin sabia que o Professor Lovell estava a realizar em Oxford. Experimentou a gaveta da direita. Esperara que estivesse trancada, mas ela abriu sem problemas. Escondidos lá dentro havia maços e mais maços de cartas. Ele tirou-os para fora e ergueu-os contra a

luz do lampião, um a um, sem saber o que procurava ou sequer o que esperava ver.

Ele só queria uma imagem do homem. Só queria saber quem era o seu pai.

A maior parte da correspondência do Professor Lovell era com o corpo docente de Babel e representantes de várias empresas comerciais — um punhado com a Companhia das Índias Orientais, outras de representantes da Magniac & Co., mas a maior parte era de homens da Jardine & Matheson. Estas eram bastante interessantes. Ele foi lendo cada vez mais depressa conforme percorria a pilha, saltando as fórmulas sociais de abertura em busca das frases decisivas enterradas nos parágrafos intermédios...

... o bloqueio de Gützlaff pode funcionar... seriam precisos apenas treze navios de guerra, embora a questão seja o tempo e as despesas... Simples demonstração de força... Lindsay quer envergonhá-los com uma retirada diplomática, mas isso põe certamente em perigo os agentes alfandegários deixados para trás... trouxermos até ao limite eles vão recuar... não deve ser difícil dizimar uma frota comandada por marinheiros que nem sequer sabem o que são navios a vapor...

Robin exalou lentamente e recostou-se na cadeira.

Duas coisas eram claras. Primeiro, não havia ambiguidade alguma no que aqueles documentos eram. Uma carta do Reverendo Gützlaff, datada de quatro meses antes, continha um esboço minucioso das principais docas de Cantão. Do outro lado havia uma lista de todos os navios conhecidos da marinha chinesa. Isto não eram ideias hipotéticas da política britânica para a China. Isto eram planos de guerra. Estas cartas incluíam descrições completas das defesas costeiras do governo Qing, relatórios pormenorizando o número de juncos que defendiam as estações navais, o número e a localização de fortes nas ilhas vizinhas e até mesmo o número exato de soldados estacionados em cada uma.

Em segundo lugar, a voz do Professor Lovell emergia como uma das mais agressivas entre os seus interlocutores. Inicialmente, Robin tivera a esperança tola e infundada de que talvez esta guerra não fosse ideia do Professor Lovell e de que talvez ele tivesse

insistido para que parassem. Mas o Professor Lovell era bastante franco não só sobre os vários benefícios de tal guerra (incluindo os vastos recursos linguísticos que ficariam então à sua disposição), mas também sobre a facilidade com que os «chineses, lânguidos e preguiçosos, com um exército sem um pinga de bravura ou disciplina, poderiam ser derrotados». O seu pai não fora apenas um académico apanhado no meio de hostilidades comerciais. Ele ajudara a desenhá-las. Uma missiva não enviada, escrita na caligrafia perfeita e minúscula do Professor Lovell e endereçada a Lorde Palmerston, dizia:

A frota chinesa é composta por juncos obsoletos cujos canhões são demasiado pequenos para mirar com eficiência. Os chineses têm apenas um navio capaz de combater contra a nossa frota, o navio mercante Cambridge, comprado aos americanos, mas não têm marinheiros que o possam manobrar. Os nossos agentes informaram que ele está parado na baía. Poderemos acabar rapidamente com ele usando o Nemesis.

O coração de Robin batia com grande rapidez. Ele sentiu-se tomado por um súbito desejo de descobrir tudo o que pudesse, de determinar toda a extensão daquela conspiração. Leu freneticamente a pilha e, quando as cartas acabaram, tirou outra pilha de correspondência da gaveta da esquerda. Revelava mais ou menos o mesmo. A desejabilidade da guerra nunca estivera em dúvida, apenas o seu momento e a dificuldade de persuadirem o Parlamento a agir. Mas algumas dessas cartas datavam de 1837. Como é que Jardine, Matheson e Lovell sabiam há mais de dois anos que as negociações em Cantão iriam acabar em hostilidades?

Mas era óbvio. Eles sabiam porque essa fora sempre a sua intenção. Eles queriam as hostilidades porque queriam a prata e, sem nenhuma mudança milagrosa de ideias por parte do Imperador Qing, a única maneira de a conseguirem era apontando as armas à China. Eles tinham planeado a guerra antes mesmo de zarparem. Nunca haviam tido intenção alguma de negociarem de boa-fé com o Comissário Lin. Aquelas conversações tinham sido apenas um pretexto para as hostilidades. Aqueles homens tinham financiado a viagem do Professor Lovell a Cantão como uma expedição final

antes de apresentarem o projeto de lei ao Parlamento. Aqueles homens contavam com o Professor Lovell para os ajudar a vencer uma guerra curta, brutal e eficiente.

Que aconteceria quando descobrissem que o Professor Lovell nunca mais voltaria?

— O que é isso?

Robin ergueu os olhos. Ramy estava parado à porta, bocejando.

— Ainda tens uma hora antes do teu turno — disse Robin.

— Não conseguia dormir. E estes turnos são uma tolice de qualquer maneira; ninguém nos vai vir buscar esta noite. — Ramy juntou-se a Robin atrás da mesa do Professor Lovell. — Andamos a vasculhar por aí, é?

— Vê. — Robin bateu nas cartas. — Lê estas.

Ramy pegou numa carta do topo da pilha, leu-a e sentou-se diante de Robin para dar uma olhadela ao resto.

— Deus do céu.

— São planos de guerra — disse Robin. — Estão todos envolvidos nisso, todos os que conhecemos em Cantão. Olha, há aqui cartas dos Reverendos Morrison e Gützlaff. Eles têm usado as suas identidades de missionários como disfarce para espiarem as forças militares Qing. O Gützlaff até tem estado a subornar informadores para saber pormenores sobre o envio dos soldados chineses, quais são os comerciantes chineses influentes que estão contra os britânicos, e até que casas de penhores seriam bons sítios para pilhar.

— O Gützlaff? — Ramy soltou uma risada. — A sério? Não sabia que aquele alemão era capaz disso.

— Também há panfletos para angariar apoio público para a guerra. Vê só, aqui o Matheson considera os chineses «um povo caracterizado por um grau maravilhoso de imbecilidade, avareza, presunção e obstinação». E aqui alguém chamado Goddard escreve que o envio de navios de guerra seria uma «visita tranquila e criteriosa». Imagina. *Uma visita tranquila e criteriosa*. Que raio de maneira de descrever uma invasão violenta.

— Incrível. — Os olhos de Ramy percorriam os documentos de cima a baixo enquanto os folheava com velocidade crescente. —

Faz-nos questionar porque é que nos enviaram até lá.

— Porque ainda precisavam de um pretexto — disse Robin. Estava tudo a encaixar-se agora. Era tudo tão claro, tão ridiculamente simples que ele queria bater em si mesmo por não o ter visto antes.

— Porque ainda precisavam de algo para apresentar perante o Parlamento que provasse que a única maneira de conseguirem o que queriam era pela força bruta. Eles queriam que o Baylis humilhasse o Lin, não que alcançasse um compromisso com ele. Queriam incitar o Lin a declarar hostilidades primeiro.

Ramy soltou uma risada.

— Só que não contavam que o Lin fizesse explodir todo aquele ópio no porto.

— Não — disse Robin. — Mas suponho que conseguiram a justa causa que queriam de qualquer maneira.

— Aí estão vocês — disse Victoire.

Os dois saltaram, assustados.

— Quem está a vigiar a porta? — perguntou Robin.

— Está tudo bem, ninguém vai invadir às três da manhã. E a Letty está completamente apagada. — Victoire atravessou a sala e olhou para a pilha de cartas. — O que é isso?

Ramy gesticulou para que ela se sentasse.

— Vais ver.

Victoire, tal como Ramy, começou a ler cada vez mais depressa quando percebeu o que estava a ver.

— Oh, céus. — Ela levou os dedos aos lábios. — Então, vocês acham... então, eles nunca...

— Correto — disse Robin. — Era tudo a fingir. O nosso objetivo nunca foi negociar a paz.

Ela sacudiu os papéis com impotência.

— Então, que fazemos com isto?

— Que queres dizer? — perguntou Robin.

Ela lançou-lhe um olhar perplexo.

— Isto são planos de guerra.

— E nós somos estudantes — respondeu ele. — Que *podemos* fazer?

Houve um longo silêncio.

— Oh, Birdie. — Ramy suspirou. — Que estamos a fazer aqui sequer? Para onde é que achas que vamos voltar?

Oxford era a resposta. Oxford era o que todos tinham concordado, porque quando estavam presos no *Hellas*, com o cadáver do seu professor a afundar-se nas profundezas do oceano atrás deles, a promessa de um regresso ao normal e ao familiar fora o que os mantivera calmos; uma ilusão partilhada de estabilidade que os impedira de enlouquecer. Todo o planeamento deles acabava sempre na sua chegada segura a Inglaterra. Mas não podiam continuar a evitar o assunto, não podiam manter a fé cega e ridícula de que, se voltassem para Oxford, tudo iria ficar bem.

Não havia como voltar atrás. Todos sabiam disso. Já não havia como fingir. Eles não se podiam esconder no seu canto supostamente seguro do mundo, enquanto uma crueldade e exploração inimagináveis continuavam mais além. Havia apenas a vasta e assustadora teia do império colonial e as exigências da justiça para lhe resistir.

— Então o quê? — perguntou Robin. — Para onde vamos?

— Bem — disse Victoire —, para a Sociedade Hermes.

Parecia tão óbvio quando ela o disse. Apenas a Hermes podia saber o que fazer com aquilo. A Sociedade Hermes, que Robin tinha traído, que podia nem sequer estar disposta a aceitá-los de volta, era a única entidade que eles tinham encontrado que professara preocupar-se com o problema do colonialismo. Era uma saída, uma rara e imerecida segunda oportunidade de corrigirem as escolhas erradas — desde que conseguissem encontrar a Hermes antes que a polícia os encontrasse.

— Estamos combinados, então? — Victoire olhou de um para o outro. — Oxford e depois a Hermes e depois o que quer que a Hermes precise que façamos, sim?

— Sim — disse Ramy com firmeza.

— Não — disse Robin. — Não, isto é uma loucura. Tenho de me entregar, preciso de ir à polícia o mais rápido possível...

Ramy zombou.

— Já falámos sobre isso várias vezes. Tu entregas-te e depois? Esquece-

mos que a Jardine & Matheson está a tentar começar uma guerra? Isto é maior do que nós agora, Birdie. Maior do que tu. Tu tens obrigações.

— Mas é exatamente isso — insistiu Robin. — Se eu me entregar, isso desvia as atenções de vocês os dois. Separa esta guerra do ópio do assassinio, não veem? Liberta-vos...

— Para com isso — disse Victoire. — Nós não te vamos deixar.

— Claro que não — disse Ramy. — Além disso, é egoísta; tu não podes escolher o caminho mais fácil.

— Como é que é *fácil*...

— Tu queres fazer o mais correto — disse Ramy, insistente. — Queres sempre. Mas achas que o mais correto é seres um mártir. Achas que se sofreres o suficiente por quaisquer pecados que tenhas cometido, serás absolvido.

— Não acho *nada*...

— Foi por isso que assumiste a culpa por nós naquela noite. Sempre que deparas com algo difícil, tu só queres que o problema desapareça e achas que a maneira de o fazeres é por meio da autoflagelação. Estás obcecado com o castigo. Mas não é assim que isto funciona, Birdie. A tua ida para a prisão não resolve nada. Ficares pendurado na forca não resolve nada. O mundo ainda está destroçado. Ainda vem aí uma guerra. A única maneira de corrigires adequadamente as coisas é impedi-la, coisa que tu não queres fazer, porque, na verdade, o que se passa é que estás com medo.

Robin achou aquilo extremamente injusto.

— Eu só vos estava a tentar salvar naquela noite.

— Tu estavas a tentar livrar-te de problemas — disse Ramy sem malícia. Mas tudo o que o sacrifício faz é fazer-te sentir melhor. Não nos ajuda a nós, portanto, é um gesto derradeiro sem sentido. Agora, se já acabaste com as tuas grandes tentativas de martírio, acho que devemos discutir...

Ele parou. Victoire e Robin seguiram o seu olhar até à porta, onde Letty estava parada com as mãos apertadas contra o peito. Nenhum deles sabia há quanto tempo ela estava ali. Tinha o rosto muito pálido exceto por duas manchas de cor nas faces.

— Oh — disse Ramy. — Pensávamos que estavas a dormir.

A garganta de Letty pulsou. Ela parecia prestes a explodir em soluços.

— O que é — perguntou ela num sussurro trémulo — a Sociedade Hermes?

— Mas eu não entendo.

Letty repetira aquilo nos últimos dez minutos a intervalos regulares. Não importava como eles o explicassem — a necessidade da Sociedade Hermes e as inúmeras razões pelas quais tal organização tinha de existir nas sombras —, ela continuava a abanar a cabeça, de olhos vazios e confusos. Não parecia indignada nem perturbada, mas sim verdadeiramente perplexa, como se estivessem a tentar convencê-la de que o céu era verde.

— Não entendo. Vocês não eram felizes em Babel?

— Felizes? — repetiu Ramy. — Acho que nunca ninguém te perguntou se a tua pele foi lavada com sumo de nozes.

— Oh, Ramy, a sério? — Os olhos dela arregalaram-se. — Mas eu nunca ouvi... mas a tua pele é linda...

— Ou dizerem que não podias entrar numa loja por razões obscuras — continuou Ramy. — Ou darem uma grande volta para evitarem passar por ti no passeio como se tivesses pulgas.

— Mas isso é apenas os oxfordianos a serem estúpidos e provincianos — disse Letty —, isso não significa...

— Eu sei que tu não vês — disse Ramy. — E não espero que o faças, essa não é a tua sorte na vida. Mas não tem realmente que ver com se éramos felizes em Babel. Tem que ver com o que a nossa consciência exige.

— Mas Babel deu-vos tudo. — Letty parecia incapaz de ultrapassar aquele ponto. — Vocês tinham tudo o que queriam, tinham tantos *privilégios*...

— Não os suficientes para nos fazerem esquecer de onde viemos.

— Mas as bolsas de estudo... quero dizer, sem essas bolsas tudo o que vocês teriam sido... eu não entendo...

— Deixaste isso perfeitamente claro — retorquiu Ramy. — És uma verdadeira princesinha, não é? Uma grande propriedade em Brighton, verões em Toulouse, porcelanas nas tuas prateleiras e

Assam nas tuas chávenas de chá? Como é que poderias entender? O teu povo colhe os frutos do Império. O nosso não. Portanto, cala-te, Letty, e ouve apenas o que te estamos a tentar dizer. Não é correto o que eles estão a fazer com os nossos países. — A voz dele tornou-se mais alta e mais dura. — E não é correto que eu seja formado para usar os meus idiomas em benefício deles, para traduzir leis e textos que facilitem o governo deles, quando há pessoas na Índia, na China, no Haiti e por todo o Império e o mundo que passam fome e morrem porque os britânicos preferem colocar prata nos seus chapéus e espinetas a usá-la em qualquer outro sítio onde possa fazer algum bem.

Letty aceitou aquilo melhor do que Robin pensou que ela aceitaria. Ficou sentada em silêncio por um instante, a pestanejar de olhos arregalados. Depois, as suas sobrancelhas franziram-se e ela perguntou:

— Mas... mas se a desigualdade é o problema, então, vocês não poderiam ter falado com a universidade? Existem diversos tipos de programas de ajuda, grupos missionários. Existe *filantropia*, sabem, portanto, porque é que não poderíamos simplesmente ir ter com os governos coloniais e...

— Isso é um pouco difícil quando o objetivo da instituição é preservar o Império — disse Victoire. — Babel não faz nada que não a beneficie.

— Mas isso não é verdade — disse Letty. — Eles contribuem para ações de caridade o tempo todo, eu sei. O Professor Leblanc estava a liderar uma investigação sobre o sistema de esgotos de Londres para que as casas não ficassem tão doentes e existem sociedades humanitárias em todo o mundo...¹¹²

— Sabias que Babel vende barras para traficantes de escravos? — interrompeu Victoire.

Letty pestanejou para ela.

— O quê?

— *Capitale* — disse Victoire. — O latim *capitale*, derivado de *caput*, torna-se no *chatel* do francês antigo, que em inglês se torna *bem móvel*¹¹³. O gado e os bens tornam-se riqueza. Eles escrevem isso

nas barras, encadeiam-no com a palavra *gado* e depois prendem essas barras a correntes de ferro para que os escravos não possam escapar. Sabes como? Torna-os dóceis. Como animais.

— Mas isso é... — Letty estava a pestanejar muito rapidamente agora, como se estivesse a tentar tirar uma partícula de poeira do olho. — Mas Victoire, querida, o comércio de escravos foi abolido em 1807.¹¹⁴

— E tu achas que eles pararam simplesmente? — Victoire fez um som que era meio gargalhada, meio soluço. — Achas que não vendemos barras à América? Achas que os fabricantes britânicos não continuam a lucrar com as algemas e os ferros? Achas que não existem ainda pessoas que mantêm escravos em Inglaterra e que conseguem apenas escondê-lo bem?

— Mas os académicos de Babel não...

— Isso é exatamente o tipo de coisa que os académicos de Babel fazem — disse Victoire com crueldade. — Eu sei muito bem. É o tipo de coisa em que o nosso supervisor estava a trabalhar. Sempre que me encontrava com o Leblanc, ele mudava de assunto para as suas preciosas barras de propriedade. Ele disse que achava que eu poderia ter uma percepção especial. Até me perguntou uma vez se eu as poderia colocar. Disse que queria ter a certeza de que funcionariam com os negros.

— Porque é que não me contaste?

— Letty, eu tentei. — A voz de Victoire falhou. Havia tanta dor nos seus olhos.

E aquilo deixou Robin profundamente envergonhado, pois só agora via o padrão cruel da amizade deles. Robin tivera sempre Ramy, mas, no fim de contas, quando se separavam, Victoire só tinha Letty, que dizia sempre que a amava e adorava totalmente, mas que não ouvia nada do que ela dissesse se não se encaixasse com o modo como via o mundo.

E onde estavam ele e Ramy? A desviar o olhar, a evitar ver, esperando secretamente que as raparigas parassem de discutir e passassem à frente. De vez em quando, Ramy atacava Letty, mas apenas para sua própria satisfação. Nenhum dos dois tinha parado

para considerar quão profundamente só Victoire se devia ter sentido durante todo aquele tempo.

— Tu não te importavas — continuou Victoire. — Letty, tu nem sequer te importas que a nossa senhoria não me deixe usar a casa de banho interior...

— O quê? Isso é ridículo, eu teria notado...

— Não — disse Victoire. — Não notaste. Tu nunca notas, Letty, e esse é o problema. E estamos a pedir-te para finalmente, por favor, *ouvires* o que te estamos a tentar dizer. Por favor, acredita em nós.

Letty, pensou Robin, estava à beira de um colapso. Estava a ficar sem argumentos. Tinha o olhar de um cão encurralado num canto. Mas os seus olhos moviam-se em redor, procurando desesperadamente um meio de fuga. Ela iria encontrar qualquer desculpa esfarrapada, aceitaria qualquer lógica alternativa retorcida antes de abandonar as suas ilusões.

Ele sabia porque, não há muito tempo, tinha feito o mesmo.

— Então, há uma guerra — disse ela após uma pausa. — Vocês têm a certeza absoluta de que vai haver uma guerra.

Robin suspirou.

— Sim, Letty.

— E é, sem dúvida alguma, obra de Babel.

— Tu podes ler as cartas.

— E o que... o que é que a Sociedade Hermes vai fazer em relação a isso?

— Não sabemos — disse Robin. — Mas são os únicos que *podem* fazer algo a esse respeito. Vamos levar-lhes estes documentos e contar-lhes-emos tudo o que sabemos...

— Mas porquê? — insistiu Letty. — Porquê envolvê-los? Devíamos fazê-lo nós mesmos. Devíamos fazer panfletos, devíamos ir ao Parlamento... Existem mil opções diante de nós em vez de passarmos por um... um círculo secreto de ladrões. Esse grau de conluio, de corrupção... o público não o iria de modo nenhum aceitar se soubesse, tenho a certeza. Mas operar na clandestinidade, roubar a universidade; isso só prejudica a vossa causa, não é? Porque é que não podem simplesmente ir a público?

Eles ficaram em silêncio por um momento, todos a perguntar-se quem contaria primeiro a Letty.

Victoire assumiu a tarefa.

— Pergunto-me — disse ela, muito lentamente — se já leste alguma da literatura abolicionista publicada antes de o Parlamento proibir finalmente a escravidão.

Letty franziu o sobrolho.

— Não vejo como...

— Os Quakers apresentaram a primeira petição antiescravatura ao Parlamento em 1783 — disse Victoire. — Equiano publicou as suas memórias em 1789. Acrescenta a isso as inúmeras histórias de escravos que os abolicionistas contavam ao público britânico, histórias das torturas mais cruéis e terríveis que se podem infligir a um semelhante humano. Porque o simples facto de a liberdade ser negada aos negros não era suficiente. Eles precisavam de ver quão grotesco aquilo era. E, mesmo assim, levaram décadas para proibir finalmente o comércio. E isso é a *escravidão*. Comparada com isso, uma guerra em Cantão pelos direitos comerciais parecerá irrelevante. Não é romântico. Não há romancistas a escrever sagas sobre os efeitos do vício do ópio nas famílias chinesas. Se o Parlamento votar para forçar a abertura dos portos de Cantão, vai parecer que o comércio livre está a funcionar como deveria. Portanto, não me digas que o público britânico, se soubesse, faria alguma coisa.

— Mas isto é uma guerra — disse Letty. — Com certeza que é diferente, com certeza que vai provocar ultraje...

— O que tu não entendes — disse Ramy — são as desculpas que as pessoas como tu vão arranjar para o justificar, desde que isso signifique que podem ter chá e café nas suas mesas ao pequeno-almoço. Eles não se importam, Letty. Eles simplesmente não se importam.

Letty ficou em silêncio durante bastante tempo. Tinha um ar lamentável, abatida e frágil, como se tivesse acabado de ser informada de uma morte na família. Soltou um suspiro longo e trémulo e pousou os olhos sobre cada um deles.

— Percebo porque é que nunca me contaram.

— Oh, Letty. — Victoire hesitou e depois estendeu a mão e colocou-a no ombro de Letty. — Não foi assim.

Mas ela parou ali. Era claro que Victoire não conseguia pensar em nada mais reconfortante para dizer. Não havia mais nada para dizer, exceto a verdade, e essa era que obviamente eles não teriam confiado nela. Apesar de toda a sua história conjunta, de todas as suas declarações de amizade eterna, eles não faziam ideia de que lado ela ficaria.

— A nossa decisão está tomada — disse Victoire gentilmente, mas com firmeza. — Vamos entregar isto à Hermes assim que chegarmos a Oxford. E tu não precisas de ir connosco; não te podemos forçar a correr esse risco, sabemos que já sofreste muito. Mas se não estás connosco, pedimos-te que pelo menos guardes os nossos segredos.

— Que queres dizer? — exclamou Letty. — Claro que estou com vocês. Vocês são meus amigos, estou com vocês até ao fim.

Então, ela lançou os braços em redor de Victoire e começou a chorar copiosamente. Victoire enrijeceu, parecendo perplexa, mas, ao fim de um instante, ergueu os braços e abraçou cuidadosamente Letty também.

— Desculpem. — Letty fungou por entre os soluços. — Desculpem, desculpem...

Ramy e Robin observaram, sem saber o que pensar daquilo. Noutra pessoa teria sido teatral, repugnante até, mas no caso de Letty eles sabiam que não era uma farsa. Letty não se conseguia forçar a chorar; ela nem sequer se conseguia forçar a fingir emoções básicas. Era demasiado rígida, demasiado transparente. Eles sabiam que ela era incapaz de agir de outra forma a não ser exatamente como se sentia. Por isso, era catártico vê-la desmoronar assim, saber que ela percebia finalmente como todos eles se sentiam. Era um alívio ver que ainda tinham uma aliada nela.

Ainda assim, havia algo que não estava bem, e Robin conseguiu ver nos rostos de Victoire e Ramy que eles também pensavam o mesmo. Ele demorou um momento para perceber o que o incomodava e, quando o percebeu, aquilo passaria a incomodá-lo constantemente, ali e depois — depois de tudo o que tinham

contado a Letty, de toda a dor que tinham partilhado, o facto de ser ela quem precisava de consolo era um enorme paradoxo.

¹¹² Aqui, Letty estava a referir-se ao estabelecimento de sociedades humanitárias para a proteção dos povos indígenas em territórios britânicos, como os autores evangélicos do «Relatório da Comissão Parlamentar sobre as Tribos Aborígenes» de 1837, que, embora reconhecendo que a presença britânica fora uma «fonte de muitas calamidades para as nações não civilizadas», recomendava a continuação da expansão de povoamentos brancos e a disseminação de missionários britânicos na Austrália e na Nova Zelândia em nome de uma «missão civilizadora» sagrada. Os aborígenes, argumentavam eles, não sofreriam tanto se aprendessem a vestir-se, a falar e a comportar-se como verdadeiros cristãos. A grande contradição, claro, é que não existe uma colonização humanista. A contribuição de Babel para tal missão, entretanto, era fornecer materiais de ensino de inglês para as escolas missionárias e traduzir as leis de propriedade inglesas para os povos deslocados pelo povoamento colonial.

¹¹³ *Chattel* em inglês no original. (N. da T.)

¹¹⁴ Esta é uma enorme mentira e na qual os britânicos brancos se sentem felizes por acreditar. Apesar do argumento seguinte de Victoire, a escravidão continuou ainda durante muito tempo na Índia sob a Companhia das Índias Orientais. De facto, a escravidão na Índia estava especificamente isenta da Lei de Emancipação dos Escravos de 1833. Apesar da crença dos primeiros abolicionistas de que a Índia sob a CIO era um país de trabalho livre, a CIO foi cúmplice, lucrou diretamente e, em muitos casos, incentivou uma série de tipos de servidão, incluindo trabalho forçado em plantações, trabalho doméstico e servidão contratada. A recusa em se considerar tais práticas escravidão, apenas porque não correspondiam exatamente ao modelo transatlântico de escravidão nas plantações, foi um profundo ato de cegueira semântica.

Mas os britânicos, afinal, eram incrivelmente bons a manter contradições na cabeça. *Sir William Jones*, um abolicionista virulento, admitia ao mesmo tempo falando sobre a sua própria casa: «Tenho escravos que salvei da morte e da miséria, mas considero-os criados.»

CAPÍTULO VINTE E UM

R

*Ó pináculos de Oxford! Cúpulas e torres!
Jardins e bosques! A vossa presença domina
A sobriedade da razão*

WILLIAM WORDSWORTH, «Oxford, 30 de maio de 1820»

O regresso deles a Oxford na manhã seguinte descambou rapidamente numa comédia de enganos, muitos dos quais poderiam ter sido evitados se eles não estivessem demasiado exaustos, com fome e irritados uns com os outros para comunicarem. O dinheiro que tinham era pouco, portanto, passaram uma hora a discutir se seria prudente levarem emprestada a carruagem da Sra. Clemens até à Estação de Paddington até desistirem e juntarem dinheiro para um coche. Mas os coches de aluguer eram difíceis de encontrar em Hampstead ao domingo de manhã, o que significou que só chegaram à estação dez minutos depois de o comboio para Oxford ter partido. O comboio seguinte estava completamente cheio e o depois desse atrasou-se por causa de uma vaca que tinha atravessado os carris, pelo que só chegariam a Oxford depois da meia-noite.

Um dia inteiro desperdiçado.

Eles passaram essas horas em Londres, migrando de café em café para não atraírem suspeitas e tornando-se cada vez mais ansiosos e paranoicos devido às quantidades absurdas de café e doces que compraram para justificar ocuparem as mesas. De vez em quando, um deles trazia o Professor Lovell, ou a Hermes, à baila apenas para ser violentamente mandado calar pelos outros; eles não sabiam quem poderia estar a ouvir e a sensação era que toda a Londres estava cheia de coscuvilheiros hostis. Era péssimo ser-se mandado calar, mas ninguém tinha coragem para manter uma

conversa mais ligeira, portanto, já nenhum deles estava a falar com os outros quando arrastaram os seus baús até ao comboio tardio apinhado.

Passaram a viagem num silêncio ressentido. Estavam a dez minutos da Estação de Oxford quando Letty se endireitou de repente e começou a hiperventilar.

— Oh, meu Deus — sussurrou ela. — Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus...

Ela estava a atrair olhares. Letty agarrou o ombro de Ramy num apelo por conforto, mas Ramy, impaciente, arrancou o braço das mãos dela.

— Letty, *cala-te*.

Aquilo foi cruel, mas Robin sentiu simpatia por ele. Letty também lhe estava a pesar nos nervos; ela passara a maior parte do dia histérica e ele estava farto. Estavam todos com os nervos desfeitos, pensou ele cruelmente, e Letty só tinha de aguentar e conter-se tal como os outros.

Estupefacta, Letty ficou em silêncio.

Por fim, o comboio entrou a chiar na Estação de Oxford. Bocejando e tremendo, eles arrastaram os seus baús sobre a calçada pedregosa durante os vinte minutos que demorava para chegarem à faculdade — tinham decidido que as raparigas iriam primeiro ao alojamento do porteiro para chamarem um coche; estava demasiado escuro para seguirem para norte a pé sozinhas. Por fim, a austera fachada de pedra do University College emergiu do escuro e Robin sentiu uma nítida pontada de nostalgia ao ver aquele lugar mágico e contaminado que, apesar de tudo, ainda lhe parecia um lar.

— Olá! — Era o porteiro, Billings, a acenar com uma lanterna diante dele. Olhou-os de cima a baixo e, após reconhecê-los, lançou-lhes um sorriso rasgado. — Finalmente de volta do Oriente, não é?

Robin perguntou-se qual seria o aspeto deles à luz do candeeiro — em pânico, esfarrapados e suados com a sua roupa do dia anterior. A exaustão deles devia ser óbvia, pois a expressão de Billings mudou para uma de piedade.

— Oh, pobres queridos. — Ele virou-se e acenou para que o seguissem. — Venham comigo.

Quinze minutos mais tarde, eles estavam sentados em redor de uma mesa no salão, debruçados sobre chávenas de chá preto forte, enquanto Billings se atarefava na cozinha. Eles protestaram que não o queriam incomodar, mas ele insistiu em cozinhar-lhes um petisco adequado. Em breve, apareceu com pratos de ovos, salsichas, batatas e torradas a fervilhar.

— E algo para elevar os espíritos. — Billings colocou quatro canecas diante deles. — Apenas um pouco de conhaque e água. Vocês não são os primeiros Babblers que já vi regressarem do estrangeiro. Isto ajuda sempre.

O cheiro da comida recordou-lhes que estavam esfomeados. Atiraram-

-se aos seus pratos como lobos, mastigando num silêncio frenético enquanto Billings se sentava a observá-los, divertido.

— Então — disse ele —, falem-me sobre essa viagem emocionante. Cantão e Ilha Maurícia, não era? Deram-vos a comer algumas coisas estranhas? Viram algumas cerimónias locais?

Eles entreolharam-se, sem saberem o que dizer. Letty começou a chorar.

— Oh, vá lá. — Billings empurrou a caneca de conhaque para mais perto dela. — Não pode ter sido assim tão mau.

Letty abanou a cabeça. Mordeu os lábios, mas não conseguiu impedir um lamento. Não era um mero fungar e sim um choro tempestuoso de corpo inteiro. Ela tapou o rosto com as mãos e soluçou com intensidade, de ombros a tremer e soltando palavras incoerentes por entre os dedos.

— Ela estava com saudades de casa — disse Victoire debilmente.

— Ela estava, ah, com muitas saudades.

Billings estendeu a mão e deu uma palmadinha no ombro de Letty.

— Está tudo bem, criança. Estás em casa, estás a salvo.

Ele saiu para acordar o cocheiro. Dez minutos depois, um coche parou junto ao salão e as raparigas partiram para os seus alojamentos. Robin e Ramy arrastaram os seus baús até Magpie Lane e disseram boa noite um ao outro. Robin sentiu uma

ansiedade fugaz quando Ramy desapareceu pela porta do seu quarto — tinha-se habituado à companhia de Ramy durante todas aquelas noites de viagem e estava com receio de ficar sozinho pela primeira vez em semanas, sem outra voz para suavizar a escuridão.

Mas quando fechou a porta atrás de si, ficou surpreendido com quão normal tudo parecia. A sua mesa, cama e estantes estavam exatamente como ele as deixara. Nada mudara na sua ausência. A tradução do *Shanhaijing* em que tinha estado a trabalhar para o Professor Chakravarti ainda estava na sua mesa, meio acabada a meio de uma frase. O criado devia ter estado ali recentemente, porque não havia uma mancha de pó à vista. Sentando-se no seu colchão irregular e inspirando o perfume familiar e reconfortante a livros antigos e bolor, Robin sentiu que se se deitasse e fechasse os olhos, poderia levantar-se de manhã e ir para as aulas como se nada tivesse acontecido.

Ele acordou com a visão de Ramy debruçado sobre ele.

— Deus do céu. — Sentou-se de imediato, com a respiração acelerada. — Não faças isso.

— Devias realmente começar a trancar a porta. — Ramy entregou-lhe uma chávena. — Agora que estamos... tu sabes. Chá?

— Obrigado. — Ele pegou na chávena com ambas as mãos e tomou um gole. Era a mistura de Assam favorita de ambos, escura, inebriante e forte. Durante um breve momento de felicidade, com a luz do Sol a entrar pela janela e os pássaros a chilrear suavemente do lado de fora, tudo o que tinha acontecido em Cantão parecia ter sido um sonho terrível. Então, as memórias frias e retorcidas regressaram. Ele suspirou. — Que se passa?

— As raparigas estão aqui — disse Ramy. — São horas de te levatares.

— Aqui?

— Na minha sala de estar. Anda.

Robin lavou o rosto e vestiu-se. Do outro lado do corredor, Victoire e Letty estavam sentadas no sofá de Ramy enquanto este lhes passava chá, um saco de serapilheira com *scones* e um pequeno

pote de natas coaguladas. — Presumi que ninguém tinha vontade de ir até ao refeitório, portanto, isto é o pequeno-almoço.

— Estes são muito bons — disse Victoire, parecendo surpreendida. — Onde...

— No Vaults, mesmo antes de abrir. Eles têm sempre os *scones* do dia anterior por uma fração do preço. — Ramy não tinha faca, portanto, mergulhou o seu *scone* diretamente nas natas. — São bons, não são?

Robin sentou-se em frente das raparigas.

— Como é que dormiram?

— Bem, considerando tudo — disse Letty. — Parece estranho estar de volta.

— É demasiado confortável — concordou Victoire. — Parece que o mundo devia estar diferente agora, mas... não está.

Era também assim que Robin se sentia. Parecia errado estar de volta aos seus confortos, sentado no sofá de Ramy a comer o seu chá favorito com *scones* do seu café favorito. A situação deles não parecia proporcional aos acontecimentos. Em vez disso, o que estava em jogo parecia exigir que o mundo inteiro estivesse a arder.

— Bem, ouçam. — Ramy sentou-se ao lado de Robin. — Não podemos ficar à espera. Cada segundo que passa é um segundo em que não estamos na prisão e, portanto, temos de os usar. Temos de encontrar a Hermes. Birdie, como é que entras em contacto com o Griffin?

— Não posso — disse Robin. — O Griffin era muito inflexível em relação a isso. Ele sabia como me encontrar, mas eu não tinha formas de o contactar. Foi sempre assim que funcionou.

— O Anthony era igual — disse Victoire. — Embora... ele mostrou-nos vários pontos de entrega, locais onde deixávamos coisas para ele. E se fôssemos lá e deixássemos mensagens...?

— Com que frequência é que ele os verifica? — perguntou Letty. — Será que os vai verificar se não estiver à espera de nada?

— Não sei — disse Victoire, frustrada. — Mas é a nossa única opção.

— Eu acho que eles vão estar atentos a nós — disse Robin. — Depois do que aconteceu naquela noite em que fomos apanhados...

quero dizer, há muitas pontas soltas e, agora que estamos todos de volta, presumo que eles queiram entrar em contacto.

Ele conseguia ver pelas expressões deles que aquilo não era grande garantia. A Sociedade Hermes era meticulosa, imprevisível. Podia contactá-los dali a uma hora ou podia ficar em silêncio durante seis meses.

— Quanto tempo temos, afinal? — perguntou Ramy após uma pausa. — Quero dizer, quanto tempo antes de eles perceberem que o bom e velho Richard não vai voltar?

Nenhum deles conseguia dizer com certeza. O período só devia começar dali a uma semana, altura em que seria muito suspeito se o Professor Lovell não tivesse regressado para ensinar. Mas e se os outros professores estivessem à espera de que eles voltassem todos mais cedo?

— Bem, quem é que está em contacto regular com ele? — perguntou Letty. — Vamos ter de contar algum tipo de história ao corpo docente, é claro...

— E há a Sra. Piper — disse Robin. — A governanta dele em Jericho; ela vai perguntar-se onde é que ele estará. Tenho de a ir visitar também.

— Eis uma ideia — disse Victoire. — Podíamos ir até ao gabinete dele e examinar a sua correspondência, ver se ele tinha algum compromisso marcado ou até forjar algumas respostas se isso nos ganhar algum tempo.

— Para ficar claro — disse Letty —, achas que devemos invadir o gabinete do homem cujo assassínio encobrimos e vasculhar as coisas dele, ao mesmo tempo que esperamos que ninguém nos apanhe?

— A altura para o fazermos seria agora — salientou Victoire. — Enquanto ninguém sabe o que fizemos.

— Como é que sabemos que eles ainda não sabem? — A voz de Letty subiu de tom. — Como é sabes que não vamos presos assim que entrarmos na torre?

— Santo Deus — murmurou Robin. De repente, parecia-lhe absurdo estarem a ter aquela conversa, estarem sequer em Oxford. — Porque é que *voltámos*?

— Devíamos ir para Calcutá — declarou Ramy abruptamente. — Vá, vamos fugir para Liverpool. Podemos reservar uma passagem de lá...

Letty franziu o nariz.

— Porquê Calcutá?

— É seguro lá, tenho pais que nos podem proteger, há espaço no sótão...

— Não vou passar o resto da minha vida escondida no sótão dos teus pais!

— Seria apenas *temporário*...

— Acalmem-se todos. — Victoire raramente levantava a voz, portanto, aquilo calou-os de imediato. — É como... como uma missão, percebem? Nós só precisamos de um plano. Só temos de dividir isto em partes, executá-las e vai correr tudo bem. — Ela ergueu dois dedos. — Então, parece que há duas coisas que precisamos de fazer. Tarefa Um: entrar em contacto com a Sociedade Hermes. Tarefa Dois: acumular o máximo possível de informações para que, quando encontrarmos a Hermes, eles possam fazer algo com isso.

— Esqueceste-te da tarefa três — disse Letty. — Não sermos apanhados.

— Bem, isso nem é preciso dizer.

— Quão expostos estamos? — perguntou Ramy. — Quero dizer, se pensarmos bem, estamos mais seguros aqui do que estávamos no navio. Os corpos não falam e ele não vai aparecer em lado nenhum. Parece-me que se ficarmos todos calados, estaremos bem, não é?

— Mas eles vão começar a fazer perguntas — disse Letty. — Obviamente, a certa altura, alguém vai notar que o Professor Lovell não está a responder às suas cartas.

— Então, continuamos a dizer-lhes a mesma coisa — disse Victoire. — Ele está fechado em casa, está gravemente doente e é por isso que não está a responder às cartas nem a receber visitas. E disse-nos para voltarmos sem ele. Essa é a história completa. Vamos manter as coisas simples sem exageramos nos pormenores. Se todos contarmos a mesma história, ninguém vai suspeitar. E se

parecermos nervosos é porque estamos preocupados com o nosso querido professor. Certo?

Ninguém a contradisse. Estavam todos a beber as suas palavras. O mundo parara de girar fora de controlo; tudo o que importava era o que Victoire diria a seguir.

Ela continuou:

— O que eu acho, no entanto, é que quanto mais parados estivermos, ou seja, quanto mais cautelosamente nos comportarmos, mais suspeitos nos tornaremos. Não nos podemos esconder e manter longe da vista. Somos estudantes de Babel. Estamos ocupados. Estamos no quarto ano doidos com todo o trabalho que nos foi atribuído. Não precisamos de fingir que não estamos loucos, porque aqui os alunos estão sempre loucos, mas temos de fingir que estamos loucos pelas razões certas.

De alguma forma, aquilo fazia todo o sentido.

Victoire apontou para Robin.

— Tu tratas da governanta e depois vais buscar a correspondência do Professor Lovell. O Ramy e eu vamos aos pontos de entrega do Anthony e deixaremos o maior número possível de mensagens encriptadas. Letty, tu continuas a tua rotina diária e dás a impressão de que está tudo perfeitamente bem. Se as pessoas fizerem perguntas sobre Cantão, começa a espalhar a história da doença do professor. Encontramo-nos todos aqui hoje à noite e rezamos a Deus para que nada corra mal. — Ela respirou fundo e olhou em volta, acenando com a cabeça como se estivesse a tentar convencer-se. — Vamos ultrapassar isto, está bem? Só não podemos perder a cabeça.

Mas isso, pensou Robin, era uma conclusão óbvia.

R

Um por um, dispersaram da Magpie Lane. Robin desejara que a Sra. Piper não estivesse em casa em Jericho, para se poder safar deixando simplesmente uma mensagem na caixa de correio, mas mal batera à porta quando ela a abriu com um sorriso rasgado.

— Robin, querido!

Ela abraçou-o com força. Cheirava a pão quente. As narinas de Robin arderam, ameaçando lágrimas. Ele afastou-se e esfregou o nariz, tentando dissimular a sua reação com um espirro.

— Pareces magro. — Ela deu-lhe uma palmadinha nas faces. — Não te deram de comer em Cantão? Ou perdeste o teu gosto pela comida chinesa?

— Cantão foi bom — disse ele debilmente. — É nas viagens que a comida é escassa.

— Que vergonha da parte deles. Vocês ainda são apenas crianças. — Ela deu um passo atrás e olhou em redor. — O professor também está de volta?

— Ele vai demorar um pouco, na verdade. — A voz de Robin oscilou. Ele pigarreou e tentou novamente. Nunca mentira à Sra. Piper antes e sentiu-se muito pior com isso do que esperara. — Ele... bem, ele ficou muito doente na viagem de regresso.

— Oh, céus, a sério?

— Não se sentia pronto para viajar até Oxford e, além disso, estava com receio de transmitir a doença, portanto, ficou de quarentena em Hampstead por enquanto.

— Sozinho? — A Sra. Piper parecia alarmada. — Aquele tolo. Devia ter escrito. Eu devia ir já hoje à noite, Deus sabe que o homem nem sequer é capaz de fazer chá...

— Por favor, não vá — exclamou Robin. — Hum... quero dizer, o que ele tem é muito contagioso. Espalha-se pelo ar em partículas quando ele tosse ou fala. Nem sequer podíamos estar na mesma cabina com ele no navio. Ele está a tentar ver o mínimo possível de pessoas. Mas estão a tratar dele. Chamámos um médico para o ver...

— Qual deles? Smith? Hastings?

Ele tentou lembrar-se do nome do médico que o tratara quando ele apanhara a gripe em criança.

— Hum... Hastings?

— Ótimo — disse a Sra. Piper. — Sempre achei que o Smith era um charlatão. Tive uma febre terrível há vários anos e ele diagnosticou-a como sendo apenas histeria. Histeria! Eu nem

sequer conseguia beber um caldo sem vomitar e ele achou que eu estava a inventar.

Robin respirou fundo.

— Tenho a certeza de que o Dr. Hastings vai cuidar bem dele.

— Ah, claro. No fim de semana ele já vai estar de volta aqui a querer os seus *scones* com passas. — A Sra. Piper fez um largo sorriso. Era claramente um sorriso falso, não lhe chegava aos olhos, mas ela parecia determinada a animá-lo. — Bem, posso cuidar de ti, pelo menos. Queres almoçar?

— Oh, não — disse ele rapidamente. — Eu não posso ficar, há... tenho de ir dizer aos outros professores. Eles ainda não sabem, percebe?

— Nem sequer ficas para o chá?

Ele queria ficar. Queria tanto sentar-se à mesa dela, ouvir as suas histórias e sentir, apenas por um momento fugaz, o conforto caloroso e a segurança da sua infância. Mas sabia que não aguentaria sequer cinco minutos, muito menos o tempo que levaria para ferver a água, infundir o chá e saborear uma xícara de Darjeeling. Se ficasse, se entrasse naquela casa, iria desfazer-se completamente.

— Robin? — A Sra. Piper examinou o rosto dele, preocupada. — Querido, pareces tão perturbado.

— É apenas... — As lágrimas desfocaram-lhe a visão; ele não as conseguiu conter. A sua voz estalou. — Estou tão assustado.

— Oh, querido. — Ela envolveu-o com os braços. Robin abraçou-a de volta, com os ombros a tremer por causa dos soluços suprimidos. Pela primeira vez, percebeu que talvez nunca mais a visse. De facto, não tinha pensado sequer no que lhe poderia acontecer quando se soubesse que o Professor Lovell estava morto.

— Sra. Piper, eu estava a pensar... — Ele libertou-se dos braços dela e deu um passo atrás. Sentia-se destroçado pela culpa. — A senhora tem... tem alguma família ou algo assim? Algum outro sítio para onde ir?

Ela pareceu confusa.

— Que queres dizer?

— Se o Professor Lovell não recuperar — disse ele. — Só estou a perguntar, porque se ele não recuperar, então a senhora não terá...

— Oh. Meu querido rapaz. — Os olhos dela ficaram molhados. — Não te preocupes comigo. Eu tenho uma sobrinha e um irmão em Edimburgo. Não há grande afeto entre nós, mas eles terão de me aceitar se eu lhes for bater à porta. Mas não vai chegar a isso. O Richard já apanhou a sua quota-parte de doenças estrangeiras antes. Ele vai estar de volta aqui para os vossos jantares mensais num instante e eu irei assar-vos um belo ganso quando ele estiver. — Ela apertou-lhe os ombros. — Tu concentra-te apenas nos teus estudos, está bem? Faz um bom trabalho e não te preocupes com o resto.

Ele nunca mais a iria voltar a ver. Não importava como as coisas se desenrolassem, isso ao menos parecia certo. Robin fixou os olhos no seu sorriso amável, tentando memorizar aquele momento.

— Darei o meu melhor, Sra. Piper. Adeus.

Ele teve de se recompor por um instante na rua antes de conseguir arranjar coragem para entrar na torre.

Os gabinetes do corpo docente eram no sétimo andar. Robin esperou nas escadas até ter a certeza de que o corredor estava vazio antes de avançar e enfiar a chave do Professor Lovell na fechadura. A correspondência no gabinete era semelhante à que ele encontrara em Hampstead: cartas para Jardine, Matheson, Gützlaff e outras sobre os planos de guerra para a invasão futura. Ele juntou algumas num maço e enfiou-as no bolso do casaco. Não fazia a mais pequena ideia do que a Hermes poderia fazer com elas, mas presumiu que algumas provas eram melhores do que nenhuma.

Acabara de trancar a porta atrás de si quando ouviu vozes do escritório do Professor Playfair. A primeira pertencia a uma mulher, exigente e barulhenta.

— Ele falhou três pagamentos consecutivos e não estou em contacto com ele há meses...

— O Richard é um homem muito ocupado — dizia o Professor Playfair. — E ele ainda está no estrangeiro, na viagem anual do quarto ano, o que tenho a certeza que lhe disse.

— Não disse — respondeu a mulher. — O senhor sabe como ele é terrível em relação a essas coisas, nunca sabemos para onde ele vai. Ele não escreve, nem sequer telegrafia, e não envia nada para as crianças. Sabe, eles estão a começar a esquecer que têm um pai.

Com o coração a bater, Robin avançou até à esquina do corredor, de modo que ficasse ao alcance da voz. A escada estava apenas alguns metros atrás dele. Se a porta se abrisse, ele poderia fugir para o sexto andar antes que alguém o visse.

— Deve ser, ah, muito difícil — disse o Professor Playfair pouco à vontade. — Embora eu deva dizer que isso não é um assunto sobre o qual o Richard e eu conversemos com frequência. Seria melhor a senhora falar diretamente com ele...

— Quando é que esperam o regresso dele?

— Na semana que vem. Embora tenha havido alguns problemas em Cantão, segundo ouvi dizer, portanto, pode ser alguns dias antes. Mas na verdade não sei, Sra. Lovell. Eu mando dizer-lhe quando soubermos alguma coisa, mas por enquanto sabemos tão pouco como a senhora.

A porta abriu-se. Robin preparou-se para fugir, mas uma curiosidade mórbida manteve-o parado no mesmo sítio. Ele espreitou em redor da esquina. Queria ver, saber com certeza.

Uma mulher alta e magra com cabelos grisalhos saiu para o corredor. Com ela havia duas crianças pequenas. A mais velha, uma menina, parecia ter cerca de dez anos e estivera claramente a chorar, embora escondesse os seus soluços com um dos punhos enquanto apertava a mão da mãe com a sua. A criança mais nova, um rapaz, era muito mais pequeno — talvez apenas cinco ou seis anos. Saiu para o corredor enquanto a Sra. Lovell se despedia do Professor Playfair.

A respiração de Robin ficou-lhe presa na garganta. Deu por si a inclinar-se para o corredor, incapaz de desviar o olhar. O rapaz parecia-

-se imenso com ele, com Griffin. Tinha os olhos do mesmo tom de castanho-claro e o cabelo era igualmente escuro, embora se encaracolasse mais do que o deles.

O rapaz encontrou os seus olhos. Então, para horror de Robin, abriu a boca e proferiu numa voz alta e clara:

— Papá.

Robin virou-se e fugiu.

— O que foi isso? — A voz da Sra. Lovell flutuou em direção à escada. — Dick, o que é que disseste?

O filho do professor Lovell balbuciou algo em resposta, mas Robin estava a correr demasiado depressa escadas abaixo para ouvir.

R

— C'um caraças — disse Ramy. — Eu não sabia que o Professor Lovell tinha uma família.

— Eu disse-te que ele tinha uma propriedade no Yorkshire!

— Pensei que tinhas inventado isso — disse Ramy. — Nunca o vi tirar férias uma única vez. Ele simplesmente não é... não é um homem de família. Como é que ficou em casa o tempo suficiente para conceber?

— A questão é que eles existem e estão preocupados — disse Robin. — Aparentemente, ele tem falhado os pagamentos da sua propriedade. E agora o Playfair sabe que algo não está bem.

— E se nós lhes pagássemos? — perguntou Victoire. — Quero dizer, forjávamos a caligrafia dele e enviávamos o dinheiro. Quanto é que é preciso para sustentar uma casa durante um mês?

— Se forem só eles os três? — Letty pensou por um momento. — Cerca de dez libras, apenas.

Victoire empalideceu. Ramy suspirou e esfregou as têmporas. Robin estendeu a mão para o conhaque para encher o seu copo.

O ambiente era decididamente sombrio naquela noite. Além da pilha de cartas que Robin tinha encontrado no escritório do Professor Lovell, o dia não tinha rendido nada. A Sociedade Hermes permanecia em silêncio. A janela de Robin estava vazia. Victoire e Ramy tinham ido a cada um dos antigos pontos de entrega de Anthony — um tijolo solto atrás da Catedral de Christ Church, um banco escondido no Jardim Botânico, um bote virado e raramente usado na margem do Cherwell —, mas nenhum mostrava sinais de

uma visita recente. Eles até caminharam de um lado para o outro diante do Raiz Retorcida durante quase uma hora, à espera de que Griffin os visse por ali, mas apenas conseguiram atrair os olhares dos clientes.

Pelo menos, não tinha acontecido nada de desastroso — nada de colapsos nervosos, nenhum encontro ameaçador com a polícia de Oxford. Letty começara a hiperventilar novamente no Refeitório durante o almoço, segundo Robin ouvira dizer, mas Victoire dera-lhe uma palmada nas costas e fingira que ela apenas se engasgara com uma uva. (Letty, pensou Robin, não estava a contribuir para a ideia feminista geral de que as mulheres não eram umas histéricas nervosas com cérebros minúsculos.)

Eles estavam a salvo, talvez, por enquanto. No entanto, não podiam deixar de se sentir como se fossem alvos fáceis. O seu tempo estava a acabar; muitas pessoas estavam a ficar desconfiadas e a sorte deles não se iria manter para sempre. Mas para onde é que poderiam ir? Se fugissem, a Sociedade Hermes não tinha como os encontrar. Estavam presos pela obrigação.

— Oh, raios — disse Ramy. Estava a verificar as pilhas de correspondência que tinha retirado dos pombos deles, separando os panfletos sem importância do que era importante. — Esqueci-me.

— O quê? — perguntou Letty.

— A festa do corpo docente. — Ramy acenou com um convite grosso em papel creme. — A maldita festa do corpo docente é esta sexta-feira.

— Bem, claro que não vamos — disse Robin.

— Não podemos deixar de ir — disse Ramy. — É a festa do corpo docente.

Todos os anos, pouco antes do início do período de Santo Hilário, o Real Instituto de Tradução dava uma festa nos jardins do University College para professores, estudantes e investigadores de pós-graduação. Eles já tinham ido a três até agora. Eram eventos longos e desinteressantes e, como em todos os eventos de Oxford, a comida era má e os discursos longos. O que Robin não conseguia entender era por que razão Ramy estava a dar tanta importância ao assunto.

— E depois? — perguntou Victoire.

— Depois, toda a gente vai — disse Ramy. — É obrigatório. Todos sabem que já voltámos. Encontrámos a Professora Craft ao pé da Câmara Radcliffe esta manhã e muitas pessoas viram a Letty na Refeitório. Temos de manter as aparências.

Robin não conseguia imaginar nada mais horrível do que comer aperitivos na companhia do corpo docente de Babel.

— Estás doido? — quis saber Victoire. — Essas coisas são intermináveis; não vamos conseguir aguentar até ao fim.

— É apenas uma festa — disse Ramy.

— Três pratos? Vinho? *Discursos*? A Letty mal se consegue controlar e tu queres enfiá-la ao lado da Craft e do Playfair e esperar que ela conte como se divertiu em Cantão durante mais de três horas?

— Eu fico bem — disse Letty fracamente, não convencendo ninguém.

— Eles vão começar a fazer perguntas se não estivermos lá...

— E não vão fazer perguntas quando a Letty vomitar em cima do centro de mesa?

— Ela pode fingir que tem uma intoxicação alimentar — disse Ramy. — Podemos fingir que ela está doente desde esta manhã, o que explica a palidez e a pele húmida e a razão por que teve um ataque no Refeitório. Mas será que podes argumentar que isso é mais suspeito do que nós os quatro não aparecemos?

Robin olhou para Victoire, esperando que ela tivesse um contra-argumento, mas ela estava a olhar para ele, à espera do mesmo.

— A festa ganha-nos tempo — disse Ramy com firmeza. — Basta conseguirmos não parecer uns doidos completos e ganhamos um dia. Ou dois. É isso. Mais tempo. É o único fator que importa.

Sexta-feira acabou por ser um dia estranhamente quente. Começou com o frio típico das manhãs de janeiro, mas a meio da tarde o Sol já tinha atravessado a cobertura de nuvens e brilhava com força total. Todos tinham sobrestimado o frio quando se tinham vestido, mas depois de chegarem ao pátio não podiam retirar facilmente as

suas camisetas interiores de lã, o que significava que não tinham outra escolha a não ser suar.

A festa daquele ano era a mais extravagante que Babel já tinha dado. O corpo docente estava a nadar em dinheiro após uma visita do Arquiduque Alexandre da Rússia à universidade, em maio anterior. O arquiduque, que ficara muito impressionado com a inteligência e a capacidade dos intérpretes simultâneos na sua receção, entregou a Babel um presente de mil libras para financiamento discricionário. E os professores tinham-no usado de modo luxuoso, ainda que imprudente. Um quarteto de cordas tocava vigorosamente no meio do pátio, embora todos se afastassem deles já que o barulho tornava as conversas impossíveis. Meia dúzia de pavões, supostamente importados do Jardim Zoológico de Londres, vagueavam pelo relvado, assediando qualquer pessoa vestida com cores garridas. Três mesas compridas cheias de comida e bebidas ocupavam o centro do relvado. As ofertas incluíam minissanduíches, empadinhas, uma variedade grotesca de chocolates e sete sabores diferentes de gelado.

Os académicos de Babel circulavam segurando copos de vinho que aqueciam rapidamente, trocando conversas insípidas e mexericos. Como todas as faculdades de Oxford, o Instituto de Tradução estava repleto de rivalidades internas e invejas por causa de financiamentos e nomeações, um problema exacerbado pelo facto de cada especialista regional pensar que o seu idioma era mais rico, mais poético, mais literário e mais fértil para o trabalho em prata do que os outros. Os preconceitos departamentais de Babel eram tão arbitrários como confusos. Os Românicos desfrutavam da maior parte do prestígio literário¹¹⁵ e o árabe e o chinês eram altamente valorizados, principalmente em virtude de serem estrangeiros e diferentes, enquanto os idiomas mais próximos de casa, como o gaélico e o galês, quase não recebiam nenhum respeito. Aquilo tornava as conversas de circunstância muito perigosas; era muito fácil ofender-se alguém se uma pessoa exibisse entusiasmo a mais ou a menos em relação à investigação do seu interlocutor. A circular no meio de tudo aquilo estava o

Reverendo Doutor Frederick Charles Plumptre, Mestre da Faculdade. Era sabido que a certa altura cada um deles teria de lhe ir apertar a mão, fingindo acreditar que ele se lembrava deles, quando era óbvio que ele não fazia a mais pequena ideia dos seus nomes, e depois aguentar uma conversa dolorosamente banal sobre de onde eram e o que estudavam antes que ele os deixasse ir.

Tudo aquilo durante três horas insuportáveis, pois ninguém podia sair antes do fim do banquete. A distribuição dos lugares estava feita e as suas ausências seriam notadas. Eles tinham de ficar até o Sol se pôr, até todos os brindes terem sido feitos e até todos os académicos presentes estarem fartos de fingir que gostavam de socializar.

Isto é um desastre, pensou Robin, olhando em redor. Teria sido melhor não comparecerem. Nenhum deles se estava a conseguir controlar. Ele observou um colega de pós-graduação a fazer uma pergunta a Victoire três vezes antes que ela finalmente registasse a sua presença. Letty estava parada num canto, a beber copo atrás de copo de água fria enquanto o suor lhe escorria pela testa. Ramy era o que se estava a sair melhor, conversando com um bando de alunos do primeiro ano que o cravejavam de perguntas sobre a sua viagem, mas quando Robin passou por ele ouviu Ramy explodir numa gargalhada tão abrupta e histérica que quase recuou assustado.

Robin sentiu-se tonto enquanto olhava para o relvado apinhado. Isto era uma loucura, pensou ele, uma loucura absoluta estar ali no meio dos professores, a segurar um copo de vinho, enquanto escondia a verdade de que tinha matado um deles. Ele aproximou-se das mesas do bufê e encheu um prato com *hors d'oeuvres*, só para ter algo que fazer, mas a ideia de colocar qualquer uma daquelas tartes que se estragavam rapidamente na boca era nauseante.

— Sente-se bem?

Ele saltou e virou-se. Eram os Professores De Vreese e Playfair. Colocaram-se um de cada lado dele como guardas de uma prisão. Robin pestanejou rapidamente, tentando compor as suas feições para que apresentassem algo semelhante a um sorriso neutro.

— Professores. Senhores.

— Está a suar em bica. — O Professor Playfair examinou-lhe o rosto, parecendo preocupado. — E tem olheiras enormes, Swift. Tem dormido?

— Tenho as horas trocadas — confessou Robin. — Nós não... hum, não ajustámos os nossos horários de dormir na viagem de regresso tão bem como deveríamos. Além disso, estamos exaustos com, hum, com as leituras do início do período.

Para sua surpresa, o Professor Playfair assentiu com simpatia.

— Ah, bem. Sabe o que se diz. *Estudante de studere*, que significa «aplicação meticulosa e dedicada». Se não se sente como um prego a ser constantemente atingido por um martelo, está a fazer algo mal.

— De facto — disse Robin. A sua estratégia, decidiu ele, era ser tão aborrecido que eles perderiam o interesse e ir-se-iam embora.

— Fez uma boa viagem? — perguntou o Professor De Vreese.

— Foi... — Robin pigarreou. — Foi mais do que esperávamos. Estamos todos muito felizes por estarmos de volta.

— Sei muito bem como é. Estes assuntos no estrangeiro podem ser cansativos. — O Professor Playfair acenou com a cabeça para o prato na mão de Robin. — Ah, vejo que encontrou as minhas invenções. Vá, dê uma dentada.

Sentindo-se pressionado, Robin mordeu uma empada.

— É bom, não é? — O Professor Playfair observou-o enquanto ele mastigava. — Sim, é realçado pela prata. Um par-correspondente fantasioso que inventei nas minhas férias em Roma. *Pomodoro* é uma descrição bastante fantasiosa para um tomate, sabe; significa literalmente «maçã de ouro». Agora adicione o intermediário francês, *pomme d'amour*, e obtemos uma riqueza que o inglês não tem...

Robin mastigou, tentando parecer que apreciava. Tudo o que conseguia registar era a viscosidade; os sucos salgados que explodiam na sua boca faziam-no pensar em sangue e cadáveres.

— Você tem *pretoogjes* — observou o Professor De Vreese.

— Desculpe?

— *Pretoogjes*. — O Professor De Vreese apontou para o rosto dele. — Olhos engraçados. É uma palavra neerlandesa. Olhos cintilantes, olhos que se movem. Usamo-lo para descrever as crianças quando estão a fazer alguma tropelia.

Robin não fazia a mais pequena ideia do que dizer em resposta.

— Eu... Que interessante.

— Acho que vou cumprimentar o Mestre agora — disse o Professor De Vreese, como se Robin não tivesse falado. — Bem-vindo de volta, Swift. Aproveite a festa.

— Então. — O Professor Playfair entregou a Robin um copo de clarete. — Faz alguma ideia de quando o Professor Lovell vai voltar de Londres?

— Não sei. — Robin tomou um gole, fazendo o possível para se recompor antes de responder. — É provável que já tenha ouvido dizer que ele está fechado em casa com algo que contraiu em Cantão. Parecia estar em péssimo estado quando o deixámos, não tenho a certeza se vai voltar este período.

— Interessante — disse o Professor Playfair. — É uma sorte que não se tenha espalhado para nenhum de vocês.

— Oh, bem, nós tomámos precauções quando ele se começou a sentir mal. Quarentena, panos de rosto, tudo isso, o senhor sabe.

— Ora vamos, Sr. Swift. — A voz do Professor Playfair tornou-se severa. — Eu sei que ele não está doente. Enviei três mensageiros a Londres desde que vocês voltaram e todos relataram que a casa de Hampstead está vazia neste momento.

— A sério? — Os ouvidos de Robin começaram a zumbir. Que fazer agora? Será que fazia sentido tentar manter a mentira? Deveria simplesmente fugir? — Que estranho, isso é... não sei porque é que ele...

O Professor Playfair aproximou-se mais e inclinou a cabeça de modo conspiratório em direção ao ouvido de Robin.

— Sabe — sussurrou ele —, os nossos amigos da Hermes gostariam muito de saber onde ele está.

Robin quase cuspiu o seu clarete. A garganta reteve o vinho antes que ele se sujasse todo, mas ele engoliu-o pelo canal errado. O

Professor Playfair ficou calmamente parado enquanto ele se engasgava e tossia, entornando tanto o prato como o copo.

— Sente-se bem, Swift?

Os olhos de Robin encheram-se de lágrimas.

— Que é que o senhor...

— Eu pertenço à Hermes — murmurou o Professor Playfair num tom agradável, com os olhos fixos no quarteto de cordas. — O que quer que esteja a esconder, é seguro contar-me.

Robin não fazia ideia de como reagir àquilo. Não sentia nenhum alívio. *Não confies em ninguém* — Griffin gravara praticamente essa lição nos seus ossos. O Professor Playfair podia facilmente estar a mentir, o que seria um truque muito simples se o seu objetivo fosse persuadir Robin a revelar tudo o que sabia, ou o Professor Playfair podia ser o aliado, o salvador por que tinham estado à espera. Ele sentiu uma pontada de frustração residual. Se ao menos Griffin lhe tivesse contado mais, se ao menos Griffin não se tivesse sentido tão confortável por o deixar no escuro, isolado dos outros e tão totalmente desamparado.

Ele não tinha nenhuma informação útil sobre a qual se basear, apenas um instinto de que algo muito errado se passava.

— Graças a Deus — disse, imitando o murmúrio disfarçado do Professor Playfair. — Então, o senhor sabe sobre a conspiração de Cantão do Griffin?

— Claro — disse o Professor Playfair com um pouco de entusiasmo a mais. — Funcionou?

Robin fez uma pausa. Ele tinha de executar esta próxima parte com muito cuidado. Tinha de dar apenas o suficiente para manter o Professor Playfair interessado, curioso, mas ainda não pronto para atacar. E precisava de tempo — pelo menos, o tempo suficiente para reunir os outros e fugir.

O Professor Playfair passou o braço pelos ombros de Robin, puxando-o para perto.

— Porque é que não vamos conversar os dois?

— Não aqui. — Os olhos de Robin moveram-se em redor do pátio. Letty e Victoire estavam ambas a fitá-lo por cima dos ombros. Ele pestanejou com força, olhou incisivamente para a saída principal e

depois novamente para elas. — Não diante dos outros professores, nunca se sabe quem está a ouvir.

— Claro — disse o Professor Playfair.

— Os túneis — disse Robin, antes que o Professor Playfair pudesse sugerir que saíssem de imediato da festa. — Vou-me encontrar com o Griffin e os outros hoje à meia-noite nos túneis Taylorianos. Porque é que não vem? Eu tenho... Tenho todos os documentos de que eles têm estado à espera.

Funcionou. O Professor Playfair soltou os ombros de Robin e afastou-se.

— Muito bem. — Os seus olhos brilharam de alegria; ele parecia estar a um passo de esfregar as mãos como um vilão num palco. — Bom trabalho, Swift.

Robin assentiu e mal conseguiu manter uma expressão séria até o Professor Playfair se afastar para conversar com o Professor Chakravarti do outro lado do relvado.

Depois, precisou de todo o seu autocontrolo para não desatar a correr. Examinou o pátio em busca de Ramy, o qual estava preso numa conversa com o Reverendo Doutor Plumptre. Robin pestanejou freneticamente para ele. Sem hesitar, Ramy entornou o seu copo de vinho por cima da camisa, soltou uma exclamação de desânimo em voz alta, pediu licença e atravessou o jardim em direção a Robin.

— O Playfair sabe — disse-lhe Robin.

— O quê? — Ramy olhou em redor. — Tens a certeza...

— Temos de ir. — Para seu alívio, Robin viu que Victoire e Letty já se estavam a mover em direção ao portão principal. Ele queria segui-las, mas havia demasiados professores no caminho; ele e Ramy teriam de sair pelas traseiras, ao lado da cozinha. — Anda.

— Como...

— Mais tarde. — Robin arriscou uma olhadela por cima do ombro mesmo antes de saírem do jardim. Sentiu o estômago revirar-se. — Playfair estava a dizer algo ao Professor De Vreese e os dois tinham as cabeças inclinadas juntas. De Vreese ergueu os olhos e fitou Robin diretamente. Robin desviou o olhar. — Apenas... anda.

Victoire e Letty correram para eles assim que os viram sair.

— Que aconteceu? — sussurrou Letty. — Porque é que...

— Aqui não — disse Robin. — Andem.

Desceram a Kybald Street a um passo apressado e viraram à direita para a Magpie Lane.

— O Playfair sabe sobre nós — disse Robin. — Estamos perdidos.

— Como é que sabes? — perguntou Letty. — Que é que ele disse? Contaste-lhe?

— Claro que não — disse Robin. — Mas ele fingiu que pertencia à Hermes para tentar fazer-me confessar...

— Como é que sabes que não pertence?

— Porque eu menti — disse Robin. — E ele acreditou. Não faz ideia do que a Hermes faz, só estava à procura de informações.

— Então, que vamos fazer? — perguntou Victoire de repente. — Meu Deus, *para onde é que vamos?*

Eles estavam a andar sem propósito, percebeu Robin. Estavam agora a dirigir-se para High Street, mas que iriam fazer ali? Se o Professor Playfair chamasse a polícia, seriam localizados em segundos. Não podiam voltar para o Número 4; ficariam encurralados. Mas não tinham nenhum dinheiro com eles e nenhum meio de pagar uma passagem para onde quer que fosse.

— Aí estão vocês.

Todos recuaram assustados.

Anthony Ribben aparecera na rua principal e observava-os, contando-os com o dedo como se fossem patinhos.

— Estão todos aqui? Excelente. Venham comigo.

115 Os pobres Germanistas perdiam sempre para os linguistas Românicos nestas disputas verbais, pois tinham de lidar com o facto de ouvirem as palavras do seu próprio rei, Frederico II da Prússia, atiradas contra eles. Frederico ficara tão intimidado com o domínio literário do francês que em 1780 escrevera um ensaio, em francês, criticando o seu alemão natal por ter um som semibárbaro, pouco elegante e desagradável ao ouvido. Propôs então melhorar o som do alemão adicionando um -a como sílaba final a uma grande quantidade de verbos para lhes dar um toque mais italiano.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

R

Este grupo é notável, embora tenha desaparecido nas profundezas invisíveis que estão atrás de nós.

VICTOR HUGO, *Os Miseráveis*,
trad. Frederic Charles Lascelles Wraxall

O choque deles foi passageiro. Anthony desatou a correr e eles seguiram-no sem questionar. Mas, em vez de voltarem pela Magpie Lane até à Merton Street, de onde poderiam escapar em direção ao prado de Christ Church, ele levou-os de volta à Kybald em direção à faculdade.

— Que estás a fazer? — ofegou Ramy. — Isso é onde toda a gente...

— Despachem-se — sibilou Anthony.

Eles obedeceram. Era maravilhoso terem alguém a dizer-lhes o que fazer. Anthony conduziu-os pelas portas atrás da cozinha, passando pela Biblioteca Velha e diretamente para o salão. Do outro lado da parede, a festa ainda decorria a todo o vapor no jardim; eles podiam ouvir os instrumentos de corda e as vozes através da pedra.

— Aqui. — Anthony acenou para eles entrarem na capela.

Eles correram lá para dentro e fecharam as pesadas portas de madeira atrás deles. Fora do horário do serviço religioso, a capela parecia estranha: sobrenatural, silenciosa. O ar no interior estava repressivamente imóvel. Além da sua respiração ofegante, o único movimento eram as partículas de poeira a flutuar nos prismas de luz que entravam pelas janelas.

Anthony parou diante do friso memorial de *Sir William Jones*.

— O que é que tu... — começou Letty.

— Chiu. — Anthony estendeu a mão para o epigrama, que dizia: *Ele formou um resumo das leis hindus e muçulmanas*. Tocou numa

sucessão de letras, que se afundaram ligeiramente na pedra quando foram empurradas.

G, O, R...

Ramy soltou uma risadinha trocista. Anthony tocou numa última letra na inscrição latina muito mais longa por cima do friso — uma celebração desconexa da vida e das realizações de William Jones. *B.*

*Gorasahib.*¹¹⁶

Ouviu-se um som de raspar e depois eles sentiram uma lufada de ar frio. O friso saltou vários centímetros para fora da parede. Anthony enfiou os dedos na fenda da borda inferior e fez deslizar o painel para cima, revelando um buraco negro como breu na parede.

— Entrem.

Um a um, eles ajudaram-se a entrar. O túnel acabou por ser muito mais largo do que parecia do lado de fora. Só tiveram de rastejar de gatas durante alguns segundos antes de o poço ir ter a um corredor maior. Robin conseguiu sentir a terra húmida a roçar no topo da sua cabeça quando se levantou, embora Ramy tivesse soltado uma exclamação quando bateu com a cabeça contra o teto.

— Chiu — resmungou Anthony de novo enquanto fechava a porta atrás deles. — As paredes são finas.

O friso deslizou de volta para o seu lugar com um baque. A luz desapareceu do túnel. Eles prosseguiram às apalpadelas, praguejando quando tropeçavam uns nos outros.

— Ah, desculpem. — Anthony riscou um fósforo e uma chama materializou-se na palma da sua mão. Agora podiam ver que, vários metros mais à frente, o túnel apertado se expandia para fora para algo mais parecido com um corredor. — Pronto. Continuem a andar, temos uma longa caminhada pela frente.

— Onde... — começou Letty, mas Anthony abanou a cabeça, levou um dedo aos lábios e apontou para as paredes.

O túnel alargava-se cada vez mais à medida que caminhavam. A ramificação que levava à capela da Univ era aparentemente uma adição nova, pois a passagem por onde caminhavam agora parecia muito maior e mais antiga. A lama seca deu lugar a paredes de

tijolos e, em vários pontos, Robin viu arandelas afixadas nos cantos superiores. A escuridão deveria ter sido claustrofóbica, mas, na verdade, era reconfortante. Engolidos pelo ventre da terra, escondidos pela primeira vez desde o seu regresso, todos eles descobriram que podiam finalmente respirar.

Após vários minutos de silêncio, Ramy perguntou:

— Há quanto tempo é que aquilo está ali?

— Há apenas algumas décadas — disse Anthony. — Os túneis existem desde sempre, não são um projeto da Hermes, nós apenas tirámos proveito deles, mas aquela entrada é nova. *Lady Jones* mandou instalar o friso não há muitos anos e nós conseguimos aproveitar a oportunidade antes que o trabalho de construção terminasse. Não se preocupem, mais ninguém sabe. Estão todos bem?

— Estamos bem — disse Robin. — Mas, Anthony, há algo que precisas...

— Imagino que haja muita coisa que precisem de me contar — disse Anthony. — Porque é que não começamos com o que fizeram ao Professor Lovell? Ele está morto? O corpo docente parece pensar que sim.

— O Robin matou-o — disse Ramy alegremente.

Anthony virou-se para olhar para Robin por cima do ombro.

— Oh, a sério?

— Foi um acidente — insistiu Robin. — Estávamos a discutir e ele... não sei, de repente eu... Quero dizer, eu usei aquele par-correspondente, só que não sabia o que estava a fazer até tudo terminar...

— O mais importante é a guerra contra a China — disse Victoire. — Temos estado a tentar encontrar-te para te dizer. Eles estão a planear uma invasão...

— Nós sabemos — disse Anthony.

— Sabem? — perguntou Robin.

— O Griffin receava isso há já algum tempo. Temos estado atentos à Jardine & Matheson, acompanhando os desenvolvimentos nas Fábricas. Contudo, nunca esteve assim tão mau antes. Até agora

era tudo barulho. Mas vocês acham que eles vão realmente para a guerra?

— Tenho papéis... — Robin enfiou a mão no bolso interior como se eles ainda estivessem guardados dentro do casaco e praguejou. — Raios, estão todos no meu quarto...

— Que é que dizem?

— São cartas, correspondência entre o Lovell, o Jardine e o Matheson, ambos, e também o Palmerston e o Gützlaff, eles todos. Oh, mas deixei-as em Magpie Lane...

— Que é que *dizem*?

— São planos de guerra — disse Robin, agitado. — São planos que estão há meses, anos, a ser montados...

— São evidências de conluio direto? — insistiu Anthony.

— Sim, indicam que as negociações nunca foram de boa-fé, que a última ronda era apenas um pretexto...

— Ótimo — disse Anthony. — Isso é muito bom. Podemos trabalhar com isso. Vou enviar alguém para os ir buscar. Estás no antigo quarto do Griffin, certo? Número sete?

— Eu... sim.

— Muito bem. Eu trato disso. Entretanto, sugiro que todos se acalmem. — Ele fez uma pausa, virou-se e ofereceu-lhes um sorriso caloroso. Depois da semana que tinham tido, a visão do rosto de Anthony à luz suave das velas fez Robin querer chorar de alívio. — Vocês estão em boas mãos agora. Concorde que é uma situação terrível, mas não podemos resolver nada neste túnel. Vocês saíram-se muito bem e imagino que estejam bastante assustados, mas podem relaxar agora. Os adultos chegaram.

A passagem subterrânea acabou por ser bastante comprida. Robin perdeu a noção de quanto tinham caminhado; devia ser mais de um quilómetro. Ele perguntou-se quão vasta seria a rede — de vez em quando passavam por uma divisão no túnel ou por uma porta embutida na parede, sugerindo mais entradas ocultas espalhadas pela universidade, mas Anthony conduzia-os sem fazer comentários. Estes eram, presumiu Robin, alguns dos muitos segredos da Hermes.

Por fim, a passagem tornou a estreitar-se até haver apenas espaço para seguirem em fila indiana. Anthony assumiu a liderança, segurando a vela bem acima da sua cabeça como um farol. Letty seguia logo atrás dele.

— Porquê tu? — perguntou ela baixinho. Robin não sabia se ela tinha a intenção de ser discreta, mas o túnel era tão estreito que a sua voz flutuava até ao fim da fila.

— Que queres dizer? — murmurou Anthony.

— Tu adoravas Babel — disse Letty. — Eu lembro-me, foste o guia na nossa visita de orientação. Tu adoravas aquilo e eles adoravam-te a ti.

— É verdade — disse Anthony. — Babel tratou-me melhor do que qualquer outra pessoa me tratara.

— Então, porquê...

— Ela acha que é uma questão de felicidade pessoal — interveio Ramy. — Mas, Letty, nós já te dissemos, não importa quão felizes éramos pessoalmente, isto tem que ver com a injustiça mais alargada...

— Não foi isso que eu quis dizer, Ramy, eu só...

— Deixa-me tentar explicar — disse Anthony gentilmente. — Na véspera da abolição nas colónias, o meu dono decidiu que queria fazer as malas e voltar para a América. Eu não seria livre lá, percebes? Ele poderia manter-me na sua casa e considerar-me dele. Este era um homem que se dizia abolicionista. Condenara o comércio geral durante anos, mas parecia pensar que o nosso relacionamento era especial. Contudo, quando as propostas que ele apoiara publicamente se tornaram lei, ele decidiu que não podia suportar o sacrifício de me perder. Então, eu fugi e procurei refúgio em Oxford. A faculdade acolheu-me e escondeu-me até eu ser legalmente declarado um homem livre; não porque se importassem muito com a abolição, mas porque os professores de Babel sabiam o meu valor. E sabiam que se eu fosse mandado de volta para a América, iriam perder-me para Harvard ou Princeton.

Robin não conseguia ver o rosto de Letty na escuridão, mas conseguia ouvir a sua respiração tornar-se mais fraca. Perguntou-se se ela estaria prestes a chorar de novo.

— Não existem donos bons, Letty — continuou Anthony. — Não importa quão tolerantes, corteses, quão investidos na nossa educação eles pareçam ser. Donos são donos no fim de contas.

— Mas tu não acreditas nisso em relação a Babel — sussurrou Letty. — Acreditas? Não é a mesma coisa... eles não te estavam a *escravizar*... quero dizer, meu Deus, tu tinhas uma *bolsa de investigação*...

— Sabes o que o dono de Equiano lhe disse quando ele foi alforriado? — perguntou Anthony suavemente. — Disse-lhe que dali a pouco tempo ele teria os seus próprios escravos.

R

Por fim, o túnel terminou num conjunto de degraus tapados por uma prancha de madeira. Via-se a luz do Sol a entrar pelas ripas. Anthony encostou o ouvido contra as ripas, esperou um momento e depois destrancou a prancha e empurrou-a.

— Subam.

Eles saíram para um pátio ensolarado diante de um velho edifício de tijolos de um andar meio escondido atrás de uma massa de arbustos demasiado grandes. Não se podiam ter afastado muito do centro da cidade — estavam apenas a três quilómetros de distância no máximo —, mas Robin nunca tinha visto aquele edifício antes. Tinha as portas trancadas pela ferrugem e as paredes estavam quase engolidas pela hera, como se alguém o tivesse construído e depois abandonado décadas antes.

— Bem-vindos à Biblioteca Velha. — Anthony ajudou-os a sair do túnel. — O Durham College construiu este sítio no século XIV, como uma sala de armazenamento para livros antigos, e depois esqueceu-se dele quando conseguiu financiamento para construir uma nova biblioteca mais perto do centro da cidade.

— Apenas Biblioteca Velha? — perguntou Victoire. — Não tem outro nome?

— Nenhum que nós usemos. Um nome marcaria a sua importância e nós queremos que passe despercebida e se mantenha esquecida, algo que se ignora quando aparece nos registos, algo facilmente

confundido com outra coisa. — Anthony apoiou a palma da mão contra a porta enferrujada, murmurou algo baixinho e depois empurrou. A porta abriu-se com um rangido. — Entrem.

Tal como Babel, a Biblioteca Velha era muito maior por dentro do que o seu exterior sugeria. Do lado de fora, parecia poder conter no máximo um único salão de palestras. O seu interior, no entanto, equiparava-se ao andar térreo da Biblioteca Radcliffe. Estantes de madeira irradiavam a partir do centro e mais ainda forravam as paredes que pareciam — de modo mágico e contraditório — circulares. Todas as prateleiras estavam meticulosamente rotuladas e um longo pergaminho amarelado, que listava o sistema de classificação, estava pendurado na parede oposta. Perto da frente havia uma prateleira com os volumes mais recentes, na qual Robin reconheceu alguns dos títulos que tinha conseguido roubar para Griffin durante os últimos anos. Os números de série de Babel tinham sido riscados em todos.

— Não gostamos do sistema de categorização deles — explicou Anthony. — Só faz sentido com os caracteres romanos, mas nem todas as línguas são tão facilmente romanizadas. — Ele apontou para um tapete perto da porta. — Limpem os sapatos. Não gostamos de trazer lama para junto das prateleiras. E há um suporte ali para os vossos casacos.

Uma chaleira de ferro enferrujada pendia inexplicavelmente do braço mais alto do cabide. Robin estendeu a mão para ela, curioso, mas Anthony disse bruscamente:

— Não toques nisso.

— Desculpa. Para que serve?

— Não é para fazer chá, obviamente. — Anthony virou a chaleira na direção deles para revelar o fundo, o qual exibia um brilho familiar de prata. — É um sistema de segurança. Apita quando alguém que não conhecemos se aproxima da biblioteca.

— Com que par-correspondente?

— Isso é que tu gostavas de saber. — Anthony piscou-lhe o olho. — Temos segurança tal como Babel. Toda a gente inventa as suas próprias armadilhas e não dizemos aos outros como as fazemos. A melhor coisa que criámos foi o *glamour* — evita que o som escape

do edifício, o que significa que nenhum transeunte consegue escutar as nossas conversas.

— Mas este sítio é enorme — disse Ramy. — Quero dizer, vocês não são invisíveis; como é que se mantêm escondidos?

— É o truque mais antigo do mundo. Estamos escondidos à vista de todos. — Anthony conduziu-os para o interior da biblioteca. — Quando Durham foi extinto em meados do século xvi e a Trinity assumiu as suas propriedades, eles ignoraram a biblioteca suplementar na escritura de transferência. As únicas coisas daquela biblioteca listadas no catálogo eram materiais que ninguém usava há décadas e os quais têm duplicados mais acessíveis na Bodleian. Portanto, agora vivemos no limite da burocracia; todos os que passam por aqui sabem que esta é uma biblioteca de armazenamento, mas todos presumem que pertence a alguma outra faculdade mais pobre. Estas faculdades são todas demasiado ricas, sabem? Isso fá-las perder a noção dos bens que detêm.

— Ah, encontrei os alunos!

Figuras emergiram do interior das prateleiras. Robin reconheceu-os a todos — eram todos antigos alunos ou investigadores atuais que ele vira pela torre. Ele supôs que isso não deveria ser uma surpresa. Ali estavam Vimal Srinivasan, Cathy O'Neill e Ilse Dejima, que lhes fez um pequeno aceno quando se aproximou.

— Ouvi dizer que tiveram uma semana péssima. — Ela era muito mais simpática agora do que alguma vez fora na torre. — Bem-vindos ao Chez Hermes. Chegaram mesmo à hora do jantar.

— Não sabia que vocês eram tantos — disse Ramy. — Quem mais aqui fingiu ter morrido?

Anthony riu-se.

— Eu sou o único fantasma residente em Oxford. Temos outros no estrangeiro. O Vaibhav e a Frédérique, devem ter ouvido falar deles, fingiram ter-se afogado num paquete que regressava de Bombaim e têm estado a operar na Índia desde então. A Lisette anunciou simplesmente que ia voltar para casa para se casar e todos os professores de Babel ficaram demasiado desapontados com ela para confirmarem a história. Obviamente, o Vimal, a Cathy e a Ilse ainda estão em Babel. É mais fácil para desviarem recursos.

— Então, porque é que tu desapareceste? — perguntou Robin.

— Alguém tem de estar na Biblioteca Velha a tempo inteiro. De qualquer forma, fartei-me da vida no *campus*, portanto, fingi a minha morte em Barbados, comprei uma passagem para casa no pacote seguinte e voltei para Oxford sem que ninguém notasse. Anthony piscou o olho para Robin. — Achei que me tinhas apanhado naquele dia na livraria. Não me atrevi a deixar a Biblioteca Velha por uma semana. Vamos, deixem-me mostrar-lhes o resto.

Um passeio rápido pelos espaços de trabalho para lá das prateleiras revelou uma série de projetos em andamento, que Anthony apresentou com orgulho. Estes incluíam a compilação de dicionários entre idiomas regionais («Perdemos muito quando presumimos que deve passar tudo primeiro pelo inglês»), pares-correspondentes em prata não ingleses («O mesmo princípio; Babel não financia pares-correspondentes que não se traduzam para o inglês, já que todas as suas barras são para o uso dos britânicos. Mas isso é como pintar apenas com uma cor ou tocar apenas uma nota num piano.») e críticas de traduções inglesas existentes relativas a textos religiosos e clássicos literários («Bem, vocês conhecem a minha opinião sobre a literatura em geral, mas o Vimal tem de estar ocupado com alguma coisa.»)

A Sociedade Hermes não era apenas um viveiro de Robins dos Bosques, como Griffin levara Robin a acreditar; era também um centro de investigação por direito próprio, embora os seus projetos tivessem de ser feitos em segredo, com recursos escassos e roubados.¹¹⁷

— Que é que vocês vão fazer com tudo isto? — perguntou Victoire.
— Não o podem publicar, com certeza.

— Temos parceiros em alguns outros centros de tradução — disse Vimal. — Às vezes, enviamos-lhes trabalhos para revisão.

— Existem outros centros de tradução? — perguntou Robin.

— Claro — disse Anthony. — Foi só recentemente que Babel alcançou a preeminência em linguística e filologia. Os franceses dominaram o campo durante a maior parte do século XVIII e depois

os Românticos alemães tiveram o seu apogeu durante algum tempo. A diferença agora é que temos prata de sobra e eles não.¹¹⁸

— Eles são aliados inconstantes, contudo — disse Vimal. — São úteis na medida em que também odeiam os britânicos, mas não têm nenhum verdadeiro compromisso para com a libertação global. Na verdade, toda esta investigação é apenas uma aposta no futuro. Ainda não podemos fazer bom uso dela. Não temos o alcance nem os recursos. Portanto, tudo o que podemos fazer é produzir o conhecimento, registá-lo e esperar que um dia exista um estado que possa dar um uso adequado e altruísta a tudo isto.

Na outra extremidade da biblioteca, a parede do fundo, carbonizada e com crateras no centro, fazia lembrar o resultado de várias explosões de morteiros. Por baixo dela, encontravam-se duas mesas igualmente carbonizadas encostadas uma à outra. Estavam ambas de pé, apesar das suas pernas retorcidas e enegrecidas.

— Certo — disse Anthony. — Bem, aquilo é a nossa oficina de trabalho em prata e, hum, munições.

— Aquilo aconteceu ao longo do tempo ou tudo de uma vez? — perguntou Victoire secamente.

— Aquilo é inteiramente culpa do Griffin — disse Vimal. — Parece não achar que a pólvora é uma atividade exterior.

A parte intacta da parede do fundo estava coberta com um enorme mapa-múndi, pontilhado com alfinetes de cores diferentes. Notas cobertas por uma caligrafia densa e minúscula estavam presas por cordões aos alfinetes. Robin aproximou-se, curioso.

— Isso é um projeto de grupo. — Cathy juntou-se a ele diante do mapa. — Vamos acrescentando mais coisas pouco a pouco quando voltamos do estrangeiro.

— Todos estes alfinetes representam idiomas?

— Achamos que sim. Estamos a tentar contabilizar o número de idiomas ainda falados em todo o mundo e onde é que estão a desaparecer. E há muitas línguas que estão a morrer, sabes? Um grande evento de extinção começou no dia em que Cristóvão Colombo pôs os pés no Novo Mundo. O espanhol, o português, o francês e o inglês têm estado a expulsar os idiomas e dialetos

regionais como crias de cuco. Acho que não é inconcebível que um dia a maior parte do mundo fale apenas inglês. — Ela suspirou, olhando para o mapa. — Nasci uma geração demasiado tarde. Não há muito tempo poderia ter crescido perto do gaélico.

— Mas isso destruiria o trabalho em prata — disse Robin. — Não é? Faria colapsar a paisagem linguística. Não haveria nada para traduzir. Nenhuma diferença para distorcer.

— Mas essa é a grande contradição do colonialismo. — Cathy disse-o como se fosse um simples facto. — Foi criado para destruir aquilo que mais valoriza.

— Venham, vocês os dois. — Anthony acenou chamando-os junto de uma porta. Esta conduzia a uma pequena sala de leitura que tinha sido convertida em sala de jantar. — Vamos comer.

Os pratos servidos ao jantar eram globais — um caril de legumes, um prato de batatas cozidas, um prato de peixe frito com um sabor surpreendentemente semelhante a um que Robin comera uma vez em Cantão e um pão achatado maleável que combinava bem com tudo o resto. Os oito sentaram-se em redor de uma mesa finamente ornamentada que parecia incongruente diante dos painéis de madeira simples. Não havia cadeiras suficientes para todos, portanto, Anthony e Ilse arrastaram bancos e banquetas da biblioteca. Nenhum dos pratos combinava, nem os talheres. As chamas ardiam alegremente numa lareira no canto, aquecendo a sala de forma desigual, de modo que o lado esquerdo de Robin pingava de suor enquanto o lado direito parecia frio. Toda a cena era essencialmente colegial.

— São só vocês? — perguntou Robin.

— Que queres dizer? — perguntou Vimal.

— Bem, vocês são... — Robin gesticulou em redor da mesa. — São todos muito jovens.

— Por necessidade — disse Anthony. — É um assunto perigoso.

— Mas não existem... sei lá...

— Adultos a sério? Reforços? — Anthony assentiu. — Alguns, sim. Estão espalhados pelo mundo. Não sei quem são todos; nenhum de nós sabe exhaustivamente quem eles todos são e isso é intencional. Provavelmente, há até associados da Hermes em Babel que eu

ainda não conheço, embora, sejam eles quem forem, espero que se comecem a esforçar um pouco mais.

— Isso e o atrito são um problema — disse Ilse. — Vejam a Birmânia.

— Que aconteceu na Birmânia? — perguntou Robin.

— Aconteceu o Sterling Jones — disse Anthony num tom tenso, mas não forneceu mais pormenores.

Aquele parecia ser um tema delicado. Por um instante, todos olharam para a comida.

Robin pensou nos dois ladrões que conhecera na sua primeira noite em Oxford, a jovem e o homem de cabelos loiros, nenhum dos quais voltara a ver. Não se atreveu a perguntar. Ele sabia a resposta: atrito.

— Mas como é que vocês fazem alguma coisa? — perguntou Ramy. — Se nem sequer sabem quem são os vossos aliados?

— Bem, não é assim tão diferente da burocracia de Oxford — disse Anthony. — A universidade, as faculdades e os professores nunca parecem concordar sobre quem é o responsável pelo quê, mas as coisas são feitas na mesma, não são?

— *Langue de boeuf sauce Madère* — anunciou Cathy, colocando uma panela pesada no centro da mesa. — Língua de vaca em molho de Madeira.

— A Cathy adora servir língua — informou-os Vimal. — Acha engraçado.

— Ela está a criar um dicionário de línguas — disse Anthony. — Língua cozida, língua em conserva, língua seca, defumada...

— Chiu. — Cathy sentou-se no banco entre eles. — A língua é o meu corte favorito.

— É o corte mais barato — disse Ilse.

— É nojento — disse Anthony.

Cathy atirou-lhe uma batata.

— Enche-te com estas, então.

— Ah, *pommes de terre à l'anglaise*. — Anthony espetou uma batata com o garfo. — Sabem porque é que os franceses dizem que as batatas cozidas são batatas à *l'anglaise*? Porque acham que

cozer é aborrecido, Cathy, tal como toda a culinária inglesa é mortalmente aborrecida...

— Então, não as comas, Anthony.

— Assa-as — insistiu Anthony. — Refoga-as em manteiga ou estufa-as com queijo; apenas não sejas tão *inglesa*.

Observando-os, Robin sentiu um formigamento intenso na base do nariz. Sentira o mesmo na noite do baile de comemoração, ao dançar nas mesas debaixo das grinaldas de luzes. Como era mágico, pensou ele; como era impossível que um lugar como aquele pudesse existir, uma destilação de tudo o que Babel prometia. Sentia que estivera à procura de um lugar como aquele toda a sua vida e, ainda assim, traíra-o.

Para seu horror, começou a chorar.

— Ah, pronto, pronto. — Cathy deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Estás a salvo, Robin. Estás entre amigos.

— Desculpem — disse ele miseravelmente.

— Está tudo bem. — Cathy não perguntou porque é que ele se estava a desculpar. — Estás aqui agora. É tudo o que importa.

Ouviram-se três pancadas repentinas e violentas contra a porta. Robin encolheu-se, deixando cair o garfo, mas nenhum dos pós-graduados pareceu alarmado.

— Deve ser o Griffin — disse Anthony alegremente. — Ele esquece-se das senhas sempre que as alteramos, portanto, bate uma sequência.

— Vem tarde demais para jantar — disse Cathy, irritada.

— Bem, faz-lhe um prato.

— *Por favor*.

— Por favor, Cathy. — Anthony levantou-se. — O resto de vocês, para a Sala de Leitura.

Robin sentia o coração a martelar quando saiu da sala de jantar com os outros. De repente, sentia-se muito nervoso. Não queria ver o irmão. O mundo tinha-se virado do avesso desde a última vez que tinham falado e ele estava apavorado com o que Griffin teria a dizer sobre isso.

Griffin entrou pela porta parecendo magro, abatido e cansado como sempre. Robin examinou o irmão enquanto ele despia o seu

casaco preto gasto. Parecia um completo estranho, agora que Robin sabia o que ele tinha feito. Cada um dos seus traços contava uma história nova; aquelas mãos magras e capazes; aqueles olhos penetrantes e móveis — seriam esses os traços de um assassino? Como é que ele se sentira quando atirara a barra de prata a Evie Brooke, sabendo muito bem que lhe iria rasgar o peito? Será que se rira quando ela morrera, como fazia ao ver Robin agora?

— Olá, irmão. — Griffin sorriu o seu sorriso feroz e estendeu a mão para apertar a de Robin. — Ouvi dizer que mataste o nosso bom e velho papá.

Foi um acidente, quis dizer Robin, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta. Nunca lhe tinham soado verdadeiras antes e ele não as conseguia dizer agora.

— Muito bem — disse Griffin. — Nunca pensei que tivesses essa coragem.

Robin não teve resposta. Estava com dificuldades para respirar. Teve o estranho desejo de socar Griffin no rosto.

Griffin, indiferente, apontou para a Sala de Leitura.

— Vamos trabalhar?

R

— A tarefa, a nosso ver, é convencer o Parlamento e o público britânico de que seria contra os seus interesses levar a Grã-Bretanha para uma guerra contra a China — disse Anthony.

— O desastre da queima de ópio criou um ponto decisivo — disse Griffin. — O Comissário Lin emitiu uma proclamação proibindo totalmente o comércio inglês em Cantão. A Jardine & Matheson, entretanto, encararam essas hostilidades como uma justificação para a guerra. Estão a dizer que a Inglaterra tem de agir agora para defender a sua honra ou enfrentar uma humilhação no Oriente para sempre. Bela maneira de incitar os nacionalistas. A Câmara dos Lordes começou a debater uma expedição militar na semana passada.

Mas ainda não tinha havido uma votação. Os lordes do Parlamento ainda hesitavam, incertos em relação a lançar os recursos do país

para um empreendimento tão distante e sem precedentes. O problema central, no entanto, era a prata. Derrotar a China daria ao Império Britânico acesso à maior reserva de prata do mundo, prata que faria os seus navios de guerra navegarem mais depressa e os seus canhões dispararem mais longe e com maior precisão. Se o Parlamento escolhesse a guerra, o futuro do mundo colonizado seria inimaginável. A Grã-Bretanha, inundada com as riquezas da China, poderia decretar os objetivos que quisesse para a África, a Ásia e a América do Sul, os quais eram até agora sonhos impossíveis.

— Mas não podemos fazer nada em relação a essas conspirações, agora — disse Griffin. — E não podemos pensar à escala de uma revolução global, porque é impossível. Não temos os números. Aquilo em que nos devemos concentrar agora, antes de podermos fazer qualquer outra coisa, é impedir a invasão de Cantão. Se a Inglaterra vencer, pois vencerá com certeza, não há dúvida, irá obter um abastecimento quase infinito de prata para o futuro próximo. Se não vencer, o seu abastecimento de prata acaba e as suas capacidades imperiais diminuem consideravelmente. É isto. Tudo o resto é irrelevante.

Ele bateu no quadro-negro, no qual os nomes de vários lordes estavam distribuídos em colunas diferentes.

— A Câmara dos Comuns ainda não votou. Ainda é um debate aberto. Há uma forte facção antiguerra, liderada por *Sir* James Graham, pelo Visconde Mahon e por William Gladstone. E Gladstone é um homem ótimo para termos do nosso lado, ele odeia o ópio mais do que ninguém; creio que tem uma irmã viciada em láudano.

— Mas também há políticas internas em jogo — explicou Cathy. — O ministério de Melbourne está a enfrentar uma crise política em casa. Os Liberais mal sobreviveram a um voto de desconfiança, portanto, agora estão no meio de um equilíbrio impossível entre os Conservadores e os Radicais, exacerbado pelo facto de terem sido fracos em relação ao comércio externo no México, na Argentina e na Arábia...

— Desculpa — disse Ramy. — E então?

Cathy agitou a mão com impaciência.

— O ponto principal é que os Radicais e os seus eleitores do norte precisam de um comércio externo saudável, e os Liberais precisam de manter o seu apoio para contrabalançarem os Conservadores. Uma demonstração de força em relação à Crise do Ópio é exatamente o caminho para o conseguirem. De qualquer forma, será uma votação renhida.

Anthony acenou com a cabeça para o quadro.

— Então, a nossa missão agora é conseguirmos votos suficientes para que a proposta de guerra seja derrubada.

— Só para ficar claro — disse Ramy lentamente —, o vosso plano agora é tornardes-vos *lobistas*?

— De facto — disse Anthony. — Temos de os convencer de que a guerra é contra os melhores interesses dos seus eleitores. No entanto, esse é um argumento complicado de se fazer, porque afeta diferentes classes de maneira diferente. Obviamente, desviar toda a prata da China terá um grande benefício para aqueles que já têm dinheiro, mas também existe um movimento que acredita que o aumento do uso de prata é a pior coisa que pode acontecer aos trabalhadores. Um tear enriquecido com prata deixa uma dúzia de tecelões sem trabalho e é por isso que eles estão sempre em greve. Esse é um argumento decente para um Radical votar não.

— Então, o vosso alvo é a apenas a Câmara dos Lordes? — perguntou Robin. — Não o público geral?

— Boa pergunta — disse Anthony. — Os lordes são os decisores, sim, mas alguma pressão da imprensa e do público pode influenciar aqueles que ainda estão em dúvida. O truque é saber como pôr os londrinos contra uma guerra da qual provavelmente nunca ouviram falar.

— Apelando à sua natureza humana e simpatia pelos oprimidos — disse Letty.

— Ah — disse Ramy. — Ah, ah, ah.

— Parece-me simplesmente que toda esta agressão é bastante preventiva — insistiu Letty. — Quero dizer, nem sequer tentastes expor o vosso caso perante o público. Já pensastes que talvez passásseis melhor a vossa mensagem sendo simpáticos?

— *Simpático* vem da palavra latina para «estúpido»¹¹⁹ — disse Griffin. — Nós não queremos ser simpáticos.

— Mas a opinião pública sobre a China é maleável — interveio Anthony. — A maioria dos londrinos opõe-se ao comércio de ópio por princípio e há muita cobertura favorável ao Comissário Lin nos jornais. Podemos ir muito longe com os moralistas e os conservadores religiosos neste país. A questão é como os deixarmos suficientemente incomodados para exercerem pressão sobre o Parlamento. Já foram travadas guerras impopulares por menos.

— Em relação a provocarmos a indignação pública, tivemos uma ideia — disse Griffin. — O par-correspondente *polémica* e a sua raiz grega *polemikós*, que obviamente significa...

— Guerra — disse Ramy.

— Correto.

— Então, temos uma guerra de ideias. — Ramy franziu a testa. — Que é que o par-correspondente faz?

— Esse é um trabalho em andamento; ainda estamos a trabalhar nisso. Se conseguirmos conectar essa distorção semântica com o meio certo, talvez cheguemos a algum lado. Mas a questão é que só poderemos alcançar alguma coisa se mais pessoas perceberem as nossas motivações. A maioria dos britânicos não entende que há sequer uma luta a ser travada. Para eles, esta guerra é uma coisa imaginária, algo que só os pode beneficiar, algo que não precisam de ver nem com que têm de se preocupar. Não conhecem a crueldade envolvida nem a violência contínua que ela permite. Não sabem o que o ópio faz às pessoas.

— Não vais chegar a lado nenhum com esse argumento — disse Robin.

— Porquê?

— Porque eles não se importam — disse Robin. — É uma guerra que se passa numa terra estrangeira que eles nem sequer conseguem imaginar. Está demasiado distante para eles se importarem.

— O que te dá tanta certeza disso? — perguntou Cathy.

— Porque eu não me importava — disse Robin. — Não me importava, embora me tivessem dito repetidas vezes que as coisas eram horríveis. Foi preciso testemunhá-lo pessoalmente para eu perceber que todas as abstrações eram reais. E, mesmo assim, tentei ao máximo desviar o olhar. É difícil aceitarmos o que não queremos ver.

Houve um breve silêncio.

— Bem, então — disse Anthony, com uma alegria forçada —, vamos ter de ser criativos com as nossas formas de persuasão, não é?

E esse era o objetivo para a noite: desviar os motores da história para um caminho diferente. As coisas não estavam tão desamparadas como pareciam. A Sociedade Hermes já tinha vários planos em andamento, a maior parte incluindo várias formas de suborno e chantagem e um incluindo a destruição de um estaleiro em Glasgow.

— O voto a favor da guerra depende da crença do Parlamento de que ela será facilmente vencida — explicou Griffin. — E tecnicamente, sim, os nossos navios poderiam arrasar completamente a marinha de Cantão. Mas eles precisam de prata para trabalhar. Há alguns meses, Thomas Peacock...

— Ah — Ramy fez uma careta. — Esse tipo.¹²⁰

— De facto. Ele é um entusiasta fanático da tecnologia a vapor e fez uma encomenda de seis barcos a vapor em ferro aos construtores navais Laird's. William Laird & Son, melhor dizendo. São de Glasgow. Estes navios são mais assustadores do que qualquer coisa que as águas da Ásia já viram. Têm foguetes Congreve, e o seu calado raso e potência a vapor tornam-nos mais móveis do que qualquer coisa da frota chinesa. Se o Parlamento votar sim, pelo menos um deles irá diretamente para Cantão.

— Então, suponho que vás para Glasgow — disse Robin.

— Amanhã de manhã cedo — disse Griffin. — Vou demorar dez horas de comboio. Mas espero que o Parlamento fique a saber no espaço de um dia assim que eu chegar lá.

Ele não pormenorizou exatamente o que iria fazer em Glasgow, embora Robin não duvidasse de que o irmão fosse capaz de demolir um estaleiro inteiro.

— Bem, isso parece ser muito mais eficaz — disse Ramy alegremente. — Porque é que não estamos a pôr todos os nossos esforços na sabotagem?

— Porque somos académicos, não soldados — disse Anthony. — O estaleiro é uma coisa, mas não vamos atacar a marinha britânica inteira. Temos de alavancar influências onde pudermos. Deixa as encenações violentas para o Griffin...

Griffin indignou-se.

— Não são meras *encenações*...

— As brincadeiras violentas — corrigiu Anthony, embora Griffin também se indignasse com isso. — E vamos concentrar-nos em como influenciar a votação em Londres.

Então, voltaram para o quadro preto. Uma guerra pelo destino do mundo não podia ser vencida da noite para o dia — isso todos eles sabiam em teoria —, mas não se conseguiam imaginar a parar para irem dormir. Cada hora que passava trazia novas ideias e táticas, embora, conforme as horas se afastavam da meia-noite, os seus pensamentos comesçassem a perder alguma coerência. E se enredassem Lorde Palmerston num escândalo de prostituição enviando Letty e Cathy disfarçadas para o seduzirem. E se convencessem o público britânico de que a China não existia realmente e tivesse sido uma farsa elaborada por Marco Polo. A certa altura, desataram à gargalhada enquanto Griffin descrevia, com pormenores intrincados, um plano para raptarem a Rainha Vitória nos jardins do Palácio de Buckingham. Disfarçar-se-iam de quadrilha criminosa chinesa clandestina e manteriam a rainha como refém em Trafalgar Square.

A missão deles era angustiante e impossível, sim, mas Robin também encontrava um certo prazer estimulante naquela tarefa. Este trabalho de procurar uma solução criativa para os problemas, esta divisão de uma missão importante numa dúzia de pequenas tarefas — que, combinadas com uma enorme sorte e talvez um pouco de intervenção divina, podiam levá-los à vitória —, tudo isso o

recordava de como era estarem na biblioteca a trabalhar numa tradução espinhosa às quatro da manhã, rindo histericamente porque estavam inacreditavelmente cansados, mas, ao mesmo tempo, também a vibrar de energia, porque quando uma solução surgia inevitavelmente da sua confusão de notas rabiscadas e partilha selvagem de ideias, isso era extremamente emocionante.

Desafiar o império era divertido, afinal.

Por alguma razão, eles estavam sempre a voltar ao par-correspondente *polemikós*, talvez porque parecesse, de facto, que estavam a travar uma guerra de ideias, uma batalha pela alma da Grã-Bretanha. As metáforas discursivas, observou Letty, giravam com bastante frequência em torno de imagens de guerra.

— Pensem nisso — disse ela. — A posição deles é indefensável. Temos de atacar os seus pontos fracos. Temos de derrubar as suas premissas.

— Também fazemos isso em francês — disse Victoire. — *Cheval de bataille*.¹²¹

— Cavalo de batalha — disse Letty, sorrindo.

— Bem, então — disse Griffin —, já que estamos a falar de soluções militares, continuo a achar que devemos usar a Operação Fúria Divina.

— O que é a Operação Fúria Divina? — perguntou Ramy.

— Esquece — disse Anthony. — É um nome estúpido e uma ideia ainda mais estúpida.

— *Quando Deus viu aquilo, Ele não os autorizou, ferindo-os então com cegueira e um discurso confuso e deixou-os como os vemos*¹²²

— disse Griffin grandiosamente. — Ouçam, é uma boa ideia. Se pudéssemos apenas destruir a torre...

— Com o quê, Griffin? — perguntou Anthony, exasperado. — Com que exército?

— Não precisamos de um exército — disse Griffin. — Eles são académicos, não soldados. Levamos uma arma para lá, acenamos um bocado com ela e gritamos e tomamos toda a torre como refém. E, depois, tomamos o país inteiro como refém. Babel é o cerne,

Anthony; é a fonte de todo o poder do Império. Só precisamos de a tomar.

Robin olhou para ele, alarmado. Em chinês, a frase *huǒyàowèi*¹²³ significava literalmente «o gosto da pólvora»; figurativamente, «beligerância, combatividade». O seu irmão cheirava a pólvora. Tresandava violência.

— Espera — disse Letty. — Tu queres invadir a torre?

— Eu quero *ocupar* a torre. Não seria muito difícil. — Griffin encolheu os ombros. — E é uma solução mais direta para os nossos problemas, não é? Tenho tentado convencer estes tipos, mas eles têm demasiado medo de o fazer.

— De que é que precisarias para o conseguir? — perguntou Victoire.

— Bem, essa é a pergunta certa. — Griffin sorriu. — Corda, duas armas, talvez nem isso... Algumas facas, pelo menos...

— Armas? — repetiu Letty. — *Facas?*

— São apenas para intimidar, querida, nós não íamos realmente magoar ninguém.

Letty recuou.

— Tu *sinceramente*...

— Não te preocupes. — Cathy olhou irritada para Griffin. — Já deixámos os nossos pensamentos sobre este assunto bem claros.

— Mas pensem no que aconteceria — insistiu Griffin. — Que faria este país sem a prata encantada? Sem as pessoas para a manter? A energia a vapor desapareceria. As lâmpadas perpétuas desapareceriam. Os reforços de construção desapareceriam. As estradas iriam deteriorar-se, as carruagens avariar-se-iam... Esqueçam Oxford, toda a Inglaterra iria desmoronar-se em meses. Eles ficariam de joelhos. Paralisados.

— E dezenas de pessoas inocentes morreriam — disse Anthony. — Não vamos considerar isso.

— Está bem. — Griffin recostou-se e cruzou os braços. — Fazei à vossa maneira. Sejam lobistas.

Eles pararam às três da manhã. Anthony mostrou-lhes um lavatório no fundo da biblioteca onde se poderiam lavar.

— Não há banheira, desculpem. Tereis de ensaboar as vossas axilas de pé.

Ele tirou depois uma pilha de colchas e travesseiros de um armário.

— Só temos três catres — disse ele, desculpando-se. — Não costumamos passar todos a noite aqui. Senhoras, porque é que não seguem a Ilse até à Sala de Leitura e, senhores, podem dormir sozinhos entre as estantes. Cria alguma privacidade.

Robin estava tão exausto que um espaço no chão duro entre as estantes parecia maravilhoso. Era como se tivesse estado acordado durante um longo dia desde a sua chegada a Oxford; tinha passado pelo suficiente para uma vida inteira. Aceitou uma colcha de Anthony e dirigiu-se para as estantes, mas Griffin apareceu ao seu lado antes que ele se pudesse acomodar.

— Tens um momento?

— Não vais dormir? — perguntou Robin. Griffin estava completamente vestido, com o seu sobretudo preto todo abotoado.

— Não, vou partir cedo — disse Griffin. — Não há um comboio direto para Glasgow. Vou até Londres e depois apanho o primeiro comboio de manhã. Vem até ao pátio comigo.

— Porquê?

Griffin deu uma palmadinha na arma que tinha no cinto.

— Vou-te mostrar como disparar isto.

Robin abraçou a colcha com mais força contra o peito.

— De modo nenhum.

— Então, vais ver-me disparar uma arma — disse Griffin. — Acho que temos uma conversa em atraso, não temos?

Robin suspirou, pousou a colcha no chão e seguiu Griffin pela porta. O pátio estava bastante iluminado sob a Lua cheia. Griffin devia tê-lo usado para praticar tiro com frequência, pois Robin podia ver que as árvores do outro lado do pátio estavam crivadas de buracos de balas.

— Não tens receio que alguém ouça?

— Toda esta área está protegida pelo *glamour* — disse Griffin. — Um trabalho muito inteligente. Quem não souber que estamos aqui

não consegue ver nem ouvir grande coisa. Sabes alguma coisa sobre armas?

— Nem um pouco.

— Bem, nunca é tarde para aprenderes. — Griffin pôs a arma nas mãos de Robin. Tal como as barras de prata, era mais pesada do que parecia e muito fria ao toque. Havia uma certa elegância indiscutível na curva do cabo de madeira, na facilidade com que se encaixava na sua mão. Ainda assim, Robin sentiu uma onda de repulsa ao segurá-la. Parecia cruel, como se o metal estivesse a tentar mordê-lo. Ele queria desesperadamente atirá-la para o chão, mas receava dispará-la acidentalmente.

— Este é um revólver pimenteiro — disse Griffin. — Muito popular entre os civis. Tem um mecanismo de percussão, o que significa que pode disparar quando está molhado. Não olhes para o cano, idiota, nunca olhes diretamente para o cano. Tenta mirar.

— Não vejo qual o sentido — disse Robin. — Eu não vou disparar isto.

— Não interessa se o vais disparar. O que interessa é que alguém pense que vais. Vê bem, os meus colegas ali dentro ainda mantêm uma fé inacreditável na bondade humana. — Griffin engatilhou a arma e apontou-a para uma bétula do outro lado do pátio. — Mas eu sou um céptico. Acho que a descolonização tem de ser um processo violento.

Ele puxou o gatilho. A explosão foi muito forte. Robin saltou para trás, mas Griffin não se intimidou.

— Não é de ação dupla — disse ele, ajustando o tambor. — Tens de armar o cão depois de cada tiro.

A pontaria dele era muito boa. Robin semicerrou os olhos e viu um entalhe no centro da bétula que não estava lá antes.

— Vês, uma arma muda tudo. Não se trata apenas do impacto, mas do que ela sinaliza. — Griffin passou os dedos pelo cano e depois virou-se apontando a arma a Robin.

Robin saltou para trás.

— Jesus...

— É assustador, não é? Pensa, porque é que isto é mais assustador do que uma faca? — Griffin não moveu o braço. — Diz

que estou disposto a matar-te e tudo o que preciso de fazer é puxar o gatilho. Posso matar à distância, sem esforço. Uma arma elimina todo o trabalho difícil de um assassinio e torna-o elegante. Diminui a distância entre a determinação e a ação, entendes?

— Já disparaste contra alguém? — perguntou Robin.

— Claro.

— Acertaste-lhes?

Griffin não respondeu à pergunta.

— Tens de compreender onde eu já estive. Nem tudo são bibliotecas e salões de debate lá fora, irmão. As coisas parecem diferentes num campo de batalha.

— Babel é um campo de batalha? — perguntou Robin. — A Evie Brooke era uma combatente inimiga?

Griffin baixou a arma.

— Então, é isso que te está a perturbar?

— Tu mataste uma rapariga inocente.

— Inocente? Foi isso que o nosso pai te disse? Que eu matei a Evie a sangue-frio?

— Eu vi a barra — disse Robin. — Está no meu bolso, Griffin.

— A Evie não era uma espetadora inocente — zombou Griffin. — Estávamos a tentar recrutá-la há meses. Era complicado, sabes, porque ela e o Sterling Jones eram muito próximos, mas se algum deles tinha uma consciência era sem dúvida ela, ou assim pensávamos. Passei meses e meses a conversar com ela no Raiz Retorcida até que uma noite ela decidiu que estava pronta, estava connosco. Só que era tudo uma armadilha; ela tinha estado a falar com a polícia e os professores o tempo todo, e eles traçaram um plano para me apanharem em flagrante.

» Ela era uma atriz brilhante, sabes? Tinha uma forma de olhar para nós, de olhos arregalados, acenando com a cabeça como se tivéssemos toda a sua compaixão. Claro que eu não sabia que era tudo uma encenação. Achei que tinha feito uma aliada e fiquei entusiasmado quando ela pareceu estar a cair para o nosso lado; e depois de todos os que tínhamos perdido na Birmânia, eu sentia-me muito sozinho. E a Evie foi muito inteligente. Fazia muitas perguntas, muito mais do que tu, e fazia parecer que só queria

saber porque estava muito entusiasmada para se juntar à causa, porque queria aprender todas as formas pelas quais poderia ajudar.

— Então como é que descobriste?

— Bem, ela não era assim tão esperta. Se fosse mais esperta, não teria deixado cair o disfarce até estar a salvo.

— Mas ela contou-te. — Robin sentiu um nó no estômago. — Queria vangloriar-se.

— Ela sorriu para mim — disse Griffin. — Quando a sirene tocou, ela sorriu e disse que estava tudo acabado. E, então, eu matei-a. Não tive a intenção. Não vais acreditar em mim, mas é a verdade. Eu só queria assustá-la. Mas estava com raiva e com medo e a Evie era cruel, sabes? Se lhe tivesse dado uma abertura, acho que ela me poderia ter magoado primeiro.

— Acreditas realmente nisso? — sussurrou Robin. — Ou é uma mentira que conjuras para conseguires dormir à noite?

— Eu durmo muito bem. — Griffin zombou. — Mas tu precisas das tuas mentiras, não é? Deixa-me adivinhar; andas a dizer a ti mesmo que foi um acidente? Que não tiveste a intenção de o fazer?

— Não tive — insistiu Robin. — *Aconteceu* e não foi de propósito, eu nunca quis...

— Para — disse Griffin. — Não te escondas, não finjas. Isso é tão covarde. Diz como te sentes. Foi bom, admite. O poder absoluto soube tão bem...

— Eu voltava atrás se pudesse — insistiu Robin. Não sabia por que razão era tão importante que Griffin acreditasse nele, mas esta parecia ser a última linha a que tinha de se agarrar, a última verdade que tinha de manter sobre a sua identidade. Caso contrário, não se reconheceria. — Eu queria que ele tivesse vivido...

— Não estás a falar a sério. Ele mereceu o que teve.

— Ele não merecia morrer.

— O nosso pai — disse Griffin em voz alta — era um homem cruel e egoísta, que pensava que todos os que não fossem brancos e ingleses não eram seres humanos. O nosso pai destruiu a vida da minha mãe e deixou a tua morrer. O nosso pai é um dos principais engenheiros de uma guerra na nossa pátria. Se ele tivesse voltado vivo de Cantão, o Parlamento não estaria agora a debater. Já teriam

votado. Tu ganhaste-nos dias, talvez semanas. Qual é o problema de seres um assassino, irmão? O mundo está melhor sem o professor. Para de te encolheres debaixo do peso da tua consciência e aceita o maldito mérito. — Ele virou a arma e ofereceu-a a Robin. — Pega nela.

— Eu disse que não.

— Tu ainda não percebeste. — Impaciente, Griffin agarrou os dedos de Robin e forçou-o a agarrar no cabo. — Nós já saímos do reino das ideias, irmão. Estamos em guerra.

— Mas se isto é uma guerra, então vocês perderam. — Robin continuava a recusar-se a pegar na arma. — É impossível vencerem no campo de batalha. As vossas fileiras são o quê, algumas dezenas? No máximo? E vocês vão enfrentar o exército britânico inteiro?

— Ah, mas é aí que te enganas — disse Griffin. — O problema da violência é que o Império tem muito mais a perder do que nós. A violência atrapalha a economia extrativista. Nós causamos estragos numa linha de abastecimento e há uma queda nos preços do outro lado do Atlântico. Todo o sistema de comércio deles é sensível e vulnerável a choques porque foi construído assim, porque a ganância voraz do capitalismo é punitiva. É por isso que as revoltas de escravos são bem-sucedidas. Eles não podem disparar contra a sua própria fonte de trabalho, seria como matar as suas próprias galinhas dos ovos de ouro.

» Mas se o sistema é assim tão frágil, porque é que aceitamos tão facilmente a situação colonial? Porque é que achamos que é inevitável? Porque é que o Sexta-feira não arranja uma espingarda ou corta o pescoço do Robinson Crusoe durante a noite? O problema é que estamos sempre a viver como se tivéssemos perdido. Estamos todos a viver como *tu*. Vemos os canhões deles, os trabalhos em prata e os navios deles e pensamos que já está tudo acabado para nós. Não paramos para considerar que o campo de jogo poderia realmente ser equilibrado. E nunca consideramos como seriam as coisas se pegássemos na arma. — Mais uma vez, Griffin ofereceu a arma a Robin. — Cuidado, é mais pesada à frente.

Desta vez, Robin aceitou. Apontou experimentalmente para as árvores. O cano pendia, de facto, para baixo; ele inclinou a mão para cima para manter a arma nivelada.

— A violência mostra-lhes o quanto estamos dispostos a abdicar — disse Griffin. — A violência é a única linguagem que eles entendem, porque o sistema de extração deles é inerentemente violento. A violência choca o sistema. E o sistema não consegue sobreviver ao choque. Tu não fazes ideia do que és capaz, a sério. Não consegues imaginar como o mundo pode mudar a não ser que primas o gatilho. — Griffin apontou para a bétula do meio. — Puxa o gatilho, miúdo.

Robin obedeceu. O estrondo feriu-lhe os ouvidos; ele quase deixou cair a arma. Tinha a certeza de que não tinha mirado bem. Não estava preparado para a força do recuo e o braço tremeu-lhe do pulso até ao ombro. A bétula estava intocada. A bala tinha voado inutilmente para a escuridão.

Mas ele tinha de admitir que Griffin tinha razão — o ímpeto daquele momento, a explosão de força contida nas suas mãos, o poder absoluto que ele podia desencadear com apenas um movimento do seu dedo — era uma sensação ótima.

116 Gora — «branco, pálido», em referência à cor da pele. Sahib — uma saudação de respeito. Juntas, com o tom certo de sarcasmo e veemência, significam algo completamente diferente. Não deverá ser esquecido que, embora Jones professasse um grande amor e admiração pelas línguas indianas ao longo de toda a sua carreira, ele dirigiu inicialmente as suas atenções acadêmicas para o sânscrito porque suspeitava de que os tradutores indígenas eram desonestos e de pouca confiança.

117 Uma seleção de outros projetos incluía:

1. Uma análise comparativa da quantidade de notas de rodapé adicionadas às traduções de textos europeus *versus* textos não europeus. Griffin descobriu que os textos não europeus tendiam a estar carregados com uma quantidade surpreendente de contexto explicativo e o efeito disso era que o texto nunca era lido como uma obra em si mesma, sendo a leitura sempre efetuada através das lentes do tradutor (branco e europeu).
2. Uma investigação sobre o potencial para o trabalho em prata de palavras originárias do jargão e de criptoletos.
3. Planos para o roubo e posterior devolução ao Egito da Pedra de Roseta.

118 A Sociedade Hermes também tinha ligações a centros de tradução em universidades da América, mas estas eram ainda mais repressivas e perigosas do que Oxford. Por um lado, tinham sido fundadas por proprietários de escravos, construídas e mantidas com trabalho escravo, e as suas dotações eram sustentadas pelo comércio de escravos. Por outro lado, desde a sua fundação, estas universidades americanas estavam preocupadas com o projeto de evangelizar, erradicar e eliminar os nativos; o Indian College, fundado em 1655 na Universidade de Harvard, prometia mensalidades e alojamento gratuitos a estudantes nativos, os quais deviam, por sua vez, falar apenas em latim e grego, converter-se ao cristianismo e assimilar-se à sociedade branca ou regressar às suas aldeias para as evangelizarem com a cultura e a religião inglesas. Um programa semelhante no College of William and Mary fora descrito pelo seu presidente, Lyon G. Tyler, como uma prisão onde as crianças nativas «serviam como tantos reféns pelo bom comportamento dos demais».

119 Isto é verdade. A palavra veio até nós por meio do termo em francês antigo *nice* («fraco, desajeitado, tolo»), do latim *nescius* («ignorante, desconhecedor»). [*Nice* no original inglês: simpático (*N. da T.*)].

120 Thomas Love Peacock, ensaísta, poeta e amigo de Percy Bysshe Shelley, também tivera uma longa carreira na Índia como funcionário da Companhia das Índias Orientais. Era, naquele ano, o Examinador-Chefe da Correspondência Indiana.

121 Significa o tema ou linha de argumentação favorita de alguém.

122 Esta não é uma citação do Livro do Génesis, que relata a dispersão das línguas em Babel em termos muito mais simples. É mais do Apocalipse Grego de Baruque, falsamente atribuído ao escriba Baruque ben Neriá. Griffin, num ataque de desilusão, tinha perseguido brevemente um projeto que recontava várias versões da queda de Babel.

123 火藥味.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

R

*Oh, aqueles brancos que só conseguem sentir por si mesmos têm
corações pequenos.*

MARY PRINCE, *A História de Mary Prince*

Robin não conseguiu dormir depois de Griffin partir para Glasgow. Ficou sentado no escuro, a vibrar com uma energia nervosa. Sentia uma vertigem ofegante, a sensação de olhar para um penhasco íngreme no instante antes de saltar. O mundo inteiro estava à beira de uma mudança cataclísmica, segundo parecia, e ele só se podia agarrar ao que estava à sua volta enquanto avançavam todos em direção ao ponto de rutura.

Uma hora depois, a Biblioteca Velha começou a agitar-se. Assim que o relógio bateu as sete horas, uma sinfonia de cantos de pássaros ecoou pelas estantes. O barulho era demasiado alto para vir de fora; pelo contrário, parecia que um bando inteiro de pássaros invisíveis estava empoleirado entre os livros.

— Que é isto? — perguntou Ramy, esfregando os olhos. — Vocês têm algum jardim zoológico num armário lá atrás?

— Vem daqui. — Anthony mostrou-lhes um relógio de madeira antigo decorado com pássaros canoros esculpidos nas bordas. — Um presente de um de nossos associados suecos. Ela traduziu *gökatta* por «acordar ao amanhecer», só que em sueco, *gökatta* tem o significado específico de acordar cedo para ouvir o canto dos pássaros. Há um mecanismo de caixa de música no interior, mas a prata imita realmente o verdadeiro canto dos pássaros. É encantador, não é?

— Podia ser um pouco mais silencioso — disse Ramy.

— Ah, o nosso é um protótipo. Está a ficar velho. Podes comprá-los nas *boutiques* de Londres agora, sabias? São muito populares, os ricos adoram-nos.

Um por um, eles revezaram-se a lavarem-se com água fria no lavatório. Em seguida, juntaram-se às raparigas na Sala de Leitura em redor dos conjuntos de notas do dia anterior para retomarem o trabalho.

Letty também parecia não ter pregado olho. Tinha grandes sombras escuras debaixo dos olhos e os braços miseravelmente cruzados sobre o peito, abraçando-se enquanto bocejava.

— Estás bem? — perguntou Robin.

— Sinto-me como se estivesse a sonhar. — Ela pestanejou olhando em redor da sala, com um olhar desfocado. — Está tudo de pernas para o ar. Está tudo ao contrário.

Era justo, pensou Robin. Letty estava a aguentar-se muito bem, considerando tudo. Ele não sabia como expressar educadamente o que queria dizer a seguir, portanto, perguntou obliquamente:

— Que achas?

— Sobre o quê, Robin? — perguntou ela, exasperada. — O assassinio que estamos a encobrir, a queda do Império Britânico ou o facto de agora sermos fugitivos para o resto das nossas vidas?

— Tudo isso, suponho.

— A justiça é esgotante. — Ela esfregou as têmporas. — É isso que eu acho.

Cathy trouxe um bule fumegante de chá preto e eles estenderam as suas canecas agradecidos. Vimal saiu da casa de banho e dirigiu-se a tropeçar para a cozinha. Alguns minutos depois, um maravilhoso aroma a comida invadiu a Sala de Leitura.

— Ovos Masala — anunciou ele, empilhando ovos mexidos com uma mistura de tomate nos pratos deles. — As torradas já vêm.

— Vimal — gemeu Cathy. — Era capaz de me casar contigo.

Eles devoraram a comida num silêncio rápido e mecânico. Minutos depois, a mesa foi limpa e os pratos sujos voltaram para a cozinha. A porta da frente abriu-se com um rangido. Era Ilse, de volta do centro da cidade com os jornais daquela manhã.

— Alguma notícia sobre os debates? — perguntou Anthony.

— Ainda estão em desacordo — disse ela. — Portanto, ainda temos algum tempo. Os Liberais estão instáveis em relação aos números e não vão votar até se sentirem confiantes. Mas ainda precisamos desses panfletos em Londres hoje ou amanhã. É só pôr alguém no comboio do meio-dia para os ir imprimir na Fleet Street.

— Ainda conhecemos alguém na Fleet Street? — perguntou Vimal.

— Sim, a Theresa ainda está no *Standard*. Eles vão para a prensa às sextas-feiras. Eu tenho a certeza de que posso entrar e usar as máquinas se tiverem algo para mim até esta noite. — Ela tirou um jornal amarrotado da sua sacola e fê-lo deslizar pela mesa. — A propósito, aqui estão as últimas notícias de Londres. Achei que iam gostar de ver.

Robin esticou o pescoço para ler o texto de pernas para o ar. PROFESSOR DE OXFORD ASSASSINADO EM CANTÃO, dizia. CRIMINOSOS EM CONSPIRAÇÃO COM LOBISTAS CHINESES.

— Bem. — Ele pestanejou. — Acho que acertaram na maior parte dos detalhes.

Ramy abriu o jornal.

— Olhem. Tem desenhos dos nossos rostos.

— Isso não se parece contigo — disse Victoire.

— Não, não conseguiram captar bem o meu nariz — Ramy concordou. — E fizeram os olhos do Robin demasiado pequenos.

— Também imprimiram isto em Oxford? — perguntou Anthony a Ilse.

— Surpreendentemente, não. Mantiveram tudo em segredo.

— Interessante. Bem, Londres está cancelada para vocês — disse Anthony. Todos começaram a protestar ao mesmo tempo, mas ele ergueu a mão. — Não fiquem zangados. É demasiado perigoso, não vamos arriscar. Vocês vão ficar escondidos na Biblioteca Velha até isto acabar. Não podem ser reconhecidos.

— Nem tu — retorquiu Ramy

— Eles acham que eu estou morto. E pensam que tu és um assassino. São coisas muito diferentes. Ninguém anda a imprimir o meu rosto nos jornais.

— Mas eu quero estar lá fora — disse Ramy, infeliz. — Quero fazer algo, quero ajudar...

— Podes ajudar evitando ser preso. Isto não é uma guerra aberta, por mais que o nosso amigo Griffin gostasse de fingir que é. Estes assuntos exigem delicadeza. — Anthony apontou para o quadro preto. — Concentrem-se na agenda. Vamos continuar onde ficámos. Acho que falámos da questão do Lorde Arsenault na noite passada. Letty?

Letty tomou um longo gole do seu chá, fechou os olhos e pareceu recompor-se.

— Sim. Acho que o Lorde Arsenault e o meu pai têm muito boas relações. Posso escrever-lhe, tentar marcar uma reunião...

— Não achas que o teu pai vai ficar perturbado com as notícias de que és uma assassina? — perguntou Robin.

— Isto não indica a Letty como criminosa. — Victoire examinou a coluna. — Somos apenas nós os três. Ela não é sequer mencionada aqui.

Houve um silêncio breve e desconfortável.

— Não, isso é muito bom para nós — disse Anthony descontraidamente. — Dá-nos alguma liberdade de movimentos. Bem, começa a escrever ao teu pai, Letty, e o resto de vocês peguem nas suas tarefas.

Um a um, eles saíram da Sala de Leitura para realizarem as tarefas que lhes tinham sido atribuídas. Ilse partiu para Babel para descobrir mais notícias sobre os desenvolvimentos em Londres. Cathy e Vimal foram até à oficina para trabalharem em pares-correspondentes usando *polemikós*. Ramy e Victoire atiraram-se ao trabalho de escrever cartas a líderes radicais preeminentes, fingindo ser apoiantes radicais brancos de meia-idade. Robin sentou-se com Anthony na Sala de Leitura, retirando as provas de conluio mais condenatórias das cartas do Professor Lovell para as usar como citações em panfletos breves e inflamatórios. A esperança deles era que essas provas fossem escandalosas o suficiente para serem apanhadas pelos jornais de Londres.

— Tem cuidado com a linguagem — disse Anthony. — Queremos evitar a retórica sobre o anticolonialismo e respeitar a soberania nacional. Usa termos como *escândalo*, *conluio*, *corrupção*, *falta de transparência* e outros do género. Apresenta as coisas em termos

que deixem o londrino médio indignado e não o tornes uma questão de raça.

— Queres que eu traduza as coisas para as pessoas brancas — disse Robin.

— Exatamente.

Eles trabalharam num silêncio confortável durante cerca de uma hora, até a mão de Robin ficar demasiado dorida para continuar. Ele recostou-se em silêncio, segurando uma caneca de chá, até lhe parecer que Anthony tinha chegado ao fim de um parágrafo.

— Anthony, posso perguntar-te uma coisa?

Anthony pousou a sua caneta.

— Em que estás a pensar?

— Achas sinceramente que isto vai funcionar? — Robin acenou para a pilha de rascunhos de panfletos. — Ganhar no campo da opinião pública, quero dizer.

Anthony inclinou-se para trás e fletiu os dedos.

— Estou a ver que o teu irmão te convenceu.

— O Griffin esteve na noite passada a ensinar-me a usar uma arma — disse Robin. — Ele acha que uma revolução é impossível sem uma insurreição violenta. E é bastante persuasivo.

Anthony pensou durante algum tempo, assentindo e batendo com a caneta contra o tinteiro.

— O teu irmão gosta de dizer que eu sou ingénuo.

— Não é isso que eu...

— Eu sei, eu sei. Só quero dizer que não sou tão fraco como o Griffin pensa. Deixa-me lembrar-te de que vim para este país antes de ser decidido que eu já não podia ser considerado legalmente um escravo. Vivi a maior parte da minha vida num país que está profundamente confuso em relação a se eu posso ser considerado um ser humano completo. Acredita em mim, eu não sou nenhum otimista jovial em relação aos escrúpulos éticos da Grã-Bretanha branca.

— Mas eles acabaram por aceitar a abolição — disse Robin. — No final.

Anthony riu-se suavemente.

— Achas que a abolição foi uma questão de ética? Não, a abolição ganhou popularidade porque os britânicos, depois de perderem a América, decidiram que a Índia seria a sua nova galinha dos ovos de ouro. Mas o algodão, o índigo e o açúcar da Índia não iriam dominar o mercado a menos que a França pudesse ser vencida, e a França não seria vencida enquanto o comércio britânico de escravos estivesse a tornar as Índias Ocidentais extremamente lucrativas para eles.

— Mas...

— Mas nada. O movimento abolicionista que tu conheces é uma enorme encenação. Simples retórica. Pitt apresentou a moção pela primeira vez porque viu a necessidade de cortar o comércio de escravos para a França. E o Parlamento apoiou os abolicionistas porque tinham demasiado medo da insurreição negra nas Índias Ocidentais.

— Então, achas que tem apenas que ver com riscos e economia.

— Bem, não necessariamente. O teu irmão gosta de argumentar que a revolta dos escravos jamaicanos, embora falhasse, foi o que impeliu os britânicos a legislar sobre a abolição. Ele tem razão, mas apenas em metade. Vê só, a revolta ganhou a simpatia britânica porque os líderes faziam parte da Igreja Batista e, quando a revolta falhou, os brancos pró-escravatura na Jamaica começaram a destruir capelas e a ameaçar missionários. Esses batistas voltaram para a Inglaterra e angariaram apoio com base na religião e não nos direitos naturais. O que quero dizer é que a abolição aconteceu porque os brancos encontraram razões para se importarem — fossem elas económicas ou religiosas. Só precisas de os fazer pensar que foram eles que tiveram a ideia. Não podes apelar para a sua bondade interior. Eu nunca conheci um inglês em quem confiasse para fazer o mais correto por simpatia.

— Bem — disse Robin —, temos a Letty.

— Sim — disse Anthony após uma pausa. — Suponho que temos a Letty. Mas ela é um caso raro, não é?

— Então, qual é o nosso caminho? — perguntou Robin. — Qual é o sentido de tudo isto?

— O objetivo é construirmos uma coligação — disse Anthony. — E ela precisa de incluir simpatizantes improváveis. Podemos desviar todos os recursos de Babel que quisermos, mas isso ainda não será suficiente para mover alavancas de poder tão firmemente entrincheiradas como a Jardine & Matheson. Se quisermos virar a maré da história, precisamos que alguns desses homens se tornem nossos aliados, os mesmos homens que não têm problemas em me vender ou aos meus semelhantes num leilão. Precisamos de os convencer de que uma expansão britânica global baseada em pirâmides de prata não é do seu interesse. Porque o seu próprio interesse é a única lógica que eles escutarão. Nem a justiça, nem a dignidade humana, nem as liberdades liberais que tanto professam valorizar. É o lucro.

— Mais vale convencê-los a andarem nus pelas ruas.

— Ah. Não, as sementes de uma coligação estão aí. A hora é propícia para uma revolução em Inglaterra, sabes? A Europa inteira está há décadas febril por reformas; foram contagiados pelos franceses. Temos simplesmente de fazer disto uma guerra de classes em vez de raças. E esta é, de facto, uma questão de classes. Parece um debate sobre o ópio e a China, mas os chineses não são os únicos que têm algo a perder, pois não? Está tudo relacionado. A revolução industrial da prata é um dos maiores impulsionadores da desigualdade, da poluição e do desemprego neste país. O destino de uma família pobre em Cantão está intrinsecamente ligado ao destino de um tecelão desempregado do Yorkshire. Nenhum dos dois beneficia com a expansão do império. Ambos vão apenas ficando mais pobres à medida que as empresas ficam mais ricas. Portanto, se pudessem formar uma aliança... — Anthony entrelaçou os dedos. — Mas esse é o problema. Ninguém está concentrado no modo como estamos todos conectados. Só pensamos no modo como sofremos, individualmente. Os pobres e a classe média deste país não percebem que têm mais em comum connosco do que com Westminster.

— Existe uma frase chinesa que capta a essência — disse Robin.

— *Tùsǐhúbēi*.¹²⁴ O coelho morre e a raposa sofre, pois são ambos

animais do mesmo tipo.

— Exatamente — disse Anthony. — Só temos de os convencer de que não somos as presas, que há um caçador na floresta e estamos todos em perigo.

Robin olhou para os panfletos. Pareciam tão desadequados naquele momento; apenas palavras, apenas rabiscos a tinta sobre um papel branco frágil.

— E achas realmente que os podes convencer disso?

— Temos de o fazer. — Anthony fletiu os dedos mais uma vez e depois pegou na caneta e recomeçou a folhear as cartas do Professor Lovell. — Não vejo outra saída.

Robin perguntou-se, então, quanto da vida de Anthony tinha sido gasta a traduzir-se cuidadosamente para os brancos, quanto do seu verniz genial e afável era uma construção engenhosa de modo que se encaixasse numa ideia específica de um homem negro na Inglaterra branca para poder ter o máximo acesso possível a tudo dentro de uma instituição como Babel. E perguntou-se se alguma vez chegaria o dia em que tudo isso seria desnecessário, quando os brancos olhassem para ele e para Anthony e os escutassem simplesmente, quando as suas palavras tivessem valor e peso porque eram proferidas, quando não precisassem de esconder quem eram, quando não precisassem de passar por distorções sem fim apenas para serem compreendidos.

Ao meio-dia, eles reagruparam-se na Sala de Leitura para o almoço. Cathy e Vimal estavam bastante empolgados com o que tinham feito com o par-correspondente *polemikós*, o qual, de acordo com as previsões de Griffin, fazia os panfletos continuarem a esvoaçar em redor dos transeuntes quando eram atirados ao ar. Vimal tinha complementado aquilo com a origem latina da palavra discutir: *discutire* poderia significar «espalhar» ou «dispersar».

— Se aplicássemos as duas barras a uma pilha de panfletos impressos — disse ele —, eles voariam por toda a Londres, com ou sem vento. Não seria excelente para chamar a atenção das pessoas?

Gradualmente, as ideias que tinham parecido tão ridículas na noite anterior, aqueles rabiscos caóticos de mentes privadas de sono, tinham-se fundido num plano de ação bastante impressionante. Anthony resumiu os seus numerosos esforços no quadro preto. Nos próximos dias, semanas se necessário, a Sociedade Hermes tentaria influenciar os debates de todas as maneiras possíveis. O contacto de Ilse na Fleet Street publicaria em breve um artigo importante sobre o modo como William Jardine, que provocara toda esta confusão, passava os seus dias numa cidade termal em Cheltenham. Vimal e Cathy, através de vários intermediários brancos mais respeitáveis, tentariam convencer os Liberais indecisos de que restaurar boas relações com a China iria, pelo menos, manter abertas as avenidas de comércio de bens legais, como os chás e os ruibarbos. Depois, havia os esforços de Griffin em Glasgow, bem como os panfletos prestes a voar por toda a Londres. Por meio de chantagem, *lobby* e pressão pública, concluiu Anthony, talvez conseguissem obter votos suficientes para derrotar a moção de guerra.

— Isto pode funcionar — disse Ilse, pestanejando para o quadro preto como se estivesse surpreendida.

— *Pode* funcionar — concordou Vimal. — Caramba.

— E têm a certeza de que não podemos ir com vocês? — perguntou Ramy.

Anthony deu-lhe uma palmadinha solidária no ombro.

— Tu fizeste a tua parte. Vocês foram muito corajosos, todos. Mas é altura de deixarem as coisas para os profissionais.

— Tu mal tens mais cinco anos do que nós — disse Robin. — Como é que isso faz de ti um profissional?

— Não sei — disse Anthony. — Simplesmente, faz.

— E nós devemos esperar sem saber de nada? — perguntou Letty. — Nem sequer conseguimos receber os jornais aqui.

— Voltaremos todos depois da votação — disse Anthony. — E voltaremos ocasionalmente para ver como vocês estão, dia sim, dia não, se estão assim tão nervosos.

— Mas e se alguma coisa acontecer? — insistiu Letty. — E se vocês precisarem da nossa ajuda? E se nós precisarmos da vossa

ajuda?

Os investigadores trocaram olhares entre si. Parecia que estavam a ter uma conversa silenciosa — uma repetição, adivinhou Robin, de uma conversa que tinham tido muitas vezes antes, pois a posição de todos era clara. Anthony ergueu as sobrancelhas. Cathy e Vimal assentiram. Ilse, de lábios franzidos, parecia relutante, mas suspirou por fim e encolheu os ombros.

— Está bem — disse ela.

— O Griffin diria que não — disse Anthony.

— Bem — disse Cathy —, o Griffin não está aqui.

Anthony levantou-se, desapareceu por um momento no meio das estantes e voltou trazendo um envelope lacrado.

— Isto — disse ele, colocando-o sobre a mesa — contém as informações de contacto de uma dúzia de associados da Hermes em todo o mundo.

Robin ficou surpreendido.

— Tens a certeza de que nos devias mostrar isso?

— Não — disse Anthony. — Não devíamos. Vejo que a paranoia do Griffin passou para ti, o que não é mau. Mas suponham que vocês são os únicos que restam. Não há nomes ou endereços aqui, apenas pontos de entrega e instruções de contacto. Se ficarem sozinhos, pelo menos terão alguns meios para manter a Hermes viva.

— Estás a falar como se pudesses não voltar — disse Victoire.

— Bem, há uma hipótese diferente de zero de isso acontecer, não há?

A biblioteca ficou em silêncio.

De repente, Robin sentiu-se tão jovem, tão infantil. Parecia um jogo tão divertido, planejar com a Sociedade Hermes até de madrugada, brincar com a arma do irmão mais velho... A situação deles era tão bizarra e as condições de vitória tão inimagináveis que parecia mais um exercício do que a vida real. Ele percebeu, então, que as forças que estavam a enfrentar eram de facto bastante aterrorizantes, que as empresas comerciais e os *lobbies* políticos que estavam a tentar manipular não eram os bichos-papões ridículos que eles fingiam que eram, mas sim organizações incrivelmente poderosas com

interesses profundos e arraigados no comércio colonial, interesses que matariam para proteger.

— Mas vocês vão ficar bem — disse Ramy. — Não vão? Babel nunca vos apanhou antes...

— Eles apanharam-nos muitas vezes — disse Anthony gentilmente. — Daí a paranoia.

— Daí o atrito — disse Vimal, enquanto enfiava uma pistola no cinto. — Nós conhecemos os riscos.

— Mas vocês estarão seguros aqui, mesmo se nós ficarmos comprometidos — tranquilizou-os Cathy. — Não vos vamos denunciar.

Ilse assentiu.

— Morderemos a língua e sufocaremos primeiro.

— Desculpem. — Letty levantou-se abruptamente. Estava muito pálida e levou os dedos à boca, como se fosse vomitar. — Eu só... preciso de um pouco de ar.

— Queres água? — perguntou Victoire, preocupada.

— Não, eu fico bem. — Letty passou apressada pelas cadeiras amontoadas em direção à porta. — Só preciso de respirar por um momento, se não houver problema.

Anthony apontou.

— O pátio é por ali.

— Acho que vou dar uma volta pela frente — disse Letty. — O pátio parece um pouco... um pouco fechado.

— Mantém-te no quartoirão, então — disse Anthony. — Não deixes que te vejam.

— Sim... sim, claro. — Letty parecia bastante aflita; a sua respiração saía em rajadas tão rápidas e superficiais que Robin receou que ela pudesse desmaiar. Ramy empurrou a cadeira para trás para lhe dar espaço para passar. Letty parou à porta e olhou por cima do ombro. Os seus olhos demoraram-se em Robin e ela pareceu prestes a dizer algo, mas então franziu os lábios e saiu apressada pela porta.

Nos últimos instantes antes da saída dos pós-graduados, Anthony tratou dos assuntos domésticos com Robin, Ramy e Victoire. A

cozinha tinha provisões suficientes para uma semana e até mais se eles se contentassem com papa e peixe curado em sal. A água potável era mais difícil de conseguir — a Biblioteca Velha era abastecida pelas bombas da cidade, mas eles não podiam abrir as torneiras demasiado tarde à noite ou durante muito tempo a qualquer altura, já que um escoamento noutro lado poderia chamar a atenção. Tirando isso, havia livros mais do que suficientes na biblioteca para os manter ocupados, embora tivessem ordens rígidas para não mexerem em nenhum dos projetos em andamento na oficina.

— E tentem ficar no interior o máximo que puderem — disse Anthony enquanto acabava de arrumar a sua mala. — Podem dar umas voltas no pátio, se quiserem, mas falem baixo; o *glamour* falha de vez em quando. Se precisarem de tomar um pouco de ar, façam-no após o pôr do sol. Se sentirem medo, há uma espingarda naquele armário das vassouras. Espero que nunca precisem de a usar, mas se precisarem, algum de vocês sabe...

— Eu sei — disse Robin. — Acho eu. É o mesmo princípio de uma pistola, certo?

— É parecido o suficiente. — Anthony atou as botas. — Testem-na no tempo livre; o peso é um pouco diferente. Quanto aos confortos, há sabonetes e outras coisas no armário da casa de banho. Certifiquem-se de que limpam as cinzas da lareira todas as manhãs ou ela torna-se abafada. Oh, nós costumávamos ter um tanque de lavar roupa, mas o Griffin destruiu-o quando andou a brincar com bombas caseiras. Vocês aguentam alguns dias sem mudarem de roupa, não aguentam?

Ramy fungou uma risada.

— Isso é uma pergunta para a Letty.

Houve uma pausa. Então, Anthony perguntou:

— Onde está a Letty?

Robin olhou para o relógio. Não tinha notado a passagem do tempo; decorrera quase meia hora desde que Letty saíra.

Victoire levantou-se.

— Talvez eu devesse...

Algo guinchou perto da porta da frente. O som era tão agudo e selvagem, tão parecido com um grito humano, que Robin demorou um instante para perceber que era a chaleira.

— Raios. — Anthony tirou a espingarda para baixo. — Para o pátio, rápido, vocês todos...

Mas era demasiado tarde. Os guinchos tornaram-se cada vez mais altos, até as paredes da biblioteca parecerem vibrar. Segundos depois, a porta da frente abriu-se e os polícias de Oxford entraram.

— Mãos ao alto! — gritou alguém.

Os pós-graduados pareciam ter treinado para aquilo. Cathy e Vimal saíram a correr da oficina, cada um segurando barras de prata nas mãos. Ilse atirou-se contra uma prateleira alta; esta tombou para a frente, iniciando uma reação em cadeia que bloqueou o caminho diante dos polícias. Ramy avançou para ajudar, mas Anthony gritou:

— Não, esconde-te. A Sala de Leitura...

Eles recuaram aos tropeções. Anthony fechou a porta com um pontapé atrás deles.

Do lado de fora, ouviram estrondos e estilhaços. Anthony exclamou algo que soou como «O farol» e Cathy gritou algo em resposta — os pós-graduados estavam a lutar, a lutar para os defender.

Mas de que servia? A Sala de Leitura era um beco sem saída. Não havia outras portas, nem janelas. Eles só se podiam amontoar atrás da mesa, estremecendo a cada tiro do lado de fora. Ramy disse algo sobre barricar a porta, mas assim que eles se moveram para empurrar as cadeiras para frente, a porta abriu-se.

Letty apareceu na soleira. Segurava um revólver.

— Letty? — perguntou Victoire, incrédula. — Letty, que estás a fazer?

Robin sentiu uma breve e ingénua onda de alívio antes de se tornar claro que Letty não estava ali para os resgatar. Ela ergueu o revólver, apontando para cada um deles. Parecia bastante experiente com a arma. O braço não lhe tremia sob o peso. E a visão era tão absurda — a sua Letty, a sua rosa inglesa afetada, a empunhar uma arma com uma precisão tão calma e mortal — que ele se perguntou por um momento se estaria a alucinar.

Mas, então, lembrou-se: Letty era filha de um almirante. Claro que sabia atirar.

— Levantem as mãos acima da cabeça — disse ela. A voz dela era alta e clara, como cristal polido. Parecia uma completa estranha.

— Eles não magoarão ninguém, desde que vocês venham calmamente. Desde que não resistam. Mataram os outros, mas vão levar-vos vivos. Ilesos.

Victoire olhou para o envelope em cima da mesa e depois para a lareira crepitante.

Letty seguiu o olhar dela.

— Eu não faria isso.

Victoire e Letty fitaram-se intensamente, respirando com dificuldade, apenas por um momento.

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Victoire lançou-se para o envelope. Letty virou a arma. Por instinto, Robin correu para ela — não sabia o que pretendia fazer, apenas que tinha a certeza de que Letty magoaria Victoire —, mas assim que se aproximou dela, Ramy empurrou-o para o lado. Ele caiu para a frente, tropeçando na perna de uma mesa...

E, então, Letty destruiu o mundo.

Um clique; um estrondo.

Ramy caiu. Victoire gritou.

— Não... — Robin caiu de joelhos. Ramy estava flácido, imóvel. Ele esforçou-se para o virar de costas. — Não, Ramy, por favor... — Por um instante ele pensou que Ramy estava a fingir, pois como é que isto era possível? Ele estava de pé, a mover-se e vivo há apenas um segundo. O mundo não podia acabar tão abruptamente; a morte não podia ser tão rápida. Robin deu uma palmadinha na face de Ramy, no seu pescoço, qualquer coisa que pudesse fazer para provocar uma reação, mas nada adiantou, os olhos dele não se abriram — *porque é que não se abriam?* Isto era uma brincadeira, com certeza; ele não conseguia ver nenhum sangue... Mas, então, viu-o, um minúsculo ponto vermelho sobre o coração de Ramy que se alastrou rapidamente até lhe encharcar a camisa, o casaco, tudo.

Victoire afastou-se da lareira. Os papéis crepitaram dentro das chamas, transformando-se em cinzas. Letty não fez nenhum

movimento para os recuperar. Ficou ali parada, atordoada, de olhos arregalados e com o revólver pendurado frouxamente ao seu lado.

Ninguém se mexeu. Estavam todos a olhar para Ramy, que estava inegável e irreversivelmente imóvel.

— Eu não... — Letty levou os dedos à boca. Perdera a calma. Agora, a sua voz era muito estridente e aguda, como a de uma menina. — Oh, meu Deus...

— Oh, Letty — gemeu Victoire baixinho. — Que é que *fizeste*?

Robin pousou Ramy no chão e levantou-se.

Um dia, Robin perguntar-se-ia como é que o seu choque se transformara tão facilmente em raiva; porque é que a sua primeira reação não fora descrença perante aquela traição, mas sim um ódio negro e consumidor. E a resposta iria escapar-lhe e perturbá-lo, pois tateava em redor de um complicado emaranhado de amor e ciúme que os enredava a todos e para o qual não tinham nome nem explicação, uma verdade para a qual apenas tinham começado a despertar, e agora, depois disto, nunca iriam reconhecer.

Mas, naquele momento, tudo o que ele sabia era que o vermelho lhe distorcia a visão, bloqueando tudo menos Letty. Agora, ele sabia como era querer realmente uma pessoa morta, querer desfazê-los membro por membro, ouvi-los gritar, fazê-los sofrer. Ele percebia agora a sensação de querer matar, a sensação de raiva, pois era isto — esta era a intenção de matar que ele devia ter sentido quando matara o pai.

Ele investiu contra ela.

— Não — gritou Victoire. — Ela está...

Letty virou-se e fugiu. Robin correu atrás dela enquanto ela recuava para trás de uma massa de polícias. Ele empurrou-os; não se importava com o perigo, com os cassetetes, as armas; só queria chegar até ela, queria torcer-lhe o pescoço, tirar-lhe a vida, desfazer a cabra branca em pedaços.

Braços fortes puxaram-no para trás. Ele sentiu uma força contundente contra a parte inferior das suas costas. Tropeçou. Ouviu Victoire gritar, mas não a conseguia ver atrás do emaranhado de polícias. Alguém enfiou um saco de pano sobre a cabeça dele. Ele debateu-se violentamente; o seu braço atingiu algo sólido e a

pressão contra as suas costas diminuiu ligeiramente, mas, então, algo duro atingiu-o na face e a explosão de dor foi tão ofuscante que o fez perder as forças. Alguém lhe algemou as mãos atrás das costas. Dois pares de mãos agarraram-no pelos braços, levantaram-no e arrastaram-no para fora da Sala de Leitura.

A luta acabara. A Biblioteca Velha estava em silêncio. Ele abanou a cabeça freneticamente, tentando livrar-se do saco, mas tudo o que conseguiu ver foram vislumbres de prateleiras viradas e a carpete enegrecida antes que alguém lhe apertasse mais o saco em volta da cabeça. Não viu nem sombra de Vimal, Anthony, Ilse ou Cathy. Já não conseguia ouvir os gritos de Victoire.

— Victoire? — exclamou, apavorado. — Victoire?

— Calado — disse uma voz profunda.

— Victoire! — gritou ele. — Onde...

— *Calado*, tu. — Alguém lhe tirou o capuz apenas o tempo suficiente para lhe enfiar um pano na boca. Depois, foi atirado novamente para a escuridão. Não via nada, nem ouvia nada; apenas um silêncio sombrio e terrível enquanto o puxavam para fora das ruínas da Biblioteca Velha e o colocavam num coche que os esperava.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

R

*Tu não nasceste para a morte, Pássaro imortal!
Nenhuma geração faminta te pisará.*

JOHN KEATS, «Ode a um Rouxinol»

Uma calçada irregular, sacolejos dolorosos. *Sai, anda.* Ele obedeceu, sem pensar. Eles tiraram-no da carruagem, atiraram-no para uma cela e deixaram-no sozinho com os seus pensamentos.

Podiam ter-se passado horas ou dias. Ele não sabia dizer, não tinha nenhuma noção do tempo. Não estava no seu corpo, não naquela cela; enrolou-se miseravelmente sobre as lajes de pedra e deixou o presente ferido e doloroso para trás. Estava na Biblioteca Velha, impotente, a ver continuamente enquanto Ramy estremecia e tombava para a frente como se alguém lhe tivesse dado um pontapé entre as omoplatas, enquanto Ramy jazia flácido nos seus braços, enquanto Ramy, apesar de tudo o que ele tentava, não se voltava a mexer.

Ramy estava morto.

Letty tinha-os traído, a Hermes tinha caído e Ramy estava morto.

Ramy estava morto.

A dor sufocava. A dor paralisava. A dor era uma bota cruel e pesada pressionada com tanta força contra o seu peito que ele não conseguia respirar. A dor tirava-o para fora do corpo e tornava os seus ferimentos teóricos. Ele estava a sangrar, mas não sabia de onde. Sentia dores por causa das algemas cravadas nos seus pulsos, do chão de pedra dura contra os seus membros, da forma como a polícia o atirara para o chão como se estivesse a tentar partir-lhe os ossos todos. Ele registava aquelas dores como sendo

factos, mas não as conseguia realmente sentir; não conseguia sentir nada além da dor singular e ofuscante da perda de Ramy. E não queria sentir mais nada, não se queria afundar no seu corpo e registar as suas dores, porque essa dor física significava que ele estava vivo, e estar vivo significava que tinha de seguir em frente. Mas ele não podia continuar. Não depois disto.

Estava preso no passado. Revisitava aquela memória mil vezes, da mesma forma que revisitara a morte do pai. Só que desta vez, em vez de se convencer de que não pretendia matar, tentava convencer-se da possibilidade de Ramy estar vivo. Será que vira realmente Ramy morrer? Ou será que apenas ouvira o tiro, vira a explosão de sangue e a queda? Será que restara fôlego nos pulmões de Ramy, vida nos seus olhos? Parecia tão injusto. Não, parecia impossível que Ramy pudesse simplesmente deixar este mundo de modo tão abrupto, que pudesse estar tão vivo num momento e tão imóvel no outro. Parecia desafiar as leis da física que Ramiz Rafi Mirza pudesse ser silenciado por algo tão pequeno como uma bala.

E, com certeza, Letty não poderia ter apontado para o coração dele. Isso também era impossível. Ela amava-o, amava-o quase tanto como Robin o amava — ela dissera-lho, ele lembrava-se, e se isso era verdade, então, como é que ela podia fitar Ramy nos olhos e atirar para matar?

O que significava que Ramy ainda podia estar vivo, podia ter sobrevivido contra todas as probabilidades, podia ter-se arrastado da carnificina da Biblioteca Velha e encontrado algum sítio para se esconder, ainda podia recuperar se alguém o encontrasse a tempo, se lhe estancassem o ferimento a tempo. Improvável, mas talvez, talvez, talvez...

Talvez quando Robin escapasse deste sítio, quando se reencontrassem, eles se rissem tanto de tudo isto até as suas costelas lhes doerem.

Ele esperava. Esperava até a esperança se tornar uma forma de tortura. O significado original de *esperança* era «desejar» e Robin queria com cada fibra do seu ser um mundo que já não existia. Ele esperou até pensar que estava a enlouquecer, até começar a ouvir

fragmentos dos seus pensamentos como se fossem ditos fora de si, palavras baixas e ásperas que ecoavam pela pedra.

Eu desejo...

Eu lamento...

E, então, uma enxurrada de confissões que não eram suas.

Gostava de a ter amado melhor.

Gostava de nunca ter tocado naquela faca.

Aquilo não era a sua imaginação. Ele ergueu a cabeça latejante, com o rosto pegajoso do sangue e das lágrimas. Olhou em redor, surpreendido. As pedras estavam a falar, sussurrando mil testemunhos diferentes, cada um demasiado abafado pelo seguinte para que ele conseguisse distinguir alguma coisa além de frases passageiras.

Se ao menos, diziam.

Não é justo, diziam.

Eu mereço isto, diziam.

E, contudo, no meio de todo aquele desespero:

Eu espero...

Eu espero...

Eu espero contra toda a esperança...

Estremecendo, ele levantou-se, encostou o rosto contra a pedra e desceu lentamente pela parede até encontrar o brilho revelador da prata. A barra fora inscrita com uma corrente clássica do grego para o latim e para o inglês. O *epitaphion* grego significava «uma oração fúnebre» — algo falado, algo que devia ser ouvido; o *epitaphium* latino, da mesma forma, referia-se a um elogio fúnebre. Era apenas o epitáfio em inglês moderno que se referia a algo escrito e silencioso. A tradução distorcida dava voz ao que fora escrito. Ele estava rodeado pelas confissões dos mortos.

Ele baixou-se e segurou a cabeça entre as mãos.

Que tortura extraordinariamente terrível. Que génio teria pensado nisto? O objetivo era, com certeza, inundá-lo com o desespero de todas as outras pobres almas que tinham estado presas aqui, enchê-lo com uma tristeza tão insondável que, quando fosse interrogado, ele entregaria tudo e todos só para a fazer parar.

Mas aqueles sussurros eram redundantes. Não lhe obscureciam os pensamentos; apenas os ecoavam. Ramy estava morto; a Hermes estava perdida. O mundo não podia continuar. O futuro era apenas uma vasta extensão de preto e a única coisa que lhe dava um pingão de esperança era a promessa de que um dia tudo aquilo acabaria.

A porta abriu-se. Robin endireitou-se com um estremeção, sobressaltado pelo rangido das dobradiças. Um jovem elegante com o cabelo loiro atado com uma fita junto do pescoço entrou.

— Olá, Robin Swift — disse ele. A sua voz era suave, musical. — Lembras-te de mim?

Claro que não, quase disse Robin, mas depois o homem aproximou-se e as palavras morreram-lhe na língua. Ele tinha as mesmas feições do retrato no friso da capela do University College: o mesmo nariz reto e aristocrático e os mesmos olhos profundos e inteligentes. Robin tinha visto aquele rosto apenas uma vez, mais de três anos antes, na sala de jantar do Professor Lovell. Nunca o esqueceria.

— É o Sterling. — O brilhante e famoso Sterling Jones, sobrinho de Sir William Jones, o maior tradutor da época. O seu aparecimento ali era tão inesperado que por um momento Robin apenas conseguiu pestanejar para ele. — Porque é que...

— Porque é que estou aqui? — Sterling riu-se. Até o seu riso era elegante. — Não podia faltar a isto. Não depois de me dizerem que tinham apanhado o irmão mais novo do Griffin Lovell.

Sterling puxou duas cadeiras para dentro da cela e sentou-se diante de Robin, cruzando as pernas pelos joelhos. Puxou o casaco para o endireitar e depois inclinou a cabeça para Robin.

— Céus. Vocês tornaram-se realmente parecidos. Tu tens um ar um pouco mais agradável, contudo. O Griffin era só sarcasmo e desconfiança. Como um cão molhado. — Ele colocou as mãos nos joelhos e inclinou-se para a frente. — Então, mataste o teu pai, não é? Não pareces um assassino.

— E tu não pareces um polícia municipal — disse Robin.

Mas, no exato momento em que o disse, o último binário falso que construía na sua cabeça — aquele entre os académicos e as

lâminas do império — caiu. Ele lembrou-se das palavras de Griffin. Lembrou-se das cartas do pai. Comerciantes de escravos e soldados. Assassinos preparados, todos eles.

— És tão parecido com o teu irmão. — Sterling abanou a cabeça. — Qual é a expressão chinesa? Texugos do mesmo monte ou chacais da mesma tribo? Atrevidos, insolentes e tão insuportavelmente virtuosos. — Ele cruzou os braços sobre o peito e recostou-se, avaliando-o. — Ajuda-

-me a perceber. Nunca o consegui entender com o Griffin. Apenas, *porquê?* Vocês têm tudo o que poderiam desejar. Nunca tereis de trabalhar um dia na vossa vida; não um trabalho a sério, de qualquer forma, uma bolsa de estudos não conta. Têm riqueza de sobra.

— Os meus compatriotas não têm — disse Robin.

— Mas vós não sois os vossos compatriotas! — exclamou Sterling. — Sois a exceção. Sois os sortudos, os elevados. Ou tens realmente mais em comum com aqueles pobres tolos de Cantão do que com os teus colegas de Oxford?

— Sim — disse Robin. — O teu país recorda-me disso todos os dias.

— É esse o problema, então? Alguns britânicos brancos não foram muito simpáticos contigo?

Robin não via nenhuma vantagem em discutir mais. Tinha sido uma tolice entrar sequer no jogo. Sterling Jones era exatamente igual a Letty, só que sem a simpatia superficial de uma suposta amizade. Ambos pensavam que tudo se reduzia a uma questão de sortes individuais em vez de opressão sistemática, e nenhum deles conseguia ver além da perspetiva de pessoas que se pareciam e falavam como eles.

— Oh, não me digas. — Sterling suspirou. — Formaste a ideia tola de que o império é uma coisa má, não é?

— Tu sabes que o que eles fazem é errado — disse Robin, cansado. Já chegava de eufemismos; ele simplesmente não podia, não queria acreditar que homens inteligentes como Sterling Jones, o Professor Lovell e o Sr. Baylis acreditassem realmente que as suas desculpas esfarrapadas eram mais do que apenas isso. Só homens como eles poderiam justificar a exploração de outros povos e países

com uma retórica inteligente, réplicas verbais e um raciocínio filosófico rebuscado. Só homens como eles achavam que aquilo ainda era uma questão de debate. — Tu sabes.

— Suponhamos que consegues o que queres — disse Sterling, sem conceder nada. — Suponhamos que não vamos para a guerra e Cantão fica com toda a sua prata. Que é que achas que eles vão fazer com ela?

— Talvez a gastem — disse Robin.

Sterling zombou.

— Este mundo pertence àqueles que o agarram. Tu e eu sabemos disso, foi assim que chegámos a Babel. Enquanto isso, a tua pátria é governada por aristocratas indolentes e preguiçosos que ficam apavorados com a simples menção de uma via ferroviária.

— É algo que temos em comum.

— Muito engraçado, Robin Swift. Achas, então, que a Inglaterra deve ser punida por se atrever a usar os dons naturais que Deus nos deu? Será que devemos deixar o Oriente nas mãos de denegridos corruptos que desperdiçariam as suas riquezas em sedas e concubinas? — Sterling inclinou-se para a frente. Os seus olhos azuis brilharam. — Ou será que devemos *liderar*? A Grã-Bretanha avança em direção a um futuro vasto e brilhante. Tu podes fazer parte desse futuro. Porquê deitar tudo fora?

Robin não disse nada. Não fazia sentido; este não era um diálogo de boa-fé. Sterling não queria nada a não ser conversão.

Sterling ergueu as mãos no ar.

— O que é tão difícil de entender, Swift? Porquê lutar contra a corrente? Porquê esse impulso absurdo de morder a mão que te alimenta?

— A universidade não é minha dona.

— Ora, a universidade deu-te tudo.

— A universidade arrancou-nos das nossas casas e fez-nos acreditar que o nosso futuro só poderia ser servir a Coroa — disse Robin. — A universidade diz-nos que somos especiais, escolhidos, selecionados, quando na verdade fomos afastados das nossas pátrias e criados a curta distância de uma classe da qual nunca poderemos realmente fazer parte. A universidade virou-nos contra

os nossos iguais e fez-nos acreditar que as nossas únicas opções eram a cooperação ou as ruas. Isso não foi nenhum favor, Sterling. Foi crueldade. Não me peças para amar o meu dono.

Sterling olhou para ele furioso. Estava a respirar com muita dificuldade. Era uma coisa estranhíssima, pensou Robin, o quanto ele se tinha enervado. As suas faces estavam coradas e a sua testa começava a brilhar de suor. Ele perguntou-se porque é que os brancos ficavam tão perturbados quando alguém discordava deles.

— A tua amiga, *Miss Price*, avisou-me que te tinhas tornado um pouco fanático.

Aquilo era uma armadilha bastante óbvia. Robin ficou calado.

— Vá — zombou Sterling. — Não queres perguntar por ela? Não queres saber porquê?

— Eu sei porquê. Vocês são bastante previsíveis.

A raiva retorceu o rosto de Sterling. Ele levantou-se e arrastou a cadeira para mais perto até os seus joelhos quase se tocarem.

— Temos formas de descobrir a verdade. A palavra *acalmar*¹²⁵ deriva de uma raiz protogermânica que significa «verdade». Nós encadeamo-la com *sand* em sueco e o resultado é acalmar-nos, fazer-nos baixar a guarda e confortar-nos até dizermos tudo. — Sterling inclinou-se para frente. — Mas sempre achei isso muito chato.

» Sabes de onde vem a palavra *agonia*? — Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um par de algemas de prata, que colocou sobre os joelhos. — Do grego, passando pelo latim e, mais tarde, pelo francês antigo. O grego *agōnia* significa competição; era originalmente um encontro desportivo entre atletas. Só ganhou a conotação de sofrimento muito mais tarde. Mas eu vou traduzir do inglês para o grego para que a barra saiba que é para induzir sofrimento e não removê-lo. Inteligente, não?

Ele fez um sorriso satisfeito para as algemas. Não havia malícia alguma naquele sorriso — era apenas um triunfo satisfeito por as línguas antigas poderem ser recortadas e retrabalhadas para o propósito pretendido.

— Foram necessárias algumas experiências até acertarmos, mas já aperfeiçoámos o efeito. Vai doer, Robin Swift. Vai doer como o caracas. Já o experimentei, só por curiosidade. Não é uma dor superficial, não é como ser esfaqueado por uma lâmina nem como ser queimado por chamas. Está dentro de ti. Como se os teus pulsos se estivessem a desfazer, repetidamente, só que não há limite superior para a agonia porque, fisicamente, estás bem; está tudo na tua cabeça. É horrível. Vais debater-te contra a sensação, é claro. O corpo não o consegue evitar, não contra uma dor assim, mas sempre que lutares, a dor vai duplicar uma e outra vez. Queres ver por ti mesmo?

Estou cansado, pensou Robin. *Estou tão cansado; preferia que me desses um tiro na cabeça.*

— Vá, deixa-me fazer. — Sterling levantou-se e ajoelhou-se atrás dele. — Experimenta assim.

Ele fechou as algemas. Robin gritou. Não o pôde evitar. Queria ficar calado, recusar dar essa satisfação a Sterling, mas a dor foi tão avassaladora que ele não se conseguiu controlar. Não tinha noção do seu corpo, exceto a dor, e esta era muito pior do que Sterling tinha descrito. Não parecia que os seus pulsos se estavam a partir; parecia que alguém estava a espetar grossas estacas de ferro nos seus ossos, diretamente na medula e, de cada vez que ele se contorcia, lutando para se libertar, a dor intensificava-se.

Controla-te, disse uma voz dentro da sua cabeça, uma voz que parecia a de Griffin. *Controla-te, para, vai doer menos...*

Mas a dor só aumentou. Sterling não mentira; não havia limite. Sempre que ele pensava que era o fim, que se sofresse mais um momento disto morreria, a dor amplificava-se de alguma forma. Ele não sabia que a carne humana podia sentir tanta dor.

Controla-te, disse Griffin novamente.

Então, outra voz terrivelmente familiar: *Tens uma coisa boa. Quando levas uma sova, não choras.*

Contenção. Repressão. Ele não praticara isso durante toda a sua vida? *Deixa a dor escorrer por ti como gotas de chuva, sem reconhecimento, sem reação, porque fingir que não está a acontecer é a única maneira de sobreviveres.*

O suor escorria-lhe da testa. Ele lutou para ignorar a agonia ofuscante, para sentir os seus braços e mantê-los imóveis. Foi a coisa mais difícil que alguma vez fizera; parecia que estava a pôr os seus próprios pulsos debaixo de um martelo.

Mas a dor diminuiu. Robin caiu para a frente, ofegante.

— Impressionante — disse Sterling. — Vamos ver quanto tempo consegues aguentar isso. Entretanto, tenho outra coisa para te mostrar. — Ele tirou outra barra do bolso e segurou-a diante do rosto de Robin. O lado esquerdo dizia: φρήν. — Suponho que tenhas estudado grego antigo. O de Griffin era muito mau, mas disseram-me que és um aluno melhor. Sabes a que é que *phren* se refere, é a sede do intelecto e da emoção. Só que os gregos achavam que não residia na mente. Homero, por exemplo, descreve o *phren* como estando localizado no peito. Ele colocou a barra no bolso da frente de Robin. — Imagina o que isto faz, então.

Ele puxou o punho atrás e bateu contra o esterno de Robin.

A tortura física não foi muito má — mais uma pressão forte do que uma dor aguda —, mas assim que os nós dos dedos de Sterling lhe tocaram no peito, a mente de Robin explodiu: sentimentos e memórias vieram à tona, tudo o que ele tinha escondido, tudo o que ele temia e receava, todas as verdades que não ousava reconhecer. Tornou-se um idiota tagarela, sem nenhuma ideia do que dizia; palavras em chinês e inglês saíram dele sem razão ou ordem. *Ramy*, disse, ou pensou, não sabia, *Ramy, Ramy, culpa minha, pai, meu pai — meu pai, minha mãe, três pessoas que vi morrer e nem uma única vez consegui levantar um dedo para ajudar...*

Vagamente, estava ciente de Sterling a incitá-lo, a tentar orientar o seu fluxo de tagarelice.

— Hermes — dizia Sterling. — Fala-me sobre a Hermes.

— Mata-me — exclamou ele sufocado. Falava a sério; nunca quisera tanto uma coisa. Uma mente não fora feita para sentir tanto. Apenas a morte silenciaria o coro. — Santo Deus, *mata-me...*

— Ah, não, Robin Swift. Não te vais escapar assim tão facilmente. Não te queremos morto; isso desafia o objetivo. — Sterling tirou um relógio do bolso, examinou-o e depois inclinou o ouvido para a porta

como se estivesse a ouvir alguma coisa. Segundos depois, Robin ouviu Victoire gritar. — Não posso dizer o mesmo dela.

Robin apoiou-se nas pernas e atirou-se contra a cintura de Sterling. Este deu um passo para o lado e Robin caiu no chão, batendo dolorosamente com a face contra a pedra. Os seus pulsos puxaram as algemas e os braços explodiram mais uma vez de dor, a qual só parou quando ele se enrolou sobre si mesmo, ofegando e forçando-se com cada fibra da sua concentração a ficar imóvel.

— É assim que vai ser. — Sterling fez balouçar a corrente do relógio diante dos olhos de Robin. — Diz-me tudo o que sabes sobre a Sociedade Hermes e tudo isto acaba. Eu retiro-te as algemas e liberto a tua amiga. E tudo ficará bem.

Robin fitou-o com fúria, ofegante.

— Diz-me e isto acaba — disse Sterling mais uma vez.

A Biblioteca Velha tinha desaparecido. Ramy estava morto. Anthony, Cathy, Vimal e Ilse — todos provavelmente mortos. *Mataram os outros*, tinha dito Letty. Que mais havia para revelar?

Há o Griffin, disse uma voz. *Há aqueles que estavam no envelope, há muitos outros de que tu não sabes*. E essa era a questão — ele não sabia quem ainda estava lá fora ou o que estavam a fazer e não podia arriscar revelar nada que os pusesse em perigo. Já tinha cometido esse erro uma vez; não podia desiludir a Hermes novamente.

— Diz-me ou matamos a rapariga. — Sterling balouçou o relógio de bolso diante do rosto de Robin. — Daqui a um minuto, à meia hora, eles vão enfiar uma bala no crânio dela. A menos que eu lhes diga para pararem.

— Estás a mentir — exclamou Robin, sufocado.

— Não estou. Cinquenta segundos.

— Não farias isso.

— Só precisamos de um de vocês vivo e ela é demasiado teimosa para a usarmos. — Sterling agitou novamente o relógio. — Quarenta segundos.

Era um truque. Tinha de ser. Eles não podiam ter cronometrado tudo com tanta precisão. E tinham de querer os dois vivos — duas fontes de informação eram melhores do que uma, não era?

— Vinte segundos.

Ele pensou freneticamente numa mentira aceitável, qualquer coisa para fazer o tempo parar.

— Existem outras escolas — sussurrou —, existem contactos noutras escolas, por favor para...

— Ah. — Sterling guardou o relógio de bolso. — Acabou o tempo.

Na outra ponta do corredor, Victoire gritou. Robin ouviu um tiro. O grito parou.

— Graças a Deus — disse Sterling. — Que guincho.

Robin atirou-se contra as pernas de Sterling. Desta vez, funcionou. Ele apanhou Sterling de surpresa e caíram ambos no chão. Robin ficou por cima de Sterling, com as mãos algemadas acima da cabeça. Ele bateu com os punhos na testa de Sterling, nos seus ombros, em qualquer sítio que conseguisse alcançar.

— Agonia — exclamou Sterling. — *Agōnia*.

A dor nos pulsos de Robin redobrou. Ele não conseguia ver. Não conseguia respirar. Sterling lutou para sair de debaixo dele. Robin tombou para o lado, sufocado. Lágrimas escorriam-lhe pelas faces. Sterling ficou debruçado sobre ele por um instante, respirando com dificuldade. Então, fez recuar a bota e deu um pontapé cruel no esterno de Robin.

Dor; uma dor incandescente e ofuscante. Robin não conseguia ver mais nada. Não tinha fôlego para gritar. Não tinha nenhum controlo do corpo, nenhuma dignidade; os seus olhos estavam vazios e a boca frouxa, a deitar baba para o chão.

— Deus do Céu. — Sterling ajeitou a gravata enquanto se endireitava. — O Richard tinha razão. Vocês são todos uns animais.

Depois, Robin ficou mais uma vez sozinho. Sterling não dissera quando voltaria ou o que aconteceria a Robin a seguir. Havia apenas a vasta extensão do tempo e a dor negra que a engolia. Ele chorou até ficar vazio. Gritou até lhe doer quando respirava.

Às vezes, as ondas de dor diminuíam um pouco e ele achava que conseguia organizar os seus pensamentos, fazer um balanço da sua situação e ponderar no seu próximo passo. Que viria a seguir? Será que a vitória ainda estava na mesa ou havia apenas a

sobrevivência? Mas Ramy e Victoire sobrepunham-se a tudo. Cada vez que via o mais pequeno vislumbre do futuro, ele lembrava-se de que eles não iriam estar lá e, então, as lágrimas deslizavam novamente e a bota sufocante da dor voltava a cair-lhe sobre o peito.

Pensou em morrer. Não seria assim tão difícil; só precisava de bater com a cabeça contra a pedra com força suficiente ou descobrir uma forma de se estrangular com as algemas. A dor não o assustava. Todo o seu corpo estava dormente; parecia-lhe impossível poder voltar a sentir outra vez alguma coisa, exceto a sensação avassaladora de se afogar — e talvez, pensou ele, a morte fosse a única maneira de emergir à superfície.

Talvez não tivesse de o fazer sozinho. Quando lhe arrancassem tudo o que pudessem da mente, será que não o iriam julgar em tribunal e depois enforcá-lo? Na sua juventude, ele vislumbrara uma vez um enforcamento em Newcastle; tinha visto a multidão reunida em torno da forca durante um dos seus passeios pela cidade e, sem saber o que estava a ver, aproximara-se da multidão. Havia três homens em fila na plataforma. Ele lembrava-se do baque do painel a ceder e do estalar abrupto dos seus pescoços. Lembrava-se de ter ouvido alguém murmurar o seu desapontamento porque as vítimas não tinham estrebuchado.

A morte por enforcamento podia ser rápida — talvez até fácil, indolor. Ele sentiu-se culpado por o considerar sequer — *isso é egoísta*, dissera Ramy, *não podes escolher o caminho mais fácil*.

Mas, por amor de Deus, qual seria o objetivo de ele continuar vivo? Robin não conseguia ver como é que o que quer que ele fizesse a partir de agora poderia importar. O seu desespero era total. Eles tinham perdido, tinham perdido com uma totalidade esmagadora e não restava mais nada. Se ele se agarrasse à vida pelos dias ou semanas que lhe restavam, seria apenas por causa de Ramy, porque ele não merecia o que era fácil.

R

O tempo passou. Robin oscilava entre a vigília e o sono. A dor e o sofrimento tornavam-lhe impossível descansar verdadeiramente. Mas ele estava cansado, muito cansado, e os seus pensamentos giravam em espiral, tornando-se memórias vívidas e de pesadelo. Estava no *Hellas* novamente, a dizer as palavras que tinham posto tudo em movimento; estava a olhar para o seu pai no chão, a observar o sangue a borbulhar sobre aquele peito arruinado. E era uma tragédia tão perfeita, não era? Uma história intemporal, o parricídio. O Sr. Chester gostava de dizer que os gregos adoravam o parricídio; adoravam-no pelo seu potencial narrativo infinito, pelas suas invocações de legado, orgulho, honra e domínio. Adoravam a forma como alcançava todas as emoções possíveis, porque invertia de modo muito tortuoso o princípio mais básico da existência humana. Um ser cria o outro, molda-o e influencia-o à sua imagem. O filho torna-se o pai e depois substitui-o; Cronos destrói Úrano, Zeus destrói Cronos e, por fim, torna-se ele. Mas Robin nunca invejara o pai, nunca quisera nada dele exceto o seu reconhecimento, e odiava ver-se refletido naquele rosto frio e morto. Não, não morto — reanimado, assombrador; o Professor Lovell olhava cruelmente para ele e, por trás dele, o ópio ardia nas costas de Cantão, quente, estrondoso e doce.

— Levanta-te — disse o Professor Lovell. — *Levanta-te*.

Robin acordou de repente. O rosto do pai transformou-se no do seu irmão. Griffin pairava acima dele, coberto de fuligem. Atrás dele, a porta da cela estava em pedaços.

Robin fitou-o.

— Como...

Griffin brandiu uma barra de prata.

— O mesmo truque velho. *Wúxíng*.

— Pensei que não funcionava contigo.

— É uma coisa engraçada, não é? Endireita-te. — Griffin ajoelhou-se atrás dele e começou a trabalhar nas algemas de Robin. — Depois de o teres dito pela primeira vez, eu finalmente percebi. Era como se tivesse estado a minha vida inteira à espera de que alguém dissesse as palavras. Cristo, miúdo, quem é que te fez isto?

— O Sterling Jones.

— Claro. Sacana. — Ele mexericou na fechadura por um instante. O metal cravou-se nos pulsos de Robin. Robin estremeceu, tentando ao máximo não se mover.

— Ah, raios. — Griffin remexeu na sua sacola e tirou uma grande tesoura. — Vou cortar, fica quieto.

Robin sentiu uma pressão agonizante e intensa e depois nada. As suas mãos estavam livres — ainda algemadas, mas já não unidas

A dor desapareceu. Ele relaxou de alívio.

— Pensei que estavas em Glasgow.

— Estava a oitenta quilómetros de lá quando recebi a notícia. Então, saltei do comboio, esperei e apanhei o primeiro comboio que passou no sentido inverso.

— Recebeste a notícia?

— Nós temos os nossos métodos.

Robin notou então que a mão direita de Griffin apresentava uma mistura de manchas pálidas, vermelhas e arreganhadas. Parecia ser uma cicatriz de queimadura.

— O Anthony não explicou, apenas mandou um sinal de emergência, mas eu achei que devia ser mau. Depois, na torre, todos os rumores diziam que vos tinham trazido para cá, portanto, evitei a Biblioteca Velha, o que teria sido perigoso, de qualquer maneira, e vim para cá. Foi uma boa aposta. Onde está o Anthony?

— Está morto — disse Robin.

— Percebo. — Algo perpassou pelo rosto de Griffin, mas ele pestanejou e as suas feições retomaram a calma. — E os outros...?

— Acho que estão todos mortos. — Robin sentia-se destroçado; não conseguia encontrar os olhos de Griffin. — A Cathy, o Vimal, a Ilse, todos na casa... Não os vi cair, mas ouvi o tiroteio e depois não os voltei a ver.

— Mais nenhum sobrevivente?

— Há a Victoire. Eu sei que eles trouxeram a Victoire, mas...

— Onde é que ela está?

— Não sei — disse Robin miseravelmente. Ela podia estar morta na sua cela ou eles podiam já ter arrastado o corpo dela para fora, atirando-a para uma cova rasa. Ele não conseguia dizer as palavras para explicar; destruí-lo-iam.

— Então, vamos ver. — Griffin agarrou-o pelos ombros e deu-lhe uma sacudidela forte. — As tuas pernas estão bem, não estão? Anda, levanta-te.

O corredor estava milagrosamente vazio. Robin olhou para a esquerda e para a direita, perplexo.

— Onde estão todos os guardas?

— Livrei-me deles. — Griffin bateu noutra barra que tinha no cinto. — Uma corrente com a palavra *explodir*. O latim *explōdere* é um termo teatral; refere-se a conduzir um ator para fora do palco batendo palmas. Daí, obtemos o significado em inglês antigo «rejeitar ou afastar com um barulho forte». Foi só no inglês moderno que obtivemos a detonação. — Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo. — O meu latim é melhor do que o meu chinês.

— Então, isso não destruiu a porta?

— Não, apenas faz um som tão horrível que afasta todos os que o ouvem. Consegui que corressem todos para o segundo andar e depois subi até aqui e tranquei as portas atrás de mim.

— Então, o que fez aquele buraco?

— Pólvora. — Griffin arrastou Robin com ele. — Não podemos depender da prata para tudo. Vocês, académicos, esquecem-se sempre disso.

Eles vasculharam todas as celas do corredor em busca de Victoire. A maior parte estava vazia e Robin sentiu um pavor crescente enquanto passavam pelas portas. Não queria olhar; não queria ver o chão manchado de sangue — ou, pior, o corpo inerte dela deitado onde o tivessem deixado, com um ferimento de bala na cabeça.

— Aqui — gritou Griffin da ponta do corredor. Ele bateu na porta. — Acorda, querida.

Robin quase desmaiou de alívio quando ouviu a resposta abafada de Victoire.

— Quem está aí?

— Consegues andar? — perguntou Griffin.

Desta vez, a voz de Victoire foi mais clara; ela devia ter-se aproximado da porta.

— Sim.

— Estás ferida?

— Não, estou bem. — Victoire parecia confusa. — Robin, és...?

— É o Griffin. O Robin também está aqui. Não te preocupes, vamos tirar-te daí. — Griffin enfiou a mão no bolso e tirou o que parecia ser uma granada de mão improvisada. Era uma esfera de cerâmica com um quarto do tamanho de uma bola de críquete e um pavio num dos lados.

Parecia bastante pequena para Robin.

— Isso consegue fazer explodir ferro?

— Não precisa. A porta é de madeira. — Griffin ergueu a voz. — Victoire, vai para o canto mais distante e põe a cabeça entre os braços e os joelhos. Preparada?

Victoire gritou o seu consentimento. Griffin colocou a granada no canto da porta, acendeu-a com um fósforo e depois arrastou apressadamente Robin vários passos pelo corredor. O estrondo aconteceu segundos depois.

Robin afastou o fumo do rosto com a mão, tossindo. A porta não explodira completamente — qualquer explosão assim tão grande teria certamente matado Victoire —, mas tinha um buraco no fundo grande o suficiente para uma criança rastejar por ele. Griffin chutou a madeira carbonizada até vários pedaços grandes caírem.

— Victoire, consegues...

Ela rastejou para fora, tossindo. Griffin e Robin agarraram-na pelos braços e puxaram-na até ela sair completamente. Quando acabou de se libertar, ela pôs-se de joelhos e abraçou Robin.

— Eu pensei...

— Eu também — murmurou ele, abraçando-a com força. Ela estava, graças a Deus, maioritariamente ilesa. Tinha os pulsos um pouco esfolados, mas sem algemas, e não apresentava sangue nem ferimentos de balas. Sterling estivera a fazer *bluff*.

— Eles disseram que tinham disparado contra ti. — Ela apertou-se contra o peito dele, a tremer. — Oh, Robin, eu ouvi um tiro...

— Tu...? — Ele não conseguiu terminar a pergunta. De imediato, arrependeu-se de ter perguntado; não queria saber.

— Não — sussurrou ela. — Desculpa, eu pensei... Já que eles nos tinham apanhado de qualquer maneira, eu pensei... — A voz falhou-lhe e ela desviou o olhar.

Ele sabia o que ela queria dizer. Ela tinha escolhido deixá-lo morrer. Aquilo não o magoou tanto como deveria. Em vez disso, esclareceu a situação — o que estava em jogo e a insignificância das suas vidas perante a causa que tinham escolhido. Ele viu-a começar a desculpar-se e depois conter-se. Ótimo, pensou ele. Ela não tinha nada por que se desculpar, pois entre eles apenas um se recusara a quebrar.

— Para que lado é a porta? — perguntou Victoire.

— Quatro andares abaixo — disse Griffin. — Os guardas estão todos presos na escada, mas vão conseguir sair em breve.

Robin olhou pela janela no fim do corredor. Estavam bastante altos, notou ele. Pensara que estavam na prisão municipal em Gloucester Green, mas esse edifício tinha apenas dois andares. O chão parecia tão distante de onde eles se encontravam.

— Onde estamos?

— No Castelo de Oxford — disse Griffin, tirando uma corda da sua mochila. — Torre Norte.

— Não há outra escada?

— Não. — Griffin apontou para a janela. — Parte o vidro com o cotovelo. Vamos descer.

Griffin desceu primeiro, depois Victoire e depois Robin. Descer por uma corda era muito mais difícil do que Griffin fizera parecer; Robin deslizou demasiado depressa nos últimos três metros, quando os seus braços cederam, e a corda deixou-lhe queimaduras na palma das mãos. Do lado de fora, era evidente que Griffin tinha causado muito mais do que uma simples diversão. Toda a frente norte do Castelo de Oxford estava a arder e as chamas e o fumo espalhavam-se rapidamente pelo prédio.

Teria Griffin feito tudo aquilo sozinho? Robin olhou de soslaio para o irmão. Era como se visse um estranho. Griffin tornava-se novo na sua imaginação de todas as vezes que o encontrava e esta versão era a mais assustadora — este homem duro e cáustico que atirava, matava e queimava sem vacilar. Era a primeira vez que ele ligava o compromisso abstrato do seu irmão para com a violência com os

seus efeitos materiais. E eles eram incríveis. Robin não sabia se o temia ou se admirava as suas capacidades.

Griffin atirou-lhes duas capas pretas lisas que tirou da sua mochila — de longe, pareciam-se vagamente com as capas dos polícias — e depois conduziu-os ao longo da parede lateral do castelo em direção à rua principal.

— Movam-se depressa e não olhem para trás — murmurou ele. — Eles estão todos distraídos. Mantenham-se calmos, sejam rápidos e vamos sair daqui sem problemas.

E, por um momento, parecia que fugir poderia ser realmente muito fácil. Toda a praça do castelo parecia deserta; as sentinelas estavam todas preocupadas com as chamas e as paredes altas de pedra lançavam muitas sombras onde se podiam esconder.

Apenas uma figura estava entre eles e o portão.

— *Explōdere*. — Sterling Jones cambaleou na direção deles. Tinha o cabelo queimado e o rosto principesco arranhado e ensanguentado. — Inteligente. Não pensei que tivesses latim suficiente para o fazer.

Griffin estendeu um braço em frente de Robin e Victoire como se os estivesse a proteger de uma fera.

— Olá, Sterling.

— Vejo que alcançaste novos patamares de destruição. — Sterling gesticulou vagamente na direção do castelo. À luz fraca do candeeiro, com sangue a cobrir-lhe o cabelo claro e um pó branco-acinzentada por todo o casaco, ele parecia bastante desequilibrado.

— Matares a Evie não foi suficiente?

— A Evie escolheu o seu destino — rosnou Griffin.

— Palavras ousadas de um assassino.

— O assassino sou *eu*? Depois da Birmânia?

— Ela estava desarmada...

— Ela sabia o que tinha feito. E tu também.

Havia uma história aqui, percebeu Robin. Algo além de pertencerem à mesma coorte. Griffin e Sterling falavam com a intimidade de velhos amigos presos nalgum emaranhado complicado de amor e ódio do qual ele não estava a par, algo que fermentara ao longo de muitos anos. Ele não conhecia a história

deles, mas era óbvio que Griffin e Sterling já esperavam por este confronto há bastante tempo.

Sterling ergueu a arma.

— Eu punha as mãos para cima agora.

— Três alvos — disse Griffin. — Uma arma. Para quem estás a apontar, Sterling?

Sterling tinha de saber que estava em inferioridade, mas parecia não se importar.

— Oh, acho que tu sabes.

Acabou tudo tão rápido que Robin mal percebeu o que estava a acontecer. Griffin sacou do seu revólver e Sterling apontou a sua arma ao peito de Griffin. Eles deviam ter puxado os gatilhos em simultâneo, pois o barulho que estilhaçou a noite soou como um único tiro. Ambos tombaram ao mesmo tempo.

Victoire gritou. Robin caiu de joelhos, puxando pelo casaco de Griffin e apalpando-lhe freneticamente o peito até encontrar a mancha molhada e crescente de sangue sobre o ombro esquerdo. As feridas nos ombros não eram fatais, pois não? Robin tentou lembrar-se do pouco que tinha aprendido com as histórias de aventura — uma pessoa podia sangrar até à morte, mas não se recebesse ajuda a tempo; não se alguém estancasse o sangue o tempo suficiente para a ferida fechar, para ser cosida ou o que quer que os médicos faziam para tratar de uma bala num ombro...

— Bolso — exclamou Griffin sufocado. — Bolso da frente...

Robin enfiou a mão no bolso da frente e tirou uma barra de prata fina.

— Experimenta isso... eu escrevi, não sei se vai...

Robin leu a barra e encostou-a ao ombro do irmão.

— *Xiū* — sussurrou ele. — Curar.

修. Consertar. Não apenas curar, mas reparar, arranjar o dano; desfazer a ferida com uma reparação bruta e mecânica. A distorção era subtil, mas estava lá, poderia funcionar. E havia alguma coisa a acontecer — ele sentia-o sob a sua mão, a união da carne rasgada, o som crepitante do osso a crescer. Mas o sangue não parava; derramava-se sobre as suas mãos, cobrindo a barra, cobrindo a prata. Algo não estava bem — a carne estava a mover-se, mas não

se remendava; a bala estava no caminho e estava demasiado profunda para ele a retirar.

— Não — implorou Robin. — Não, por favor... — Outra vez não, não três vezes. Quantas vezes estava ele condenado a debruçar-se sobre um corpo moribundo, a ver uma vida a esvair-se impotente para a recuperar?

Griffin estremeceu debaixo dele, com o rosto contorcido de dor.

— Para — implorou ele. — Para, deixa apenas...

— Vem aí alguém — disse Victoire.

Robin sentia-se paralisado.

— Griffin...

— Vai. — O rosto de Griffin tornara-se branco como papel, quase verde.

χλωρός, pensou Robin estupidamente; era a única coisa que a sua mente conseguia processar, a recordação de um debate frívolo sobre a tradução da cor. Deu por si a recordar em pormenor o modo como a Professora Craft questionara por que razão χλωρός era sempre traduzido como «verde», quando Homero também o aplicara a galhos frescos, mel e rostos pálidos de medo. Seria o bardo simplesmente cego, então? Não. Talvez, propusera a Professora Craft, essa fosse simplesmente a cor da natureza fresca, da vida verdejante. Mas isso não poderia estar correto, pois o verde doentio do corpo de Griffin nada mais era do que o início da morte.

— Estou a tentar...

— Não, Robin, escuta. — Griffin teve um espasmo de dor. Robin segurou-o com força, incapaz de fazer mais nada. — Há mais do que pensas. A Hermes... a sala segura, a Victoire sabe onde é, ela sabe o que fazer... e na minha sacola, *wúxíng*, há...

— Eles vêm aí — insistiu Victoire. — Robin, os polícias, vão ver-nos...

Griffin empurrou-o.

— Vai, fuge...

— Não. — Robin enfiou os braços por baixo do tronco de Griffin. Mas Griffin era muito pesado e os seus próprios braços estavam muito fracos. O sangue escorria-lhe sobre as mãos. Ele sentiu o seu

cheiro salgado e a visão ficou-lhe desfocada. Tentou puxar o irmão para cima. Eles tombaram para o lado.

Griffin gemeu.

— Para...

— Robin. — Victoire agarrou-lhe o braço. — Por favor, temos de nos esconder...

Robin enfiou a mão na sacola e vasculhou até sentir o ardor frio da prata.

— *Wúxíng* — sussurrou ele. — *Invisível*.

Robin e Victoire tremeluziram e depois desapareceram no mesmo instante em que três polícias surgiram a correr na praça.

— Cristo — disse alguém. — É o Sterling Jones.

— Morto?

— Não se está a mexer.

— Este ainda está vivo. — Alguém se inclinou sobre o corpo de Griffin.

Um farfalhar de tecido, uma arma empunhada. Uma gargalhada aguda e surpreendida; uma declaração hesitante:

— Não, ele é...

O clique de um gatilho.

— Não — Robin quase gritou, mas Victoire tapou-lhe a boca com a mão.

O tiro explodiu como um canhão. Griffin estremeceu e ficou imóvel. Robin dobrou-se num grito, mas não havia som na sua angústia, nenhuma forma na sua dor; ele era incorpóreo, mudo, e embora sofresse o tipo de dor devastadora que exigia gritos, espancamentos e uma destruição do mundo — e, se não do mundo, então de si mesmo —, não se conseguia mover. Até a praça estar vazia, tudo o que ele podia fazer era esperar e observar.

Quando, finalmente, os guardas se foram embora, o corpo de Griffin tornara-se de um branco fantasmagórico. Tinha os olhos abertos, vidrados. Robin encostou os dedos contra o pescoço dele, procurando a pulsação e sabendo que não encontraria nenhuma; a explosão fora tão direta, a tão curta distância.

Victoire estava inclinada sobre ele.

— Ele está...

— Sim.

— Então, temos de ir — disse ela, fechando os dedos em redor do pulso dele. — Robin, não sabemos quando é que eles vão voltar.

Ele ergueu-se. Que quadro horrível, pensou. Os corpos de Griffin e Sterling jaziam lado a lado no chão. O sangue acumulava-se debaixo de cada um e escorria depois, unido sob a chuva. Alguma história de amor tinha sido concluída neste pátio — um triângulo vicioso de desejo, ressentimento, ciúme e ódio tinha começado com a morte de Evie e terminara com a de Griffin. Os seus pormenores eram obscuros e nunca seriam totalmente conhecidos por Robin.¹²⁶ Tudo o que ele sabia, com certeza, era que esta não era a primeira vez que Griffin e Sterling se tinham tentado matar, mas apenas a primeira vez em que um deles tivera sucesso. Mas todas as personagens principais estavam mortas agora e o círculo estava fechado.

— Vamos — insistiu Victoire novamente. — Robin, não temos muito tempo.

Parecia tão errado deixá-los assim. Robin queria pelo menos afastar o corpo do irmão, colocá-lo em algum sítio calmo e privado, fechar-lhe os olhos e pôr-lhe as mãos sobre o peito. Mas agora só havia tempo para fugir, para deixar a cena do massacre para trás.

125 *Soothe* (acalmar) e *truth* (verdade) no original. (*N. da T.*)

126 Ele nunca saberia, por exemplo, que houvera um tempo em que Griffin, Sterling, Anthony e Evie se tinham considerado um grupo tão eternamente ligado como o de Robin; ou que Griffin e Sterling tinham discutido uma vez por causa de Evie, a luminosa, vibrante, inteligente e bela Evie; ou que Griffin não tivera realmente a intenção de o fazer quando a matara. Nos seus relatos daquela noite, Griffin fizera-se passar por um assassino calmo e deliberado, mas a verdade é que, tal como Robin, ele agira sem pensar, por raiva, por medo, mas não por maldade. Nem sequer acreditara verdadeiramente que iria funcionar, pois a prata respondia apenas esporadicamente aos seus comandos, e só soube o que tinha feito quando viu Evie a sangrar no chão. Robin também nunca saberia que Griffin, ao contrário dele, não tivera nenhuma coorte na qual se apoiar depois do seu ato, ninguém para o ajudar a absorver o choque daquela violência. E, então, ele engolira-o, enrolando-se em torno dele, tornando-o parte de si mesmo — e enquanto para outros isso poderia ter sido o primeiro passo no caminho para a loucura, Griffin Lovell, em vez disso, afinara essa capacidade para matar, tornando-a uma arma aguçada e necessária.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

R

*E só eu fiquei de tudo o que viveu,
Preso nesta convicção estreita e horrível.*

THOMAS LOVELL BEDDOES, *Death's Jest-Book*

Robin não se lembrava de como tinham escapado sem serem vistos do Castelo de Oxford. A sua mente desaparecera com a morte de Griffin. Ele não conseguia tomar decisões e mal conseguia registar onde estava. O máximo que conseguia fazer era pôr um pé diante do outro, seguindo cegamente Victoire para onde quer que ela os levasse: para florestas, por entre arbustos e silvas, descendo as margens de um rio, onde esperaram encolhidos na lama, enquanto cães passavam a correr e a latir, e depois subindo por uma estrada sinuosa até ao centro da cidade. Só quando estavam de volta a um ambiente familiar, quase nas sombras de Babel e da Biblioteca Radcliffe, é que ele encontrou a presença de espírito para notar para onde se dirigiam.

— Isto não é um pouco perto? — perguntou ele. — Não deveríamos tentar o canal...?

— O canal não — sussurrou Victoire. — Levar-nos-ia diretamente para a esquadra.

— Mas por que não estamos a ir para os Cotswolds? — Ele não sabia porque é que a sua mente se tinha fixado nos Montes Cotswold, a noroeste de Oxford, repletos de planícies e florestas ondulantes e vazias. Parecia o sítio natural para onde fugir. Talvez o tivesse lido num romance de terror em tempos e, desde então, presumira que os Cotswolds eram um local para fugitivos. Pareciam, sem dúvida, melhores do que o coração de Oxford.

— Eles vão estar à nossa procura nos Cotswolds — disse Victoire.
— Estão à espera de que fujamos e vão ter cães a vasculhar os

bosques. Mas há uma casa segura perto do centro da cidade...

— Não, não podemos... eu entreguei essa. O Lovell sabia, portanto, o Playfair também deve saber...

— Há outra. O Anthony mostrou-me. Fica perto da Biblioteca Radcliffe. Há uma entrada em túnel nas traseiras do Vaults. Segue-me.

Robin podia ouvir cães a ladrar à distância enquanto se aproximavam do pátio da Radcliffe. A polícia devia ter lançado uma caça ao homem por toda a cidade; havia, com certeza, homens e cães a vasculhar todas as ruas em busca deles. No entanto, de repente e de modo absurdo, ele não sentiu nenhuma urgência em fugir. Eles tinham a barra *wúxíng* de Griffin à mão; podiam desaparecer a qualquer momento.

E Oxford à noite ainda era tão serena, ainda parecia um lugar onde estavam seguros, onde a prisão era impossível. Ainda parecia uma cidade esculpida no passado; de antigos pináculos, campanários e torreões; de luas suaves sobre pedras velhas e calçadas gastas. Os seus edifícios ainda eram reconfortantemente pesados, sólidos, antigos e eternos. As luzes que brilhavam pelas janelas em arco ainda prometiam calor, livros antigos e chá quente no interior; ainda sugeriam a vida idílica de um académico, onde as ideias eram diversões abstratas que podiam ser discutidas sem consequências.

Mas o sonho fora destruído. Esse sonho fora sempre baseado numa mentira. Nenhum deles tivera alguma vez a hipótese de pertencer realmente ali, pois Oxford queria apenas um tipo de académico, o tipo nascido e criado para percorrer os cargos de poder que a universidade tinha criado para si mesma. Todos os outros eram mastigados e descartados. Aqueles edifícios imponentes tinham sido construídos com as moedas da venda de escravos, e a prata que os mantinha a funcionar vinha manchada de sangue das minas de Potosí. Tinha sido fundida em forjas sufocantes, onde os trabalhadores nativos recebiam uma ninharia, antes de atravessar o Atlântico em navios para ser moldada por tradutores arrancados aos seus países, roubados para virem para esta terra distante sem nunca serem verdadeiramente autorizados a voltar para casa.

Ele tinha sido tão tolo por pensar que poderia construir uma vida ali. Não havia forma de estar nos dois lados; ele sabia disso agora. Não era possível ir e vir entre dois mundos, ver e não ver, tapando alternadamente os olhos como uma criança a brincar. Ou fazia parte da instituição, um dos tijolos que a sustentavam, ou não fazia.

Os dedos de Victoire envolveram os dele.

— Não há como a redimir, pois não? — perguntou ele.

Ela apertou-lhe a mão.

— Não.

O erro deles tinha sido tão óbvio. Tinham presumido que Oxford poderia não os trair. A sua dependência de Babel era arraigada, inconsciente. Em algum nível, ainda acreditavam que a universidade e o seu estatuto como académicos poderia protegê-los. Tinham presumido, apesar de todas as indicações em contrário, que aqueles com mais a ganhar com a expansão contínua do Império poderiam decidir fazer o que era correto.

Panfletos. Tinham pensado que poderiam vencer com panfletos.

Ele quase se riu do absurdo. O poder não estava na ponta de uma caneta. O poder não trabalhava contra os seus próprios interesses. O poder só poderia ser subjugado por atos de desafio que não conseguisse ignorar. Com força bruta e inabalável. Com violência.

— Acho que o Griffin tinha razão — murmurou Robin. — Teria sempre de ser a torre. Temos de tomar a torre.

— Hum. — Os lábios de Victoire curvaram-se; os dedos dela apertaram-se em redor dos dele. — Como é que queres fazer isso?

— Ele disse que seria fácil. Disse que eram académicos e não soldados. Disse que tudo o que precisamos é de uma arma. Talvez uma faca.

Ela riu-se amargamente.

— Acredito.

Era apenas uma ideia, um desejo mais do que tudo, mas era um começo. E criou raízes e cresceu dentro deles, desenrolando-se até se tornar menos uma fantasia ridícula e mais uma questão de logística, de como e quando.

Por toda a cidade, os estudantes dormiam profundamente. Ao lado deles, tomos de Platão, Locke e Montesquieu esperavam para

serem lidos, discutidos e argumentados com gestos; direitos teóricos como a liberdade seriam debatidos entre aqueles que já os usufruíam — conceitos ultrapassados que, depois das cerimónias de formatura dos que os estudavam, seriam prontamente esquecidos. Aquela vida e todas as suas preocupações pareciam-lhe uma loucura agora; ele não conseguia acreditar que já houvera um tempo em que as suas maiores preocupações eram a cor da gravata a encomendar na Randall's e que insultos gritar às casas flutuantes que monopolizavam o rio durante os treinos de remo. Todas essas distrações banais, frívolas e triviais tinham sido construídas sobre uma base de crueldade contínua e inimaginável.

Robin olhou para a silhueta de Babel recortada no luar, para o ligeiro brilho prateado lançado pelos seus muitos reforços. Teve uma visão repentina e muito clara da torre em ruínas. Queria que ela se desfizesse. Queria que, por uma vez, sentisse a dor que tornara possível a sua existência rarefeita.

— Eu quero que se desmorone.

A garganta de Victoire pulsou e ele sabia que ela estava a pensar em Anthony, nos tiros, nos destroços da Biblioteca Velha.

— Eu quero que arda.

LIVRO V



INTERLÚDIO

Letty

Letitia Price não era uma pessoa má. Dura, talvez. Fria, direta, severa: todas as palavras que alguém poderia usar para descrever uma rapariga que exigia do mundo as mesmas coisas que um homem exigiria. Mas só porque a severidade era a única maneira de conseguir que as pessoas a levassem a sério, porque era melhor ser temida e antipática do que ser considerada um animal de estimação doce, bonito e estúpido; e porque o mundo académico respeitava o aço, tolerava a crueldade, mas nunca aceitaria a fraqueza.

Letty lutara e esforçara-se por tudo o que tinha. Oh, ninguém o saberia olhando para ela, esta bela rosa inglesa, a filha de um almirante criada numa propriedade de Brighton com meia dúzia de criados à mão e duzentas libras por ano para quem casasse com ela. *A Letitia Price tem tudo*, diziam as raparigas feias e ciumentas nos bailes londrinos. Mas Letty nascera depois de um rapaz, Lincoln, a luz dos olhos do seu pai. Ao mesmo tempo, o seu pai, o almirante, mal suportava olhar para ela, pois quando o fazia, tudo o que via era uma sombra da falecida, a frágil Sra. Amelia Price, morta durante o parto num quarto molhado de sangue que cheirava a oceano.

— Eu não te culpo — dissera-lhe ele, tarde, uma noite, depois de muito vinho. — Mas entenderás, Letitia, se eu preferir que desapareças da minha presença.

Lincoln nascera para Oxford e Letty para um casamento precoce. Lincoln recebera uma rotação de professores, todos antigos alunos de Oxford que não tinham conseguido obter uma paróquia algures, além de canetas elegantes, papel de carta creme e livros grossos e brilhantes nos aniversários e nos natais. Quanto a Letty, bem, a

opinião do seu pai sobre a alfabetização das mulheres era que elas precisavam apenas de saber assinar a certidão de casamento.

Mas era Letty quem tinha o talento para os idiomas, quem absorvia o grego e o latim com a mesma facilidade com que absorvia o inglês. Ela aprendeu lendo sozinha e sentando-se com o ouvido encostado à porta durante as sessões de estudo de Lincoln. A sua mente formidável retinha a informação como uma armadilha de aço. Ela guardava as regras gramaticais da mesma forma que outras mulheres guardavam rancores. Abordava a linguagem com um rigor matemático e determinado e decompunha as construções latinas mais espinhosas com pura força de vontade. Era Letty quem ajudava o irmão noite dentro quando ele não se conseguia lembrar das suas listas de vocabulário, era ela quem terminava as suas traduções e corrigia as suas redações quando ele ficava aborrecido e ia andar a cavalo ou caçar ou o que quer que os rapazes fizessem ao ar livre.

Se os seus papéis tivessem sido invertidos, ela teria sido aclamada como um génio. Teria sido o próximo *Sir William Jones*.

Mas isso não estava no seu futuro. Ela tentou ficar feliz por Lincoln, projetar as suas esperanças e sonhos no irmão como tantas mulheres daquela época faziam. Se Lincoln se tornasse um professor de Oxford, talvez ela se pudesse tornar sua secretária. Mas a mente dele era uma parede de tijolos. Ele odiava as aulas; desprezava os professores. Achava as suas leituras aborrecidas. Tudo o que sempre quisera era estar ao ar livre; não conseguia ficar parado diante de um livro durante mais de um minuto sem começar a ficar inquieto. E ela não o conseguia entender — porque é que alguém com tais oportunidades rejeitaria a hipótese de as *usar*.

— Se eu estivesse em Oxford, leria até os meus olhos sangrarem — disse-lhe ela.

— Se tu estivesses em Oxford — disse Lincoln —, o mundo iria tremer.

Ela adorava o irmão, adorava mesmo, mas não suportava a sua ingratidão, o modo como ele desprezava todos os presentes que o mundo lhe dera. E quase pareceu fazer-se justiça quando, afinal, se descobriu que Lincoln se encaixava muito mal em Oxford. Os seus

professores em Balliol escreveram ao Almirante Price com queixas sobre bebida, jogos de azar e noitadas depois do toque de recolher. Lincoln escreveu para casa a pedir dinheiro. As suas cartas para Letty eram breves, tentadoras, oferecendo vislumbres de um mundo que ele claramente não apreciava — *as aulas um tédio, nem sequer vou, não durante a temporada de remo, pelo menos; devias vir ver-nos no Bumps na próxima primavera*. No início, o Almirante Price considerou aquilo natural, uma fase normal do crescimento. Os jovens quando viviam longe de casa pela primeira vez demoravam sempre algum tempo para se ajustarem — e porque é que não deveriam divertir-se um pouco? Lincoln pegaria nos livros com o tempo.

Mas as coisas pioraram. As notas de Lincoln nunca melhoraram. As cartas dos seus professores eram agora menos pacientes, mais ameaçadoras. Quando Lincoln veio a casa nas férias, durante o seu terceiro ano, algo mudara. Letty percebeu que se instalara uma podridão. Algo permanente, escuro. O rosto do irmão estava inchado, o seu discurso era lento, mordaz e amargo. Ele mal disse uma palavra a qualquer um deles durante as férias. Passava as tardes sozinho no seu quarto, a beber uma garrafa de uísque. À noite, saía e só voltava de madrugada ou discutia com o pai e, embora os dois trancassem a porta do escritório, as suas vozes furiosas podiam ouvir-se em todos os cantos da casa. *És uma desgraça*, dizia o Almirante Price. *Eu odeio estar lá*, dizia Lincoln. *Não sou feliz. E este é o seu sonho, não o meu*.

Por fim, Letty decidiu confrontá-lo. Quando Lincoln saiu do escritório naquela noite, ela estava no corredor, à espera.

— Para onde estás a olhar? — rosnou ele. — Vieste para te vangloriar?

— Estás a partir-lhe o coração — disse ela.

— Tu não te importas com o coração dele. Tens é inveja.

— Claro que tenho inveja. Tu tens tudo. *Tudo*, Lincoln. E não entendo o que te leva a esbanjares tudo. Se os teus amigos são uns chatos, deixa-os. Se as disciplinas são difíceis, eu ajudo-te — vou contigo, revejo todos os trabalhos que escreveres...

Mas ele estava a cambalear, de olhos desfocados, mal a ouvindo.

— Vai-me buscar um conhaque.

— Lincoln, *que se passa contigo?*

— Oh, não me julgues. — Os lábios dele curvaram-se. — A honrada Letty, a brilhante Letty, que devia estar em Oxford se não fosse pelo que lhe falta entre as pernas...

— Dás-me nojo.

Lincoln apenas se riu e virou-se.

— Não voltes para casa — gritou ela atrás dele. — Era melhor se desaparecesses. Era melhor se morresses.

Na manhã seguinte, um polícia bateu à porta e perguntou se aquela era a residência do Almirante Price e se ele os poderia acompanhar, por favor, para identificar um corpo. O condutor não o vira, disseram. Nem sequer sabia que ele estava debaixo da carroça e só dera por isso de manhã, quando os cavalos se assustaram. Estava escuro, chovia e Lincoln andava a deambular bêbado pela estrada — o almirante poderia processar, como era seu direito, mas eles duvidavam de que o tribunal ficasse do seu lado. Fora um acidente.

Depois daquilo, Letty temeria e maravilhar-se-ia sempre com o poder de uma única palavra. Ela não precisava de barras de prata para provar que dizer algo podia torná-lo verdade.

Enquanto o pai se preparava para o funeral, Letty escreveu aos professores de Lincoln e incluiu algumas composições da sua autoria.

Depois de a admitirem, ainda sofreu mil e uma humilhações em Oxford. Os professores falavam com ela como se fosse estúpida. Os empregados das lojas tentavam espreitar-lhe pela camisa. Tinha de fazer uma caminhada irritantemente longa para ir às aulas porque o corpo docente obrigava as mulheres a viverem num edifício a quase três quilómetros para norte e onde a senhoria parecia confundir as suas inquilinas com criadas e gritava-lhes se elas se recusassem a varrer. Os académicos ignoravam-na nas festas do corpo docente, enquanto apertavam a mão a Robin ou a Ramy, e se ela dissesse alguma coisa, eles fingiam que ela não existia. Se Ramy corrigisse um professor, era ousado e brilhante; se Letty fizesse o mesmo era irritante. Se quisesse levar um livro da Bodleian precisava da

presença de Ramy ou Robin para lhe darem autorização. Se quisesse andar sozinha e sem medo à noite, tinha de se vestir e caminhar como um homem.

Nada daquilo fora uma surpresa. Ela era, afinal, uma estudante feminina num país cuja palavra para loucura derivava da palavra para útero. Era irritante. Os seus amigos estavam sempre a falar da discriminação que enfrentavam enquanto estrangeiros, mas porque é que ninguém se importava com o facto de Oxford ser igualmente cruel para com as mulheres?

Mas, apesar de tudo isso, olhem para eles — estavam aqui, estavam a prosperar, a desafiar as probabilidades. Tinham entrado no castelo. Tinham um lugar aqui, onde podiam transcender o seu nascimento. Tinham, se a aproveitassem, a oportunidade de se tornarem exceções celebradas. Então, porque é que não deveriam estar infalível e desesperadamente gratos?

Mas de repente, depois de Cantão, eles começaram todos a falar numa língua que ela não conseguia entender. De repente, Letty estava do lado de fora e ela não o conseguia suportar. Não conseguia decifrar o código por mais que tentasse, porque sempre que perguntava, a resposta era sempre *Não é óbvio, Letty? Não vêes?* Não, ela *não* via. Ela achava os princípios deles absurdos, o cúmulo da tolice. Ela pensava que o Império era inevitável. O futuro era imutável. E a resistência era inútil.

As convicções deles desconcertavam-na — porque é que alguém se atiraria contra uma parede de tijolos, perguntava-se ela?

Ainda assim, ela ajudara-os, protegera-os e guardara os seus segredos. Ela amava-os. Teria matado por eles. E tentou não acreditar nas piores coisas sobre eles, as coisas que a sua educação a teria feito pensar. Eles não eram selvagens. Não eram inferiores, nem ingratos de mentes fracas. Estavam apenas — infelizmente, terrivelmente — equivocados.

Mas oh, como ela odiava vê-los a cometer os mesmos erros que Lincoln cometera.

Porque é que não conseguiam ver como eram afortunados? Terem permissão para entrar naqueles salões sagrados, serem retirados das suas origens esqueléticas e elevados às alturas deslumbrantes

do Real Instituto de Tradução! Todos eles tinham lutado com unhas e dentes para conseguirem uma vaga numa das salas de aulas de Oxford. Ela sentia-se deslumbrada com a sua sorte sempre que se sentava na Bodleian, folheando livros que, sem os seus Privilégios de Tradutora, não poderia ter solicitado das estantes. Letty tinha desafiado o destino para chegar aqui; todos eles tinham.

Então, porque é que isso não era suficiente? Eles tinham vencido o sistema. Porque é que, em nome de Deus, queriam tanto destruí-lo também? Porquê morder a mão que os alimentava? Porquê deitar tudo fora?

Mas havia coisas mais importantes em jogo, tinham-lhe eles dito (de modo condescendente, paternalista; como se ela fosse uma criança, como se não soubesse nada). É uma questão de injustiça global, Letty. A pilhagem do resto do mundo.

Ela tentou novamente pôr os seus preconceitos de lado, manter a mente aberta, perceber o que os incomodava tanto. Repetidas vezes viu a sua ética questionada e reiterou as suas posições, como que provando que não era de facto uma má pessoa. Claro que não apoiava esta guerra. Claro que era contra todo o tipo de preconceitos e exploração. Claro que estava do lado dos abolicionistas.

Claro que poderia apoiar um *lobby* em busca de mudanças, desde que fosse pacífico, respeitável e civilizado.

Mas, então, eles começaram a falar de chantagem, de raptos, de tumultos, da explosão de um estaleiro. Aquilo era vingativo, violento, horrível. E ela não conseguia suportar ver aquele horrível Griffin Lovell a falar, com aquele brilho deliciado nos olhos, e ver Ramy, o seu Ramy, a acenar com a cabeça. Ela não podia acreditar no que ele se tinha tornado. No que todos eles se tinham tornado.

Já não era terrível o suficiente terem encoberto um assassínio? Será que tinha de ser cúmplice de vários outros?

Foi como acordar, como ser encharcada com água fria. Que estava ela a fazer ali? Que estava ela a *facilitar*? Esta não era uma luta nobre, era apenas uma ilusão partilhada.

Não havia futuro neste caminho. Ela via isso agora. Fora enganada, persuadida a continuar nesta farsa repugnante, mas

aquilo só terminaria de duas maneiras: na prisão ou no carrasco. E ela era a única ali que não estava demasiado louca para o conseguir ver. E embora isso a matasse, tinha de agir com determinação — pois se não podia salvar os seus amigos, pelo menos tinha de se salvar a si mesma.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

R

O colonialismo não é uma máquina capaz de pensar, um corpo dotado de razão. É uma violência nua e só cede diante de uma violência maior.

FRANTZ FANON, *Os Condenados da Terra*, trad. Richard Philcox

Uma porta escondida ao lado cave de abastecimentos da Vaults & Garden revelou um túnel apertado escavado na terra, grande o suficiente para eles se espremerem através dele de gatas. Parecia interminável. Eles avançaram centímetro a centímetro, tateando sem ver. Robin desejou ter uma luz, mas eles não tinham nenhuma vela, nem galhos ou pederneira; só podiam confiar na palavra de Anthony e rastejar, ouvindo a sua respiração ofegante a ecoar em redor deles. Por fim, o teto do túnel subiu e uma lufada de ar frio banhou-lhes a pele húmida. Eles apalpam a parede de terra até encontrarem uma porta e depois uma maçaneta. Abriram-na e encontraram uma pequena sala de teto baixo, iluminada pela luz da Lua que entrava por uma pequena grade mais acima.

Eles entraram e pestanejaram olhando em redor.

Alguém estivera ali recentemente. Sobre a mesa havia um pão, tão fresco ainda que continuava macio ao toque. Ao lado havia uma vela meio derretida. Victoire vasculhou as gavetas até encontrar uma caixa de fósforos e depois ergueu a vela acesa para ver o quarto.

— Então, era aqui que o Griffin se escondia.

A sala segura parecia estranhamente familiar a Robin, embora ele demorasse um momento para perceber porquê. A disposição do quarto — a secretária debaixo da janela gradeada, a cama de armar encaixada no canto, as estantes duplas na parede oposta — correspondia na perfeição ao quarto de Magpie Lane. Aqui, por

baixo de Oxford, Griffin tentara — conscientemente ou não — recriar os seus dias de faculdade.

— Achas que estamos seguros aqui esta noite? — perguntou Robin. — Quero dizer... achas...

— Não parece mexido. — Victoire sentou-se cautelosamente na beira da cama. — Acho que o teriam destruído se soubessem da existência dele.

— Acho que tens razão. — Ele sentou-se ao lado dela. Só agora sentia a exaustão a subir-lhe pelas pernas e invadindo-lhe o peito. Toda a adrenalina da fuga tinha desaparecido, agora que estavam seguros, escondidos no ventre da terra. Ele queria cair para o lado e nunca mais acordar.

Victoire inclinou-se sobre o lado da cama, onde havia um barril com o que parecia ser água fresca. Ela deitou um pouco sobre uma camisa amarfanhada e entregou-a a Robin.

— Limpa-te.

— O quê?

— Tens sangue — disse ela suavemente. — Tens sangue por todo o lado.

Ele ergueu os olhos e, pela primeira vez desde a fuga, olhou verdadeiramente para ela.

— *Tu* tens sangue por todo o lado.

Sentaram-se lado a lado e limparam-se em silêncio. Estavam cobertos por uma espantosa quantidade de sujidade; usaram uma camisa cada um e depois outra. De alguma forma, o sangue de Griffin estava não só nas mãos e braços de Robin, mas também nas suas faces, atrás das orelhas e na cavidade onde o pescoço se encontrava com as orelhas, endurecido sob camadas de poeira e sujidade.

Eles revezaram-se a limpar o rosto um do outro. O ato simples e tátil soube bem; deu-lhes algo no qual se concentrarem, distraíndo-os de todas as palavras que pairavam pesadas e não ditas. Era bom não tentar dar-lhes voz. Eles não as conseguiam articular de qualquer maneira; não eram pensamentos individuais, mas sim nuvens negras e sufocantes. Estavam ambos a pensar em Ramy, Griffin, Anthony e em todos os outros que tinham sido arrancados

abrupta e brutalmente deste mundo. Mas não podiam tocar nesse abismo de dor. Ainda era demasiado cedo para lhe darem um nome, para o moldarem e domarem com palavras, e qualquer tentativa esmagá-los-ia. Só podiam limpar o sangue da pele e tentar continuar a respirar.

Por fim, deitaram os trapos sujos para o chão e encostaram-se à parede, apoiados um no outro. O ar húmido era frio e não havia lareira. Sentaram-se juntos, enrolando o cobertor fino em redor dos ombros. Passou-se bastante tempo até que qualquer um deles falasse.

— Que achas que devemos fazer agora? — perguntou Victoire.

Era uma pergunta tão pesada, proferida numa voz tão baixa. Que *poderiam* eles fazer agora? Tinham falado em fazer arder Babel, mas de que modo é que isso poderia estar ao alcance deles? A Biblioteca Velha fora destruída. Os seus amigos estavam mortos. Todos os que eram mais ousados e melhores do que eles estavam mortos. No entanto, eles os dois ainda estavam aqui e era seu dever garantir que os seus amigos não tinham morrido em vão.

— O Griffin disse que tu sabias o que fazer — disse Robin. — Que é que ele quis dizer?

— Só que encontraríamos aliados — sussurrou Victoire. — Que se conseguíssemos chegar à sala segura teríamos mais amigos do que aqueles que sabemos.

— Já chegámos. — Robin gesticulou inutilmente em volta. — Está vazia.

Victoire levantou-se.

— Ah, não sejas assim.

Começaram a vasculhar a sala em busca de pistas. Victoire ficou com o armário, Robin a secretária. Dentro das gavetas havia pilhas e mais pilhas de notas e cartas de Griffin. Ele ergueu-as diante da vela bruxuleante, semicerrando os olhos. Robin sentia o peito doer-lhe ao ler a caligrafia de Griffin em inglês — um estilo apertado e garatujado tão semelhante ao de Robin e ao do pai de ambos. Aquelas cartas, todas aquelas linhas estreitas, nítidas e apinhadas, indicavam um escritor frenético, embora meticuloso, e eram um vislumbre de uma versão de Griffin que Robin nunca conhecera.

E a rede de Griffin era muito mais vasta do que ele suspeitara. Robin viu correspondência endereçada a destinatários em Boston, Nova Iorque, Cairo e Singapura. Mas os nomes eram sempre codificados, sempre referências literárias óbvias como «Sr. Pickwick» e «Rei Ahab» ou nomes tão genericamente ingleses, como «Sr. Brown» e «Sr. Pink», que não podiam de modo nenhum ser verdadeiros.

— Hum. — Victoire ergueu um pequeno quadrado de papel diante os olhos, franzindo a testa.

— Que é isso?

— É uma carta. Endereçada a ti.

— Posso ver?

Ela hesitou um momento antes de lhe entregar. O envelope era fino e estava lacrado. Ali, no verso, estava o nome dele, *Robin Swift*, rabiscado na caligrafia forte de Griffin. Mas quando é que ele encontrara tempo para escrever aquilo? Não podia ter sido depois de Anthony os ter levado para a Hermes; Griffin não sabia onde eles estavam nessa altura. Só poderia ter sido escrito depois de Robin ter cortado os laços com a Hermes, depois de Robin ter declarado que não queria ter nada que ver com o irmão.

— Vais lê-la? — perguntou Victoire.

— Eu... acho que não consigo. — Ele devolveu-lha. Sentia-se apavorado com o conteúdo; o simples ato de segurar a carta na mão fizera disparar a sua respiração. Ele não conseguia enfrentar o julgamento do irmão. Não agora. — Podes guardá-la para mim?

— E se for algo que possa ajudar?

— Acho que não é — disse Robin. — Acho... tem de ser outra coisa. Por favor, Victoire, podes lê-la mais tarde, se quiseres, mas eu não consigo vê-la agora.

Ela hesitou, mas depois dobrou-a e colocou-a no seu bolso interior.

— Claro.

Eles voltaram a vasculhar os pertences de Griffin. Além das cartas, Griffin mantinha uma coleção impressionante de armas — facas, garrotes, várias barras de prata e pelo menos três pistolas. Robin recusou tocar-lhes; Victoire examinou a coleção, passando os dedos pelos canos, antes de selecionar uma e enfiá-la no cinto.

— Sabes usar isso? — perguntou ele.

— Sim — disse ela —, o Anthony ensinou-me.

— És uma rapariga maravilhosa, tu. Cheia de surpresas.

Ela fungou uma risada.

— Oh, tu é que não estavas a prestar atenção.

Mas não havia nenhuma lista de contactos, nenhuma pista de outras casas seguras ou possíveis aliados. Griffin tinha envolvido tudo em código, tinha criado uma rede tão invisível que após a sua morte nunca poderia ser reconstruída.

— Que é aquilo? — Victoire apontou.

Em cima da estante, empurrado tão para trás que estava quase escondido, havia uma lamparina.

Robin estendeu a mão para ela, esperando loucamente... Sim, ali estava, o brilho familiar da prata embutida no fundo. *O farol*, tinha gritado Anthony. Ele pensou na queimadura na mão de Griffin, no modo como Griffin soubera, mesmo a quilómetros de distância, que tinha acontecido algo terrível.

Ele virou-a, semicerrando os olhos. 燎. *Liáo*.

Griffin tinha feito aquilo. *Liáo*, em mandarim, podia significar «queimar» ou «iluminar». Também se podia referir a uma lâmpada de sinalização. Havia uma segunda barra de prata mais pequena inscrita acima da primeira. *Bēacen*, dizia. Parecia latim, mas, vasculhando a memória, Robin não conseguiu descobrir o seu significado ou origem exatos. Germânico, talvez?¹²⁷

Ainda assim, ele conseguia vagamente adivinhar a função da lamparina. Era assim que a Hermes comunicava. Eles enviavam sinais através do fogo.

— Como é que achas que funciona? — perguntou Victoire.

— Talvez estejam todas ligadas, de alguma forma. — Ele passou-lha. — Foi assim que o Griffin soube que estávamos com problemas, devia ter uma com ele.

— Mas quem mais terá uma? — Ela virou-a nas mãos, passando os dedos pelo pavio enrugado. — Quem é que achas que está do outro lado?

— Amigos, espero. Que achas que lhes devemos dizer?

Ela pensou por um momento.

— Um apelo às armas.

Ele olhou para ela.

— Vamos mesmo fazer isto?

— Não vejo que outra escolha temos.

— Sabes, há um provérbio chinês que diz *sǐ zhū bú pà kāi shuǐ tàn*.¹²⁸ Porcos mortos não temem a água a esquentar.

Ela ofereceu-lhe um sorriso pálido.

— Perdido por cem, perdido por mil.

— Somos condenados a caminho da força.

— Mas é isso que nos torna assustadores. — Ela pousou a lâmpada entre eles. — Não temos mais nada a perder.

Eles vasculharam a mesa em busca de papel e caneta e depois começaram a redigir a sua mensagem. O óleo que restava na lamparina parecia perigosamente pouco e o pavio fora reduzido a um toco. A mensagem teria de ser o mais sucinta e inequívoca possível. Não poderia haver forma de alguém duvidar do que eles queriam dizer. Quando concordaram com o que dizer, Victoire aproximou a vela da lamparina. Houve uma tremulação hesitante, depois um som sibilante súbito e chamas com mais de trinta centímetros saltaram e dançaram diante dos seus olhos.

Eles não tinham a certeza de qual seria a mecânica do farol. Robin tinha dito o par-correspondente em mandarim em voz alta, mas eles apenas podiam esperar que o segundo e misterioso par-correspondente tivesse sido criado para fazer durar o efeito. Criaram uma lista exaustiva de todos os métodos de que se lembraram e experimentaram-nos. Recitaram a mensagem para a chama. Bateram palmas em código Morse. Repetiram o código enfiando dessa vez uma haste de metal na chama, de modo que ela tremulasse a cada ponto e traço. Finalmente, quando o óleo começou a borbulhar, colocaram o papel na lamparina.

O efeito foi imediato. O fogo triplicou de tamanho e longas línguas estenderam-se para fora, enrolando-se em redor do papel como uma criatura demoníaca a devorar as palavras deles. O papel não ardeu nem se desfez; desapareceu simplesmente. Um momento

depois, o óleo acabou, as chamas extinguiram-se e a sala escureceu.

— Achas que funcionou? — perguntou Victoire.

— Não sei. Não sei se está sequer alguém a ouvir. — Robin pousou a lamparina. Sentia-se insuportavelmente cansado, com os membros pesados como chumbo. Não sabia o que é que eles tinham acabado de pôr em movimento. Parte dele não queria descobrir, queria enrolar-se neste espaço fresco e escuro e desaparecer. Mas sabia que tinha o dever de terminar o trabalho e, quando o amanhã chegasse, reuniria todas as forças que lhe restassem para o enfrentar. Mas, por enquanto, queria dormir como um morto. — Acho que vamos ver.

R

Ao raiar do dia, atravessaram furtivamente a cidade até à Biblioteca Velha. Havia dezenas de polícias estacionados em redor do edifício — talvez estivessem à espera, para ver se alguém era tolo o suficiente para voltar. Robin e Victoire saíram cautelosamente da floresta atrás do pátio. Era estúpido, sim, mas eles não tinham conseguido resistir ao impulso de contabilizar os danos. Esperavam poder ter uma oportunidade de entrar e recuperar alguns mantimentos, mas a presença da polícia era demasiado forte para o conseguirem.

Então, em vez disso, vieram apenas como testemunhas, pois, apesar dos riscos, alguém tinha de se lembrar do cenário da traição. Alguém tinha de registar a perda.

A Biblioteca Velha fora totalmente destruída. A parte de trás tinha sido toda rebentada, como uma ferida aberta que expunha o interior nu da biblioteca de uma forma que parecia cruel e humilhante. As prateleiras estavam meio vazias. Os livros que não tinham sido queimados nas explosões tinham sido empilhados em carrinhos de mão em redor do prédio para serem levados, presumiu Robin, para serem analisados pelos académicos de Babel. Ele duvidava de que a maior parte daquele trabalho alguma vez visse a luz do dia.

Toda aquela investigação maravilhosa e original seria escondida nos arquivos imperiais por medo do que poderia inspirar.

Só quando ele se aproximou é que viu que os corpos ainda jaziam nos escombros. Viu um braço pálido, meio enterrado debaixo dos tijolos caídos. Viu uma fivela de sapato presa a uma canela carbonizada. Perto de um dos lados da Biblioteca Velha, viu uma massa de cabelo preto coberto de poeira. Virou-se antes de poder vislumbrar o rosto abaixo.

— Eles não retiraram os corpos. — Sentia-se tonto.

Victoire levou a mão à boca.

— Oh, meu Deus.

— Eles não retiraram os corpos...

Ele levantou-se. Não sabia o que pretendia fazer — puxá-los para a floresta um por um? Cavar as suas sepulturas ao lado da biblioteca? Colocar um pano, pelo menos, sobre os seus olhos abertos e arregalados? Ele não sabia, só que parecia completamente errado deixá-los ali, expostos e vulneráveis.

Mas Victoire já o estava a puxar para trás das árvores.

— Não podemos, tu sabes que não podemos...

— Mas eles estão deitados ali... o Anthony, o Vimal, o *Ramy*...

Eles não os tinham levado para a morgue. Nem sequer os tinham coberto. Tinham simplesmente deixado os mortos ali caídos, a sangrar pelos tijolos e páginas, contornando-os simplesmente enquanto escavavam a biblioteca. Seria esta a sua vingança mesquinha, uma retribuição por uma vida inteira de inconveniência? Ou será que simplesmente não se importavam?

O mundo tem de quebrar, pensou ele. *Alguém tem de responder por isto. Alguém tem de sangrar*. Mas Victoire puxou-o de volta pelo caminho por onde tinham vindo e a força com que ela o agarrava foi a única coisa que o impediu de correr para a luta.

— Não há nada aqui para nós — sussurrou ela. — Está na hora, Robin. Temos de ir.

Eles tinham escolhido um bom dia para a revolução.

Era o primeiro dia de aulas e um dos raros dias em Oxford em que o tempo estava enganosamente maravilhoso; quando o calor

prometia mais sol e alegria do que a chuva implacável e o granizo que o período de Santo Hilário inevitavelmente trazia. Por todo o lado, o céu estava completamente azul e límpido e havia no ar uma sugestão fresca das brisas de primavera. Todos estariam lá dentro hoje — professores, investigadores e alunos — e a receção da torre estaria vazia de clientes, pois este ano Babel estava fechada durante a primeira semana do período para serem colocadas estantes novas e para renovações. Nenhum civil seria apanhado no fogo cruzado.

A questão, então, era como entrar na torre.

Eles não podiam ir simplesmente até à porta da frente e entrar. Os seus rostos estavam estampados em todos os jornais de Londres e alguns dos académicos deviam saber, com certeza, ainda que toda a situação tivesse sido encoberta em Oxford. A porta da frente ainda era vigiada por meia dúzia de polícias e, sem dúvida, o Professor Playfair já teria destruído os frascos de sangue que marcavam a sua pertença.

Ainda assim, eles tinham três vantagens à sua disposição: a distração *explōdere* de Griffin, a barra de invisibilidade e o facto de as proteções em redor da porta terem sido construídas para manter os materiais no interior e não fora. Este último facto era apenas uma teoria, mas uma teoria forte. Tanto quanto eles sabiam, as proteções só tinham sido ativadas à saída, não à entrada. Os ladrões tinham entrado sempre sem problemas, desde que alguém mantivesse a porta aberta; sair é que era problema.¹²⁹

E se eles fizessem o que se tinham proposto a fazer aqui hoje, não iriam deixar a torre durante muito tempo.

Victoire respirou fundo.

— Preparado?

Não havia outra maneira. Eles tinham dado voltas à cabeça a noite toda sem sucesso. Não havia nada a fazer agora a não ser agir.

Robin assentiu.

— *Explōdere* — sussurrou ele e arremessou a barra de Griffin através do relvado.

O ar estilhaçou-se. Robin sabia, em teoria, que a barra era inofensiva, mas ainda assim o barulho foi terrível; era o som de cidades a desfazerem-se, pirâmides a desabarem. Ele sentiu uma vontade instintiva de fugir, de encontrar segurança, e, embora soubesse que era apenas a prata a manifestar-se na sua mente, teve de combater o impulso de correr na direção oposta.

— Vamos — insistiu Victoire, puxando-o pelo braço.

Como esperado, a polícia tinha atravessado o relvado; a porta estava a fechar-se atrás de um punhado de académicos. Robin e Victoire correram pelo passeio, contornaram o selo e entraram atrás deles. Robin conteve a respiração quando atravessaram a soleira, mas nenhuma sirene disparou; nenhuma armadilha foi lançada. Estavam no interior; estavam a salvo.

A receção parecia mais cheia do que o habitual. Será que a mensagem deles tinha sido vista? Será que algumas destas pessoas tinham vindo em resposta ao apelo? Ele não tinha forma de saber quem estava com a Hermes e quem não estava; todos os que o fitavam davam-lhe o mesmo aceno desinteressado e educado antes de prosseguirem com os seus assuntos. Parecia tudo tão absurdamente normal. Será que ninguém ali sabia que o mundo estava desfeito?

Do outro lado do salão, o Professor Playfair estava encostado à sacada do segundo andar a conversar com o Professor Chakravarti. O Professor Chakravarti devia ter dito uma piada, pois o Professor Playfair riu-se, abanou a cabeça e olhou para a receção. Encontrou o olhar de Robin e os seus olhos esbugalharam-se.

Robin saltou para cima de uma mesa no centro da receção no instante em que o Professor Playfair correu para as escadas.

— Ouçam-me! — gritou ele.

A torre movimentada não lhe prestou atenção alguma. Victoire subiu para o lado dele, empunhando o sino cerimonial que o Professor Playfair usava para anunciar os resultados dos exames. Ela ergueu-o acima da cabeça e deu-lhe três sacudidelas furiosas. A torre ficou em silêncio.

— Obrigado — disse Robin. — Ah. Bom. Tenho de dizer uma coisa. — A sua mente ficou imediatamente em branco ao ver tantos

rostos a fitá-lo. Durante vários segundos, ele apenas pestanejou, mudo e assustado, até as palavras lhe voltarem finalmente à mente. Ele respirou fundo. — Vamos encerrar a torre.

A Professora Craft abriu caminho até à parte da frente da receção.

— Sr. Swift, em nome de Deus o que está a fazer?

— Espere — disse o Professor Harding. — Você não devia estar aqui, o Jerome disse...

— Há uma guerra a decorrer — exclamou Robin sem pensar. Ele estremeceu quando as palavras lhe saíram da boca; eram muito desajeitadas, pouco persuasivas. Ele tinha preparado um discurso, mas de repente só se conseguia lembrar dos destaques e esses soavam-lhe ridículos quando os dizia em voz alta. Por toda a receção e ao longo das varandas dos andares superiores, ele viu expressões alternadas de ceticismo, divertimento e aborrecimento. Até o Professor Playfair, agora ofegante no fundo das escadas, parecia mais perplexo do que agitado. Robin sentiu-se tonto. Queria vomitar.

Griffin saberia como os incitar. Griffin era o contador de histórias, o verdadeiro revolucionário; ele conseguiria pintar o quadro necessário de expansão imperial, cumplicidade, culpa e responsabilidade com um punhado de frases destruidoras. Mas Griffin não estava aqui e o melhor que Robin conseguia fazer era canalizar o espírito do seu irmão morto.

— O Parlamento está a debater uma ação militar em Cantão. — Ele forçou a sua voz a crescer, a ocupar mais espaço na sala do que nunca. — Não há nenhum pretexto justo, a não ser a ganância das companhias comerciais. Eles estão a planear obrigar os chineses a comprar ópio pela força das armas, e causar um fiasco diplomático durante a viagem da minha coorte foi a desculpa para o fazerem.

Pronto, ele dissera algo que fazia sentido. Em redor da torre, a impaciência mudou para curiosidade, confusão.

— Que é que o Parlamento tem que ver connosco? — perguntou um dos colegas do Departamento Jurídico, Coalbrook, Conway ou algo semelhante.

— O Império Britânico não faz nada sem a nossa ajuda — disse Robin. — Nós escrevemos as barras que alimentam os seus canhões, os seus navios, polimos as facas da dominação e elaboramos os seus tratados. Se retirarmos a nossa ajuda, o Parlamento não poderá avançar para a China...

— Ainda não vejo como é que isso é um problema nosso — disse Coalbrook ou Conway.

— O problema é nosso porque são os nossos professores que estão por trás disso — interrompeu Victoire. A sua voz soava trémula, mas era mais alta e mais segura do que a de Robin. — Estão a ficar sem prata, este país inteiro está com um défice, e alguns dos nossos professores acham que a forma de resolver esse problema é injetando ópio num mercado estrangeiro. Farão qualquer coisa para levar isso adiante e estão a matar as pessoas que tentaram fazer sair a informação. Eles mataram o Anthony Ribben...

— O Anthony Ribben morreu no mar — disse a Professora Craft.

— Não, não morreu — disse Victoire. — Ele estava escondido, a trabalhar para impedir que o Império fizesse exatamente isto. Eles mataram-no na semana passada. E ao Vimal Srinivasan, à Ilse Dejima e à Cathy O'Neil. Vão até Jericho, vão até ao edifício velho atrás da floresta, a seguir à ponte, e verão os escombros, os corpos...

Aquilo provocou murmúrios. Vimal, Ilse e Cathy eram todos muito queridos na faculdade. Os sussurros aumentaram; era óbvio agora que eles não estavam presentes e ninguém sabia dizer onde estavam.

— Eles são loucos — vociferou o Professor Playfair. Recuperara a compostura, como um ator que se recordou das suas falas. Apontou um dedo dramático e acusador para os dois. — Eles são loucos, estão a trabalhar com um bando de ladrões rebeldes, deviam estar na prisão...

Mas aquilo parecia ser ainda mais difícil de engolir para a audiência do que a história de Robin. A voz estrondosa do Professor Playfair, geralmente tão envolvente, teve o efeito contrário fazendo tudo parecer mero teatro. Mais ninguém fazia ideia do que os três

estavam a falar e, visto de fora, parecia que estavam todos a dar um espetáculo.

— Porque é que não nos diz o que aconteceu ao Richard Lovell? — perguntou o Professor Playfair. — Onde é que ele está? Que lhe fizeram?

— O Richard Lovell é um dos arquitetos desta guerra — gritou Robin. — Ele foi para Cantão para obter informações militares de espiões britânicos. Está em contacto direto com Palmerston...

— Mas isso é ridículo — disse a Professora Craft. — Isso não pode ser verdade, isso é...

— Temos documentos — disse Robin. Passou-lhe pela cabeça, então, que aqueles papéis já deviam ter sido destruídos ou confiscados, mas, ainda assim, funcionou como argumento retórico. — Temos citações, provas... está tudo lá. Ele está a planear isto há anos. O Playfair está ao corrente, pergunte-lhe...

— Ele está a mentir — disse o Professor Playfair. — Está a divagar, Margaret, o rapaz enlouqueceu...

— Mas a loucura é incoerente. — A Professora Craft franziu a testa, olhando de um para o outro. — E as mentiras são interesseiras. Esta história não beneficia ninguém, não estes dois com certeza — disse ela, apontando para Robin e Victoire —, e é coerente.

— Garanto-lhe, Margaret...

— Professora. — Robin apelou diretamente para a Professora Craft. — Professora, por favor, ele quer uma guerra, está a planeá-la há anos. Vá ver o gabinete dele. O gabinete do Professor Lovell. Examine os papéis deles. Está tudo lá.

— Não — murmurou a Professora Craft. As suas sobrancelhas franziram-se. Os olhos dela passaram rapidamente por Robin e Victoire e ela pareceu perceber algo; a sua exaustão vazia, talvez, o vergar dos seus ombros ou a dor que lhes penetrava os ossos. — Não, eu acredito em vocês... — Ela virou-se. — Jerome? Você sabia?

O Professor Playfair fez uma pausa momentânea, como se ponderasse se valia a pena tentar manter o fingimento. Então, bufou.

— Não fique tão chocada. Você sabe o que comanda esta torre. Você sabia que o equilíbrio de poder tinha de mudar, sabia que tínhamos de fazer algo em relação ao défice...

— Mas declarar guerra a pessoas inocentes...

— Não finja que é aí que traça o seu limite — disse ele. — Você estava de acordo com tudo o resto; não é como se a China tivesse muito para oferecer ao mundo além dos seus consumidores. Porque é que nós não... — Ele parou. Pareceu ter percebido o seu erro; ele acabara de validar a história deles.

Era demasiado tarde. A atmosfera na torre mudara. O ceticismo evaporara-se. A irritação transformou-se na percepção de que aquilo não era uma farsa, nem um ataque de histeria, mas sim algo real.

O mundo real raramente interferia na torre. Eles não sabiam o que fazer com a informação.

— Nós usamos as línguas de outros países para enriquecer este. — Robin olhou em volta da torre enquanto falava. Não estava a tentar convencer o Professor Playfair, recordou a si mesmo, tinha era de apelar para a sala. — Nós recolhemos tanto conhecimento que não é nosso. O mínimo que podemos fazer é impedir que isto aconteça. É a única ação ética.

— Então, que estão a planear? — perguntou Matthew Houndslow. Não parecia hostil, apenas hesitante, confuso. — Está nas mãos do Parlamento agora, como tu disseste, portanto, como...

— Fazemos greve.

Sim, ele tinha uma base sólida agora; esta era uma pergunta para a qual sabia a resposta. Ele ergueu o queixo e tentou injetar na sua voz toda a autoridade de Griffin e Anthony.

— Fechamos a torre. Deste dia em diante, nenhum cliente entra na receção. Ninguém cria, vende ou mantém barras de prata. Negamos à Grã-Bretanha todos os serviços de tradução até que capitulem. E eles vão capitular porque *precisam* de nós. Precisam de nós mais do que tudo. É assim que vencemos. — Ele fez uma pausa. A sala estava em silêncio. Ele não sabia se os tinha convencido, não sabia se estava a olhar para expressões de compreensão relutante ou incredulidade. — Escutem, se todos nós apenas...

— Mas precisam de dominar a torre. — O Professor Playfair soltou uma risada curta e maldosa. — Quero dizer, teriam de nos subjugar a todos.

— Acho que sim — disse Victoire. — Suponho que é o que estamos a fazer agora.

Seguiu-se uma pausa muito estranha enquanto ocorria lentamente a um edifício cheio de académicos de Oxford que o que quer que acontecesse a seguir era uma questão de força.

— Você. — O Professor Playfair apontou para o aluno mais próximo da porta. — Vá e chame a polícia, deixe-os entrar...

O aluno não se mexeu. Era do segundo ano; Ibrahim, lembrou-se Robin, um estudante árabe do Egito. Parecia incrivelmente jovem, um rapaz com cara de bebé; os alunos do segundo ano eram sempre assim tão novos? Ibrahim olhou para Robin e Victoire e depois outra vez para o Professor Playfair, franzindo a testa.

— Mas, senhor...

— Não — disse a Professora Craft quando um par de alunos do terceiro ano correu de repente para a saída. Um deles empurrou Ibrahim contra uma prateleira. Robin atirou uma barra de prata contra a porta.

— *Explōdere*, explodir. — Um barulho enorme e horrível encheu a receção; um uivo estridente desta vez. Os alunos do terceiro ano afastaram-se da porta como coelhos assustados.

Robin tirou outra barra de prata do bolso da frente e agitou-a acima da cabeça.

— Eu matei o Richard Lovell com isto. — Ele não podia acreditar que aquelas palavras lhe estavam a sair da boca. Não era ele a falar; era o fantasma de Griffin, o irmão mais corajoso e louco, esticando os braços desde o submundo para o fazer mover. — Se alguém der um passo na minha direção ou tentar pedir ajuda, eu destruo-os.

Todos pareciam completamente apavorados. Acreditavam nele.

Aquilo preocupou-o. Tinha sido tudo demasiado fácil. Ele achara que iria enfrentar mais resistência, mas a sala parecia totalmente subjugada. Até os professores estavam imóveis; de facto, os Professores Leblanc e De Vreese estavam encolhidos juntos

debaixo de uma mesa, como se se estivessem a preparar para um tiro de canhão. Se ele lhes dissesse para dançarem uma jiga ou para arrancarem as páginas dos seus livros uma a uma, eles obedeceriam.

Obedeceriam porque ele ameaçara-os com violência.

Ele não se conseguia lembrar da razão pela qual a ideia de agir o assustara tanto antes. Griffin tinha razão — o obstáculo não era a luta e sim o não conseguir imaginar sequer que ela era possível, a compulsão para se agarrar ao *statu quo* seguro no qual era possível sobreviver. Mas o mundo inteiro estava completamente descontrolado agora. As portas estavam todas escancaradas. Eles tinham passado do reino das ideias para o reino da ação e isso era algo para o qual os estudantes de Oxford não estavam preparados.

— Por amor de Deus — disparou o Professor Playfair. — Alguém os agarre.

Um punhado de investigadores pós-graduados deu um passo à frente, parecendo incertos. Todos europeístas, todos brancos. Robin inclinou a cabeça.

— Bem, venham lá.

O que aconteceu a seguir não foi digno e nunca seria arquivado ao lado dos grandes épicos de valentia e bravura, pois os académicos de Oxford eram uns teóricos de poltrona protegidos e mimados, que escreviam sobre campos de batalha manchados de sangue com mãos suaves e delicadas. A tomada de Babel foi um embate tolo e desajeitado entre o abstrato e o material. Os investigadores aproximaram-se da mesa, estendendo os braços de modo hesitante. Robin afastou-os com pontapés. Parecia que estava a dar chutos em crianças, pois eles estavam demasiado receosos para serem cruéis e não estavam desesperados nem com raiva suficiente para o magoarem realmente. Pareciam não ter a certeza do que queriam fazer — puxá-lo para baixo, agarrar-lhe as pernas ou arranhar-lhe simplesmente os tornozelos — e, portanto, os golpes de retaliação dele foram igualmente superficiais. Estavam a representar uma luta, todos eles, como atores amadores a seguir uma indicação de palco: *lutem*.

— Victoire! — gritou ele.

Um dos académicos tinha subido para cima da mesa atrás dela. Ela virou-se. O investigador hesitou por um momento, olhou-a de cima a baixo e depois deu-lhe um soco. No entanto, bateu-lhe como se só conhecesse a ação em teoria, como se só conhecesse as suas partes componentes — *firmar os pés, puxar o braço para trás, estender o punho*. Calculou mal a distância e o efeito foi apenas uma ligeira palmadinha no ombro de Victoire. Ela atacou com o pé esquerdo. Ele dobrou-se agarrado às canelas, gemendo.

— Parem!

A confusão cessou. De alguma forma, o Professor Playfair arranjava uma arma.

— Parem com essa tolice. — Ele apontou para Robin. — Parem imediatamente com isso.

— Vá, atire — sussurrou Robin. Ele não fazia ideia de onde lhe vinha esta ridícula fonte de coragem, mas não sentiu nem um pinga de medo. De alguma forma, a arma parecia mais abstrata do que real, e a bala totalmente incapaz de lhe tocar. — Vá, atire. Eu desafio-o.

Ele estava a apostar na covardia do Professor Playfair, no facto de que ele podia estar a empunhar uma arma, mas não iria carregar no gatilho. O Professor Playfair, tal como qualquer outro académico de Babel, detestava sujar as mãos. Ele desenhava armadilhas letais, mas nunca empunhava as lâminas ele próprio. E não sabia quanta vontade, ou pânico, eram necessários para se matar realmente um homem.

Robin não se virou, não olhou para ver o que Victoire estava a fazer. Ele sabia. Em vez disso, abriu os braços, mantendo os olhos fixos nos do Professor Playfair.

— Como é que vai ser?

O rosto do Professor Playfair contraiu-se. Os seus dedos moveram-se, Robin ficou tenso e nesse exato momento soou um tiro.

O Professor Playfair cambaleou para trás, enquanto uma mancha escarlate explodia na sua barriga. Gritos irromperam em redor da torre. Robin olhou para trás por cima do ombro. Línguas de fumo

enrolavam-se em redor do rosto de Victoire. De olhos arregalados, ela baixou um dos revólveres de Griffin.

— Pronto — sussurrou ela com o peito a arfar. — Agora todos nós sabemos qual é a sensação.

De repente, o Professor De Vreese atravessou a receção a correr. Ia tentar agarrar a arma do Professor Playfair. Robin saltou da mesa, mas estava demasiado longe. Então, o Professor Chakravarti atirou-se contra o Professor De Vreese. Os dois caíram no chão com um baque e começaram a lutar. Era uma visão desajeitada e deselegante: dois professores barrigudos de meia-idade a rebolar no chão, com as capas a esvoaçar em redor das suas cinturas. Robin observou, atónito, quando o Professor Chakravarti arrancou a arma das mãos do Professor De Vreese e o prendeu contra o chão com um movimento confuso.

— Senhor?

— Recebi a vossa mensagem — ofegou o Professor Chakravarti.
— Muito bem.

O Professor De Vreese enfiou o cotovelo no nariz do Professor Chakravarti. O Professor Chakravarti cambaleou para trás. O Professor De Vreese desvencilhou-se do seu controlo e a luta recomeçou.

Robin apanhou a arma do chão e apontou-a para o Professor De Vreese.

— Levante-se — ordenou ele. — Levante as mãos acima da cabeça.

— Você não sabe como usar isso — zombou o Professor De Vreese.

Robin apontou a arma para o lustre e puxou o gatilho. O lustre explodiu, espalhando cacos de vidro pela receção. Foi como se ele tivesse disparado para a multidão; todos gritaram e encolheram-se. O Professor De Vreese virou-se e fugiu, mas o seu tornozelo ficou preso na perna de uma mesa e ele caiu de costas. Robin reajustou a câmara, tal como Griffin lhe tinha mostrado, e depois apontou mais uma vez a arma para o Professor De Vreese.

— Isto não é um debate — anunciou. Todo o seu corpo tremia com a mesma energia cruel que sentira quando aprendera a atirar. —

Isto é uma ocupação. Mais alguém quer tentar?

Ninguém se mexeu. Ninguém falou. Todos se encolheram, apavorados. Alguns estavam a chorar; outros tapavam a boca com as mãos, como se essa fosse a única forma de conterem os gritos. E estavam todos a observá-lo, à espera de que ele ditasse o que se seguiria.

Por um instante, o único som na torre foi o gemido do Professor Playfair.

Ele olhou por cima do ombro para Victoire. Ela parecia tão confusa como se sentia; a arma pendia-lhe frouxa da mão. No fundo, nenhum dos dois esperara chegar tão longe. As suas visões de hoje envolviam o caos, uma última resistência violenta e devastadora, uma luta que, com grande probabilidade, terminaria em morte. Eles estavam preparados para o sacrifício; não estavam preparados para vencer.

Mas a torre fora tomada com muita facilidade, tal como Griffin sempre previra. E agora eles tinham de agir como vencedores.

— Nada sai de Babel — declarou Robin. — Vamos pôr um bloqueio nas ferramentas de trabalho em prata. Vamos parar a manutenção de rotina na cidade. Vamos esperar até a máquina parar, na esperança de que eles capitulem antes de nós. — Ele não sabia de onde lhe vinham aquelas palavras, mas elas soavam bem. — Este país não consegue durar um mês sem nós. Ficamos em greve até eles cederem.

— Eles vão enviar tropa contra vocês — disse a Professora Craft.

— Mas não podem — disse Victoire. — Eles não nos podem tocar. Ninguém nos pode tocar. Precisam demasiado de nós.

E isto — a chave para a teoria da violência de Griffin — era a razão pela qual eles poderiam vencer. Eles tinham finalmente percebido. Era por isto que Griffin e Anthony estavam tão confiantes na sua luta, a razão pela qual estavam convencidos de que as colónias poderiam derrubar o Império. O Império precisava de extração. A violência chocava o sistema, porque o sistema não se podia canibalizar e sobreviver. As mãos do Império estavam atadas, porque não podia arrasar aquilo com o qual lucrava. E, tal como aqueles campos de açúcar, como aqueles mercados, como aqueles

corpos de trabalho relutante, Babel era um ativo. A Grã-Bretanha precisava do chinês, precisava do árabe e do sânscrito e de todas as línguas dos territórios colonizados para funcionar. A Grã-Bretanha não poderia ferir Babel sem se ferir a si mesma. E, portanto, apenas Babel, um bem negado, era capaz de paralisar o Império.

— Então, que vão fazer? — perguntou o Professor De Vreese. — Manter-nos reféns o tempo todo?

— A minha esperança é que se juntem a nós — disse Robin. — Mas se não o fizerem, podem deixar a torre. Mandem a polícia embora primeiro e depois podem sair um a um. Ninguém tira nada da torre; vocês saem com o que têm no corpo.¹³⁰ — Ele fez uma pausa. — E tenho a certeza de que percebeis que teremos de destruir os vossos frascos de sangue se vos fordes embora.

Assim que ele terminou, um amontoado de corpos moveu-se em direção à porta. O coração de Robin afundou-se ao contá-los. Havia dezenas a sair — todos os Classicistas, todos os Europeístas e quase todos os professores. O Professor Playfair foi levado em braços, ainda a gemer, pendurado vergonhosamente entre o Professor De Vreese e o Professor Harding.

Restaram apenas seis académicos: o Professor Chakravarti, a Professora Craft, dois estudantes — Ibrahim e uma rapariga pequena chamada Juliana — e dois investigadores de pós-graduação chamados Yusuf e Meghana, que trabalhavam no Jurídico e Literatura, respetivamente. Rostos de cor, rostos das colónias, exceto a Professora Craft.

Mas isto podia funcionar. Eles poderiam sacrificar o seu domínio sobre o talento se mantivessem o controlo da torre. Babel continha a maior concentração de recursos de prataria do país: gramáticas, canetas de gravação, registos de pares-correspondentes e materiais de referência. E além disso, a *prata*. O Professor Playfair e os outros poderiam estabelecer um centro de tradução secundário noutro lugar, mas, mesmo que conseguissem reconstruir tudo aquilo de que precisavam para manterem a prataria do país de memória, iriam demorar semanas, talvez meses, para adquirirem materiais à escala

necessária para replicarem as funções da torre. A essa altura a votação já teria acontecido. A essa altura, se tudo corresse conforme planejado, o país já estaria de joelhos.

— E agora? — murmurou Victoire.

O sangue correu à cabeça de Robin enquanto ele descia da mesa.

— Agora, dizemos ao mundo o que está para vir.

Ao meio-dia, Robin e Victoire subiram até à sacada norte do oitavo andar. A varanda era em grande parte decorativa, desenhada para académicos que nunca tinham internalizado o conceito da necessidade de ar fresco. Nunca ninguém ia até ali e a porta estava praticamente trancada com ferrugem. Robin empurrou-a, apoiando-se com força no batente. Quando ela se abriu repentinamente, ele tombou para fora e deu por si inclinado sobre a balaustrada por um breve e aterrorizante momento antes de recuperar o equilíbrio.

Oxford parecia tão pequena por baixo dele. Uma casa de bonecas, uma aproximação engraçada do mundo real para rapazes que nunca teriam de se envolver verdadeiramente nele. Ele perguntou-se se seria assim que homens como Jardine e Matheson viam o mundo — minúsculo, manipulável. Se as pessoas e lugares se moviam em redor das linhas que eles traçavam. Se as cidades se despedaçavam quando eles batiam com os pés.

Lá em baixo, os degraus de pedra diante da torre estavam em chamas. Os frascos contendo o sangue de todos, exceto os dos oito académicos que permaneciam dentro da torre, tinham sido quebrados contra os tijolos, encharcados com óleo de lamparinas não usadas e incendiados. Aquilo não era estritamente necessário; tudo o que importava era que os frascos fossem removidos da torre, mas Robin e Victoire tinham insistido na cerimónia. Tinham aprendido com o Professor Playfair a importância do espetáculo, e aquela exibição macabra era uma declaração, um aviso. O castelo fora invadido, o mágico expulso.

— Pronto? — Victoire colocou uma pilha de papéis no parapeito.

Babel não possuía a sua própria prensa, portanto, eles tinham passado a manhã a copiar laboriosamente cada um daqueles cem

panfletos. A declaração usava tanto a retórica de construção de uma coligação de Anthony como a filosofia de violência de Griffin. Robin e Victoire tinham juntado as vozes de ambos — uma com um desejo eloquente de unir armas numa luta por justiça, e a outra uma ameaça intransigente para aqueles que se lhes opunham — num anúncio claro e sucinto das suas intenções.

Nós, os alunos do Real Instituto de Tradução, exigimos que a Grã-Bretanha pare de considerar uma guerra ilegal contra a China. Dada a determinação deste governo em iniciar as hostilidades e a sua repressão brutal daqueles que trabalham para expor os seus motivos, não temos outra opção para fazer ouvir as nossas vozes a não ser cessar todos os serviços de tradução e trabalho em prata do Instituto até que as nossas exigências sejam atendidas. Deste modo, declaramos a nossa greve.

Greve¹³¹ era uma palavra tão interessante, pensou Robin. Fazia lembrar martelos contra estacas ou corpos a atirarem-se contra uma força imóvel. Continha em si mesma o paradoxo do conceito — através da não-ação e da não-violência era possível mostrar as consequências devastadoras da recusa em se aceitar responder às necessidades daqueles de quem se dependia.

Por baixo deles, os oxfordianos seguiam descontraidamente o seu caminho. Ninguém olhou para cima; ninguém viu os dois estudantes debruçados sobre o ponto mais alto da cidade. Os tradutores exilados não estavam à vista; se Playfair procurara a polícia, eles ainda não tinham decidido agir. A cidade permanecia serena, sem saber o que estava para vir.

Oxford, pedimos que nos apoieis. A greve vai causar grandes dificuldades para a cidade nos próximos dias. Pedimos que direcioneis a vossa ira para o governo que fez desta greve o nosso único recurso. Pedimos que fiquéis do lado da justiça e da equidade.

A partir desse ponto, os panfletos descreviam os perigos claros de um influxo de prata na economia britânica, não apenas para a China e as colónias, mas para a classe trabalhadora de Inglaterra. Robin não esperava que alguém lesse tudo. Ele não esperava que a cidade apoiasse a greve, pelo contrário, assim que a prataria começasse a avariar, ele esperava que os odiassem.

Mas a torre era impenetrável e o ódio deles não importava. Tudo o que importava era que compreendessem a causa da sua inconveniência.

— Quanto tempo achas que vai demorar até chegarem a Londres?
— perguntou Victoire.

— Horas — disse Robin. — Acho que vão alcançar o primeiro comboio daqui para Paddington.

Eles tinham escolhido o lugar mais improvável para uma revolução. Oxford não era o centro da atividade, era um refúgio, décadas atrás do resto da Inglaterra em todos os domínios, exceto no académico. A universidade fora criada para ser um bastião da antiguidade, onde os académicos se podiam imaginar em qualquer um dos últimos cinco séculos, onde os escândalos e os tumultos eram tão raros que se um pintarroxo começasse a cantar perto do final de um sermão exaustivamente longo na Igreja de Christ Church, isso seria notícia no boletim do University College.

Mas embora Oxford não fosse a sede do poder, produzia os seus ocupantes. Os seus antigos alunos geriam o Império. Talvez, neste exato momento, alguém estivesse a correr para a Estação de Oxford com notícias da ocupação. Alguém reconheceria o seu significado, veria que não era um jogo mesquinho de estudantes e sim uma crise de importância nacional. Alguém levaria o assunto perante o Governo e a Câmara dos Lordes e, depois, o Parlamento escolheria o que aconteceria a seguir.

— Vá. — Robin acenou com a cabeça para Victoire. A pronúncia clássica dela era melhor do que a dele. — Vamos pô-los a voar.

— *Polemikós* — murmurou ela, segurando uma barra sobre a pilha. — Polémica. *Discutere*. Discutir.

Ela empurrou a pilha para fora do parapeito. Os panfletos voaram. O vento levou-os, espalhando-os pela cidade; sobre pináculos e

torres, descendo até às ruas, pátios e jardins; entrando pelas chaminés, enfiando-se pelas grades, deslizando pelas janelas abertas. Eles abordavam todos os que encontravam, agarrando-se a casacos, batendo contra rostos, colando-se persistentemente a sacolas e pastas. A maioria repelia-os, irritada, mas alguns iriam acabar por pegar neles, ler o manifesto dos grevistas e perceber lentamente o que aquilo significava para Oxford, para Londres e para o Império. E, então, ninguém seria capaz de os ignorar. Então, o mundo inteiro seria forçado a olhar.

— Estás bem? — perguntou Robin.

Victoire ficara imóvel como uma estátua, de olhos fixos nos panfletos como se se pudesse tornar um pássaro e voar com eles.

— Porque é que não estaria?

— Eu... Tu sabes.

— É engraçado. — Ela não se virou para o encarar. — Estou à espera do choque, mas simplesmente... nunca mais chega. Não como aconteceu contigo.

— Não foi a mesma coisa. — Ele tentou encontrar palavras que a confortassem, que fizessem parecer que tinha sido uma coisa diferente. — Foi em legítima defesa. E ele talvez ainda pudesse sobreviver, talvez... quero dizer, não vai ser...

— Foi pelo Anthony — disse ela com uma voz muito dura. — E esta é a última vez que vou falar sobre isto.

127 Esta barra de prata suplementar é um dos raros pares-correspondentes de inglês antigo para inglês, criados por um académico da Hermes, John Fugues, que participara num projeto na década de 1780 onde os estudantes se trancavam num castelo e falavam apenas inglês antigo uns com os outros durante três meses. (Tais experiências não tinham sido repetidas desde então, embora não por falta de financiamento; Babel apenas não conseguira encontrar voluntários dispostos a passar pelo mesmo isolamento extremo, agravado pela incapacidade de se exprimirem adequadamente entre si.) *Bēacen* em inglês antigo refere-se a sinais audíveis, presságios e avisos — em vez do significado bastante simples em inglês, que se refere apenas a um grande sinal de fogo.

128 死豬不怕開水燙.

129 Esta brecha era, de facto, deliberada. Nos primeiros tempos, a torre atacava ferozmente tanto os que entravam como os que fugiam, mas as proteções eram imprecisas, e o número de mutilações injustas foram aumentando até o governo da cidade insistir que tinha de haver algum tipo de processo legal. A resposta do Professor Playfair fora apanhar os ladrões apenas à saída, quando as provas incriminatórias estivessem nos seus bolsos ou espalhadas pela calçada em seu redor.

130 Esta decisão tinha sido uma questão de debate feroz entre Robin e Victoire. Robin queria manter todos os académicos como reféns; Victoire, em vez disso, apresentara o argumento convincente de que era muito mais provável que várias dezenas de académicos aceitassem ser obrigados a sair de um edifício sob a mira de uma arma do que ficar presos numa cave durante semanas a fio, sem ter onde tomar banho, lavar a roupa ou ir à casa de banho.

131 A palavra *greve* [em inglês *strike*: golpear, bater, eliminar, baixar (náut.) (*N. da T.*)] usada em relação ao trabalho tinha originalmente a conotação de submissão. Os navios baixavam as suas velas quando se rendiam às forças inimigas ou saudavam os seus superiores. Mas quando em 1768 os marinheiros baixaram as suas velas em protesto para exigirem melhores salários, eles transformaram o significado da palavra de um ato de submissão para um ato estratégico de violência; ao recusarem trabalhar, provaram que eram de facto indispensáveis.

CAPÍTULO VINTE E SETE

R

*A semente que semeais, outro colhe;
A riqueza que encontrais, outro guarda;
As vestes que teceis, outro veste;
As armas que forjais, outro transporta.*

PERCY BYSSHE SHELLEY, «Canção Para os Homens de Inglaterra»

O ânimo naquela tarde era de apreensão nervosa. Como crianças que tivessem chutado um formigueiro, eles observavam agora assustados para ver quão terríveis seriam as ramificações. Passaram-se horas. Certamente os professores fugitivos já teriam contactado os responsáveis políticos da cidade. Com certeza, Londres já teria lido aqueles panfletos. Que forma iria a reação assumir? Eles tinham todos passado anos a confiar na impenetrabilidade da torre; as suas proteções tinham-nos protegido de tudo, até agora. Ainda assim, parecia que estavam a contar os minutos para uma retaliação cruel.

— Eles têm de enviar os polícias — disse a Professora Craft. — Mesmo que não consigam entrar. Haverá alguma tentativa de nos prenderem, com certeza. Se não pela greve, então por... — Ela olhou para Victoire, pestanejou e calou-se.

Houve um breve silêncio.

— A greve também é ilegal — disse o Professor Chakravarti. — A Lei da União de Trabalhadores de 1825 suprime o direito à greve dos sindicatos e associações profissionais.

— Mas nós não somos uma associação — disse Robin.

— Na verdade, somos — disse Yusuf, que trabalhava no Departamento Jurídico. — Está nos documentos de fundação. Os alunos antigos e atuais de Babel compõem a Associação dos Tradutores em virtude da sua afiliação institucional, portanto, ao

realizarmos uma greve, estamos a violar a lei, se quiseres entrar em pormenores técnicos.

Eles olharam uns para os outros e, de repente, desataram à gargalhada.

Mas o seu bom humor desapareceu rapidamente. A associação entre a sua greve e os sindicatos causava uma sensação desagradável a todos, pois as agitações operárias da década de 1830 — provocadas em resultado direto da revolução industrial da prata — tinham sido um fracasso retumbante. Os luditas acabaram mortos ou exilados na Austrália; os fiandeiros de Lancashire foram forçados, no espaço de um ano, a voltar ao trabalho para evitarem a fome; e os protestos agrícolas, com a sua destruição de máquinas de debulha e fogo posto em celeiros, conseguiram uma melhoria temporária nos salários e nas condições de trabalho, mas esta foi prontamente renegada — mais de uma dúzia de manifestantes foram enforcados e centenas foram enviados para as colónias penais na Austrália.

Os grevistas neste país nunca tinham ganhado um amplo apoio público, pois a população queria apenas todas as conveniências da vida moderna sem a culpa de saber como essas conveniências eram obtidas. Então, porque é que os tradutores deveriam ter sucesso onde outros grevistas — nada menos do que grevistas brancos — tinham falhado?

Havia pelo menos um motivo para terem esperança. Eles estavam a aproveitar o impulso. As forças sociais que levaram os luditas a destruir máquinas não tinham desaparecido. Apenas tinham piorado. Os teares e máquinas de fiar movidos a prata estavam a ficar mais baratos e mais onnipresentes, enriquecendo apenas os proprietários e os financiadores das fábricas. Todos os anos, punham mais homens no desemprego, deixavam mais famílias na miséria e mutilavam e matavam mais crianças em máquinas que operavam mais depressa do que o olho humano conseguia acompanhar. O uso da prata criava desigualdade e ambas as coisas tinham aumentado exponencialmente na Inglaterra durante a última década. O país estava a desfazer-se. Isto não podia continuar para sempre.

E Robin estava convencido de que a greve deles era diferente. O seu impacto era maior, mais difícil de ocultar. Não havia alternativas a Babel, nem fura-greves. Mais ninguém podia fazer o que eles faziam. A Grã-Bretanha não podia funcionar sem eles. Se o Parlamento não acreditasse, em breve aprenderiam.

R

À noite ainda nenhum polícia tinha aparecido. Essa falta de resposta confundia-os, mas os problemas logísticos — a saber, mantimentos e acomodações — passaram, em breve, a ser os assuntos mais prementes. Era agora claro que eles iriam permanecer na torre durante algum tempo, sem data de término clara para a sua greve. A certa altura, iriam ficar sem comida.

Havia uma pequena cozinha raramente usada na cave, onde os criados tinham morado em tempos antes de o Instituto ter parado de alojar a sua equipa de limpeza de graça. Ocasionalmente, os académicos iam até lá abaixo para comerem qualquer coisa quando trabalhavam até tarde. Uma incursão pelos armários produziu uma quantidade decente de alimentos não perecíveis — frutos secos, conservas, biscoitos de chá indestrutíveis e aveia seca para papas. Não era muito, mas não morreriam de fome de um dia para o outro. E encontraram muitas garrafas de vinho, que tinham sobrado de anos de eventos do corpo docente e de festas.

— De modo nenhum — disse a Professora Craft quando Juliana e Meghana propuseram levar as garrafas para o andar de cima. — Ponham isso onde estava. Precisamos de manter o nosso juízo afinado.

— Precisamos de algo para passar o tempo — disse Meghana. — E se vamos morrer de fome, mais vale irmos bêbados.

— Eles não nos vão matar à fome — disse Robin. — Não nos podem deixar morrer. Não nos podem ferir. Essa é a questão.

— Mesmo assim — disse Yusuf. — Acabámos de declarar a nossa intenção de quebrar a cidade, por isso, acho que não podemos simplesmente sair para ir tomar um pequeno-almoço quente.

Também não podiam pôr a cabeça de fora e fazer uma encomenda à mercearia. Não tinham amigos na cidade, ninguém que pudesse agir como elemento de ligação com o mundo exterior. A Professora Craft tinha um irmão em Reading, mas não havia forma de lhe enviar uma carta, nem uma maneira segura de ele poder entregar alimentos na torre. E o Professor Chakravarti, conforme se descobriu, tinha um relacionamento muito limitado com a Hermes — fora recrutado apenas após a sua promoção para o corpo docente júnior e, nessa altura, os seus laços com o corpo superior de docentes já o tinham tornado um risco demasiado grande para ter um envolvimento mais profundo — e ele conhecia a Hermes apenas através de cartas anónimas e locais de entrega. Mais ninguém respondera ao farol. Tanto quanto sabiam, eram os únicos que restavam.

— Vocês não pensaram nisto antes de invadirem a torre e começarem a acenar com armas? — perguntou o Professor Chakravarti.

— Estávamos um pouco perturbados — disse Robin, envergonhado.

— Nós... na verdade fomos montando o plano conforme íamos avançando — disse Victoire. — E não tivemos muito tempo.

— O planeamento de uma revolução não é um dos vossos pontos fortes. — A Professora Craft fungou. — Vou ver o que consigo fazer com a aveia.

Muito em breve, surgiram vários outros problemas. Babel fora abençoada com água corrente e lavatórios internos, mas não havia nenhum sítio onde se tomar banho. Ninguém tinha uma muda extra de roupa e, é claro, não havia instalações de lavagem de roupa — a roupa de todos eles era lavada pelas invisíveis empregadas das residências. Além de uma única cama de dobrar no oitavo andar, que era usada como espaço não oficial para sonecas pelos investigadores de pós-graduação, não havia camas, travesseiros, lençóis nem qualquer outra coisa que pudesse funcionar confortavelmente como roupa de cama à noite, exceto os seus próprios casacos.

— Pensem nisso deste modo — disse o Professor Chakravarti numa tentativa corajosa de lhes elevar o ânimo. — Quem é que não sonha viver numa biblioteca? Será que não existe um certo romance na nossa situação? Quem entre nós recusaria uma vida da mente completamente desobstruída?

Ninguém, ao que parecia, partilhava aquela fantasia.

— Será que não podemos sair às escondidas à noite? — perguntou Juliana. — Podemos sair depois da meia-noite e voltar de manhã. Ninguém notaria.

— Isso é absurdo — disse Robin. — Isto não é uma espécie de... de atividade diurna opcional...

— Vamos cheirar mal — disse Yusuf. — Vai ser nojento.

— Ainda assim, não podemos passar a vida a entrar e a sair...

— Só uma vez — disse Ibrahim. — Apenas para irmos buscar mantimentos...

— Parem com isso — exclamou Victoire. — Parem, todos vocês, está bem? Nós escolhemos trair a Coroa. Vamos estar desconfortáveis ainda durante algum tempo.

R

Às dez e meia, Meghana veio a correr da receção e anunciou sem fôlego que Londres estava a enviar um telegrama. Eles amontoaram-se em redor da máquina, observando nervosamente enquanto o Professor Chakravarti anotava a mensagem e a transcrevia. Ele olhou para ela por um instante, pestanejando, e depois disse:

— Dizem-nos mais ou menos para irmos à merda.

— O quê? — Robin pegou no telegrama. — Não há mais nada?

— «REABRAM A TORRE AO FUNCIONAMENTO REGULAR STOP» — leu o Professor Chakravarti. — É tudo o que diz.

— Nem sequer está assinado?

— Apenas posso presumir que vem diretamente do Ministério dos Negócios Estrangeiros — disse o Professor Chakravarti. — Eles não emitem mensagens privadas a esta hora.

— Não há nenhuma palavra sobre o Playfair? — perguntou Victoire.

— É só esta única linha — disse o Professor Chakravarti. — Mais nada.

Então, o Parlamento recusava-se a atender às suas exigências — ou sequer a levá-los a sério. Talvez fosse tolice esperar que a greve produzisse uma resposta tão cedo, antes que a falta de prata tivesse tido efeitos, mas eles haviam esperado que o Parlamento reconhecesse pelo menos a ameaça. Será que os deputados achavam que tudo aquilo iria passar por si só? Será que estavam a tentar impedir um pânico geral? Seria por isso que nem um único polícia viera bater-lhes à porta e o relvado lá fora estava tão sereno e vazio como sempre?

— E agora? — perguntou Juliana.

Ninguém tinha uma resposta. Eles não podiam deixar de se sentir um pouco petulantes, como crianças que tinham feito uma birra, mas não tinham sido recompensadas pelos seus esforços. Todo aquele trabalho por uma resposta tão curta — tudo parecia tão patético.

Permaneceram em redor da máquina do telégrafo durante mais alguns instantes, esperando que ela ganhasse vida com melhores notícias — o Parlamento estava extremamente preocupado, tinha sido pedido um debate à meia-noite, multidões de manifestantes tinham inundado Trafalgar Square para exigir que a guerra fosse cancelada —, mas a agulha permaneceu imóvel. Um por um, voltaram para cima, com fome e desanimados.

Durante o resto da noite, Robin saiu ocasionalmente para o telhado para espreitar a cidade, observando-a em busca de qualquer indicação de mudança ou agitação. Mas Oxford permanecia tranquila, imperturbável. Os panfletos deles jaziam pisados na rua, presos em gradeamentos, esvoaçando sem sentido na brisa suave da noite. Ninguém se incomodara em os limpar sequer.

Eles pouco disseram uns aos outros naquela noite quando fizeram as suas camas entre as pilhas, encolhendo-se debaixo de casacos e vestidos sobresselentes. A atmosfera de convívio daquela tarde tinha desaparecido. Estavam todos a sofrer do mesmo medo

silencioso e privado, o pavor insinuante de que aquela greve só os iria prejudicar a eles mesmos e que os seus gritos não seriam ouvidos na escuridão implacável.

A Torre Magdalen caiu na manhã seguinte.

Nenhum deles tinha antecipado aquilo. Só perceberam o que tinha acontecido depois, quando verificaram os registos das ordens de serviço e perceberem o que poderiam ter feito para o evitar. A Torre Magdalen, o segundo edifício mais alto de Oxford, dependia desde o século XVIII de truques de engenharia auxiliados por prataria para sustentar o seu peso após séculos de erosão do solo terem corroído as suas fundações. Os académicos de Babel faziam uma manutenção de rotina aos seus suportes a cada seis meses, uma vez em janeiro e outra em junho.

Nas horas que se seguiram ao desastre, eles iriam descobrir que era o Professor Playfair quem tinha supervisionado esses reforços semestrais nos últimos quinze anos, mas as notas sobre tais procedimentos estavam trancadas no seu gabinete, inacessíveis ao corpo docente exilado de Babel, que nem sequer se tinha lembrado da vistoria próxima à Torre Magdalen. Iriam encontrar nas suas caixas de correio uma enxurrada de mensagens dos membros do Conselho Municipal em pânico. Estes tinham esperado pelo Professor Playfair na noite anterior, tendo descoberto apenas no dia seguinte que ele estava no hospital, cheio de láudano e inconsciente. Descobririam também que um membro do conselho tinha passado as primeiras horas da manhã a bater freneticamente na porta de Babel, só que nenhum deles o ouvira ou o vira, porque as proteções mantinham afastados todos os indesejados que pudessem atrapalhar os académicos no interior.

Entretanto, o tempo acabara na Torre Magdalen. Às nove em ponto, um ruído começou na sua base e espalhou-se por toda a cidade. Em Babel, as chávenas deles começaram a chocalhar ao pequeno-almoço. Eles pensaram que estavam a sentir um tremor de terra, mas depois correram para as janelas e viram que nada tremia visivelmente, exceto um único edifício à distância.

Então, correram para o telhado e aglomeraram-se em redor da Professora Craft, que narrava o que via pelo telescópio.

— Está... está a desfazer-se.

Por essa altura, as mudanças eram tão grandes que podiam ser vistas a olho nu. As telhas tombavam do telhado como gotas de chuva. Enormes pedaços dos torreões desprendiam-se e caíam no chão.

Victoire perguntou o que mais ninguém ousara perguntar:

— Acham que há alguém lá dentro?

Se houvesse, pelo menos tinham tido tempo suficiente para sair. O edifício já estava a tremer há uns bons quinze minutos. Essa era a sua defesa ética; eles não se permitiam considerar a alternativa.

Às nove e vinte, os dez sinos da torre começaram a tocar todos ao mesmo tempo, sem ritmo nem harmonia. Pareceram ir ficando cada vez mais ruidosos até alcançarem um nível terrível; atingiram um crescendo com uma urgência que fez o próprio Robin querer gritar.

Então, a torre desabou, tão simplesmente e com tanta limpeza como um castelo de areia destruído pela base. O edifício demorou menos de dez segundos para cair, mas passou quase um minuto antes que os destroços assentassem. Depois, onde antes ficava a Torre Magdalen, restou um grande monte de tijolos, pó e pedras. E era de certa forma maravilhoso, irritantemente maravilhoso, por ser tão terrível, por violar as regras de como as coisas se deveriam mover. O facto de o horizonte da cidade poder, num instante, ser mudado de forma tão dramática era ao mesmo tempo avassalador e espantoso.

Robin e Victoire assistiram, de mãos apertadas.

— Nós fizemos aquilo — murmurou Robin.

— E nem sequer é o pior — disse Victoire, e ele não conseguia perceber se ela estava encantada ou assustada. — Aquilo é apenas o início.

Griffin tinha razão. Era isto que era necessário: uma demonstração de força. Se o povo não podia ser conquistado por palavras, seria persuadido pela destruição.

A capitulação do Parlamento, consideraram eles, estava agora a apenas algumas horas de distância. Não era isto uma prova de que

a greve era insuportável? Que a cidade não podia aguentar a recusa de serviço da torre?

Os professores não estavam tão otimistas.

— Não vai acelerar as coisas — disse o Professor Chakravarti. — Pelo contrário, vai retardar a destruição; eles sabem que têm de estar vigilantes agora.

— Mas é um prenúncio do que está para vir — disse Ibrahim. — Certo? O que cairá a seguir? A Biblioteca Radcliffe? O Sheldonian?

— A Torre Magdalen foi um acidente — disse a Professora Craft. — Mas o Professor Chakravarti tem razão. Isto vai fazê-los ficar atentos, encobrindo os efeitos que interrompemos. É uma corrida contra o tempo agora; eles já se devem ter reagrupado noutra sítio, com certeza, e estarão neste momento a tentar construir um novo centro de tradução...

— Eles podem fazer isso? — perguntou Victoire. — Nós tomámos a torre. Temos todos os registos de manutenção, as ferramentas...

— E a prata — disse Robin. — Temos toda a prata.

— Isso vai acabar por os prejudicar, com o tempo, mas no curto prazo eles vão conseguir preencher as piores lacunas — disse a Professora Craft. — Vão esperar pela nossa cedência. Temos papa para uma semana no máximo, Swift, e depois? Passamos fome?

— Então, aceleramos as coisas — disse Robin.

— Como pretendes fazer isso? — perguntou Victoire.

— Com a ressonância.

O Professor Chakravarti e a Professora Craft trocaram um olhar.

— Como é que ele sabe disso? — perguntou a Professora Craft.

O Professor Chakravarti encolheu os ombros num gesto culpado.

— Sou capaz de lhe ter mostrado.

— Anand!

— Oh, qual era o problema?

— Bem, *isto*, claramente...

— O que é a ressonância? — quis saber Victoire.

— Está no oitavo andar — disse Robin. — Vem, eu mostro-te. É assim que as barras distantes são mantidas, aquelas que não foram feitas para durar. Do centro para a periferia. Se removermos o centro, elas vão, sem dúvida, começar a falhar, não é?

— Bem, há um limite moral — disse a Professora Craft. — Negar serviços, recursos, é uma coisa, mas a sabotagem deliberada...

Robin zombou.

— Estamos a discutir minudências éticas agora? *A sério?*

— A cidade pararia de funcionar — disse o Professor Chakravarti.

— O país. Seria o Apocalipse.

— Mas é isso que *queremos*...

— Nós queremos danos suficientes para tornar a ameaça credível — disse o Professor Chakravarti. — E nada mais.

— Então, removemos apenas algumas de cada vez. — Robin levantou-se. Ele estava decidido. Não queria debater mais o assunto e conseguia ver que nenhum deles queria também; estavam demasiado ansiosos e com muito medo. Só queriam que alguém lhes dissesse o que fazer. — Uma a uma, até eles perceberem a ideia. Querem escolher quais?

Os professores recusaram. Robin suspeitava de que era demasiado para eles desconstruírem pessoalmente as hastes de ressonância, pois sabiam muito bem as consequências do que estariam a fazer. Eles precisavam de preservar a ilusão de inocência ou, pelo menos, de ignorância. No entanto, não se continuaram a opor e, assim, naquela noite, Robin e Victoire subiram juntos ao oitavo andar.

— Cerca de uma dúzia, que achas? — sugeriu Victoire. — Uma dúzia todos os dias e depois vemos se precisamos de aumentar?

— Talvez duas dúzias para começar — disse Robin. Devia haver centenas de varas na sala. Ele teve o impulso de as chutar a todas, de pegar numa e usá-la para derrubar as outras. — Não queremos ser dramáticos?

Victoire lançou-lhe um olhar estranho.

— Existe dramatismo e imprudência.

— Todo este empreendimento é imprudente.

— Mas nem sequer sabemos o que *uma* só faria...

— Só quero dizer que precisamos de chamar a atenção deles. — Robin bateu com o punho na palma da mão. — Eu quero um espetáculo. Eu *quero* o Apocalipse. Quero que eles pensem que vai cair uma dúzia de Torres Magdalen todos os dias até nos ouvirem.

Victoire cruzou os braços. Robin não gostou da maneira como os olhos dela o observavam, como se ela tivesse descoberto alguma verdade que ele não queria admitir em voz alta.

— Não é vingança o que estamos a fazer aqui. — Ela ergueu as sobrancelhas. — Só para ficarmos esclarecidos.

Ele optou por não mencionar o Professor Playfair nesse momento.

— Eu sei, Victoire.

— Muito bem, então. — Ela assentiu secamente. — Duas dúzias.

— Duas dúzias para *começar*. — Robin baixou-se e retirou a haste de ressonância mais próxima do seu suporte. Esta deslizou para fora com uma facilidade surpreendente. Ele esperava alguma resistência, algum ruído ou transformação simbolizando a rotura. — Será assim tão simples?

Quão ténues e frágeis eram os alicerces de um império. Se tirássemos o centro, o que é que restava? Uma periferia ofegante, impotente, sem alicerces, cortada pela raiz.

Victoire estendeu a mão ao acaso e puxou uma segunda haste e depois uma terceira.

— Acho que vamos ver.

E, então, como um castelo de cartas, Oxford começou a desmoronar.

A rapidez da sua deterioração era impressionante. No dia seguinte, todos os relógios do campanário pararam de funcionar, paralisando todos exatamente às 6h37 da manhã. À tarde, um grande fedor pairava sobre a cidade. Descobriu-se que a prata tinha sido usada para facilitar o fluxo dos esgotos, os quais estavam agora entupidos com uma massa imóvel de lodo. À noite, Oxford ficou às escuras. Primeiro, um candeeiro começou a piscar, depois outro e outro, até todas as luzes da High Street se apagarem. Pela primeira vez em duas décadas, desde que tinham sido instalados candeeiros a gás nas suas ruas, Oxford passou a noite envolta em escuridão.

— O que é que vocês os dois *fizeram* lá em cima? — maravilhou-se Ibrahim.

— Só retirámos duas dúzias — disse Victoire. — Apenas duas dúzias, portanto, como...

— Foi assim que Babel foi desenhada para funcionar — disse o Professor Chakravarti. — Tornámos a cidade o mais dependente possível do Instituto. Criámos as barras para durarem apenas algumas semanas em vez de meses, porque a manutenção traz dinheiro. Este é o custo de se insuflar os preços e criar artificialmente a procura. Tudo funciona lindamente até deixar de funcionar.

Na manhã do terceiro dia, os transportes começaram a falhar. A maior parte das carroças em Inglaterra usava uma variedade de pares-correspondentes que brincavam com o conceito de velocidade. A palavra *velocidade* em inglês moderno tinha especificamente o sentido de rapidez, mas como uma série de frases comuns provavam — *Deus o acompanhe, vá em boa esperança*¹³² —, o significado da raiz, derivado do latim *spēs*, que significa «ter esperança», estava associado à boa sorte e ao sucesso, com o sentido mais amplo de busca do destino, de percorrer grandes distâncias para se alcançar um objetivo. Pares-correspondentes baseados na velocidade usando o latim ou, em casos raros, o eslavo antigo, permitiam que as carruagens viajassem mais depressa sem risco de acidentes.

Mas os condutores tinham-se habituado demais às barras e, portanto, não se acautelavam para quando estas falhassem. Os acidentes multiplicaram-se. As estradas de Oxford ficaram bloqueadas com carroças e coches capotados que tinham entrado nas curvas com pouca folga. Nos Cotswolds, uma pequena família de oito pessoas caiu diretamente numa ravina porque o condutor se habituara a relaxar e a deixar os cavalos assumirem o controlo durante as curvas mais complicadas.

O sistema postal também parou. Durante anos, os mensageiros do Correio Real com cargas particularmente pesadas tinham usado barras gravadas com o par-correspondente em francês-inglês *parcelle-parcela*. Tanto o francês como o inglês tinham em tempos usado o termo para se referirem a pedaços de terra que compunham uma propriedade, mas quando a palavra evoluiu para sugerir um objeto de comércio em ambas as línguas, ela manteve a

sua conotação de pequena fragmentação em francês, enquanto em inglês significava simplesmente um pacote. Fixar essa barra ao veículo postal fazia os pacotes parecerem ter uma fração do seu peso real, mas agora essas carroças, com os cavalos a esforçarem-se para puxarem o triplo da carga a que estavam habituados, estavam a desmoronar-se no meio do caminho.

— Achas que eles já perceberam que isto é um problema? — perguntou Robin no quarto dia. — Quero dizer, quanto tempo vai demorar para as pessoas perceberem que isto não vai desaparecer por si mesmo?

Mas dentro da torre era impossível de perceber. Eles não tinham como avaliar a opinião pública nem em Oxford nem em Londres, exceto através dos jornais que, hilarantemente, ainda eram entregues na porta da frente todas as manhãs. Foi assim que descobriram a tragédia da família dos Cotswolds, os acidentes de trânsito e o atraso no correio por todo o país. Mas os jornais de Londres não faziam praticamente nenhuma menção à guerra contra a China nem à greve, exceto por um breve anúncio sobre alguns «distúrbios internos» no «prestigioso Real Instituto de Tradução.

— Estamos a ser silenciados — disse Victoire de modo sombrio. — Eles estão a fazer de propósito.

Mas por quanto tempo é que o Parlamento achava que podia manter as coisas em segredo? Na quinta manhã, eles foram acordados por um barulho horivelmente discordante. Foi preciso vasculharem os livros para descobrirem o que se passava. O Grande Tom da Igreja de Christ Church, o sino mais alto de Oxford, tocava sempre uma nota em si bemol ligeiramente imperfeita. Mas a prataria que regulava o seu som devia ter parado de funcionar e o Grande Tom emitia agora um gemido devastadoramente sinistro. À tarde, juntaram-se-lhe os sinos de St. Martin, St. Mary e da Abadia Osney, num coro de gemidos contínuo e miserável.

As proteções de Babel bloqueavam um pouco o som, embora quando a noite chegou já todos tivessem aprendido a viver com um murmúrio constante e terrível que se infiltrava pelas paredes. Eles usavam algodão nas orelhas para dormir.

Os sinos eram o canto fúnebre de uma ilusão. A cidade dos pináculos dos sonhos já não existia. A degradação de Oxford era visível — o desmoronar da cidade era visível a cada hora como uma casa de gengibre podre. O que se tornou claro foi quão profundamente Oxford dependia da prata, e como sem o trabalho constante do seu corpo de tradutores, do talento que atraía do estrangeiro, ela desmoronara de imediato. Isso revelava mais do que o poder da tradução. Revelava a absoluta dependência dos britânicos, que, surpreendentemente, não conseguiam fazer coisas básicas como cozer pão ou ir em segurança de um local para outro sem palavras roubadas de outros países.

E isto ainda era apenas o início. Os registos de manutenção eram intermináveis e havia centenas de hastes de ressonância ainda para serem retiradas.

— Até onde é que eles vão deixar isto continuar? — Era a pergunta que eles faziam dentro da torre. Tinham ficado todos surpreendidos e um tanto horrorizados com o facto de a cidade ainda não ter reconhecido o verdadeiro motivo por trás daquela greve; por o Parlamento ainda não ter agido.

Pessoalmente, Robin não queria que isto acabasse. Nunca o confessaria aos outros, mas, no fundo, onde os fantasmas de Griffin e Ramy residiam, ele não queria uma resolução rápida, um acordo nominal que apenas encobrisse décadas de exploração.

Ele queria ver até onde poderia levar aquilo. Queria ver Oxford destruída até às suas fundações, queria que a sua opulência gorda e dourada se desfizesse; que os seus tijolos claros e elegantes se desintegrassem; que as suas torres se espatifassem na calçada; que as suas estantes desmoronassem como peças de dominó. Ele queria toda a cidade tão completamente desmantelada que pareceria que nunca tinha sido construída. Queria que todos aqueles edifícios montados por escravos, pagos por escravos e recheados com artefactos roubados a terras conquistadas — aqueles edifícios que não tinham o direito de existir, cuja existência exigia uma extração e violência contínuas —, fossem destruídos, desfeitos.

No sexto dia, eles chamaram finalmente a atenção da cidade. Uma multidão reuniu-se junto à base da torre por volta do meio da manhã, gritando para os académicos saírem.

— Oh, olhem — disse Victoire sarcasticamente. — É uma milícia.

Eles reuniram-se em redor de uma janela no quarto andar e espreitaram lá para baixo. Muitos do que estavam na multidão eram estudantes de Oxford — jovens vestidos com capas pretas a marchar em defesa da sua cidade; carrancudos, de peito inchado. Robin reconheceu Vincy Woolcombe pelo seu cabelo ruivo espesso, e depois Elton Pendennis. Este agitava uma tocha acima da sua cabeça e gritava para os homens atrás de si como se estivesse a liderar soldados num campo de batalha. Mas também havia mulheres, crianças, taberneiros, lojistas e agricultores — era uma rara aliança entre cidade e trajados.

— Provavelmente, devíamos ir falar com eles — disse Robin. — Caso contrário, ficarão ali fora o dia todo.

— Não tens medo? — perguntou Meghana.

Robin zombou.

— Tu tens?

— São muitos. Não sabes o que poderão fazer.

— São estudantes — disse Robin. — Não sabem o que querem fazer.

De facto, parecia que os agitadores não tinham pensado realmente em como invadir a torre. Nem sequer estavam a gritar em uníssono. A maioria limitava-se a deambular pelo relvado, confusos, a olhar em redor como se esperassem que alguém lhes desse ordens. Esta não era a multidão enfurecida de trabalhadores desempregados que tinham ameaçado os académicos de Babel no ano passado; eram estudantes e pessoas da cidade para quem a violência era um meio totalmente desconhecido de conseguirem o que queriam.

— Vais simplesmente ir até lá fora? — perguntou Ibrahim.

— Porque não? — perguntou Robin. — Também posso gritar de volta.

— Deus do Céu — disse o Professor Chakravarti de repente, com a voz tensa. — Estão a tentar incendiar este sítio.

Eles voltaram-se para a janela. Agora que a turba estava mais perto, Robin percebeu que tinham trazido carroças cheias de galhos. E tinham tochas. E petróleo.

Será que os iam queimar vivos? Estúpido, isso seria muito estúpido — com certeza que percebiam que o ponto fulcral de toda a situação era que Babel não podia ser perdida, pois Babel e o conhecimento contido nela era precisamente aquilo que eles estavam a lutar para readquirir. Mas talvez a racionalidade tivesse desaparecido. Talvez existisse apenas a turba, alimentada pela fúria pura de lhes ter sido retirado algo que eles pensavam ser deles.

Alguns estudantes começaram a empilhar galhos ao pé da torre. Robin sentiu a sua primeira pontada de preocupação. Esta não era uma ameaça vã; eles pretendiam realmente incendiar o edifício.

Ele abriu a janela e enfiou a cabeça de fora.

— Que estais a fazer? — gritou. — Se nos queimardes, a vossa cidade não voltará a funcionar.

Alguém atirou uma garrafa de vidro à cara dele. Robin estava demasiado alto e a garrafa caiu antes de se aproximar, mas, mesmo assim, o Professor Chakravarti puxou Robin para trás e fechou a janela com força.

— Está bem — disse ele. — Não faz sentido argumentar com loucos, acho eu.

— Então, que vamos fazer? — perguntou Ibrahim. — Eles vão queimar-nos vivos!

— A torre é feita de pedra — disse Yusuf com desdém. — Vamos ficar bem.

— Mas o *fumo*...

— Nós temos uma coisa — disse o Professor Chakravarti abruptamente, como se tivesse acabado de se lembrar. — Lá em cima, debaixo dos arquivos da Birmânia...

— Anand! — exclamou a Professora Craft. — São civis.

— É legítima defesa — disse o Professor Chakravarti. — Justificada, acho eu.

A Professora Craft olhou novamente para a multidão. A sua boca comprimiu-se numa linha fina.

— Oh, está bem.

Sem mais explicações, os dois dirigiram-se para as escadas. Os restantes entreolharam-se por um momento, sem saberem o que fazer.

Robin estendeu uma mão para abrir a janela e com a outra remexeu no bolso interno da frente. Victoire agarrou-lhe o pulso.

— Que estás a fazer?

— A barra do Griffin — murmurou ele. — Tu sabes, aquela que...

— Estás doido?

— Eles estão a tentar queimar-nos vivos, não vamos debater a moral...

— Isso pode incendiar todo o petróleo. — Ela agarrou-o com mais força, tanta que doeu. — Vai matar meia dúzia de pessoas. Acalma-te, sim?

Robin voltou a guardar a barra no bolso, respirou fundo e interrogou-

-se sobre a sensação de martelar nas suas veias. Ele queria uma luta. Queria saltar lá para baixo e pôr-lhes as caras a sangrar com os punhos. Queria que eles soubessem exatamente o que ele era, o pior pesadelo deles — incivilizado, brutal, violento.

Mas acabou tudo antes de começar. Tal como o Professor Playfair, Pendennis e o seu grupo não eram soldados. Gostavam de ameaçar e gritar, gostavam de fingir que o mundo obedecia a todos os seus caprichos, mas, no fim de contas, não tinham sido feitos para o combate concreto. Não faziam a mais pequena ideia do esforço que seria necessário para derrubar uma torre e Babel era a torre mais fortificada do mundo.

Pendennis baixou a tocha e incendiou os galhos. A multidão aplaudiu quando as chamas lamberam as paredes. Mas o fogo não pegou. As chamas saltaram avidamente, estendendo-se em línguas alaranjadas como se procurassem um ponto de apoio, mas voltaram a reduzir-se inutilmente. Vários alunos correram para as paredes da torre numa tentativa mal pensada de as escalar, mas assim que tocaram nos tijolos, uma força invisível arremessou-os para o relvado.

O Professor Chakravarti desceu as escadas ofegante, trazendo uma barra de prata onde se lia भिन्ते.¹³³

— É sânscrito — explicou ele. — Vai separá-los.

Ele inclinou-se para fora da janela, observou a confusão por um instante e depois arremessou a barra para o centro da multidão. Em segundos, as pessoas começaram a dispersar. Robin não conseguia dizer ao certo o que estava a acontecer, mas parecia haver uma discussão no terreno e os agitadores exibiam expressões alternadas de irritação e confusão, enquanto se moviam como patos num lago, circulando em volta uns dos outros. Então, um por um, afastaram-se da torre; para irem para casa, para irem jantar, para irem ter com as esposas, maridos e filhos que os esperavam.

Um pequeno número de alunos permaneceu durante algum tempo. Elton Pendennis ainda pontificava no relvado, agitando a sua tocha acima da cabeça e gritando pragas que eles não conseguiam ouvir através das proteções. Mas, claramente, a torre nunca se iria incendiar. Os galhos arderam inutilmente contra a pedra e depois apagaram-se. As vozes dos manifestantes tornaram-se roucas de tanto gritarem; os seus gritos vacilaram e por fim desapareceram completamente. Ao pôr do sol, o último da turba já voltara para casa.

Os tradutores só jantaram quase à meia-noite; papas de aveia sem tempero, conservas de pêssago e dois biscoitos de chá cada. Depois de muito implorarem, a Professora Craft cedeu e permitiu que trouxessem várias garrafas de vinho tinto da adega.

— Bem — disse ela, enchendo os copos com doses generosas com a mão trémula. — Não foi emocionante.

R

Na manhã seguinte, os tradutores iniciaram a fortificação de Babel.

Eles nunca tinham estado em verdadeiro perigo no dia anterior; até Juliana, que chorara baixinho até adormecer, se ria agora das lembranças. Contudo, aquele tumulto inicial fora apenas o começo. Oxford iria continuar a desmoronar e a cidade odiá-los-ia ainda mais. Eles tinham de se preparar para a próxima vez.

Atiraram-se todos ao trabalho. De repente, a torre voltou a parecer exatamente como durante a temporada de exames. Eles sentavam-se em fila no oitavo andar, de cabeças curvadas sobre os seus textos, e os únicos sons que se ouviam eram os das páginas a serem folheadas e uma exclamação ocasional quando alguém tropeçava numa pepita de etimologia promissora. Era uma boa sensação. Finalmente, havia algo para fazer, algo que os impedia de passarem nervosamente o tempo enquanto esperavam notícias de fora.

Robin vasculhou as pilhas de anotações que encontrou no gabinete do Professor Lovell, as quais continham muitos pares-correspondentes potenciais preparados para a campanha na China. Um deles entusiasmou-o imenso: o carácter chinês 利 (*li*) podia significar aguçar a arma de alguém, embora também apresentasse conotações de lucro e vantagem e o seu logograma representasse grãos a serem cortados com uma faca. Facas afiadas com o par-correspondente 利 -*aguçado* tinham lâminas terrivelmente finas e acertavam nos seus alvos com precisão.

— Como é que isso é útil? — perguntou Victoire quando ele lho mostrou.

— Ajuda numa luta — disse Robin. — Não é esse o objetivo?

— Achas que vais entrar numa luta de facas com alguém?

Ele encolheu os ombros, irritado e um pouco envergonhado, agora.

— Pode acontecer.

Ela semicerrou os olhos.

— Tu queres que aconteça, não é?

— Claro que não, eu nem sequer... claro que não. Mas se eles entrarem, se for estritamente necessário...

— Estamos a tentar defender a torre — disse-lhe ela gentilmente.

— Estamos apenas a tentar manter-nos seguros e não a deixar um campo de sangue atrás de nós.

Eles começaram a viver como defensores debaixo de cerco. Consultavam textos clássicos — histórias militares, manuais de campo, tratados estratégicos — em busca de ideias sobre como gerirem a torre. Instituíram horários de refeições rígidos e rações definidas; nada de mordiscar biscoitos à meia-noite, como Ibrahim e

Juliana tinham sido apanhados a fazer. Arrastaram o resto dos velhos telescópios de astronomia para o telhado para poderem vigiar a deterioração da cidade. Montaram uma série de turnos de vigília rotativos de duas horas nas janelas do sétimo e oitavo andares para que quando os próximos tumultos comessem, os pudessem ver a chegar desde longe.

Um dia passou-se desse modo e depois outro. Finalmente, perceberam que tinham ultrapassado o ponto de retorno; esta não era uma divergência temporária e não haveria um retomar da vida normal. Eles emergiriam daqui como vencedores, os arautos de uma Grã-Bretanha irreconhecível, ou sairiam desta torre mortos.

— Estão em greve em Londres. — Victoire abanou-o pelos ombros.
— Robin, acorda.

Ele sentou-se de imediato na cama. O relógio marcava meia-noite e dez; ele tinha acabado de adormecer em preparação para uma vigília noturna.

— O quê? Quem?

— Toda a gente. — Victoire parecia atordoada, como se ela própria não conseguisse acreditar. — Os panfletos do Anthony devem ter funcionado... quero dizer, os dirigidos aos Radicais, os sobre o trabalho, porque vê... — Ela acenou-lhe com um telegrama. — Até o gabinete do telégrafo. Dizem que tem havido multidões em redor do Parlamento o dia todo, exigindo que retirem a proposta de guerra...

— Quem é *toda a gente*?

— Todos os grevistas de há alguns anos: os alfaiates, os sapateiros, os tecelões. Estão todos em greve novamente. E há mais, há estivadores, operários de fábrica, fogueiros... A sério, *toda a gente*. Olha. — Ela abanou o telegrama. — Olha. Vai estar em todos os jornais amanhã.

Robin semicerrou os olhos para a missiva na luz fraca, tentando compreender o que aquilo significava.

A 160 quilómetros de distância, operários britânicos brancos juntavam-se em redor de Westminster Hall para protestar contra uma guerra num país onde nunca tinham posto os pés.

Será que Anthony tinha razão? Será que eles tinham forjado a mais improvável das alianças? A revolta deles não era a primeira revolta antiprata daquela década, apenas a mais dramática. Os Motins de Rebecca no País de Gales, os Motins de Bull Ring em Birmingham e os levantamentos cartistas em Sheffield e Bradford no início daquele ano tinham tentado e falhado na interrupção da revolução industrial da prata. Os jornais tinham-nos apresentado como explosões isoladas de descontentamento, mas era claro agora que estavam todos conectados, todos presos na mesma teia de coerção e exploração. O que estava a acontecer aos fiandeiros de Lancashire acontecera primeiro aos tecelões indianos. Trabalhadores têxteis suados e exaustos em fábricas britânicas movidas a prata fiavam algodão colhido por escravos na América. Em todo o lado, a revolução industrial da prata trouxera pobreza, desigualdade e sofrimento, enquanto os únicos beneficiados eram os que estavam no poder no coração do Império. A grande realização do projeto imperial era tirar apenas um pouco em muitos lugares; fragmentar e distribuir o sofrimento para que, em nenhum momento, ele se tornasse demasiado para a comunidade inteira suportar. Até se ter tornado.

E se os oprimidos se unissem, se se reunissem em torno de uma causa comum — aqui, agora, estava um dos pontos cruciais impossíveis de que Griffin tanto falara. Aqui estava a sua oportunidade de desviarem o curso da história.

A primeira oferta de cessar-fogo veio de Londres uma hora depois: RETOMEM SERVIÇOS DE BABEL. AMNISTIA TOTAL ATÉ PARA SWIFT E DESGRAVES STOP. CASO CONTRÁRIO PRISÃO STOP.

— São termos péssimos — disse Yusuf.

— São termos absurdos — disse o Professor Chakravarti. — Como devemos responder?

— Acho que não devemos — disse Victoire. — Acho que os devemos deixar suar, continuar a empurrá-los até ao limite.

— Mas isso é perigoso — disse a Professora Craft. — Eles abriram espaço para o diálogo, não abriram? Não podemos saber quanto tempo estarão disponíveis. E se os ignorarmos e eles fecharem as portas...

— Há mais uma coisa — disse Robin bruscamente.

Com uma apreensão silenciosa e temerosa, eles observaram a máquina do telégrafo matraquear enquanto Victoire anotava a mensagem.

— «EXÉRCITO A CAMINHO STOP» — leu ela. — «DESISTAM STOP».

— Jesus Cristo — disse Juliana.

— Mas de que lhes adianta isso? — perguntou Robin. — Eles não conseguem passar pelas proteções...

— Temos de presumir que conseguem — disse o Professor Chakravarti sombriamente. — Pelo menos, que irão conseguir. Temos de presumir que o Jerome está a ajudá-los.

Aquilo desencadeou uma ronda de frases assustadas.

— Temos de falar com eles — disse a Professora Craft. — Vamos perder a oportunidade de negociar...

E Ibrahim disse:

— Suponham que nos põem a todos na prisão, embora...

— Não, se nos rendermos... — começou Juliana.

E Victoire, firme, veemente:

— Não nos podemos render. Não teremos ganhado nada...

— Esperem. — Robin ergueu a voz acima do barulho. — Não, esta ameaça, o Exército, tudo isto significa que está a funcionar. Não veem? Isto significa que eles estão com medo. No primeiro dia, ainda achavam que nos podiam dar ordens. Mas agora já sentiram as consequências e estão *apavorados*. Isso significa que, se pudermos esperar um pouco, se pudermos continuar assim, venceremos.

132 *Good speed to you*: boa esperança (velocidade) para si. (*N. da T.*)

133 O verbo भिन्ते (*bhintte*) faz uso da raiz sânscrita भिद् (*bhid*), que significa «quebrar, perfurar, golpear ou destruir». भिन्ते tem uma variedade de significados, incluindo «fraturar, distrair, dissolver e desunir».

CAPÍTULO VINTE E OITO

R

*O que dizes, então,
Ao tempo, quando metade da cidade for irromper
Cheia de paixão única, vingança, raiva ou medo?*

WILLIAM WORDSWORTH, *O Prelúdio*

Na manhã seguinte, eles acordaram e descobriram que um conjunto de barricadas tinha surgido misteriosamente em redor da torre durante a noite. Grandes obstruções vacilantes bloqueavam todas as ruas principais que conduziam a Babel — High Street, Broad Street, Cornmarket. Seria aquilo o trabalho do Exército, perguntavam-se eles? Mas parecia tudo demasiado descuidado, demasiado desorganizado para ser uma operação do Exército. As barricadas eram compostas por materiais comuns — carroças viradas, barris cheios de areia, candeeiros caídos, grades de ferro arrancadas das cercas em redor dos parques de Oxford e pedras dos escombros que se vinham acumulando em cada esquina como evidência da lenta deterioração da cidade. E que benefício obteria o Exército cercando as suas próprias ruas?

Eles perguntaram a Ibrahim, que estivera de vigia, o que tinha visto. Mas Ibrahim tinha adormecido.

— Acordei um pouco antes do amanhecer — disse ele na defensiva. — Nessa altura, elas já estavam montadas.

O Professor Chakravarti chegou a correr da receção.

— Há um homem lá fora que quer falar com vocês os dois. — Ele acenou para Robin e Victoire.

— Que homem? — perguntou Victoire. — E porquê nós?

— Não é claro — disse o Professor Chakravarti. — Mas ele foi bastante inflexível em querer falar com os responsáveis. E este espetáculo todo é uma encenação vossa, não é?

Eles desceram juntos até à receção. Da janela, viram um homem alto, de ombros largos e barba à espera nos degraus. Não parecia estar armado, nem ser particularmente hostil, mas a sua presença era desconcertante, ainda assim.

Ele já tinha visto aquele homem antes, percebeu Robin. Não trazia nenhum cartaz, mas apresentava-se da mesma forma que sempre demonstrara durante os protestos dos trabalhadores fabris: punhos cerrados, queixo erguido e olhando com determinação para a torre como se a pudesse derrubar com a mente.

— Por amor de Deus. — A Professora Craft espreitou pela janela. — É um daqueles loucos. Não saiam, ele vai atacar-vos.

Mas Robin já estava a vestir o casaco.

— Não, não vai. — Ele tinha uma suspeita sobre o que se estava a passar e, embora ainda estivesse com medo de ter esperança, o seu coração disparara de entusiasmo. — Acho que ele está aqui para ajudar.

O homem recuou cortesmente quando eles abriram a porta,¹³⁴ de braços erguidos para mostrar que não tinha nenhuma arma.

— Qual é o seu nome? — perguntou Robin. — Já o vi aqui antes.

— Abel. — A voz do homem era muito profunda; sólida, como pedra de construção. — Abel Goodfellow.

— O senhor atirou-me um ovo — acusou Victoire. — Era você, em fevereiro passado...

— Sim, mas era só um ovo — disse Abel. — Não era nada pessoal.

Robin gesticulou para as barricadas. A mais próxima obstruía quase toda a largura da High Street, bloqueando a entrada principal da torre.

— Isto é obra sua?

Abel sorriu. Era uma visão estranha através de toda aquela barba; fazia-o parecer por breves instantes um rapazinho alegre.

— Gostam delas?

— Não tenho a certeza de qual é o objetivo — disse Victoire.

— O Exército está a caminho, não ouviram?

— E não vejo como é que isto os impede — disse Victoire. — A menos que me diga que também trouxe um exército para proteger essas muralhas.

— Fará um trabalho melhor a afastar os soldados do que vocês pensam — disse Abel. — Não se trata apenas das barreiras, embora elas aguentem, como verão. É psicológico. As barricadas dão a impressão de que existe uma verdadeira resistência, pois o Exército acha que vai marchar até à torre sem oposição. E também encorajam os nossos manifestantes, porque criam um refúgio seguro, um lugar onde se refugiarem.

— E vocês estão aqui a protestar contra o quê? — perguntou Victoire cautelosamente.

— Contra a revolução industrial da prata, é claro. — Abel ergueu um panfleto amarrotado e encharcado. Um dos deles. — Afinal, parece que estamos do mesmo lado.

Victoire inclinou a cabeça.

— Estamos?

— No que diz respeito à indústria, sem dúvida. Temos estado a tentar convencer-vos do mesmo.

Robin e Victoire trocaram um olhar. Ambos se sentiam agora bastante envergonhados do seu desdém em relação aos grevistas no ano anterior. Tinham acreditado nas alegações do Professor Lovell de que os grevistas eram simplesmente preguiçosos, patéticos e indignos das dignidades económicas básicas. Mas quão diferentes eram, realmente, as suas causas?

— Nunca foi sobre a prata — disse Abel. — Percebem isso agora, não é? Era sobre os cortes salariais. O trabalho medíocre. As mulheres e crianças fechadas o dia todo em salas quentes sem arejamento. O perigo de máquinas não testadas que o olho não consegue acompanhar. Nós estávamos a sofrer. E só queríamos que vocês percebessem.

— Eu sei — disse Robin. — Sabemos disso agora.

— E não estávamos ali para magoar nenhum de vocês. Bem, não a sério.

Victoire hesitou e depois assentiu.

— Posso tentar acreditar nisso.

— Seja como for — Abel gesticulou para as barricadas atrás dele. O gesto foi comovedoramente desajeitado, como um pretendente a exhibir as suas rosas. — Soubemos o que vocês estavam a fazer e achámos que podíamos vir até cá ajudar. Pelo menos, podemos impedir aqueles palhaços de incendiarem a torre.

— Bem, obrigado. — Robin ainda não sabia como reagir àquilo; ainda não conseguia acreditar que estava a acontecer. — Quer... quer entrar? Conversar sobre as coisas?

— Bem, sim — disse Abel. — É por isso que estou aqui.

Eles atravessaram a soleira da porta e convidaram-no a entrar.

E, assim, as linhas de batalha foram traçadas. Naquela tarde começou a mais estranha colaboração que Robin alguma vez testemunhara. Homens que semanas antes gritavam obscenidades aos estudantes de Babel estavam agora sentados na receção no meio deles, a conversar sobre táticas de guerrilha de rua e integridade de barreiras. A Professora Craft e um grevista chamado Maurice Long estavam com as cabeças inclinadas sobre um mapa de Oxford, discutindo os locais ideais para mais barreiras para bloquear os pontos de entrada do Exército.

— As barricadas são a única coisa boa que importámos dos franceses — dizia Maurice.¹³⁵ — Nas ruas largas, queremos obstruções de baixo nível: pedras da calçada, árvores derrubadas, esse tipo de coisas. Demoram tempo para limpar e impedem que eles tragam cavalos ou artilharia pesada. E aqui, se cortarmos os pontos de acesso mais estreitos em redor do pátio, podemos mantê-los restritos à High Street...¹³⁶

Victoire e Ibrahim estavam sentados a uma mesa com vários outros grevistas, anotando obedientemente quais os tipos de barras de prata que poderiam ajudar melhor as suas defesas. A palavra *barris* surgia bastantes vezes; Robin, à escuta, percebeu que eles estavam a planear invadir algumas adegas para obterem reforços estruturais.¹³⁷

— Quantas noites vão ficar aqui? — Abel gesticulou em redor do salão.

— O tempo que for preciso — disse Robin. — Esse é o ponto crucial; eles podem tentar tudo o que quiserem, mas enquanto tivermos a torre estarão paralisados.

— Vocês tem camas aqui?

— Na verdade, não. Há uma cama de dobrar que usamos à vez, mas na maior parte das vezes enrolamo-nos apenas entre as estantes.

— Não deve ser confortável.

— Nada. — Robin ofereceu-lhe um sorriso irónico. — Passo a vida a ser pisado quando alguém desce para usar a casa de banho.

Abel soltou um murmúrio. Os seus olhos percorreram a ampla receção, as prateleiras de mogno polido e o piso de mármore imaculado.

— É um grande sacrifício.

O Exército Britânico marchou para Oxford naquela noite.

Do telhado, os académicos observaram os soldados de casacas vermelhas chegarem numa única coluna ao longo da High Street. A chegada de um pelotão armado deveria ter sido uma grande ocasião, mas era difícil sentirem verdadeiro medo. A tropa parecia bastante deslocada no meio das casas e das lojas do centro da cidade, e os habitantes locais que apareceram para comemorar a sua chegada faziam-na parecer mais um desfile do que uma força militar punitiva. Eles marchavam lentamente, cedendo passagem aos civis que atravessavam a rua. Era tudo bastante pitoresco e educado.

Pararam quando chegaram às barricadas. O comandante, um sujeito com um bigode farfalhado e enfeitado com medalhas, desmontou do seu cavalo e avançou até à primeira carroça virada. Parecia profundamente confuso com aquilo. Olhou em redor para os habitantes da cidade como se esperasse alguma explicação.

— Acham que é Lorde Hill? — perguntou Juliana.

— Esse é o comandante máximo — disse o Professor Chakravarti. — Eles não iam enviar o comandante máximo para lidar connosco.

— Mas deviam — disse Robin. — Somos uma ameaça à segurança nacional.

— Não sejam tão dramáticos. — Victoire silenciou-os. — Olhem, estão a conversar.

Abel Goodfellow saiu de trás da barricada, sozinho.

O comandante encontrou-se com Abel no meio da rua. Trocaram palavras. Robin não conseguia ouvir o que diziam, mas a conversa parecia acalorada. Começou de maneira civilizada, mas depois ambos os homens começaram a gesticular descontroladamente; em vários momentos ele receou que o comandante fosse algemar Abel. Por fim, chegaram a um acordo. Abel voltou para trás da barricada, recuando como que para se certificar de que ninguém o atingia pelas costas. O comandante de bigode voltou para o seu batalhão. Então, para surpresa de Robin, o Exército começou a recuar.

— Ele deu-nos quarenta e oito horas para sairmos — relatou Abel ao regressar à entrada da torre. — Depois disso, diz que vão tirar as barricadas à força.

— Então, só temos dois dias — disse Robin. — Isso não é tempo suficiente.

— É mais do que isso — disse Abel. — Isto vai acontecer tudo aos solavancos. Eles irão dar outro aviso. E depois outro. E a seguir, um terceiro, com palavras mais fortes dessa vez. Vão arrastar os pés o máximo que puderem. Se estivessem a planear atacar-nos, tê-lo-iam feito logo ali.

— Não tiveram nenhum problema em disparar contra os revoltosos de 1830 — disse Victoire. — Nem sobre a Marcha dos Blanketeers.

— Essas não eram revoltas de ocupação de território — disse Abel. — Eram revoltas sobre políticas. Os revoltosos não precisavam de se manter firmes no terreno e dispersaram quando foram alvejados. Mas nós estamos inseridos no coração de uma cidade. Reivindicámos a torre e a própria Oxford. Se algum destes soldados atingir acidentalmente um espetador, eles perdem completamente o controlo da situação. Eles não podem quebrar as barricadas sem quebrarem a cidade e isso, creio, é algo que o Parlamento não pode arriscar. — Ele levantou-se para sair. — Nós mantemo-los longe. Continuai a escrever os vossos panfletos.

E, assim, aquele impasse entre os grevistas e o Exército nas barricadas da High Street tornou-se o seu novo *statu quo*.

Afinal, se fosse mesmo necessário, a própria torre fornecia uma proteção muito melhor do que as obstruções desorganizadas de Abel Goodfellow. No entanto, as barricadas tinham mais do que um mero valor simbólico. Elas cobriam uma área grande o suficiente para permitir linhas de abastecimento cruciais para dentro e para fora da torre. Isso significava que os acadêmicos tinham agora comida e água fresca (o jantar naquela noite foi uma fartura de pãozinhos brancos macios e frango assado) e também uma fonte fiável de informações sobre o que estava a acontecer para lá das paredes da torre.

Contra todas as expectativas, os apoiantes de Abel cresceram em número nos dias seguintes. Os trabalhadores grevistas eram melhores a transmitir a mensagem do que qualquer um dos panfletos de Robin. Afinal, falavam a mesma língua. Os britânicos podiam identificar-se com Abel de uma forma que não podiam com os tradutores estrangeiros. Trabalhadores grevistas de toda a Inglaterra vieram juntar-se à sua causa. Rapazes jovens de Oxford, aborrecidos por estarem presos em casa e em busca de algo para fazer, apareciam nas barricadas simplesmente porque parecia emocionante. As mulheres, costureiras e operárias desempregadas, também se juntaram às fileiras.

Que visão, esse afluxo de defensores para a torre. As barricadas tinham o efeito peculiar de construírem uma comunidade. Eram todos companheiros de armas atrás daquelas paredes, independentemente das suas origens, e as entregas regulares de alimentos para a torre vinham com mensagens de encorajamento manuscritas. Robin esperara apenas violência, não solidariedade, e não sabia o que fazer com aquela demonstração de apoio. Desafiava o que ele acabara por esperar do mundo e ele estava com medo de começar a ter esperança.

Certa manhã, ele descobriu que Abel lhes tinha deixado um presente, uma carroça depositada diante das portas da torre cheia de colchões, travesseiros e cobertores feitos em casa. Uma nota rabiscada estava presa no topo. *Isto é emprestado*, dizia. *Vamos querer tudo de volta quando acabarem.*

Entretanto, no interior da torre, eles dedicavam-se a fazer Londres temer os custos de um ataque prolongado.

A prata oferecia a Londres todas as suas conveniências modernas. A prata alimentava as máquinas de fazer gelo nas cozinhas dos ricos em Londres. A prata alimentava os motores das cervejarias que abasteciam os *pubs* de Londres e os moinhos que produziam a farinha de Londres. Sem prata, as locomotivas parariam de rodar. Nenhuma linha ferroviária nova poderia ser construída. A água ficaria suja; o ar engrossaria com a sujidade. Quando todas as máquinas que tinham mecanizado os processos de fiação, tecelagem, cardagem e mecha parassem, a indústria têxtil da Grã-Bretanha entraria em colapso total. O país inteiro enfrentava a possibilidade de passar fome, pois havia prata nos arados, nas semeadoras, nas debulhadoras e nos canais de escoamento por todo o interior da Grã-Bretanha.¹³⁸

Esses efeitos não seriam totalmente sentidos durante meses ainda. Continuava a haver centros regionais de trabalho em prata em Londres, Liverpool, Edimburgo e Birmingham, onde os académicos de Babel — que não tinham deslumbrado o suficiente durante os seus anos de estudo para obterem bolsas investigação — ganhavam a vida de modo mundano mantendo as barras inventadas pelos seus colegas mais talentosos. Esses centros funcionariam como um paliativo no meio tempo. Contudo, não conseguiam cobrir totalmente o défice — especialmente porque, de modo crucial, não tinham acesso aos mesmos registos de manutenção.

— Acha que não se vão lembrar? — perguntou Robin. — Pelo menos, os académicos que saíram com o Professor Playfair?

— Eles são académicos — disse a Professora Craft. — Tudo o que conhecemos é a vida da mente. Não nos lembramos de nada, a menos que esteja escrito nos nossos diários e sublinhado várias vezes. O Jerome fará o possível, supondo que já não está drogado da cirurgia, mas há muita coisa que lhes vai escapar por entre os dedos. Este país vai desmoronar em meses.

— E a economia vai falir ainda mais depressa do que isso — disse Yusuf, que era o único entre eles que sabia alguma coisa sobre mercados e bancos. — É tudo especulação. Vejam, as pessoas compraram loucamente ações de companhias de caminhos de ferro e outras indústrias movidas a prata na última década, porque todos achavam que estão prestes a ficar ricos. Que vai acontecer quando perceberem que todas essas ações não vão dar em nada? A indústria ferroviária pode levar meses para falir, mas os mercados vão falir em semanas.

A falência do mercado. O pensamento era absurdo, mas tentador. Será que poderiam ganhar este braço de ferro com a ameaça de um colapso no mercado de ações e a inevitável corrida aos bancos?

Isso era a chave, não era? Para que isto funcionasse, eles tinham de assustar os ricos e os poderosos. Eles sabiam que a greve teria um impacto desproporcional sobre os trabalhadores pobres; aqueles que viviam nas partes mais sujas e populosas de Londres, que não podiam simplesmente fazer as malas e fugir para o campo quando o ar escurecesse e a água ficasse suja. No entanto, noutro sentido importante, a escassez da prata atingiria mais fortemente aqueles que tinham mais a ganhar com o seu desenvolvimento. Os edifícios mais novos — os clubes privados, os salões de dança, os teatros recém-renovados — desabariam primeiro. Os miseráveis bairros pobres de Londres tinham sido construídos com madeira comum e não tinham fundações reforçadas a prata para suportar cargas muito mais pesadas do que os materiais naturais aguentariam. O arquiteto Augustus Pugin era um colaborador frequente da faculdade de Babel e fizera grande uso das barras de prata nos seus projetos recentes — o Scarisbrick Hall em Lancashire, a reforma das Torres Alton e, principalmente, a reconstrução do Palácio de Westminster após o incêndio de 1834. De acordo com os registos das ordens de serviço, todos esses edifícios iriam falhar até ao final do ano. Mais cedo, se as hastes certas fossem retiradas.

Como é que os ricos de Londres reagiriam quando o chão cedesse debaixo dos seus pés?

Os grevistas tinham avisado com antecedência. Tinham anunciado essa informação em voz bem alta. Tinham escrito panfletos

intermináveis, que Abel comunicara aos seus associados em Londres. *As vossas estradas falharão, escreveram eles. A vossa água vai secar. As vossas luzes vão-se apagar, a vossa comida apodrecerá e os vossos navios afundar-se-ão. Tudo isso acontecerá, a menos que escolham a paz.*

— É como as Dez Pragas — observou Victoire.

Robin não abria uma Bíblia há anos.

— As Dez Pragas?

— Moisés pediu ao Faraó que deixasse o seu povo partir — disse Victoire. — Mas o coração do Faraó era inflexível e ele recusou. Então, o Senhor lançou dez pragas sobre a terra do Faraó. Transformou o Nilo em sangue. Enviou gafanhotos, rãs e peste. Lançou todo o Egito na escuridão e, por meio desses feitos, fez o Faraó conhecer o seu poder.

— E o Faraó deixou-os partir? — perguntou Robin.

— Sim — disse Victoire. — Mas só depois da décima praga. Só depois de sofrer a morte do seu filho primogénito.

Ocasionalmente, os efeitos da greve revertiam-se. Às vezes, as luzes voltavam a brilhar por uma noite, algumas estradas ficavam desimpedidas ou espalhava-se a notícia de que a prataria para a obtenção de água limpa estava agora disponível e a ser vendida a preços exorbitantes em certos bairros de Londres. Ocasionalmente, o desastre que os livros previam não acontecia.

Isso não era uma surpresa. Os académicos exilados — o Professor De Vreese, o Professor Harding e todos os professores e investigadores que não tinham ficado na torre — tinham-se reagrupado em Londres e estabelecido uma sociedade de defesa para neutralizar os grevistas. O país estava agora no meio de uma batalha invisível de palavras e significados; o seu destino oscilava entre o centro universitário e a periferia desesperada e em esforço.

Os grevistas não estavam preocupados. Os exilados não conseguiriam vencer; não tinham simplesmente os recursos da torre. Bem podiam tentar resistir à mudança, mas não iriam conseguir impedir o fluxo do rio, nem o rompimento da represa.

— É muito embaraçoso — observou Victoire uma tarde enquanto tomavam chá — como tudo depende de Oxford, no final. Seria de esperar que eles teriam tido o bom senso de não pôr os ovos todos no mesmo cesto.

— Bem, é muito engraçado — disse o Professor Chakravarti. — Tecnicamente, estas estações suplementares existem precisamente para aliviar essa crise de dependência. Cambridge, por exemplo, está a tentar estabelecer um programa rival há anos. Mas Oxford não partilha os seus recursos.

— Por causa da escassez? — perguntou Robin.

— Por causa do ciúme e da avareza — disse a Professora Craft. — A escassez nunca foi um problema.¹³⁹ Nós simplesmente não gostamos dos académicos de Cambridge. Uns novatos desagradáveis, que acham que conseguem ter sucesso sozinhos.

— Ninguém vai para Cambridge a menos que não consiga encontrar um emprego aqui — disse o Professor Chakravarti. — É triste.

Robin lançou-lhes um olhar espantado.

— Estão a dizer-me que este país vai cair por causa da rivalidade académica?

— Bem, sim. — A Professora Craft levou a chávena aos lábios. — É Oxford, o que é que esperava?

Ainda assim, o Parlamento recusava-se a cooperar. Todas as noites, o Ministério dos Negócios Estrangeiros enviava-lhes o mesmo telegrama, redigido exatamente da mesma maneira, como se gritar uma mensagem vezes sem conta pudesse induzir à obediência: CESSEM GREVE AGORA STOP. No espaço de uma semana, essas mensagens pararam de incluir uma oferta de amnistia. Pouco depois disso, chegavam com uma ameaça bastante redundante anexada: CESSEM GREVE AGORA STOP OU EXÉRCITO RETOMARÁ TORRE STOP.

Em breve os efeitos da greve tornaram-se mortais.¹⁴⁰ Descobriu-se que um dos principais pontos de rotura eram as estradas. Em Oxford, mas ainda mais em Londres, o trânsito era o problema dominante enfrentado pelas autoridades municipais — como gerir o

fluxo de carroças, cavalos, peões, diligências, carruagens de aluguer e vagões sem engarrafamentos ou acidentes. A prataria evitara os engarrafamentos reforçando as estradas de madeira, regulando os cruzamentos, reforçando as portagens e pontes, garantindo curvas suaves para as carroças, reabastecendo as bombas de água destinadas a suprimir a poeira e mantendo os cavalos dóceis. Sem a manutenção de Babel, todos esses ajustes minuciosos começaram a falhar um por um e dezenas morreram como resultado.

O transporte fez tombar o dominó que levou a uma série de outras desgraças. Os merceeiros não conseguiam encher as suas prateleiras. Os padeiros não conseguiam obter farinha. Os médicos não conseguiam ver os seus pacientes. Os advogados não conseguiam comparecer em tribunal. Uma dúzia de carruagens nos bairros mais ricos de Londres usavam um par-correspondente do Professor Lovell que reproduzia o carácter chinês 輔 (*fǔ*), que significava «ajudar» ou «assistir». O carácter referia-se originalmente às barras laterais de proteção numa carruagem. O Professor Lovell deveria ter ido a Londres para os retocar em meados de janeiro. As barras falharam. As carruagens eram agora demasiado perigosas para conduzir.¹⁴¹

Tudo o que eles sabiam que aconteceria em Londres estava já a acontecer em Oxford, pois Oxford, pela sua proximidade a Babel, era a cidade mais dependente de prata do mundo. E Oxford estava a apodrecer. Os seus habitantes estavam a falir, a passar fome, os seus negócios tinham sido interrompidos, os seus rios bloqueados e os seus mercados fechados. Eles iam a Londres buscar comida e mantimentos, mas as estradas tinham-se tornado perigosas e a linha Oxford-Paddington já não estava a funcionar.

Os ataques à torre redobraram. Os cidadãos e os soldados ocupavam as ruas, gritavam obscenidades para as janelas e lutavam com os homens nas barricadas. Mas não fazia diferença. Não podiam ferir os tradutores, que eram as únicas pessoas que poderiam acabar com o seu sofrimento. Não podiam passar pelas

proteções da torre e não a podiam queimar ou colocar explosivos na sua base. Apenas podiam implorar aos académicos que parassem.

Temos apenas duas exigências, escreveu Robin numa série de panfletos, os quais se tinham tornado a sua forma de responder aos protestos da cidade. *O Parlamento sabe disso. Recusa em ir para a guerra e amnistia. O vosso destino está nas mãos deles.*

Ele pedia que Londres capitulasse antes que todas essas coisas acontecessem. No entanto, esperava e sabia que eles não iriam capitular. Ele tinha-se convertido totalmente à teoria da violência de Griffin de que o opressor nunca se sentaria à mesa das negociações quando ainda achasse que não tinha nada a perder. Não, as coisas tinham de ficar sangrentas. Até agora, todas as ameaças tinham sido hipotéticas. Londres tinha de sofrer para aprender.

Victoire não gostava daquilo. De todas as vezes que subiam ao oitavo andar, discutiam sobre que barras de ressonância retirar e quantas. Ele queria desativar duas dúzias; ela queria apenas duas. Normalmente, contentavam-se com cinco ou seis.

— Estás a forçar as coisas demasiado depressa — disse ela. — Nem sequer lhes deste ainda a hipótese de responderem.

— Eles podem responder quando quiserem — disse Robin. — Que é que os impede? Entretanto, o Exército já está aqui...

— O Exército está aqui porque tu os forçaste a isso.

Ele fez um som impaciente.

— Desculpa lá se não estou a ser medroso...

— Eu não estou a ser *medrosa*; estou a ser prudente. — Victoire cruzou os braços. — É demasiado rápido, Robin. É demasiado de uma só vez. Precisas de deixar que os debates se estabeleçam. Precisas de deixar que a opinião pública se volte contra a guerra...

— Não é o suficiente — insistiu ele. — Eles não vão aceitar ouvir a razão e ser justos agora, quando nunca o fizeram antes. O medo é a única coisa que funciona. Isto é apenas *tática*...

— Isto não tem que ver com táticas. — A voz dela agudizou-se. — Tem que ver com a dor.

Ele não se conseguia virar. Não queria que ela visse a sua expressão.

— Tu mesma disseste que querias que este lugar ardesse.

— Mas quero mais do que isso — disse Victoire, colocando a mão no ombro dele —, quero que sobrevivamos.

No final, era impossível dizer quanta diferença o ritmo da sua destruição fazia realmente. A escolha permanecia nas mãos do Parlamento. Os debates continuavam em Londres.

Ninguém sabia o que se passava na Câmara dos Lordes, exceto que nem os Liberais nem os Radicais se sentiam suficientemente confortáveis com os seus números para convocarem uma votação. Os jornais revelavam mais sobre o sentimento público. Os tabloides tradicionais expressavam a opinião que Robin esperava, de que a guerra contra a China era uma questão de defesa do orgulho nacional, que a invasão nada mais era do que uma punição justa pelas indignidades impostas pelos chineses à bandeira britânica, que a ocupação de Babel por estudantes nascidos no estrangeiro era um ato de traição, que as barricadas em Oxford e as greves em Londres eram obra de uns selvagens descontentes e que o governo se devia manter firme contra as suas exigências. Os editoriais pró-guerra sublinhavam a facilidade com que a China seria derrotada. Seria apenas uma pequena guerra, nem sequer uma guerra propriamente dita; bastava a ignição de vários canhões e os chineses admitiriam a derrota num dia.

Os jornais não se conseguiam decidir sobre os tradutores. As publicações pró-guerra ofereciam uma dúzia de teorias: estavam em conluio com o governo chinês corrupto; eram coconspiradores de amotinados na Índia; eram uns ingratos malvados sem nenhum objetivo exceto o desejo de ferir a Inglaterra — de morder a mão que os tinha alimentado —, o que não exigia mais explicações, pois era um motivo no qual o público britânico estava pronto para acreditar. *Não negociaremos com Babel*, prometiam os membros do Parlamento de ambos os lados. *A Grã-*

*-Bretanha não se curva perante estrangeiros.*¹⁴²

No entanto, nem todos os jornais eram contra Babel ou a favor da guerra. De facto, por cada manchete que pedia ação rápida em Cantão, havia outra de uma publicação (embora mais pequena, mais de nicho, mais radical) que considerava a guerra um ultraje

moral e religioso. O *Spectator* acusava o partido pró-guerra de ganância e especulação; o *Examiner* dizia que a guerra era criminosa e indefensável. **A GUERRA DO ÓPIO DE JARDINE É UMA DESGRAÇA**, dizia uma manchete do *Champion*. Outros não eram tão diplomáticos: **O MCDROGADO DROGADO QUER METER A MÃO NA CHINA**, dizia o *Political Register*.

Todas as facções sociais em Inglaterra tinham uma opinião. Os abolicionistas faziam declarações de apoio aos grevistas, bem como as sufragistas, embora não tão ruidosamente. As organizações cristãs imprimiam panfletos criticando a disseminação de um vício ilegal num povo inocente, embora os evangelistas pró-guerra respondessem com o argumento supostamente cristão de que seria, de facto, obra de Deus expor o povo chinês ao comércio livre.

Entretanto, as publicações radicais argumentavam que a abertura da China era contrária aos interesses dos trabalhadores do norte de Inglaterra. Os Cartistas, um movimento de trabalhadores industriais e artesanais desiludidos, apoiavam fortemente os grevistas; de facto, a circular cartista *The Red Republican* publicou uma manchete chamando aos tradutores heróis da classe trabalhadora.

Isso dava esperança a Robin. Os Radicais eram, afinal, o partido que os Liberais precisavam de apaziguar, e se aquelas manchetes pudessem convencer os Radicais de que a guerra não os beneficiava no longo prazo, então, talvez tudo isto pudesse ser resolvido.

E, de facto, a conversa sobre os perigos do trabalho em prata saía-se melhor no tribunal da opinião pública do que a conversa sobre a China. Este era um problema que tocava diretamente nas pessoas, afetando o britânico médio de maneiras que ele podia entender. A revolução industrial da prata dizimara as indústrias têxtil e agrícola. Os jornais apresentavam artigo após artigo expondo as horríveis condições de trabalho dentro das fábricas movidas a prata (embora estes tivessem refutações, incluindo um artigo de Andrew Ure, que argumentava que os trabalhadores fabris se sentiriam muito melhor se consumissem menos gim e tabaco). Em 1833, o cirurgião Peter Gaskell publicara um manuscrito minuciosamente

investigado intitulado *The Manufacturing Population of England*¹⁴³, que se concentrava principalmente no custo moral, social e físico das máquinas sustentadas a prata nos trabalhadores britânicos. Na altura, a obra não tinha recebido grande atenção, exceto dos Radicais, os quais eram conhecidos por exagerar tudo. Agora, os jornais antiguerra publicavam trechos todos os dias, relatando com pormenores terríveis o pó de carvão inalado por crianças pequenas que eram forçadas a enfiarem-se em túneis onde os adultos não conseguiam entrar, os dedos das mãos e dos pés perdidos por causa das máquinas movidas a prata que trabalhavam a velocidades desumanas, as meninas que eram estranguladas pelos seus próprios cabelos quando estes eram apanhados pelos fusos e teares em movimento.

O *Spectator* publicou uma ilustração em banda desenhada de crianças emaciadas a serem esmagadas até à morte debaixo das rodas de alguma engenhoca nebulosa, a qual legendaram com o nome de **ESCRAVOS BRANCOS DA REVOLUÇÃO DA PRATA**. Na torre, eles riram a bandeiras despregadas com essa comparação, mas o público geral parecia genuinamente horrorizado. Alguém perguntou a um membro da Câmara dos Lordes porque é que ele apoiava a exploração de crianças nas fábricas e ele respondeu, com bastante superficialidade, que o emprego de crianças com menos de nove anos tinha sido proibido em 1833, o que levou a um protesto mais geral no país sobre o sofrimento de crianças de dez e onze anos.

— É realmente assim tão mau? — perguntou Robin a Abel. — As fábricas, quero dizer.

— É pior — disse Abel. — Eles estão apenas a relatar os acidentes mais extremos, mas não descrevem como é trabalhar dia após dia naquelas salas apinhadas. Acordar antes do amanhecer e trabalhar até às nove com poucos intervalos. E essas são as condições que *cobiçamos*. Os empregos que gostaríamos de ter de volta. Imagino que não vos façam esforçarem-se tanto na universidade, pois não?

— Não — disse Robin, sentindo-se envergonhado. — Não fazem.

A história do *Spectator* pareceu afetar muito sobretudo a Professora Craft. Robin encontrou-a sentada à mesa a lê-la, de olhos vermelhos, muito depois de os outros terem terminado o pequeno-almoço. Ela enxugou rapidamente os olhos com um lenço quando o viu aproximar-se.

Ele sentou-se ao lado dela.

— Sente-se bem, professora?

— Ah, sim. — Ela pigarreou, fez uma pausa e empurrou o jornal.

— É apenas... É um lado da história em que não pensamos muitas vezes, não é?

— Acho que nos tornámos todos muito bons a escolher não pensar em certas coisas.

Ela pareceu não o ouvir. Olhou pela janela para o relvado abaixo, onde os protestos dos grevistas tinham sido transformado no que parecia ser um acampamento militar.

— O meu primeiro par-correspondente patenteado melhorou a eficiência do equipamento numa mina em Tyneshire — disse ela. — Mantinha os carrinhos carregados de carvão firmes nos carris. Os donos da mina ficaram tão impressionados que me convidaram para uma visita e, claro, eu fui; estava tão entusiasmada por contribuir com algo para o país. Lembro-me de ficar chocada ao ver todas aquelas crianças pequenas nos poços. Quando perguntei, os mineiros disseram que elas estavam completamente seguras e que ajudar nas minas mantinha-as longe de problemas enquanto os pais estavam a trabalhar.

Ela respirou fundo.

— Mais tarde, disseram-me que a prataria tornava impossível remover os vagões dos carris, mesmo quando havia pessoas no caminho. Houve um acidente. Um rapazinho perdeu as duas pernas. Eles pararam de usar o par-correspondente quando não conseguiram descobrir uma solução para o problema e eu não voltei a pensar nisso. A essa altura, já tinha recebido a minha bolsa de investigação. Tinha uma cátedra em vista e já tinha passado para outros projetos maiores. Não pensei nisso. Simplesmente, não voltei a pensar nisso durante muitos e muitos anos.

Ela virou-se para ele. Tinha os olhos húmidos.

— Só que vai pesando, não é? Não desaparece. E um dia começamos a mexer em tudo o que reprimimos. E é uma massa de podridão negra e é interminável, horrível e não conseguimos desviar o olhar.

— Jesus Cristo — disse Robin.

Victoire ergueu os olhos.

— Que foi?

Estavam fechados num escritório no sexto andar, a vasculhar os livros de registo em busca de presságios de desastres futuros. Já tinham revisto as marcações para a cidade de Oxford até ao próximo ano. Os cronogramas de manutenção de Londres eram mais difíceis de encontrar — a contabilidade de Babel era incrivelmente má e o sistema de categorização usado pelos funcionários da instituição parecia não estar organizado por data, o que teria sido lógico, nem por idioma, o que teria feito algum sentido, embora menos, e sim pelo código postal do bairro londrino em questão.

Robin bateu com o dedo no seu livro de registo.

— Acho que podemos estar perto de um ponto de rutura.

— Porquê?

— Devia ser feita uma manutenção na Ponte de Westminster daqui a uma semana. Ela recebeu prataria na mesma época em que a Ponte de New London foi construída, em 1825, e as barras deviam expirar ao fim de quinze anos. Isso é agora.

— Então, o que acontece? — perguntou Victoire. — Os torniquetes trancam?

— Acho que não, foram trabalhos importantes... *F* é código para *fundações*, não é? — Robin parou e depois ficou calado. Percorreu o livro de registo com os olhos, tentando confirmar o que estava à sua frente. Era uma entrada bastante grande, uma lista de barras de prata e pares-correspondentes em vários idiomas que ocupavam quase meia página. Vários deles tinham números correspondentes numa coluna subsequente, uma indicação de que empregavam elos de ressonância. Ele virou a página e pestanejou. A coluna

continuava ao longo das duas páginas seguintes. — Acho que cai simplesmente no rio.

Victoire recostou-se e exalou muito devagar, descaindo sobre si mesma.

As implicações eram enormes. A Ponte de Westminster não era a única ponte a atravessar o Tamisa, mas era a que tinha mais tráfego. E se a Ponte de Westminster caísse no rio, nenhum navio a vapor, nenhuma casa flutuante, nenhum barco ou canoa seria capaz de contornar os destroços. Se a Ponte de Westminster caísse, toda a cidade pararia.

E nas semanas seguintes, quando as barras que mantinham o Tamisa limpo dos esgotos, da poluição das fábricas de gás e das indústrias químicas expirassem finalmente, as águas apresentariam um estado de fermentação doentia e pútrida. Os peixes flutuariam de barriga para cima, mortos e a cheirar mal. A urina e as fezes, que já se moviam lentamente pelos canos dos esgotos, solidificariam.

O Egito sofreria as suas dez pragas.

Mas enquanto Robin explicava isto, o rosto de Victoire não refletia nenhuma da sua alegria. Em vez disso, ela estava a olhar para ele com uma expressão muito estranha, de sobrancelhas e lábios franzidos, e ele sentiu as suas entranhas revirarem-se com desconforto.

— É o Apocalipse — insistiu ele, abrindo as mãos no ar. Como é que a poderia fazer perceber? — É a pior coisa que pode acontecer.

— Eu sei — disse ela. — Só que depois de jogarmos essa cartada não temos mais nada.

— Não vamos precisar de mais nada — disse ele. — Só precisamos de apertar o torniquete uma vez para os levar ao limite...

— Um limite que sabes que eles vão ignorar? Por favor, Robin...

— Então, qual é a alternativa? Cortarmos as nossas próprias pernas?

— É dar-lhes *tempo*, é deixá-los ver as consequências...

— Que mais há para ver? — Ele não tivera intenção de gritar. Respirou fundo. — Victoire, por favor, eu só acho que precisamos de intensificar isto, caso contrário...

— Eu acho que tu queres que tudo caia — acusou ela. — Acho que isto é apenas uma retaliação para ti, porque queres que caia tudo...

— E porque *não*?

Eles já tinham tido aquela discussão antes. Os fantasmas de Anthony e Griffin pairavam entre eles: um guiado pela convicção de que o inimigo agiria racionalmente a favor do seu interesse próprio, se não por altruísmo, e o outro guiado menos por convicção, menos por um objetivo, e mais por uma raiva pura e irrestrita.

— Eu sei que dói. — A garganta de Victoire pulsou. — Eu sei... eu sei que parece impossível seguir em frente. Mas o teu objetivo motivador não pode ser juntares-te ao Ramy.

Silêncio. Robin considerou negá-lo. Mas não adiantava mentir para Victoire, ou para si mesmo.

— Isso não te destrói? — A voz dele falhou. — Saber o que eles fizeram? Ver os rostos deles? Não consigo imaginar um mundo onde coexistamos com eles. Isso não te desfaz?

— Claro que sim — exclamou ela. — Mas isso não é uma desculpa para desistirmos de viver.

— Eu não estou a tentar morrer.

— Que achas que deixar esta ponte desabar faz, então? Que achas que nos farão?

— Que é que tu farias? — perguntou ele. — Acabarias com esta greve? Abririas a torre?

— Se eu tentasse — disse ela —, poderias impedir-me?

Olharam ambos para o registo. Nenhum dos dois falou durante muito tempo. Não queriam levar esta conversa até ao fim. Nenhum deles conseguia suportar mais desgostos.

— Uma votação — propôs Robin finalmente, incapaz de aguentar mais aquilo. — Não podemos... não podemos simplesmente acabar com a greve assim. Não depende de nós. Não vamos decidir, Victoire.

Os ombros de Victoire descaíram. Ele viu tanta tristeza no seu rosto. Ela ergueu o queixo e, por um momento, ele pensou que ela iria argumentar mais, mas tudo o que ela fez foi acenar com a cabeça.

A votação decidiu-se por pouco a favor de Robin. Victoire e os professores eram contra; todos os alunos eram a favor. Os alunos concordaram com Robin que tinham de levar o Parlamento até ao ponto de rutura, mas não estavam entusiasmados com isso. Ibrahim e Juliana cruzaram os braços contra o peito quando votaram, como se tivessem medo da ideia. Até mesmo Yusuf, que geralmente tinha grande prazer em ajudar Robin a redigir panfletos ameaçadores para Londres, fitou os pés.

— Então, é isto — disse Robin. Tinha vencido, mas não parecia uma grande vitória. Ele não conseguia encontrar os olhos de Victoire.

— Quando é que acontece? — perguntou o Professor Chakravarti.

— Este sábado — disse Robin. — O momento é excelente.

— Mas o Parlamento não vai capitular até sábado.

— Então, suponho que ouviremos falar da ponte quando ela desabar.

— E sente-se confortável com isso? — O Professor Chakravarti olhou em volta, como se tentasse avaliar a temperatura moral da sala. — Dezenas de pessoas vão morrer. Há multidões inteiras ali a tentar embarcar a qualquer hora do dia; o que acontece quando...

— Isso não é uma escolha nossa — disse Robin. — É deles. É inação. É matar deixando morrer. Nós nem sequer estamos a tocar nas hastes de ressonância, ela vai cair sozinha...

— Sabe muito bem que isso não importa — disse o Professor Chakravarti. — Não distorça a ética. A queda da Ponte de Westminster é uma escolha sua. As pessoas inocentes não podem determinar os caprichos do Parlamento.

— Mas é dever do governo cuidar deles — disse Robin. — É esse o objetivo do Parlamento, não é? Enquanto isso, nós não temos a opção do civismo. Ou da clemência. É atear fogo de modo indiscriminado, admito, mas é o que os fins exigem. O senhor não pode pôr a culpa moral em mim. — Ele engoliu em seco. — Não pode.

— O Robin é a causa imediata — insistiu o Professor Chakravarti. — É quem pode fazer isto parar.

— Mas esse é exatamente o truque diabólico — insistiu Robin. — É assim que o colonialismo funciona. Convince-nos de que as consequências da resistência são inteiramente culpa nossa, que a escolha imoral é a própria resistência e não as circunstâncias que a exigiram.

— Mesmo assim, há limites que não podemos atravessar.

— Limites? Se jogarmos de acordo com as regras, eles já venceram...

— Está a tentar vencer punindo a cidade — disse o Professor Chakravarti. — Isso significa a cidade inteira e todos nela, homens, mulheres, crianças. Há crianças doentes que não conseguem obter remédios. Há famílias inteiras sem rendimentos e sem terem onde obter alimentos. Isto é mais do que uma inconveniência para eles, é uma ameaça de morte.

— Eu sei — disse Robin, frustrado. — Esse é o objetivo.

Eles olharam um para o outro furiosos e Robin pensou que agora percebia o modo como Griffin em tempos olhara para ele. Isto era uma falha de coragem. Uma recusa em levar as coisas ao limite. A violência era a única coisa que trazia o colonizador à mesa; a violência era a única opção. A arma estava ali, sobre a mesa, à espera de que pegassem nela. Porque é que tinham tanto medo de olhar sequer para ela?

O Professor Chakravarti levantou-se.

— Não o posso seguir por este caminho.

— Então, deve deixar a torre — disse Robin prontamente. — Isso ajudará a manter a sua consciência limpa.

— Sr. Swift, por favor, ouça a razão...

— Esvazie os bolsos. — Robin ergueu a voz, falando por cima do zumbido nos seus ouvidos. — Não leve nada consigo, nem prata, nem livros de registo, nem notas que tenha escrito para si mesmo.

— Ele esperou que alguém o interrompesse; que Victoire interviesse, que lhe dissesse que ele estava errado, mas ninguém falou. Ele interpretou aquele silêncio como uma aprovação tácita. — Se se for embora, tenho a certeza de que sabe que não poderá voltar.

— Não há nenhum caminho para a vitória aqui — alertou o Professor Chakravarti. — Isto só vai fazer que eles vos odeiem.

Robin zombou.

— Eles não nos podem odiar mais do que já odeiam.

Mas isso não era verdade e ambos o sabiam. Os britânicos não os odiavam, porque o ódio estava ligado ao medo e ao ressentimento e ambos exigiam que o adversário fosse visto como um ser moralmente autónomo, digno de respeito e rivalidade. A atitude dos britânicos em relação aos chineses era paternalista, desdenhosa; mas não era ódio. Ainda não.

Isso poderia mudar depois de a ponte cair.

Mas, pensou Robin, invocar o ódio podia ser bom. O ódio podia forçar o respeito. O ódio podia forçar os britânicos a fitá-los nos olhos e a ver não um objeto, mas uma pessoa. *A violência choca o sistema*, dissera-lhe Griffin. *E o sistema não pode sobreviver ao choque*.

— *Oderint dum metuant* — disse ele.¹⁴⁴ — Esse é o nosso caminho para a vitória.

— Isso é de Calígula — disse o Professor Chakravarti. — Está a invocar *Calígula*?

— Calígula conseguiu o que queria.

— Calígula foi assassinado.

Robin encolheu os ombros, totalmente despreocupado.

— Sabe — disse o Professor Chakravarti —, sabe, um dos conceitos do sânscrito mais mal compreendido é o *ahimsa*. Não-violência.

— Não preciso de uma palestra, senhor — disse Robin, mas o Professor Chakravarti falou por cima dele.

— Muitos pensam que *ahimsa* significa pacifismo absoluto e que o povo indiano é, portanto, um povo tímido e submisso que dobrará os joelhos diante de qualquer coisa. Mas no *Bhagavad Gita* são feitas exceções para um *dharma yuddha*. Uma guerra justa. Uma guerra na qual a violência é aplicada como último recurso, uma guerra travada não por ganhos egoístas ou motivos pessoais, mas por um compromisso com uma causa maior. — Ele abanou a cabeça. — Foi

assim que justifiquei esta greve, Sr. Swift. Mas o que você está a fazer aqui não é legítima defesa; já transitou para a crueldade. A sua violência é pessoal, é vingativa, e isso não posso apoiar.

A garganta de Robin pulsou.

— Então, pegue no seu frasco de sangue antes de sair, senhor.

O Professor Chakravarti examinou-o por um momento, acenou com a cabeça e depois começou a despejar o conteúdo dos seus bolsos em cima da mesa do centro. Um lápis. Um caderno. Duas barras de prata em branco.

Todos observaram, em silêncio.

Robin sentiu uma pontada de irritação.

— Mais alguém gostaria de fazer uma reclamação? — disparou ele.

Mais ninguém disse uma palavra. A Professora Craft levantou-se e subiu as escadas. Um instante depois, Ibrahim juntou-se a ela e depois Juliana. E, finalmente, o resto. Apenas Robin e Victoire ficaram na recepção, vendo o Professor Chakravarti descer os degraus da frente em direção às barricadas.

134 A Professora Craft tirara sangue a Robin e Victoire e recolocara os seus tubos na parede; eles eram agora tão livres para entrar e sair da torre como antes.

135 As táticas de revolta espalharam-se rapidamente. Os trabalhadores têxteis britânicos retiraram estas técnicas de barricadas das revoltas dos Canuts de 1831 e 1834 feitas pelos trabalhadores da seda em Lyon. Essas revoltas foram brutalmente reprimidas, pois, crucialmente, não mantiveram toda a espinha dorsal da nação como refém.

136 Se esta competência organizacional parecer surpreendente, temos de nos lembrar de que tanto Babel como o governo britânico cometeram um grande erro ao presumirem que todos os movimentos antiprta do século eram motins espontâneos realizados por uns desgraçados descontentes e sem instrução. Por exemplo, os luditas, tão caluniados como sendo uns destruidores de máquinas receosos da tecnologia, eram um movimento insurreto altamente sofisticado, composto por grupos pequenos e bem disciplinados que usavam disfarces e palavras de ordem, angariavam fundos e reuniam armas, aterrorizando os seus adversários e executando ataques bem planeados e direccionados. (E, embora seja verdade que o movimento ludita acabou por fracassar, isso só aconteceu depois de o Parlamento ter mobilizado doze mil soldados para o derrubar — mais soldados do que os que tinham lutado na Guerra Peninsular). Foi esse nível de treino e profissionalismo que os homens de Abel trouxeram para a greve de Babel.

137 *Barricada* vem do espanhol *barrica*, que significa «barril», o bloco básico de construção das primeiras barricadas. Além do seu significado histórico, os barris eram um bom material de barricada por vários motivos: eram fáceis de transportar, fáceis de encher com areia ou pedras e fáceis de empilhar de forma que deixassem buracos para os atiradores posicionados atrás deles.

138 Crucialmente, tudo que funcionava com energia a vapor estava em dificuldades. Descobriu-se que o Professor Lovell tinha feito a maior parte da sua fortuna transformando a energia a vapor de uma tecnologia complicada e exigente para uma fonte de energia fiável que alimentava quase toda a frota britânica. Na verdade, a sua grande inovação tinha sido bastante simples: em chinês, o carácter para *vapor* era 气 (*qi*), o qual também apresentava conotações de espírito e energia. Quando instalado nos motores desenvolvidos por Richard Trevithick algumas décadas antes, produzia uma quantidade chocante de energia por uma fração do custo em carvão. (Os investigadores na década de 1830 tinham explorado aplicações deste par-correspondente ao transporte aéreo, mas não tinham ido muito longe porque os balões continuavam a explodir ou saíam disparados para a estratosfera.)

Esta invenção única, argumentavam alguns, explicava a vitória da Grã-Bretanha em Trafalgar. Agora, toda a Inglaterra funcionava a vapor. As locomotivas a vapor tinham ocupado o lugar de muitos veículos puxados por cavalos e os navios a vapor tinham eliminado quase totalmente os à vela. No entanto, a Grã-Bretanha tinha de facto poucos tradutores chineses e, com exceção de Robin e do Professor Chakravarti, todos os outros tradutores estavam, inutilmente, mortos ou no estrangeiro. Sem a manutenção programada, a energia a vapor não deixaria de funcionar totalmente, mas perderia a sua potência única — a sua eficiência incrível que colocava os navios britânicos num nível acima de qualquer coisa que as frotas americana ou espanhola pudessem alcançar.

139 O alfabeto Baresch usado nas hastes de ressonância, por exemplo, não é estritamente necessário para a função destas; fora criado por académicos de Babel apenas para que a sua tecnologia de ressonância proprietária permanecesse inescrutável para estranhos. É surpreendente, na verdade, o quanto da escassez de recursos percebida pela academia é construída artificialmente.

140 Abel trazia-lhes um fluxo contínuo de atualizações horríveis. No Cherwell, uma casa flutuante colidiu com uma barça de transporte quando os sistemas de navegação de ambas falharam, causando um engarrafamento enorme no meio do rio. Três pessoas morreram, presas em cabinas submersas. Em Jericho, uma criança de quatro anos ficou esmagada debaixo das rodas de uma carruagem que se descontrolou. Em Kensington, uma jovem de dezassete anos e o seu amante foram enterrados vivos quando as ruínas de uma torre de igreja desabaram em cima deles durante um encontro à meia-noite.

141 Numa quarta-feira, duas carroças colidiram, uma das quais estava carregada com barris de aguardente fina. Quando os vapores doces escorreram para a rua, uma pequena multidão de transeuntes correu para apanhar o conhaque com as mãos e foi tudo muito divertido até um homem com um cachimbo aceso entrar na confusão, transformando a rua numa conflagração de pessoas, cavalos e barris a explodir.

142 Os jornais referiam-se sempre aos grevistas como sendo estrangeiros; como chineses, indianos, árabes e africanos (esqueciam-se da Professora Craft). Nunca eram oxfordianos, nunca eram ingleses e sim viajantes estrangeiros que se tinham aproveitado das boas graças de Oxford e agora mantinham a nação refém. *Babel* tinha-se tornado um sinónimo de *estrangeiro*, o que era muito estranho, porque antes disso o Real Instituto de Tradução fora sempre considerado um tesouro nacional, uma instituição genuinamente inglesa.

No entanto, a Inglaterra e a língua inglesa tinham sempre tido uma dívida maior para com os pobres, os humildes e os estrangeiros do que gostavam de admitir. A palavra *vernáculo* vinha do latim *verna*, que significava «escravo doméstico»; isso enfatizava a origem indígena, a domesticidade da língua vernacular. No entanto, a raiz *verna* também indicava as origens humildes da língua falada pelos poderosos; os termos e frases inventados por escravos, trabalhadores, mendigos e criminosos — os jargões vulgares, por assim dizer — tinham-se infiltrado no inglês até se tornarem apropriados. E o vernáculo inglês também não poderia ser considerado doméstico, porque a etimologia inglesa tinha raízes em todo o mundo. *Almanaque* e *álgebra* vinham do árabe; *pijama* do sânscrito, *ketchup* do chinês e *arrozal* [*paddy* em inglês (*N. da T.*)] do malaio. Era só quando o modo de vida da elite inglesa era ameaçado que os verdadeiros ingleses, quem quer que fossem, tentavam extirpar tudo o que os tinha composto.

143 A População Fabril de Inglaterra. (*N. da T.*)

144 «Podem odiar-me, desde que me temam.»

CAPÍTULO VINTE E NOVE

R

*Como o lamento dos Limpa-chaminés
O pavor de cada Igreja enegrecida,
E o sussurro dos Soldados infelizes
Escorrem em sangue pelas paredes do Palácio*

WILLIAM BLAKE, «Londres»

Depois de o Professor Chakravarti sair, o clima na torre ficou sombrio.

Nos primeiros dias da greve, eles tinham estado demasiado ocupados com as exigências da sua situação — com a criação de panfletos, a pesquisa dos registos e a fortificação das barricadas — para prestarem atenção ao perigo absoluto que corriam. Tinha sido tudo tão monumental, tão unificador. Sentiam-se encantados com a companhia uns dos outros. Conversavam pela noite dentro, aprendendo coisas uns sobre os outros, maravilhados com quão surpreendentemente semelhantes eram as suas histórias. Tinha sido arrancados das suas pátrias muito jovens, atirados para Inglaterra e instruídos a prosperar ou a serem deportados. Muitos deles eram órfãos, com todos os laços com os seus países cortados, exceto o idioma.¹⁴⁵

Mas os preparativos frenéticos daqueles primeiros dias tinham agora dado lugar a horas sombrias e sufocantes. Todas as peças tinham sido colocadas no tabuleiro; todas as cartas tinham sido mostradas. Já não tinham mais ameaças para fazer além das que já tinham gritado dos telhados. O que se estendia diante deles agora era apenas o tempo, marcando os segundos até ao colapso inevitável.

Tinham emitido o seu ultimato, enviado os seus panfletos. A Ponte de Westminster cairia dali a sete dias, a menos que. A menos que.

Esta decisão deixara um gosto amargo nas suas bocas. Tinham dito tudo o que havia para dizer e ninguém quisera examinar as implicações. A introspecção era perigosa; eles só queriam ultrapassar um dia de cada vez. Na maior parte das vezes, agora, afastavam-se para cantos separados da torre, onde liam, pesquisavam ou ocupavam-se com atividades que ajudassem o tempo a passar. Ibrahim e Juliana passavam todas as horas de vigília juntos. Às vezes, os outros especulavam se os dois se poderiam estar a apaixonar, mas descobriram que não conseguiam manter essa conversa; fazia-os pensar no futuro, em como tudo isto poderia acabar e isso deixava-os muito tristes. Yusuf mantinha-se reservado. Meghana tomava ocasionalmente chá com Robin e Victoire e trocavam histórias sobre as pessoas que conheciam — ela formara-se recentemente e era próxima de Vimal e Anthony —, mas, com o passar dos dias, também ela se começou a isolar. E Robin perguntava-se, às vezes, se ela e Yusuf se estariam a arrepender da decisão de ficar.

A vida na torre, a vida em greve — a princípio tão nova e estranhamente excitante — assumiu um ar rotineiro e monótono. As coisas tinham sido difíceis no início. Era ao mesmo tempo engraçado e embaraçoso quão pouco eles tinham aprendido em relação a manter os seus aposentos em ordem. Ninguém sabia onde as vassouras estavam guardadas, portanto, o chão permanecia empoeirado e cheio de migalhas. Ninguém sabia lavar a roupa — tentaram produzir um par-correspondente usando a palavra *alvejante* e palavras derivadas da raiz protoindo-europeia *bhel* («branco cintilante, brilhar, queimar»), mas tudo o que isso fez foi tornar as suas roupas temporariamente brancas e escaldantes ao toque.

Ainda se reuniam às refeições, três vezes ao dia à hora certa, porque isso tornava o racionamento mais simples. Os seus artigos de luxo tinham desaparecido rapidamente. Deixou de haver café depois da primeira semana e estavam quase a ficar sem chá. A solução para isso foi diluírem cada vez mais o chá até estarem a beber pouco mais do que água ligeiramente descolorida. Não havia leite nem açúcar. Meghana argumentou que deviam aproveitar as

últimas colheres de chá numa chávena devidamente preparada, mas a Professora Craft discordou veementemente.

— Consigo desistir do leite — disse ela. — Mas não posso desistir do chá.

Victoire foi a âncora de Robin durante aquela semana.

Ele sabia que ela estava furiosa com ele. Passaram os dois primeiros dias num silêncio relutante —, mas juntos, ainda assim, porque precisavam um do outro para se consolarem. Passavam horas junto à janela do sexto andar, sentados no chão ombro contra ombro. Ele não insistiu no seu ponto de vista. Ela não fez nenhuma recriminação. Não havia mais nada a dizer. O curso estava definido.

Ao terceiro dia, o silêncio tornou-se insuportável, portanto, começaram a conversar; pequenas coisas a princípio e depois tudo o que lhes vinha à mente. Às vezes, falavam de Babel, dos anos dourados antes de tudo ficar virado do avesso. Outras vezes, suspendiam a realidade, conseguiam esquecer tudo o que tinha acontecido, e coscuvilhavam sobre os seus tempos de faculdade como se o assunto mais importante fosse saber se Colin Thornhill e os gémeos Sharp iriam acabar por andar à luta por causa da bonita irmã de Bill Jameson que o viera visitar.

Passaram-se quatro dias antes de conseguirem abordar o assunto de Letty.

Robin fê-lo primeiro. Letty tinha permanecido no fundo da mente de ambos como uma ferida purulenta em que eles não se atreviam a tocar, mas ele já não conseguia continuar a girar em torno do assunto. Queria pegar numa faca incandescente e arrancar a podridão.

— Achas que ela iria sempre acabar por se voltar contra nós? — perguntou ele. — Achas que foi difícil para ela, aquilo que fez?

Victoire não precisou de perguntar a quem ele se referia.

— Era como um exercício de esperança — disse ela após uma pausa. — Amá-la, quero dizer. Às vezes, eu achava que ela ia perceber. Às vezes, eu fitava-a nos olhos e pensava que estava a olhar para uma verdadeira amiga. Mas depois ela dizia alguma

coisa, fazia algum comentário superficial e o ciclo começava de novo. Era como despejar areia por uma peneira. Nada ficava.

— Achas que há algo que poderias ter dito que a pudesse ter feito mudar de ideias?

— Não sei — disse Victoire. — Tu achas?

A mente dele fez o que sempre fazia, que era invocar um carácter chinês em vez do pensamento que ele receava.

— Quando penso na Letty, penso no carácter *xì*. — Ele desenhou-o no ar para exemplificar: 隙 — É habitualmente usado para significar «uma racha ou uma fissura», mas nos textos clássicos chineses também significa «um rancor ou uma rixa». Segundo rumores, o Imperador Qing usa uma barra gravada com o par-correspondente *xì-rixa* instalado sob um mural de pedra com a linhagem imperial. Quando aparecem rachas, isso mostra que alguém está a tramar algo contra ele. — Ele engoliu em seco. — Acho que essas rachas estiveram sempre lá. Acho que não havia nada que pudéssemos ter feito a respeito delas. E bastou haver pressão para que tudo se desmoronasse.

— Achas que ela se ressentia assim tanto de nós?

Ele fez uma pausa, ponderando no peso e no impacto das suas palavras.

— Acho que ela o matou de propósito.

Victoire observou-o por um longo momento antes de dizer simplesmente:

— Porquê?

— Acho que ela queria que ele morresse — continuou ele com voz rouca. — Dava para ver isso no rosto dela. Ela não estava com medo, ela sabia o que estava a fazer. Podia ter apontado para qualquer um de nós, mas era o Ramy que ela queria.

— Robin...

— Ela amava-o, sabes — disse ele. As palavras saíam-lhe como uma torrente agora; as comportas tinham sido abertas e a água não podia ser estancada. Não importava quão devastador, quão trágico fosse, ele tinha de o dizer em voz alta, tinha de sobrecarregar alguém com aquela terrível suspeita. — Ela disse-me, na noite do baile de comemoração. Passou quase uma hora a chorar no meu

ombro porque queria dançar com ele e ele nem sequer olhava para ela. Ele nunca olhou para ela, ele não... — Ele teve de parar; as lágrimas ameaçavam sufocá-lo.

Victoire agarrou-lhe o pulso.

— Oh, Robin.

— Imagina só — disse ele. — Um homem moreno recusa uma rosa inglesa. A Letty não podia suportar isso. A humilhação. — Ele enxugou os olhos com a manga. — Então, ela matou-o.

Victoire não disse nada durante bastante tempo. Ela olhou para a cidade em ruínas, pensando. Por fim, puxou um pedaço de papel amarrotado do bolso e colocou-o na mão dele.

— Devias ficar com isto.

Robin desdobrou-o. Era o retrato em daguerreótipo dos quatro, dobrado e redobrado tantas vezes que umas finas linhas brancas cruzavam a imagem. Mas os rostos deles apreciavam impressos com absoluta clareza. Letty, a olhar com orgulho, com o rosto um pouco tenso depois de tanto tempo. As mãos de Ramy afetuosamente nos ombros dela e de Victoire. O meio-sorriso de Victoire; de queixo inclinado para baixo, olhos erguidos e luminosos. A sua própria timidez desajeitada. O sorriso de Ramy.

Ele inspirou abruptamente. Sentia o peito apertado, como se as suas costelas se estivessem a contrair, apertando-lhe o coração como um torno. Não tinha percebido que ainda podia doer tanto.

Ele queria rasgá-lo em pedaços. Mas era a única imagem que restava de Ramy.

— Não tinha percebido que o tinhas guardado.

— A Letty guardou-o — disse Victoire. — Manteve-o emoldurado no nosso quarto. Eu tirei-o na noite anterior à festa no jardim. Acho que ela não notou.

— Parecemos tão jovens. — Ele estava maravilhado com as suas expressões. Parecia que tinha passado uma vida inteira desde que haviam posado para aquele daguerreótipo. — Parecemos crianças.

— Éramos felizes nessa altura. — Victoire olhou para baixo e traçou com os dedos os seus rostos desbotados. — Pensei em queimá-lo, sabes? Queria ter essa satisfação. No Castelo de Oxford, estava sempre a pegar nele, a estudar o rosto dela, a tentar ver...

ver a pessoa que nos fez aquilo. Mas quanto mais olho, mais eu... Só sinto pena dela. É distorcido, mas, da perspectiva dela, ela deve pensar que foi ela quem perdeu tudo. Estava tão sozinha, sabes? Tudo o que ela queria era um grupo de amigos, pessoas que conseguissem perceber o que ela tinha passado. E pensou que tinha finalmente encontrado isso em nós. — Ela respirou fundo. — E suponho que... quando tudo se desmoronou, suponho que ela se sentiu tão traída como nós.

Eles notaram que Ibrahim passava muito tempo a escrever num caderno encadernado em couro.

— É uma crónica — disse ele quando lhe perguntaram. — Do que aconteceu dentro da torre. De tudo o que foi dito, de todas as decisões que foram tomadas, de tudo o que representámos. Gostavam de contribuir?

— Como coautores? — perguntou Robin.

— Como entrevistados. Contai-me os vossos pensamentos. Eu registo-os.

— Talvez amanhã. — Robin sentia-se muito cansado e, por algum motivo, a visão daquelas páginas cheias de rabiscos encheu-o de pavor.

— Eu só quero ser minucioso — disse Ibrahim. — Já tenho as declarações da Professora Craft e dos colegas de pós-graduação. Apenas pensei... bem, se isto tudo der para o torto...

— Achas que vamos perder — disse Victoire.

— Acho que ninguém sabe como isto vai acabar — disse Ibrahim. — Mas sei o que vão dizer sobre nós se acabar mal. Quando aqueles estudantes morreram nas barricadas em Paris, todos lhes chamaram heróis. Mas se nós morrermos aqui, ninguém vai pensar que somos mártires. E só quero ter a certeza de que existe algum registo nosso, um registo que não faça de nós os vilões. — Ibrahim olhou para Robin. — Mas tu não gostas deste projeto, pois não?

Será que ele tinha estado a fitá-lo com um ar furioso? Robin compôs rapidamente o rosto.

— Eu não disse isso.

— Pareces repugnado.

— Não, desculpa, eu só... — Robin não sabia porque era tão difícil juntar as palavras. — Acho que não gosto de pensar em nós como história quando ainda nem sequer deixámos uma marca no presente.

— Nós já deixámos a nossa marca — disse Ibrahim. — Já estamos nos livros de história, para o melhor ou para o pior. Esta é uma oportunidade de intervirmos contra os arquivos, não?

— Que tipo de coisas estás a colocar aí? — perguntou Victoire. — Apenas os traços largos? Ou observações pessoais?

— O que quiserem — disse Ibrahim. — O que comeram ao pequeno-almoço, se quiserem. Como passam o tempo. Mas estou mais interessado, é claro, em saber como chegámos aqui.

— Presumo que queiras saber sobre a Hermes — disse Robin.

— Quero saber tudo o que me quiserem dizer.

Robin sentiu, então, um peso muito pesado no peito. Queria começar a falar, despejar tudo o que sabia e preservá-lo a tinta, mas as palavras morreram-lhe na língua. Não sabia como articular que o problema não era a existência do registo em si, mas o facto de não ser suficiente; de ser uma intervenção tão insuficiente contra os arquivos que parecia inútil.

Havia tanto para dizer. Ele não sabia por onde começar. Nunca tinha pensado antes na lacuna da história escrita em que eles existiam nem na faixa opressiva da narrativa denegridora contra a qual lutavam e, agora que o fizera, parecia-lhe intransponível. O registo estava tão em branco. Não existia nenhuma crónica da Sociedade Hermes, exceto esta. A Hermes operara como a melhor das sociedades clandestinas, apagando a sua própria história ao mesmo tempo em que mudava a da Grã-Bretanha. Ninguém iria comemorar as suas conquistas. Ninguém iria sequer saber aquilo que eles eram.

Ele pensou na Biblioteca Velha, destruída e desmantelada, com todas aquelas montanhas de investigação trancadas e escondidas para sempre. Pensou naquele envelope, perdido nas cinzas; nas dezenas de associados da Hermes que nunca tinham sido contactados, que talvez nunca soubessem o que havia acontecido. Pensou em todos aqueles anos que Griffin passara no estrangeiro

— a lutar, a debater-se, a combater um sistema que era infinitamente mais poderoso do que ele. Robin nunca saberia a extensão total do que o seu irmão tinha feito, do que tinha sofrido. Tanta história apagada.

— Assusta-me apenas — disse ele. — Não quero que isto seja tudo o que fomos.

Ibrahim acenou com a cabeça para o seu caderno.

— Vale a pena registar alguma parte, então.

— É uma boa ideia. — Victoire sentou-se. — Eu alinho. Pergunta-me o que quiseres. Vamos ver se podemos mudar a opinião de algum futuro historiador.

— Talvez sejamos recordados como os Mártires de Oxford — disse Ibrahim. — Talvez consigamos um monumento.

— Os Mártires de Oxford foram julgados por heresia e queimados na fogueira — disse Robin.

— Ah — disse Ibrahim, de olhos a brilhar. — Mas Oxford é uma universidade anglicana agora, não é?

Nos dias que se seguiram, Robin perguntou-se se o que eles sentiram naquela noite foi uma sensação partilhada de mortalidade, semelhante a como os soldados se sentiam sentados nas trincheiras na guerra. Pois era guerra o que estava a rebentar naquelas ruas. A Ponte de Westminster não tinha caído, ainda não, mas os acidentes continuavam e a escassez piorava. A paciência de Londres estava por um fio. O público exigia retaliação, exigia ação, de uma forma ou de outra. E como o Parlamento não votava contra a invasão da China, eles aumentavam simplesmente a pressão sobre o Exército.

Parecia que os guardas tinham ordens para deixar a torre em si em paz, mas tinham autorização para atirar contra os académicos se tivessem a oportunidade. Robin deixou de arriscar sair à rua quando um encontro com Abel Goodfellow foi interrompido por uma rajada de tiros de espingarda. Certa vez, uma janela estilhaçou-se ao lado da cabeça de Victoire quando ela procurava um livro nas estantes. Eles atiraram-se todos para o chão e rastejaram de gatas até à cave, onde estavam protegidos por paredes por todos os lados.

Mais tarde, encontraram uma bala alojada na prateleira logo atrás do local onde ela estivera.

— Como é possível? — perguntou a Professora Craft. — Nada penetra nestas janelas. Nada passa por estas paredes.

Curioso, Robin examinou a bala: grossa, torta e anormalmente fria ao toque. Ele ergueu-a contra a luz e viu uma faixa fina de prata a revestir a base do invólucro.

— Acho que o Professor Playfair pensou em alguma coisa.

Aquilo aumentava os riscos. Babel não era impenetrável. Isto já não era uma greve e sim um cerco. Se os soldados rompessem as barricadas, se os soldados empunhando as invenções do Professor Playfair chegassem à porta da frente, a greve estava efetivamente terminada. A Professora Craft e o Professor Chakravarti tinham substituído as proteções do Professor Playfair na primeira noite deles na torre, mas até eles admitiram que não eram tão bons como o Professor Playfair; não tinham a certeza de quão bem as suas próprias defesas resistiriam.

— É melhor ficarmos longe das janelas de agora em diante — sugeriu Victoire.

As barricadas resistiam por enquanto, embora do lado de fora as escaramuças se tivessem tornado cruéis. Inicialmente, os grevistas de Abel Goodfellow tinham travado uma guerra puramente defensiva por trás das barricadas. Reforçavam as suas estruturas, estabeleciam linhas de abastecimento, mas não provocavam os guardas. Agora, as ruas tinham-se tornado ensanguentadas. Agora, os soldados atiravam regularmente contra os trabalhadores barricados e estes respondiam por sua vez. Faziam dispositivos incendiários com pano, petróleo e garrafas e atiravam-nos contra os acampamentos do Exército. Escalavam os telhados da Biblioteca Radcliffe e da Bodleian, de onde atiravam pedras da calçada e deitavam água a ferver sobre os soldados abaixo.

Não deveria ser uma luta tão equilibrada, civis contra guardas. Em teoria, eles não deveriam ter durado uma semana. Mas muitos dos homens de Abel eram veteranos, homens dispensados de um exército a cair aos pedaços após a derrota de Napoleão. Sabiam onde encontrar armas. E sabiam o que fazer com elas.

Os tradutores ajudavam. Victoire, que andava furiosamente a ler a literatura dissidente francesa, compôs o par-correspondente *élan-energia*, onde a primeira palavra apresentava conotações com um zelo revolucionário francês específico e remontava ao latim *lancea*, que significa «lança». Interligada estava uma associação com arremesso e impulso e era essa distorção latente na palavra *energia* que ajudava os projéteis dos homens das barricadas a voar mais longe, acertar melhor no alvo e causar mais impacto do que os tijolos e pedras deveriam ser capazes de fazer.

Eles tinham tido algumas ideias mais loucas que não deram frutos. A palavra *seduzir* vinha do latim *seducere*, que significa «desviar», de onde a definição do final do século xv «persuadir alguém a abandonar a sua lealdade» surgira. Parecia promissor, mas eles não conseguiam pensar numa maneira de o manifestar sem enviar as raparigas para a linha de frente, o que ninguém estava disposto a sugerir, ou a vestir os homens de Abel com roupa feminina, o que parecia improvável que funcionasse. Havia também a palavra alemã *Nachtmahr*, uma palavra para «pesadelo» raramente usada agora, que também se referia a uma entidade maliciosa que se sentava no peito daquele que dormia. Algumas experiências provaram que esse par-correspondente piorava os pesadelos quando alguém os tinha, mas parecia ser incapaz de os induzir.

Certa manhã, Abel apareceu na receção com vários objetos compridos e finos embrulhados em panos.

— Algum de vocês sabe atirar? — perguntou ele.

Robin imaginou-se a apontar uma daquelas espingardas para um corpo vivo e a puxar o gatilho. Não tinha a certeza se o conseguiria fazer.

— Não muito bem.

— Não com essas — disse Victoire.

— Então, deixem alguns dos meus homens entrarem — disse Abel. — Vocês têm o melhor ponto de observação da cidade. É uma pena se não o vão usar.

Dia após dia, as barricadas resistiam. Robin achou incrível que não se desfizessem sob os tiros de canhão quase constantes, mas Abel estava confiante de que poderiam resistir indefinidamente, desde

que continuassem a encontrar novos materiais para reforçar as secções danificadas.

— É porque construímos estas estruturas em forma de V — explicou ele. — As balas de canhão atingem a protuberância, o que apenas comprime melhor os materiais.

Robin estava cético.

— Mas não podem durar para sempre.

— Não, talvez não.

— E que acontece quando eles vierem em enxurrada? — perguntou Robin. — Vocês vão fugir? Ou vão ficar e lutar?

Abel ficou em silêncio por um momento. Depois, disse:

— Nas barricadas francesas, os revolucionários marchavam até aos soldados com as camisas abertas e gritavam-lhes para dispararem se se atrevessem.

— E eles atiravam?

— Às vezes. Às vezes, matavam-nos assim que os viam, mas outras vezes... Bem, pense nisso. Você está a olhar para alguém nos olhos. Eles têm a sua idade ou são ainda mais novos. São da mesma cidade. Talvez do mesmo bairro. Talvez os conheça ou veja nos rostos deles alguém que poderia conhecer. Será que puxava o gatilho?

— Suponho que não — admitiu Robin, embora uma vozinha na sua mente sussurrasse: *a Letty fê-lo*.

— A consciência de todos os soldados tem um limite — disse Abel.

— Suponho que nos vão tentar prender. Mas atirar sobre os habitantes da cidade? Fazer um massacre? Não tenho assim tanta certeza. Mas vamos forçar essa divisão. Veremos o que acontece.

Tudo vai acabar em breve. Eles tentavam tranquilizar-se à noite, quando olhavam para a cidade e viam a luz das tochas e os tiros de canhão a brilhar intensamente. Só precisavam de aguentar até sábado. O Parlamento não podia sustentar isto por mais tempo do que eles. Não podiam deixar a Ponte de Westminster cair.

E, depois, surgia sempre a estranha e hesitante tentativa de imaginar como seria um cessar-fogo. Será que deviam redigir um contrato com os termos da amnistia? Yusuf encarregou-se disso,

redigindo um tratado que os salvava da forca. Quando a torre voltasse a funcionar normalmente, será que fariam parte dela? Como seria a investigação na era após o império, quando sabiam que as reservas de prata da Grã-

-Bretanha iriam ficar reduzidas a nada? Eles nunca tinham considerado estas questões antes, mas, agora, quando o resultado da greve estava no fio da navalha, o seu único conforto era prever o futuro com o máximo de pormenores possível.

Mas Robin não tinha coragem para tentar. Ele não suportava aquelas conversas e saía da sala sempre que ocorriam.

Não havia futuro sem Ramy, sem Griffin, sem Anthony e Cathy e Ilse e Vimal. Para ele, o tempo parara quando a bala de Letty saíra da câmara. Tudo o que havia agora eram as consequências. O que aconteceria depois seria a luta de outra pessoa. Robin só queria que tudo acabasse.

Victoire encontrou-o no telhado, abraçando os joelhos contra o peito, baloiçando para a frente e para trás ao som dos tiros. Ela sentou-se ao lado dele.

— Farto da terminologia jurídica?

— Parece um jogo — disse ele. — Parece ridículo. E eu sei que isto era tudo um absurdo desde o início, mas isso, falar sobre o depois, parece-me um exercício de fantasia.

— Tens de acreditar que existe um depois — murmurou ela. — Eles acreditaram.

— Eles eram melhores do que nós.

— Eram. — Ela enrolou-se no braço dele. — Mas, ainda assim, acabou tudo nas nossas mãos, não foi?

CAPÍTULO TRINTA

R

A Ponte de Westminster caiu.*

* _____

CAPÍTULO TRINTA E UM

R

A Ponte de Westminster caiu e Oxford estalou numa guerra aberta. Eles estavam reunidos em torno da máquina do telégrafo, ansiosamente à espera de uma atualização, quando um dos homens armados veio a correr do andar de cima e susteve a respiração antes de anunciar:

— Eles mataram uma rapariga.

Eles seguiram-no até ao telhado. A olho nu, Robin conseguia ver uma comoção a norte em Jericho, um movimento frenético da multidão, mas teve de mexer desajeitadamente no telescópio por um momento para conseguir ver para onde os homens armados estavam a apontar.

Soldados e trabalhadores na barricada de Jericho tinham acabado de trocar tiros, disse o atirador. Normalmente, isso não levava a nada — tiros de advertência ecoavam por toda a cidade o tempo todo e ambos os lados revezavam-se geralmente a disparar antes de recuarem para trás das barricadas. Simbólico; devia ser tudo simbólico. Mas desta vez um corpo tombara.

A lente do telescópio revelou uma quantidade surpreendente de pormenores. A vítima era jovem, branca, loira e bonita, e o sangue que lhe brotava do estômago manchava o chão num tom de escarlate vívido e inconfundível. Contra as pedras cinzento-ardósia da calçada, parecia uma bandeira.

Ela não estava a usar calças. As mulheres que se tinham juntado às barricadas usavam geralmente calças. Ela usava um xaile e uma saia esvoaçante e um cesto virado ainda lhe pendia do braço esquerdo. Poderia estar a caminho da mercearia para comprar mantimentos. Poderia estar a caminho de casa para junto de um marido, dos pais, dos filhos.

Robin endireitou-se.

— Foi...

— Não fomos nós — disse o outro atirador. — Veja o ângulo. Ela está de costas para as barricadas. Não foi um dos nossos, estou a dizer-lhe.

Ouviram-se gritos vindos de baixo. Tiros assobiaram por cima das suas cabeças. Assustados, eles desceram a correr as escadas de volta para a segurança da torre.

Reuniram-se na cave, encolhidos nervosamente com os olhos a moverem-se em redor como crianças assustadas que tivessem acabado de fazer uma grande asneira. Esta era a primeira baixa civil nas barricadas e era importante. Um limite tinha sido violado.

— Acabou — disse a Professora Craft. — Isto é uma guerra aberta em solo inglês. Isto precisa de acabar.

Um debate iniciou-se, então.

— Mas a culpa não foi nossa — disse Ibrahim.

— Eles não querem saber se a culpa é nossa — disse Yusuf. — Nós é que começámos...

— Então, rendemo-nos? — quis saber Meghana. — Depois de tudo isto? Paramos simplesmente?

— Não paramos — disse Robin. A força da sua voz surpreendeu-o. Vinha de algum lugar além dele. Parecia mais velha; parecia a de Griffin. E devia ter ressoado, pois os outros aquietaram-se e todos os rostos se voltaram para ele, assustados, ansiosos, esperançosos. — Este é o momento em que a maré vira. Esta foi a coisa mais tola que eles poderiam ter feito. — O sangue trovejavalhe nos ouvidos. — Antes, toda a cidade estava contra nós, não veem? Mas agora o Exército fez asneira. Eles dispararam sobre um dos habitantes da cidade. Não há como voltar atrás depois disto. Acham que Oxford vai apoiar o Exército agora?

— Se tiver razão — disse a Professora Craft lentamente —, então, as coisas estão prestes a ficar muito piores.

— Ótimo — disse Robin. — Desde que as barricadas aguentem.

Victoire estava a observá-lo de olhos semicerrados e ele sabia do que ela suspeitava — que aquilo não lhe pesava nada na consciência, que ele não estava tão angustiado como os outros.

Bem, porque não admiti-lo? Ele não estava envergonhado. Ele tinha razão. Aquela rapariga, quem quer que fosse, era um símbolo;

ela provara que o império não tinha restrições, que o império faria qualquer coisa para se proteger. *Vá, continuem*, pensou ele; *façam isso novamente; matem mais; deixem as ruas vermelhas com o sangue dos vossos. Mostrem-lhes quem são. Mostrem-lhes que a sua brancura não os salvará*. Aqui, finalmente, havia uma ofensa imperdoável com um criminoso claro. O Exército matara aquela jovem. E se Oxford quisesse vingança, só havia uma maneira de a obter.

Naquela noite, as ruas de Oxford explodiram com verdadeira violência. Os combates começaram no outro extremo da cidade, em Jericho, onde primeiro fora derramado sangue, e espalharam-se gradualmente à medida que cada vez mais pontos de conflito se desenvolviam. Os tiros de canhão eram constantes. A cidade inteira estava desperta com gritos e tumultos e Robin viu mais pessoas naquelas ruas do que jamais imaginara que vivessem em Oxford.

Os académicos agrupavam-se junto das janelas, espreitando por entre as rajadas de fogo dos atiradores.

— Isto é uma loucura — continuava a sussurrar a Professora Craft.
— Uma absoluta loucura.

Loucura não era suficiente para descrever a situação, pensou Robin. O inglês era insuficiente para descrever tudo aquilo. A sua mente vagueou para os antigos textos chineses, para as expressões que eles empregavam sobre o colapso e a mudança dinástica. 天翻地覆; *tiānfāndifù*. Os céus caíam e a terra desabava sobre si mesma. O mundo virava-se do avesso. A Grã-Bretanha estava a derramar o seu próprio sangue, a Grã-Bretanha estava a arrancar a sua própria carne e nada depois disso poderia voltar a ser como antes.

À meia-noite, Abel chamou Robin à entrada.

— Acabou — disse ele. — Estamos a chegar ao fim do caminho.
— Que quer dizer? — perguntou Robin. — Isto é bom para nós, eles provocaram a cidade inteira, não foi?
— Não vai durar — disse Abel. — Eles estão furiosos agora, mas não são soldados. Não têm resistência. Já vi isto antes. Às primeiras

horas da madrugada vão começar a voltar para casa. E acabei de receber uma notícia do Exército de que, ao amanhecer, eles vão começar a disparar sobre quem ainda estiver lá fora.

— Mas e as barricadas? — perguntou Robin, desesperado. — Elas ainda estão de pé...

— Estamos no último círculo de barreiras. Só temos a High Street. A ilusão de civilidade acabou. Eles vão romper; não é uma questão de se, mas de quando. E a verdade é que somos uma revolta civil e eles são um batalhão armado e treinado com reforços de sobra. Se a história servir de referência, se isto se tornar realmente uma batalha, seremos esmagados. Não queremos uma repetição de Peterloo.¹⁴⁶ — Abel suspirou. — A ilusão de contenção só podia durar até certo ponto. Espero ter-vos ganhado tempo.

— Acho que eles ficaram felizes por poderem disparar contra vocês, afinal — disse Robin.

Abel lançou-lhe um olhar triste.

— Acho que termos razão não é assim tão bom.

— Bem, então. — Robin sentiu uma onda de frustração, mas conteve-se; não era justo culpar Abel por aqueles acontecimentos, nem era justo pedir-lhe que ficasse mais tempo, quando tudo o que poderia enfrentar seria quase certamente a morte ou a prisão. — Obrigado, suponho. Obrigado por tudo.

— Espere — disse Abel. — Eu não vim apenas para anunciar que vos estamos a abandonar.

Robin encolheu os ombros. Tentou não soar ressentido.

— Vai acabar muito depressa sem as barricadas.

— Estou a dizer-lhe que esta é vossa oportunidade de sairdes. Vamos começar a levar as pessoas para longe antes de o tiroteio ficar realmente mau. Alguns de nós ficarão para defender as barricadas, o que os vai distrair pelo tempo suficiente para levarmos o resto para os Cotswolds, pelo menos.

— Não — disse Robin. — Não, obrigado, mas não podemos. Vamos ficar na torre.

Abel arqueou uma sobrancelha.

— Todos vocês?

O que ele queria dizer era: *Você pode tomar essa decisão? Pode dizer-me que todos aí dentro querem morrer?* E tinha razão em perguntar, porque não, Robin não podia falar pelos sete académicos restantes; na verdade, ele percebeu que não fazia ideia do que eles poderiam decidir fazer a seguir.

— Vou perguntar — disse ele, humilde. — Quanto tempo...

— Dentro de uma hora — disse Abel. — Mais cedo, se puderem. Preferia não demorar.

Robin preparou-se por um instante antes de voltar para cima. Não sabia como lhes dizer que era o fim. O seu rosto ameaçava desmoronar e revelar o rapazinho assustado escondido atrás do fantasma do irmão mais velho. Ele tinha envolvido todas estas pessoas nesta última resistência e não suportava a visão dos seus rostos quando lhes dissesse que tinha terminado.

Eles estavam todos no quarto andar, agrupados junto da janela leste. Ele juntou-se a eles. Do lado de fora, os soldados marchavam pelo relvado, avançando a um ritmo estranhamente hesitante.

— Que estão eles a fazer? — perguntou a Professora Craft. — Isto é um ataque?

— Eu diria que usariam mais homens num ataque — disse Victoire.

Ela tinha razão. Mais de uma dúzia de soldados tinham parado na High Street, mas apenas cinco soldados prosseguiram o resto do caminho em direção à torre. Enquanto observavam, os soldados separaram-se e uma figura solitária atravessou as suas fileiras até à última barricada restante.

Victoire inspirou bruscamente.

Era Letty. Agitava uma bandeira branca.

¹⁴⁵ Mas isso fazia parte da genialidade de Babel. Ao mantê-los isolados e distraídos com o trabalho do curso, para nunca terem a hipótese de formar laços fora da sua coorte, tinha eliminado todos os caminhos em direção a uma solidariedade significativa e fizera-os acreditar durante muito tempo que eram os únicos apanhados na sua teia particular.

¹⁴⁶ O Massacre de Peterloo de 1819, cujo maior efeito imediato foi provocar uma repressão do governo contra as organizações radicais. A cavalaria avançou contra uma multidão que pedia representação parlamentar, esmagando homens, mulheres e crianças debaixo dos cascos dos cavalos. Onze morreram.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

R

*Ela sentou-se no seu Dobie,
Para observar a Estrela Vespertina,
E todos os Punkahs enquanto passavam
Exclamavam: «Céus! Quão bela é!»*

EDWARD LEAR, «A Faixa»

Eles mandaram todos os outros para cima antes de abrirem a porta. Letty não estava ali para negociar com a multidão; eles não teriam enviado um estudante para o fazer. Aquilo era pessoal; Letty estava ali para um ajuste de contas.

— Deixe-a passar — disse Robin a Abel.

— Perdão?

— Ela está aqui para conversar. Diga-lhes para a deixarem passar.

Abel disse uma palavra ao seu homem, que correu pelo relvado para informar os trabalhadores nas barricadas. Dois homens subiram para o topo da barricada e baixaram-se. Um momento depois, Letty foi erguida por cima do topo e baixada não muito suavemente do outro lado.

Ela atravessou o relvado, de ombros curvados e a bandeira a arrastar atrás dela na calçada. Não ergueu os olhos até os encontrar na soleira.

— Olá, Letty — disse Victoire.

— Olá — murmurou Letty. — Obrigada por me receberem.

Ela parecia uma desgraça. Era óbvio que não andava a dormir; a sua roupa estava suja e amarrotada, tinha as faces encovadas e os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar. A maneira como ela curvava os ombros sobre si mesma, como se receando um golpe, fazia-a parecer muito pequena. E apesar de si mesmo, apesar de tudo, naquele instante, Robin só lhe queria dar um abraço.

Esse instinto surpreendeu-o. Enquanto ela se aproximara da torre, ele pensara, brevemente, em matá-la — se apenas a morte dela não os condenasse a todos e se ele pudesse também entregar a sua própria vida. Mas era muito difícil olhar para ela agora e não ver um amigo. Como é que podemos amar alguém que nos feriu tanto? De perto, olhando-a nos olhos, ele teve dificuldade em acreditar que aquela Letty, a Letty deles, tinha feito o que fizera. Ela parecia estar a sofrer, vulnerável, a heroína miserável de um terrível conto de fadas.

Mas isso, recordou ele a si mesmo, era a vantagem da imagem que Letty ocupava. Neste país, ela tinha o rosto e a cor que inspiravam simpatia. Entre eles, não importava o que acontecesse, apenas Letty poderia sair dali inocente.

Ele acenou com a cabeça para a bandeira.

— Estás aqui para te renderes?

— Estou aqui para negociar — disse ela. — É tudo.

— Então, entra — disse Victoire.

Letty, convidada, entrou pela porta. Esta fechou-se atrás dela.

Por um momento, os três apenas se entreolharam. Ficaram parados no meio da receção sem saberem o que fazer, um triângulo desequilibrado. Parecia tão fundamentalmente errado. Sempre tinham sido quatro; andavam sempre aos pares, um conjunto equilibrado, e tudo em que Robin conseguia pensar era na ausência aguda de Ramy entre eles. Não eram os mesmos sem ele; sem a sua gargalhada, o seu raciocínio rápido e fácil, as suas guinadas repentinas nas conversas que os faziam sentir como se fossem pratos a girar. Já não eram uma coorte. Agora, eram apenas um velório.

Victoire perguntou, numa voz monótona e sem tom:

— Porquê?

Letty encolheu-se, mas apenas um pouco.

— Tive de o fazer — disse ela, de queixo erguido, inabalável. — Vocês sabem que era a única coisa que eu poderia ter feito.

— Não — disse Victoire. — Não sei.

— Eu não podia trair o meu país.

— Não precisavas de nos trair.

— Vocês estavam envolvidos numa organização criminosa violenta — disse Letty. As palavras saíram com tanta suavidade que Robin só pôde presumir que tinham sido ensaiadas. — E, a menos que eu fingisse que concordava com vocês, a menos que eu alinhasse, não via como é que poderia sair dali viva.

Será que ela acreditava realmente nisso?, questionou-se Robin. Será que fora assim que ela sempre os vira? Ele não podia acreditar que aquelas palavras lhe estavam a sair da boca, que esta era a mesma rapariga que antes ficava acordada até tarde com eles, rindo tanto que até as costelas lhe doíam. Só o chinês tinha um carácter que sintetizava o quanto umas simples palavras podiam magoar: 刺, *cì*, o carácter para espinhos, para punhaladas, para críticas. Um carácter muito flexível. Numa frase 刺言, 刺語, significava «palavras farpadas e apunhalantes». 刺 podia significar «incitar» e também podia significar «assassinar».

— Então, o que é isto? — perguntou Robin. — O Parlamento já teve o suficiente?

— Oh, Robin. — Letty lançou-lhe um olhar implorante. — Vocês precisam de se render.

— Receio que não seja assim que a negociação funcione, Letty.

— Estou a falar a sério. Estou a tentar avisar-vos. Eles nem sequer queriam que eu viesse aqui, mas eu implorei, escrevi ao meu pai, usei todos os contactos que tinha.

— Avisar-nos sobre o quê? — perguntou Victoire.

— Eles vão invadir a torre ao amanhecer. E vão destruir a vossa resistência com armas. A espera acabou. Está tudo terminado.

Robin cruzou os braços.

— Boa sorte a recuperarem a cidade, então.

— Mas é exatamente isso — disse Letty. — Eles contiveram-se porque acharam que vos poderiam vencer pela fome. Eles não vos querem mortos. Acreditem ou não, eles não gostam de atirar contra académicos. Vocês são todos muito úteis, tinhas razão sobre isso, mas o país não aguenta mais. Vocês levaram-nos ao limite.

— Parece, então, que a coisa mais lógica seria concordar com as nossas exigências — disse Victoire.

— Sabes que eles não podem fazer isso.

— Eles vão destruir a sua própria cidade?

— Achas que o Parlamento se importa com o que vocês destroem? — perguntou Letty, impaciente. — Aqueles homens não estão preocupados com o que vocês estão a fazer a Oxford ou a Londres. Eles riram-se quando as luzes se apagaram e riram-se quando a ponte caiu. Aqueles homens *querem* a cidade destruída. Eles acham que ela já cresceu demais e se tornou difícil de gerir, que os bairros miseráveis, escuros e esqueléticos, estão a pressionar as zonas civilizadas. E vocês sabem que quem vai sofrer mais são os pobres. Os ricos podem ir para o campo e ficar nas suas propriedades de verão, onde terão ar puro e água limpa até à primavera. Os pobres morrerão em massa. Ouçam, vocês os dois. As pessoas que governam este país preocupam-se mais com o orgulho do Império Britânico do que com pequenas inconveniências, e preferem deixar a cidade desmoronar-se a curvarem-se às exigências daqueles que consideram serem um punhado de... de Babblers.

— Diz o que o queres dizer — disse Victoire.

— De estrangeiros.

— Isso é um grande orgulho — disse Robin.

— Eu sei — disse Letty. — Eu cresci com ele. Eu sei quão profundo é. Acreditem em mim. Vocês não fazem ideia de quanto eles estão dispostos a sangrar para salvarem o seu orgulho. Aqueles homens deixaram a Ponte de Westminster cair. Com que mais é que vocês os podem ameaçar?

Houve silêncio, então. A Ponte de Westminster fora o trunfo. Que refutação podiam eles oferecer?

— Então, tu queres-nos convencer a morrer — disse Victoire finalmente.

— Não — disse Letty. — Eu quero salvar-vos.

Ela pestanejou e, de repente, as lágrimas traçaram duas linhas finas e claras no seu rosto. Aquilo não era teatro; eles sabiam que Letty não conseguia representar. Ela estava destroçada, verdadeiramente destroçada. Ela amava-os, Robin não duvidava disso; pelo menos, ela acreditava realmente que os amava. Ela

queria-os sãos e salvos e a sua única versão de uma resolução bem-sucedida era colocá-los atrás das grades.

— Eu não queria nada disto — disse ela. — Eu só queria que as coisas voltassem a ser como eram. Tínhamos um futuro juntos, todos nós.

Robin conteve uma gargalhada.

— O que é que imaginaste? — perguntou ele baixinho. — Que íamos continuar a comer biscoitos de limão juntos enquanto este país declarava guerra às nossas pátrias?

— Elas não são as vossas pátrias — disse Letty. — Não precisam de ser.

— Elas *têm* de ser — disse Victoire. — Porque nunca seremos britânicos. Como é que ainda não percebeste? Essa identidade é-nos vedada. Somos estrangeiros porque esta nação nos marcou como tal e, enquanto formos punidos diariamente pelos nossos laços com as nossas pátrias, mais vale defendê-las. Não, Letty, nós não podemos manter essa fantasia. A única pessoa que o pode fazer és tu.

O rosto de Letty contraiu-se.

A trégua acabara, as muralhas tinha sido erguidas; eles tinham-lhe recordado porque é que ela os abandonara e a razão era porque ela nunca poderia verdadeiramente — adequadamente — ser um deles. E, se não pudesse pertencer a um lugar, Letty preferia destruir tudo.

— Vocês percebem que se eu sair daqui com um não, eles virão preparados para vos matar a todos.

— Mas não podem fazer isso. — Victoire olhou para Robin como se quisesse confirmar. — A base de toda esta greve é o facto de eles precisarem de nós; não podem arriscar perder-nos.

— Por favor, entendam. — A voz de Letty endureceu. — Vocês causaram-lhes uma dor de cabeça. Parabéns. Mas vocês são, em última análise, dispensáveis. Todos vocês. Perder-vos seria um pequeno contratempo, mas o projeto imperial envolve mais do que alguns académicos. E vai durar mais do que apenas algumas décadas. Esta nação está a tentar alcançar o que nenhuma outra civilização conseguiu ao longo da história, e se acabar com vocês

implicar um atraso temporário, eles não terão problemas com isso. Eles formarão novos tradutores.

— Não o farão — disse Robin. — Ninguém vai trabalhar para eles depois disto.

Letty zombou.

— Claro que vão. Nós sabíamos muito bem o que eles estavam a fazer, não sabíamos? Disseram-nos logo no primeiro dia. E, mesmo assim, nós adorávamos estar aqui. Eles irão *sempre* conseguir encontrar novos tradutores. Irão reaprender o que perderam. E vão continuar em frente, porque não vai haver mais ninguém aqui para os deter. — Ela segurou a mão de Robin. O gesto foi tão repentino, tão chocante, que ele não teve tempo para se afastar. A pele dela estava gelada e o seu aperto era tão forte que ele receou que ela lhe pudesse quebrar os dedos. — Não podes mudar as coisas se estiveres morto, Birdie.

Violentemente, ele afastou-a.

— Não me chames Birdie.

Ela fingiu não o ouvir.

— Não percais de vista o vosso objetivo final. Se quereis consertar o Império, o vosso melhor caminho é trabalhar dentro dele.

— Como tu fazes? — perguntou Robin. — Como o Sterling Jones fez?

— Pelo menos, não somos procurados pela polícia. Pelo menos, temos liberdade para agir.

— Achas que o estado vai mudar algum dia, Letty? Quero dizer, já pensaste no que acontecerá se venceres?

Ela encolheu os ombros.

— Venceremos uma guerra rápida e sem corpos. E, depois disso, toda a prata do mundo.

— E depois? As vossas máquinas vão ficar mais rápidas. Os salários vão descer. A desigualdade vai aumentar. A pobreza vai aumentar. Tudo o que o Anthony previu vai acontecer. A folia será insustentável. E depois?

— Acho que atravessaremos essa ponte quando lá chegarmos. — Letty franziu os lábios. — Por assim dizer.

— Não vai acontecer — disse Robin. — Não há solução. Vocês estão num comboio do qual não podem saltar, será que não veem? Isto não pode acabar bem para ninguém. A libertação para nós significa libertação para vocês também.

— Ou — disse Letty — ele vai continuar a ir cada vez mais depressa e nós vamos permitir, porque se o comboio está a passar por toda a gente, mais vale estarmos dentro dele.

Não havia como contrariar aquele argumento. E, se eles fossem sinceros consigo mesmos, nunca fora possível discutir com Letty.

— Isto não vale a pena — continuou Letty. — Todos aqueles corpos nas ruas e para quê? Para *marcar uma posição*? A retidão ideológica é excelente, mas por Deus, Robin, tu estás a deixar as pessoas morrerem por uma causa que tens de saber que está fadada ao fracasso. E vocês *vão* fracassar — continuou ela, implacável. — Vocês não têm pessoas suficientes. Não têm o apoio público, não têm os votos e não têm o impulso. Não percebem quanto determinado o Império está em recuperar a sua prata. Acham que estão preparados para fazer sacrifícios? Eles farão de *tudo* para vos apanhar. É melhor que saibam que eles não planeiam perder-vos a todos; só precisam de matar alguns. Os restantes serão feitos prisioneiros e depois eles acabarão com a vossa greve.

» Dizei-me, se tivésseis acabado de ver os vossos amigos morrerem, se tivésseis uma arma apontada à cabeça, será que não voltaríeis ao trabalho? Eles já prenderam o Chakravarti, sabem? Vão torturá-lo até ele cooperar. Vá, dizei-me, quando chegar o momento da decisão, quantas pessoas nesta torre vão manter os seus princípios?

— Nem todos nós somos tão covardes como tu — disse Victoire. — Eles estão aqui, não estão? Estão connosco.

— Eu pergunto mais uma vez: quanto tempo achas que isso vai durar? Eles ainda não perderam ninguém. Como é que achas que se vão sentir quando o primeiro corpo da vossa revolução cair no chão? Quando houver uma arma apontada à cabeça *deles*?

Victoire apontou para a porta.

— Sai.

— Eu estou a tentar salvar-vos — insistiu Letty. — Sou a vossa última hipótese de salvação. Rendam-se agora, saiam pacificamente e cooperem com a restauração. Não ficarão na prisão por muito tempo. Eles precisam de todos, tal como vocês mesmos disseram. Estarão de volta a Babel num instante, a fazer o trabalho com que sempre sonharam. É a melhor oferta que terão. É tudo o que vim aqui dizer. Aceitem ou morrerão.

Então, morreremos, Robin quase o disse, mas conteve-se. Não podia condenar todos lá em cima à morte. Letty sabia disso.

Ela derrotara-os. Não havia forma de saírem da situação através de argumentos. Ela tinha-os totalmente encurralados; não havia nada que ela não tivesse previsto, não havia mais truques para retirarem da manga.

A Ponte de Westminster tinha caído. Que mais poderiam eles ameaçar?

Ele odiou o que lhe saiu dos lábios a seguir. Parecia uma rendição, uma cedência.

— Não podemos decidir por todos.

— Então, convoquem uma reunião. — Os lábios de Letty franziram-se. — Façam uma votação, cheguem a um consenso com qualquer que seja a forma de democracia que têm aqui. — Ela colocou a bandeira branca em cima de uma mesa. — Mas tenham uma resposta para nós até ao amanhecer.

Ela virou-se para sair.

Robin correu para frente.

— Letty, espera.

Ela parou, com a mão na porta.

— Porquê o Ramy? — perguntou ele.

Ela paralisou. Parecia uma estátua; sob a luz da Lua, as suas faces brilhavam num tom pálido de mármore branco. Era assim que ele a devia ter visto sempre, pensou ele. Fria. Exangue. Desprovida de qualquer coisa que a tornasse um ser humano vivo, que respirava, amava e sofria.

— Tu apontaste — disse ele. — Puxaste o gatilho. E és uma ótima atiradora, Letty. Porquê ele? Que é que o Ramy te fez?

Ele sabia o quê, ambos sabiam, não havia dúvida alguma. Mas Robin queria dar um nome àquilo, queria ter a certeza de que Letty sabia que ele sabia, queria pôr aquela memória entre eles, nítida e cruel, porque podia ver a dor que a lembrança trazia aos olhos de Letty e porque ela merecia.

Letty fitou-o por um longo momento. Não se mexeu, exceto pelo rápido subir e descer do seu peito. Quando falou, a sua voz era alta e fria.

— Eu não... — disse ela, e Robin soube pela maneira como ela semicerrou os olhos e arrastou as palavras, pontuando-as com exatidão, como punhais, o que viria a seguir. As suas próprias palavras, atiradas contra ele. — Eu não pensei em nada. Entrei em pânico. E, então, matei-o.

— O assassinio não é assim tão simples — disse ele.

— Acontece que é, Birdie. — Ela lançou-lhe um olhar de desdém. — Não foi assim que chegámos aqui?

— Nós amávamos-te — sussurrou Victoire. — Letty, nós teríamos morrido por ti.

Letty não respondeu. Deu meia-volta, escancarou a porta e fugiu para a noite.

A porta fechou-se e depois houve silêncio. Eles não estavam prontos para levar as notícias ao piso de cima. Não sabiam o que poderiam dizer.

— Achas que ela está a falar a sério? — perguntou Robin finalmente.

— Tenho a certeza — disse Victoire. — A Letty não vacila.

— Então, vamos deixá-la vencer?

— Como — perguntou Victoire lentamente — é que achas que a fazemos perder?

Um peso terrível pairava entre eles. Robin sabia qual era a sua resposta, mas não como a pronunciar. Victoire conhecia tudo no seu coração, exceto isto. Era a única coisa que ele escondera dela — em parte porque não a queria fazer partilhar esse fardo e em parte porque tinha medo de como ela poderia reagir.

Ela semicerrou os olhos.

— Robin.

— Destruímos a torre — disse ele. — E destruímos-nos a nós mesmos.

Ela não vacilou, apenas pareceu murchar como se tivesse estado à espera da confirmação. Ele não fingira tão bem como pensava; ela estava à espera daquilo da parte dele.

— Não podes.

— Há uma forma. — Robin interpretou mal as palavras dela de propósito, esperando que a objeção dela fosse logística. — Tu sabes que existe. Eles mostraram-nos logo no início.

Victoire ficou muito quieta, então. Robin sabia o que ela estava a imaginar. A barra estridente e vibrante nas mãos do Professor Playfair, a gritar como se fosse de dor, estilhaçando-se em mil pedaços afiados e brilhantes. Multiplicar aquilo vezes sem conta. Em vez de uma barra, imaginar uma torre. Imaginar um país.

— É uma reação em cadeia — sussurrou ele. — Acaba com tudo sozinha. Lembras-te? O Playfair mostrou-nos como se faz. Se tocar noutra barra, o efeito é transmitido pelo metal. Não para, continua apenas até inutilizar toda a prata.

Quanta prata revestia as paredes de Babel? Quando tudo acabasse, todas aquelas barras seriam inúteis. Então, a cooperação dos tradutores não importaria. As suas instalações teriam desaparecido. A biblioteca teria desaparecido. As Gramáticas estariam perdidas. As hastes de ressonância, a prata, seriam inúteis, teriam desaparecido.

— Há quanto tempo estás a planear isto? — perguntou Victoire.

— Desde o início — disse ele.

— Odeio-te.

— É a única maneira de vencermos que nos resta.

— É o teu plano de suicídio — disse ela com raiva. — E não me digas que é outra coisa. Tu queres isto; foi o que sempre quiseste.

Mas o ponto era exatamente esse, pensou Robin. Como é que ele explicava o peso que lhe esmagava o peito, a incapacidade constante de respirar?

— Eu acho... desde o Ramy e o Griffin, não, desde Cantão, eu...

— Ele engoliu em seco. — Senti que não tinha o direito.

— Não digas isso.

— É verdade. Eles eram homens melhores e morreram...

— Robin, não é assim que funciona...

— E o que é que eu fiz? Vivi uma vida que não deveria ter vivido, tive o que milhões de pessoas não tiveram. Todo aquele sofrimento, Victoire, e o tempo todo eu estava a beber champanhe...

— Não te atrevas. — Ela levantou a mão como se o fosse esbofetear. — Não me digas que és apenas um académico frágil que não consegue lidar com o peso do mundo agora que o viste. Isso é uma *farsa* completa, Robin. Tu não és um dândi presunçoso que desmaia à primeira menção de sofrimento. Sabes o que esses homens são? São uns idiotas covardes e românticos, que nunca fizeram nada para mudar o mundo que achavam tão perturbador. Escondiam-se porque se sentiam muito culpados...

— Culpado — repetiu ele. — Culpado é exatamente o que eu sou. O Ramy disse-me uma vez que eu não me importava em fazer o que era correto, que só queria seguir pelo caminho mais fácil.

— Ele tinha razão — disse ela ferozmente. — É a saída covarde, tu sabes disso...

— Não, escuta. — Ele agarrou as mãos dela. Estavam a tremer. Ela tentou soltar-se, mas ele apertou-lhe os dedos entre os dele. Precisava que ela estivesse com ele. Precisava de a fazer compreender, antes que ela o odiasse para sempre por a abandonar no escuro. — Ele tinha razão. Tu tens razão. Eu sei, estou a tentar dizê-lo... Ele tinha razão. Desculpa, mas eu não sei como continuar.

— Dia após dia, Birdie. — Os olhos dela encheram-se de lágrimas. — Tu continuas, dia após dia. Tal como temos feito. Não é difícil.

— Não, é sim... Victoire, eu não consigo. — Ele não queria chorar; se começasse a chorar, todas as suas palavras desapareceriam e ele nunca conseguiria dizer o que precisava de dizer. Obrigou-se a continuar antes que as lágrimas o conseguissem deter. — Eu quero acreditar no futuro pelo qual lutamos, mas ele não está lá, simplesmente *não está lá*, e eu não posso continuar dia após dia quando estou demasiado aterrorizado pela ideia do amanhã. Eu estou debaixo de água. E estou debaixo de água há muito tempo e queria uma saída, mas não conseguia encontrar uma que não

parecesse uma grande abdicação de responsabilidade. Mas esta... esta é a minha saída.

Ela abanou a cabeça. Estava a chorar livremente agora; os dois estavam.

— Não me digas isso.

— Alguém tem de dizer as palavras. Alguém tem de ficar.

— Então, não me vais pedir para ficar contigo?

— Oh, Victoire.

Que mais havia para dizer? Ele não lhe podia pedir isso e ela sabia que ele nunca se atreveria. No entanto, a pergunta pairava entre eles, sem resposta.

O olhar de Victoire estava fixo na janela, no relvado preto do lado de fora, nas barricadas iluminadas por tochas. Ela chorou, constante e silenciosamente; as lágrimas continuavam a escorrer-lhe pelo rosto e ela enxugava-as, inutilmente. Ele não sabia o que ela estava a pensar. Esta era a primeira vez, desde que tudo aquilo começara, que ele não conseguia ler o coração dela.

Por fim, ela respirou fundo e ergueu a cabeça. Sem se virar, perguntou:

— Alguma vez leste aquele poema que os abolicionistas adoram? Aquele de Bicknell e Day. Chama-se *O Negro Moribundo*.

Robin lera-o, num panfleto abolicionista que encontrara em Londres, na verdade. Achara-o impressionante; ainda se lembrava dele em pormenor. Descrevia a história de um homem africano que, enfrentando a perspectiva de captura e retorno à escravidão, se matara em vez disso.¹⁴⁷ Robin achara-o romântico e comovente na época, mas agora, vendo a expressão de Victoire, percebeu que não era nada disso.

— Sim — disse ele. — Era... trágico.

— Nós temos de morrer para obter a pena deles — disse Victoire.

— Temos de morrer para que eles nos achem nobres. As nossas mortes são, assim, grandes atos de rebelião, um lamento miserável que evidencia a desumanidade deles. As nossas mortes tornam-se o grito de guerra deles. Mas eu não quero morrer, Robin. — A garganta dela contraiu-se. — Eu não quero morrer. Não quero ser a

Imoinda deles, a sua Oroonoko.¹⁴⁸ Não quero ser a figura de laca trágica e encantadora deles. Eu quero viver.

Ela caiu contra o ombro dele. Ele colocou os braços em redor dela e segurou-a com força, baloiçando-se para a frente e para trás.

— Eu quero viver — repetiu ela —, e viver, prosperar e sobreviver a eles. Quero um futuro. Não acho que a morte seja um alívio. Acho que é... é apenas o fim. Exclui tudo, um futuro onde eu podia ser feliz e livre. E não se trata de ser corajosa. Tem que ver com querer outra oportunidade. Mesmo que tudo o que eu fizesse fosse fugir, mesmo que nunca levantasse um dedo para ajudar outra pessoa enquanto vivesse, pelo menos, seria feliz. Pelo menos, o mundo poderia ficar bem, só por um dia, só para mim. Isso é egoísta?

Os ombros dela descaíram. Robin segurou-a com força contra si. Que âncora ela era, pensou ele, uma âncora que ele não merecia. Ela era a sua rocha, a sua luz, a única presença que o mantivera vivo. E ele desejou, desejou, que isso fosse o suficiente para ele se agarrar.

— Sê egoísta — sussurrou ele. — Sê corajosa.

147 «Armado com o vosso triste último presente — o poder de morrer! / As vossas flechas, fortuna severa, agora posso desafiar.» (Thomas Day e John Bicknell, 1775)

148 Em *Oroonoko*, a obra romântica de 1688 de Aphra Behn (uma mulher inglesa branca), o príncipe africano Oroonoko mata a sua amada Imoinda para a salvar de ser violada pelas forças militares inglesas contra as quais se estão a revoltar. Oroonoko é posteriormente capturado, amarrado a um poste, esquartejado e desmembrado. *Oroonoko*, e a sua adaptação teatral por Thomas Southerne, foram recebidos na época como um grande romance.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

R

Chegou a hora da partida e seguimos o nosso caminho — eu para morrer e tu para viveres. Qual delas a melhor só Deus sabe.

PLATÃO, *Apologia*, trad. Benjamin Jowett

A—torre toda ? — perguntou a Professora Craft.

Ela foi a primeira a falar. O resto olhou para Robin e Victoire apresentando vários estados de descrença e até mesmo a Professora Craft parecia ainda estar a processar a ideia enquanto dizia em voz alta as suas implicações.

— São décadas, séculos, de investigação. Tudo enterrado, perdido, oh, mas quem sabe quantos... — Ela calou-se.

— E as consequências para a Inglaterra serão muito piores — disse Robin. — Este país funciona a prata. A prata está no seu sangue; a Inglaterra não consegue viver sem ela.

— Eles voltarão a construir tudo novamente...

— No final, sim — disse Robin. — Mas não antes de o resto do mundo ter tempo para se defender.

— E a China?

— Eles não avançarão para a guerra. Não poderão. A prata alimenta os navios de guerra. A prata alimenta a Marinha. Durante meses depois disto, talvez anos, eles já não serão a nação mais forte do mundo. E o que acontecerá a seguir ninguém sabe.

O futuro seria fluido. Era exatamente como Griffin tinha previsto. Uma escolha individual, feita no momento certo. Era assim que desafiavam o *statu quo*. Era assim que alteravam os caminhos da história.

E, no final, a resposta era tão óbvia — recusarem-se simplesmente a participar. Removerem o seu trabalho — e os frutos do seu trabalho — permanentemente da oferta.

— Essa não pode ser a solução — disse Juliana. A sua voz subiu no final; era uma pergunta, não uma declaração. — Tem de haver... deve haver alguma outra maneira...

— Eles vão atacar-nos ao amanhecer — disse Robin. — Vão atirar em alguns de nós para dar o exemplo e depois manter o resto sob a mira de uma arma até começarmos a reparar os danos. Irão acorrentar-nos e pôr-nos a trabalhar.

— Mas as barricadas...

— As barricadas vão cair — sussurrou Victoire. — São apenas paredes, Juliana. As paredes podem ser destruídas.

Silêncio primeiro; depois resignação, depois aceitação. Eles já viviam no impossível; o que mais era a queda da coisa mais eterna que já tinham conhecido?

— Então, acho que teremos de sair rapidamente — disse Ibrahim. — Logo depois do início da reação em cadeia.

Mas vocês não podem sair rapidamente, quase disse Robin antes de se conter. A réplica era óbvia. Eles não podiam sair rapidamente, porque não podiam sair de modo nenhum. Um único encantamento não serviria. Se não fossem meticolosos, a torre poderia desabar parcialmente, mas os seus restos seriam recuperáveis e facilmente reaproveitados. As únicas coisas que eles teriam infligido seriam despesas e frustração. Teriam sofrido para nada.

Não; para que este plano funcionasse — para desferirem um golpe contra o império do qual ele não se conseguiria recuperar —, eles tinham de ficar, repetir as palavras vezes sem conta e ativar tantos nodos de destruição quantos conseguissem.

Mas como é que ele dizia a uma sala cheia de pessoas que elas precisavam de morrer?

— Eu... — começou ele, mas as palavras ficaram-lhe presas na garganta.

Ele não precisou de explicar. Todos eles perceberam; estavam todos a chegar à mesma conclusão, um após o outro, e a mudança nos seus olhos era de partir o coração.

— Eu vou até ao fim — disse ele. — Não estou a pedir que venham todos comigo. O Abel pode tirar-vos daqui se não quiserdes

vir, mas o que quero dizer é que... eu... eu não consigo fazer isto sozinho.

Victoire desviou o olhar, de braços cruzados.

— Não precisamos de todos — continuou ele, desesperado para preencher o silêncio com palavras porque, talvez quanto mais falasse, menos terrível soaria. — Suponho que uma diversidade de idiomas seria bom, para amplificar o efeito e, claro, vamos precisar de pessoas em todos os cantos da torre, porque... — A garganta dele pulsava. — Mas não precisamos de todos.

— Eu fico — disse a Professora Craft.

— Eu... obrigado, professora.

Ela ofereceu-lhe um sorriso vacilante.

— Acho que não iria conseguir uma cátedra depois disto, de qualquer maneira.

Ele viu-os a todos fazerem então o mesmo cálculo: a finalidade da morte contra a perseguição, a prisão e a possível execução que enfrentariam do lado de fora. Sobreviver a Babel não significava necessariamente sobrevivência. E ele podia vê-los a perguntarem-se se poderiam aceitar as suas próprias mortes agora; se isso seria mais fácil, no final.

— Não tens medo — disse-lhe Meghana em tom de pergunta.

— Não — disse Robin. Mas isso foi tudo o que conseguiu dizer. Ele mesmo não compreendia o seu coração. Sentia-se decidido, mas talvez fosse apenas a adrenalina; talvez o seu medo e hesitação tivessem sido empurrados apenas temporariamente para trás de uma parede frágil, que se estilhaçaria após um exame mais minucioso. — Não, eu não, eu... apenas... Estou pronto. Mas não precisamos de todos.

— Talvez os alunos mais novos... — A Professora Craft pigarreou. — Aqueles que não sabem nada de como trabalhar a prata, quero dizer. Não há razão...

— Eu quero ficar. — Ibrahim lançou um olhar ansioso a Juliana. — Eu não... Não quero fugir.

Juliana, pálida como papel, não disse nada.

— Há uma saída? — perguntou Yusuf a Robin.

— Sim. Os homens de Abel podem transportar-vos para fora da cidade. Eles prometeram, estão à nossa espera. Mas terão de ir o mais rápido possível. E depois terão de fugir. Acho que nunca mais vão poder parar de fugir.

— Não há termos de amnistia? — perguntou Meghana.

— Há se trabalharem para eles — disse Robin. — Se os ajudarem a restaurar as coisas tal como eram. A Letty fez essa oferta, ela queria que vocês soubessem. Mas estarão sempre sob o controlo deles. Eles nunca vos libertarão. Ela insinuou isso; eles serão os vossos donos e tereis de vos sentir gratos por isso.

Perante aquilo, Juliana estendeu a mão e pegou na de Ibrahim. Ele apertou-lhe os dedos. Os nós dos dedos de ambos ficaram brancos e a visão daquilo era tão íntima que Robin pestanejou e desviou o olhar.

— Mas ainda podemos fugir — disse Yusuf.

— Ainda podem fugir — disse Robin. — Não estariam seguros em nenhum sítio deste país...

— Mas poderíamos ir para casa.

A voz de Victoire era tão suave que eles mal a conseguiram ouvir.

— Podemos ir para casa.

Yusuf assentiu, pensou por um momento e depois moveu-se para se posicionar ao lado dela.

E foi simplesmente assim, a determinação de quem fugia e de quem morria. Robin, a Professora Craft, Meghana, Ibrahim e Juliana de um lado. Yusuf e Victoire do outro. Ninguém rogou ou implorou e ninguém mudou de ideias.

— Então. — Ibrahim parecia muito pequeno. — Quando...

— Ao amanhecer — disse Robin. — Eles vêm ao amanhecer.

— Então, é melhor empilharmos as barras — disse a Professora Craft. — E é melhor colocarmo-las corretamente, se só tivermos uma hipótese.

— Qual é a decisão? — perguntou Abel Goodfellow. — Eles estão a aproximar-se.

— Mande os seus homens para casa — disse Robin.

— O quê?

— O mais rápido que puder. Deixem as barricadas e fujam. Não há muito tempo. Os Guardas... eles já não se importam com as baixas.

Abel registou a informação e depois assentiu.

— Quem vem connosco?

— Só dois. Yusuf. Victoire. Eles estão a despedir-se e estarão prontos em breve. — Robin tirou um embrulho de dentro do casaco.

— Também há isto.

Abel deve ter lido algo no rosto dele, ouvido algo na sua voz, porque os seus olhos estreitaram-se.

— E o resto de vocês estão a tramar o quê aí?

— Não lhe posso dizer.

Abel ergueu o embrulho.

— Isto é uma nota de suicídio?

— É um registo escrito — disse Robin. — De tudo o que aconteceu nesta torre. Daquilo que defendemos. Há uma segunda cópia, mas caso essa se perca, sei que encontrará uma maneira de divulgar isto. Imprima-o por toda a Inglaterra. Diga-lhes o que fizemos. Faça-os lembrarem-se de nós.

Abel parecia querer discutir, mas Robin abanou a cabeça.

— Por favor, eu já me decidi e não tenho muito tempo. Não lhe posso explicar e acho melhor não perguntar.

Abel observou-o por um instante e depois pareceu pensar melhor no que estava prestes a dizer.

— Vai acabar com isto?

— Vamos tentar. — Robin sentia o peito muito apertado. Estava absolutamente exausto; queria enrolar-se no chão e dormir. Queria que aquilo acabasse. — Mas não lhe posso dizer mais esta noite. Só preciso que vá.

Abel estendeu o braço.

— Então, suponho, isto é um adeus.

— Adeus. — Robin agarrou-lhe a mão e sacudiu-a. — Oh, os cobertores, esqueci-me...

— Não pense nisso. — Abel envolveu a mão de Robin com a sua outra. O seu cumprimento era quente, sólido. Robin sentiu um aperto na garganta; sentia-se grato por Abel estar a tornar aquilo

fácil, por não o ter forçado a justificar-se. Ele tinha de ir rapidamente, resoluto até ao fim.

— Boa sorte, Robin Swift. — Abel apertou-lhe a mão. — Que Deus esteja consigo.

Eles passaram as horas antes do amanhecer a construir pirâmides com centenas de barras de prata, colocando-as em pontos vulneráveis em redor da torre — em torno dos suportes fundamentais, debaixo das janelas, ao longo das paredes e estantes e em verdadeiras pirâmides em redor das Gramáticas. Não podiam prever a âmbito, a escala da destruição, mas iam preparar-se para ela o melhor que pudessem, tornando quase impossível resgatar qualquer material dos escombros.

Victoire e Yusuf partiram uma hora depois da meia-noite. As suas despedidas foram breves, constrangidas. Era uma separação impossível; havia demasiado e ao mesmo tempo nada para dizer e havia também a sensação de que se estavam todos a conter com medo de abrirem as comportas. Se dissessem muito pouco, arrepender-se-iam para sempre. Se falassem demais, nunca se conseguiriam separar.

— Boa viagem — sussurrou Robin, abraçando Victoire.

Ela sufocou uma risada.

— Sim. Obrigada.

Eles agarraram-se um ao outro por um longo momento, o tempo suficiente para, por fim, depois dos outros saírem para lhes dar privacidade, serem os únicos na receção. Finalmente, ela deu um passo atrás e olhou em volta, movendo os olhos de um lado para o outro, como se não tivesse a certeza se devia falar.

— Achas que isto não vai funcionar — disse Robin.

— Eu não disse isso.

— É o que estás a pensar.

— Só estou apavorada com a possibilidade de fazermos esta grande declaração. — Ela ergueu as mãos e deixou-as cair. — E eles verem isto apenas como um revés temporário, algo do qual se podem recuperar. Que talvez nunca entendam o que queremos dizer.

— Vale o que vale, mas acho que eles nunca iriam escutar.

— Não, acho que não. — Ela estava a chorar outra vez. — Oh, Robin, eu não sei o que...

— Vai — disse ele. — E escreve aos pais do Ramy, sim? Eu só... Eles têm de saber.

Ela acenou com a cabeça, deu-lhe um último abraço apertado e depois disparou porta fora, para o relvado onde Yusuf e os homens de Abel estavam à espera. Um último aceno — a expressão aflita de Victoire sob o luar — e depois eles partiram.

E, depois, não havia nada a fazer a não ser esperar pelo fim.

Como é que alguém faz as pazes com a própria morte? De acordo com os relatos de *Críton*, *Fédon* e da *Apologia*, Sócrates recebeu a sua morte sem angústia, com uma calma tão sobrenatural que recusou vários pedidos para que fugisse. Na verdade, ele estava tão alegremente despreocupado, tão convencido de que morrer era a ação mais correta, que esmagara os amigos com os seus argumentos, daquele seu modo insuportavelmente íntegro, mesmo quando eles começaram a chorar. Na sua primeira incursão pelos textos gregos, Robin ficara muito impressionado com a total indiferença de Sócrates em relação ao seu fim.

E, com certeza, era melhor e mais fácil morrer tão cheio de ânimo; sem dúvidas, sem medos, de coração em paz. Ele podia, em teoria, acreditar nisso. Pensava frequentemente na morte como um alívio. Não tinha parado de sonhar com isso desde o dia em que Letty atingira Ramy. Distraía-se com ideias do céu como o paraíso, de colinas verdes e céus luminosos onde ele e Ramy se poderiam sentar, conversar e ver um pôr do sol eterno. Mas essas fantasias não o confortavam tanto como a ideia de que a morte significava apenas o vazio, que tudo iria simplesmente acabar: a dor, a angústia, o sofrimento terrível e sufocante. Se não significasse mais nada, a morte significava, certamente, paz.

Ainda assim, ele sentiu-se apavorado ao enfrentar o momento.

Acabaram todos sentados no chão da receção, confortando-se com o silêncio do grupo, ouvindo a respiração uns dos outros. A Professora Craft, de modo hesitante, tentou confortá-los,

vasculhando a sua memória em busca de palavras antigas sobre o mais humano dos dilemas. Ela falou-lhes das *Troianas* de Sêneca, do Vulteio de Lucano, do martírio de Catão e Sócrates. Citou-lhes Cícero, Horácio e Plínio, o Velho. *A morte é o maior bem da natureza. A morte é um estado melhor. A morte liberta a alma imortal. A morte é transcendência. A morte é um ato de bravura, um glorioso ato de desafio.*

Sêneca, o Jovem, descrevendo Catão: *una manu latam libertati viam faciet.*¹⁴⁹

Virgílio, descrevendo Dido: *Sic, sic iuvat ire sub umbras.*¹⁵⁰

Nada daquilo foi absorvido, nada daquilo os comoveu, pois teorizar sobre a morte nunca o poderia fazer. As palavras e os pensamentos esbarravam sempre no limite imóvel do fim iminente e permanente. Ainda assim, a voz dela, firme e inabalável, era um conforto; eles deixaram-na banhar-lhes os ouvidos, embalando-os naquelas horas finais.

Juliana olhou pela janela.

— Eles estão a mover-se pelo relvado.

— Ainda não amanheceu — disse Robin.

— Eles estão a mover-se — disse ela simplesmente.

— Bem, então — disse a Professora Craft —, é melhor fazermos isto.

Eles levantaram-se.

Não enfrentariam os seus fins juntos. Cada homem e mulher iria para a sua estação — para as pirâmides de prata distribuídas em diferentes andares e diferentes alas ao longo do edifício, posicionadas de forma que reduzissem as hipóteses de alguma parte da torre permanecer intacta. Quando as paredes caíssem sobre eles, estariam sozinhos, e era por isso que, à medida que o momento se aproximava, parecia tão impossível separarem-se.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Ibrahim.

— Eu não quero morrer — sussurrou ele. — Deve haver alguma outra... eu não quero morrer.

Todos sentiam o mesmo, uma esperança desesperada de alguma hipótese de fuga. Naqueles últimos momentos, os segundos não

eram suficientes. Em teoria, esta decisão que eles tinham tomado era algo belo. Em teoria, seriam mártires, heróis, aqueles que tinham desviado a história do seu caminho. Mas nada disso era um conforto. Naquele momento, tudo o que importava era que a morte era dolorosa, assustadora e permanente e nenhum deles queria morrer.

Mas, mesmo enquanto tremiam, nenhum deles quebrou. Era apenas um desejo, afinal. E o Exército estava a caminho.

— Não demorem — disse a Professora Craft, e eles subiram as escadas para os seus respetivos andares.

Robin permaneceu no centro da receção, debaixo do candelabro partido, rodeado por oito pirâmides de barras de prata tão altas como ele.

Respirou fundo, observando o ponteiro dos segundos mover-se no relógio acima da porta.

As torres dos sinos de Oxford há muito que tinham ficado mudas. À medida que o minuto se aproximava, a única indicação do tempo era o tiquetaque sincronizado dos relógios de pé, posicionados exatamente no mesmo lugar em todos os andares. Eles tinham escolhido as seis horas em ponto; uma hora arbitrária, mas precisavam de um momento final, um facto inamovível no qual fixarem a sua vontade.

Um minuto para as seis.

Ele soltou um suspiro trémulo. Os seus pensamentos esvoaçavam, procurando desesperadamente qualquer coisa em que pensar que não fosse isto. Ele fixou-se não em memórias coerentes, mas em pormenores hiperespecíficos — o peso salgado do ar no mar, o comprimento das pestanas de Victoire, a quebra na voz de Ramy pouco antes de ele desatar à gargalhada. Ele agarrou-se a eles, permaneceu ali o máximo que pôde, recusando-se a deixar a sua mente ir para qualquer outro lado.

Vinte segundos.

A aspereza quente de um *scone* no Vaults. Os abraços doces e cheios de farinha da Sra. Piper. Biscoitos amanteigados de limão a derreterem-se como néctar na sua língua.

Dez.

O gosto amargo da cerveja e a aspereza mordaz do riso de Griffin. O fedor azedo do ópio. Jantar na Biblioteca Velha; caril perfumado e o fundo queimado de batatas demasiado salgadas. Risos, altos, desesperados e histéricos.

Cinco.

Ramy, a sorrir. Ramy, a estender a mão.

Robin colocou a mão na pirâmide mais próxima, fechou os olhos e sussurrou:

— *Fānyì*. Traduzir.

Um toque agudo ecoou pela sala, o guincho de uma sirene, reverberando nos seus ossos. Um estertor de morte, ressoando de cima a baixo na torre, pois todos tinham cumprido o seu dever; ninguém tinha recuado.

Robin suspirou, tremendo. Não havia espaço para hesitações. Não havia tempo para o medo. Ele moveu a mão para as barras na pilha seguinte e sussurrou novamente.

— *Fānyì*. Traduzir. — Novamente. — *Fānyì*. Traduzir. — E de novo. — *Fānyì*. Traduzir.

Sentiu um movimento debaixo dos seus pés. Viu as paredes tremerem. Livros caíram das prateleiras. Acima dele, algo gemeu.

Ele pensou que teria medo.

Pensou que ficaria obcecado com a dor; no modo como se sentiria quando oito mil toneladas de escombros caíssem em cima dele de uma só vez; sobre se a morte poderia ser instantânea ou se poderia ocorrer em incrementos terrivelmente pequenos quando as suas mãos e membros fossem esmagados, quando os seus pulmões lutassem para se expandir num espaço cada vez mais pequeno.

Mas o que mais o impressionou naquele momento foi a beleza. As barras cantavam, tremiam; tentando, pensou ele, exprimir alguma verdade indizível sobre elas mesmas, que era que a tradução era impossível, que o reino do significado puro que elas captavam e manifestavam não seria e nunca poderia ser conhecido, que o empreendimento desta torre tinha sido impossível desde o início.

Pois como é que poderia haver uma linguagem adâmica? O pensamento fazia-o rir, agora. Não havia nenhuma linguagem inata e perfeitamente compreensível; não havia nenhum candidato, nem o

inglês, nem o francês, que pudesse intimidar e absorver o suficiente para se tornar essa língua. A linguagem era apenas diferença, mil maneiras diferentes de ver, de uma pessoa se mover pelo mundo — não, mil mundos dentro de um, e a tradução era um esforço necessário, porém fútil, para se transitar entre eles.

Ele regressou à sua primeira manhã em Oxford, subindo uma colina ensolarada com Ramy, de cesto de piquenique na mão. Licor de sabugueiro. Brioques quentes, queijo picante, uma torta de chocolate para a sobremesa. O ar naquele dia cheirava a promessas, Oxford inteira brilhava como uma iluminação, e ele estava a apaixonar-se.

— É tão estranho — disse Robin. Naquela época, eles já tinham passado o ponto da honestidade; falavam um com o outro sem filtros, sem medo das consequências. — É como se eu te conhecesse desde sempre.

— Eu também — disse Ramy.

— E isso não faz sentido — disse Robin, já bêbado, embora não houvesse álcool no licor. — Porque te conheço há menos de um dia e, ainda assim...

— Eu acho — disse Ramy — que é porque quando eu falo, tu escutas.

— Porque tu és fascinante.

— Porque tu és um bom tradutor. — Ramy recostou-se apoiado nos cotovelos. — É isso que a tradução é, acho eu. É isso que falar é. Ouvirmos o outro e tentarmos ver além dos nossos próprios preconceitos para vislumbrarmos o que eles estão a tentar dizer. Mostrarmo-nos ao mundo e esperarmos que alguém entenda.

O teto estava a começar a desmoronar-se; primeiro um fluxo de seixos, depois pedaços inteiros de mármore, tábuas expostas, vigas quebradas. As prateleiras desabaram. A luz do Sol atravessou a sala onde antes não havia janelas. Robin olhou para cima e viu Babel a cair sobre ele e, acima disso, o céu antes do amanhecer.

Fechou os olhos.

Mas ele já esperara que a morte viesse antes. Lembrava-se disso agora — ele conhecia a morte. Não tão abrupta, não, não tão violenta. Mas a memória de esperar para desaparecer ainda estava presa nos seus ossos; memórias de um quarto bafiento e quente, de paralisia, de sonhar com o fim. Ele lembrava-se da quietude. Da paz. Enquanto as janelas se quebravam, Robin fechou os olhos e imaginou o rosto da sua mãe.

Ela sorri. Diz o nome dele.

149 «Com uma mão ele abrirá um caminho para a liberdade.»

150 «Assim, assim ajuda ir para debaixo das sombras.»

EPÍLOGO

Victoire

Victoire Desgraves foi sempre boa a sobreviver.

A chave, aprendeu ela, é recusar-se a olhar para trás. Mesmo enquanto foge para norte a cavalo através dos Cotswolds, de cabeça baixa evitando os galhos que a chicoteiam, uma parte dela quer estar na torre, com os seus amigos, sentindo as paredes desabarem em seu redor. Se eles têm de morrer, ela quer que sejam enterrados juntos.

Mas a sobrevivência exige cortar o cordão. A sobrevivência exige que ela olhe apenas para o futuro. Quem sabe o que vai acontecer agora? O que aconteceu em Oxford hoje é impensável e as suas ramificações inimagináveis. Não há precedente histórico para isto. A conjuntura foi desfeita. A história, pela primeira vez, é fluida.

Mas Victoire está familiarizada com o impensável. A libertação da sua pátria era impensável, mesmo quando aconteceu, pois ninguém em França ou Inglaterra, nem sequer os proponentes mais radicais da liberdade universal, acreditavam que os escravos — criaturas que nunca pensaram que pertencessem às categorias de homens esclarecidos, racionais e detentores de direitos — iriam exigir a sua própria libertação. Dois meses após a notícia da revolta de agosto de 1791, Jean Pierre Brissot, ele próprio um membro fundador dos Amis des Noirs, anunciou à Assembleia Francesa que a notícia devia ser falsa, pois, como todos sabiam, os escravos eram simplesmente incapazes de uma ação tão rápida, coordenada e desafiadora. Um ano após a revolução, muitos ainda acreditavam que a agitação seria reprimida em breve e que as coisas voltariam ao normal, pois o *normal* significava o domínio branco sobre os negros.

Estavam, é claro, errados.

Mas quem é que no decorrer da história compreende o seu papel na tapeçaria? Durante a maior parte da sua vida, Victoire nem

sequer sabia que vinha da primeira república negra do mundo.

Antes da Hermes, eis tudo o que ela sabia:

Nasceu no Haiti, Ayiti, em 1820, o mesmo ano em que o rei Henri Christophe, temendo um golpe, se suicidou. A sua esposa e filhas fugiram para a casa de um benfeitor inglês em Suffolk. A mãe de Victoire, criada da rainha exilada, foi com eles. Ela referia-se sempre a isso como a sua grande fuga e, assim que pôs os pés em Paris, recusou-se a pensar novamente no Haiti como sendo o seu país.

A compreensão de Victoire sobre a história haitiana é de maldições noturnas; de um palácio magnífico chamado Sans Souci, lar do primeiro rei negro do Novo Mundo; de homens com armas; de vagos desacordos políticos que ela não entende e que, de alguma forma, desenraizaram a sua vida, mandando-a para o outro lado do Atlântico. Em criança, ela conhecia a sua pátria como um lugar de violência e lutas bárbaras pelo poder, pois era assim que se falava dela em França e fora nisso que a sua mãe exilada escolhera acreditar.

— Temos sorte — sussurrava a mãe — por termos sobrevivido.

Mas a sua mãe não sobreviveu à França. Victoire nunca soube como é que a sua mãe, uma mulher nascida livre, fora enviada de Suffolk para trabalhar na casa de um académico parisiense aposentado, o Professor Emile Desjardins. Ela não sabe que promessas os amigos da sua mãe lhe fizeram, se houve dinheiro a mudar de mãos ou não. Ela sabe apenas que em Paris, na propriedade dos Desjardins, elas não tinham autorização para partir — pois aqui ainda existiam formas de escravidão, tal como em todo o mundo; uma condição crepuscular, de regras não escritas, mas implícitas. E quando a mãe adoeceu, os Desjardins não mandaram chamar um médico. Fecharam simplesmente a porta do quarto da doente e esperaram do lado de fora até que uma criada entrasse, procurasse a existência de respiração e pulsação, e anunciasse que ela tinha expirado.

Depois, trancaram Victoire num armário e não a deixaram sair, com medo de que a doença se transmitisse. Contudo, o contágio espalhou-se pelo resto da casa, de qualquer maneira, e, mais uma

vez, os médicos foram impotentes para fazerem qualquer coisa a não ser verem a doença seguir o seu curso.

Victoire sobreviveu. A esposa do Professor Desjardins sobreviveu. As suas filhas sobreviveram. O professor morreu e, com ele, a única conexão de Victoire com as pessoas que fingiam amar a sua mãe e, ainda assim, tinham-na de alguma forma vendido.

A casa caiu em mau estado. Madame Desjardins, uma mulher loira de rosto contraído, geria mal as contas e gastava prodigiosamente. O dinheiro era pouco. Elas despediram a empregada — porquê manter uma, argumentavam, quando tinham Victoire? Da noite para o dia, Victoire tornou-se responsável por dezenas de tarefas: manter os lumes acesos, polir as pratas, limpar o pó dos quartos, servir o chá. Mas estas não eram tarefas para as quais ela tinha sido treinada. Ela tinha sido criada para ler, compor e interpretar, não para gerir uma casa e, por isso, elas repreendiam-na e batiam-lhe.

Ela não encontrou consolo nas duas filhas de Madame Desjardins, as quais tinham grande prazer em anunciar aos hóspedes que Victoire era uma órfã que elas tinham resgatado de África.

— De Zanzibar — cantarolavam em uníssono. — *Zaaanzibar!*

Mas não era assim tão mau.

Não era assim tão mau, diziam-lhe, quando comparado com o seu Haiti natal, o qual estava pejado de crime e a ser conduzido para a pobreza e a anarquia por um regime incompetente e ilegítimo. Tens sorte, diziam-lhe, por estares aqui connosco, onde as coisas são seguras e civilizadas.

Nisso ela acreditava. Não tinha forma de saber mais nada.

Ela podia ter fugido, mas o professor e Madame Desjardins tinham-na mantido tão protegida, tão isolada do mundo exterior que ela não fazia ideia de que tinha o direito legal de ser livre. Victoire crescera na grande contradição da França, cujos cidadãos tinham emitido uma declaração dos direitos do homem em 1789, mas não tinham abolido a escravidão, tendo preservado o direito à propriedade, incluindo os bens móveis.

A libertação foi uma série de coincidências, de engenhosidade, desenvoltura e sorte. Victoire examinou as cartas do Professor Desjardins à procura de uma escritura, alguma prova de que ele era

o dono dela e da sua mãe. Nunca a encontrou. Mas descobriu um sítio chamado Real Instituto de Tradução, um sítio onde ele estudara na sua juventude e para o qual escrevera sobre ela, falando-lhes da menina brilhante em sua casa, da sua prodigiosa memória e talento para o grego e o latim. Ele pretendia exhibi-la pela Europa em turné. Talvez eles estivessem interessados numa entrevista.

E, assim, ela criou as condições da sua própria liberdade. Quando os amigos do Professor Desjardins em Oxford responderam por fim, dizendo que teriam todo o prazer em ter a talentosa Miss Desgraves no Instituto e que pagariam a sua ida, aquilo pareceu-lhe uma escapatória.

Mas a verdadeira libertação de Victoire Desgraves só aconteceu quando conheceu Anthony Ribben. Foi só depois da sua introdução à Sociedade Hermes que ela aprendeu a considerar-se haitiana. Aprendeu a orgulhar-se do seu kreyòl, irregular, meio esquecido, quase indistinguível do seu francês. (Madame Desjardins costumava esbofeteá-la sempre que ela falava em kreyòl. «Cala-te», dizia, «eu disse-te para falares francês, o francês dos franceses.») Aprendeu também que, para grande parte do resto do mundo, a Revolução Haitiana não era uma experiência fracassada e sim um farol de esperança.

Aprendeu que a revolução é, de facto, sempre inimaginável. Destrói o mundo tal como se conhece. O futuro está por escrever, cheio de potencial, e os colonizadores não fazem ideia do que está para vir e isso deixa-os em pânico. Aterroriza-os.

Ótimo. Deve aterrorizar.

Ela não tem a certeza de para onde vai agora. Tem alguns envelopes no bolso do casaco: palavras de despedida e de aconselhamento de Anthony e os nomes de código de vários contactos. Amigos na Ilha Maurícia, nas Seychelles e em Paris. Talvez um dia volte para França, mas ainda não está pronta. Ela sabe que há uma base na Irlanda, embora por agora tudo o desejo é estar longe do continente. Talvez um dia volte para casa e veja, com os seus próprios olhos, a impossibilidade histórica de um Haiti livre. Neste momento, está a embarcar num navio para a América, onde

peessoas como ela ainda não são livres, porque foi o primeiro navio no qual conseguiu reservar uma passagem e porque tinha de sair de Inglaterra o mais rápido possível.

Tem a carta de Griffin que Robin nunca abriu. Entretanto, ela leu-a tantas vezes que a memorizou. Conhece três nomes — Martlet, Oriel e Rook. Consegue ver na sua mente a frase final, rabiscada antes da assinatura como uma reflexão tardia: *Não somos os únicos*.

Ela não sabe quem aqueles três são. Não sabe o que essa frase significa. Descobrirá, um dia, e a verdade irá deslumbrá-la e horrorizá-la. Mas, por enquanto, são apenas sílabas encantadoras que significam todo o tipo de possibilidades, e as possibilidades — a *esperança* — são as únicas coisas às quais ela se pode agarrar agora.

Ela tem os bolsos forrados de prata, prata nas costuras do seu vestido, tanta prata no seu corpo que se sente rígida e pesada quando se move. Os seus olhos estão inchados das lágrimas e a sua garganta dorida pelos soluços abafados. Tem os rostos dos seus amigos mortos gravados na sua memória. Imagina constantemente os seus últimos momentos: o seu terror e a sua dor quando as paredes se desmoronaram em seu redor.

Ela não se permite, não *vai* pensar nos seus amigos como eles eram, vivos e felizes. Não em Ramy, destruído no seu auge; não em Robin, que derrubou uma torre sobre si mesmo porque não conseguia pensar numa forma de continuar a viver. Nem sequer em Letty, que continua viva; que, se souber que Victoire também vive, irá caçá-la até aos confins da terra.

Ela sabe que Letty não pode permitir que ela vagueie livremente. Mesmo a própria ideia de Victoire é uma ameaça. Ameaça o âmago do seu próprio ser. É a prova de que ela está, e sempre esteve, errada.

Ela não se permite lamentar essa amizade, por mais verdadeira, terrível e abusiva que fosse. O momento para o luto acabará por chegar. Haverá muitas noites na viagem em que a tristeza será tão grande que ameaçará despedaçá-la; quando ela se arrependerá da sua decisão de viver; quando amaldiçoará Robin por lhe pôr este

fardo em cima, porque ele tinha razão: ele não estava a ser corajoso, não estava a escolher o sacrifício. A morte é sedutora. Victoire resiste.

Ela não pode chorar agora. Tem de continuar a mover-se. Tem de correr, o mais rápido que puder, sem saber o que há do outro lado.

Ela não tem ilusões sobre o que vai encontrar. Sabe que enfrentará uma crueldade imensurável. Sabe que o seu maior obstáculo será a indiferença fria, nascida de um investimento profundo num sistema económico que privilegia alguns e esmaga outros.

Mas poderá encontrar aliados. Poderá encontrar um caminho para prosseguir em frente.

Anthony considerava a vitória de uma inevitabilidade. Anthony acreditava que as contradições materiais da Inglaterra iriam destruí-la, que o seu movimento teria sucesso porque as folhas do Império eram simplesmente insustentáveis. Isso, argumentava ele, era o motivo pelo qual eles tinham uma hipótese.

Victoire sabe que não é assim.

A vitória não está garantida. A vitória pode estar nos presságios, mas deve ser induzida pela violência, pelo sofrimento, pelos mártires, pelo sangue. A vitória é forjada pela engenhosidade, pela persistência e pelo sacrifício. A vitória é um jogo de centímetros, de contingências históricas em que tudo corre bem porque eles conseguiram que corresse bem.

Ela não pode saber que forma essa luta vai tomar. Há tantas batalhas a serem travadas, tantas lutas em tantas frentes — na Índia, na China, nas Américas —, todas ligadas pelo mesmo impulso de explorar o que não é branco e inglês. Ela sabe apenas que estará nas batalhas a cada reviravolta imprevisível, e que lutará até ao seu último suspiro.

— *Mande mwen yon ti kou ankò ma di ou* — disse ela a Anthony uma vez, quando ele lhe perguntou pela primeira vez o que ela achava da Hermes, se achava que eles poderiam ter sucesso.

Ele esforçou-se para analisar o kreyòl com o que sabia do francês, mas depois desistiu.

— Que significa isso?

— Que não sei — disse Victoire. — Pelo menos, é o dizemos quando não sabemos a resposta ou não queremos partilhar a resposta.

— E que significa isso, literalmente?

Ela piscou-lhe o olho.

— Pergunta-me mais tarde e eu digo-te.

AGRADECIMENTOS

R

*B*abel é sobre mundos infinitos de línguas, culturas e histórias — muitas das quais eu não conheço — e a sua escrita não teria sido possível sem os amigos que partilharam os seus conhecimentos comigo. Muitos, muitos agradecimentos são devidos:

Em primeiro lugar, a Peng Shepherd, Ehigbor Shultz, Farah Naz Rishi, Sarah Mughal e Nathalie Gedeon por me ajudarem a garantir que Robin, Ramy e Victoire fossem escritos em pormenor e com compaixão. A Caroline Mann e Allison Resnick pela sua experiência nos Clássicos; a Sarah Forssman, Saoudia Ganiou e De'Andre Ferreira pela ajuda com as traduções; e aos meus queridos professores em Yale — particularmente Jing Tsu, Lisa Lowe e Denise Ho — por moldarem o meu pensamento sobre o colonialismo, o pós-colonialismo e a influência da linguagem no poder.

Sou apoiada pelas maravilhosas equipas da Harper Voyager em ambos os lados do oceano. Obrigada aos meus editores, David Pomerico e Natasha Bardon; bem como a Fleur Clarke, Susanna Peden, Robyn Watts, Vicky Leech, Jack Renninson, Mireya Chiriboga, Holly Rice-Baturin e DJ DeSmyter.

Obrigada aos artistas que fizeram *Babel* ter este aspeto: Nico Delort, Kimberly Jade McDonald e Holly Macdonald.

Agradeço também a Hannah Bowman, sem a qual nada disto seria possível, e a toda a equipa da Liza Dawson Associates — especialmente Havis Dawson, Joanne Fallert, Lauren Banka e Liza Dawson.

Obrigada a Julius Bright-Ross, Taylor Vandick, Katie O'Neill e ao café Vaults & Garden, que tornaram suportáveis aqueles meses estranhos e tristes em Oxford. E obrigada aos amigos de New

Haven — Tochi Onyebuchi, Akanksha Shah e James Jensen — pelas pizzas e pelas gargalhadas. Saudações ao Grande Ovo.

Obrigada a Tiff e a Chris por ajudarem a gerir o Coco's Cocoa, um maravilhoso café interdimensional e mágico detido por cães, no qual a maior parte deste manuscrito foi escrita.

Agradeço a Bennett, que foi a melhor companhia que eu poderia ter tido durante aquele longo, solitário e terrível ano em que *Babel* foi construído e cujos conselhos moldaram tantos pormenores desta história. Ele gostaria que todos soubessem que foi ele quem deu o nome ao livro, bem como à Sociedade Hermes, pois enquanto eu tenho uma queda para o literário, ele tem uma queda para o incrível.

Por fim, obrigada à mãe e ao pai, a quem devo tudo.

Londres estava a dormir quando a ponte caiu. Londres estava sossegada e desatenta; era como Wordsworth escrevera, «toda luminosa e cintilante no ar límpido»; vestia como se fosse roupa «a beleza da manhã; silenciosa, nua».

Mais tarde, os residentes de Oxford alegariam que, também eles, tinham sabido o momento exato em que a Ponte de Westminster caíra — isso apesar de as cidades estarem separadas por mais de 160 quilómetros e não haver nenhum edifício alto o suficiente de onde se visse Londres a essa distância. Fosse como fosse, dezenas de testemunhas afirmaram — talvez devido a uma alucinação em grupo ou a um efeito invisível das hastes de ressonância — que a ouviram estalar antes de desmoronar.

«Foi uma sensação terrível que nos corrói as entranhas», disse o Professor Harrison Lewis, de Filosofia Natural no Merton College. «Um pavor intenso. Sabemos que algo está para acontecer e só mais tarde sabemos o quê.»

Relatos de testemunhas oculares em Londres descreveram-no como um grande estrondo.

«Era como se as pedras estivessem a gritar», disse a Sra. Sarah Harris, lavadeira. «Pareciam estar a dizer-nos para fugirmos e sabe Deus que eu escutei.»

E esta era uma cidade habituada a pontes a cair aos pedaços. A Ponte de Londres ficara inutilizável pelo menos três vezes na sua história — uma vez pelo gelo e várias vezes pelo fogo. Mas, apesar das canções, a Ponte de Londres só desabara parcialmente. Nunca caíra diretamente na água.

A Ponte de Westminster caiu.

«Foi tão imediato», disse o Sr. Monks Creedy, limpa-chaminés. «Num instante estava no ar. E depois não estava.»

Não caiu sem aviso. Testemunhas oculares relataram que as pedras rugiram durante vinte minutos antes e isso deu à maioria dos peões tempo para fugirem para qualquer um dos lados. Dois navios a vapor estavam a passar por baixo quando o ruído começou e ambos tentaram afastar-se da ponte — um dando à ré e o outro acelerando para a frente. O resultado foi um engarrafamento que encurralou ambos os navios e muitos outros barcos mesmo por baixo da ponte.

«Era como Jericó quando as paredes caíram», disse o Sr. Martin Green, advogado. «Foi tão perfeito. Como se tudo tivesse acontecido ao toque de alguma trombeta invisível.»

As perdas humanas ainda estão em debate, pois há o número incerto de peões na ponte no momento do colapso (pelo menos sessenta e três, incluindo um deputado que até era contra a guerra), as vítimas nos navios abaixo e os que morreram nos acidentes fluviais que se seguiram.

«Vi uma senhora a gritar nas margens», disse a Sra. Sue Sweet, governanta. «Estava a gritar para uma casa flutuante a ir buscar. Só que o barco estava demasiado longe e, quando ela pensou em correr, as pedras já estavam em cima dela.»

Quando lhe perguntaram se achava que a queda da Ponte de Westminster poderia promover a causa dos tradutores, a Sra. Sweet disse: «Não. Eu não acho que eles tenham feito isto. Nenhum homem poderia fazer isto. Algo assim só poderia ser um ato de Deus.»

Contents

1. [LIVRO I](#)

1. [Capítulo Um](#)
2. [Capítulo Dois](#)
3. [Capítulo Três](#)
4. [Capítulo Quatro](#)

2. [LIVRO II](#)

1. [Capítulo Cinco](#)
2. [Capítulo Seis](#)
3. [Capítulo Sete](#)
4. [Capítulo Oito](#)
5. [Capítulo Nove](#)
6. [Capítulo Dez](#)
7. [Capítulo Onze](#)
8. [Capítulo Doze](#)

3. [LIVRO III](#)

1. [Capítulo Treze](#)
2. [Capítulo Catorze](#)
3. [Capítulo Quinze](#)
4. [INTERLÚDIO](#)
5. [Capítulo Dezasseis](#)
6. [Capítulo Dezassete](#)
7. [Capítulo Dezoito](#)

4. [LIVRO IV](#)

1. [Capítulo Dezanove](#)
2. [Capítulo Vinte](#)
3. [Capítulo Vinte e Um](#)
4. [Capítulo Vinte e Dois](#)
5. [Capítulo Vinte e Três](#)
6. [Capítulo Vinte e Quatro](#)
7. [Capítulo Vinte e Cinco](#)

5. [LIVRO V](#)

1. [INTERLÚDIO](#)

2. [Capítulo Vinte e Seis](#)
3. [Capítulo Vinte e Sete](#)
4. [Capítulo Vinte e Oito](#)
5. [Capítulo Vinte e Nove](#)
6. [Capítulo Trinta](#)
7. [Capítulo Trinta e Um](#)
8. [Capítulo Trinta e Dois](#)
9. [Capítulo Trinta e Três](#)
6. [EPÍLOGO](#)
7. [AGRADECIMENTOS](#)

Landmarks

1. [Cover](#)